

marilusa moreira vasconcellos

Confidências de um Inconfidente



Tomás Antônio Gonzaga

*Edição ampliada
com novas revelações*

ROMANCE
MEDIÚNICO

Ditado pelo Espírito

Tomás Antônio Gonzaga



Tiradentes e o Espírito Felipe dos Santos, na prisão

Marilusa Moreira Vasconcellos

Confidências

de um

Inconfidente

Tomás Antônio Gonzaga

Ditado pelo Espírito
Tomas Antônio Gonzaga



Confidências de um Inconfidente

ROMANCE MEDIÚNICO Ditado por

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA 22ª edição

http://: www.radhu.com.br e.mail: radhu@terra.com.br EDITORA ESPÍRITA RADHU LTDA.
R. Maria Oliano Gerassi 288 -
Moinho Velho - São Paulo - CEP-04284-065
Tel. (11)2274-3818

Vasconcellos, Marilusa Moreira.

V451 c Confidências de um inconfidente: romance

11^a Ed. mediúnico / Marilusa Moreira Vasconcellos: ditado por Tomás Antônio
Gonzaga. São Paulo:

RADHU, 1987

1. Brasil. História. Inconfidência Mineira. 1789 . Ficção

2. Psicografia I. Gonzaga, Tomás Antônio. 1744-1810 II. Título

80-1510 CDD869.93081

-13391

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos psicografados : Espiritismo 133.91

2. Romances históricos: Literatura brasileira 869.93081

3. Romances mediúnicos : Espiritismo 133.91

© Marilusa Moreira Vasconcellos

Agradecemos aos nossos pais, aos nossos irmãos, aos nossos filhos e esposo, bem como aos amigos encarnados e aos Benfeitores desencarnados, que nos estimularam e auxiliaram e, sem os quais, não haveria a materialização da presente obra.

marilusa

Em 16-1-81 a médium esteve presente na reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, e fez o seu pedido conforme segue.

Posteriormente, recebeu a mensagem abaixo por Chico Xavier, do querido Espírito Bezerra de Menezes.

"Marilusa Moreira Vasconcellos, 38 anos, presente, pede uma orientação para o trabalho sobre a Inconfidência Mineira."

Resposta:

Filha:

Jesus nos abençoe.

Os mensageiros da Vida Maior,

que servem à Causa do Bem,

através de suas faculdades, estão a postos,

fortalecendo-a na sustentação e na

continuidade das suas tarefas.

Trabalhem na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra

Apresentação da editora

Marilusa Moreira Vasconcellos nasceu aos 19 de setembro de 1942, filha de Elpídio Antonio Moreira e Gertrudes Nogueira Moreira, espíritas muito atuantes na região da Noroeste do Estado de S. Paulo. Foi irmã gêmea de Marileusa Moreira, desencarnada em tenra idade. Desde cedo foi encaminhada às aulas de Moral Cristã (Catecismo, como se usava nomear na época), aprendendo com Cairbar Schutel e seu pai as primeiras noções de Espiritismo. De sólida formação moral, foi bem sucedida no movimento juvenil, tendo sido presidente da Mocidade Espírita Joana D'Arc de Penápolis, onde nasceu, além de exercer outros cargos em outras gestões.

Foi Caravaneira da Auta de Souza, participando de todas as Concentrações Espíritas do Brasil Central, da Noroeste, e das Caravanas da Fraternidade de 1955 a 1960, como representante da M. E. Joana D'Arc. Teve dois programas na ZYR 33, Rádio Difusora de Penápolis, e foi colaboradora dos dois jornais: "O penapolense" e "A comarca". Participou de várias Semanas Espíritas em Marília e Guarulhos.

Por ocasião da I Concentração das Campanhas da Fraternidade Auta de Souza, realizada em Ribeirão Preto, em março de 1957, o Maurício, marido da conhecida oradora espírita Valéria Steagal, disse que Meimei estava presente e dizia que a médium viria um dia a trabalhar junto às crianças. Este fato foi confirmado por outros médiuns, entre eles D. Iris, no Lar do Amor Cristão, em 1970, onde Marilusa trabalhou 40 anos, bem como na Casa do Caminho, onde trabalhou 20 anos.

Está presentemente com 54 títulos publicados, sendo inúmeros de autoria do espírito de Monteiro Lobato. Esses livros, ilustrados mediunicamente, têm o apoio do espírito de Meimei, dado pelo lápis de Chico Xavier, em 03.08.77 quando, em sua residência, por duas horas orientou a médium a respeito dos mesmos.

Em S. Paulo, participou das reuniões da UMESP.

Em seu campo intelectual seu esforço não foi menor. Coursou até o segundo grau no Instituto de Educação Dr. Carlos Sampaio Filho, sendo oradora do Grêmio Paulo Setubal, daquela escola. Foi bolsista do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, onde fez por dois anos o Curso de Formação de Professores de Desenho, tendo como professores Mario Gruber, Marcello Grassman, Renina Katz, Flavio Motta entre outros.

Em 1963 casou-se com o Sr. João Batista Vasconcellos, tendo 4 filhos:

Marilei, Maria, João Marcos e Mayra e cinco netos.

Em 1981 lança seu primeiro livro mediúnico, ao qual se seguem mais 54. É conferencista, empresária, articulista, poetisa, ilustradora, artista plástica, musicista, professora.

De prêmios e exposições, recebeu menção honrosa na XXI Maratona Intelectual Euclidiana, VI Salão de Arte Contemporânea de Santo André, duas exposições individuais na Biblioteca Municipal Ministro Genésio de Almeida Moura, (79 e 80), IV Salão de Belas Artes de Matão - medalha de bronze e V Salão de Belas Artes de Matão, menção honrosa, Exposição Kalil Gibran Kalil, no Clube Monte Líbano em S. Paulo, Associação Paulista de Artistas e Artesãos Plásticos, Holiday Inn Hotel em S. Bernardo do Campo, Salão ABD do MEC do Rio de Janeiro, II Salão Barretense de Artes Plásticas, I Salão de Belas Artes da Praia Grande, I Salão Nacional de Belas Artes Santos Dumont- menção honrosa, participando com pinturas, esculturas e tapeçarias, Show Exposition na Câmara Municipal de S. Paulo, Galeria de Embu, Prêmio no Concurso de Contos da FEESP, Exposição na Caixa Econômica Federal de S. Paulo e na Galeria Radhu. Seleccionada para o Guia Internacional de Artes de Leo Cristiano, e para o Catalogue of Art Contemporary da Suíça, editado em oito idiomas: português, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, árabe e japonês, no período de 81-82 e no de 86-87, quando aparece junto a nomes representativos da atualidade como Salvador Dali, Mario Gruber, Tomie Otaque, Waldomiro de Deus, Claudio Tozzi, Henri Moore, Arcangelo e Thomaz Ianelli, Manabu Mabe e outros.

Tem feito apresentação de pintura mediúnica em público desde 1983, tendo obras em acervo fora do país, na Aeronáutica, em coleções particulares, (Espanha, Portugal, Santiago do Chile) num total de mais 65.000 obras entre pinturas, desenhos, gravuras e esculturas.

Apresentou-se na TV Londrina, na TV Maringá (Globo), Cine Vila Rica (Londrina), Feira da Esperança (Ibirapuera), Centro de Integração e Cultura - Florianópolis, Jornal O Estado, Santa Catarina, Jornal de Santa Catarina, TV Catarinense - canal 12, - SESC Apucarana, Jornal Folha de Londrina, TV Bandeirantes - Paraná, TV Eldorado Criciúma, TV RBS - Florianópolis, e em numerosas associações, centros e entidades beneficentes, rádios e câmaras municipais, lojas maçônicas e núcleos comunitários, jornais e revistas.

Procurando dar a devida atenção aos filhos e marido, participa de reuniões em Centros, trabalhando na psicografia, psicofonia, vidência, psicometria, psicopictografia, música mediúnica, escultura, xenoglossia, desdobramento, etc. Como oradora espírita e estudiosa das obras de Allan Kardec, muito se preocupa em conferir e checar ao máximo sua produção mediúnica.

Foi citada em defesa de tese na USP por Thais Montenegro Chinellato com nota 10 em mestrado ao lado de Chico Xavier, tese esta publicada por esta Editora com o título “O Espírito da Paraliteratura”.

Foi igualmente citada na defesa de tese sobre o Espiritismo no Brasil na Universidade de Lion por Marion Aubrée e François de La Plantine junto com Chico Xavier.

Este livro foi citado como fonte de consulta em livros da Editora Ática, História Moderna e Contemporânea de Alceo Pazzinatto e Maria Helena Valente Senize, utilizados no ensino fundamental e dos pesquisadores do Pró Memória e SENAC.

Estas vitórias da literatura mediúnica espírita foram dedicadas pela médium ao Espiritismo .

Sobre a obra não é preciso que se fale, pois as edições esgotadas da mesma falam por si. Apesar de acharmos que sabemos tudo sobre o que foi o movimento da Inconfidência Mineira, vemos que a História se agiganta e ganha corpo e alma, contada por um dos espíritos que dele participou ativamente, pelo lirismo do romance, pela força da determinação destes espíritos e pela atualidade de suas proposições.

Que a paz do nosso Mestre Jesus esteja presente no coração de todos os irmãos, que passam a apreender estes ensinamentos, com toda a beleza que

encerram.

A Editora.

Palavras iniciais

Querido leitor,

Jesus te inspire a tirar deste volume os ensinamentos preciosos que encerra. Não foi senão um amor desmedido pela gente, pela História do Brasil, que nos levou a aceitar a difícil incumbência de tocar em um assunto tão discutido como a Inconfidência Mineira.

Quando o fizemos, malgrado o júbilo e confiança nos Irmãos Maiores, que nos orientariam e ditariam o presente volume, não o fizemos sem apreensão, cômicos da responsabilidade da obra.

Não nos move nenhum sentimento de vaidade pessoal, porque se há mérito neste volume, por certo, não é nosso, nem tampouco nos detém o temor da nossa insignificância, porque isto nos põe mais à vontade para apresentar este trabalho, escrito com muito sacrifício do Plano Espiritual e não sem esforço da nossa parte, a fim de não incorrermos em quaisquer mentiras, dada a nossa natural ignorância de muitos assuntos que aqui se enfocam.

Para nós, cada palavra, cada capítulo, cada acontecimento, veio nimbado de luz, e numa presença arrebatadora de realidade imperecível.

Para ti, prezado amigo, endereçamos a obra que nos deram, com o mesmo profundo respeito que ela nos inspira e com a esperança que, também para ti, seja um manancial de lições imorredouras, daqueles que vêm se sacrificando de há muito para que nossa pátria comum e o mundo, que é nossa escola, se convertam em um recanto do Universo onde reine o Amor Fraternal.

Se lacunas houver, estejas certo, leitor amigo, que vieram da nossa falha em assimilar todas as peculiaridades de uma época, das personalidades envolvidas na trama, ou do nosso desmerecimento para entender e transmitir mensagem tão difícil.

Possam os queridos amigos do Plano Espiritual, com a grandeza e

compreensão que os têm caracterizado, perdoar nossas faltas e levar em conta que somos ignorantes a copiar de forma rude lições tão preciosas!

Jesus nos abençoe a todos.

Marilusa

Do autor

Querido irmão,

O Senhor dos Mundos nos abençoe a obra.

Quando nossa irmã, ciente da antiga personalidade com a qual vivemos há tanto tempo, pediu-nos explicações acerca de nossa vida e de nossos amigos, percebemos de pronto que a movia não apenas a curiosidade natural e compreensível, mas aquela sede de conhecimento que impulsiona o homem em suas conquistas. Percebemos, também, quão difícil nos seria transmitir aquelas lembranças, sem nos envolvermos nas lutas seculares de Jesus, e nos problemas políticos e de raça e sociedade de uma época tão terrível para toda a Humanidade e também para o Brasil.

Durante anos estivemos preparando a irmãzinha para a recepção da obra, e estávamos cientes de que ela abordaria muitos aspectos sombrios e polêmicos. Por duas vezes paramos o livro, a fim de que nossa irmã pudesse "ver" mais claramente todo o aspecto da trama. Não a deixamos desanimar, nem permitimos que se entusiasmasse a ponto de não impor seu raciocínio e de outros médiuns na análise do que lhe inspirávamos.

Apesar da emoção de revermos aspectos cármicos já ultrapassados, conseguimos, com bom ânimo, sobrepujar as tristezas de certas lembranças, para nos determos na felicidade que suas lições nos granjearam.

Dissemos ao fim, à nossa querida colaboradora, na materialização da obra: "Talvez haja alguns senões perfeitamente sanáveis, mas estamos felizes pelo que pudemos realizar. Esta alegria nossa é a mesma do pai que ensina o filho a andar, ou a fazer os primeiros garranchos, ou que lhe dá as primeiras noções de moral, de caráter, de espiritualidade, ou de intelectualidade, e o vê crescer no aprendizado, sem poupar-lhe críticas ou elogios".

De qualquer forma, cremos que nos fizemos presentes através deste relato, com o aprendizado que nos coube realizar

Naqueles longínquos anos. Procuramos levar-te, querido irmão, a visualizar pela leitura, tudo quanto aquela nossa querida Vila Rica de Ouro Preto memorizou e gravou em suas pedras desgastadas pelos passos de tantos irmãos, que trilharam os mesmos caminhos do Amor.

Jesus te abençoe e a nós.

TOMÁS

A execução de Felipe dos Santos

Estávamos no ano da graça de N. S. Jesus Cristo de 1720 e vínhamos trabalhando com um grupo de socorro nas Minas de Monte Santo, pertencentes à Capitania das Minas Gerais.

Eu, particularmente arrebatado pela miséria e sofrimento que via em ambos os planos da vida, réu que sempre fora de tantos e inúmeros crimes, mais agravados pelo fato de ter vindo a participar de agrupamentos cristãos nos primórdios, junto com discípulos muito amados do Mestre, me via sempre constrangido a explosões sentimentais.

Nestas ocasiões, voltava aniquilado e oprimido ao oratório da Gruta e ficava horas imerso em pensamentos anestésiantes e súplicas ardentes, em que se renovavam a certeza de meus imensos débitos e também as esperanças de servir naquela América nascente.

Naquele dia, especialmente estava deprimido até as lágrimas e, mesmo alguns impropérios chegara a declinar, até que a prece me lavasse a alma.

Genuflexo ante o oratório da Gruta, onde tantas vezes eu socorrera espiritualmente negros desesperados e capitães insensíveis, via-me agora, tal qual eles em desequilíbrio.

Fugira como um covarde à execução de Felipe dos Santos^{1}.

Tudo havíamos tentado para impedir que se consumasse tão vil atentado às mínimas exigências da criatura humana! Debalde. O conde de Assumar, envolto em trevas, descera sua cólera com fúria inaudita. Famílias inteiras eram dizimadas. Não se poupavam nem mesmo os nobres, cujas casas eram espoliadas, as jovens seduzidas, os escravos assassinados, a fim de abater a rebelião dos povos naquelas minas auríferas, rebelião que contava com a adesão de centenas de pessoas, as quais se viam miseravelmente traídas em seus direitos e espoliadas material, moral e espiritualmente de seus bens e

sua pouca ventura. Lavrada a sentença cruel, amigos socorristas se desvelavam ao lado do infeliz mártir Felipe dos Santos, cujos despojos eram condenados a serem arrastados pelas ruas, levados por fogosos cavalos, a desfigurar-lhe totalmente o corpo, esfacelando no galope dos animais as carnes e as vísceras...

Antes de ser cumprida a sentença, nosso grupo o cercou carinhosamente, aplicando-lhe passes de reconforto e buscando apaziguá-lo com seus algozes. Sem poder conter-me eu me revoltava imensamente.

Sem que percebesse, ausentara-me do grupo entre a cólera e as lágrimas.

Não bastaria àqueles bárbaros a morte? Por que a mutilação póstuma?

Aquela gente cruel e sanguinária me aniquilava até as ânsias incontidas.

— Cristo de Deus! - bradava eu em pranto. - Isto não acabará nunca? Como se não bastasse o sofrimento do dia a dia, imposto a estas negras, como animais expostos aos caprichos dos donos, e seus amores no chicote e tronco, como se não bastasse tanto luxo ao pé de tantas misérias, e estas lutas mesquinhas pelo ouro, como se não bastassem tantos lamentos, que nos alcançam como vozes de mil almas penadas, e o choque violento das paixões aniquilando tudo, por que não evitaste a consumação de mais um crime tão brutal nesta Vila Rica, já de si tão cheia de amargores?

Lágrimas ardentes banhavam-me os olhos, quando José, nosso instrutor, tocou-me o braço:

— Por fim te encontro, meu filho. Tomás, tudo foi consumado. Felipe está agora num hospital de primeiros socorros. Ainda um tanto quanto perplexo pelos últimos instantes, repousa ao lado de Ismael, que pessoalmente o recolheu. Graças a Deus, Tomás, conseguimos que ele perdoasse os infelizes que o condenaram a tão cruel sentença, e isto, imediatamente, o livrou dos grilhões da carne. Deixamos seus despojos envoltos por claridades nunca imaginadas nas ruas de Vila Rica e nossa prece, para que a revolta não trouxesse mais sofrimentos a este povo já de si tão maltratado, pareceu cair como anestésico, adormecendo a cidade. Estávamos à tua procura. É mister que deixes esta impulsividade exagerada e nos acompanhes, porque Ismael nos reserva ainda hoje uma reunião muito importante. Componha-te, pois, e vamos.

Envolto pela autoridade moral de José, acompanhei-o sem palavras, enquanto pensamentos desconstruídos me visitavam a alma.

Como era possível fosse ele tão frio e indiferente, ante um crime tão bárbaro? Quando eu tinha ímpetos de gritar e chorar por horas, onde encontrava ele aquela lucidez e calma tamanhas? Parecia feito de pedra !

Como que adivinhando meus pensamentos, José parou por uns instantes fitando-me demoradamente:

— Tomás, achas que nós amaríamos menos esta terra, a ponto de não nos felicitar-mos de também como Felipe darmos por sua liberdade, pela abolição da escravatura e por leis mais justas a nossa vida, com imenso júbilo e sem fraquejar?

Pego de surpresa pela inusitada pergunta, fiquei sem encontrar resposta. Ao que ele continuou:

— Não me importaria nascer em berço de escravo ou em palácio de rei, se Jesus me concedesse a felicidade de resgatar meus muitos débitos, quebrando os grilhões que me prendem e a esta amada terra. Não desconheces que fui, como tu e tantos outros, engajado entre os primeiros conquistadores dela. Como se não bastassem os muitos erros cometidos em tantas civilizações, como déspota que fui, com incursões em Cuzco, na perseguição ao selvagem natural da terra, agravei ainda mais o meu débito... Se Felipe encontrou hoje na morte injuriosa a libertação de todo um passado de despotismo, na barbárie a invadir a Europa, achas tu, Tomás, que Jesus me concederia a graça de renascer, plantando o Ideal de Liberdade neste povo simples e bom?

— Por que me perguntas isto? - objetei estremecendo. - Contas renascer em breve?

— Tomás, - respondeu em profunda introspecção - sei que muitos de nós retornaremos breve à carne. Nem tem sido este nosso trabalho mais que um exercício, visando a termos uma visão mais ampla de quanta coisa ocorre neste Brasil, que é a esperança do Senhor do mundo. Acredito que a reunião a que fomos convocados terá um carácter extraordinário, que mudará nossos destinos. Tanto é assim que o próprio Ismael estará presente. Por isto fiz tanta questão de vir te avisar, já que também foste convocado, e, de uma forma ou de outra, te atrairiam ao local na hora exata. Achei melhor, no

entanto, te avisar já que os acontecimentos trágicos do dia precipitaram tudo, porque a importância desta reunião é muita para Jesus e também para nós, que nos engajamos a seu serviço.

Diante das ponderações de José, esqueci-me da revolta com que fugira à execução de Felipe, e, ao me lembrar dela, um estremecimento me acometeu. Lembrava-me das batalhas em Esparta e Atenas, o meu próprio sangue jorrando aos borbotões...

Batendo-me no ombro, como a acordar-me às recordações infelizes, José me reanimou:

—Ei, rapaz! Nem pareces mais o poeta alegre e jovial de nosso grupo, ironizando cada um de nossos temores. Acorda! Estás mais pálido e trememente que o próprio Felipe... que já retornou. Pensa mais nas conquistas do espírito eterno e não fiques tão preso às recordações amargas. Vamos nos aliviar no Salão de Preces, com a música e as vibrações dos altos planos, antes de buscarmos o Salão de Convocação e vê se retomas a alegria e esperança, senão não aproveitarás suficientemente os felizes momentos que nos aguardam na presença de Ismael.

Acompanhei-o a custo e, quando chegamos ao Salão de Preces, eis que vários amigos já lá estavam genuflexos.

Nem se voltaram ao entrarmos, já que estavam como que se alimentando e limpando a alma, imersos quase em êxtase e elevação, ao ritmo de música que envolvia tudo com vibrações luminosas nunca vistas.

Tão logo tomei o meu lugar ao lado de José, chegaram Inácio, Rolim, Cláudio e Antônio Lisboa. Mal me ajoelhei e um clavicórdio fez soar músicas tão doces, que me pareciam particularmente dedicadas. Cada um daqueles sons me tocava o fundo do coração e eu não sabia quem me enviava tão suave e terna melodia, mas a imagem de Nívea veio-me ao pensamento, quase que instantaneamente. Seu rosto se delineou no meu espírito, como se eu a visse diante de mim e desejei estreitá-la junto ao peito e jurar-lhe amor eterno, pedindo-lhe perdão.

Estaria José certo em seus pressentimentos? Voltaríamos à carne? Em que circunstâncias? Quando poderia rever Nívea? Como poderia eu merecer a graça de reencontrá-la, para as bodas divinas?

Envolto na suavidade das recordações mais caras, revia-me na Grécia,

ouvindo Nívea que tocava um alaúde, séria e tímida, naquela tarde inesquecível. Partiria eu num contingente para a guerra naval e ela, represando no coração os próprios temores, despedia-se de mim a tocar seu instrumento predileto. Depois daquele massacre, não mais tornei a vê-la. Eu, que nunca a mereci, vim a renascer tantas vezes como soldado e a embalei por filha, depois a tive como irmã, mas não encontrava ainda a felicidade de tê-la por noiva e esposa, desde que a sacrificara na invasão de seu santuário Inca.

Parecia-me vê-la, o olhar perdido em súplica aos meus pés, no derradeiro instante em que se sacrificara, para que as outras iniciadas pudessem fugir para a selva...

Agora aquela música era como que a presença dela ao meu lado, amparando-me o espírito que, de taciturno e sombrio, se tornou alegre e cheio de esperança.

A música terminara, mas nós não nos mexíamos, como se esperássemos que ela tornasse, quando uma voz se fez ouvir no recinto:

—A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja em nossos corações, meus irmãos. Pedimos que se dirijam até o Salão de Convocação e aguardem uns momentos, que já iremos explicar a todos o motivo de terem sido chamados para cá.

Só então me dei conta que a Casa se enchera de muitas entidades, e algumas já encarnadas, pois se podia ver o cordão fluídico que as ligava ao corpo e as diferenciava de nós outros. Eram gente simples do povo e nobres das Cortes, todos ali presentes, e fiquei muito comovido com o aspecto de um casal, que me fitava e sorria, ao lhes perceber a atração para minha pobre pessoa. Eram meus avós da carne, que novamente me ajudariam a retornar para a ascensão do espírito.

Fomos saindo devagar e em ordem, sem conversar contudo, sentindo-se cada um naturalmente atraído para seu grupo afim e, vendo-me apartado de José, sentei-me entre Cláudio e Inácio, impressionado pelo ar superior do Salão de Convocação, que me provocava arrepios incontroláveis e me deixava as pernas trêmulas^[2].

Alistamento dos inconfidentes

Foi, então, que ela entrou. Dirigindo-me um olhar onde pude sentir toda a pureza e doçura de sua alma, e que me falava às fibras mais íntimas, alicerçando nosso amor e a profunda miséria moral que me separava dela, eu, que jamais a merecera, deixei rolar no rosto lágrimas silentes...

Depois, sem hesitação, dirigiu-se ao clavicórdio e, sentando-se, voltou a tocar a mesma melodia que eu ouvira há instantes. Eu entendi a sua mensagem silenciosa. Ela como que me dizia, fazendo-me explodir em júbilos de graça:

— Sim, Tomás. Fui eu quem toquei para ti. Às vésperas de novas batalhas, quero animar-te e proteger-te. Quero que compreendas o quanto te amei, o quanto te amarei e o quanto te amo, para que não duvides de que jamais estaremos separados. Por mais díspares sejam nossas posições no mundo, por mais antagônicos os lugares que ocupemos, como escrava ou rainha, como selvagem ou dama da Corte, sempre terás o meu amor eterno!

—Perdão! Perdão! Perdão! - pedia minha alma em lágrimas de júbilo.

—Acalma-te, rapaz. - sussurrou-me Cláudio. - Estás emotivo demais hoje, e isto não é bom.

Mas se calou, quando um grupo de jovens adentrou o salão, jogando sobre nós pétalas de flores. Divisara também entre elas a amada da sua alma e outros espíritos afins, que o fizeram perder aquele ar solene que tivera até então.

Uma jovem jogara em especial para Inácio uma linda rosa vermelha, que ele tomou nas mãos com alegria indizível.

À mesa de reuniões começaram a se formar flocos de luzes, que nos atraíam e entonteciam. Várias raças se faziam presentes, plasmando seus corpos fluídicos e tornando-se visíveis a nossos olhos.

Um chinês foi o primeiro. Lembrei-me de Confúcio e da segurança com que a raça amarela dominava suas emoções.

Este chinês estava ligado por laços de ascendência a Nívea e a Cláudio Manoel da Costa. Seria deles um protetor, era um amigo secular e ancestral longínquo, mesclando raças, para a nova encarnação que se aproximava. Em razão disto, a minha Marília tinha os olhos muito ligeiramente amendoados, a boca graciosa e emoldurada pelos negros cabelos. Sabia sofrer e sorrir na tutela da entidade que a levava à música com graça e sensibilidade únicas. Este querido amigo espiritual na verdade, jamais se apartaria dela e de Cláudio Manoel, enquanto vivessem na Vila Rica em provas tão duras... (Se nela desenvolveu o dom artístico, nele sublimou a lógica e o bom-senso, fazendo-o temido e respeitado até pelos piores inimigos da nobre causa.) Em seguida, plasmou-se um jovem judeu, e o negro Zumbi dos Palmares^{3} com um sorriso intraduzível.

O olhar do jovem judeu pousou sobre o meu e um vago sorriso fez-me perceber que deveria a ele minha ascendência. Alguns séculos depois, na Igreja N. S. do Pilar, encantaria alguns visitantes os paramentos tecidos e bordados a ouro, de algum judeu converso, tendo bordado às costas a estrela de David. Bisneto de judeu frade convertido ao Cristianismo, seria eu neto do casal presente, Tomé e Teresa, ele um dos mais mordazes e inteligentes causídicos do Rio de Janeiro.

Depois foi um grego e um romano, que seriam orientadores de Joaquim José.

Notei que ambos emitiam muito amor em direção a vários negros e mulatos. O grego em especial parecia interligado por vibrações sutis ao frontal de Francisco Lisboa. Ser-lhe-ia mestre espiritual, enquanto ele vivesse, simplificando em suas mãos sofridas o rebuscamento barroco em florescências de rara beleza, que até hoje encantam e fascinam o mundo inteiro.

Quanto a Zumbi, amparava especialmente a multidão de negros e pardos, na identidade do sofrimento de uma raça a quem devemos tantos sacrifícios e injustiças, que ainda fazem penar e sofrer a quantos se engajaram na ideia estúpida e triste de escravizar os próprios irmãos!

O que nos estaria reservado nesta estranha reunião?

Nóbrega e Anchieta, índios e negros, mulatos e bandeirantes, e, então, do alto começaram a descer flocos de luz tão irradiantes que quase nos cegavam.

No centro da mesa, a presidi-la surgiu um homem jovem e claro, com um olhar tão manso e profundo que jamais esquecerei quantas vidas eu venha a ter.

— Amados, - falou - que a paz do N. S. Jesus Cristo habite em nossos corações. Eis que vos convido à prece, mais uma vez, antes de vos conscientizar da importância dessa reunião. Oremos.

Jesus! Eis que divisamos o mundo que amas,
coberto de tristeza, de ódio, de chamas,
tantos anos após a tua vida de amor,
o homem continua mal e opressor!

Após as guerras santas, em lutas fratricidas.
a realeza impõe as maiores chacinas!
Por isto, tanta revolta, tanta dor e orgulho,
mas teu amor prossegue em testemunho!
Senhor! Na Europa enviaste emissários
que renascendo trarão impulsos vários,
novamente o amor na educação e letras,
nas artes as conquistas benfazejas!

No Velho Mundo plantarás ideias renovadas,
para que o mundo progrida em novas escaladas!
Eclodirás em letras palavras redentoras,
Liberdade! Igualdade! Serão tuas novas flores!

No entanto, no Brasil, que nos deste a cultivar,
um futuro de paz, sob a bênção de amar,
há tanto sofrimento, tanta dor, tanta cruz,
que ousamos nos oferecer para holocausto jus.

Eis-nos, aqui, todos com boa vontade,
a querer servir-te e à tua verdade!
Sabemos da miséria que em nós habita,

mas tua misericórdia é sempre bendita!

Queremos também lançar estas sementes novas,
dando ao Brasil as realidades que promoves,
em todos os cantos deste velho orbe,
num trabalho terrífico e enorme!
Senhor! Dá-nos a bênção de já discernir,
o que nos compete fazer para melhor te servir!

A prece de Ismael prosseguia tanto quanto meus tremores, dado o padrão vibratório elevadíssimo que meu ser ressentia.

Vendo Nívea, que se erguera e estava de olhos baixos, eu me sentia ainda mais endividado para com ela e para com Deus. Coragem nova me felicitava. Que não faria eu para merecer o amor daquela criatura?

Mas Ismael prosseguia:

Jesus! Dá-nos a bênção de servir-te.
Em todos os instantes nos assistas,
não nos petítórios pessoais e exclusivistas,
mas nas realizações dos grupos pátria,
para que o Brasil não se fracione, nem abata!
Para que a Terra que a tua cruz visita,
se faça pátria de toda a gente proscrita!

para que a ambição não a negrida tanto.
Concede-nos a graça de ajudá-la, entanto.
O Brasil, coração desta Terra sofrida,
precisa engrandecer-se e à própria vida.

As raças deste mundo encontrarão aqui
o remanso fraterno que tu construí!
Permite-nos escolher no próprio nascimento,
a condição de servi-lo neste momento!

Percebi, então, que José não se enganava. Era um convite para o renascimento em serviço carnal, nas próprias circunstâncias daquela hora difícil. E pensei novamente em Nívea.

Renascer com ela seria uma bênção. Não importava em que condições. Se ela voltasse eu também tornaria.

E, ante a vacilação de quase todos, Ismael, fitando-nos demoradamente, prosseguiu:

—Amados! Muitos de vós já atendestes a esta convocação, renascendo na época dura da retração do ouro nas Minas Gerais. Todos aqui estais cientes da grande revolução que se processa no campo das ideias, insuflando um amor novo às letras, à música e à arte, para renovação dos povos. Ninguém vos induzirá a esta tarefa, que não é coisa de um dia, e nem sereis constrangidos a renascer longe dos grupos afins e das circunstâncias que mereceis. Estes espíritos encarnados que aqui se encontram serão aqueles que virão a receber-vos por filhos e netos. Relembrai agora as próprias dívidas e equacionai as vossas muitas esperanças. Sois todos equilibrados e intelectualmente bem dotados, capazes, portanto, de insuflar na província as ideias que tanto tendes defendido: a de emancipar o Brasil de Portugal, por exemplo. Lembrai-vos, no entanto, que deveis fazê-lo sem ódios, de vez que o Brasil é um lugar onde a cruz do Senhor rescende o amor universal. Tendes que influir na abolição da escravatura, que já tem denegrido demais a consciência brasileira, e alicerçar um futuro onde as fábricas dirimam a miséria do povo! Estais demais preparados para esta luta, já que a própria tarefa de socorro a quantos sofrem na terra agora já vos preparou, para uma visão mais real das necessidades da hora presente.

Cada um de vós tendes sido outrora tiranos e déspotas, e sabeis o quanto a tirania é móvel de perturbação e treva. Se outrora empunhastes o poder para a destruição e a morte, a escravização e o extermínio, pela ambição das riquezas, agora sabeis que a riqueza maior vem das conquistas no amor e dedicação, e podeis, com o cérebro iluminado e o coração cheio de paz, embora em débito, alicerçar no Brasil os novos ideais de Fraternidade, Igualdade e Liberdade...

Eis que outros espíritos foram enviados à Europa, a qual, infelizmente, está por demais envolta em lutas fratricidas, e pela qual tememos não venham estas ideias renovadas sem lutas cruentas. Na América do Norte um contingente já se encontra preparado para renascer, iluminando o próprio Brasil com suas conquistas nos Direitos da criatura humana. Agora é

imperativo que também vos decidais e nós prepararemos o quadro das necessidades de cada um, inserindo-o num grupo afim para renascimento em expiação e missão, neste aprendizado que nos prova e engrandece.

Não desconheceis as injunções dolorosas da hora presente, nem as dificuldades vultosas de um reencarne em condições tais, mas rogaremos a Jesus nos multiplique as forças.

Não sereis constrangidos, no entanto, ao reencarne e tereis ainda tempo bastante para analisar as possibilidades de cada um, e os possíveis problemas particulares e peculiares de cada situação e de cada espírito.

Estas jovens que vistes adentrar o recinto e que são almas irmãs de quantos ora convocamos, já se inscreveram para a renovação no círculo de provas cármicas, incentivando-vos e auxiliando-vos a retornar, a fim de colocar no Brasil os próprios princípios que vindes defendendo deste lado.

Tereis agora oportunidade de conversar e melhor ajuizar quanto às necessidades e propostas de cada um, e depois procurareis este grupo unificado para a Regeneração, e nós faremos a opção de cada um ser levada em conta.

Quanto aos amados encarnados presentes, já têm sido consultados a receber-vos por netos e filhos amados e aceitam-vos incondicionalmente.

Não vos devo negar um alerta. Hoje recebemos em nosso plano um irmão que testemunhou até a morte violenta, pelas novas ideias que vos chamamos a defender. Felipe dos Santos tem seus despojos espalhados como sementes, mas seu espírito eterno já se refaz e vos envia um recado.

No mesmo instante, envolto em luz verde radiosa, a figura do mártir cuja sentença tanto me revoltara, materializou-se diante de nós e falou:

—Amados irmãos da pátria do Cruzeiro, Jesus seja abençoado por me aceitar como um soldado infiel, que só doou a sua vida, por mais não ter para o engrandecimento desta terra tão querida. Eu, que me banhei nas suas cachoeiras, que corri selvagem entre os potros e escravos, que fui livre, amei e fui amado, estou feliz e agradecido pela oportunidade de voltar vitorioso, deixando o sangue do corpo brotar na terra abençoada, como preito de saudade e esperança. O espírito é eterno! *O sofrimento maior é o de fracassar na própria destinação!* O amor pelo Brasil me insuflou as veias da carne, mas se o corpo tombou, este mesmo amor são as asas

benditas da minha redenção e também dos erros do meu passado. Ajudar-vos-ei se Jesus me permitir, tanto quanto me ajudastes hoje com vossas preces, na hora decisiva. Que a paz do Senhor abençoe nossos espíritos tão fracos!

Diante de nossa perplexidade, adiantou-se Cláudio Manoel e, tomando as mãos daquela que lhe seria companheira e confidente, falou arrebatado:

—Quero ser o primeiro a me alistar.

Arrastando-se com dificuldade, um mulato de aspecto deformado e terrível, falou soturno, abraçando-se a uma escrava:

—Se Jesus me permitir, quero ter por mãe aquela a quem tanto magoei e fiz sofrer. E não estremeço de trazer no corpo as mesmas marcas que fiz, como torturador que hei sido de tantos escravos que me tiveram por senhor cruel.

Era Antônio Francisco Lisboa, a quem muito apreciaríamos por escultor emérito que seria. Amparando-o na escolha, o escultor grego Fídias^{4} incorporou-se a um grupo que se lhe ligara, enquanto eu, atraído irresistivelmente para Nívea, que se fazia acompanhar de várias jovens e um mulato compositor, ouvi-me falando em júbilo:

— Renascerei se te puder ter por noiva bem amada!

Todos nós, sem exceção de um só dos convocados, nos alistamos ali mesmo, passando a acompanhar nos anos seguintes o desfile dos que retornavam e aos quais nos incorporaríamos no tempo devido.

No entanto, nas montanhas de Vila Rica a luta prosseguia. O conde de Assumar não poupava nem mesmo os nobres e ricos, para acabar com a rebelião chefiada por Felipe dos Santos, que lhe custara a vida. Toda a montanha ardia na destruição implacável e cruel e, nos séculos subsequentes, haveriam aquelas terras, regadas pelo sangue anônimo de *três mil novos heróis da liberdade*, de se chamar “Morro da Queimada”. Os que escapavam às labaredas eram transpassados pelos golpes das facas e espadas. Em razão disto, o nosso grupo de socorro trabalhava sem descanso, no auxílio à multidão de sofrendores de ambos os lados da vida, uns a partir na inconformação e ódios, alheios aos nossos tentames de apaziguamento e amor, e outros acorrentados ao ouro que os seduzia, comprando com ele o peso de muitas encarnações futuras em dolorosas provas cármicas.

Depois daquela reunião não mais pude ver Nívea, senão por duas ou três vezes, e para mim não havia nada que pagasse aqueles momentos de júbilo e encantamento.

3

O ataque dos quilombolas

Desde aquele dia histórico da morte de Felipe dos Santos, eis-nos às voltas com trabalho terrível em toda parte. Joaquim José era sempre a alma de nosso grupo! Entusiasmado em demasia, com esperanças de infundir na próxima encarnação um novo rumo aos acontecimentos, falava-me muitas vezes a respeito:

— Eu acredito no bem como semente oculta no coração de cada indivíduo.- falava. - Impossível saber de pronto quantas pessoas, na possibilidade de evolução, podem vir a renascer, dando ao Brasil a direção que o próprio Jesus lhe reserva. Sabemos que nesta pátria se abrigarão todas as raças e povos e nações, num futuro não muito distante. Que, de certa forma aqui, mais que em qualquer outro lugar, se planeja a ascensão evolutiva sem maiores derramamentos de sangue.

Como não esperar que se lhes consolide, com nosso grupo, os ideais novos a que aspira o orbe?

— Falas das sementes do bem, - dizia eu, com aquele meu jeito irônico - acredito. Todas as pessoas têm sementes latentes do bem, mas tão bem encerradas em seus peitos de rocha sólida, que dificilmente brotarão.

— És um pessimista. - redarguia ele.

— Não tenho tantas ilusões! Sou cauteloso. - ponderei.

— Não tens ilusões? Acaso não sei que só te abalançarás a renascer para afagares os cachos dos cabelos da tua gentil Nívea? - tornava ele, tocando na questão mais íntima de minha alma.

Fazendo-me por instante sério, lembrava-me daquela que era a aspiração do meu espírito.

— Amo Jesus. - dizia-lhe. - Renascer para viver no Brasil considero prêmio, porém, Joaquim, se Deus me perdoar quero progredir muito para

alcançar Nívea na elevada posição em que se encontra.

Acompanhar-lhe os passos é minha maior ambição, que espero não se transforme numa ilusão apenas.

— Eras até capaz de por todos os planos nossos, ideados por Ismael a perder, por um amor como este? - Joaquim estava até indignado comigo.

—Perder-me por ela? Jamais isto aconteceria, caro amigo. Ela é minha salvação, meu anjo do céu. Não sabes o que dizes! Estás é louco. Nívea jamais me perderia. Eu sim é que tenho sido um tolo de perdê-la, tantas e tão repetidas vezes!

Estávamos a caminho de uma estalagem e íamos a divagar no assunto que nos levava lá, quase que esquecidos por completo da urgência. Então, Joaquim, com aquele sentido extremo que o caracterizava, reclamou:

— Apressemos-nos. Prevejo coisas bem tétricas no ar! Meu Deus, por que não nos apressamos, ao invés de ficarmos em divagações?

E, tomando-me as mãos, alçamo-nos no espaço com a rapidez do raio. Eu nunca perguntara ao estranho amigo quanto ao seu passado. Mas agora, ao sentir-lhe a força espiritual tão superior à minha, propus-me a fazê-lo tão logo surgisse um meio.

Chegamos em poucos minutos à estalagem em que uma escrava tartamudeava, como sonâmbula:

— O ar tá aziago, sinhá!

—Deixa-te disto, Antônia. É a chuva que logo cai. Apanha, pois, lenha seca e traze cá para dentro, senão vai ser uma fumaceira na hora de preparar o jantar. Se chegar a caravana da milícia por aqui ou mais o cônego, ou qualquer viajante, vai se atrasar a janta. Anda logo, Antônia, e para de te benzer, mulher. Apronta com o Tião o vinho e traze lá da adega. Que fica tu parada aí, como um pau?

A escrava apressou-se ainda a resmungar:

—Meu coração num falha. Vem coisa ruim por aí. Vô a recolhê a mulecada, lá nos fundão, e mais as véia que tratem de buscá água na bica, senão num sei não...

Antônia era uma boa negra, já mãe de dois bacurauzinhos, e tão roliça e brilhosa, com os dentes alvos e olhar manso. Nascera nos porões de um navio negreiro, e desde pequena estava afeita à vida de escravo, mas tinha

em nhá Tonica uma boa dona, que em nada judiava de seus escravos. Por isto, adorava o nome cristão de Antônia de Jesus e Sousa e vivia preocupada:

— Ói, Tião, é perciso ir lá na bica para se apanhá mais água, que D. Tonica acha que vem gente por esta banda.

— Já num se apanhō bastante lá de manhãzinha? - respondeu o "marido".
- Tá bom.

Apanhou a mula, os piquás e lá se foi, enquanto Antônia recolhia os filhos para junto de si.

— Ói aqui, meninos, vão lá para dentro arrumá e alimpá a sala. E leva a lenha pra mode do fogão. Não sai de casa que logo vai escurecê.

Antônia, preocupada, procurou a mãe já idosa e as outras mulheres que estavam no alambique a preparar o melaço de cana e a recolher as frutas na casa grande. Falou dos seus temores:

— Desde dantes d'ontem que não durmo, mãe. Podes crê. Pergunta pros santo. Vem coisa ruim por aí.

Dona Maria tomou suas conchas. Sabia que a sinhá proibia mandinga e feitiço, e fora batizada ainda ali pertinho. Sempre fora grata por não lhe separarem da filha e dos netos, mas na hora da precisão não conseguia se desligar dos seus santos, e as conchas do mar não se enganavam na sua mão.

Jogou pois as conchas e sua fisionomia se entristeceu.

— Morte! Coisa ruim! - falou. - Reza, Antônia. Acende vela p'ros santo!

Antônia correu a procurar uns tocos de vela e lá, no oratório da gruta, que ficava perto e onde havia uma imagem de N. S. do Carmo, acendeu, benzendo-se três vezes.

— Mas o que ocorre aqui? - perguntei - Por que viemos?

— Esta negra tem razão. - falou Joaquim. - As preces de Antônia me atraíram. Vimos orar. Distanciamo-nos do grupo. É necessário que os avisemos.

E, antes que orássemos, atraídos pelo mato irresistivelmente, vimo-nos junto a Tião que já carregara as mulas e tornava. Um vulto tornou-lhe a frente.

— Meu irmão! - gritou. - Vim em paz. Quantos negros tem lá na casa?

Tião estremeceu. Percebeu tanto quanto nós o que se passava.

Era um levante dos quilombolas que já cercavam a casa.

—Gente boa na casa, meu irmão! Não tem precisão de matar ninguém! - gaguejou.

—Você covarde! - falou o outro. - Branco não pode ser bom p'ra negro. Se defendê eles, você morre!

Tião pensou em Antônia, D. Tonica. Seu pensamento primeiro foi fugir, correr, avisar todo mundo, mas olhando para os lados percebeu nas moitas tanto negro que se corresse cairia ali mesmo varado...

— Gente boa. - repetia. - Tenho mulher, dois filho. Muito irmão. Se vinhé a luta muita gente morre.

O outro cuspiu de lado:

— Só branco morre! Nós num mata nosso irmão.

Tião ficou retido, enquanto eu observava o movimento do grupo, na esperança de que alguma milícia chegasse àquelas bandas no meio da serra.

Retido no meio dos quilombolas, o negro começou a piar como coruja.

Joaquim me convidou à prece e após instantes um grupo de espíritos se ajuntava a nós...

Queríamos tirar D. Tonica da estalagem, para que se escondesse no mato, quando se desse o ataque, mas por mais a instássemos a sair, estava tão atarefada na cozinha com suas ajudantes que não arredou pé. Procuramos nhá Maria na ala das escravas, e a boa negra, com aquela intuição mediúnica de pronto abandonou tudo e, seguindo nossa orientação, foi procurar nhá Tonica. Os dois negrinhos de Antônia acabaram o serviço na sala e falavam para a mãe.

— Coruja piano, mãe. Agouro de morte...

O coração da negra ficou apertado. Tião não voltara. Já era tempo. Vendo o sinhozinho no salão, gritou:

—Paschoal, vai c'os menino buscá lenha no mato, assim tu apanha umas rôla, tá?

Ela, esperta, sabia que o garoto era maneiroso com os passarinhos e gostava de pegá-los. Lá se foi ele a buscar a arapuca e correu para os fundos com os meninos, ao mesmo tempo que nhá Maria entrava na cozinha.

— Sinhá... Vosmecê precisa ficá rente os mato p'runs tempo.

O Tião num vortô c'os piquá. A criolada tá cochichando que os quilombolas andam atacando por estas banda. Vai, nhá Tonica. Vai pros fundão só p'rumas horinha. Adespois a gente manda os crioulo buscá vosmecê! Avisa seu marido! Vai!

Nhá Tonica não pôde deixar de estremecer. Um ataque dos quilombolas era coisa de que não se podia fugir, naquele mundaréu de mato, mas pensou no filho:

— Paschoal! Paschoal!

— Antônio mandô ele c'os menino pro mato. Vai vosmecê mais o sinhô. A voz da negra era uma súplica a que Tonica não sabia como responder. Mas não houve tempo. Uma gritaria lá fora! Um baque surdo.

Um tiro perdido e logo um negro que não conheciam irrompia na sala com um mosquete na mão. Mirou D. Tonica. Atirou. Sá Maria abraçou a sinhá num gesto inesperado e caiu numa poça de sangue.

Eu, Joaquim e outros, amparamo-la sem mais poder fazer, enquanto o negro, sem atender aos nossos apelos, derrubava de um golpe nhá Tonica, ao lado da boa escrava.

Tudo fora rápido, impossível de suster sem maiores ajudas. Os negros todos levados para os matos e os garotos apavorados, escondidos até que se fossem.

Só no dia seguinte chegava um grupo de mineradores. Viam a desgraça e os meninos chegando de manso. Paschoal órfão e os negrinhos desolados.

Mas nós, do outro lado, colhíamos duas irmãs, duas amigas, que para sempre seriam mais um elo de amor, para que aquelas duas raças se interligassem e implantassem o amor na terra do Cruzeiro.

Voltando com elas junto à caravana, semiadormecidas, comentei com Cláudio Manoel, que se incorporara a nós:

— Quando contas renascer?

— Estou taciturno, conquanto esperançoso. - falou-me ele.- Não desconheces que hei sido homem muito ligado à poligamia e, neste cenário tão fértil para tais investidas, temo comprometer-me. Nascerei dentro de alguns anos. Um dia destes levo-te a ver minha terrinha, Mariana. Conto ter instrução apurada, pois serei filho de gente abastada, e aguardarei nosso

reencontro ansioso por novos saraus de poesia. Ora por mim, Tomás, que breve entrarei na fase preparatória. Não me vereis depois deste tempo a não ser na carne.

Abraçamo-nos ternamente e apreensivos com o que nos esperava naqueles sertões bravios, onde se insuflavam ódios e injustiças.

Levando nhá Tonica nos braços fortes, nosso amigo Joaquim José adentrou a Colônia onde nos abrigávamos e, deveras impressionado com os últimos lances assistidos, propus-me descansar uns instantes, antes que fosse chamado a nova reunião. Estava exausto. Iria a breves dias ver de perto a casa de meus avós, no Rio. Era um remanso bom ver Teresa e Tomé. O carinho dela e a inteligência dele, seus intrincados casos de Direito, os maneirismos com que se havia de sair dos mais tristes embustes, tudo para mim era motivo de aprendizado e graça. Iria, pois, me refazer em casa deles, naquele cenário delicioso do Rio de Janeiro e orar por Cláudio que tornava, enquanto não chegasse a minha hora também de tornar. O insucesso de nossa atuação pelos matos das Gerais, a infrutífera tentativa de livrar nhá Tonica e nhá Maria de tão pesados atos, tinham-me abatido moralmente. Jurava a mim mesmo não usar nenhuma arma que me pudesse fazer cruel e déspota. Abraçaria o Direito, o estudo das leis, e a palavra como arma cortante. Tal como meu avô fazia, fá-lo-ia também, quando na carne. Deixaria de vez aqueles insucessos trágicos do meu passado, como soldado. As letras seriam meu gládio e meu escudo. E a poesia seria meu desafogo e bênção. Repousado no canapé da entrada, pensei nos meus afetos e desafetos e a imagem de Nívea banhou de luz o recinto. Entendi que ela também pensava em mim e sorri. Seu amor era pra mim o maior prêmio, incentivo e bênção.

Mesmo com ela no meu coração, no entanto, temia a aproximação da hora do reencontro.

4

O encarne dos inconfidentes

Realmente pudemos acompanhar de perto aquele amigo tão querido que retornava às lutas edificantes. Sua cidadezinha mais parecia um presépio incrustado em meio às serras de Minas.

Seus pais, comerciantes abastados, na fase áurea da Capitania, eram donos de terras e escravos, gado e lavras.

A prole era numerosa, e seus irmãos almas que se interligavam na finura e fidalguia de trato.

Ver Cláudio Manoel infante era para mim uma experiência inusitada; uma graça de menino, louro e ingênuo, perspicaz e inteligente.

Conservava os mesmos olhos tristes, que mesmo na infância não sabiam sorrir. Perdia-se em cismares contemplando o céu ardentemente azul, como se indagasse o futuro e o passado. Desde cedo a nobreza o fazia defender os serviços da casa e, mimado, o pai não lhe negava nada. A mãe pensava em fazê-lo padre, pois lhe conhecia alguma inclinação para a religião, sempre afeito à leitura sagrada e à prece.

Os anos transcorriam. Outros mais vinham despedir-se de nós para ingressar nas lutas do amanhã.

Percorrendo as ruas de Vila Rica, com seus sobrados de pau a pique e vielas estreitas, quantas vezes segui negros fujões, naqueles túneis escavados por toda parte, como se o homem se houvera transmudado em um rato à procura de ouro.

Na Metrópole íamos quase sempre, a fim de alertar as autoridades portuguesas, quanto à responsabilidade de tão má administração da Colônia. O ouro pródigo e farto do Brasil passava a Portugal e daí a Inglaterra, por meios não apenas escusos de contrabando, mas também por leis inócuas e ardilosas.

O ambiente da corte sufocava. El Rei D. João V cercado pelas estranhas regras da Inquisição, fazia mártires ora pela Igreja, ora pelo Estado. O Tratado de Methuen feito por D. Pedro II⁽⁵⁾ era ardiloso e tirava ao reinado tudo quanto ele tirava ao Brasil. O governador D. Pedro de Almeida (conde de Assumar) era tido em conta de herói nacional, mas em terras do Brasil já estavam muitos dos nossos companheiros, entre eles o Cláudio Manoel e frei Santa Rita Durão. Muito breve acompanhariam aqueles o amigo Francisco Lisboa, Inácio Lobo Neves, Francisco Gomes da Rocha, José Joaquim Américo Lobo de Mesquita e outros. Do outro lado do oceano fôramos recolher mais um entre tantos mártires: Antônio José da Silva, o Judeu, autor das *Guerras de Alecrim e Manjerona*, queimado nas fogueiras-famigeradas da Inquisição.

Ideai nosso terrífico empenho entre a escravização e a intolerância eclesiástica, a ambição das cortes e a ignorância das milícias e, se puderdes, perdoai não entrarmos em detalhes cansativos, a fim de chegar deveras ao período de nossa experiência cármica. Víamos que a ambição toldava os sentimentos mais nobres. Os portugueses se esqueciam que o homem natural da Colônia era seu filho, era seu descendente, e cobrava-lhe esforços na exaustão excessiva.

Embalde procurávamos acercar-nos do monarca. De um lado a ideia tola e infantil de que as reservas da Colônia eram inexauríveis, e de outro, a preocupação com outros países que pudessem pretender roubar-lhes as terras valiosas. Pensava-se até na possibilidade de se transladar a família real para terras brasileiras, a fim de fugir às lutas ibéricas. Acalentamos esta esperança. Quem sabe, por ajuda desta mudança, não se introduziriam novas concepções nas mentes reais? Como ver aquela terra e não amá-la? Como conhecer seu povo e não o respeitar? Mas... tudo inútil. A corte portuguesa continuava incrustada em Lisboa. Se o Brasil lhe dava muito, tudo perdia com a inépcia das próprias leis de exportação, comprando à indústria londrina seus produtos a preço de ouro.

Os anos se passavam. D. Tônica e nhá Maria se incorporaram à nossa luta, e tão grande número de almas nos irmanavam, na esperança sincera de um Brasil voltado para o Cristo, liberto dos grilhões que o sufocavam e eram uma sangria constante.

O bondoso amigo Antônio Lisboa, que nós sabíamos outrora feitor cruel, o qual amputara pouco a pouco escravos fujões, preparou-se para o renascimento. Seu pai, artífice primoroso, sempre requisitado em toda a região, para confeccionar portais e altares, móveis e igrejas, o recebeu com incrível calor e regozijo. O mulato feinho e atarracado, tímido e triste, trazia do seu pretérito a certeza de muitos crimes e abraçou desde cedo, na arte, o instrumento de ligação com os Altos Planos, fazendo poemas em pedras e protestos em rostos de madonas e anjos.

Alvarenga arrojado mas túbio teve a apoiá-lo pais abastados, e a certeza de que a alma afim da sua, de uma fibra inquebrantável, o acompanharia por esposa. Mais tarde, se encontrariam para formar um lar em bases de amor.

Rolim enérgico, Vieira lúcido e eloquente, Carlos Toledo humano e capaz, envergariam o hábito sacerdotal, e do púlpito pregariam àquelas gentes a igualdade, a fraternidade e a consciência nacional!

Outros amigos abraçariam as armas. Assim encontraríamos novamente Paula Freire como militar, bem como Oliveira Lopes, Domingos de Abreu Vieira, José de Resende Costa, João Dias, José Aires Gomes, Luís Vaz de Toledo Piza e tantos outros... Nós outros, sempre afeitos às letras, tínhamos propugnado batalhar pela justiça no campo da magistratura, procurando, antes de tudo e sempre, influir para que leis menos cruéis nos fossem concedidas...

A família que me acolheria era já brasileira, mas tinha ascendência bastante remota, dos Sirac, antigos ciganos; dos Jason, franceses; dos Clark, ingleses e do amigo judeu frade, João do Rosário pai de Tomé, meu avô. Por motivos econômicos e de ofício, se transladaram para Portugal, embora avô e pai fossem cariocas.

Nasceria eu na península sobre a qual pairavam nuvens negras, que a política e o extremo poder monárquico haviam erguido e abafado, mas minha alegria era saber que reencontraria aqueles céus azuis de nossa luta, e nele meu anjo particularmente querido, Nívea, que se chamaria e de quem falaremos a partir de agora com o nome de Maria Dorotéia, sinhá Joaquina ou simplesmente Marília.

Joaquim José não se importava, como nós, de cultuar desde cedo as

letras.

Nosso beletismo, o culto à poesia, não lhe importava. Achava tudo aquilo muito bonito, mas inócuo.

— Tomás, irei retornar logo após você e Alvarenga, mas não em família de posses ou letras. Seguirei mais uma vez a carreira militar, conquanto pretendesse curar e lenir os males deste pobre povo. No entanto, devo passar novamente pelos mesmos trilhos de exercício, e conto desta vez não ter poder bastante para desmandos. Tenho pedido muito que não me deem cargos em que me tresmalhe e faço firmes votos de honestidade e coragem, que me livrarão de errar outra vez.

Assim, elegeu seu grupo entre entidades às quais se irmanara e, a 12 de novembro de 1746 renascia em Pombal, perto de São João Del Rei. Nhá Maria retornara como escrava de seu pai e Joaquim José recebeu-lhe ternura e dedicação. Seis anos após ganhava ele uma irmã natural, filha da escrava. Voltava, desta forma, Tônica a renascer da antiga escrava, para esquecer os dias tristes em morte cruel e a separação do filho querido, já rapazote.

Desde cedo, Joaquim José amou-as incondicionalmente, com aquele arroubo que punha em todas as suas ações. E era sem temor que se atracou diversas vezes com os companheiros de folguedos, toda vez que pretendiam diminuir ou magoar sua meia irmã, Antônia.

Eu já tornara e o grupo que se reencarnaria era numeroso: Resende Filho, Maciel, antigos feitores, Bonifácio, negros que recolhêramos pendentes nos troncos de tortura, capitães de mato, desbravadores cruéis, antigos quilombolas, e em meio deles a figura mística, que, por razões de antigo desencarne nas garras do suicídio, era devoto ardente da Virgem dos Martírios, da meiga mãe de Jesus, cujo simples nome já bastava para levá-lo às lágrimas, o Joaquim José Emérito de Mesquita Lobo.

Apresentou-me uma ocasião a meiga Maria Dorotéia! Eram irmãos na música. Falou-me ele que, renascendo, dedicar-se-ia à música.

— Sabe, Tomás? Antônio Lisboa será meu contemporâneo. - falara-me na ocasião. - Procurará elevar-se esculpindo a rocha.

Disse-me que pretende dar-lhe formas divinas, ao mesmo tempo que castiga seu coração endurecido de outrora. Eu pretendo fortalecer-me no plano etéreo do som, que cria luzes e amores. Comporei elegias àquela

santa mulher que há sido a mãe de todos nós.

E, quantas vezes depois, ouvia-lhe nas missas o órgão das Igrejas, tentando me explicar onde e quando me parecia já conhecer aqueles acordes que Mesquita Lobo trouxera, como raios de luz nas Minas Gerais!

Mas não apenas nós, seres já afinados àquela hora que viria, irmanados na Espiritualidade, seríamos os autores dos atos nos anos seguintes. Tantos eram os espíritos engalfinhados em querelas de herança, de crimes e paixões, antigos bandeirantes, famílias aristocráticas, nobres e escravos, que eram compelidos ao renascimento, e até desafetos do passado, para um reencontro melhor, que, se não fora a certeza de reencontrar os amigos Cláudio e Alvarenga, se não fora o convite de Marília, por certo, eu mesmo talvez não renascesse naquele palco tão turbulento e naquela Corte tão tenebrosa.

A infância de Tomás Antônio Gonzaga

E renasci, enfim. Enquanto meus vagidos ecoavam do outro lado do oceano, Alvarenga tornava em terras brasileiras.

Falar da minha infância, das tias, das conversas com meu pai, que eu bebia com sofreguidão, já que a mim tanto preocupavam aquelas leis intrincadas da Corte, falar da figura carismática e enérgica do marquês de Pombal, que mais do que o próprio rei D. José I mandava em Portugal, fora tedioso e quase inútil.

Atenho-me a vos dizer que muito pouco tempo estive na península, e vim de perder minha mãe, na mais tenra idade, aos oito meses, sendo que a boa Tomásia passou a ser meu anjo tutelar, desde então.

Era mimado, amado, tendo na companhia de meus tios padres e minhas queridas tias avós todo o carinho e educação primorosa, indo aos sete anos aportar no Brasil, na Bahia, com meu irmão José então com doze anos.

Ali, entre negros e mulatos, comerciantes e governadores, na companhia de primos e tios, fui crescendo, tendo em meu pai um homem que em tudo me abrilhantou a inteligência e burilou o caráter.

Já na adolescência percebia como o velho desembargador, meu pai, tão bem se saía nos muitos conciliábulos, como conseguia, mercê de sua obstinada perspicácia, vencer as causas mais estranhas. Em meio a conversas mordazes, de dúbio sentido, ambições desmedidas, fomentadas baixezas, eu mesmo aprendi, desde logo, a brandir a palavra em proveito próprio.

No fundo, meu espírito inquieto sentia os direitos naturais a cada ser humano.

Nascêramos, eu e Alvarenga, no ano da graça de N. S. Jesus Cristo de 1744 e, com quinze anos, estudando com os jesuítas, vim de, vê-los

cercados e afastados do convívio de seus alunos. Mas, empolgado e jovem, reuni um grupo de colegas e subscrevemos um libelo, um requerimento onde pedíamos que o bom Pe. Manuel Maciel nos pudesse ministrar ensinamentos. Estávamos nos fins de 1759, e ninguém ousava erguer as vozes a favor dos padres! Sabendo do meu intento, papai ficou furioso.

— Estás a te meter em apuros pelas saias sempre, quando não das donzelas, senão das batinas? Tomás, ousas erguer-te contra as determinações do marquês do Lavradio? És um pirralho que comprometes a posição de teu próprio pai. Como se não me bastasse a má vontade dos comerciantes baianos, que desde que aqui cheguei tentam envolver-me em suas tramoias, os abusos, e eu a me dar a ver ao marquês do que faço, eis tu, a te meter entre estes... estes... traquinas... Ah! que não vejo a hora de pôr-te a caminho da Universidade, sob os cuidados de teus tios, que haverão de ser mais severos do que eu!

— Mas, pai, que mal fazem os padres?

— Ordens são ordens, não servem para discurso e sim para obediência. E há que ter em conta que partem de um amigo, o marquês de Pombal, e te hajam por tolo de te ergueres contra ele, ouviste?

Meu pai viera de Pernambuco no começo do ano, passando de ouvidor geral, quando chegara e tomara posse a março de 1752, a desembargador na Bahia, e estava a me pôr freios e encurtar a mesada para evitar encrencas. Há oito anos eu viera para o Brasil. Em terras da Bahia aprendi não apenas a amar aquele povo, cheio de superstição, tão afeito ao sofrimento, mas a respeitá-lo também

Lembro-me especialmente de uma ocasião. Contava eu doze anos. Uma febre estranha me tomava e, extremamente fraco, tremia sob os cuidados de uma tia e suas escravas. Tornou-me cheia de cuidados minha boa tia e chorava, temendo Deus me levasse para si. Então, entre murmurações trêmulas, soube que uma velha escrava alforriada de nome Teodósia andava a curar com ervas e rezas africanas. A princípio minha tia rechaçou com veemência aquela aleivosa ideia mas, premida que haja sido pelo desespero, a que os médicos só respondiam com evasivas, ela cedeu. Fui levado num coche às pressas e às escondidas dos primos e tios que nada sabiam enquanto papai deixava-se ficar em Pernambuco. Não me hei lembrado bem

de tal viagem mas me fora relatada depois pelo Tiãozinho, um negrinho que me seguia e com quem eu adorava brincar.

Teodósia disse à minha tia que a febre era devido a um espírito e titia benzeu-se toda. Que ela me levasse por mu mês seguido a benzer-me e talvez me salvasse. Titia se transferiu para casa de amigos nossos muito chegados, dizendo a todos que uma mudança de ares me faria bem no que foi secundada pelo médico, que, não sabendo mais como me tratar, ficava feliz por se ver livre de tal encargo.

Levou titia consigo os serviçais mais chegados e o Tiãozinho, do qual eu não me quisera apartar.

Findo que foi o mês, Teodósia me tomou pela mão sorridente:

— Vai, sinhozinho, vai sê doutô além do mar!

Minha tia sorriu àquela predição que lhe parecia fruto das conversas a meu respeito.

Mas a boa negra, pondo agora os olhos sérios em minha tia, aduziu:

— Melhor seria que ele de lá não tornasse, iaiá. Sabe que estes maus que o queriam levar...

Titubeou ao prosseguir, mas minha tia pediu:

— Diga sempre.

— Pode ser que a negra Teodósia se engane. Deus guarde seu menino, mas vejo no seu futuro muita intriga, inveja, veneno. Tem ele a coroa na cabeça e a brasa na língua. Bem pode ser que, tendo nascido pra rei, se perca por escravo... Sei não, sei não, iaiá. Estes que agora deixam ele podem tornar amanhã...

— Poderá adoecer novamente? - perguntou titia, temerosa.

— Às vezes a morte é inté meió do que vivê, iaiá. Tenho visto munta gente que morre feliz e outros que vão se arrastando com munto sofrimento, e que só num dão cabo da vida pru sê cristão...

Mas... - e Teodósia riu - pode bem sê que me engane. Ele tem boa estrela, o danadinho. Vai sê munto famoso e munto querido, mas onde há munta felicidade também há munta inveja. T'sconjuro!

Cantou-me uma ladainha estranha que eu não pude entender, nem o Tiãozinho soube explicar o que ela dissera, na sua língua africana.

Mas eu não pude mais esquecer da negra Teodósia e procurei afugentar

seus agouros, coma força do meu valor.

Crescer na Bahia fez nascer o poeta que em mim existia, ver os amigos de meu pai fez-me amar aquela gente, seus saraus, as festas domingueiras, os batuques dos negros nas noites. Encontrei, então, uns negros e pardos tão acintosamente animosos contra nós, os portugueses, que desde então pus-me a pensar que uma sedição na Colônia, poderia levar aquela terra num sem findar de sangues e disputas. Sabíamos que as serras e estradas eram prenhes de negros fujões e aventureiros, que assaltavam até mesmo as milícias, levando ouro e pedras.

Entre horror e medo eu tomava partido dos negros chorosos e escravos espancados e meu pai, vendo-me rapaz afeito mais às causas dos infelizes, que aos folguedos próprios da idade, um dia me disse:

— Tomás, filho, queres te ordenar sacerdote?

Gargalhei de pronto àquela disparidade, embora muito apegado fosse aos bons padres do colégio, de quem aprendi o amor às letras e à mitologia clássica.

— Ora, eu de batina? Bem se me vê! Tosquiam-me os cabelos e vou de pregar nas igrejas a velhos e mulheres?

— Então, rapaz! Decide-te. Queres o que dá vida? Já quase nada tens a aprender aqui e, se ficas, vais a te meter em apuros pela causa de qualquer um que te suplique. Gasta teu talento com as donzelas que suspiram por teus versos.

— Quero estudar leis, meu pai, não alcovas!

— Como se eu não soubera. - falou ele, aprovando-me a escolha com satisfação. - E bem o farás. Foste talhado para isto. Para o ano partirás para Lisboa e de lá para Coimbra. Muitos amigos nossos têm lá seus filhos e os nossos parentes te acolherão com alegria. E, cuida-te, Tomás, não sejas estouvado ao analisar cá a terra aos outros. Pensa que não te ouvi outro dia? Estavas a falar com o jovem José. Filho, os reinóis não suportam os naturais e estás sempre a pleitear-lhes favores. Cuidado, pois, que o próprio mel que usas nas palavras não os engana. Pensas que a tua ironia passa despercebida?

Ah! Meu rapaz! Cuida do teu futuro! Não fiques a colher cada sonho doido que te visita. O rei é duro e se o nosso amigo Pombal o retém em suas

malhas, pensa um pouco que um só erro pode alijá-lo para sempre.

— Discordo, pai. O nobre marquês é ardiloso. Tem seus motivos e vê melhor que o trono. Hás de vê-lo, por muito tempo, a manobrar papéis e leis, com aquele seu tino de raposa.

— Pois que seja assim! Achas que os ventos sempre sopram do mar e não cuidas das virações da noite? Fico contente que hajas escolhido seguir-me a carreira, porque já tens minha experiência a te escudar. Sê justo, como te hei ensinado, mas cuida-te de jamais, entendes, jamais colocares teus próprios interesses à frente dos demais, e também não esqueceres de ti mesmo, porque não o farão por ti. És muito sonhador, filho, e isto me preocupa deveras. Começa a preparar-te desde já. Há muito que estudar, ver o que pretendes levar contigo, amigos a se despedir, e suspiros a donzelas. Manganão, pensas não te conheço? Quantos corações se quebrarão ao partires.

— Não que eu o sabia, papai, que a nenhuma hei feito promessas, senão cantado as graças. A isto me ative.

— Bem vai-te a consolá-las. Pelo menos, enquanto isto, para de te meter onde não deves.

Papai falava-me das jovens a cujo encanto eu não era infenso. Eram todas formosas e gentis, mas meu coração inconstante balançava ora por uma, ora por outra.

— É que meu patrãozinho ainda não foi fisgado no coração.- falava Tiãozinho, que andava caído de amores por uma negrinha recém-vinda e que pertencia a um dos amigos de meu pai. - Amor é pior que carrapicho, sinliô.

— Sei, Tião. Se amar é ficar como tu, babando os beijos, e a suspirar assim bem-faço eu de não me dar por fisgado.

— Num brinca não, sinhô Tomás. Todo homem tem seu dia. Vosmecê inda vai sofrê de mal de amor.

— Eu? Mas serei tão estouvado que me deixe cair assim, como tu?

—E por que não, sinhô? Num é vosmecê homem de coração duro. Esta arreliação é puro disfarce, que melhor que ninguém eu conheço vossa bondade.

Quando Tião se punha a me elogiar, era quase certo que a pedir-me algo

logo se proporia.

— Anda lá! Digas sempre! Não te arreceies, homem! O que andas a querer? Olha que logo me faço às velas e não verás ninguém a te acudir aos rogos.

— Bem vê, quero ficá aqui...

— Ora, quem me diria? Depois de tantos anos a me acostumar contigo e queres deixar-me?

— É que... sinhozinho...

— Já sei. Estás de caso com aquela crioula do cais. Pois seja. Pretendes abandonar um amigo pelos olhos de uma mulher. Eu jamais trairia alguém que me quisesse tanto.

A verdade é que me doía afastar-me dele e, por isso, o apostrofava a ver se se decidia a ir comigo.

— Isto passa, homem!

Mas Tião só me olhava com aqueles compridos olhares e não cedia ao rogo a suplicar por eles.

— Pois seja! A ver se eu me fio mais na amizade de um homem! A tal não me darei a esta empresa, sem que a mim tolo tome. E faço mais. Verás que não sendo tu meu amigo, que me deixas por um rabo de saia, melhor o saberei ser contigo. Compro-te aquela escrava. Hás de ver como eu a compro. E, então, assim partirás comigo.

Hei eu de ser a vós Cupido?

Tião bem me entendia o arroubo e a zanga. Beijou-me as mãos enternecido.

— Que é isto, homem? Não é preciso tanto.

— Siô Tomás compra ela! Ela serve bem a vosmecê...

— Bem, que remédio. Estás caído e tolo. Vou a intentar isto. Olha que não te prometo. Sabes que não estou a nadar em ouro. Bem pode-se tentar alguma coisa. Mas para de fazê-lo dar na vista e, aí de ti, partirás sem ela.

O bom negrinho saiu a correr risonho. Por certo, ia dar ciência à sua escolhida de a quanto eu me poria por ela. Não adiantava chamá-lo, nem avisá-lo. Ia dar a ver os meus intentos e subir assim o preço à escrava.

— Quão tolo fica um homem quando enamorado. - falei eu.

Mas eu não sabia ainda quão fortes são os laços de amor e como eles

prendem e perdem...

Roguei a papai a compra da escrava.

— Por que ela? Tão desajeitada ainda e não é dos nossos costumes...

— Sempre é moça e pode aprender.

— Pensa que me enganas? Estás a me esconder os motivos desta transação.

— Ora, não a quero para mim, para... se é o que pensas!

— Bem podia ser, que estas negras são ladinas e a muitos têm enredado em seus... encantos. - falou papai, procurando dominar a palavra que quase lhe escapava.

— Se não é para teu regalo, para o que é, então?

— Ora, papai, não posso escolher uma cria para que me sirva?

— Pensa que me enganas? Ou diz-me ou não a compro!

— Bem que és mais ladino do que eu, não precisas ser tirano!

— Tomás! – rugiu papai. - Diz-me ou não a compro!

— É para o Tião. - disse eu, finalmente desarmado.

— Pois, então, agora és alcoviteiro de negros!

— Ora, se se fazem com gosto, melhores e mais escravos ganho!- argumentei.

— Pensa que não te conheço, só porque não pude privar de ti por mais tempo? Com este coração de geleia, mal vais, rapaz. Uma inteligência tão arguta e um coração... um coração tão mole! A vida não é como tu pensas, Tomás. Tua tia, teus tios, eu mesmo te mimamos demais. Pensas que podes sempre fugir da verdade com esta prosápia toda? Bem.. Verei o que posso fazer, mas não te prometo, em todo caso. Tua viagem em si mesma já me é dispendiosa, sem que saias por aí afazer-te de comadre.

— És um homem justo e bom a te fazeres de duro, meu pai.- respondi beijando-lhe a mão. - Bem sabes que meu coração é herança tua.

— Não estejas a me culpar disto, que não o suporto. - falou papai.

Ei-lo a conseguir a barganha da escrava e eu a ver o bom Tião consolado, já nem cuidava se o levaria comigo ou não. Além disto, sempre havia o negro Tomás, batizado com meu nome, por instâncias da nhá Rosa Maria, que me adorava.

— Deve-o a meu pai, que não a mim - disse a Tião. - Não esqueças.

Serve-o com carinho, agora que me ausento.

— Deus abençoe, sinhô. Vai achá uma boa muié que te ame.

— Para de agourar-me. - disse a rir-me do pobre. - Estás com cara de tolo!

Mas eu temia um dia ser tão ou mais tolo do que ele, a me prender nas madeixas e tranças que eu sabia amar em sonho. Por ora, eram apenas sonhos, mas eu temia encontrar aquele rosto... temia e desejava ardentemente.

Tomás embarca para Portugal

Bem ... parti e acabei por deixar em terras do Brasil o bom Tião, levando comigo o escravo Tomás, que haveria de me acompanhar como amigo fiel até o fim de minha vida, bem como dois primos, sendo um da cavalaria, o amigo João Clarke.

A viagem de mar, que tão bem me lembrava aquela outra, em que eu viera menino, junto ao meu irmão José, cheio de temor e curiosidade, transcorreu tranquila.

Estive sempre a conversar com os marinheiros, a descobrir os nomes de seus instrumentos, do velame, das cordas, dos nós, da troça, naquele sentido que os portugueses sempre têm e tiveram e que tanto me valeu a ter-me conhecido de todos, como conhecedor de tudo.

Alguns meses e aportamos em Lisboa, em Cascais, e estive no Porto a rever a casa de meu nascimento e infância, velhos companheiros de folguedos, tomados jovens como eu.

— És sempre mais um natural da Colônia. - falou-me um deles. - Mal te conheço tão tostado estás, quanto maneiroso como a falar língua estranha.

— Te atrapalhas na língua porque queres. - respondi-lhe. - Que, se hei cá nascido e hei tornado, sou tão português quanto tu mesmo! Me invejas, isto sim, ser viajado, a conhecer coisas que um homem às vezes duvida existam além-mar.

... Saraus, festas e o tédio entremeado a algumas surpresas boas.

Eu a conhecer-me quase esquecido de todos, já barbado e a encontrar tão díspares nossas disposições, que até me irritavam

Se os surpreendia a falar mal da Colônia, subia-me o sangue à cabeça:

— Falas o que não viste nem sabes. - retrucava eu sob o olhar reprovador de meu primo. - Não é bem assim A terra é gentil e bela. Hás de vê-la um dia. Suas praias são as mais hermosas que hei visto. Seu clima é

caloroso e esplêndido. Bem vês que quem para lá vai dificilmente torna.

— Ou torna como tu para te reeducares. - me respondiam em blague.

— Que remédio? Pois se lá não se deixam a ir uma Universidade. - tornava eu. - Por que a Corte não a deixa ir lá, pois não? Temos nós, portugueses e seus herdeiros, de crescer sem completar nossa instrução? Estais a temer-nos por rivais?

A conversação prosseguia em risos e um amigo ponderava:

— Tal pai, tal filho. Tolo quem quiser argumentar com estes...

Depois, em Coimbra enfim, a casa alugada e a turma de estudantes, onde não encontrei quase nenhum coração que amigo meu fora. O dinheiro curto, as pândegas e sempre a presença de meus primos, entre eles o Alvarenga, popular e verzejador.

Dava-se muito valor então a quem tivesse o dom da oratória, e mais o de fazer um glossário escrito que fosse, ou dito em repente. E nós dois, mais que os outros, dados às musas, de um arcadismo puro mas não menos popular, éramos sempre requisitados para os saraus familiares, onde, competindo com os colegas, havíamos de cantar louvando donzelas e nobres importantes...

Nas folgas corria sempre que podia ao Porto, a rever as tias que me amavam. Estavam sempre a regalar-me com guloseimas, presentes, roupas, o que me valia nas aperturas em que me via.

Estávamos no ano de 1762, quando vim de começar meu curso.

Minha irmã, freira do mosteiro de Santa Clara, Francisca Gonzaga havia falecido no ano anterior. A cidade de Lisboa ainda estava em ruínas, dado o terremoto que a atingira naquela Semana Santa falta (1755). Parecia que Deus havia de castigar aos reinóis tantos e tão desumanos desmandos no mundo novo. Meu primo Alvarenga tomaria seu grau em 1767, enquanto eu só o faria no ano seguinte.

Estava eu cheio de pretensões e de sonhos de grandeza. Queria ser professor de Direito e o amigo de meu pai, o marquês de Pombal, estava sempre a me orientar na leitura dos cânones de Direito, para que pudesse me habilitar a atingir tais pretensões.

Mesmo em Coimbra sentia-se certa animosidade para com a Colônia. Os reinóis não lhe davam o valor que convinha, embora orgulhosos de suas

riquezas. Pareciam raposas matreiras, mas em matéria de negócios perdiam para os orgulhosos e ardilosos ingleses, que se impunham pela sua indústria e comércio superiores, e as batinas também suplantavam as leis em benefício próprio.

Era um quadro difícil de analisar, com interesses mesquinhos por toda a parte, luxo, frivolidades, luxúria, invejas, torpezas, dissimulações...

Quantas vezes nos anos seguintes vi meu pai, que já retornara a Portugal, após vencida sua desembargadoria na Bahia, e o marques de Pombal discutirem com respeito à inépcia de D. José I, que se não fora pelo nosso amigo já perdera a Colônia para a Inglaterra, ou mesmo para a França, que intentara tirar-lhe partido em sortidas, que só não vingaram pela interferência dos colonos de além-mar.

— Hás que ser gentil com eles e matreiro. - disse-me Pombal, numa das festas de aniversário, em que eu regara com versos e elogios nosso bom amigo e seus convivas fastidiosos.

— Tomás, não te deixes levar pelas aparências, meu jovem Eis aí estão meus amigos e, entre eles, quantos eu sei gostariam de ver-me coagido e indefeso. - dizia ele a sorrir, levantando a taça em brinde, àqueles mesmos que denunciava. - Este trono vai mal, se perdermos a D. José que me ouve. Já a filha, anda enredada pelo luxo e, conquanto piedosa, deixa-se levar por gente sem escrúpulos. Não se simpatiza comigo, e, o que é pior, tem-me até uma certa aversão, que nem disfarça. Vamos mal se não consigo tomar a Colônia dos contrabandistas e piratas, aos padres ladinos que tomam aos naturais os metais para si... Não sei não, meu jovem. Precisamos de gente nova e esperta como tu, ou a miséria nos alcançará e com ela a sublevação.

— E como contas ajudar a Colônia sem trair a Coroa? - perguntei, com ânsia de lhe ouvir os sábios conselhos.

— Nenhum mas nenhum grilhão deixará de se partir um dia. Há apenas evitar que se faça breve, dando aos naturais meios não só de se fazerem dignos, como de nos suprir do mesmo que os ingleses nos impõem a alto preço!

— E como?

— Ora, deixando que lá, que é terra propícia, se façam as indústrias de ferro e tecido, para não os termos já de comprar. Fiquei abismado com a

perspicácia daquele homem, enquanto ele, requisitado por outros convidados, lá se ia a despedir-se de mim com um sorriso de cumplicidade.

— Eis aí vai um homem de verdade. - dizia meu pai. - Que não se corrompe, nem se deixa levar...

— Quisera ser eu um dia tão hábil e astuto como ele. - dissera eu.

— Há sempre quem peça a cabeça a quem a tem - falou meu pai, desalentado.

E, àquele pensamento, estremeci involuntariamente.

Tomás despede-se de Portugal

Aquela estada na Corte tornou-me um homem amargo e desiludido. As intrigas se sucediam, e os favores pesavam demais nas conjunções da sociedade.

Entre os colegas da Faculdade, eu me ligara mais àqueles recém-chegados de terras do Brasil, por me lembrar da vida folgazã levada na Bahia, e da beleza selvagem e doce daquelas praias amoráveis.

Entre eles, sentia especial amizade por José de Sá Bittencourt, cuja família em terras baianas sempre foram muito chegada à nossa. Também privava com Cruz e Silva, o qual mais tarde reencontraria em situações opostas.

Os lusos jamais me perdoaram o garbo com que rememorava os anos loiros da minha mocidade, como também não entendiam o carinho extremado aos jesuítas, que me inculcaram desde cedo ideias tão arejadas de fraternidade entre os povos e amor a Deus e à Verdade.

Afeito aos livros, era a poesia a minha amiga constante, nas horas de desabafo, ou a cantar as belezas das lindas raparigas da Corte. Aprazava-me namorá-las sem me prender a nenhuma. Meu coração não se deixava levar por muito tempo, achando-as em sua maioria frívolas e interesseiras.

Não sem surpresa vi muitos nobres, com os quais deparara de véspera, serem acusados de traição à Coroa, condenados à morte e à prisão.

Senti, desde logo, quão férrea era a mão real e quão inócuos e vazios seus decretos e editais. Estava particularmente aterrado com a inépcia com que se dirigia a Colônia distante e, a cada édito real que a ela se dirigia, ouvia o sussurro abafado mas justo, de quantos brasileiros me partilhavam a companhia e de Alvarenga.

Não eram nossos pais também filhos daquelas terras do Brasil? Eu nascera no Porto, mas vivera toda minha adolescência na Bahia e os

compreendia. Tinha-me como um deles. Naqueles anos terríveis, tentei debalde a cátedra na Universidade, e escrevi uma tese a respeito do Direito Natural da Criatura Humana, direito este inalienável que nasce com a criatura e que nem sempre é respeitado pelos outros. Minha tese foi brilhante, aplaudida pelo marquês, mas nada mais. Papai tivera um grande cuidado em copiá-la manualmente, e fora impressa com luxo e capricho. Apesar do que eu julgava em mim uma grande capacidade de persuasão, o assunto não fora do agrado de todos e, por mais veladas e tímidas fossem minhas observações a respeito, não fui promovido.

Formado, fui ter o cargo de desembargador, tal como meu pai o fora em Pernambuco, nos meus verdes anos, e, apartado dos colegas e das farras, senti-me perdido em trabalhos e canseiras, vegetando e tendo alguns casos amorosos, que sempre me deixavam abatido e envergonhado de mim mesmo. Aquela terra, que eu amava, conquanto fosse meu berço, me sufocava as aspirações mais nobres.

Perdia assim os ridentes anos da juventude, ingressava na idade da maturidade cheio de sonhos, mas incompleto, ressabiado e desiludido.

Na pequena luta que, para mim, era de si tão dura, fui chamado a ser juiz-de-fora em Beja, onde vim a ter um caso ruinoso com uma jovem local: Maria Emerenciana.

Fiquei em Beja por três longos anos, até que fui transferido, chamado a ser Ouvidor dos Ausentes e Defuntos da Capitania de Vila Rica, em terras brasileiras.

Antes porém que tal se desse, estávamos todos apreensivos e desiludidos. Subira ao trono D. Maria I, e com ela todo o desencanto com a monarquia. Nosso amigo particular, o marquês de Pombal, fora considerado traidor, e condenado à morte. Papai e alguns amigos tudo fizeram, enquanto na prisão, o amigo ministro definhava.

Finalmente, fazendo-se de piedosa, único recurso que parecia encantá-la, ou seja, passar por clemente e bondosa, a pobre e quase demente rainha revogou a sentença cruel. Uma vez solto porém o orgulhoso amigo sucumbiu à dor. Pertinaz e terrível moléstia minava seu organismo. Quando o fui rever, antes de partir para o Brasil, estava com os olhos, outrora argutos, embaciados, o antigo orgulho era agora uma emoção constante, o

ânimo alquebrado.

—A quantas pode abater um homem as sentenças dos outros! - pensei.

Vinha eu de ler os humanistas da época; Voltaire, que ridicularizava a figura do rei de Portugal; Rousseau e seu tratado, ideias mais liberais nos visitavam nos livros franceses, embora proibidos pela monarca, medrosa de sua influência.

Nunca mais esqueci o abatimento moral do amigo conde Oeiras (marquês de Pombal) e como são perigosas as injunções políticas e frágeis os cargos dependentes do poder real.

Rever o Brasil! Meu coração sentiu como se lhe cortassem as cadeias. Partir! Voltar!

Meu pai, entretanto, não me acompanharia. Os anos já se faziam sentir duros para ele e, com lágrimas sentidas, entre a felicidade de ver-me longe das maquinações da Corte, e as preocupações por ter-me apartado de sua existência e experiência, conversamos longamente às vésperas de minha partida.

— Quisera ver-te voltar com uma família. Tomás, filho, teu futuro me preocupa muito. És tão carinhoso, sensível, tens um coração de ouro que vives perdulariamente a dar a causas perdidas. Por que não te afeiçoaste a quantas jovens suspiram por ti?

Papai tinha esperanças de que acabasse por me consorciar com Maria Emerenciana, que me dera um filho.

— Hás sempre de ter em mim uma moça casadoira? - perguntei-lhe a rir.

— Brincas com os cuidados de um velho por ti? Não sabes quão pesados hão sido os anos para mim sem o carinho de tua mãe, que tão cedo nos deixou. Tuas irmãs e irmãos estão encaminhados. Todos os meus cuidados ficaram para ti, filho.

— Então, por que não vens comigo? Não gostas também daquela outra terra, em que tu mesmo nasceste?

— Bem sinto que deveria seguir-te, para cuidar que não te ponhas a ferros pela causa de algum mariola. Filho, brincas com as palavras, como se fossem brincos de donzela, e foges das moças como se elas fossem um perigo à tua vida. Não pensas em ficar com uma mulher e teu filho? O

Brasil é uma caldeira em ebulição. Os naturais da terra andam dia a dia querendo quebrar os grilhões da Coroa. Sedições as há tantas, e tanta crueza para quem intente levar para si uma pepita, quanto uma pedra de jaez. Traições, delações, infâmias, mentiras. Tenho ouvido coisas tenebrosas, filho, que a um homem não é possível tolerar. E tu não tens água nas veias. Conheço-te. Olha o exemplo do marquês. Que te sirva, para que te lembres que nem sempre honradez e inteligência comprou paz e riqueza. Não vais encontrar lá só um paraíso da natureza, mas como Ouvidor que tens que ser cioso à causa da Coroa, como te haverás entre compactuar com os governadores ladrões e o povo infenso? Eu sei o que te espera. Ignoras que hei sido também desembargador na Bahia? Desde aquela outra época já se fazia sentir o ódio dos naturais aos reinóis, que era como nos chamavam. Não é possível que partas sozinho. Se tiveres a companhia de uma esposa e dos filhos, acautelar-te-ás do assalto e das ciladas da justiça real. Mas queres partir só. Hei de morrer sem ver-me netos, que não os me dás?

Eu sabia que aquela lamentação toda tinha outros fundamentos. Ao ver que eu não cedia aos seus rogos para um consórcio, e vendo-me fugir para terras distantes, Maria Emerenciana, provavelmente, procurara meu pai, pondo-o ciente do nosso caso. Por certo, ele já sabia de tudo bem antes, porém respeitava meu silêncio. Agora fazia pesar sua autoridade na balança, para ver-me assumir um compromisso maior. Não falava mais abertamente, para não ferir meus brios, mas fá-lo-ia, antes da partida, como último recurso.

Aquelas observações eram sensatas e eu mesmo já as fizera, porém com aquela alegre ironia com que pintava tudo, achava-me a salvo das injunções do cargo difícil.

— Sempre me hás de cobrar filhos? - perguntei. - E pensar que por pouco não me fazias padre. Há que entender-se os pais. Não me hei fispado pelas setas do amor. Para que iludir mais moças e ser por elas iludido?

Meu pai pareceu desanimar.

— Quem sabe no Brasil encontrarás alguém que te ponha uma aliança e mais juízo à cabeça.

— Por pouco não me persuades a ir lá buscar uma noiva! Que seja, pois. Há de ser tão formosa que ficarás com os beiços caídos, quando a trouxer cá

para que a abençoes. Prometo-te que a irei procurar, para que estejas descansado, e, quanto ao mais, não te preocupes. Sou teu filho, pois sim? Hei de ser tão tolo que me deixe perder no cuidado dos naturais e nas exigências absurdas desta rainha que há sido a vergonha desta terra? Depois de um devasso, o que se haveria de esperar viesse das Cortes?

— Cuida que não te ouçam!

— E quem nos ouviria? Um rei, conquanto apoiasse nosso amigo, só fazia rezar ladainhas e administrar pessimamente, enquanto se espreguiçava nos braços das cortesãs, um rei que tem tantas imagens de santo, quanto mulheres num harém, e que é tão sibarita que até a uma cigana há chamado para dormir junto? Às vezes penso que melhor estava Portugal como dependente da Espanha, a ser governado por esta família de... piedosos loucos. - E, mudando o rumo do assunto. - E o marquês, pai? Vê-lo-ei de novo antes de partir?

— Não acredito seja possível. Acaba ele de enredar-se nas próprias malhas, o infeliz. Bem que lhe avisei que aquela ojeriza aos clérigos haveria de ser mal, bem como seus cuidados na exportação acabariam por atrair contra si os ingleses e os comerciantes. Pensava poder manejar tudo, como tu mesmo, e até as pressões demasiadas à Colônia lhe farão prejuízo. Quanto maior a pressão maior a explosão; maior a altura, maior o tombo. Ainda houve-se por feliz de não haver rolado a cabeça. Bem lhe avisei que a Corte sempre pede a cabeça a quem a tem ...

— Melhor seria morrer. A vida às vezes é maior castigo. - disse eu pensativo.

— Não há que ver-se que no Brasil a gente é de índole pacífica, que tudo tem aceitado de boa mente, porque a cerceiam demais, como se não fora humana e isto não é bom. Conquanto a mente lúcida, não houve o marquês como sair-se de tantos desvios. Tem inimigos acerbos, quem não os tem? E os amigos nem sempre são sinceros, senão bajuladores. Não creio que terás outra ocasião de vê-lo. Julgo-o chegado ao seu fim. Triste fim. Pensa, pois, no que te hei dito.

— Escrever-te-ei e espero não me negues uma resposta só por ser solteiro.

— Sempre receber-te-ei com agrado e não brinques com o sentimento

de um velho, que só tem amor por ti neste mundo e que te vê partir tão preocupado.

Não pode terminar, abraçando-me com lágrimas que não envergonham um homem, antes o engrandecem Não pude deixar de abraçá-lo também, com amor redobrado.

— Hás que me escrever e me enviarás da Corte quantos livros e roupas bonitas, por tornar-me mais sábio e mais belo, assim, quem sabe, arranjo-te a nora que tanto anelas.

— Envio-te, rapaz. Envio-te, desde que me arranjes uma filha e um mutirão de netos.

Outras vezes tornou-me a fazer as mesmas observações:

Que não confiasse em ninguém Que escolhesse os amigos e fugisse a contendas e que me enamorasse, acalmando as ideias de justiça, que eram muito importunas, servindo a uma senhora tão cruel.

Na véspera de minha partida, ei-lo a entrar à noite em meu quarto com uma caixa de canela ricamente ornada:

— Tomás, guardei esta joia durante muito tempo. Foi de tua mãe. Está comigo desde que ela partiu. Não preciso dela para lembrar-me de Tomásia, que nunca se apartou de meu coração. Falar-te da falta que ela me faz seria demasiado cruel na véspera de tua partida. Espero que um dia encontres uma jovem tão bondosa e bela como tua mãe e que a desposes. Esta joia eu a dei à tua mãe, no dia de nossas bodas, e tu a darás à tua noiva com minha bênção.

Pensei em brincar novamente, dizendo que sempre haveria ele de querer-me casado, mas preso por indizível emoção não pude, então, fazê-lo.

Abriu-me diante dos olhos a caixa e vi, num fundo de veludo carmesim, uma joia delicada de raro encanto: uma gargantilha de filigrana portuguesa ricamente trabalhada e ornada de pedras rutilantes, pérolas orientais.

— Não quererás tu mesmo colocá-la no pescoço de tua nora? - perguntei-lhe.

— Estou velho e cansado. Não pareces ter pressa de realizar o sonho de teu pai, mas estarei presente nesta lembrança no dia de tuas bodas, caso haja partido.

— Pois Deus é bom e não haverás de partir antes que eu te veja sorrir de

novo. - falei, abraçando-o comovidamente.

Papai fechou a caixa e me entregou, retirando-se do quarto.

Fiquei com ela entre os dedos a pensar na figura de minha mãe, que eu vira em quadro e medalhão, tão loura e meiga. Que falta ela me fizera na infância e que falta fazia naquele instante a nós dois. Seria mais fácil partir sabendo-a com meu pai. Deus jamais deveria separar duas pessoas que se amassem - pensei. - Já é tão difícil encontrar quem nos compreenda e seja afim.

Lágrimas sinceras correram-me nos olhos e guardei a caixa em meio às minhas malas de bagagem

Emocionado ante a separação dos meus, pensava em como aqueles anos haviam sido difíceis.

Lembrava-me especialmente de algumas tertúlias na faculdade e um rosto veio-me à lembrança, nítido; Cruz e Silva. Estremeci involuntariamente ao recordar as nossas disposições em contrário, na matéria do Direito. Falava-me ele do direito divino dos reis, enquanto eu o exprobrava, falando do direito inalienável da criatura humana, a quem os reis representariam citando fontes da *Bíblia*.

— Hás de sempre ver o Cristo como uma vítima dos reis da época, de César, até dos sacerdotes do Templo. Todos foram-lhe juízes e algozes implacáveis.

— Não hás que misturar as tuas regras jesuíticas à causídica da Universidade!

— Que por mal me hajas, se tenho Deus no coração tão bem implantado, que não preciso estar a comungar e cantar ladainhas nem a premiar altares, para cobrir noites de devassa e sangue do cutelo do carrasco. - falara eu.

— Exprobras assim não a mim - dissera Cruz e Silva. - Estás a exprobrar o rei!

— Só estou a dizer-te porque aceito a Deus e o que acho daqueles que o tentam comprar, por não viver com honra! Tu é que disseste que o que eu falei di-lo pelo rei.

— E o negas?

— Hás de sempre querer-me pegar nas próprias palavras,

acrescentando-lhes outras. Se achas que ao rei me dirigi.. então é porque o julgas devasso. Tal eu não disse. É julgamento teu. Não te creio afeito a estudar Direito. Melhor te haverias como juiz ou carrasco!

Na verdade, as minhas antipatias por Cruz e Silva tinham raízes outras. Tentara enredar-me ele nos cachos de sua prima e, como me fartara de fugir aos seus intentos, começou a indispor-se comigo. Para meu maior zelo, ainda me ative a cantar os olhos garços de uma senhorita, uma graça de jovem muito bem posta, visto herdeira de vasta fortuna, neta que fora do tio de meu amigo, Maria Emerenciana. Seus pais residiam em Beja e ela frequentava Coimbra nos festejos de fim de ano em casa dos tios.

Cruze Silva viu nela não apenas uma jovem cuja graça se impunha, mas também a possibilidade de um consórcio vantajoso. Num dos saraus, cantei-lhe as graças dos olhos, os cabelos anelados, a alvura do colo no colete apertado também rememorei, e ela ficou encantada com aquelas medidas que se lhe rendiam. Cuidou de fisgar-me e Cruz e Silva não poderia jamais perdoar-me aquilo.

Destas trocas de impressões ficou-me um caso que durara três anos e um filho natural. Todos sabiam Maria Emerenciana era bela, jovem.. Afinal, após três anos, quebrou-se o encanto. Fez-se chorosa. Desejava um consórcio. Eu não me queria ver casado. Brigamos. A separação veio inevitável e Cruz e Silva acho que nunca me perdoou...

Revirando nas mãos a caixa de canela, pensei: "por que me ativera e a tais lembranças tão desagradáveis?".

Que me importava o antigo colega? E Maria Emerenciana? Era de presumir-se que já os houvesse esquecido.

Tantos anos já se haviam passado e ali estava eu a lembrar-lhes o semblante animoso. Talvez meu pai tivesse razão. Melhor seria não continuar a atrair para mim tão penosas ligações. Mas, afinal, não fora minha culpa. Cruz era demais aborrecido com aquela bajulação sibilina ao rei, e Maria Emerenciana era apenas bela. Depois não a deixara eu para o amigo?

No entanto, embora me recolhesse na esperança de descansar, uma vaga sensação de presença me punha um torpor lúcido. Continuava a recordar. Os dias como desembargador e os Macedo. Aquela causa de exportação do

tabaco e vinho, os presentes extravagantes em seda e veludo. A insistente presença da jovem Júlia. A desagradável sensação de que tentavam comprar-me para genro. Acabara por devolver as peças pelo Tomás, com um subscrito:

"Sinto-me indigno deste régio presente e não o podendo aceitar, sem que me haja por ingrato, hei de vê-la melhor posto nas graças da senhorita Júlia, para encanto dos salões que tanto necessitam de sua divina presença".

Não poderia mais receber tais pacotes, embora adorasse andar na moda, e eu mesmo bordasse meus casacos de festa. Não era eu tão bom partido assim. Outros teriam maiores riquezas, mas era honrado e a poesia tornava-me ora desejado, ora perseguido.

Papai intentou aproximar-me das filhas de conhecidos seus. Não direi que era totalmente indiferente às suas graças. Houve uma em particular que quase me susteve o coração. Tratava-se de Cândida, meiga como o próprio nome, mente culta, organista inspirada. Senti-me naquela época quase realizado. Mas Cândida tinha extremada coqueteria. Impingia aos servos uma vigilância velada e dura e isto desvaneceu a imagem pura que eu fazia dela.

Uma entidade estava ao meu lado e me afagava os cabelos, sem que eu percebesse e, ao seu toque, comecei a relembrar vários fatos desagradáveis, nos quais meu tino de justiça me comprara inimigos velados. Um morder de lábios, um franzir de sobrolhos, que outrora me pareciam insignificantes, ora me revelavam ambições ocultas, desejos sufocados e, em todos os casos, eu fora a causa de muitos receios e decisões justas. Era bom partir. Procurar viver diferente. Não me imiscuir tanto nas causas alheias, conquanto o cargo me impusesse tais embargos. As criaturas humanas são quase sempre mesquinhas. Esquecemos favores, mas jamais os agravos.

Na lembrança, a amizade de Alvarenga e meu primo José eram mais doces que as demais.

A boa entidade, que não era outra senão Tomásia, minha mãe, fazia-me rememorar tais eventos, com muito tato secundada pelo velho judeu que comparecera à reunião espiritual anterior ao nosso reencarne, levando-me a sentir o perigo das minhas atitudes, que eu precisava o quanto antes cuidar, para não me enredar em malhas perigosas.

E, sob o doce carinho de suas mãos queridas, adormeci indo ao seu encontro, para ouvir as mais doces ponderações que um mortal jamais ouviu.

Leve, como se penetrasse no mundo dos sonhos, senti-me em espírito à beira da cama, sentado, e vendo-a então, estreitei-a junto ao meu coração:

— Mamãe! Há quanto tempo! Que saudade!

— Tomás, - respondeu-me ela, com um carinho inenarrável - por que não escutas as ponderações de teu pai?

— Também queres ver-me casado?

— Sim, filho, mas me refiro particularmente às tuas atitudes, nos casos em que te envolves, por injunções do cargo.

— Haverias de querer-me corrupto? Não foram estas as disposições com as quais renasci.

— Não. Não te quero corrupto. Contudo, não poderias ser justo, deixando de lado a mordacidade de alguns comentários e o pouco caso que fazes das pessoas que poderiam te empurrar em abismos?

— Oh! Mãe! Esta gente disfarça tão mal os próprios desejos! Pensam comprar-me favores. Fingem-me amizade e queres que compactue com isto?

— Às vezes é melhor calar. Ferir o orgulho desta gente, brincar com questões que para eles são vitais, não haverá de te fazer bem filho. Há sempre quem nos busque perder. Não faças tu inimigos gratuitos. Chega os que já tens do passado, e que te procuram perder. Cuidado, filho. Tenho muito receio por ti nestes dias duros, porque tantos se ajuntam para tua perda aqui e aí...

Mamãe beijou-me as mãos. Nos cantos do quarto parecia-me ver vultos escuros e ameaçadores, mas, tomando-me as mãos ela me fez voitar⁽⁶⁾ consigo para uma região meiga e gentil, onde um rio manso corria. Na casa da fazenda, um senhor beijava uma linda menina de cabelos negros, que adormecera. Seu corpo bem-feito, já mocinha, a tez pálida, os lábios pequenos entreabertos, o colo alvo, tudo nela fazia-me bem...

— É um anjo. - disse à minha mãe.

— Tens razão, filho. É teu anjo bom e breve irás vê-la em terras do Brasil.

Tinha ela, então, seus dezoito anos, estando eu com trinta e sete, mas parecia-me mais jovem perto de mim quase uma criança.

Mamãe tocou a destra da meiga jovem que, desprendendo-se do corpo, viu-me e correu para mim

— És meu noivo! - disse-me ela, abraçando-me e beijando-me a face.

Assustado com o inesperado, olhei para mamãe mal sustentando nos braços aquela meiga e gentil menina para mim, malgrado seus dezoito anos em flor.

— Não me reconheces? - tornou ela. - Eu, no entanto, te reconheceria onde quer te visse e como estivesses.

E, fazendo um esforço terrível, foi-se transformando aos meus olhos até atingir as antigas feições, com as quais eu a conhecera anteriormente.

— Lembras-te de mim, agora? - perguntou, sorrindo.

Sem que eu pudesse explicar, lembrei-me:

— Nívea! - balbuciei, abraçando-a.

E ficamos uns instantes juntos, enquanto ela me mostrava a casa onde vivia, aqueles sítios claros e hermosos, os céus coruscantes de estrelas e, beijando-me as mãos, disse:

— Espero por ti. Guarda-te para mim Cuida-te, querido, para que eu possa ser feliz!

Atraído por minha mãe, vi-me tornar ao quarto meu de onde saíra, sem bem compreender o que se passara.

— Cuidado, meu Tomás. Não hás de querer perder este anjo bom por um descuido. - falou mamãe.

— Mas e os anelos de Fraternidade, de Igualdade e Liberdade que devo defender? - perguntei.

— Solapar um muro de pedra, não é o mesmo que esmurrá-lo com as mãos nuas. - falou-me mamãe.

Lembrando-me dos antigos amigos e dos últimos instantes anteriores à reencarnação, quis arguir mamãe quanto a eles, mas ela, como que adivinhando-me os pensamentos, retrucou:

— Breve vê-los-ás nas Minas Gerais. O bom Joaquim José tem tido uma vida dura, e continua disposto a tudo. Rolim e Vieira se fizeram sacerdotes. Alvarenga é o perdulário do teu primo, a quem já viste e

Cláudio é um homem solitário que, se não fora pelo carinho de Francisca, não sei como se haveria na sua natural melancolia. Nívea é a jovem que viste há pouco. Francisco de Paula, Oliveira, Domingos Vieira e muitos outros abraçaram as armas, como outrora. Francisco Lisboa já brilha nas Minas como uma estrela, cujo sofrimento só lhe traz mais e mais burilamento e progresso. Mesquita Lobo é uma sinfonia constante a embalar os aflitos nas igrejas e nas missas... Antigos amigos e antigos rivais te esperam, filho. Cuida de não seres ingrato com os primeiros nem incauto com os outros. Velaremos por ti.

Acordei com pequenas lembranças esparsas, sentindo sua doce presença e do amigo judeu, mas lembrava especialmente da jovem a me abraçar com efusão e dizer:

— És meu noivo!

— Há que sempre ser isto devido as instâncias de meu pai.- falei, procurando afugentar as imagens do "sonho".

Mas ao lembrar a doçura do seu abraço e dos seus olhos vivos e amorosos, encontrei-me a sorrir enlevado.

— Apaixonado por uma imagem de sonho! Hei de haver-me por tolo deveras. - resmunguei.

Retomo de Tomás ao Brasil

Em uma manhã de sol, parti de Lisboa com destino às terras do Brasil, onde iria viver os anos mais intensos e mais duros daquela minha existência.

A viagem transcorreu tranquila e bela. Golfinhos acompanharam-nos parte do caminho. Ao longo das costas, gaivotas voavam e a solidão do céu e do mar levou-me à paz e à quase indolência.

Ative-me a conversar com os marujos, com o comandante, a procurar através das prosas avaliar a situação da Colônia, onde iria trabalhar a soldo de sua majestade.

Falavam-me de assaltos, contrabandos, misérias.

— O povo é preguiçoso. - comentava um português. - Estão sempre a resmungar ou a beber e pandegar. Vivem em pecado. Têm filhos por aqui e ali, como quem arrota à mesa.

Aquelas observações causavam-me mal-estar. Nunca apreciara comentários desairosos aos brasileiros, ou mondongos, como eram chamados os filhos dos portugueses, já que meu pai e meu avô eram nascidos no Rio de Janeiro. E, no entanto, não era eu propriamente um deles, já que nascera em Portugal.

Mas preferia a companhia dos marujos, que me falavam da beleza das jovens que encontraria, da natureza dadivosa e das maneiras de se conseguir, vez por outra, ludibriar tantas leis.

— Hás de ver. Lá se paga até para cuspir. - comentou um.

— Mas, mesmo pobre, o povo se diverte nas canções dos violeiros.

— Hás de ver como tememos negros e seus feitiços, quando os batuques cantam a noite.

— E os que lutam capoeira? - falava outro. - É certo que é proibida, mas

os negros sempre...

— O povo vive de teimoso. - comentava outro.- Morre à míngua, trabalhando como burro velho, para nada.

— A única coisa que se permite é plantar um roçado ou criar gado - comentava outro. - Mas coma cobrança por cabeça a cobrir os impostos, sei não... - Os mondongos vão ter que trabalhar dobrado para poder cobrir tanto custo.

Observando às vezes em cada consideração, que eu me calava pensativo, temendo minha posição e o fato de ser luso, tratavam de abrandar as opiniões.

— Mas sempre há de ser como quer S. Majestade, que Deus a tenha.

— Para tudo há de se ver que Deus há de pôr uma solução.

— E, se não houver ouro para cobrir tudo, há de se pensar em outra solução, que a rainha saberá que não adianta exigir o que não há. - consertava outro.

Eu não era tolo que não atinasse com a validade dos comentários. O povo sempre tem razão, e melhor fora que cada comentário daqueles fosse ouvido por D. Maria I e não por mim

Lia no tombadilho às vezes entediado, à falta de companhia.

À bordo, alguns comerciantes do Tejo ou homens de negócio da Colônia que retomavam após a viagem de recreio, a rever parentes.

Nuns e noutros a queixa dos negócios a andar mal, costume este peculiar e até hoje comum em tais pessoas.

Uma carta de papai recomendava-me a um amigo antigo, para que me ajudasse a encontrar moradia e serviçais eficientes. Havia também outras às tias e tios que eu prezava, mas cujos negócios de há muito andavam de mal a pior na Colônia. Não pretendia, por isso mesmo, demorar-me muito na cidade do Rio de Janeiro, onerando meus tios. Eu mesmo tinha emprestado vultosa soma, para poder fazer aquela viagem a contento, até me instalar e havia de procurar um companheiro de Irmandade, antes mesmo de apresentar-me ao vice-rei.

Os disparates de assuntos à bordo levaram-me de novo a brincar com falas dúbias às considerações injustas e levianas e, ao perceberem meu descaso, só me procuravam de raro em raro.

Falar de trivialidades quais sejam a beleza do mar, o sol, o vento ou

ainda a comida à bordo, que não era de todo má, e eu a sentir-me angustiado, às vezes sem encontrar motivo, e de outra feita cheio de ânimo novo, com a bênção de minha mãe, que cuidava de mim, e a presença de um inimigo oculto, um espírito inferior e infeliz, ao qual devia eu minha perda em encarnação anterior. Era um desafeto antigo, cuja paixão violenta por Marília o pusera louco. Ainda era tal seu estado de confusão mental que, tendo-me encontrado finalmente, não haveria de deixar-me em paz até o fim dos meus dias, tudo fazendo para que eu jamais tivesse a felicidade de tê-la junto de mim

* * *

Exercitava-me no convés e comparava a aleivosa palavra dos patrícios lusos a falar-me com insistente desprezo pelos naturais, ora a vê-los fuzilá-los com olhares ou indiretas.

Bem faria a real majestade se, passando por gente do povo, passasse um só dia naquele navio, e haveria de ver a quantas andava seu bom nome, coberto de exprobração.

Mas sempre hei de ater-me a não ser deveras longo, e dir-vos-ei que vi a orla marítima com um júbilo quase infantil. Aqueles sítios faziam-me vibrar. Aquelas praias brancas e calmas eram um consolo à vista e à alma.

Sedento de andar pela terra, deixei-me ficar dias no porto do Rio de Janeiro a rever antigos conhecidos, e a procurar os pontos de contato da irmandade, (Maçonaria) para a qual eu trouxera uma carta lacrada em código.

Depois tratei de contratar escravos e mulas e cavalos para a viagem às Minas Gerais.

Apresentei-me ao vice-rei, que mui gentilmente me convidou para um almoço, na companhia de sua amada e inteligente esposa.

— Verás como é tedioso deixar-se ficar aqui para quem veio de brilhar na Corte. Tantas pendências, arruaceiros, mascarados, contrabandistas, flibusteiros...

— Estás a espantar-me, senhor? - falava eu - A Colônia, por certo, conta com homens de sagacidade e espírito, e mulheres gentis e hermosas, dos quais sois representantes lídimos.

A esposa do vice-rei sorria.

— Bem mereceis toda a fama que vos antecedeu, Sr. desembargador. E tu, meu marido, mereceste também a lisonja que quase vieste a pedir, querendo assustar este guapo rapaz. Sempre hás de ser mais otimista que um Governador, já que poeta, meu jovem. E fazes bem! A terra é gentil. Seu povo sofrido. E há muita gente de valor entre o povo, quanto bajuladores entre os nobres.

O vice-rei olhou sua esposa que, baixando os olhos, e fingindo não perceber-lhe o desagrado daquela ironia, pôs-se a brincar com os anéis e a taça.

— Ergamos um brinde, senhor meu marido, ao Ouvidor! Encontre ele em terras brasileiras a imagem dos seus sonhos.

Estremeci àquele brinde estranho, que me induzia a divagações, lembrando-me da gentil jovem a chamar-me de noivo.

— Que seja, senhora. As mulheres têm sempre um sentido que escapa aos homens. Cumpra-se este brinde e o meu para que sua real graça e inteligência continue a brindar o esposo, no fiel cumprimento de suas duras atribuições.

Após aquele jantar, passei mais um dia em passeios.

Dormi cedo, após tantos preparativos, nos quais era ajudado por um escravo que me acompanhara. Sentia falta de Tião, mas papai prometera que breve haveria ele de seguir-me com a mulher e a prole, que se deixavam ficar em Portugal a servir meu pai. Adormeci quase incontinenti.

Fui acordado com um tropel desusado nas ruas. Cavalarianos em murmurações e falas, cascos abater na rua silenciosa que os lampiões mal iluminavam. Olhei pela fresta da janela antes de abrir. Um homem, um vulto, corria em desabalada carreira, rente às paredes e se encolhera num reposteiro. Após alguns instantes de hesitação, tratou de subir a ladeira em passos largos e bater à porta lateral da Igreja, que só agora eu reparara na praça defronte.

A porta se abriu e ele entrou.

Os milicianos iam e vinham à procura do fugitivo. Fora apenas eu que assistira à cena? Provavelmente não, pois percebia vultos atrás das janelas, mas ninguém as abria, ninguém falava, numa cumplicidade quase gratificante.

Aquele povo era antipático à causa dos dragões, representantes da opressão lusa. E quem seria aquele homem? Um escravo fugido?

Um minerador? Um comerciante insolvente? Só os cascos a bater no calçamento e a busca infrutífera eram a resposta. Ouvi ainda um tenente a ordenar aos guardas:

— Não adianta prosseguir. Fugiu o miserável. Se não fôsseis tão parvos, teríeis apeado antes de cercar-lhe o covil. Idiotas! Havereis de dar conta ao vice-rei do fracasso! Ao quartel!

Os comandados se perfilaram e a cavalaria retomou, sumindo na noite.

Antes de partir, no outro dia logo cedo, lá me fui a "rezar" na Igreja onde vira entrar o perseguido da véspera.

Falei ao sacristão que precisava falar em confissão ao sacerdote, e informou-me ele que o vigário estava adoentado, mas que um outro irmão me receberia.

Deixando de lado a formalidade, um cônego entrou na nave e saudou-me:

— Paz em N. S. Jesus Cristo, irmão.

— Paz. - respondi. - A vossa benção, padre. O que tenho a vos revelar é algo que me prende a memória.

— Fale, meu filho.

O sacristão nos deixou a sós, e sentamo-nos sozinhos e à vontade.

Sou o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga e hei de partir a breves instantes para as Minas Gerais, onde terei o cargo de provedor, mas vi ontem à noite uns milicianos a perseguir um homem e vi onde ele se escondeu. - Parei por uns instantes a observar sua reação. Mas mantinha-se apenas atento ao meu relato. - Estou em dúvida se devo dar ciência ao vice-rei do que não apenas vi, mas sei que outros também viram.

O cônego entendeu-me as intenções. Falava-lhe eu da cumplicidade da Igreja e do perigo de uma delação.

— O que devo fazer? - falei-lhe. olhando-o significativamente.

— Tenho muito prazer em tratar com alguém tão nobre a quem o destino de um pobre fugitivo tanto preocupa. - respondeu-me o cônego. - Mostra, desta forma, o senhor ser um homem temente a Deus. Por uma coincidência também eu irei partir hoje para as Minas e, se me der o prazer

de fazer-lhe companhia, nesta rude viagem..

— É uma honra inesperada, senhor...

— Sou o cônego Luís Vieira, que fui da paróquia de São José dei Rei (atual Tiradentes), próxima à Vila Rica, onde por certo o senhor estará muito bem alojado. Posso apresentá-lo a amigos que se felicitarão em conhecê-lo. Meu posto agora é em Mariana.

—Dé uma grata surpresa esta, - falei eu - mas, quanto ao fugitivo...

— Por certo o irmão encarregado da vigilância esqueceu a porta aberta à noite e o homem pôde entrar. - falou-me ele com um sorriso. - A esta hora, contudo, deve estar longe, ciente de que poderiam procurá-lo aqui, já que muitos poderiam tê-lo visto e alguém entre estes de mau coração.

Sorri àquele argumento, que era mais do que a prova da cumplicidade do cônego, que sorriu comigo e convidou-me a encontrá-lo daí há uma hora para seguirmos viagem.

Aquela companhia estreitou a simpatia que eu sentira de pronto ao contato com aquele homem arguto e bom.

O cônego Luís conhecia bem a estrada ruim, que levava dias até as Minas. As árvores, as frutas, os perigos de certas regiões, o clima, nada para ele constituía novidade.

Enquanto eu ficava, entre abismado com tanta beleza esfuziante e selvagem, e sufocado pelo calor, deixava-me ficar de camisa, sedento por um banho, o padre, de sotaina, era ágil como um menino estouvado.

Sua bagagem incluía fardos de livros e informou-me que os recebia de amigos da Corte e os ia retirar na alfândega do Rio de Janeiro, e também comprar o que necessitava, já que nas Minas tudo era mais caro, menos a bebida, mulheres e soldados.

Seguimos pelas praias e morros até Borda do Campo, onde o bom cônego tinha amigos fazendeiros, como o Sr. José Aires Gomes. Depois estivemos em Igreja Nova (atual Barbacena), tendo passado pelo rio das Mortes, famoso pela carnificina que lá houvera anos antes, chegamos a São José dei Rei, onde o padre se despediu de mim, que deveria inda seguir para Vila Rica. Eram serras e rios como eu nunca pudera ver antes em tanta profusão, e no caminho cabanas de pau-a-pique, choças cobertas de sapé, capelas e o grande e majestoso silêncio das Gerais.

Em percurso, falara-me o cônego Luís do Dr. Cláudio Manoel da Costa, com muito orgulho e consideração. Também eu já ouvira referências a ele e contava ao menos poder manter conversas amenas, já que era homem ligado às letras, como eu, e de quem eu lera algumas produções que achara primorosas.

— Sempre haverás de m'o apresentar. - pedi ao cônego. - Sua fama atravessou os mares. Todos lhe têm um respeito e admiração profundas.

— Realmente o Dr. Cláudio não é homem que passe despercebido nesta época de tantos mandriões e nulidades. - falou-me ele.

— E, quanto à fama que ele tem, não é menor do que a que o tem precedido, Dr. Tomás.

Dei uma gargalhada involuntária:

— Bem há que se sair, padre, se quer me ter em lisonja, que a tais viscos vim eu de fugir à Corte.

Luís Vieira riu-se comigo e contou-me que doutor Cláudio fora secretário de dois governadores e contava com a estima do atual capitão general, Rodrigo de Menezes, cuja esposa era neta da famosa Inês de Castro, celebrada em versos na península. Rimos muito das pilhérias que contava das Minas, e sentimos que podíamos ser francos um com o outro, porque éramos almas afins, a fugir de falsidades e elogios tão necessários, embora, no trato das criaturas.

Uma tarde, em que acampamos à beira de um rio a descansar, vendonos afastados de ouvidos maliciosos, ponderei:

— Há de me dizer um dia o que houve com o fugitivo do Rio?

Pe. Luís olhou-me seriamente.:

— O que mais pode fazer um fugitivo do que fugir? Arranje-se-lhe um farnel, um bacamarte, e uns panos com que se cubra e tem ele toda a mata onde se abrigar da injustiça.

— E adentrou ele estes matos, com que fim? Não seria melhor entregar-se?

— Esperar por justiça do vice-rei? Bem se vê que és novato por aqui, Dr. Tomás. Os pobres já estão a duvidar até da justiça de Deus! Aquele pobre é um escravo fujão. Entregar-se é condenar-se ao pelourinho ou castigo mortal. Melhor lhe é enfrentar as cobras e feras do mato e que Deus

lhe haja.

Tinha ele razão. Nada mais de 80 negros, segundo me contara, eram enforcados por ano só na Vila Rica, onde eu teria meu lugar, sem direito nenhum, já que não eram considerados criaturas humanas. Não haveria ao pobre como se defender.

— Também mineiros vivem a fugir de prisões desabridas e até homens de bem se recolhem em suas fazendas, para escapar das depravações da justiça. Tenho pena do senhor, Dr. Tomás, porque me parece honesto demais para brilhar na Corte, mas encontrará no governador um homem de bem, dado às letras, e isto amainará as questões da justiça real. Quanto ao mais, fale o menos possível aos homens, porque aos falsos e perjuros, uma só palavra sua o denunciaria por honesto e, assim, inimigo deles.

—Tão mal será assim? - perguntei, deixando de sorrir.

— Aviso-lhe em boa hora, doutor, encontrará homens bons e honestos, como eu mesmo tenho amigos honrados nas Minas, que confortam o coração de um homem, mas não se aventure a mostrar-se tal qual é naquele covil de lobos, porque tenho para mim que o senhor, nos modos e sentimentos, mais parece uma moça...

A viagem junto a Luís Vieira fora agradável. Atinha-se ele às vezes a traduzir volumes, em francês, latim e inglês. Nas paradas, lia-me trechos que muito me encantaram. Prometi a mim mesmo que, se não fosse possível adquirir tais obras, haveria de copiar quanto me fosse agradável, e disse que dar-lhe-ia ciência de meu endereço, onde ele poderia ficar, sempre que viesse a Vila Rica, como se fora em sua casa.

Escreveu-me um bilhete de recomendação a um tal João Macedo, homem de muitas posses, e que trataria de acomodar-me perto do palácio do governador, e junto às melhores famílias da vila.

Despedimo-nos na estrada e tive eu que sentir, em todo o trajeto, a sangria dos meus recursos, que a Corte lá impunha, cada vez que se tinha que atravessar a ponte ou usar a estrada, pagando um tributo pelo número de cabeças (escravos) que levava, pelo número de animais, e pelo peso das bagagens, que foram inspecionadas pelos dragões.

Entre eles, um homem cujo olhar me fizera estremecer, mas cujo sorriso me comprara, fitava longamente os volumes de livros que uma mula trazia.

Parecia querer devorá-los com os olhos.

— Deixem o doutor passar. - gritou ele. - Há sempre que se precisar de homens e livros nesta cidade.

— Quem é ele? - perguntei a um escravo meu.

— Não o conhece, doutor? É o alferes Tiradentes. Um santo homem Tem curado muita gente com sua ciência.

E eu, com a mesma índole que havia de simpatizar com as batinas, e sentir ojeriza pela farda, vi-me, pela vez primeira, a simpatizar com um homem que a usasse, e que, com um tapa e um sorriso, fez a mula atravessar a ponte, saudando-me com um aperto de mão rude, ao qual antepus um aceno de cabeça.

Não sabia por que aquele homem me causava medo e espanto.

Sabê-lo-ia um dia.

Os amigos vão se encontrando

As Minas Gerais... suas doces e ricas montanhas, as boninas e céu azul radioso.

Quando cheguei, a cidade regurgitava de povo. Escravos e pardos, sinhazinhas e suas aias, mineradores rudes e artesãos mal remunerados... Cheguei sedento por descanso. Estava há dias sem o conforto de uma residência. É bem verdade que paramos em várias estalagens e pousadas, mas a última já ficara há horas de um percurso e tanto e, logo que pude apear-me, tratei de procurar o doutor Cláudio Manoel, a quem apresentei a carta do cônego Luís.

Foi uma simpatia instantânea. Convidou-me o advogado a pernoitar em sua casa, descarregar os burros de seus fardos, e ajeitar meus servos junto aos seus.

Após o almoço, brindou-me com um banho, coisa rara, e ofereceu-se polidamente para me ver a moradia, digna do cargo que viera de ocupar.

— Não se preocupe. Não haveria o doutor de ficar a apresentar-se ao senhor governador com a roupa cheia de pó das estradas. Uma viagem cansativa, sim senhor. Pode ficar por aqui, que acredito virá a ocupar uma morada bem próxima da minha, cedida que há sido sempre aos outros ouvidores, que por aqui aportaram

É um belo e sólido edifício, de dois pavimentos, e duas entradas. Ficará bem instalado. Convido-o, se desejas, a irmos até as ruas a conhecer seu novo lugar.

Saímos e meu escravo Tomás, que fora batizado com meu nome, por amizade de meu pai, a quem todos muito queriam, acompanhou-nos de perto:

— Não fosse o "senhorzinho" precisar de si naquela terra nova.

Vi com emoção a casa colonial que me seria reservada, agradei ao

doutor Cláudio a gentileza que até ali tivera para comigo, cientificando-o que pretendia ir até a residência do então governador, Sr. Rodrigo, a fim de dar conta de minha chegada e habilitar-me o quanto antes a buscar instalar-me, para não abusar da hospitalidade do novo amigo.

— Estava curioso de vos conhecer, porque desde muito acompanho vossa fama, por que sois acadêmico, desde Lisboa. Conheci outros membros da Academia dos Renascidos, e apreciei vossos sonetos... Espero contar-me não apenas entre vossos muitos admiradores, mas também discípulo.

— O senhor me desvanece, Dr. Tomás, mas não é menos verdade que vossa fama vos precedeu. E a contar entre os homens justos como é vosso pai, acredito que muito me haverei por feliz se aprender convosco as regras do Direito.

— Amigo, como terei a honra de vos considerar, sendo eu vosso devedor insolvente, é como preferiria vos ver desde agora.

— Pois seja, Dr. Tomás, mas já que estais a se pôr pressa, cederei um de meus escravos para ensinar o caminho até a residência do governador. Podeis usar meu coche até que aparelhe um para vós, já que é mais elegante apresentar-se assim. Posso dispensá-lo hoje.

Agradei ao amigo e apressei-me a ir ao encontro do governador a apresentar minhas credenciais e meus serviços.

Recebeu-me aquele senhor com amabilidade e ávido de saber notícias da Corte.

Trazia eu algumas cartas pessoais de apresentação que meu pai achava indispensáveis, e os parentes da viscondessa faziam-se presentes em epístolas que muito a encantaram

Foi uma tarde gratificante, só obscurecida pela observação do Sr. Rodrigo a nós:

— As questões do paço são intrincadas, Sr. Ouvidor, mas contamos com teu conhecimento e hombridade para resolvê-las, mesmo porque havemos de ficar nestas terras do Brasil por pouco tempo.

— Tendes recebido notificação para vossa partida? - perguntei, desgostoso intimamente, porque tudo indicava que o senhor Rodrigo era homem benquisto e de bons costumes.

— Sim, meu amigo. Mas terás tempo de te familiarizares com a vida nesta preciosa vila. Haveremos de nos ver muitas vezes, e ser-me-ás útil, porque tua honradez precedeu tua chegada.

O marquês tocara no maior orgulho de minha vida. Não eram meus versos nem títulos mais importantes para mim do que aquele sentimento de hombridade, que causava tanto despeito a tantos, que tentavam comprar-me com favores ou ameaças.

Sorri involuntariamente:

— Sempre poderás contar com isto, Sr. Governador. - falei sorrindo, e, ao sentido dúbio daquelas palavras, riu-se ele grandemente.

— Hás sempre de ser o fiel retrato que me fizeram de ti. - falou ele.

— E quem se ocuparia de um assunto tão insignificante quanto um pobre ouvidor sem fortuna? - perguntei.

— Já me têm falado de ti as missivas que te têm nomeado para esta parte, e hei de saber dizer-te que mais de uma me há chegado a teu respeito. Assim, causa-nos regalo ver tão gentil homem a serviço da justiça nesta terra. Cuida-te, senhor Ouvidor, de não se deixar levar pelas aparências. Os soldados são uns mandriões à cata de fortuna. As pedras preciosas um perigo, na sedição e na conquista dos escravos. Os mineradores uns bêbados, a ruminarem encrencas. A pacata vila tem dias de erupção dantesca, e os castigos corporais aos servos e aos que lesamos cofres reais são duros até de se ver. Folgo muito de voltar à Corte, sempre se há de temer emboscadas de bandidos nas estradas e ciladas quando a neblina cobre estas serras.

— O senhor parece querer me amedrontar, senhor Governador.

— Apenas sei que és homem esperto e não te enganarias com a aparência calma e clara destas ruas. Aqui até a opulência é aparente, e não sei como se há de haver meu sucessor na cobrança dos impostos reais. Há sempre que o senhor ouvidor auferir sua parte nas entradas e concessões. Será, por isto, alvo da bajulação de uns e prevaricação de outros. A Corte tem ouvidos nestas minas, fiscais, e é terrível quando é lesada. O correio leva delações e a rainha nem sempre pode ajuizar...

— A soberana, ia dizer...

— A soberana, que Deus a tenha - falou suspirando o governador - e a

ilumine. É difícil de lá ver o que vem cá ocorrendo. Para mim acabará o suplício. Levo saudades desta gente, de alguns amigos, e parto até aliviado, senhor Ouvidor. Espero que teus dias nesta colônia sejam mais amenos.

Percebi a sinceridade daquele homem e falamos de trivialidades.

— O senhor começou bem, pelo que vejo. A amizade de um homem como o doutor Cláudio é coisa que muitos desejam e não têm. É admirável e impoluto. Acho que hão de fazer uma boa dupla.

— Ele me impressionou deveras. E mal chego e já lhe sou devedor...

— Farei com que um miliciano o acompanhe com as chaves de tua nova moradia. Após três dias acredito que te haverás de estar bem posto em tua nova casa, e podes sempre nos dar o prazer de jantar conosco...

— Vosso convite é uma ordem, que cumprirei com prazer.- disse-lhe.

Vencidas as últimas formalidades, lá me fui para arranjar a casa. Acompanhou-me um soldado de nome Manoel Francisco, que me causou desagrado à primeira vista. Sondava-me com o canto dos olhos e jamais gostei de pessoas dissimuladas. Tentei conversa com ele, mas logo desisti. Ia eu de dar mais do que receber àquele rude homem que parecia desejar meus brocados, e troçar do meu primoroso traje. Entre a inveja e a cobiça logo o senti e assim deixei-o estar sem maiores achegos.

Despedi-me do doutor Cláudio e lá me fui com toda a criadagem instalar-me a poucos passos dali. O doutor Cláudio convidou-me para sairmos na tarde dos dias seguintes, tão logo já estivesse instalado, para me apresentar aos padres, militares e comerciantes de N. S. do Pilar dos Nobres de Ouro Preto, Vila Rica.

E assim atarefado estive, tendo ele me emprestado dois serviçais seus, para orientar os que trouxera e proceder à arrumação de minhas coisas.

Facilitou-me encontrar mobiliário até atraente de meu predecessor e logo me apresentava à Casa da Câmara, para iniciar meu tedioso e difícil trabalho.

... Autos, processos, conjuras. Os dias a se passarem e nós no trabalho ingente, até altas horas. Meu bom Tião não estava, mas o Tomás rapaz muito prestativo, logo se havia de fazer amigo de quantos negros encontrasse e, desta forma, saberia como prover-nos do indispensável.

Na sala da frente, ou no andar superior, deixava passar as noites a

estudar aquelas enfadonhas questões, a procurar aqui e ali indícios, a prejudicar os indivíduos envolvidos.

Entre a Câmara e a Cadeia, a casa do Governador e a do doutor Cláudio, a amizade do intendente Bandeira tornou-se uma constante nos meus dias, quando uma tarde fui surpreendido por uma visita inesperada.

Veio-me o escravo a anunciar a chegada do meu primo Alvarenga, que eu sempre haveria de encontrar na Corte, nos bons tempos de euforia da Universidade, já casado e pai de uma encantadora menina. Lembrava-me dele sempre alegre, bebedor, e cercado de jovens casadoiras.

Ouvi-lhe o vozeirão a discutir com meu bom negro, que o queria por força fazer-se anunciar:

— Que é isto, homem? Deixa-te de formalidades. Hei de me fazer anunciar, sendo parente? Haverá de entrar, pronto a fazer-lhe uma surpresa. Já te disse: sai da frente!

Levantei-me reconhecendo-lhe a voz amiga e, abrindo a porta que dava para a entrada, saudei-o fraternalmente, com carinho:

— Que sempre é tempo de um homem ter uma tarde alegre .- disse-lhe eu. - Bem fizeste em vir, que já tardavas. Deixa-o, Tomás. - ordenei ao escravo. - Leva-lhe a capa e o chapéu e diga a nhá Maria que nos traga uma chávena de café e uns bolos.

Abraçamo-nos com saudade e falou-me ele das terras de seu pai, do trabalho do gado, da mineração difícil, na qual empenhava dinheiro e tempo, sem muito resultado.

— Melhor faria se garimpasse nas letras, como tu. - disse-me. - Pelo menos, as Cortes, ao invés de levar-me tudo, teriam que me pagar pelo serviço.

— Terás sempre tempo de empreender estas espórtulas. - respondi, rindo-me. - Viver dos proventos que as Cortes me dão e hei de estar breve a mendigar nas escadarias da Antônia Dias.

Uma boa gargalhada foi a resposta, enquanto, virando o conteúdo de uma jarra na bacia, meu primo lavava as mãos e o rosto, para se refrescar da poeira da estrada.

— Vim para chamar-te a passar o fim de semana na fazenda com minha esposa e alguns amigos. E aviso-te: não aceitamos um “não” por resposta.

— Estou atolado num maço de papéis. - disse-lhe, mostrando a pilha sobre a mesa.

— Sempre terás trabalho. E já que não tiveste tempo para nos procurar, vim buscar-te. E sabes que não saio daqui sem te levar. Estou de passagem Vou jogar gamão com Vicente Vieira. Aquele mandrião está sempre a contar os juro do capitão Macedo. Sabes, Tomás? Por pouco não me seduz que entrasse na Maçonaria. Que pensas disto?

— Não gosto de reuniões secretas, nem de votos e juras de fidelidade. Quando me dou a uma causa, eu o faço de coração, mas sozinho. Tenho visto que não se pode contar muito coma palavra dos homens nesta terra.

Eu estava amargurado com uma dívida, porque não recebera a porcentagem que me era devida ao cargo, de umas entradas que chegavam à cidade. Soldados desabridos a haviam desviado para o próprio bolso e achava tremendamente penoso ter que fazer queixa ao Governador de algo que, por lei, me pertencia.

— Pois, pensa bem, porque sempre te haverão de convidar. Na Bahia têm a Maçonaria como fortíssima, contando com magistrados e intelectuais. No Rio de Janeiro chegou arrebanhando comerciantes e soldados, mas estou a pensar se não será melhor fazer parte dela. Será sempre uma força...

— A que a Igreja não aprova, nem a rainha, e podem pôr-nos a ferros.

—Nunca fui de muita Igreja, que é coisa de mulheres e velhos e, quanto à rainha, não me pede licença quando me tira quase tudo, que ando a me empenhar em dívidas. Se não é o amigo Cláudio e o Macedo a me socorrer, bem sabes...

— Tens as melhores terras da região e queres te fazer de mendigo aos meus olhos, depois de me convidar para um rega-bofes?

— Tens razão! Mais valem as liras que cantam as graças da Vila. Conhecerás as mais lindas donzelas. Teremos um sarau e um baile. Eu mesmo tocarei rabeca e um conjunto de seresteiros brindará a nossa alegria por te ter finalmente em casa. Precisas conhecer a minha estrela: Bárbara Heliodora e meu orgulho, Maria Ifigênia.

Eu estava aborrecido e não pretendia sair a cavalo por estradas poeirentas, nem mesmo para ter alguns dias despreocupados com os parentes, mas sabia que Alvarenga ficaria revoltado com uma negativa.

— Verei se termino a tempo minha tese. - falei-lhe.

— Não me fugirás com promessas. Anda-te. Deixa disto. Vamos à casa de Cláudio, que vou a convidá-lo também. Hás de me secundar nisto.

Não houve como demovê-lo.

Após um lanche, retomou o chapéu e a capa e fez-me acompanhá-lo a pé, até a residência do doutor Cláudio Manoel da Costa, onde encontrei o Vicente Vieira, contador do contratante Macedo.

— Eis aí o carrasco do meu bolso. - falou Alvarenga, apresentando-o.

Eu já o conhecia de algumas conversas e aquele homem baixo e tímido não me era nem simpático nem indiferente. Calado, introvertido, quase desconfiado, de uma educação extremada, mas tão fechado em sua concha que era difícil analisá-lo bem.

— Já tive o prazer de travar relações como senhor Vieira. - respondi.

— Então, estás mal. Só quem precisa de empréstimos é que o tem por força de encontrar. Olhe-o bem É a chave de um cofre de ouro...

O senhor Vieira riu calmamente, escolhendo as palavras:

— Toma-me por judeu, mas não temo seus remoque, que não há uma só alma nas Gerais a quem o senhor Alvarenga não tenha feito uma blague, exceção às donzelas às quais sabe ser doce.

Rimos muito àquela insinuação, com a qual Inácio de Alvarenga pareceu encantar-se.

Não pude furtar-me ao seu convite, nem o Cláudio ou o senhor Vieira. Ele nos persuadiu a todos, com seu entusiasmo quase infantil.

Era longa e cansativa a viagem para atingirmos S. João dei Rei. Pretextando, pois, arranjar minhas coisas para partir logo cedo, no dia seguinte, e juntar-me ao doutor Cláudio, saí para um passeio pelas ruas.

Estava aborrecido. O calor do sol era esfuziante, contrastando com as roupas que tínhamos por bem usar. O casario parecia um presépio incrustado nas montanhas. O céu tremendamente azul. As ruas de pedra e as gentes a passar.

Senti-me cansado. Atravessei o largo da ladeira e saí por uma travessa. Procurei, sem perceber, uma ponte jovial em forma de arco e sentei-me ali a ver o rio a correr, as flores das margens onde borboletas brincavam.. Cruzei com homens que me saudaram, tirando-me o chapéu e jovens que me

sorriam sob seus leques.

Queria pensar um pouco, mas não sabia em quê. Senti que alguém me fitava e, atraído, voltei a cabeça.

Era o mesmo alferes, que me recebera na ponte, aliviando-me das muitas averiguações dos soldados.

— Boa tarde, senhor doutor. - falou-me respeitoso. - Passeando um pouco?

Aquele homem rude tinha para mim algo enigmático.

—Boa tarde. - respondi.

— Posso sentar-me ao seu lado? - falou.

Agora eu percebia o que me incomodava em seu olhar. Era fixo, brilhante e intrigava por um ligeiro estrabismo. Sua voz era rude, seus modos simples. Senti-me mal em sua presença, sem saber porquê.

— Eu já me ia retirar. - falei, erguendo-me.

— Não precisa sair. - respondeu-me ele. - Um homem precisa de sossego para pensar. Desculpe-me, doutor.

Tornou a saudar-me e retirou-se quase com orgulho. Eu fora rude. Por quê? Senti-me agastado comigo mesmo. Nunca havia agido assim Já tratara com mineradores, com beberões, escravos, nobres sibilinos, moças sem graça, mas aquele homem, que não me fizera nada, que eu não conhecia, por quem eu não podia sentir coisa alguma a não ser curiosidade pela sua popularidade, causava-me uma vaga sensação de temor. Estava agastado comigo mesmo e tomando de um pedregulho atirei-o à água.

Uma garota meiga e bela atravessou-me à frente a correr, seguida por uma aia que tentava alcançá-la em vão.

— Sinhazinha, não fuja! Pode cair. Olha que se machuca. Cuidado!

A mocinha atravessara correndo a ponte, com os cachos negros a pular nas costas, o vestido branco, cheio de fitas e babados, corada do esforço e do sol, linda como uma pintura dos grandes mestres flamengos.

— Sinhazinha, seu tio se zanga comigo.- suplicava a escrava, tentando alcançá-la.

Ela, trigueira, escondeu-se atrás do arco da ponte, olhando cúmpliciosamente para mim e colocando os dedos sobre os lábios, pedindo-me segredo.

A negra atravessou a ponte, pelo meu lado, e não a viu. Ficou sem saber o que fazer:

— Sinhá Joaquina! Sinhazinha! - chamava, meio aparvalhada.

E voltando-se para mim

— Não viu uma menina, senhor? Desculpa-me. É uma mocinha deste tamanho, com vestido branco e cabelos pretos.

A pobre escrava estava desolada e eu tive pena, mas não podia trair o esconderijo da criança cuja trigueirice me encantara.

— Passou por aqui a correr. Não deve estar longe.

A serva com uma ruga na fronte ia de sair da passagem quando a menina, saindo do seu segredo assustou-a por trás:

— Uh! - fez, dando uma cristalina risada.

— Oh! Sinhá Joaquina! Quase me mata de susto! Vamos, que é tarde, e seu tio ralha consigo. Não a deixará mais sair.

— Por que é tão severo comigo? Só estava cumprindo minha promessa. Fui levar uma espórtula ao padre pela cura do nhô Sebastião. Promessa é dívida. - falara a mocinha.

E voltando-se para mim e dando-me adeuses, lá se foi levada pela serva, que ainda resmungava.

Onde eu vira aquele rosto? Tentava me lembrar, mas não conseguia.

Uma voz atrás de mim pareceu ler-me os pensamentos:

— É a sobrinha do senhor Ferrão, filha do capitão de cavalos Baltasar João Mayrink.

Era o soldado Manoel Francisco. Eu não conseguia ter-lhe simpatia. Sabia de seus atos cruéis com negros fujões e mineradores.

Sua fama de perverso o precedia antes mesmo de usar o baraço, no cumprimento da lei.

— Boa tarde, homem - respondi secamente, levantando-me.

— Boa tarde, senhor doutor. - falou-me sem tirar o chapéu, encarando-me de frente.

— Além de tudo é desabrido. - pensei.

Passei por ele e retomei à casa, a fim de arranjar meus papéis. Estava justamente tratando do processo da viúva de um minerador, que provavelmente falecera no cárcere, vítima dos maus tratos infligidos por

aquele soldado. Eu a defendia, acusando a morte do marido, por causas não naturais. Tentava restituir-lhe parte dos poucos bens. Sabia por que Manoel Francisco não me saudara. Era uma cobra impotente para o bote, diante de um homem de bem. Seu olhar mau não me fazia medo, porém estava preocupado como novo governador que fora escolhido para as Minas por Sua Majestade.

Cunha de Menezes tinha a precedê-lo fama de mau caráter, devasso, desonesto e, até o que eu sabia, fazia por merecer tudo quanto se dissesse a seu respeito.

Findo o dia, após um banho calmante e um jantar, recolhi-me à cama, rememorando a visita grata de Alvarenga, e a imagem da mocinha na ponte encantava-me a lembrança.

Pensando nela adormeci, para acordar madrugada alta, lembrando-me sem saber como.

— Aquela criança! É a menina com quem sonhei, no Porto, um dia antes de vir para o Brasil. A minha noivinha! A imagem do sonho! Agora me lembro!

O coração batia descompassadamente. Onde já se viu tamanho disparate? - pensei.- Eu a ficar aturdido com uma criança. Mas como explicar que sonhasse com ela sem a conhecer?

— Noivo de uma criança, onde já se viu? - perguntei-me mais de uma vez.- Hei de estar louco?

Mas a imagem dela a me sorrir e acenar não me saía do pensamento.

Os dias em casa de Alvarenga, na fazenda do Covão, eram divertidos e calmos.

Seu entusiasmo, o encanto com que tocava a rabeça nos saraus, os repentistas, que cantavam seus amores e a graça das senhoritas, me haviam de causar um bem-estar agradável.

D. Bárbara Heliodora, a esposa de meu querido primo, era uma jovem de rara formosura, os cabelos abundantes e anelados, de um castanho que parecia rubro ao sol, e a meiga Ifigênia. tão parecida com a mãe, mais lembrava um anjo saído de uma pintura.

Depois daquela primeira vez, em que eu fora com doutor Cláudio e

Vicente Vieira à fazenda de meus primos, acostumei-me a passar sempre uns dias com eles a refazer as forças. E desta vez estava mais do que nunca precisando de ânimo novo. A chegada do novo governador tinha sido entremeada de ridículas encenações a que a soberba e grosseria dos outros nos impunha.

Compreendia agora as preocupações de meu pai, quando falava de governadores ladrões. Embora a aparência calma e risonha, aquele vago sorriso que sempre fora minha defesa, contra os ataques da inveja e cupidez, tinha dentro de mim um vulcão prestes a explodir.

Isto não me fazia bem algum. Escrevera algumas produções satíricas ao governador, o que me aliviara a tensão. Mas tinha um trabalho exaustivo para procurar aqui e ali, nos cansativos autos, as pontas do novelo das suas arbitrariedades e conseguir torcer o fio da justiça, pendendo-o para o lado mais certo. À força de ter que construir um libelo, estava estafado e nervoso e aquelas tertúlias ao luar me refrigeravam a alma.

Sentado à varanda, distraía-me a ouvir o cantar dos grilos e sapos, a música do vento, o mugir longínquo de algum boi, e a luz da Lua pintando fantasmas no arvoredado.

O bom vinho aquecera-me o corpo e deixara-me entontecido. Afastara-me da sala, pretextando tomar um pouco de ar puro e sentara-me numa espreguiçadeira, na varanda iluminada pela claridade da sala, de onde se ouviam os acordes da rabeca que Alvarenga empunhava, e sua voz clara de tenor forte a cantar canções para o regalo dos hóspedes.

Um breve farfalhar de tecido trouxe-me de volta à realidade:

— Perdoa-me, senhor doutor Tomás. - falou-me linda e meiga rapariga.
- Não o tinha visto. Não quero interromper seus devaneios.

Eu já me detivera mais de uma vez a analisar-lhe as graças. Era ela sobrinha do Pe. Oliveira Lopes, cujos assuntos eu ajudava por intermédio de meu amigo Domingos Vieira. Chamava-se Bernardina Quitéria. Já a vira nas recepções do palácio, ou na sua linda carruagem, pelas ruas de Vila Rica.

Era bela, requisitada, esfuziante. Tinha um olhar esperto e malicioso e os lábios carnudos a pedir beijos.

Assim, à luz da Lua, seu talhe gracioso se destacava alvo e sensual.

— Não se mova. - falei a mirá-la. - Como está bela, parece uma estátua de Vênus feita em mármore de Carrara. - disse-lhe eu.

A jovem sorriu aprovando meu elogio.

—O senhor, Dr. Tomás, quer me encabular. - falou-me, envaidecida.

—Por cantar sua graça? Seria um cego se não a visse e um tolo se não a cantasse.

— Posso sentar-me? Estou cansada.

— Que falta a minha! - falei, erguendo-me para ceder-lhe o lugar.

— Oh! Não! - protestou ela. - Não se retire, ou me sentirei culpada. Estarei bem aqui.

E, dizendo isto, a jovem sentou-se no peitoril da varanda com uma graça incrível, fazendo com que a saia se erguesse, mostrando-me os delicados pés e parte da perna bem torneada. Tomando o leque, pôs-se a abanar-se com graça.

— Faz calor lá dentro. As danças me exauriram.

— Quem pode vê-la e deixá-la escapar de uma contradança? - falei, sorrindo.

Fitando-me diretamente, ela respondeu:

— O senhor, Dr. Tomás.

— Pois fui tão tolo? Não posso crer !- retruquei de pronto.

— Se dançou comigo, acha que poderia me esquecer?

Aquele era um desafio a que eu não podia mais retrucar.

Levantando-me, fiz-lhe uma reverência e pedi:

— Eu mesmo jamais me perdoarei por ter sido tão estulto. Poderia dar-me o grato prazer?

Ela, que ali viera com o fim precípua de levar-me à roda, nos seus braços, reverenciou-me outro tanto e pousou sobre a minha a sua mão delicada, retomando ao salão, onde os músicos começavam um minueto, que dançou com leveza e graça.

Assim que terminamos, agradei-lhe a gentil presença e retirei-me para o lado de Cláudio Manoel, pretextando assuntos urgentes.

— Sempre foste fisgado? - perguntou-me ele.

— É muito formosa. - respondi-lhe.

— E esperta como uma serpe. Cuidado que não te pique com seu

veneno. Há que ver saiu ao tio, um padre bem às avessas, doido por saias...

Olhei para a jovem que me seguia como olhar. Urgia sair dali.

— Vamos até a biblioteca. Quero mostrar-te algo.

— Mas justo agora? Alvarenga declamará uma de suas produções.

— Pedirei a ele que aguarde um pouco. Quero mostrar-te algo que compus hoje, logo após o almoço. O primeiro de uma série que promete ser boa. São composições satíricas. Espero que possas me orientar. Vamos.

Pedi a Alvarenga aguardasse. Ele tomou a rabeca e começou a cantar, enquanto Cláudio me acompanhava contrafeito.

— Ora, podemos ver isto amanhã.

— Bem sabes que não. O Alvarenga programou uma caçada e teremos que sair de manhãzinha. Sabes que detesto isto. Voltaremos poeirentos e cansados. Preciso de teu conselho para a construção métrica. Não sei se prossigo em decassílabos. Pensei em escrever tais produções para desabafo, mas para não cair, e, se cair em mãos erradas, tomarei emprestado um escudo, um nome a mim, a ti, a Alvarenga e a quantos mais que queira retratar.

— Mas, afinal que dizes? Não estou a entender-te.

— Vou escrever cartas em que conto as diatribes do governador e sua súcia de malandros^{7},

— Estás louco!

— Mas não saberão que sou eu.

— Estás realmente louco! O que não se sabe nestas Minas?

— Escreverei cartas com nome emprestado, como se fora a um amigo, como se viessem remetidas de outro país, o Chile, por exemplo, contando, no entanto, as arbitrariedades que cá se praticam

— Estás a mexer em vespeiro, Dr. Tomás. Esquece tais projetos. Deverias não pensar em tais dissabores e aproveitar estes momentos.

— Não, Dr. Cláudio. Tenho para mim que a ideia é boa. Olha. Fica com estas produções. Analisa e corrige. Depois me dirás.

— Está bem. Está bem. Mas vamos que Alvarenga nos espera.

E, retomando ao salão, fomos convidados a tomar parte no sarau com versos e canções. Minha voz, conquanto não tão boa e vibrante quanto a de Alvarenga, era melodiosa e, numa cançoneta de amor e juras, senti sobre

mim o olhar penetrante e o sorriso indefinível de Bernardina Quitéria.

...Os saraus, as valsas, as caçadas e eu a chegar até as barrancas dos rios, onde a pele dos negros luzia ao sol nas bateias barrentas.

O garimpo de pedras e ouro estava a aborrecer o pai de Alvarenga.

— Trabalha-se como burro por pouco, muito pouco. - reclamava ele com puro e grave desgosto.

— As minas estão exauridas. Há sempre mineradores fujões e negros que escapam para a mata e com as melhores produções. Ainda estes dias meu capataz matou um negro que se esgueirava para os serros. - informou o pai de D. Bárbara.

— Pois quem foi, meu pai? - perguntou Alvarenga, estremecendo.

— Pois foi o Graciano. Teve topete o negro. Depois de tudo o que lhe fiz. Chegou aqui todo cheio de febres. Comprei-o no Rio a um mau dono. Ficou forte, rijo como um boi. Dei-lhe liberdade nas minas. Era minha confiança.

— Mas por que o negro fugiu? Foi pego com algum produto? - inquiriu Alvarenga, desgostoso.

— Disse-me o Ambrósio que correu para o mato. Provavelmente já tinha alguma trouxa escondida por lá. Mandou que parasse. Não parou. Então ele atirou para as pernas, mas acertou mais alto. O negro caiu, tentou se erguer de novo. Não pôde. Estava morto.

— Já cansei de falar, pai. O Ambrósio tem maus bofes. Manda-o embora. Não posso acreditar no que está me dizendo. Não acredito que o Graciano roubasse. Não acredito. Ele era meu amigo. Se aperta os negros há que ver que a história será outra.

— Mandar o Ambrósio embora? Já se viu? - retrucou o sogro.- E duro, eu sei, meu filho, mas nas minas não há lugar para moleza não. É preciso ser enérgico, senão ninguém lavra e é tudo uma corja só. Como nos haveremos se as minas não nos valerem? O gado está aí rendendo, mas há que ceder bois às exigências da milícia, ou já se viu. Se se cai em desgraça com o governador Cunha de Menezes, pior, então. Quem é que pode agora bancar o mole com os negros a ver se lhe tiram de ambos os lados tudo o que tem?

Alvarenga não respondeu. Estava triste com a morte de Graciano, que

algumas vezes o acompanhava até Vila Rica. Negro calado, olhos bons, eu me lembrava dele.

Aquele incidente azedou o dia, mas o primo não conseguia crer no relato do seu feitor. Além do mais, soube-se que umas propriedades perto dali haviam sido invadidas pelos milicianos, à procura de material que pudesse comprometer seus proprietários. Era um ultraje. Cunha de Menezes não se contentava em tirar escravos a seus senhores, dar contratos aos soldados, vender cargos e regalias, receber mulheres altas horas da noite em seu palácio, para sexualmente saldar o pagamento de dívidas dos parentes. Não cumpria sua palavra nunca, dissimulado e traidor. A simples lembrança dele punha-me o sangue a ferver. Afora invadia fazendas, estourava arquivos, requisitava livros e tudo sob as ordens da milícia mais devassa e cruel, que eu jamais vira naqueles anos. Manoel Francisco era um debilóide, perverso e sádico. Quem não conhecia suas torturas na cadeia?

Quantos já não tinham sido emboscados na calada da noite e assassinados por aqueles vândalos em suas casas, sob as ordens do governador, que, após, expedia notificações de assaltos?

Intentamos falar ao pai de Alvarenga sobre os tristes acontecimentos, enquanto meu primo providenciava o enterro do negro como cristão e ajuda à família a qual não permitiu o pai vender a terceiros.

— Mulheres! Bah! - fez seu sogro. - Sempre não tenho tanta necessidade delas por hora.

Acompanhamos o amigo no triste lance e tentamos consolar a sua companheira que, abraçada a uma menina negra como ébano, chorava em silêncio. Olhando para nosso amigo com melancolia, Teresa falou:

— Olhe, sinhô. O Graciano não fez isto que tão dizendo. É maldade do Ambrósio. E ele vai querê acabá comigo também. É triste dizê isto na frente de defunto, mas ele matou por malvadeza, ele me qué...

Alvarenga sentiu a revolta crescer dentro de si, na antipatia que já nutria pelo feitor.

— Você tem minha garantia, nhá Teresa. O pai não quer o Ambrósio fora daqui, mas se ele por acaso puser as mãos em você, ai dele. Fale comigo.

A negra baixou os olhos. Podia uma negra acusar o capitão branco?

— Brigada, Sinhô, antes me mato. Se isto acuntecê cuida de Mariazinha.

A cena nos chocara profundamente.

Saindo dali o doutor Cláudio aconselhou:

— Vende a escrava para outro. Você ainda vai ter aborrecimento neste caso.

— Afinal, quem manda nesta casa? Meu pai está cego. Este tal de Ambrósio ainda vai nos dar muito aborrecimento, (o pai de Alvarenga falecera e ele tratava seu sogro, Silveira e Sousa, daquele modo carinhoso).

— À noite, esquecidos quase do incidente, líamos e dávamos risadas das primeiras sátiras que eu compusera a Cunha de Menezes.

— Está bom. Bem picante. - comentou Alvarenga.

— Fiz-lhe algumas observações. - disse-me Cláudio, passando-me uma folha de anotações e correções.

Li-as. Ele era um Mestre. Aquelas correções punham mais força ao assunto.

— Muito bem - disse eu. - Façamos assim. Cada qual escreverá um pouco sobre o assunto, discorrendo sobre as diatribes do governador.

— Safa! - falou Alvarenga. - Tenha-me por escusado em tal assunto. Prefiro ouvir e dar risadas, que não sei fazer tão boa blague.

— Fico para as correções, se as aceita. - ponderou Cláudio.

— Está bem, está bem, senhores. Comecei e vou adiante. Além disto, distrai-me e dá-me consolo contra aquele perverso.

E, assim, naqueles dias nasceram as nossas *Cartas Chilenas*, sob carinho e ajuda dos grandes e queridos amigos.

No dia seguinte, antes de partirmos, fomos acordados coma gritaria na senzala grande.

Ao corrermos para lá, encontramos o corpo de nhá Teresa pendurado na trave do teto, com uma tira de couro. Ao rés do chão, Mariazinha, parecendo entender a tragédia, chorava desesperadamente.

Revoltado, tomando a criança ao colo e entregando-a aos cuidados de outra negra, Alvarenga exigiu do sogro a dispensa de Ambrósio.

Naquele dia meu primo ganhara com sua impetuosidade, dali para a frente, dois inimigos terríveis. De um lado, encarnado, Ambrósio tudo faria

para o perder e, no mundo espiritual, enlouquecido pela morte injusta, e sem poder impedir a companheira de um gesto extremado, o negro Graciano jurava, sem que o víssemos, em lágrimas e uivos de vingança, contra Ambrósio e a família de Alvarenga, que os entregara às mãos de um homem tão vil.

Aquele sarau, que prometera tantas alegrias, acabava assim de forma trágica e cruel, compelindo-nos a analisar que, fugir às realidades daquela hora que vivíamos, em nada nos ajudaria.

No retorno à Vila Rica tive que sentir de perto a presença de Bernardina Quitéria mais uma vez, com a qual iniciei um caso, que julgava inconsequente, já que a jovem compartilhara sua vida com outros mancebos, sendo independente para ajuizar seus casos amorosos.

Alguns encontros se seguiram àquela e estive a ponto de dobrar-me aos seus encantos, mas se estava com ela, reconhecia que era em parte para aborrecer o capitão Silvério, que nutria paixão doentia pela rapariga.

Um homem, quando encarnado, esquece quase sempre as moções de sua alma antes de nascer e eu, atraído fisicamente pela jovem, deixei aquele envolvimento chegar a consequências maiores, sem contudo prometer-lhe mais que respeito, honestidade e algum apoio financeiro.

Bernardina Quitéria, porém, queria-me enleado ao casamento. Não era eu tolo de escolher por companheira alguém tão leviana. Ao cabo de alguns meses escasseei minhas visitas. Acabei por deixá-la. Não valeram rogos nem ameaças. Satisfeitos os sentidos, aborrecia-me comigo mesmo por ter aceito aquela aventura e retornava aos casos penosos da Ouvidoria, e às minhas poesias de sátira, nas quais agora incluía todas as figuras mais representativas ou mais torpes da Vila Rica.

O tempo se passava com reuniões do nosso grupo de intelectuais, na procura de soluções para tantas crises e desabafos metrificados, em que eu me refazia e satisfazia a sede de saber da minha alma.

As Cartas Chilenas

As cartas chilenas transpiraram. Alvarenga leu-as ao Macedo e ao Vicente Vieira, sem falar do autor.

Cópias foram feitas e passadas de mão em mão. Não houve como impedir que chegassem assim às mãos de homens como Basílio e Pamplona ou Silvério, que eram muitas vezes ali citados.

O caso da escrava que fora roubada a seu senhor, a baixeza de Silverino, e o Cunha de Menezes furioso por saber do autor de tais ofensas.

— Bem vês. Fizeste mal. - falei ao Alvarenga. - Se o Governador devassa minha casa e acha tais produções, serei, no mínimo, recambiado para as Cortes a ferros! Acusado de alta traição e ofensa.

— Sempre podes dizer que foram cópias que se te deram

— Muito bem Pensas que é assim E quem foi que m’as deu, hein? E por que não dei ciência ao Governador do que se faz às suas costas? Bem vês que não é fácil provar inocência. Afinal, não és nenhum ingênuo!

— Perdoa-me. Sempre terás Cláudio Manoel a te defender e a nós por amigos!

— Pois, primo, que amigo me saístes. Foste muito inconsequente!

— Já te pedi desculpas.

— Qual! - retruquei. - Comecei tais produções para me desabafar e rir um pouco e já me dás numa bandeja ao Governador. Não sabes que ele vem tentando me perder, dia após dia? Ainda por estes dias fiz uma acusação séria à sua administração.

— E como?

— Mandeí uma carta relatório a D. Maria I.

— Estás louco. E depois dizes que eu te perdi.

— Eu sei como fazê-lo. E faço-a ver que tal Governador é um perigo até para as Cortes. Mas tu deste a ele um móvel contra mim. Já pensaste se

envia as Cartas Chilenas à rainha?

— Mas as cartas só falam dos desregramentos do Governador e sua gente!

— Bem. Pode ser, mas fizeste mal em todo caso.

— E não me perdoas?

— Isto agora de que adianta? Se te perdoo, fazes outro tanto.

— Como se não bastasse o aborrecimento em que estou. - falou ele, agastado.

— Que aborrecimento?

— Não tenho dormido direito, sabes? Lembra-te do negro Graciano, e de Tereza, aquela negra que se enforcou, quando estiveste na fazenda? Tenho pesadelos horríveis com os dois. Graciano ensanguentado reclama vingança e Teresa me arrasta para um abismo infernal. Acordo a rolar entre rochas para o fundo. Há noites tal sonho se repete.

— Bem te avisou Cláudio Manoel. Se vendesses a escrava, ficarias livre das insistências de Ambrósio. Por falar nele, soube que ingressou nas milícias...

— Mais um para nos perturbar. - falou Alvarenga. — Minha querida mandou-te lembranças. Sabes que ela te gaba muito o jeito de ser?

— Tua esposa é uma joia rara, meu primo. Cuida-te de não a perderes, com tuas pândegas.

— Não pode haver no mundo mulher mais gentil e inteligente que ela.

— Tens razão e é bela também Não sei como foi se enrabichar por um homem feio como tu. - disse a mangar com ele.

— E tu nem leste os poemas que ela fez. Bem, senhor doutor, meu primo, acredites ou não ela é melhor na arte que tu próprio. E parece que me vem por aí outro filho.

— Ora, ora, parabéns em todo caso! Embora vivas a chorar misérias, vejo que nem os pesadelos te hajam posto em menor forma.

— Não me censes. Também tu andas a fazer das tuas!- falou-me.

— Ora, é diferente, Alvarenga.

— E que me diz? Em quê o que fazes é diferente do que eu faço?

— Ora, as mulheres com quem ando são... levianas. Mas tu, meu primo, és amado como qualquer mortal gostaria de ser...

— Só nisto te dou razão. Bárbara é única. Mas tu, se estás a gabar-me a sorte, por que não te casas? Olha que já vais logo, logo, ficar velho, perder os cabelos, os dentes... e a pensar em ver-te casado... que desgraça! - fez Alvarenga a rir, com ar trágico...

— Amar, sim, mas casar... - retuquei.

— Para um velho estás a fazer as coisas muito levianamente.- E Alvarenga, tomando de uma banana, pôs-se a comê-la displicentemente.

— E me reprovias? Sou acaso o único nestas terras? Que me dizes de Cláudio Manoel? Tens-lhe respeito, pois não? Pois olha, ele tem um caso que se arrasta há anos, tu mesmo o sabes, pois já tiveste ocasião de conhecê-la. E é solteiro.

— Eu não posso dizer-te que o reprovo, pois nunca conversei sobre estas particularidades com ele.

— Ah! Não te intrometes. Não o julgas, mas a mim me tens por leviano?

— Homem de Deus! Eu não disse nada disto!

— Só acho que logo mais estarás velho demais para as pândegas.

— É caso para te acomodares, tendo ao lado uma jovem tão meiga e bela como a tua esposa! Fosse comigo e seria diferente, podes crer!

— Então, eu direi a ela. Queres casar!

— Não te faças de tolo! É triste viver só. Tenho pensado em ter uma companheira, em ganhar filhos. Esta ideia está a me seduzir...

— E nem tens uma noiva. Estás a zombar de mim, isto sim.

— Está bem. Brinca. Continua a brincar! Se nos metermos em encrencas, quero ver como darás risadas! Ora, deixemos de contendas. O que está feito, está feito e não adianta. Melhor é sairmos. Vamos arejar as ideias.

Como sempre fazia, desci a ladeira indo para o lado da ponte em arco. O barulho das águas do rio, o reflexo do sol dourando tudo punha-me frescor às ideias.

Subindo mais, passamos defronte à casa do capitão Baltasar João, que estava na mira do governador. Queria, à força, aquele demônio provar que o capitão era desleal. Por certo, já tinha um homem disposto a comprar-lhe o posto, que era dos mais importantes, pois roteiro de boa parte do

contrabando dos diamantes, os famosos seixinhos a que me referia nas Cartas Chilenas. A raposa astuta ia mais além. Tinha desejos de colocar as mãos nas terras daquele homem. Estava eu a falar ainda, quando um grito se ouviu do outro lado do muro.

— Ai!

Sem perceber como, eu que era ponderado em tudo o que fazia, vi-me a saltar de casaca e tudo, esfolando-me nas pedras, e pular do outro lado, ao ouvir os gritos de Alvarenga:

— Aonde vais? Estás louco? Entra pelo portão da frente, Tomás!

Tendo saltado, aturdido pela própria atitude, eu, que sempre fora racional e acomodado, vi-me diante da mesma garota do sonho, cujo nome eu já sabia.

Era Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, filha do capitão Baltasar João Mayrink e a quem eu via amiúde ultimamente, nas missas de domingo ou a fazer compras com suas escravas.

Estava ao pé de uma roseira, com uma expressão de dor, e da haste pendida uma rosa por apanhar, tombada, dando conta que um espinho lhe machucara os dedos mimosos, ou então uma abelha.

Assustou-se com minha aparição súbita:

— Dr. Tomás! - exclamou, fitando-me com os olhos admirados e depois à roda de si a ver se alguém mais me vira. Tomei-lhe a mão e vi um pequenino machucado, depois colhi a rosa e lhe entreguei:

— Perdoa-me se te assustei. - disse, limpando com o lenço seu ferimento. - Não pude deixar de correr ao ouvir teu grito. Ela enrubesceu

— Eu é quem devo pedir desculpas. Comportei-me como uma tola, por nada. Deves pensar que sou estouvada.

— Só penso em agradecer ao meu bom destino o ter-me posto aos pés de tão formosa senhorita.

— Estás feliz por que me ferí?

— Estou desolado, mas feliz. De que outro modo ousaria chegar tão perto de ti?

De longe, uma escrava olhava com malícia e Alvarenga, do outro lado do portão, pôs-se abater aflito:

— Abra, Tomás. O que se passa aí?

— É meu primo. Também se assustou com teu pequeno grito.

Maria Dorotéia fez sinal para a escrava que foi abrir o portão e, ao ver-me ao pé dela, esfolado, sujo de terra, a calça rasgada no joelho, coisa que eu nem notara, Alvarenga deu uma gargalhada:

— Mas estás parecendo um bobo! - exclamou.

Fuzilei-o com os olhos.

Só, então, percebendo que eu me esfolara todo ao saltar o muro, a jovem tomou-me impulsivamente pela mão, fazendo-me erguer.

— Senhor Dr. Tomás, jamais me perdoarei por ter te causado este susto. Vem! Entremos. Mariana, - disse, dirigindo-se à escrava com uma energia imprópria para alguém tão nova - providencia água e toalha, bem como uma lavanda e veja minha caixa de remédios, para que eu lave as machucaduras do Dr. Tomás. Veja que Antônia nos traga uma chávena de chá. Vamos. Que espera?

A escrava reverenciou-a e retirou-se, enquanto a menina me levava com desenvoltura pela mão e me fazia sentar em um canapé.

Neste momento, entrou o capitão João Mayrink.

— Dr. Tomás! Não me anunciaram tua chegada. Dr. Alvarenga!

— Estou aqui como um intruso e devo-lhe desculpas .- falei.

— Não é verdade, papai. Eu o assustei e julgando-me em apuros o doutor Tomás correu em meu socorro, ferindo-se. Que posso fazer para desculpar-me?

O pai abraçou-a sorrindo e ela, percebendo meus cabelos despenteados, ajeitou-os com as mãos, prendendo-os na nuca.

— Pelo visto é nosso destino estar a dever sempre favores e desculpas ao senhor, Dr. Tomás. - retrucou ele.

Felizmente a chegada da escrava com o chá, e a outra com a vasilha de água fresca tirou-me da abertura em que me via.

— Sempre hei de dizer-lhe, capitão, - retrucou Alvarenga, mudando o rumo da conversa - que esta tarde não esperava pelo prazer de estar em sua casa. Por que não me dá ainda mais alegria e ao meu pai, indo passar com os seus um fim de semana em São João dei Rei?

— É preciso primeiro consultar as damas. - falou o capitão.- Mas seu convite é uma honra, Sr. Alvarenga.

— Então não esteja a declinar dele.

— Alvarenga, não força. - falei eu à meia-voz.

— Vamos, papai? Sabes como adoro o campo. - pedia Maria Dorotéia.

— Falaremos com suas tias e resolveremos ainda hoje. Onde posso mandar minha resposta? - perguntou o capitão.

— Estou em casa do meu primo, a importuná-lo nos estudos dos cansativos autos.

Alvarenga ria-se de ver como eu sempre tão maneiroso estava constrangido na presença daquela menina. Eu não lhe tirava os olhos, e seus dentes magníficos a me sorrir, a boca com um trejeito engraçado, nos modos de criança, me encantavam

Quando saímos Alvarenga a caçoar de mim falou:

— Quem diria. Na tua idade e vais a escalar muros por uma criança!

— Não é uma criança. - falei arrebatado.

— Agora entendo tuas Cartas Chilenas amigo Critilo... e o teu querido Doroteu...

Alvarenga tocara um ponto fraco. Sim. Eu escolhera aquele cognome Doroteu pensando em Maria Dorotéia.

— Muito bem e talvez, por isto, eu seja o Critilo, por não ser nada criterioso neste caso. E como te chamaria eu? Um homem que não guarda segredo...

— Chamas-me de Bárbaro. Não intentes outros nomes feios...

— Bem deveria, que o és. - respondi.

— Estás zangado comigo porque te peguei aos pés de uma menina? Ora! Ora! Louvo-te o gosto. É bela, inteligente, uma graça. Estarás assim satisfeito? Faço-me de Cupido. Ajudo-te a encontrá-la outra vez. Virás este fim de semana à fazenda? Não vês que procuro mais meios de que lhe faças a corte?

— Não te pedi isto e não sabes se o capitão irá.

— Viste como a jovem ficou radiante? O capitão é duplamente teu devedor.

— Sou pobre.

— És tolo.

— Sou um velho!

— Oh! Que pândega! Estás apaixonado. És mais imbecil que eu mil vezes! Estás muito engraçado.

E Alvarenga pôs-se a rir, vendo que eu mirava meu lenço onde ficaram as marcas do ferimento de Maria Dorotéia.

— Beija teu lenço. Vamos. Beija-o. Nunca vi um homem mais embeijado que tu, palavra.

— Alvarenga, - rugi - estás te tornando inconveniente.

— Perdoa-me, primo. Também pareço um tolo quando estou com a minha Bárbara. Compreendo-te. Mas é melhor que nos apressemos. Quero ir à casa do doutor Cláudio logo mais à noite. Temos muito que conversar. Fico por lá. Manda avisar-me logo que chegares, e dá-me ciência da resposta do capitão, tão logo a dê. Teremos um fim de semana maravilhoso. Vai, Apoio, que Vênus já foi fisgada. E cuidado, que Júpiter não te perca.

Alvarenga subiu a rua, deixando-me perto de minha casa.

Prossegui ladeira acima. Ao chegar, aguardava-me uma carta cheia de mágoa e queixas de Bernardina Quitéria.

Aborreceu-me. Amassei-a. Não lhe devia nada. A imagem pura de Maria Dorotéia seria a única a me acompanhar daí por diante.

A escrava Dijanira

À tarde, ao chegar em casa, olhei da janela superior a Igreja de São Francisco de Assis, defronte.

Alvarenga descera a confabular com amigos do regimento, o Freire de Andrade, o Vicente Vieira, caixa do contratante João Rodrigues de Macedo, e dissera-me que talvez fosse tomar vinho na bodega próxima à ponte e ver algumas serestas.

Estava cansado. O Sol punha laivos de colorau e sangue no horizonte. O prédio da Câmara e as construções da Cadeia, que eu ajudara a aprovar, às instâncias de Cunha de Menezes, e o relinchar dos cavalos que passavam eram um espetáculo calmo e maravilhoso.

Negros luzidios passavam, com a pele a contrastar com o algodão cru das roupas, apressados nas suas obrigações com as nhandás e os nhonhês.

Observando atentamente a igreja que se erguia, pus-me a meditar na magnífica obra entalhada entre as montanhas, que aquele mulato estranho, a quem chamavam Aleijadinho, fazia. Pensava em contratá-lo para fazer-me um oratório em casa, só para poder melhor conhecê-lo. Mas a que senhora dedicaria? A senhora da Conceição, das Mercês e Perdões, a do Pilar?

Sorri-me a pensar pudesse o artista esculpir minha santa com o rosto daquela jovem que eu acabara de deixar, e por quem sentira forte atração. — Vênus vestida de santa! - murmurei.

Uma escrava entrou a saber se eu queria algo.

— Prepara-me o banho. Estou suarento. E traga-me o bom vinho tinto.

Voltei-me a vê-la sair de manso a obedecer minhas ordens. Era uma rija e bela mulata, de verdes olhos felinos. Contava-se que era filha ilegítima da família Albuquerque, nobres de tradição na cidade.

Dijanira era parda e fora-me cedida pelo contratador Macedo. Tinha maneiras polidas e era excelente "governanta". Já me conhecia os gostos.

Fazia-me preparar quantos acepipes eu gostasse e nunca deixava faltar vinho à mesa, ou de inspecionar a temperatura da água, em que fazia deitar sais e lavandas que eu apreciava.

Logo senti o cheiro morno do perfume na água e Dijanira entrou.

Sentara-me no canapé, indeciso a escolher qual roupa iria bem na noite que parecia prenunciar calor ameno, quando ela, ajoelhando-se aos meus pés, sem que eu pudesse impedir, começou por tirar-me os sapatos.

— Tomas teu banho já, senhor?

Um arrepio levou-me o pensamento. Fitei aqueles olhos cheios de paixão. Aquela escrava me amava! Ao invés de repeli-la, contudo, senti-me envaidecido. Dijanira era moça e bela. Sabia que me pertencia. Era minha escrava. Eu podia tê-la quando e como quisesse, mas os seios a saltarem da blusa pobre eram um oferecimento aos meus pés.

— Sim - respondi. - Ajude-me.

Ela começou a despir-me devagar. As meias, a casaca. Colocou à mesa o copo de vinho, a botelha, desabotoou a blusa. Não eram mãos de uma escrava, de uma profissional. Eram gestos de carinho. Percebendo que eu o pressentira, encostou a porta passando-lhe o ferrolho, puxou as cortinas da sala, beijou-me os pés.

Eu a deixava agir, estranhamente encantado por seus modos. Era eu homem não isento de paixão. À falta de uma companheira, tinha meus amores. Por que não uma escrava? Poderia eu perder a autoridade que tinha aos meus lacaios? Quem saberia? Dijanira sempre fora correta e calada. Era-me um direito de dono e, além do mais, era ela quem se oferecia.

O cheiro da lavanda na água morna enchia o aposento. Dijanira, vendo que eu não a repelia, achou que cedia ao seu oferecimento. Desatou a blusa. Era bela de corpo, os olhos verdes a me olharem em súplica. Acaricieei seus cabelos duros. Passamos instantes de prazer. Seu corpo servia-me ao desafogo da carne sem amor.

Depois, senti um certo remorso, um cansaço. Ela saiu sorrateira, voltando com água quente a reaquecer a água do banho, e como a prometer discrição, tomou-me pela mão, lavando-me e banhando-me.

—A água parece estar boa agora, senhor? Quando precisar de mim, toque a sineta. Que trajes queres pôr?

Estava bem assim para mim. Ela não se iludia, não tomava liberdades. Punha-se no seu lugar. Mas também, porque seria de outro modo? Por certo aquela mulata já tivera outros amantes, talvez até andasse com algum dos meus negros...

— Vê-me a casaca azul e as calças de belbute vinho. Deixa-os ao pé da cama e podes recolher-te, Dijanira.

Ouvi-lhe os passos na obediência calada, como convinha.

— É uma linda cria, - pensei - mas é melhor que isto não se repita.

No entanto, após aquela tarde, todas as vezes que eu sentia desejos, eu a chamava e ela acedia, servil. Nunca disse que a amava. Dava-lhe presentes. Sabia que ela calava e consentia mais do que por condição, por uma chama sutil que lhe ardia no peito.

Tristes dias aqueles da Vila Rica, em que me vi de perder, e tantos comigo, na licenciosidade, nos prazeres do amor físico, comprando dores e dívidas sobre a minha cabeça.

Esquecera meus protestos de antes de nascer. Seguia os modos e costumes da época. Dijanira era uma entre tantas a quem estávamos a dever o respeito da criatura humana, de alma sensível e a quem usávamos simplesmente para a satisfação dos nossos desejos. Mas quem poderia, em tão consciência nos acusar, então, ou mesmo hoje? A situação, de todo modo, continua quase inalterada, senão o que dizer da escravidão branca que ainda existe? Mas voltemos ao assunto. Basta-nos a própria vergonha e a lembrança dela.

Após o banho, arrumei-me com aprumo. Era cuidadoso com a aparência. Achava-me belo. Meu pai sempre louvava meus cabelos loiros, a quem minhas irmãs diziam ser-lhes devido, por mulheres. Minhas tias haviam-me ensinado as artes dos bordados e eu mesmo tecia aqueles arabescos na casaca, bordada a fios de ouro e prata, com que me apresentasse nos salões bem posto. Sabia-me um homem desejado, naquelas terras, onde havia mais mulheres que homens, e a grande maioria, sem cabedal e até mesmo sem graça ou educação, cheirando a cavalo e suor. Prendi meus cabelos e tomei o chapéu. O sarau em casa de Cláudio Manoel prometia ser muito agradável. Levaria mais algumas produções de sátira, que compusera altas horas na véspera. Retirei uma pedra do postigo e tomei

as páginas que escondera, guardando-as por dentro da casaca.

Na mesa havia um prato cheiroso. Carne, batatas, arroz, feijão, linguiça. Dijanira deixara ali enquanto me vestia; e a garrafa de vinho aberta...

Comi devagar, saboreando o vinho que me aquecia por dentro.

Era eu quase um homem realizado. Tinha os melhores amigos de quantos podia desejar: o Dr. Cláudio Manoel da Costa e o Alvarenga, meu primo, ambos poetas como eu. Tinha uma casa confortável, um cargo de respeito. Era desejado, amado, e, por que não dizer, - pensava, olhando-me ao espelho, - belo. Sorri-me. — Bem não me fica tão pouca modéstia! - falei alto a rir-me de mim mesmo. — Melhor faço se lá vou logo, sem mais me fazer esperar, que já me creio atrasado.

Olhei o grande relógio ao pé da sala: — Mais de oito horas! Santo Deus! Serei o último a chegar.

Lavei a boca e, tomando o chapéu, saí. A Lua punha reflexos nas pedras que pareciam diamantes. Branquejavam nuvens no céu onde estrelas as saudavam. Senti saudades de meu pai, de Miragaia, até mesmo de Beja, com seus saraus aborrecidos. Onde andaria Maria Emerenciana? Papai não me escrevia a dizer do filho que lá deixara, como se fosse um acordo entre ambos. Nada poderia desabonar-me na Vila Rica. Maria Emerenciana era um capítulo encerrado. Meu pai sabia e respeitava-me. Só me diria qualquer coisa se acontecesse algo muito tenebroso, que eu precisasse saber. Seu silêncio era a certeza de que tudo corria bem

Apesar de sentir ainda as carícias de Dijanira, a imagem de Maria Dorotéia veio-me ao pensamento. Escreveria um poema para ela logo tornasse. Versos acudiam-me, louvando-lhe a graça, a beleza. Eu... e Maria Dorotéia, a sinhá Joaquina? Por que não? -pensava eu. - Por que não?

Dirceu e Marília, doce idílio

Sempre hei de dizer que o campo faz prodígios a um homem.

Apesar da longa viagem à fazenda de meus parentes, agora estava duplamente feliz.

Há semanas sentava-me à ponte de Antônio Dias, a terceira de Vila Rica, ou ia de assistir missa na Igreja do Pilar, como firme propósito de rever Maria Dorotéia.

O coro de vozes afinado, os acordes de um pardo contratado pelos padres, elevavam-se no ar.

Minha menina, com um ténue vestido rosado, assistia ao lado dos parentes, na galeria reservada aos nobres do lugar.

O governador e família estavam em frente e eu mais alguns amigos, ao lado, bem em posição de observar a minha querida, com o amigo Bandeira, intendente de Vila Rica.

Sentia-me num céu. As vozes suaves no ar, e eu a olhá-la e ela, terna, percebendo minha insistência, corava de pundonor baixando a cabeça.

À saída, mal a cumprimentava e sorriam-se as moças, tapando o rosto com os leques, por sondar-me os modos.

À tarde, deixava-me ficar muito tempo sentado à ponte de arco à espera dela. Sabendo-me ali, tomava de um cântaro e vinha buscar água no chafariz que ficava bem defronte à casa de seu tio.

Mal a via sair pela porta principal corria a ajudá-la.

Nossas mãos se tocavam. Maria Dorotéia quase deixava a jarra cair ao chão de susto.

Ficava deliciado de ver-lhe a fresca expressão de sobressalto.

Agora conseguira arrancar-lhe a promessa de que estaria em casa de Alvarenga. Da outra vez não fora.

As matas das Gerais deslumbravam a paisagem Um calor gostoso, e o

negro Tomás na boleia a tocar os cavalos. Aponte do rio das Mortes. Sempre ouvira coisas terríveis daquele rio, com respeito à emboscada que os portugueses fizeram aos paulistas no passado... O capão da traição... o rio tinto de sangue por quilômetros, tal a selvageria... Estremeci. As Cortes eram cruéis nestas terras mais que naquelas outras. Não era eu mesmo testemunha de tantas arbitrariedades do miserável Governador?

Antes de sua chegada, os amigos das milícias folgavam alguns mineiros, facilitavam a vida dos pobres. Auferíamos aqui e ali algum ouro e pedras de gratidão, mais porcos e galinhas... Chegara até a receber um baio de fazendeiro amigo.

Agora os impostos redobrados, e o fanfarrão a colocar nos postos-chaves a quantos malandros eu conhecia de longa data. Negros forros eram caçados, presos. Homens simples manietados como se fossem escravos. Donzelas se entregavam para suprir de liberdade pais e irmãos, e a soldadesca atrevida, sem peias, escudada em seu chefe, a fazer das suas na Vila e no campo, nas estradas, a parar e espoliar nobres e simples sem direito.

A lembrança de tantos fatos que vinham me apresentar; do negro Jovino, desaparecido nos serros, após me dizer que preferia conviver com as feras ou se transviar com bandidos, a voltar escravo depois da alforria; da pobre Malvina, encontrada morta na calada da noite, após a espoliação de sua casa; da jovem Eudóxia, enlouquecida após sevícias e eu, de mãos atadas, tudo sabendo e nada podendo, enchia-me de furor.

Não fora eu jamais levado por tais táticas sem que, na força das leis, não pusesse a correr o impostor. Mas agora, enquanto se fazia a denúncia, os padecentes eram chacinados, os autos desapareciam, as testemunhas mudavam suas falas, premidas por ameaças. Tinha eu, no entanto, um trunfo, um afilhado nas milícias, rapaz que eu muito propiciara e que era honesto e corajoso. Far-lhe-ia portador ao vice-rei e à rainha de cartas onde eu desfilava todo aquele despotismo.

A rainha poderia ficar indiferente às injustiças, mas se encheria de zelos quando soubesse do contrabando de pedras e ouro que se fazia às custas do cofre real, que a real senhora punha muito cuidado em seu tesouro.

As Cartas Chilenas estavam impressas por mãos amigas de padres que

puseram as prensas a trabalhar em silêncio.

Breve, muito breve, toda Vila Rica conheceria meu libelo.

O que me doía é que não pudera impedir a solicitação para a construção do prédio da Câmara e Cadeia, obra suntuosa que o Cunha de Menezes pretendia erguer, para sua fama, mas que seria o motivo de mais disparidades e irregularidades, que o enriqueceriam, como vinha sendo motivo de perseguição aos seus desafetos, humilhação àquela pobre gente, um meio de fazer valer seu sadismo despótico, e mais ainda ajuizar da ignomínia da tropa paga. E eu tivera que requerer aquela construção! Castigo dos castigos!

Mas, agora o que me importava é que eu iria ver Marília, que assim a estava cantando, com o nome suposto de Dirceu. Não poderia mais fugir-me. Conhecia-me os sentimentos a seu respeito. Suas líras eram lidas em nosso grupo, em casa de Cláudio Manoel. Eram repetidas por ouvidos indiscretos, e mais de uma eu passara às suas mãos quando ia de bilha à bica.

Na última tarde da véspera, ainda bem me lembro, eu lhe dissera:

— A senhora vem buscar água e deixa a morrer de sede quem está ao pé da fonte?

Entendendo o alcance de minhas palavras, Marília sorria, mas não me deixara ficar sem resposta:

— Como podes ter tanta sede, senhor doutor, se tantas dizem que já tens bebido de todas as bicas de Vila Rica?

Falava-me indiretamente da fama que eu tivera sempre de conquistador, pois, como disse, não era homem isento de paixão, e se não me consorciara, nem por isto deixava de ter meus casos amorosos.

Percebi que se escudava de ser mais um deles, que me exprobrava a atitude leviana, a qual não aprovava.

— Mas se tens dado ouvidos a tais comentários, senhorita, deves ter ouvido outros, que falam que o ouvidor de Vila Rica já nem dá tratos aos autos da justiça, enfeitado que está do teu sorriso.

Marília mordida os lábios com um trejeito engraçado e depois sorria, fazendo surgir duas covinhas nos lados das faces. Fitava-me furtivamente, e procurava esquivar-se.

— Boa tarde, senhor doutor. Não há que dizer que usou as mesmas línguas que o injuriam, para fazer o visco ao próximo pássaro.

Mas, não a deixara ir. Tomando-lhe a frente, embarguei seus passos:

— Senhorita, ainda que eu provara de todos os lábios, não o farei mais depois que vi os teus. Sou réu, sim, sou réu confesso do amor que tenho por ti.

Com a boca aberta por espanto do meu arroubo, Marília mal teve meios de reagir:

— Senhor, - disse, olhando-me assustada - nos expões aos olhares e ouvidos maliciosos.

— Não me importa! Que falem! Promete-me que pensarás no que eu te disse. Espero, senhorita, por tua resposta.

— Que resposta? - fez-me ela.

— Se posso ter uma esperança.

Marília tentou fugir-me uma vez mais.

— Posso? - perguntei, cortando-lhe novamente a frente.

— Dr. Tomás! Deixar-me-ás passar se eu disser que vou pensar?

— E irás às festas em casa de meu primo?

— Sempre irei se meu tio, que está na janela a nos espreitar, não achar muito inconvenientes os teus modos.

Ela estava coma razão. À janela, espreitava-me o capitão sob o postigo.

Cumprimentei-a e deixei-a passar.

Fora precipitado, mas agora prometia a mim mesmo cuidado.

Alvarenga me propiciara meios de estarmos juntos. Era o que eu mais desejava.

Marília, Marília, graças à minha estrela, que m'a mandava em tão boa hora, para encantar-me a vida tão farta das maquinações do governador e sua súcia de peraltas.

Ao longe, avistei o largo muro de pedras que cercava a propriedade de meus tios. Talvez um dia também eu pudesse ter uma assim, com gado e mineração, onde eu e Marília vivêssemos felizes. Qual!

A minha profissão fazia-me judeu errante como meu pai, como os parentes distantes, que eu ouvira dizer pela tia avó Teresa e avó Marianinha. Era eu descendente de judeus conversos ao Cristianismo. Tomé, pai de meu

pai João Bernardo, era filho natural de um frade judeu com Joana. Sempre ouvia de tia Teresa, que me adorava, muitas histórias das suas façanhas nas lutas pelo Direito. Língua cortante como espada, ninguém ousava desafiá-lo que a todos dava o ás. Crescera em mim a admiração por ele:

— Pareces-te com ele, miúdo. - dizia-me com os olhos cheios de lágrimas - os mesmos olhos, a mesma tez, a mesma inteligência.

Tomé, Tomás, dois amores que tia Teresa cultivara tão bem...

Devia a ela a iniciação na arte dos bordados, com os quais mimava minha vaidade.

Estaria um dia Marília disposta a acompanhar-me, na vida errante às ordens reais? Eu a queria mais do que tudo no mundo e me empenharia em conquistar-lhe o coração. Ardia de desejos por vê-la naqueles sítios que convidavam ao amor.

* * *

A casa da fazenda regurgitava de convidados, e Alvarenga me recebeu com aquele seu vozeirão alegre:

— Ainda bem que chegaste. Estava com cuidados por ti.

— Achavas que eu não viria? - perguntei-lhe, enquanto meu bom negro dava as malas ao negro Marimbeiro, que as levava para dentro.

O grande alpendre estava florido. Redes e bancos ornavam a entrada, enquanto chusmas de papoulas e margaridas ornavam os lados de entrada. O Sol estava já a pino, o calor esfuziante, o céu azul, que algumas nuvens brancas bordavam

Alvarenga abraçou-me com calor, enquanto sua filhinha, Maria Ifigênia, corria para meus braços, seguida de perto pela mãe, D. Bárbara Heliodora, que pedia:

— Entremos, primo. Foi bom que vieste. Sempre é tempo de que Ifigênia tenha os agrados teus. Ela não vai deixar de te importunar, enquanto não lhe cantes alguma coisa.

— Papai canta mais bonito que o "titio." - falou Alvarenga, fazendo blague comigo.

E enquanto a mãe levava a encantadora criança, disse-me em voz mais baixa:

— Temos encrencas. Vem.

Levou-me apressado para meu próprio quarto e fechou a porta, indo a ver na janela se não havia quem nos espiasse.

— Vai-te daqui. - falou ao negro que trouxera minha bagagem - E vê que tragam água fresca e toalha para o doutor! Anda! Anda!

Estando a sós, falou-me com ar desconsolado:

— Meu caro, hás de ver que se sou teu amigo, nem por isto deixei de te pôr em maus bocados.

— Fala logo, homem Deixa-te de rodeios. O que aconteceu? O que fizeste desta vez? Não virá a sinhá Joaquina aos saraus? Oh! Que brincos prometem ser estes?

— Quanto a isto estejas sossegado. Sempre ela virá com as tias e as irmãs, já te tenho prometido. E minha Bárbara prometeu interceder a teu favor. Coisas de mulheres. O problema é outro.

— Qual? Tem ela algum pretendente entre os convivas?

— E quem se apressaria a cortar-te a frente? Não é isto. Tu é que te encrencaste.

— Eu? Ora, agora estás a falar por enigmas? Alvarenga, diga sempre!

— Lembras-te de Bernardina?

— Oh! Não! - entendi, finalmente. - Não me digas que também virá. Mas por que fizeste isto?

— Eu não fiz nada. Ela se convidou a si mesma, por "papai".

Soube que virias e quis usar a oportunidade para cobrar-te seus favores.

— Que tragédia. Mas, faze-me um favor. Ocupa-te com ela. Deixa-me livre o campo.

— Se faço tal já me vês em apuros com D. Bárbara Heliodora. Não a conheces, meu caro. Quando se enfurece, pobre de mim. Bem., que podemos fazer? Tratarei de tentar arranjar alguém que a prenda no laço. Eu não, que já estou fisgado. Além do mais, és um sábio em amores. Já te saístes de celas melhores. E sempre será divertido ver como te saís desta vez.

— Divertido, não é mesmo? Pois não me importo de parecer grosseiro. Darei a esta dama bons motivos para odiar-me, pois sabes que aquele sexo nunca foi constante. Sabes? Desta vez, sim, Cupido me fisgou e estou irremediavelmente perdido. Não terei atino no que faço. Só vejo Marília, só amo Marília, estando acordado ou dormindo.

— Marília? Pois já a tens nomeado? E Altéia?

— Altéia perdeu para ela de vez. Decidi-me. Agora ela será a musa de Dirceu. Só ela. Maria Dorotéia é muito complicado. Mariléia não fica bem, Dircéia é um pouco grosseiro, não achas? Junto Maria com Dorotéia e faço minha Marília. Bem vês, Alceu, vou cantá-la como nunca foi cantada nenhuma mulher do mundo! Doutor Cláudio a nomeia Amarílis, o lírio, e para mim será Marília.

— Está bem, seu cretino, farás desatino sobre desatino.

— É meu destino, que queres?

— Que te prepares que a tua Laura já tem as garras a fio.

— Estás a me falar nela! Queres mesmo estragar estes dias!

— Os dias queres para tua Marília, mas bem que houvestes noites para a tua Laura!

— Não me lembres isto! Sou humano!

— Pois bem, meu caro humano, Bernardina já chegou e logo mais chega D. Marília. Espero que não te partam ao meio, em todo caso.

Olhei pela janela. Eis que chegava uma caleça, que conheci ser de minha bela.

— Ei-la que chega. Vou recebê-la.

Transpus a porta rapidamente e tratei de ir à estrada com quantas pernas tinha, embora não a correr, disfarçadamente, com cuidados. Alvarenga acompanhou-me.

Ao vê-la, estendi a mão em que se apoiou para descer do carro. Fiz outro tanto com as senhoras e tratei de pôr-me ao seu lado.

— Ainda bem que vieste, formosa. Agora a natureza se completa de beleza cheia.

Marília sorriu ao meu louvor e não falou.

— Sabes? Estou preso aos teus encantos, minha vida pende de teus lábios. Se sorris, fico feliz, se calas, encho-me de esperanças.

Tua presença é o Sol que chega pondo luz no meu caminho.

Alvarenga dera o braço à tia de Marília, a fim de deixar-me o campo livre. Enquanto eu falava, Marília deu um suspiro e corou.

Por um momento seu pé resvalou em uma pedra. Tomei-lhe rapidamente o braço e, aproveitando aquele instante, tentei levar sua mão

aos meus lábios.

Assustou-se e recolheu-a apressada, olhando para a tia que vinha logo atrás.

— Não te assustes, que eu não serei tão louco que te imponha meu afeto. - falei, amparando-a. - Permita só que tua presença seja minha alegria e que eu te ampare por um pouco.

Chegáramos à varanda e Marília, deixando que eu segurasse suas mãos, falou:

— Não penses, Dr. Tomás, que eu sou feita de pedra, nem brinques com os brios de alguém que não suportaria uma desfeita.

— Por que ainda te escudas, Marília? - falei apressado. - Não tenho sido objeto de brinquedo nas tuas mãos e nas falas de toda a Vila Rica, desde que te procuro ver e falar a todo o instante?

Marília olhou-me dentro dos olhos por um instante, como a querer ler na minha alma quanto a sinceridade das minhas palavras, mas sua tia Gertrudes quebrou o encanto:

— Vamos, menina. Vamos refazer-nos deste caminho ingrato. Logo mais terão tempo para trocar impressões.

Marília baixou os olhos e soltou-me as mãos. Senti que alguém nos fitava e, mal ela se dispunha a entrar, eis que Bernardina se chega com malícia:

— Dr. Tomás! Mas, que surpresa! Estava mesmo à procura de quem pudesse me mostrar estes sítios!

Marília se deteve a ouvir-nos, fingindo que arrumava a saia, sem se voltar, contudo.

— Ficaria encantado, senhorita, - respondi, acentuando as palavras - mas acabo de chegar e nem tive tempo de ver meus aposentos. Porém estou certo que encontrará alguém melhor do que eu e menos cansado.

Pensava em entregá-la a Alvarenga, mas ele, ladino, já tinha se escapulado.

Com uma mesura retirei-me, passando por Marília que, antes de sair da sala, voltou-se e me sorriu.

Aquela era a recompensa que eu esperava e um sinal de que eu não lhe era indiferente.

Repousei por uns instantes e ao acordar o Sol já ia quase a pôr-se. Ouvi uns risos na varanda e a voz de Alvarenga a cantar suas composições. Levantei-me e tratei de arrumar-me. Ajeitei os cabelos, prendendo-os atrás da nuca. Perfumei-me e fui ao encontro do grupo.

Senhoras, cavalheiros e jovens descansavam à sombra do arvoredor a beber sucos e guloseimas que o bom Domingos providenciava. Domingos era o cozinheiro de Alvarenga. Bom negro, alegre e maneiroso.

Mal me viu e Bernardina saudou-me:

— Sr. Dr. Tomás! Venha sentar-se. - falou, indicando um lugar ao seu lado.

Negar seria grosseria, mas eu estava disposto a tanto para agradar Marília.

Olhei para ela, como a pedir socorro. Entendeu-me de pronto, e, erguendo-se tomou a sanfoninha e veio ao meu encontro. Voltando-se para os demais, falou com graça:

— Vamos agora ouvir a glosa do Dr. Tomás? O Sr. Alvarenga já nos tem encantado com sua rabeca. Poderia também o doutor cantar para nós?

Marília olhava-me divertida, por tirar-me daquele apuro e pôr-me noutro.

— Não posso declinar do menor pedido teu. - respondi, tomando a sanfoninha e sentando-me ao seu lado. - O que queres que eu cante?

— Por que não improvisas? - falou Alvarenga. - Fala a estas senhoritas a descrição de Cupido.

Aceitei o alvitre e pus-me a cantar.

Marília ficou admirada da minha voz. Por certo, não esperava que eu a tivesse. Julgava-me desafinado talvez. Cantando, olhei para ela e diante de todos assim falei:

— Pintam senhora a Cupido,
como um menino ladino,
que seja cego e loiro,
e tenha aljavas de flecha.
Mas eu, senhora, que tive,
com ele tanta peleja,
e derrotado me sinto,

sem me importar que assim seja,

Vou dizer-te bem agora
o retrato que ele tem:
é o retrato da senhora,
que diante de mim já veem
Temos cabelos compridos,
que pelas costas ondeiam,
o rosto branco dos lírios,
que nestes sítios campeiam

Tem os dentes de marfim,
e os lábios rubis pequenos,
as mãos níveas e os dedos
são compridos e serenos.
A testa é redonda e lisa,
sobrancelhas arqueadas,
os olhos são como estrelas,
orvalhando madrugadas.

As faces são como as rosas,
se ela fica encabulada,
e são brancas tal jasmim,
quando está indignada.
O talhe é gracioso,
como a palmeira esguia.
Eis aí, senhora, a imagem
que de Cupido se fia...

As senhoras entendendo
a descrição de Marília,
nos versos que eu cantava,
sorriam e cochichavam,
mas nem por isto a verdade
de cantar eu já cuidava,
que o amor é tua imagem,

que tem esta alma escrava...

-Aplausos e risos cobriram os últimos acordes e Marília, encabuladíssima com a prova que eu lhe dava diante de todos, não sabia o que dizer.

—O senhor doutor Tomás foi muito eloquente. - falou, enfim

— E mereço uma paga? - perguntei-lhe, sem lhe tirar os olhos.

— Sempre haverá de cobrar-me? - respondeu.

— Dar-me-á o prazer de lhe mostrar uma porção do jardim? Que as rosas precisam ver quem as destrona e também mais os jasmims.

Marília voltou-se para a tia, enquanto Alvarenga retomava a contar casos para as senhoras:

— Titia, posso acompanhar o doutor Tomás ao jardim?

— E como posso impedi-la? - respondeu a tia, brincando.

— Sempre terei seu pedido como uma ordem - disse-lhe eu.

— Vão, vão, meus filhos, que os nossos ouvidos indiscretos já ouviram juras demais por um dia, e a continuar assim esqueço minhas cãs e volto a apaixonar-me, doutor. - interpelou, batendo como leque em minhas costas.

No entanto, Bernardina levantou-se e, dirigindo-se a nós:

— Vejo que já se recuperou do cansaço da viagem, senhor doutor. Acho que já é tempo de mostrar-me estes sítios.

D. Gertrudes, erguendo-se, tomou uma decisão. Suas mãos tomaram o braço de Bernardina e afez sentar ao seu lado:

— Querida, faça-me companhia, por favor. Nem sempre terei o prazer de uma conversa com alguém tão inteligente!

Eu e Marília saímos. Minha menina estava indignada e encantada, mas fugia-me que lhe tocasse o braço. Parecia que a insistência de Bernardina a magoava fundo. Afastamo-nos intencionalmente da casa da fazenda, saindo do jardim para a mata adjacente.

Sentei-me num tronco ajudando-a a se ajeitar para melhor descansar. Ao pé de nós havia uma olaia secular. Peguei de uma pedra pontuda e gravei no tronco o nome de Marília.

— Este é o meu amor. - disse-lhe.

— Jurarias, e não mentes?

— Sim

— Então, dê-me esta pedra. - pediu.

Repetindo meu gesto gravou abaixo meu nome.

— Bem., se juraste falso, que um raio consuma esta árvore e a nós dois. Que seja assim! - falara arrebatadamente, e sem que eu esperasse por tal reação, começou a chorar desconsoladamente.

Fiquei oprimido, sentindo-me perdido com aquelas lágrimas que eu não esperava.

Abracei-a com quanto amor senti em mim

— Tolinha! Tolinha! Não chores! Jamais nos separaremos. Jamais!

Vencendo a emotividade, Marília empurrou-me de leve.

— Perdoa-me. Sou uma tola. Tenho medo que outra ou o destino te leve de mim Beije-lhe as mãos de neve.

— Sempre terás o meu amor. - prometi.

— E eu serei sempre tua. - falou Marília.

— Enxuga teu pranto. - pedi, dando-lhe o lenço. - Queria secar tuas lágrimas com meus beijos.

— É melhor tornarmos. Não convém que fiquemos tanto tempo longe dos demais.

— Que me importamos outros? Para mim tu és tudo.

— Não podemos dar aos outros motivos para falasões.

— Tens razão. Sou egoísta. Mas recompõe-te e permita que...

Não terminei. Sem poder conter-me, beijei-lhe o rosto ainda molhado e estreeitei-a junto ao peito.

Senti seu coração descompassado junto ao meu, seu corpo amado, seus cabelos...

Que felicidade se poderia comparar com a minha naquele instante?

Vida de idílio e dissabores

À noite ardiam-me os olhos, mas estava feliz. Diante de todos cantara o meu amor. Amava e era correspondido. Agora, coma vela sobre a cômoda, deixara que as ideias se inflamassem de indignação. Transpusera os pseudônimos. Meu querido e bom amigo seria o Doroteu e eu o Critilo. Alvarenga seria o Alceu e também nomeara os outros desafetos.

A construção da Cadeia ia de vento em popa e os desmandos do Governador também.

Desde que eu me opusera sistematicamente à arrematação das entradas e contratos dos dízimos a quantos testas-de-ferro me fossem apresentados, para suprir ao escândalo de estarem sempre entregues ou a Joaquim Silvério dos Reis ou ao rico João Rodrigues de Macedo, desde que eu usava os versos e influenciava o Bandeira, para evitar tais vergonhas, também em benefício dos magistrados e membros da Junta, mais advogados e amigos relacionados a mim, a guerra entre o capitão general e eu era declarada.

Bastava que eu, na forma da lei, conseguisse a liberdade para alguém ou a entrega de herança aos de direito, e lá se iam os soldados a perseguir e prender o liberto, a dar queixa aos mandriões de dívidas saldadas, a cobrar sem processo o que lhes achassem devido, enfim, a saltar sobre processos, termos, discursos e testemunhas, e procurar, diretamente, apoio a tais arbitrariedades na pessoa do Governador. Se eu me ia de reclamar por invadir tais atribuições que me eram devidas, com apelos de testemunhas e documentos, lá vinha ele com seu *referendum*, em favor de seus criados e de quem lhe fazia favores.

Agora, apesar dos sucessos da tarde, em que eu sentira o quanto o meu amor tinha sua recíproca, na amada Marília, estava absorto a escrever as *Cartas Chilenas*, para que o bom Cláudio m'as corrigisse no dia seguinte.

Viera de deixar a Vila e o palácio, entregues a bandalhos. Havia tanta gente para a audiência do Governador, e qualquer casquilho lhe podia chegar para um petítório, mas a mim, o ouvidor, e aos membros do Conselho não era permitida a entrada ou permanência no salão, sob a alegação de que intimidaríamos com nossa presença os reais súditos.

Era um desfilar de ignomínias, a que eu preferia não assistir. Falsos mendigos, outros com molambos, todos a suplicar favores, como moscas à procura de detritos.

À tarde chegara de São José dei Rei mais um convidado, o Pe. Carlos Toledo, meu amigo, e irmão do Luís de Toledo Piza, companheiro de farda do Alvarenga.

O querido cônego era um amigo antigo do nosso grupo selecionado, devido a sua imensa coragem, eloquência e conhecimento. Circunspecto e grave, corretíssimo nas suas atitudes, hábil na palavra, tinha sobre mim uma ascendência moral. Era um dos poucos homens que, abraçando o sacerdócio, não se deixara levar pelo arrebatamento da carne, naquelas terras tão férteis de donzelas e pardas, negras forras ou escravas.

Além disto se hospedava em casa, na Vila Rica, toda a vez que vinha de sua paróquia, e pude observar-lhe o caráter firme e ideias irmãs das minhas. Porém nos chegara com novas bem tristes.

O "orelha", apelido que dávamos nas Minas aos espões, que fora nosso aliado, para tomar indícios a respeito do que o Governador fazia com seus súcias, o Parada e Sousa, o Silvério, o Sousa Lobo e o Basílio, fora pego em emboscada. Estava morto. Sob este episódio lavrara-se ocorrência de roubo, mas nós sabíamos que José Ferreira Ciotto havia talvez conseguido provas maiores do que procurávamos, para enviar para a rainha Maria I e, com isto, colocar no cadafalso o Cunha de Menezes!

— Morto? - perguntara, sem acreditar.

— Sim. Que se há de fazer, Dr. Tomás?- inquiria o bom cônego. - Rezei por sua alma. Deus sabe o quanto senti. Avisou-me o Januário, o negro de Mestre Lisboa. Estava eu de passagem pela Vila, depois viria para aqui, quando soube. Eu mesmo o vi e lhe ministrei os sacramentos. Parece que Sousa Lobo fez um bom trabalho. Calou-o para sempre e sumiu com todas as evidências. Qualquer testemunha agora se há de acovardar.

— Sousa Lobo, - disse eu. - um chacal, isto sim é o que ele é. Maldito seja. Isto complica tudo. Vai minha carta chegar à rainha e será minha palavra contra a do Governador. Claro que o dinheiro que ele tem arrecadado aos pobres há de pesar no Juízo da real senhora. Raios! Por que Deus não engole de uma vez esta súcia de pilantras e malandros?

— É, meu filho, pior é um mau governante, que um mau vassalo. Que o primeiro sempre há que forjar outros de igual quilate. Que falta nos faz o bom D. Rodrigo de Menezes!

A noite estava prenunciando chuva, e eu voltei a escrever, enquanto raios coruscavam os céus. Veio a mucama chamar-me para jantar, mas, empolgado como estava, declinei, dizendo que iria mais tarde, só para escrever mais uma carta. Estava furioso com as últimas novas. Irritado, descarreguei no papel minhas queixas em longas estrofes, falando das tragédias da construção da cadeia, do mau tenente (Antônio Dias Coelho), que descia o relho em velhos e jovens, das exigências a quem tivesse bois, animais ou plantação, e que devessem tudo ceder às obras do Governador. O desbarrancar de um alicerce matara há dias muitos infelizes ao Sol causticante.

Negava-se aos infelizes até um copo com água, mais de 500 presos às correntes e à prisão que rescendia à pestes e à lepra. Tudo fui depondo ao sabor da indignação. Terminei por abjurar a mesma querela de um carro de bois à Igreja de Bom Jesus de Matozinhos, coisas que se me contara o Cláudio Manoel, descrevendo as petições e argumentos do Governador e do zeloso ermitão, que procurara esquivar a Igreja e o Cristo do encargo. Aquela monstruosa obra fazia a soldadesca ainda mais atrevida e arrogante, usando as próprias petições do chefe ao seu bel-prazer e proveito.

Tão logo acabei, dobrei as folhas de papel e guardei-as sob o casaco, ajeitando-me e indo para o salão.

O grande lustre pendia cheio de velas e algumas moças assustadas fugiam de ficar próximas às janelas, onde raios lançavam luzes rápidas. Percebi que Marília me esperava com ansiedade e, chegando-me a ela, pedi que dançasse comigo um minueto que os músicos tocavam na viola, rabeca, sanfonia e flauta. Alvarenga tinha uns negros muito verzejadores e bons que enchiam as festas com produções popularescas deliciosas.

Diante dos convivas, desfilei minha alegria por tê-la finalmente nos braços. Marília estava nervosa e indecisa, mas era graciosa e leve.

— Há que me julgar por tola. - disse-me ela entre volteios.

— Jamais me permitiria tal. - respondi.

— Chorei como uma boba! Acreditei deveras que o Dr. Tomás não brincasse com meus sentimentos.

— E não brinquei, Marília. Também não me perdoei por haver-te feito chorar. Ainda espero por teu perdão. Tenho sido muito ingrato, mas corrigirei minha falta tão logo tornemos a Vila Rica. Falarei ao teu tio e ao teu pai. Crês que o senhor Ferrão e o capitão Baltazar aprovarão meus intentos? Quero formalizar um compromisso.

— Dr. Tomás está a brincar com coisa séria.

— Pois queres que eu declare meu amor por ti diante de todos? Eu o farei.

Ia parar a dança, a bater palmas, com o que chamar a atenção dos demais para falar, quando ela, tomando-me as mãos, puxou-me para o lado:

— Não. Por favor. Não o faças!

— Estás corada como uma romã! Não sei se ficas mais linda pálida ou cheia de pejo como agora.

— Dr. Tomás. Tem pena de quem nada sabe de amor, senão os sobressaltos que tem quando está contigo!

— Permite-me, então, que formalize meu pedido.

— Ficaria muito feliz.

— Marília, - disse-lhe, chamando-a pelo nome que a designava nos versos. - senta-te.

Procuramos um canapé e sentamo-nos perto da varanda.

— Marília, sabes que não tenho fortuna? Que tenho idade para ser teu pai e que não posso me casar, enquanto for ouvidor em Vila Rica? Sabes que temos que esperar até que me designem para outro lugar, o que está tardando, devido a muitas pendências?

Sinhá Joaquina olhou-me espantada. Não conhecia as disposições da lei.

— Também meu primo, enquanto ouvidor de São João dei Rei, não podia casar-se com D. Bárbara Heliodora.

— Não me importa esperar. E se falarmos como Governador?-

perguntou-me.

— Achas que ele me obsequiaria? Que atenderia um pedido meu?

— Faz tantas exceções... Dizem..

— Não. Não pedirei favores a ele, porque não m'os dará, e sim eu lhe darei satisfação de m'os negar. Mas... aguardemos. Tenho razões para crer que as Cortes o vão designar para outras partes. Quanto a mim, já estou há quatro anos aqui e meu cargo é de juiz errante. Não me permitem muito tempo em lugar algum Mesmo assim, aceita que fale à tua família, em nome do amor que me inspiras?

— Pensei que não o farias nunca. - respondeu ela, sorrindo-me. - Ainda mais que tens tantos "compromissos". - sublinhara a última palavra, olhando para Bernardina.

Agora eu via a minha leviandade. Como esperar que toda a Vila Rica não soubesse aqueles meus casos amorosos? Magoara Marília. Não me perdoaria.

Passara a tarde toda a fugir da outra e ainda há pouco sentara perto de Marília, fingindo não ouvir que me chamavam. Não mais o faria. Seria discreto daí para a frente. Amores carnis à parte, minha "noivinha" não sofreria nem viria a chorar pelos meus deslizes.

Tomando-lhe a mão pequena e trêmula, levei-a aos lábios.

— Marília, não me perdoarei jamais se te fizer chorar de novo. Dize-me que esqueceu a tristeza... que teu amor é meu, e que me permites falar aos teus, e serei o mais feliz dos homens.

— Eu te permito me ter por noiva desde agora. Tens meu amor e minha palavra.

Os músicos continuavam a celebrar. Vendo Cláudio Manoel que chegava, debaixo de chuva, pedi licença à minha bela e fui-lhe ao encontro. Reunimo-nos no escritório, Toledo e Alvarenga, a comentar a morte do Ferreira Ciotto.

Cláudio Manoel estava pálido:

— Estes homens não se detêm diante de nada! Não têm o mínimo respeito. Não têm honra! - dizia lívido. - Não há como lutar contra eles!

— Se pudéssemos levantar as milícias. - ponderava Alvarenga.

— Como? Se a soldadesca é a que mais se aproveita e locupleta destes

desmandos? - argumentava eu.

— Se se cobram as dívidas em atraso, há que ver-se que o povo descontente fica pronto para agir. - ponderava Carlos Toledo.

Comentamos mais uma vez a Revolução Americana, e o imposto do chá que a desencadeara. Falamos o que gostaríamos de fazer, caso pudéssemos governar. Mas eram apenas sonhos... Li-lhes as *Cartas Chilenas*, que escrevera há pouco.

— Haveremos de publicá-las. - falou Cláudio. - Queres mesmo que as corrija?

— Se tu não o fizeres, não me perdoarei. - redargui.

— O povo lê e aprecia estas produções, o que prova o seu desagrado. Adivinham qual a inteligência que as projeta, mas o Governador está uma fera. É melhor cuidado. - ponderava o Carlos Toledo.

Ficamos a conversar até que Alvarenga pôs-se a falar de Bárbara, de sua filha e da sua felicidade.

Falei de Marília, pedi a Cláudio que a cantasse, que a louvasse, pois julgava seus versos melhores que os meus.

— Com dupla satisfação, já que fui padrinho do casamento de sua mãe. Tal mãe, tal filha. Uma beleza invulgar.

Cláudio conhecera Marília desde o nascimento. Eram quase íntimos. Marília o estimava como a um tio muito chegado.

— Sabes escolher e, se estás sendo aguardado, não te faças lerdo, que D. Maria Dorotéia é muito requisitada.

Aceitei o alvitre e voltei para a sala à procura daquela que era a minha nova razão de viver, porém Marília se recolhera. Tornei aos amigos e nos propusemos a lhe fazer uma serenata, tão logo a chuva amainasse. E realmente isto se deu. Noites maravilhosas, em que eu me sentia um adolescente apaixonado.

Noites que desejaria esquecer um dia, para não morrer de angústia e tristeza.

Encontro como Aleijadinho

Preocupados com o rumo que os acontecimentos estavam tomando, sabendo já da ideia das Cortes de nos tirar as poucas regalias que nos haviam sido concedidas por Dom Rodrigo de Menezes, havíamos combinado uma reunião em casa de Cláudio Manoel da Costa, tão logo pudéssemos.

Carlos Toledo prometeu informar o ten. cel. Francisco de Paula Freire e Luís Vieira avisaria o Pe. Rolim

— Precisamos ver o que podemos fazer em todo este caso. - comentei.

— Se não sabes, há bem que se aliar à Maçonaria, em todo este caso, como na Bahia. Fôssemos maçons e haveríamos de ver o Sr. Sousa Lobo como se sairia mal neste caso. Nem tentaria, e seria degolado, no mínimo. - comentou Alvarenga.

— Mas quem te falou destas coisas, homem? - perguntou Cláudio Manoel.

— E são acaso novidades? Já ouvira falar em Portugal. Outro dia o José de Sá Bittencourt tocou de leve no assunto. Dizem que os filhos do capitão-mor José Álvares Maciel são maçons, que todos os estudantes brasileiros em Coimbra e Montpellier se reúnem secretamente. Que se trama a liberdade.

— Não bebeste? - perguntei.

— São casos que ouço quando viajo ao Rio, ou quando topo como Tiradentes.

— Eu sabia que só podia ser coisa de um visionário. - falei.

Vinha eu mesmo de presenciar na mente uma discussão de há dias que tivera como alferes. Havia eu avisado o bom Jovelino, um pardo remediado, que fugisse de enroscar-se como Malheiros. Este Basílio de Brito Malheiros do Lago vivia de pedir emprestado sem garantias, e sem nenhuma memória

quanto ao pagamento, e, dadas as disposições do Governador em apoiar tais investidas, que também lhe beneficiavam, podia bem prender o pardo. Jovelino não me ouviu o rogo para que se ausentasse.

Não que duvidasse das minhas assertivas. Sabia-as verdadeiras, mas esperava que eu o defendesse. Eu sabia falar, fazer discursos, argumentar, provar razões... Não me ouvira.

À tarde daquele dia eis que, ao sair, cruza como alferes Joaquim José a trazer o pardo manietado. Ia o soldado sentado em seu cavalo com aquele olhar enviesado e o pobre Jovelino a ferros, atrás, levado para a Cadeia.

— Que é isto, homem? - perguntei, dirigindo-me ao alferes.- São isto modos de se tratar um homem livre?

Alguns passantes pararam para nos olhar.

Tiradentes tirou-me o chapéu e saudou-me amistoso, percebendo minha indignação:

— Boa tarde, senhor doutor.

— E então, que contas me prestas?

— Cumpro ordens, Dr. Tomás. Não me perguntam se as aceito ou se gosto delas. Mandaram-me o levasse a ferros. Bem, levo-o a ferros.

— Mas não podes, sendo ele livre.

— Quem é livre nas Minas, senhor doutor? Se não obedeço também vou a ferros. O Sr. Jovelino foi condenado ao açoite público amanhã.

— Mas quem deu esta ordem? - perguntara indignado.

— O Sr. Basílio de Brito Malheiros do Lago.

— E estará acaso este senhor em posição de dar tais ordens? Não fora ele acusado de assassinato e recolhido à Cadeia, por ordem do intendente do Distrito Diamantino, Sr. José Antônio de Meirelles Freire?

— Não sei disto. O Sr. Malheiros foi para sua propriedade, mas antes recebi ordens de prender seu Jovelino. Sinto muito ser o portador de tão triste notícia, senhor doutor, mas a ordem de prisão do senhor Malheiros foi revogada pelo capitão general. Gostaria que não fora assim

— Está bem, alferes, não me debes explicações. Afinal, ninguém parece importar-se com as leis...

Eu descarregara naquele homem mais uma vez minha raiva à farda e às arbitrariedades. Estava tremendamente pesaroso por Jovelino, mas nada

podia fazer. Estávamos nas mãos de um governador devasso, cruel, autoritário, que não tinha mais peias senão a sua própria vontade, já que de nada me valeram as provas circunstanciais e testemunhas no caso, para inculpar o Malheiros. Apesar das ordens do Meirelles, ei-lo solto, o bandalho.

Soube que o Jovelino fugira depois, à noite. Se às expensas de Joaquim José ou seja como fosse, fugir da Cadeia era impossível.

Agora, ao lembrar dos fatos, me perguntava por que havia aquele homem, o Tiradentes, de ser mensageiro daquelas novas estranhas?

— Bem, homens, há que se reunir para discussão a respeito das desordens.

— Não apenas desordens, meu querido primo, mas também dos tristes e perdidos seixos. - falou Alvarenga.

Referia-se ele aos bons tempos em que podíamos reter algumas pedras e até enterrá-las ou vendê-las, quando não se ia tudo para as Cortes ou contrabando dos comerciantes desonestos e dissimulados.

— Levarei o Beltrão. (Luís Beltrão de Gouveia, advogado fiscal dos diamantes e ex-secretário de D. Rodrigo de Menezes). Tu me leves o Bandeira. Alvarenga fala ao João Dias e ao Tiradentes. Daqui a quatro dias em minha casa nos reunimos, para debater enquanto temos algo a defender, porque, a andar as coisas como estão, logo seremos piores que mendigos.

Bem que aqueles três dias em casa de Alvarenga se passaram tão depressa que nem senti. A presença de Marília, sua tia e suas irmãs, que aprovavam-me a aproximação, Bárbara e a filhinha, as doces tertúlias, os jogos de cartas, as discussões sobre os desmandos do Cunha de Menezes, e eis-nos de volta a Vila Rica, cheios de planos.

Nem bem chegamos e eu a pensar seriamente. O Basílio solto, o Sousa Lobo a desejar o lugar do pai de minha amada, armando intrigas, as quais o capitão aprovava, quantos incautos gemendo nas prisões ou no pelourinho e eu ali, indefeso, por vez primeira, só trocando palavras, discursos e algumas letras para a rainha. Sem mais provas. Ciotto morto era uma perda irreparável.

Nem bem chego, e eis que um laçao de Cláudio Manoel manda-me chamar. Estou a poucos passos de sua casa, descendo a ladeira ao lado da igreja de S. Francisco de Assis chego apressado, a ver o que o bom amigo queria.

Faz-me entrar o bom mulato e Cláudio Manoel está estremunhado, lívido.

— Que ocorre? - perguntei ao vê-lo a sós.

Sem uma palavra, leva-me pela mão até seu aposento.

— Vem

Ao entrar, vejo um negro que eu já conhecia, um seu escravo, no chão, cheio de sangue.

— Mas o que houve?

— Encontrei-o a furtar-me algum tesouro. Viu-me, quis avançar, mas tomei um peso e o golpeei. Está morto. E agora? O que faço?

— Calma, pedi. Ninguém o viu entrar aqui?

— Ninguém. Estou certo.

— Vamos removê-lo. Não fiques a preocupar-te. Anda. Abre a janela. Vê se vem alguém

Cláudio Manoel olhou. O arvoredado tomava parte do terreno. Podia se ver do lado as torres de Francisco de Assis.

— Vamos descê-lo para a rua. Pensarão que foi atacado por algum ladrão, ou baderneiro.

— Mas, desta altura? É muito pesado. Não é melhor pôr-se aos ombros uma corda?

— Arranja-me uma.

Cláudio Manoel, trêmulo, saiu e tornou com ela. Fechamos a porta do quarto. Erguemos o corpo e descemos devagar, rente à parede com cuidado para não manchar tudo. Soltei-o.

— Está feito.

— Não sei o que diga, nem que faça.

— Deixa que o encontrem. Não faças alarde. Acalma-te. Toma alguma água medicinal para os nervos. Não tiveste intenção nem culpa.

— O Governador quer pegar-me em alguma falta. Bem podia ser que o negro procurasse aqui algum papel, alguma conjura, ou tuas Cartas.

— Não fiques a te remoer. Não gosto de violências, mas creio que pego que fosse de surpresa também eu agiria do mesmo modo.

Porém o meu amigo estava abatido. Tinha os nervos em frangalhos. Achei melhor que, após limparmos as manchas do chão, fôssemos a beber algum vinho e conversar sobre coisas mais amenas.

— Sabes? Estive a pensar em fazer-te um pedido.

— E que seria?

— Queria que me apresentasses ao escultor, o Mestre Lisboa. Quero pedir-lhe alguns serviços, mas espero que tua apresentação me ajude.

— E o que pretendes instalar? Um bebedouro? Uma lavandaria? Um nicho no teu jardim?

— Uma imagem

— A que santa?

— À minha santa amada.

— Estás louco, todos pedem coisas simples. Vê esta cadeira. Foi-me feita por ele, mas a estátua de uma mulher...

— A mais bela, a mais doce, a mais querida, a mais meiga das mulheres.

— Que seja. Não discuto, mas acho difícil. Nem sei se está na cidade. Anda a trabalhar em Sabará.

— Leva-me a ele. Cláudio. É melhor do que ficar aqui a esperar e se enervar.

— Quando?

— Agora. Agora mesmo.

— Não posso. Minhas pernas ainda tremem

— Tomemos o coche. Daremos tempo a que achem o teu "judas" lá fora, sem maiores inquietações. Vamos.

Eu pedia e ele houve por bem ceder. Apressou um coche mais seu boleeiro e buscamos o caminho de Mestre Lisboa, que não era longe dali.

Ia eu finalmente ver aquele artista tão comentado, falar-lhe da minha pretensão.

Quando o coche parou diante da casa pobre de taipa, vi que o negro Januário punha a cabeça na janela e, reconhecendo Cláudio Manoel, que era amigo de longa data de seu amo, na Irmandade leiga de S. Francisco de

Assis, tratou de avisá-lo.

Antes que batêssemos à porta, esta se abriu e vimos um negro desajeitado e troncudo nos saudar.

— Entre, doutor. Mestre Lisboa já vem

Senti um respeito profundo por pisar naquela casa, por estar entre àquelas paredes.

Logo veria aquele que era já um mito entre a população, o mulato que dava vida às próprias pedras, o Aleijadinho.

Entrando, demos com uma sala pequena, onde havia uma mesa e muitas peças espalhadas de madeira e pedra-sabão.

Francisco Lisboa achava-se sentado por trás da mesa, e não se levantou quando entramos, levados pelo escravo, saudando-nos com um aceno de cabeça, e fazendo um gesto indicando-nos as cadeiras ao lado.

— Boa noite, Dr. Cláudio. Boa noite, Dr. Gonzaga.

Havia calçado umas luvas apressadamente e olhou para o negro, colocado ao seu lado, que possivelmente o levara à cadeira.

Já o tinha visto de longe, madrugada algumas vezes, sendo levado a cavalo ou no ombro do negro Januário, para seus trabalhos.

Ao seu olhar, o negro saiu respeitoso.

A cabeça grande, os cabelos armados em desalinho, a barba por fazer, os olhos injetados, o Aleijadinho, como o chamavam na Vila, não era um homem de aparência agradável. Mas havia algo em sua presença, alguma coisa que nos fazia respeitá-lo. Sabia-se que era doente de mal incurável, que lhe ia comendo as carnes aos poucos. Ouvia-se muita coisa a respeito.

Seu pai viera de Portugal, com o ofício de arquiteto e carpinteiro, mestre escultor, trabalhara primorosamente a Igreja Antônio Dias, que ficava defronte à casa de minha bela.

O Aleijadinho nascera filho natural de uma escrava de nome Isabel, mas o pai o alforriara ao nascer.

Acompanhara o pai nos seus trabalhos, enchera-se de amor pelo ofício.

Era alegre, folgazão, dado ao vinho e às mulheres, e nem um pouco modesto. Tinha orgulho de sua arte. Com a morte do pai houve por bem seguir na profissão em que se fazia insubstituível. Há alguns anos

começaram seus primeiros sinais evidentes da doença. Tornara-se, então, taciturno, irritadiço, ensimesmado. Não mais o vi pelas ruas de Vila Rica. Saía de madrugada para o trabalho nas Igrejas. Tornava tarde da noite. Não recebia em sua casa ninguém, a não ser os mais chegados, ou os membros do clero que pudessem requisitar seus serviços. Tinha um filho de uma das mulheres a que se apegara nos bons tempos.

Tivera "aulas" com João Gomes Batista, com Francisco Xavier Carneiro e tinha admiração por Manoel da Costa Athayde, pardo como ele. Francisco tinha seus oficiais contratados. Contavam ainda que, ao comprar o negro Januário para o transportar, cheio de horror pelo seu aspecto, o pobre escravo, muito curto de ideia quanto farto de músculos, tentara se matar, com um punhal, apavorado.

Tudo isto rememorei ao vê-lo ali, à nossa frente. Como receberia a encomenda que eu havia de fazer-lhe?

— Boa noite, Mestre. - falou Cláudio Manoel.

— Boa noite. - secundei eu.

— É sempre um prazer inesperado, doutor. Como vai o reumatismo?

Percebi que o estimava e Cláudio a ele. Eram dois espíritos fortes, abertos, e tristes.

— Vou indo como Deus quer, Mestre, mesmo porque nestes últimos tempos a vida na Vila se tem feito muito atribulada.

— Sei. Sei. - falou o Aleijadinho, conhecendo que ele se referia aos desmandos do Governador e seus pares.

— Sabes, Sr. Francisco, havemos de ter uma reunião depois de amanhã em minha casa, para debatermos as questões nossas da vila. Virão o tenente coronel Paula Freire, o Beltrão, o Alvarenga, o Pe. Rolim, o Toledo, o Domingos Vieira, o doutor Tomás, aqui presente, e quantos amigos pudermos contar. É uma tomada de posição nas investidas do senhor Governador e seus áulicos. Podemos contar com tua presença?

— Podes contar com meu apoio, senhor doutor. Gostaria de poder, mas hei de partir amanhã logo cedo para Sabará. Fui contratado para alguns trabalhos na Irmandade e preciso acertar preços, fazer plantas para os artífices, escolher o material. Podes contar comigo, Dr. Cláudio. Sabes que tens minha palavra.

Com um gesto, Cláudio Manoel não deixou que ele concluísse.

— Não há o que dizer, senão que contar com o senhor é uma satisfação, Mestre Lisboa. Sabes a estima que te tenho e o respeito que o amigo me inspira. Este é um alento novo para este velho.

Mestre Lisboa sorriu:

— Tomas alguma coisa, amigo?

— Não, Mestre Lisboa. Acabo de passar por alguns dissabores, e hei tomado medicação calmante, por isto dispenso teu vinho, hoje.

O Aleijadinho olhou para mim com as sobranceiras arqueadas, como a se inquirir se eu lá fora para fazer companhia ao amigo ou só por curiosidade.

— Aceito teu vinho. - respondi para ser agradável.

Mais tarde, Cláudio Manoel me informaria que o escultor só oferecia vinho a quem apreciasse.

Tomando de um martelo sobre a mesa, com o qual provavelmente estivera trabalhando quando chegamos, Mestre Lisboa bateu sobre a mesa rústica, (estranho sinal!)

Apareceu seu escravo Maurício, um negro magro e esguio, bem diferente do atarracado e musculoso Januário, que tinha uma cabeça incrível de Atlante.

Ficou à espera das ordens do seu senhor.

— Traga-nos vinho, Maurício. Sabes qual.

Maurício saiu e logo tornava com o vinho.

— Estou preocupado, Mestre. - falara Cláudio. - Temos que nos unir contra esta súcia de peraltas. Senão há que ver-se toda a vila em mãos destes perversos. Se o senhor não sabe, o Basílio Malheiros está solto, o povo da Bahia e do Rio de Janeiro estão à espera das soluções de Minas, enquanto os jovens que daqui partem dão conta de contatos com pessoas que também aguardam que reajamos.

— Isto não é tudo. - falou o Aleijadinho, enquanto eu me admirava que tais projetos fossem assim contados abertamente, entre os dois amigos. - Isto não é tudo. Acabo de saber que se enviou uma milícia para prender o intendente Meirelles Freire, sob acusação de contrabando.

— Isto é incrível! - retruquei, quase a engasgar com o vinho, a perceber

que aquilo era vingança do Cunha de Menezes. Como o intendente me autorizara a prender o Malheiros, vingava-se aquele fazendo prender ao Meirelles.

— Há que avisá-lo. - falei arrebatado, erguendo-me.

O Aleijadinho olhou-me e bufou:

— Não alcançaríamos a milícia. A informação veio um pouco tardia.

— Mas é preciso fazer alguma coisa! - falei indignado.

— Será difícil livrá-lo, pois o acusarão de contrabando. Se levar alguma coisa consigo que o comprometa, então... - terminou o escultor, ocultando a mão sob a mesa.

A situação era muito embaraçosa. Não pudera eu ainda aquilatar a astúcia daquele mulato. Via-o agora calmo, objetivo, sem ilusões, mas lógico, frio, analisando os acontecimentos e procurando agir pela melhor forma. Aquele homem não era apenas um artista arrebatado, com o dom maravilhoso de dar vida à sua obra, era um político, um maquinador astuto. Cresceu em mim a admiração por ele.

Ficamos em silêncio, impotentes. Um trovão cortou os céus e a chuva grossa começou a cair em látegos.

Agora era melhor esperar por ela, para que amainasse antes de sairmos.

Por este tempo ouvimos algumas marteladas no aposento contíguo. Talvez alguns de seus oficiais trabalhassem em alguma peça. O Aleijadinho fez sinal a Maurício:

— Diga-lhes que parem e tratem de se recolher. Anda.

O negro saiu em silêncio. Estranhei que fizesse todo aquele comentário na frente do escravo. Pareceu ler meu pensamento no olhar com que acompanhei seu ajudante, porque sorriu e me disse:

— Maurício é mais do que um servo, Dr. Tomás, é uma alma irmã da minha. Ele, Januário e Agostinho são meus anjos neste mundo. Meus amigos. - disse, sorrindo.

Lembrei-me dos três anjinhos, marca presente de Mestre Lisboa em todas as suas produções. Talvez representassem seus três escravos.

— Amigo, - disse Cláudio Manoel - o doutor Tomás tem uma encomenda para ti.

— De que se trata? - perguntou o Aleijadinho.

— Eu queria - pensei em não dizer, porque não sabia qual seria sua reação ao meu pedido - que Mestre Lisboa me retratasse uma pessoa que me é muito querida. Sei que o senhor tem este dom, que Deus lhe haja dado, nem é de outro modo que, se seu santo sai pelas ruas, o Romão logo se esconde.

Eu me referia ao São Jorge que seguia nas procissões e que ele esculpira com as feições do ajudante do senhor Governador, para que o fizesse alvo da zombaria de todo o povo. Mas prossegui:

— Só não sei como fazê-lo, se em estátua de mulher ou anjo, de santa ou guerreira...

O Aleijadinho ficou esperando que eu me explicasse, enquanto me olhava pensativo a me analisar. Sentia-me ridículo, mas prossegui:

— Trata-se da filha do capitão Mayrink.

Ele continuava calado, e eu me sentia mais perturbado e envergonhado que um adolescente enamorado, mas sempre animado por aquele amor e aquele capricho, continuei:

— Tenho um jardim suspenso em minha casa. Gostaria de colocar a estátua no meio das flores... se aceitar, acertaremos preço e tempo...

— É uma encomenda rara, Dr. Tomás. - falou o Mestre e era como se já visse a obra pronta, na sua mente. - D. Maria Dorotéia é digna de um trono, tal a grandeza de sua alma.

Falava e parecia entrar num mundo novo, inacessível a mim, onde a minha bela já estivesse eternizada na rocha.

Respeitamos seu silêncio. Aos poucos tornou a nós, como se acordasse.

— Farei, Dr. Tomás. Apenas não posso por ora acertar preço e data. Já estou com a palavra empenhada em Sabará. Quando tornar faço com que o chamem para tratarmos isto. Está bem para o senhor?

Fiquei feliz. Que melhor alma poderia retratar a minha bela? Sorri, antegozando a alegria de mostrar a Marília seu rosto esculpido.

Mestre Lisboa olhava-me. Era como se gravasse para sempre em sua memória a minha expressão de felicidade ao pensar em minha amada.

A chuva amainara. Cláudio Manoel ergueu-se.

— Mestre Lisboa, avise-me quando chegar para lhe dar ciência de nossas resoluções.

— Farei isto. - falou o mulato sem se erguer.

Chamou o servo e este nos deu o chapéu e a capa. Tomamos à casa de Cláudio, onde havia desusado movimento. Haviam já encontrado o corpo do negro morto. Fiquei lá providenciando que o removessem e fizéssemos devidos despachos a respeito. Não podia deixar que o amigo passasse por emoções mais fortes. Daí a dois dias teríamos a primeira reunião importante e de vulto de nosso grupo, mas eu temia me comprometer.

Clima tenso em Vila Rica

No dia seguinte logo cedo, dei-me pressa de procurar os sítios onde pudesse ver e falar à minha querida.

O Sol começava a despontar. Não ia eu chegar cedo demais e ser importuno na casa dela? Passei pela ponte que fora feita pelo pai do Mestre Lisboa. A água barrenta, que a chuva engrossara, deixava ainda assim ver os seixos brancos. Flores silvestres se abriam em buquês coloridos. Quase esquecido dos dissabores da véspera, saudei um homem que vinha atravessando aponte, em seu cavalo. Era o Domingos de Abreu Vieira, tenente coronel da milícia e amigo do doutor Cláudio e do Alvarenga. Tinha a meu amigo por advogado contratado para tratar de seus negócios e a mim, que o favorecera no arremate dos contratos. Parou para falar-me:

— Bons dias, Dr. Gonzaga. Cheguei um dia antes para não dar na vista.

Domingos era já passado dos sessenta anos, mas forte, rijo, e magro. Muito nervoso, tinha lá suas propriedades e uma casa na Vila, a qual ficava defronte a do contratador Macedo. Era respeitado e bom

— Por que não passas logo mais em casa para um chá? - falei.

A fisionomia do velho se iluminou.

— Não sei se devo... - começou. - talvez atrapalhasse. O Dr. Gonzaga é homem muito ocupado.

— Deixa-te disto. Por mais ocupado que seja não deixo de haver tempo para os amigos. Segue sempre e aparece. Não posso acompanhar-te agora, porém daqui a pouco estarei lá.

Domingos tirou-me o chapéu, saudando-me, e subiu a rua. Eu já avisara Dijanira que esperava por alguns conhecidos. Meu primo e o cônego Vieira sempre se hospedavam em casa. Se Domingos se juntasse a eles tanto fazia, que não tinha que dar a ninguém satisfação do que se fazia em minha casa, sempre aberta aos amigos.

Atravessei a ponte e fui bater na porta de Marília. Um escravo abriu o portão e ela apareceu na janela da sala, com o cabelo solto, sobre as espáduas, a toca de dormir, os olhos de sono a ver quem era.

Tornara dos sítios de meus primos e estivera repousando da viagem cansativa. Ao ver-me, deu um grito abafado, por vê-la sem toucados.

— Dr. Tomás! Tão cedo?

— Nunca é cedo demais para que um homem possa ser feliz ao ver tão rara formosura.

— Inácia, - falou Marília para dentro - faz com que o doutor se instale na sala. Irei em seguida.

Com um aceno Marília saiu e a escrava sorridente fez-me entrar.

Fiquei só por uns instantes, mas logo as irmãs de minha "noivinha" entravam risonhas na sala:

— Bons dias, doutor. - falou Ana, que lhe tinha tanta semelhança, secundada pelas outras.

— Bons dias. - respondi, erguendo-me.

— Que agradáveis foram aquelas tertúlias de teu primo, o senhor Alvarenga. - falou uma, para ser gentil.

— Serão sempre lembradas em minha mente. - respondi.- Quando as meninas partiram, porém, aqueles sítios perderam toda a graça.

Elas providenciaram-me um café com biscoitos e não houve como recusar.

— Está em casa teu tio, ou o capitão? - perguntei.

— Papai está em Santo Antônio, quanto a titio, mando-o chamar, se precisas falar-lhe. - disse Marília, entrando fresca como o orvalho.

Minha fisionomia deveria irradiar a felicidade que me ia n'alma, pois as meninas se riram e a menor cochichou para a outra:

— Olhe só como a mira!

Levou um beliscão e calou-se, enquanto eu, tomando as mãos do meu amor, as beijei com respeito:

— Podes chamá-lo que preciso falar-lhe na presença da senhorita.

Marília sabia ou adivinhou que eu vinha pedir um compromisso, selar nossos votos e baixou os seus olhos com pudor, enquanto Ana pedia a Inácia:

— Vai chamar titio, e diga-lhe que não tarde. Doutor Tomás precisa falar-lhe com certa urgência.

Saiu a escrava a correr, enquanto as moças iam a sentar-se na sala.

Um silêncio constrangedor nos susteve por instantes e ela o cortou:

— Chegou o doutor ontem mesmo de São João dei Rei?

— Sim. Ontem à noite, a tempo de visitar Mestre Lisboa antes que a chuva caísse.

— Mestre Lisboa? - perguntou Ana. - O Aleijadinho?

As outras a olharam com reprovação e ela pôs a mão à boca.

— Sim, o escultor. Fui-lhe encomendar um serviço. Estamos quase acertados, embora o homem tenha outros já encomendados.

— Temos uma ermida feita por ele - comentou Marília- e algum nicho na Fazenda das Goiabas. Papai aprecia muito o gênio do senhor Francisco e suas obras arrebatam a gente.

— É muito bonito tudo o que faz.

— Gosto dos anjinhos. Têm o jeito matreiro e alegre de criança.

— Covinhas no queixo, cabelos anelados.

— E os festões de flores? Viste o altar da Igreja S. Francisco?

O assunto parecia empolgar as meninas.

— O mulato é um artista.

— Aliás, quase todos eles. São bons na pintura, no esculpir, na música. - falava Ana. - Pode-se saber o que foi encomendar-lhe?

Ia responder, quando o senhor João Carlos da Silva Ferrão entrou, saudando-me com efusão:

— Bons dias. Dr. Tomás. A que devemos esta satisfação?

— Espero não haja assustado o senhor,- respondi, cumprimentando-o - mas pensei que, se mais cedo eu viesse, já me faria tardio no assunto que me trouxe.

—Tão importante assim? - perguntou o advogado, olhando para a sobrinha, que corara, e com ar de preocupação no rosto.- Mas, senta-te, doutor, e não te arreceies. Podes falar, que estamos ouvindo.

— Senhor, - comecei - o que venho dizer-te, acredito não seja segredo algum, já que toda Vila Rica tem sido testemunha dos meus sentimentos por tua sobrinha. Tenho-lhe feito a corte nas recepções oficiais, na saída das

missas, nos sítios, à porta de tua casa, nos saraus familiares, enfim, em toda a parte onde a avisto. Dona Maria Dorotéia sabe da estima que lhe tenho, da afeição que fez nascer em mim, dos anelos do meu coração, que muito a respeita e ama. Sou homem livre. Tenho instrução, um posto honroso, cabedais, família proba que já vem servindo as leis há gerações. Sei que a Corte impede ao ouvidor um consórcio com pessoa da terra onde serve, mas conto breve ser delegado a outras partes e assim poderei pedir a mão de D. Marília por esposa. Embora não o possa fazer imediatamente, apesar do grande desejo que tenho, gostaria já de pedir-te sua mão, respeitoso, e formalizar um compromisso se o senhor consentir.

O tio olhava-me e a ela, as moças estavam sérias. Marília rubra e de cabeça baixa. Às vezes levantava os olhos para mim e aquilo me dava alento.

— E tu, querida, que dizes? - perguntou o tio.

— De mim já consenti em ser-lhe noiva, titio, mas sabes que acato as disposições tuas e de papai, e nada faria que vos pudesse causar desgosto e cuidados.

O tio passeou de um lado para o outro da sala, cabisbaixo, enquanto nós pendíamos de uma palavra sua, ansiosos:

— Dr. Tomás, não vou te dizer que não esperava por isto, já que seria mentir. O senhor me coloca numa posição delicada. De minha mente aprovo desde já este compromisso, mas preciso consultar o senhor João e saber o que opina.

Eu estava lívido. Esperava ser recebido com os braços abertos àquele pedido. Muitas moças desejariam ser alvo das minhas atenções, mas seu tio estava reticencioso.

Percebendo meu embaraço e o abatimento de Marília, ele fez-se menos grave e sorriu:

— Estou certo, Dr. Tomás, que o pai de sinhá Joaquina não verá teu pedido sem motivos de alegria. Vê bem, Dr. Tomás. Creio que nada há que impeça tal compromisso, apesar da espera que se terá de fazer, até que te possa ser concedido o consórcio por S. M. e de vermos, em tal caso, a nossa querida longe de nós, apartada para outros lugares. Nem sei se hei de desejar que o senhor se demore em Vila Rica no cargo que vem ocupando

com tanta honra e coragem, ou se havemos desejar te transfiras. Espero que compreendas meus cuidados. No mais, esperamos ouvir o pai de tua noiva, porque, por mim, já podem considerar formalizado o pedido.

Eu estava radiante e entendia as razões do Sr. Silva Ferrão. Era mister falar ao meu futuro sogro.

— Quando posso falar como capitão João? - perguntei.

— Está ele a serviço com as milícias no arraial de Santo Antônio. Tem tido muitos dissabores com os contrabandistas por lá, mas contamos consigo para a Semana Santa. Se o senhor quiser esperar até lá...

Estive a pensar e não havia remédio senão esperar. Muitas coisas tínhamos a fazer em Vila Rica. Contava com a aprovação do pai de Marília e, enquanto isto, já tinha a de seu tio.

— Peço permissão para vir mais vezes a esta casa, para acompanhar D. Maria Dorotéia como minha prometida à Casa do Teatro, ou à missa, enfim, estar com ela sempre que possível, tanto quanto meu coração deseja.

O tio consentiu, mas percebi-lhe leve ruga de preocupação, enquanto Marília estendeu-me a mão, que eu beijei com ternura.

Sentia-me remojado, feliz. Por um momento julgara que houvesse algum embargo às minhas pretensões, mas agora via que meus temores eram infundados.

O tio de Marília segredou alguma coisa a uma das moças, que saiu para tornar logo com uma bandeja, onde havia cálices de fino cristal.

— Sei que a hora é um tanto cedo, mas nunca vi formalizar-se um noivado sem vinho. - falou o tio, servindo as taças e dando um pouco a mim e a minha bela.

Tocamos as taças e as levantamos ao ar, saudando-nos e aos outros. Bebemos felizes, enquanto o tio ia a chamar os outros parentes para dar ciência do meu pedido.

Tia Tereza, Tia Gertrudes abraçaram-nos. Francisca, a confidente de minha noiva, tinha os olhos úmidos. Ana Ricarda estava alegre, pondo-se ao cravo, tocou uma música, fazendo-nos dançar.

Toda a casa parecia estar em festa.

Os escravos vinham espiar pelo vão da porta e, na rua, as pessoas pareciam adivinhar o que se passava, ao ouvirem a música tocar tão cedo.

— Dr. Tomás, - falou tia Gertrudes - por que não nos dá o prazer de vir cear conosco, para que possamos festejar o amor de vocês dois?

Um tanto prematuro. - falou o tio. - Creio que o Dr. Gonzaga achará melhor esperar pelo pai de sua noiva, assim a satisfação será completa.

Concordei com ele e pedi licença para sair. Marília acompanhou-me até o portão e eu beijei-lhe os dedos com afeto:

— Minha bela e doce amada, - falei. - pedirei logo minha residência para a Bahia. Tenho parentes lá e conheço bem a região. Hás de gostar. Mas antes quero que meu pai e toda Portugal te vejam e me invejem a fortuna.

Marília sorriu, mas senti que estava apreensiva de se apartar dos seus.

Voltando para casa, já lá encontrei o cônego Luís e o Domingos a me esperarem. Logo mais chegaria o Alvarenga.

Estivemos a conversar sobre os nossos cuidados, quando Cláudio Manoel entrou com ar cansado:

— Bons dias, senhores. Dr. Tomás, podemos falar?

Fui até a janela e ele me segredou:

— Prenderam o Meirelles. Acabo de saber com certeza.

— Sob que pretexto?

— Contrabando... levava ouro no alforje.

Minha alegria de instantes se desvaneceu. O Meirelles na certa trazia ouro, que vínhamos juntando na possibilidade de um levante. Se não o trazia, havia os soldados malandros de colocá-lo em seu animal, para denúncia.

— Mas é o cúmulo. Não se pode mais ter sossego nestas terras. - argumentei. - Como se há de negociar? Isto é coisa do senhor capitão general, o Cunha de Menezes, é uma advertência a nós outros. Convém que viajemos o menos possível sozinhos...

Indignado contei aos meus convivas o que ouvira, o que sabíamos.

— O senhor, como advogado, - falou o Domingos - por que não se apresenta para defendê-lo? Não são amigos?

— Verei inda agora o que posso fazer. - disse Cláudio.- Vamos ao palácio.

— Senhores, dão-me licença? - pedi, indo buscar o chapéu (tricórnio).

Saímos em direção ao palácio, que ficava próximo da minha residência,

e cruzamos com aqueles infelizes que cortavam e carregavam pedras para a construção da Câmara e Cadeia, molhados de suor, sem um copo d'água a lhes mitigar a sede. O malvado Coelho e o Parada e Sousa comandavam o espetáculo, dando risadas e relhos com o bacalhau. Mais uma vez revoltei-me com o espetáculo sem nada poder fazer.

— Acho que vamos perder tempo e passar por dissabores.- falei. - Cunha de Menezes não conhece outra lei que sua própria vontade.

— Mesmo assim precisamos tentar. - retrucou Dr. Cláudio- Ninguém mais está seguro nestas Minas e estradas. Tratam-nos como escravos. Basta uma denúncia, por mentirosa que seja, com testemunhas compradas, e lá vai o pobre curtir cadeia, processo, sentença.

Estremeci involuntariamente. Lembrei-me do meu avô, Tomé, dos casos que tia Teresa me contava, da irmã Francisca que tanto me amava, e fora freira do Convento de Santa Clara, deixando-me relíquias de cerâmica perfumada, segredo secular da ordem, e tive saudades das maquinações da Corte.

Por um instante a voz de meu pai veio-me à lembrança:

— Há sempre que se pedir a cabeça a quem a tem

O rosto esperto do marquês de Pombal, amigo e professor, e a sentença de sua morte, ditada por D. Maria I. Tudo isto me lembrei e, pela primeira vez, tive medo. Eu estava indo longe demais. Esperavam de mim atitudes de desafio. Era esperança e luta, mas isto me tornava alvo predileto dos desafetos, que se somavam dia por dia. Entendi, então, a reticenciosa resposta do tio de Marília. Era eu um homem em posição invejável, sem dúvida, mas alvo das maquinações do senhor Governador. Era um homem comprometido com a Verdade, com as reivindicações justas, com homens de bem.

Ao chegarmos ao palácio, esperava-nos outra decepção. Após dar a ordem, o capitão general se retirara para Cachoeira do Campo, onde o governo tinha um sítio aprazível. Era evidente que desejava fugir da nossa interferência a favor de Meirelles. Mas eu não pretendia abandonar o amigo, que estava em tal contingência, por haver-me ordenado prendesse o senhor Malheiros, inescrupuloso crápula.

— Estou cansado, Dr. Cláudio, mas sempre irei atrás deste senhor e

pedir-lhe-ei conta de mais esta atrabiliária ordem, por palavra e expresso. E quanto mais cedo melhor.

Cláudio Manoel e eu tomamos uma refeição ligeira e, despedindo-nos dos meus hóspedes, pusemo-nos a caminho. Porém à entrada da cidade encontramos com Inácio Alvarenga e o Pe. Rolim

Padre Rolim era amigo muito querido do Meirelles Freire e estava a par de sua prisão. Pensei em convidá-lo para irmos a Cachoeira, tomar contas ao Governador.

— É um abuso. Pois se tudo o que se faz usa-se ouro? Por que não haveria logo o intendente do Distrito Diamantino de ter algum para seu sustento e uso? Em todo caso, não seria tolo em levá-la pela estrada.

— Sempre se fazem as coisas pelos ditames do senhor Governador. - replicou o padre, que era jovem e bem feito de feições. - Mas escusa-te de ires atrás dele, senhor doutor, porque o Meirelles há sido já enviado para o Rio de Janeiro. Há de dizer-lhe a raposa astuta que o caso foge já de sua jurisdição. Sempre tem uma desculpa, por mais torpe que seja, para explicar suas determinações. Não sei como o senhor, que é tão brilhante, ainda se ilude de poder tudo conseguir pelos discursos, Dr. Tomás. Esta gente só na ponta de uma corda...

Fiquei muito abatido com aquela nova. Tínhamos menosprezado a ousadia daquele Governador e deixado um amigo em perigo cruel. Ao tornarmos, eis que avisto o Jovelino, que, tendo sido novamente pego curtia ao sol, a quebrar pedras a liberdade de forro, por não ter "emprestado" ao Malheiros o que este lhe pedira.

Alvarenga instalou-se em casa e fomos jogar gamão até a hora do almoço, mas acabei por abandonar o jogo, pois estava contrafeito. Sentia-me tolhido, indefeso. Apesar dos meus vastos conhecimentos das leis, não via como sair de tantas disputas. Por uns instantes, deixei o Luís e o Alvarenga sós, pedindo licença para uns assuntos, enquanto o Domingos Vieira ia para casa, para encontrar com o Pe. Rolim, que seria seu hóspede. Estive repassando alguns papéis e escrevendo novas Cartas Chilenas, até me sentir menos angustiado. Era melhor sair de Vila Rica. Assentei-me e tracei em linhas gerais um pedido para a Bahia. Sim Tão logo eu pudesse apressaria minha saída e, assim, a única felicidade que eu ainda podia ter,

Marília.

A reticenciosa resposta do Sr. Ferrão feria-me o orgulho. Se eu fosse rico, fazendeiro da região, talvez meu pedido fosse recebido com maiores efusões. - pensei.

Mas não. Sempre havia de viver com honra e certo luxo em casa, com escravos e animais de montaria. Mas não era um banqueiro, um contratador como o Macedo, nem militar, dono de terras como o pai de Marília. Pensei, então, em dar-lhe um presente que a deixasse contente. Tirando do postigo uma pedra solta, peguei dali uma caixa esmaltada. Dentro dela algumas pedras luziam esmeraldas, rubis, topázios. De certa forma não havia como tê-las, já que se considerava sua posse contrabando. Não perdera o próprio intendente por levar ouro, se é que o levava, quando em viagem?

Revirei nas mãos as pedras que constituíam um pequeno tesouro, preço pago por alguns amigos a meus serviços, e acabei por escolher uma esmeralda, que retirei da caixa, embrulhando com cuidado. Haveria de buscar uma caixa ornada para dá-la logo mais, como penhor do compromisso com minha bela. Talvez que melhor fosse fazer um anel. Apesar dos ourives serem raros e sempre castigados quando apanhados em tal ofício, sempre eu sabia de um mulato no morro do Alto da Cruz, que me faria por bom preço e com sigilo aquela peça.

Estava eu a procurar entre os livros uma caixa que servisse, quando Alvarenga entrou no gabinete. Ele, que era sempre alegre, andava cabisbaixo, aborrecido.

— Homem, - disse-me - acredito que a andar as coisas como estão, não sei mesmo como agir. Bárbara está indignada. Fala que, com tantas fardas na Vila Rica, por que não se trama um motim e se põe estes casquilhos a correr? Sempre acho que não se pode pôr riscos tais com filhos e família como a tenho, e sabes o que ela me diz? Que, para viver sem honra, melhor seria morrer. A caminho dei com o Rolim. Disse-me o mesmo, aquele ousado. Fala em honra, mas nunca vi um padre mais atravessado que este.

— Conhece-o há muito tempo?

— E quem não o sabe nestas paragens? Vieira mal o tolera. Diz que trai a sotaina que veste. É amante o Rolim da filha da lendária Chica da Silva, uma mulata de nome Quitéria, um pedaço de pecado que o padre deglute

como qualquer homem comum Também tem sua rede de contrabando, e por isto está praticamente expulso de Tejuco, mas se deixa ficar..

Apertei no bolso a esmeralda embrulhada. Não me fora ela mesma dada em paga pelo Rolim, por lhe ajeitar um parente na milícia, e por disposições que o Domingos Vieira me trouxera de certos negócios como Rodrigues de Macedo? Fiquei a conjecturar se, embora m'a achasse devida, não sabia ser aquela esmeralda um meio também de me terem a ferros, em qualquer caso, como contrabandista vulgar?

Todos sabiam que se contrabandeava vergonhosamente. Todos sabiam, mas quem mais se aproveitava disto era o senhor Governador, que tirava boa parte das pedras aos mineradores em troca de conivência. A maior parte delas ia das mãos do Sousa Lobo para as do Malheiros. Parada e Sousa era outro mandrião a comprar o cargo a peso de ouro e favores, bem como o Silvério dos Reis, que andava a cortejar a senhorita Bernardina, a cantar-lhe madrigais açucarados e quebrados com seu psaltério (instrumento de madeira e cordas). Bem que se houvéssemos dois, que eu não pretendia mais ver a minha Marília chorar pelos desaforos da outra.

— Precisamos agir com calma em todo este caso. - repliquei ao Alvarenga.

— Mas já se fala em sedição abertamente. Sabes o que o guarda do palácio fez por estes dias? Entrou sem mais aquela palácio adentro e esfaqueou um vereador, na frente da sentinela. Só não o matou, porque Deus não quis, e como o pobre gritasse, o deixou na escada a se esvaír em sangue. Tomás, se nos organizamos, do modo como o povo está farto de tantas diatribes, com a posição vantajosa de Minas, poderemos conseguir imitar as colônias americanas.

— Falas como um mariola.

— O Pe. Vieira e o cônego. Toledo concordam comigo. Acham que tais disposições podem vingar com o apoio das milícias...

— E não vêm quantas corporações há criado o Governador, repletas de criminosos? Pois se não há nenhum mal nesta capitania que não haja um militar por detrás? Como se fiar neles? Perdoa-me, meu primo, sei que não és senão um deles, mas a me fiar nas fardas prefiro confiar nas sotainas. Afinal, com quem acreditas contar nas milícias?

— Há eu, o Domingos Vieira, o Francisco de Paula Freire, que está casado com a filha do capitão Maciel, há o Tiradentes...

— Não me fales em tal homem! Poria tudo a perder coma sua parolice. É um sonhador. Um visionário. Nascesse daqui a cem anos para frente e talvez vingasse seu tipo, mas como estão as coisas, há que ter cautela. Por que crês que já tem perdido o comando da Mantiqueira?

— Por honesto.

— Que seja, que é uma qualidade em todo caso. Em casa de Cláudio Manoel veremos como podemos agir, e com quem contar.

— Sempre hei de achar que, se nos pomos na Maçonaria, havíamos de conseguir tal coisa.

— Homem! Quem te põe tais ideias?

— O Tiradentes me concita. Fala da Bahia, faz contatos com os comerciantes no Rio de Janeiro. Todos esperam de Minas o grito de Basta!

— Todos esperam de Minas o grito de Basta. - repeti eu com um suspiro de desânimo. - É preciso saber ao certo com quem contar. Não vês o que se faz por aí? Todos conspiram, dirás, mas porque estão insatisfeitos, com os problemas graves nos bolsos. Mas, solte-se à maioria "algun" e logo mudam de partido. Muito poucos há que confiar. O Vieira, que é corajoso, o Toledo o Domingos, um quase analfabeto, o Dr. Cláudio, este sim, um homem de respeito até no Além-Mar, e não sei, este padre louco por saias, o Rolim, sem nenhuma compostura, em que se sente um hálito de valentia, na risada franca. Quem mais?

— Os estudantes de Coimbra.

— Os estudantes de Coimbra, dizes? Será apenas um apoio moral. Não se pode desbancar reinos com um apoio moral.

— Há todos os negros a quem dar a liberdade e os mulatos.

— E pode-se confiar neles? - perguntei com dúvidas. - Só num me fiaria de bom grado, o Mestre Lisboa. No mais, não sei não.

Na sala, Vieira e Domingos discutiam calorosamente sobre a Revolução Americana. Vieira dava aulas sobre Voltaire e Rousseau, declamava trechos de cor.

— É uma temeridade! - falei eu. - Vês? Não têm mais peias. E, no entanto, tais livros são proibidos. Sabes como chegam ao Brasil? Como o

bom padre os consegue? Se o pilham, há de se haver para explicar-se. E, no entanto, não parece perceber o perigo.

— E achas que os escravos podem saber do que falam?

— Estes negros são mais ladinos que pensas, Alvarenga. A mais de um já têm perdido... Uma rebelião... - pensei alto. - podia ser, mas a quem teríamos por principal dela?

— E por que não tu? - perguntou-me Alvarenga.

— Estás louco? - falei, abrindo desmesuradamente os olhos. Meu coração entrou a bater descompassadamente. - Sem dúvida, enlouqueceste.

— Todos esperam que tomes a frente. E não o tens feito, em todo caso? Haverá nas Minas Gerais alguém que enfrente com mais galhardia que tu, na Câmara e nos versos, a este estroina do Governador? Quem lhe toma a frente nas questões da Junta da Fazenda, quando propõe seus arrematantes? És já um herói, caro primo, aos olhos do povo e de quantos queiram o levante. Tu mesmo te impuseste por teus atos. Todos confiam em ti.

— Mas conto agora casar-me e não posso. - disse, aturdido.

— E porias tudo a perder pelos olhos de uma donzela? - disse-me Alvarenga.

Onde ouvira eu antes aquelas mesmas palavras? Sabia que não as ouvia por primeira vez, mas fiquei olhando-o pensativo. Teria acaso sonhado com aquilo?

— Raios! São só projetos.- falei. - Preciso pensar. E, além do mais, tu mesmo te atreverias a tal, mesmo arriscando a vida de tua esposa, de tua filhinha?

— Não me perguntes isto, que só de pensar fico doido. Em todo o caso, ela mesma é quem me cobra atitudes de homem. Vê que não me engano nem a ti. Só queria sentir-me bastante forte para tal empresa.

Dijanira viera chamar-nos para o almoço. Fiquei a pensar se não nos ouvira por trás do reposteiro. Os acontecimentos se precipitavam e eu não sabia como agir.

Tomás e o capitão João Mayrink

À tarde, veio-me uma aia da casa de Marília com um mimo de recado.
Eram suas letras redondas que me diziam:

“Meu querido noivo,

Sempre hei de ter o prazer de chamar-te a vir a esta casa, logo mais à noite, com teus hóspedes, para um sarau ameno.

Ficarei imensamente feliz se todos puderem saber que és o "meu noivo muito amado. ”

Titio precisa de um parceiro para o gamão e eu para um minueto.

Sempre virás, espero. Acena-me da janela, que aguardo ver-te, nem que seja de longe.

Tua noiva,

Marília. ”

Ir-me com meus hóspedes à casa de minha bela? Com todas aquelas murmurações sobre rebelião? A mensageira esperava a resposta com os olhos no chão. Estive a andar de um lado para o outro, sem atinar o que responder. Depois fui até a janela e olhei para sua casa. Na janela, Marília esperava por um sinal meu. Tirei o lenço branco do colete e acenei para ela. Respondeu-me com igual aceno.

Tornando à sala, busquei uma pena e tinta e tratei de traçar:

“Adorada Marília,

Teu pedido, por menor que seja, é uma ordem para mim. Ver-te é a maior ventura que jamais declinarei.

Conta conosco.

Teu, sempre teu,

Tomás. ”

Dobrei cuidadosamente o papel selado com meu timbre e dei-o à aia com algumas moedas de cobre.

Com uma medida, ela saiu. Fiquei a cismar. Um levante a se contar com os negros e índios? Mas não fora ali mesmo, naquelas serras, que outrora se abafara um levante de quase oito mil negros? Não fora um paulista, neto de um dos revoltosos, Felipe dos Santos, que a denegrir o nome ilustre de seu avô, havia abafado o levante, com sangue de mulheres, homens e crianças? A figura odiada de Bartolomeu Prado era lembrada com horror, quando de sua chegada a Vila Rica, com 7.800 orelhas cortadas na salmoura, penhor de sua chacina naqueles matos. Poder-se-ia contar com os negros, que pareciam tão magoados? Na própria Bahia não vira eu, quando jovem, casos tais? Um levante poderia redundar em coisa bem terrível. Apesar disto, não via outra saída. Eu sabia que Alvarenga tinha razão. A Maçonaria era o único apoio seguro. Não dissera a meu primo, mas eu mesmo fora iniciado em terras portuguesas. Sabia que a Conjura Americana partira desse bojo, mas naquelas terras de Minas ainda não havia um grupo organizado. Poderia eu iniciá-lo em todo o caso? Não saberia como fazer, que não me chegavam notícias e disposições do meu grupo afim do Rio de Janeiro a respeito.

Na sala, Vieira ainda declamava trechos da proclamação americana, enquanto da rua se ouvia o tinir das correntes dos presos, que eram levados da Cadeia.

Descemos para almoçar e estivemos a fazer a sesta após. Quando me ergui, vi que chegava alguém à minha procura.

Entrou-me pela porta o meirinho, que apregoava as sentenças.

Eu o conhecia das muitas que lera, ditadas pela justiça local. Quantas me felicitavam e outras me amarguravam a alma.

— Senhor doutor Gonzaga. Perdoe incomodá-lo. Preciso de seu conselho.

— Sente-se, homem

Chamei a Joana que lhe preparasse um refresco, que vinha cansado de estar ao Sol.

— Estou ao seu dispor, senhor. - falei com simplicidade.

— Senhor doutor Gonzaga, não sei como me haja. O senhor sabe dos

detentos cujos processos foram considerados e culpados a trabalhos forçados. Bem, o senhor Governador não lhes cede nenhum alimento. Tínhamos algum dinheiro para os gastos deles, mas se esgotaram. Ontem fiz o capitão general ciente da situação. Pensei que se condoeria da miserabilidade dos culposos, que morrem diariamente ou são recolhidos na Santa Casa, da qual quase nenhum ou nenhum mesmo retorna, mas riu-me em rosto. Arrotou sem remoque e respondeu-me que se me sentia tão infeliz, dar-me-ia aso a ser cristão; que desse eu mesmo de comer a tais sentenciados, em todo o caso, ou que os mandasse soltar. Que não há nem haverá dinheiro para tal empresa. Que hei de fazer, senhor ouvidor? Os pobres morrem à míngua de socorro. Ainda hoje uma jovem de nome Alzira quis se chegar ao pai mais o irmão e dar-lhes de comer. Por pouco o tenente não a prende com eles! Dr. Gonzaga, à noite tenho calafrios. Não durmo. Fico remoendo aqueles rostos, os gritos dos infelizes no tronco, o sangue a salpicar dos relhos no chão, as velas que acendem no piso, ainda que em tal não consintam alguns piedosos, quando morre algum preso. É preciso fazer alguma coisa.

— E o que desejas que eu faça? Uma petição aos senhores vereadores? Uma carta à rainha? Demorará meses para chegar, mais outros meses para que responda, caso responda, e outros meses para que a resposta tome. Também não sei o que fazer. Falar ao Governador, apelar para as leis. Este... - contive a palavra, estava demais comprometido. - Sr. meirinho, falarei ao tenente, procurarei apelar para seus sentimentos, para as leis e por sua honra, se é que a tem. Levarei comigo o cônego Vieira, que é bem persuasivo, a lhe falar das penas do Inferno, a ver se ao menos isto respeita, mas não sei o que faremos.

Agradeceu-me o bom homem e saiu. Já a tarde caía. Olhei pela janela. Laivos de vermelho nas nuvens baixas, punham beleza na paisagem. O Pico do Itacolomi, inconfundível, bordava o horizonte, enquanto pássaros variados trinavam em árvores próximas.

Da janela, avistei tia Gertrudes que adentrava a porta, chegando em uma liteira conduzida por escravos. Comecei a lembrar... Fora do meu jardim suspenso, nos fundos de minha casa, que eu vira numa tarde a minha bela com as irmãs e primas. A graça do corpete justo, com os espartilhos de

baleia, e uma cabeleira loira, que a deixava alva como as nuvens, olhara-me e surpreendera-me o carinho ao vê-las na sua natural parolice de moças.

Ao mesmo tempo me percebera sua amiga Francisca, que lhe cochichara qualquer coisa. Riram-se com gosto e ela tomou a frente:

— Boa tarde, Dr. Gonzaga. Namorando as nuvens?

— Não, senhorita. Não haveria de procurar nuvens ao céu, quando vejo tantas estrelas na terra.

Riram-se todas e ela, pega no próprio laço da graça com que me inquiria, ficara sem resposta, enquanto eu tomando umas das papoulas que estavam próximas, atirei-as em regalo.

Tomou-as, ajeitando no decote e cabelos, dando-as às moças e, com uma medida, tornara para dentro.

Marília... Marília... não a podia ver à janela de sua casa...

O contorno da Igreja de S. Francisco, com seu aspecto magnífico, cortava as montanhas azuis. Branca, lá embaixo, a casa de minha adorada. Urgia preparar-me e avisar meus hóspedes do sarau em casa dela. Com tais disposições, pedi aos escravos preparassem alguma refeição e subi aos meus aposentos para o banho.

Logo Dijanira chegou prestativa. Ao ver-lhe as pretensões, pensei:

— Hoje não, Dijanira. Hoje não.

Vendo-me arredio, tudo arranjou pelo melhor modo, retirando-se sem queixa.

— Tanto melhor, - pensei- que já tenho cuidados demais por um dia.

Precisava pôr-me a campo, a fim de pedir a alguns amigos, também maçons do Rio de Janeiro, que se pusessem a trabalhar pelo Meirelles. Não era de molde a ficar de braços cruzados, ante o infortúnio de um amigo.

À noite saímos todos em direção à casa de Marília. íamos a pé mesmo, de bengala de castão de ouro e cartola. Tinha eu posto meu melhor fraque, todo bordado em fios de prata, cor azul celeste, e sapatos ornados por fivelas de ouro e topázios.

— Parece um noivo. - disse Alvarenga ao ver-me.

— E sou mesmo. Amigos, hoje cearemos em casa de minha adorada musa inspiradora, sinhá Joaquina, Marília, deste apaixonado Dirceu.

— Louvo-lhe o gosto. - falou o tenente coronel Domingos Vieira, que

viera de sua casa, à direita da ponte S. José. - É distinta e de família honrada e nobre. Além dos mais, fazem um lindo par.

— Conto como amigo em meu favor junto ao capitão e ao senhor Ferrão...

— Estás a mangar de um velho, que não precisas de mim para tal empresa, mas sempre o farei. - respondeu-me ele.

Íamos conversando pela rua, sendo saudados por alguns homens que conosco cruzavam

A caminho encontramos o doutor Cláudio mais o Pe. Rolim, junto ao cônego Toledo. Iam também para o sarau, convidados que haviam sido.

A minha querida Marília, talvez percebendo minha mágoa por não haver-se feito alarde de nosso compromisso, com as festas em uso, vinha por aquela forma convidar a quantos amigos eu tivera, para me dar satisfação. Onde encontraria tal mimo? Uma alma que tão gentil me fora, fazendo-me aquela prova tão doce?

Quando chegamos, a casa estava clareada por velas e candeias. Flores enfeitavam a mesa da sala, festões na varanda e, ao cravo, Ana Ricarda tocava, enquanto nas cadeiras de palhinha os primos e amigos de Marília se abanavam com os leques ou bebiam licores.

Veio receber-me à porta seu pai.

— Eis a surpresa que te fiz. - falou Marília- Papai chegou hoje mesmo, logo que saíste, pois sempre meu paizinho parece adivinhar quando mais preciso dele.

O capitão João Mayrink apertou-me a mão com efusão. Levei um susto. Não havia dúvidas. Olhamo-nos com cumplicidade. Éramos nós dois irmãos, duas sentinelas. Estava eu diante do primeiro irmão maçom das Minas Gerais!

Encontro de maçons

Soube depois que o pai de minha noiva tinha sido iniciado na Loja Jardineira do Rio de Janeiro, enquanto eu viera de começar na Maçonaria pelas mãos do querido amigo Pombal, que morrera no ano de minha escolha para o Brasil, ainda em Portugal.

Lembrei-me da última vez em que estivéramos juntos. O amigo marquês de Pombal, doente, terrivelmente abatido pelo processo de traição, teve um repente de ânimo:

— Irmão Julião, - falou, chamando-me pelo nome pelo qual fora iniciado - vais para o Brasil e lá, em terras do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco hás de encontrar companheiros fiéis. Tomem os irmãos muita precaução, porque esta soberana (referia-se a D. Maria I) tem por maior José Domingos Manique, que há jurado acabar com os pedreiros-livres (maçons). Todo cuidado será pouco, como podes ver, meu filho. Espero em Deus nunca hajas de passar pelos mesmos vexames e vilezas que este velho passou.

Ficara uns momentos calado, imerso em seus próprios pensamentos. Talvez então avaliasse o sofrimento dos Távoras, cuja família ele dizimara por rival sua, e tantos padecentes enforcados nos cárceres de Lisboa. Igualmente passara entre a cela e o cadafalso e, se sua cabeça não rolara, nem por isto podia dar-se por feliz.

— Há que se pagar tudo nesta vida. - balbuciou ele - Mais valia a mim haver sido clemente, porque não há justiça entre os homens.

Eu estava com os olhos úmidos a ver a que se reduzira meu professor, meu Mestre, cujo sorriso mordaz era agora um leve esgar de sofrimento.

Animei-o quanto pude. Falei-lhe do futuro, da nossa Irmandade do Oriente tão poderosa, que se infiltrava por toda a parte.

— O olho que tudo vê. - sorriu complacente, sentindo-me o carinho e

intenção e ficou a olhar-me como se visse a si mesmo na juventude. - Deus te abençoe, meu filho. E que o destino te seja menos cruel que a mim.. Nem deves tanto...

Tudo isto rememorei, após o aperto de mão do capitão. Nos dias que ficara no Rio de Janeiro, na companhia de titia e meus primos, encontrara alguns irmãos, mas nas Minas Gerais ainda não tivera tal oportunidade.

Um instante em que ficamos a sós, pude perguntar-lhe a respeito:

— -Meu filho, - falou-me - minha surpresa não foi menor. Conquanto o conhecesse há já tantos anos, não fora eu iniciado ainda. Acabo de sê-lo no Tejuco, depois de ligações do Pe. Rolim, quando em viagem ao Rio. Se aqui já temos a ti, penso que podemos logo ligarmo-nos aos demais. Conto com amigos na Metrópole.

— Sr. Capitão, esta nova me torna ainda mais feliz, porque sabes do afeto que tenho por tua filha, sinhá Maria Dorotéia.

— Ela me tem falado e, confesso, que isto me tinha um pouco preocupado. Marília é sensível, emotiva demais, porém não é frágil como parece. Tem uma vontade férrea e, quando quer algo, não desiste facilmente. Creia-me, senhor Ouvidor, terás muitas surpresas com minha filha, porém se a amas, e eu o creio, conhecerás que jamais farias melhor escolha. Sua formosura é o reflexo de sua alma. É gentil e apaixonada, fiel e amiga, mas também tem seus caprichos. Meu filho, a escolha de minha filha não poderia ser melhor, mas como contas casar-te, estando nas mãos das leis portuguesas o impedi-lo, devido ao teu cargo?

— Sr. João, tantos são os dissabores em que me vejo com o Governador, que acredito, tanto quanto minhas denúncias, devam chegar a S. M. cartas que procurem me incriminar. Nada tenho que me desabone. Não há o senhor capitão general inventar sem provas, mas a rainha, por certo, fará bem de apartar-nos para evitar dissabores. Tão logo me concedam novo lugar, o que acredito se dará breve, posso bem casar com D. Maria Dorotéia. que não é outro meu anelo. E, quanto mais cedo S. M. m'ò conceda, mais feliz serei.

— Por que não a nomeias como nos versos? Nós mesmos em casa aprendemos a tratá-la assim. Podes chamá-la por Marília, filho, não te pejes.

Alguns amigos se aproximaram e tivemos nossa conversa interrompida.

O sarau esteve agradabilíssimo. Marília estava bela como só as mulheres apaixonadas o são, e eu não poderia jamais estar em maior felicidade.

Dancei com ela um ligeiro minueto. Todos pareciam olhar-nos, mas eu só tinha os olhos para ela, com os cabelos semi presos atrás das orelhas a lhe caírem em cachos pelos ombros, enquanto bailava graciosa, sorrindo para mim

— Teu pai não faz embargos ao nosso amor, - lhe disse em meio às medidas próprias da dança.

— Papai sabe que minha felicidade está nas mãos do doutor Tomás.

Por uns instantes, mostrei-lhe a rica esmeralda, com a qual pretendia fazer-lhe um anel.

— Mas, não é justo. - disse-me ela. - Estás a me dar um mimo, e nada tenho a dar-te que te force a me lembrar.

— Como se eu pudesse deixar de lembrar-te. - exclamei.

— Sempre hei de achar algo para que tenhas deste dia lembrança. - falou ela, a morder os lábios a pensar.

— Queres que eu te ajude? - perguntei.

— Sim. Sim Sempre. Digas! O que haverias de gostar que eu te desse?

— Sempre ficaria feliz se pudesse ter uma madeixa dos teus cabelos.

— Meus cabelos? - falou Marília admirada, segurando um dos cachos. Mas para que o queres?

— Para sentir o teu perfume. Para acariciá-los, para fazer deles uma trança e pôr-me nos pulsos, como algemas do prisioneiro que sou de teus encantos.

Marília corara, mas se decidiu:

— Espera um pouco. Torno já. - falou com uma medida, saindo quase a correr em direção do corredor interno que ligava os quartos.

Não demorou muito e voltava com uma coisa que me entregou:

— Pronto, Dr. Tomás. Aqui o tens. Se o queres, pois eu acho teu pedido muito estranho, confesso. Mas sempre te atenderei pelo carinho que me inspiras.

Abri devagar a caixa que me fora entregue e deparei com um cacho dos

seus cabelos.

— Mas eu não pretendia. - falei embasbacado - Só queria falar-te dos encantos e não privar-te de... Jamais me perdoarei.

— Não ficaste contente? - perguntou-me aborrecida.

— Oh! Sim! Estou muito feliz, mas mesmo assim jamais me perdoarei...

— Ora, não te preocupes. Crescerá outro bem depressa. Depois, ninguém notará. Tenho muito cabelo, mas sempre hei de querer ver se farás mesmo com ele uma algema. - disse brejeira.

— E careço acaso de mais cadeias, do que as que me dá o Amor, em todo o caso? - disse, afagando-lhe o rosto.

Vendo-a, esquecia-me dos muitos tratos da justiça e das maquinações do Governador. Quantas vidas eu tenha jamais esquecerei os instantes que passei junto dela. Marília, Marília, minha doce querida, a quem devo os mais ridentes e também os mais tristes momentos de minha vida.

Os ânimos se exaltam

Estávamos no mês de julho de 1786, e, tal como eu previra, a rainha me designara para a Bahia, como desembargador. De certa forma estava feliz.

Nada havia por hora que pudesse impedir meu sonho de amor, mas o capitão João pediu-me para esperar, até que a residência para a Bahia me fosse concedida. Apressei-me, pois, a enviar a S. M. requerimentos pedindo-me o lugar. Enquanto isto, visitava meus primos, ora Alvarenga, em São João dei Rei e na sua fazenda Covão, ora o Joaquim Antônio Gonzaga, que era ouvidor na Vila do Príncipe. Tinha, portanto, razões para ficar feliz. Ambos eram mais dois aliados poderosos, contra o Cunha de Menezes. Até ali, apesar de todos os desmandos do Governador, conseguira eu que os contratos dos dízimos caísse nas mãos do amigo Domingos de Abreu Vieira, companheiro de farda do Alvarenga e vizinho da amada do doutor Cláudio.

A reunião em casa de Cláudio Manoel da Costa, que fora seguida ao sarau em casa de Marília, só servira para me mostrar quão animosos estavam todos, com relação aos desmandos que se cometiam, mas qualquer levante seria prematuro. Além disso, se aos descontentes se acenassem com lucros, debandariam. Era entusiasmo apenas. Ia eu passar em casa do senhor Domingos Vieira para jogar vultarete.

Desci a rua Direita. O calor estava sufocante, prenunciando chuva e frio à noite. A caminho cruzei com o Sr. Manoel Queiroga, que também gostava de musas e de arriscar lá seus versos. Não me era simpático, pois além de mau poeta (eu assim o considerava) privava da mesa com o Governador, e quem era amigo de tal homem não seria meu. Saudou-me com um aceno a que não respondi. Tinha ouvido outro dia, de uns escravos, que andava a cortejar-me Marília, o que o punha mais antipático aos meus olhos. Não era feio, mais moço que eu e dado ao vinho sem cerimônia.

Pensava eu que, se o sarau em casa de Cláudio Manoel não fora de molde a entusiasmar-me quanto aos homens, agora a reunião marcada para a noite, em casa do Freire de Andrade, prometia ser melhor.

Ao chegar em casa do Sr. Domingos, tive uma surpresa desagradável. Estava ali o alferes Tiradentes, cujo olhar atravessado me punha tantos calafrios. Meu amigo Domingos era padrinho da filha do alferes, compadres portanto, e não havia de me retirar, sem que me desse por mal educado.

— Boas tardes. - falei - Sempre parece que a chuva tardará um pouco a cair, e o sol está ardido como pimenta.

Domingos saudou-me e apertamos as mãos. Tive que vencer meu receio e saudar o alferes. Jogamos quase num silêncio constrangedor, cortado apenas pela voz de Domingos, que andava desanimado.

— Dr. Gonzaga, - falou-me - logo mais chega meu bom amigo o Pe. Rolim Não desconhece o senhor que, tanto eu como ele, temos sido alvo das arbitrariedades do capitão general. O intendente já me fez várias insinuações, quanto ao fato de que eu não espere para o ano ganhar o arremate dos dízimos.

— Sempre contarás com meu voto, por escusado, honesto.

— Sei disto, Dr. Tomás. Mas creio que desta vez não será suficiente teu voto e do amigo intendente Pires Bandeira. Há o tesoureiro, senhor Afonso Dias Pereira, e o caixa Carlos Silva contra. O primeiro obedece as ordens do senhor Governador. O segundo, ao que se vê, só quer mandar e soltar às Cortes, há que pedir que a própria Junta da Fazenda seja o arrematante. Olhe bem a opulência do senhor Rodrigues de Macedo. Quem não lhe deve juros e mais empréstimos?

Olhei pela janela da casa do amigo Domingos. À nossa frente, imponente, erguia-se a mansão de Macedo,(hoje Casa dos Contos.) Também eu vinha pensando em servir-me dos seus préstimos, já que, se designado para a Bahia, não se me pagavam o salário devido. Estaria em apuros financeiros muito breve e a residência para a Bahia era imprescindível. Era bem verdade que meu substituto era amigo e não me exporia à rua, enquanto as Cortes não me dessem um lugar, mas em tal se dando, poderiam colocar-me em posição vexatória, a qual o senhor Governador forçaria em todo o caso.

— Podes contar com o senhor Pires Bandeira. Quanto aos outros não sei. E, quem será o teu rival na oferta?

— O senhor José Pereira Marques.

— Mas é homem sem posse e sem valia! - redargui arrebatado.

— Sempre haverá de ser lançador, só pela forma, já que tem atrás de si o contratador Macedo.

Desde que eu me empossara, havia conseguido tirar ao senhor João Rodrigues de Macedo os contratos dos dízimos. Quanto às entradas, lhe couberam mais ao senhor Silvério dos Reis. Nada podendo fazer, isto me aborrecia.

— Silvério e João Macedo, os abutres de Minas. - falei.

Tiradentes, que até ali ouvira calado, como se pressentindo minha reserva para com ele, teve um rompante:

— Quanto ao senhor Macedo não sei, mas o senhor Silvério é amigo nosso e se faz seus negócios é para se impor e nisto não há como acusá-lo, senhor doutor. Também os magistrados e intendentes da região têm seus escolhidos, seus apadrinhados. Subir através das fardas não é tão fácil, quanto a homens dados às letras!

— Pois se abraçam as fardas é porque não têm meios de estudo ou vocação para a batina. - respondi.

— Isto posto que não, doutor. Que honra não está nem na roupa ou nos diplomas. - respondeu, erguendo-se e abandonando o jogo.

— Que é isto, senhores? Temos um inimigo comum já bastante perverso, sem que nos ponhamos em discussão entre nós. - aparteou o velho Domingos.

— Só porque não privo com o alferes das simpatias pelo senhor Silvério, não queira ele impingir-me tal, que tenho motivos de peso. - redargui - Além do mais, jamais impus a ninguém minhas próprias ideias, senão pelo discurso e razão. Não o faria agora pela força.

O alferes sentara-se novamente na mesinha, instado pelo tenente coronel Domingos, mas eu me aborrecera tremendamente. Aquele homem alto e magro, com o olhar fixo e brilhante, cabelos negros e o lábio inferior saliente mais que o normal, com sulcos profundos dos lados do rosto sofrido, enérgico e rude, mas loquaz quando o assunto o empolgava,

emotivo até as lágrimas, e impulsivo até os socos e sopapos, que distribuía quando achasse preciso, me causara profunda consternação. Estava sempre na defensiva com relação a ele, sem que me pudesse explicar tal.

— Não pense, senhor, - disse eu - que quis ofendê-lo, ou aproveitar a ausência de seu amigo para tripudiar sobre ele. Pelo menos os casos que os senhores magistrados e os senhores intendentes ganham o fazem pela lógica, pelas leis, pelos discursos e não por presentes e servilismo, como um limpa botas do senhor Governador, ou um testa de ferro do senhor Macedo, como é o caso do José Marques. Sinto muito se ofendi seus brios, mas o que digo não é notório senão àquele que não quer ver... - E voltando para o senhor Domingos:

— Sinto muito se fui indelicado com o teu compadre. Não vim criar demandas com teu amigo.

— Por favor, senhor doutor,- falou Tiradentes, humilde - se não temos a mesma impressão, deve ser porque convivo e conheço há mais tempo o senhor Joaquim Silvério, ou porque tem ele os mesmos problemas que as fardas me causam. Somos homens sensatos. Nem por deixar de julgarmos diferentemente é motivo para ficarmos animosos.

Eu fora talvez longe demais na minha indignação, tanto quanto o alferes.

Domingos pedia-me que ficasse, e assim deixei-me estar por mais alguns instantes, findo o que, pedi licença para me retirar.

Tinha outros assuntos a tratar.

Em frente à ponte de S. José, alguns dos asseclas do Governador faziam blagues e ditos, com que me irritar, mas não lhes dei acho a que me julgassem nervoso. Subi a ladeira, enquanto via o Pe. Rolim que chegava à Vila como hóspede de meu amigo.

Havia-me esquecido. Também Alvarenga devia estar chegando.

A reunião em casa do tenente coronel Freire de Andrade prometia maiores envolvimento. Pena que meu primo Joaquim não confirmasse sua vinda e o pai de Marília estivesse a serviço longe dali, mas sempre sabia que poder-se-ia contar com eles. Desta reunião dependeria talvez até meu futuro.

Precisava que me cedessem a habitação na Bahia, sem o que não casaria

com Marília. Ela sabia, compreendia, esperava, mas aquilo me afligia tremendamente. Da forma como os acontecimentos se haviam de ir, qualquer pessoa podia ser vítima do Governador, e ante tantas maquinações, a Corte adiava meus projetos, cheia de má-vontade e receios.

Subindo a rua Direita, passei defronte à casa de Gomes Freire de Andrade, um lindo assobradado com as janelas pintadas de vermelho e gradis de ferro trabalhados nas janelas. Era o nosso Gomes Freire filho natural do irmão do antigo governador Gomes Freire de Andrade, que eu sabia participante maçom em terras de Portugal. Era alto, loiro, forte, e se casara com dona Isabel Querubina de Oliveira Maciel, cujos irmãos em número de três eram estudantes em Coimbra, chegando ali no mesmo ano que eu partira para o Brasil, 1782. Soubera, depois, que participava o senhor Maciel da Loja Maçônica A Jardineira, com ramificações na cidade do Rio de Janeiro, das quais havia meu amigo Parreira. Este comerciante tratava de arranjar-nos os livros proibidos que eu, Alvarenga e Luís Vieira tínhamos guardados, e me garantia que os próprios filhos do vice-rei seriam iniciados. Era, pois, possível que pudéssemos fazer algo de propício, estava eu comprometido com os "irmãos" e não sabia que rumo tomariam os acontecimentos.

Ao tornar a casa encontrei já a Inácio Alvarenga instalado. Via-o cada dia mais desanimado. Tinha dívidas vultosas, desde os nossos tempos de Coimbra. Eu também fizera empréstimos para a viagem ao Brasil, mas felizmente conseguira nos anos anteriores saldá-las. Alvarenga não, e já sentia os amigos fugirem-lhe à presença. Tinha uma filhinha encantadora, Maria Ifigênia, que era sua paixão. Contava uns sete anos, e parecia-se tremendamente com Bárbara Heliadora, a qual intimamente era amiga de minha bela, desde os primeiros tempos em que me ajudara a encontrá-la. Sempre que podiam se viam. Trocavam confidências. Marília a adorava, admirava sua coragem, dizia-se até invejosa de seus versos e sua felicidade conjugal.

— Sinto-me indigno da amizade dos homens de bem Vejo agora como meu pai tinha razão. Estive a me perder em empréstimos, querendo modernizar as lavras, com apetrechos caros, mas o ouro não vem - comentou Alvarenga.

— Por que não compraste os negros minas, como te disse?

Aqueles bantos não têm a experiência dos primeiros. - falei.

— Devia ter te ouvido. Parecem cegos para o ouro. Não o veem ou fingem não ver. Estou com receio. Se me cobram os débitos atrasados, perderei tudo.

— Acalma-te. Acredito que não se cogita nisto. O Governador não quereria a cobrança, porque prejudicaria seus súcias que são os maiores endividados. O próprio contratante Macedo está atrasado e também o Silvério, que é um "vivaldino". Logo mais chega o Pe. Toledo.

Era o bom amigo tio da jovem Bernardina Quitéria, de quem eu fora um pretendente. Agora sabia que ela estava sendo cortejada pelo senhor Silvério. Ouvira vagas admoestações do meu amigo, quando tivemos um "caso". Felizmente agora as coisas pareciam mais calmas e o senhor vigário viria com notícias de como andavam as novas por sua região, e suas ligações com o senhor José Aires Gomes e com os amigos de São Paulo.

Alvarenga tomou um copo de vinho e sentou-se no canapé, cansado da viagem

— Todos estão apreensivos e descontentes. Todos os fazendeiros do rio das Mortes, todos os naturais, os tupis, os paulistas.

— Gente valente, os paulistas. Se se pudesse contar com eles, haveríamos de...

Não terminei. Comprometer-me seria leviandade. Era preciso saber primeiro com quem contar.

À noite fomos chegando regularmente para a casa do senhor Francisco Paula Freire. Sua esposa também estava presente e nos serviu acepipes, retirando-se após, discretamente. Jogávamos gamão, aguardando a chegada dos outros, quando Freire entrou com um rico castiçal de prata, com sete bocas. Seria coincidência? Olhei pela forma como vinha de trazê-lo. Não me equivocava. Estava diante de um maçom Sr. Andrade parecia querer descobrir-se e a quem lhe fosse afim, porque saudou-nos com palavras chaves de simbolismo maçom e disse-nos:

— A casa de meu sogro foi invadida esta semana por ordem do senhor Governador.

Nós não sabíamos e houve um murmúrio abafado, enquanto eu fiquei a

cogitar o porquê do intendente não haver me cientificado da devassa.

— Usam-se as milícias para vexar os povos. - continuou ele com imponência e gravidade. - Cuidei haver por bem mantermo-nos em contato para nos defendermos de tais investidas. Farei meus cunhados de Coimbra cientes do que aqui se passa, já que é questão familiar, que precisamos resolver, sendo nossa honra posta em jogo com tais arbitrariedades.

Todos se calavam Eu olhava para o candelabro e entendia sua linguagem muda.

Contou-nos Freire de Andrade que nada fora achado de modo a criar pendências. Estariam acaso à procura de cópias das Cartas Chilenas, ou de ouro escondido? Cláudio Manoel, eu e o Pe. Toledo havíamos feito cópias dos versos que eram lidos em toda a Vila Rica, para escândalo e raiva do capitão.

Resolvemos que se expediria carta para a Metrópole e os parentes resolveriam pelo melhor modo. Alvarenga declamou seu *Canto Genetlíaco*, que havia composto para o antigo governador Rodrigo de Menezes e foi muito aclamado.

Após conversas e considerações sobre as diversas regiões que cada um representava, aguardei que todos se retirassem Era penoso ficar, porque Alvarenga e Carlos Toledo não me largavam mas sempre pedi que meus hóspedes fossem que eu ficaria para ajudar o senhor Francisco Freire pela melhor forma de redigir uma carta. Acabamos por ficar a sós e, então, pude dar-me a conhecer.

— Irmão Julião .- disse, apresentando-me como nome que me fora apostado na iniciação.

Francisco sorriu, apertando-me a mão:

— Seja bem-vindo.

À porta, sentimos que alguém nos observava. Vòltamo-nos e vimos Mestre Lisboa sustido por seu escravo, fazendo-se anunciar. Seu olhar perscrutador e sofrido pareceu adivinhar-nos. Com esforço para manter-se em pé, saudou-nos fraternalmente com orgulho.

Estávamos diante de mais um filho da Irmandade Secular e seu valor nós o sabíamos, pela arte e honestidade com que sempre se impusera naquelas terras.

Tínhamos ali nossa primeira tomada de posição. Sentamos e, fazendo um balanço de nossas disposições e forças, nos dispusemos a escrever a primeira carta que pusesse os amigos de Além Mar em contato com o resto do mundo, para estudar a possibilidade de um levante nas Minas Gerais. Aquilo acabava de vez com minhas pretensões de partir. Precisava agora aguardar resoluções e obedecer à risca. Era eu naquelas terras um dos mestres maiores da Maçonaria do Oriente, dado meu cargo e honra em tempo de iniciação. Mestre Lisboa ombreava comigo em grau. Resolvemos que, com mais alguns membros, poderíamos abrir a primeira loja Maçônica nas Minas.

— Não a primeira, - falou Mestre Lisboa - que já existe uma no Tejuco. Sempre podemos contar com maior número de iniciados, a começar pelo Pe. Rolim

— Então, por que não se deu a conhecer? Por que se retirou? - perguntei, lembrando que o capitão Mayrink também me avisara a respeito.

— E quem pensas que fora me avisar de tal conjura? - redarguiu o Aleijadinho. - Agora procura sondar outros para que se unam a nós.

— Minha casa pode ser a sede para tal compromisso. - falou Paula Freire. - Não desconfiarão de mim. E assim assentados, iniciamos nossas primeiras resoluções para um levante. Com breve tempo apresentei meu amigo Cláudio Manoel da Costa, que já fora iniciado e era correspondente da Academia Brasília dos Renascidos, depois se seguiram Alvarenga, José Aires Gomes, Pe. Toledo e todos os demais que viriam mais tarde a participar da Conjura.

Tínhamos simpatizantes que, devidamente aproveitados, seriam postos chaves nas milícias, nos serros, nas Igrejas, nos postos administrativos, mas primeiro aguardaríamos resposta de Maciel.

Devido a isto, três meses depois, chegava ao representante dos Estados Unidos da América do Norte a primeira carta de Joaquim José da Maia, chefe revolucionário do grupo universitário de Coimbra, que, tendo terminado seu curso, iniciara outro na França, em Montpellier. Sob o pseudônimo de Vendek, procuraria ele um contato pessoal com aquele mandatário, a fim de alicerçar bases militares para uma nova república. A carta de Vendek chegou às mãos de Thomaz Jefferson em outubro de 1786 e

o encontro foi marcado para março do ano seguinte, numas ruínas (Nimes) sendo que, a pretexto de conhecê-las, o americano se afastaria dos demais membros de sua comitiva.^{8}

Achávamos que podíamos contar com as milícias do Rio, Minas e Bahia, se bem trabalhadas, mas precisaríamos de navios e canhões, bem como munição. Enquanto isto, Maciel procuraria apoio na Inglaterra, onde os comerciantes veriam com bons olhos um comércio direto com a Colônia. Mesmo que não pudéssemos contar com um apoio oficial, sempre poderíamos com a palavra dos homens empenhados que viriam em nosso socorro, tão logo principiássemos o movimento.

Freire de Andrade afiançou-nos que Maciel se poria a campo, já que estudava a indústria londrina, com grandes esperanças de podê-la impor em terras do Brasil, conhecedor que era de minérios e ciências naturais.

Depois destas determinações, enviei em outubro carta a S. M. solicitando residência. Tomei todas as providências que a lei exigia no meu caso, para que me fosse pago o salário do cargo e a espera exasperante começou. O levante se articulava e tudo indicava que seria eu o primeiro presidente da república que renasceria dele.

Aguardávamos a chegada de Maciel e do novo Governador.

Para dar a Marília tal destaque, como primeira que seria, e nenhum cuidado quanto aos perigos, fui adiando nosso casamento, enquanto ardia de ansiedade por tê-la como esposa.

Para compensar meus desejos, deixei-me arrastar de paixão por Dijanira, e por uma jovem da Vila do Príncipe com a qual eu estava às vezes, quando ia ter com meu primo. Também alimentei um caso com uma rapariga de vida duvidosa. Destas uniões ilícitas eu não queria mais que desafogar os desejos da carne, mas acabei por ganhar de Dijanira uma filha natural, de nome Dalva, e da outra um menino de nome Antônio.

Às vezes pensava que Marília sabia de tais casos. O que não se murmurava? Andava com modos tristes, mas nada dizia. Pressentia que algo se preparava e quando podia tocar de leve na suposição de um levante, aconselhava-me que evitasse tal, pois temia que nos separassem. Entre esperanças e orações, era minha prometida aos olhos de todos, que me invejavam a fortuna por tê-la por noiva querida.

O ano de 1786 arrastou-se exasperante, em meio a chuvas abundantes e encontros nossos na casa de Paula Freire, ora na cidade, ora no alto do morro, em frente à Igreja de Santa Ifigênia dos negros.

Os conflitos de Tomás Antônio Gonzaga

...Chegara cansado. Vinha da Vila do Príncipe, onde fora ter com meu primo, Joaquim Antônio Gonzaga, companheiro dos últimos tempos em Coimbra, na Universidade, dado como eu às tertúlias e grandes festas da corte.

Tinha ele alguns homens influentes no Serro Frio, com quem acreditava pudesse contar, sendo ele ouvidor, cargo que eu e Alvarenga também tivéramos. Houve por bem ligar-se, já por laços afetivos e de sangue, já pelo mesmo ideal, à causa de um levante nas Minas.

No entanto, conquanto tramássemos, sabíamos que não seria fácil para nós levantarmos todo um povo, ainda que fosse sofrido e espoliado. Que sabia o povo das lutas americanas? Acaso teria lido Raynald, Mably, Adam Smith, Voltaire, e outros? Que conhecia do Direito? Vivia de bajulações e contrabando, imerso nos trabalhos inseguros, que mal lhe garantiam o que comer, e dado ao álcool.

Desde 1785 a rainha proibira todo e qualquer recurso na Colônia, tirando por criminosa a indústria que nosso amigo, o marquês de Pombal, tentara introduzir. Ferreiros, ourives, tecelões viram-se prejudicados pelo decreto. Ainda nas fazendas as mulheres teciam tecidos de algodão cru, que era permitido, mas os panos mais finos, quando descobertos, houveram de causar entre muita gente do povo prisões e mais prisões. Nem todos conheciam o decreto, nem todos o sabiam e, por isto, muitos haviam de sofrer nas Cadeias de Vila Rica, a instâncias do senhor Governador, que não queria ouvir argumentações. Meu próprio amigo Dr. Cláudio Manoel e o Pe. Toledo, conquanto soubessem da proibição, continuavam a tecer em teares bastante modernos em suas fazendas, às escondidas.

Para se ter um alfinete, uma agulha ou um carretel de linha havia que

comprar-se à Coroa.

Alvarenga, afundado em dívidas maiores, estava sempre a jogar com o caixa Vicente Vieira da Mota, em casa do senhor João Rodrigues de Macedo, português corrupto, atarracado e gentil, que era considerado amigo por D. Bárbara Heliodora, que mais de uma vez se vira em dívidas para com ele.

O pai de Lisboa pertencia à Irmandade Terceira de São Francisco de Assis, à qual meu avô Tomé pertencera. Uma feliz coincidência.

Mestre Lisboa tardava em terminar a obra que eu lhe recomendara fazer em madeira, para o caso de já ter que levar na viagem a fim de que não quebrasse.

Nos poucos encontros que tivéramos, depois daquele dia em casa de Francisco de Paula Freire, quando este nos convocara em Vila Rica, discutíamos questões locais, os nossos ideais de Liberdade, Fraternidade e Igualdade. O Aleijadinho era curioso de saber de nós quanto ao movimento em Portugal, Inglaterra e França e também com relação às artes e parecia renascer quando se falava em tais obras. Não sem paixão, seus altares tinham todos os símbolos maçônicos, a testemunhar secularmente nossa e, principalmente, a iniciação dele. A rosa, símbolo de sabedoria e pureza, e o girassol se viam ladeando as colunas dos altares, o pelicano, que indicava o sacrifício dando-se em alimentação pelos filhos, as uvas, a romã, e as grandes volutas, símbolos dos laços maçônicos, que eu e muitos outros apúnhamos em nossas assinaturas, ainda aí se encontram nos documentos a atestar quanto ao nosso comprometimento com o movimento. As folhas de acácia nos chafarizes e lavabos, tudo, tudo ficou, para documento de nossa Irmandade naqueles séculos terríveis!

Ao estudar os sinais cabalísticos, sentia-me um privilegiado, um predestinado. Não nascera eu sob o signo de Vênus? Não era o sétimo filho de uma feliz união conjugal de Tomásia e Dr. João Bernardo? Não eram sete também as ciências liberais; a gramática, a retórica, a lógica, a aritmética, geometria, música, astronomia? Apesar das negras disposições da hora em que vivíamos, cercados pelo senhor capitão general, era eu ainda, embora não mais ouvidor em Vila Rica, e sim desembargador na Bahia, à espera de residência e do meu substituto com que me pôr a

caminho, era eu quem manobrava as questões na pessoa do primeiro amigo que me parecera leal e digno nas Gerais, o bom Pires Bandeira. Cunha de Menezes vivia furioso, sem nada poder saber, não tendo ascendência sobre ele. Tudo indicava que também seria transferido, e aproveitava seus últimos momentos, até a chegada do novo governador para enriquecer. Notícias nos chegavam de amigos comerciantes do Rio de Janeiro, que iam às Cortes.

Em Portugal os estudantes se articulavam: Joaquim da Maia, José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim Jose de Souza Ribeiro, Eleutério José Delfim José Maria Joaquim e Vigarous, José Alvares Maciel, José Mariano Leal, Domingos Vidal Barbosa, todos procuravam bases de apoio e conhecimentos de minérios e indústrias, com que servir o Brasil num levante.

Tínhamos já um contingente enorme de pessoas que se irmanavam a nós, escolhidos a dedo, quando soubemos que tinha sido indicado para governar a Capitania de Minas o visconde de Barbacena, Luís Antônio de Furtado Mendonça, que só haveria de aportar ao Brasil em julho de 1788. Era preciso, pois, que com ele retornássemos outros mais conjurados, que pudessem nos vir de Portugal e lhe fizessem amizade em viagem bem como que os jovens que pretendiam ir-se a estudar em Coimbra, Lisboa ou Montpellier esperassem porque haveriam em caso de rebelião, de ser úteis e teriam instrução aqui mesmo.

Eu, Alvarenga e Cláudio Manoel, com pretextos de ir-lhe falar de encomendas, fomos à casa de Mestre Lisboa. O aspecto do mulato, a quem a hanseníase maltratava, tendo atacado-o desde 1778 quando ele trabalhava na Igreja de S. Francisco de Assis, causava pena.

Estava impossibilitado de estar de pé, percebia-se que dores atrozes nos joelhos, pernas e restos do pé o esgotavam. As mãos em pústulas, sendo carcomidos os ossos, faziam-no às vezes blasfemar em impropérios, e se autoflagelar, já que era insensível a pancadas e ao calor. Na véspera, para assustar Justino que o aborrecia, pegara com as mãos um caldeirão fervendo e ameaçara jogá-lo no aluno de cuja obra se zangara:

— Maldito! Está a me estragar a pedra com suas mãos perfeitas. Idiota! Não há de aprender nunca, filho de um asno?

Isto mesmo nos contara Agostinho ao chegarmos, dizendo que o humor

do seu amo estava mais azedo que limão, e mais doído que praga de mulher.

Recebeu-nos abatido, com olheiras profundas, a barba crescida para ocultar os sinais da moléstia. Ao saber das novas, ouvindo dizer que eu já conhecia o novo governador e também o Alvarenga, quando estávamos em Portugal, eu como juiz de fora em Beja, inquireu-me:

— Que me diz de tal homem? Há que conhecê-lo para saber o que se esperar venha por seu intermédio das Cortes.

— Não conheço um só Mendonça que não houvesse Furtado.- respondi, fazendo blague como nome.

Às vezes eu mesmo me ressentia de ser sempre tão exigente quanto aos meus julgamentos. Por que me acreditava superior em julgamento aos demais? Minha severidade parecia até a mim mesmo má-vontade e prevenção oculta.

— Ora, primo, - contra atacou Alvarenga - pois tu mesmo não estiveste a lhe cantar elegias, quando do nascimento do filho em Beja? Não lhe frequentaste a casa? Não eram amigos? Não te ouvi mais de uma vez louvar-lhe a inteligência, a sagacidade, a fidalguia?

— Somos amigos, - retuquei - se posso dizer isto sem pejar. É possível até, em tal circunstância, que isto nos venha a favorecer. Não desconfiará de nós. Estaremos mais aptos a saber das ordens do senhor ministro. Não se esqueça. Alvarenga, que cantei em versos D. Maria I, mas nem por isso morro de amores pela rainha. É um costume velhaco a que temos que ceder, por vivermos em sociedade e precisar dos favores dos nobres velhacos. Miserável família de reis cheios de tara! - deixei escapar arrebatado.

Mestre Lisboa talhava um pedaço de madeira, com as mãos em cacos, envoltas por couro a lhes proteger. A fibra daquele homem manietado pela doença dava-me ânimo. A amizade pura entre ele e doutor Cláudio eram quase ciúmes em mim O mulato gostava do doutor Cláudio, desde menino, quando ia com seu pai trabalhar nas Igrejas de Mariana, a instâncias do conde de Bobadela (Gomes Freire de Andrade), então governador. Pelo mesmo modo admirava e falava com carinho do antigo governador e punha confiança no seu sobrinho, filho do segundo conde de Bobadela, o Francisco de Paula Freire.

— Então, - concluiu o Aleijadinho, após pensar uns instantes- há que se

esperar pelo novo governador, a ver se não é mais um a nos esfolar vivos. Tira-se das Minas o conde de Bobadela e o Rodrigo de Menezes e todos os outros são uma trempe de malandros e ladrões, assassinos disfarçados de fidalgos.

A fria anotação do escultor era bem conforme as disposições minhas. Fazer-me amigo de Barbacena ia bem. Confiar nele, jamais.

Tornamos à casa. Ao amarrar meus cavalos, atrás nas argolas presas na pedra da estreita viela que saía da rua dos Paulistas, tive minha atenção voltada para uma menina que ali brincava. Alvarenga subira e ia a jogar gamão com Vicente Vieira, Cláudio Manoel fora ler em sua casa.

Estava eu só com minha filhinha, Dalva, filha da escrava Dijanira, com a qual continuava a manter relações mais ou menos secretas. Desconfiada dos meus agrados, sempre que a via só, pareceu feliz com a minha presença, pois ergueu para mim os olhinhos sérios, muitos dos meus azuis e dos verdes de Dijanira.

Tinha os cabelos anelados claros e um jeitinho meigo e resabiado.

Tomei-a nos braços, apertando-a carinhosamente. Estava demorando a colocar-lhe meu nome, o que não achava direito para com ela. Fora levada a batizar e, na ocasião, comprara eu uma casa distante com uma pequena porção de terra e dera-a a Dijanira, como presente, passando-lhe carta de alforria. Ela se deixava ficar como contratada minha e murmurava-se muito. Sempre que eu lhe falava de ir-se embora, a antiga serva me inquiria como haveria de viver, teria que ser alugada a outros senhores, e, desta forma, preferia ficar. Sua presença me constrangia. Fazia-me lembrar da pequena Dalva, que eu quisera fora instruída e não ficar entre as serviçais. Mais de uma vez pensara em tomar-lhe a menina, mas como faria para a educar? Estava comprometido com Marília e não podia, sem dar na vista, tutelar minha própria filha.

— Dr. Tomás trouxe doce? - perguntou-me a pequena com carinho.

— Sim Doces e um presente para si e sua mamãe. Vai chamá-la, que logo estarei na sala.

— Entrei mesmo pelos fundos e fui para a sala de entrada, onde, em poucos minutos, chegou Dijanira, levada pela menina.

— Eu já te disse que não quero ver a menina solta pelas ruas e

maltrapilha. Olha, - disse, estendendo-lhe um embrulho - são roupas para ela e cuida que fique junto a ti na casa. Arranja que lhe ensinem a tecer. Leva-a à sinhá Francisca que lhe ensine alguns modos e coisas de mulher, para que se instrua. Diz-lhe que lhe pagarei pelo trabalho.

Dijanira compreendeu que meu orgulho não me permitia ver a menina naquelas disposições, como filha de escrava alforriada, sem futuro.

— Por que não a adotas? - falou. - Tantos apadrinham enjeitados, custeiam estudos. É natural. Ou tua prometida não te permite?

Era a primeira vez que Dijanira tocava na pessoa de Marília numa conversa. Estranhei sua atitude, o tom agressivo, amargo. Não lhe prometera nada. Não quisera filhos nem apertos. Havia lhe dado liberdade, uma casa, coisas que muitas mancebias jamais lhe haviam rendido. Como ousava pedir-me um compromisso maior? Ou inquirir-me quanto aos meus projetos?

— Dijanira, - falei quase ameaçador - faze o que te digo e não sejas impertinente! Darei a Dalva um preparo que tu mesma não poderás ter. És livre. Que mais queres?

A mulata olhou-me. Seus verdes olhos cheios de paixão e medo eram suplicantes.

— Estás cansado, senhor doutor. - falou, tomando o embrulho. - Obrigado por lembrares de... Dalva. Se queres, preparo-te o banho.

Ela sabia. Eu tinha a carne em fogo. Ardia de anseios por Marília. Amava-a e não a podia ter nos braços, como quisera. Embora o compromisso e sermos noivos praticamente, apesar dos despachos para me ir para a Bahia, a residência ainda não fora entregue pelo Conselho Ultramarino e agora as tramas, as reuniões, os votos me impediam de já lá ir. Também o cônego Toledo, estando em disputas na Vila de S. José ao outro vigário, por descobrir riquezas nas terras, precisava ir ao maior tribunal da Igreja levar a pendência. Mas se deixava ficar, na espera terrível. Tramava-se. Se eu me casasse, como desembargador da Bahia, que já fora designado, e o movimento ruisse, levaria Marília para uma aventura terrível. Era preciso esperar. Logo mais chegaria o novo governador. Trazia eu carta datada de 11 de outubro, a respeito de minha aprovação pelo Conselho Ultramarino, e também sabia dos contatos que logo seriam feitos,

em março, para saber do apoio dos Estados Unidos da América do Norte à causa. Eu seria o primeiro Presidente da República que implantaríamos. Seriam minhas as leis, meu o cetro e Marília minha rainha, mas até que tudo se desse era preciso esperar, sem poder tê-la para mim, sem explicações maiores, com a carne em fogo, com a mente em tramoias, como coração aos saltos.

Nos Estados Unidos, o articulador das leis, agora diplomata de Benjamim Franklin, era o advogado Thomaz Jefferson. Também a América Portuguesa teria um presidente e um articulador de leis de mesmo nome: eu, Thomaz Antônio Gonzaga. Mas, por enquanto, pensei a brincar com minhas próprias ambições, quem aguardava minhas ordens era Dijanira:

— Está bem. Prepara-me o banho e cuida de fazer o que te disse. Que não encontre mais Dalva solta pelas ruas ou mal arranjada.

Ela saiu.

— Filhos... filhos,- pensei - por que tinha eu que ter filhos destas ligações?

Um se me ficara em Beja. Acabara aos cuidados de minha irmã, segundo notícias de meu pai "o pequeno Antônio Luís está cada dia mais parecido. Pena não o possas ver".

Às vezes papai mandava notícias e era bom sabê-lo aos cuidados da família. A menina Dalva em casa magoava Marília. Mais de uma vez, ao cruzarmos com a escrava e a menina à rua, minha noiva me observava. Saber ela? Jamais me perdoaria.

— Raios, - pensei - mulheres e encrenca hão de andar juntas! Mas também por que se demora tanto a resposta da América? Por que não se articula de uma vez o golpe? A espera me faz louco!

Ter Marília, um lar, era tudo o que eu queria, mas a conjura exigia espera. O próprio pai de minha noiva sabia do sério perigo que havíamos de correr e me pedia paciência.

No entanto, as minhas ligações já me tinham dado dois filhos ilegítimos, no Brasil; a pequenina Dalva e um outro de nome Antônio Silvério Musa, que estava criado pela família da jovem, uma ligação fortuita, que quase me custara a vida, já que era de família distinta e, apenas um escândalo impediu que me visse em apuros. Era ela da Vila do Príncipe, de onde eu estava

chegando.

Nestas ocasiões maldizia minha fraqueza. Não tinha a minha noiva? Não tinha seu amor? Que mais queria? Maldito desejo a me pôr em tais apuros, e os inocentes filhinhos a crescer sem meus agrados.

Mas as ligações amorosas com Dijanira continuavam e, após cada encontro, o remorso me cobrava um preço alto ao meu sossego.

Não sabia mais como haveria de fazer e ia de casa às tertúlias de Cláudio, aos saraus em casa de minha doce amada ou nas apresentações do Teatro, onde dava boas risadas, ao ver a improvisação e a má apresentação dos artistas mulatos.

As melhores horas era quando, sentado aos pés de Marília, ajudava-a a fiar, fazendo projetos para o futuro: o meu lar, nossos filhos. Sentia-me velho perto dela, que era tão gentil comigo. Bordara-lhe um lenço, tocava o órgão e cantava músicas de além mar. Falava-lhe de meu pai, das tias e tios, das irmãs.

— Após a Bahia talvez iremos a Portugal. Quero que te vejam - dizia-lhe.

Então, à minha mente voltava a ideia do levante. Luta, sangue, disputa. Falava em partir e teimava em ficar.

Marília sentia que havia qualquer coisa que eu lhe escondia. Chegara a pensar que estivesse enredado com outra mulher. Que murmurações não ouvira a meu respeito? E aquelas viagens à Vila do Príncipe, onde dizia-se... uma criança...

— Já não podes pedir à rainha que nos consorciemos? - perguntou-me. - Por que esperas?

— Espero que me deem residência. Além disto, sabes que as condições não são ideais. Aguardemos o novo governador. Sempre haverá de ser melhor que este, pelo menos é um homem de cultura.

Não confias em mim? Não sabes que mais do que tu espero pelo dia do nosso enlace?

Marília corara e baixara os olhos, mas sabia que algo lhe era oculto e temia.

* * *

À noite compareci em casa de Marília, onde muita gente acorreu, já que

se festejava o aniversário de sinhá Ana Ricarda. A irmã de minha noivinha estava deliciosamente bela e graciosa, e mais de um mancebo esteve a rondar-lhe os passos. A sós, na varanda, sob o ar gostoso da noite, eu e Marília conversávamos:

— Sabes, Dr. Tomás, creio que minha irmã, sinhá Ana, será brevemente pedida em matrimônio, e creio que logo se fará a festa de seu casamento.

— Folgo muito em saber. Será acaso o rapaz com quem dança agora? Percebo que parece fascinado com seus encantos.

— Sim. E minha irmã também lhe corresponde o afeto. Também me segredou que contam conseguir realizar as bodas ainda este ano, se não houver embargo.

Os comentários de Marília eram veladas queixas à minha demora?

— Marília, - disse, tomando-lhe a mão - esperemos pela chegada do novo governador. Eu te peço. Deves confiar em mim

— O senhor, Dr. Tomás, - falou ela de modo cerimonioso, que sempre usava quando estava agastada comigo. - parece não ter pressa alguma e nem cuida dos comentários jocosos que se fazem a meu respeito.

— Pois quem ousou fazer qualquer insinuação, por menor que fosse?

— Os escravos cochicham, as moças comentam, que o senhor meu noivo podia bem casar-se antes de lhe darem a residência, e depois se passaria para lá.

— E queres assim? Que nos casemos, quando posso a qualquer instante ser desalojado de minha casa, sem que possa dar-te o que mereces? Além disto...

— Além disto, Dr. Tomás, os teus encontros noturnos, com homens de projeção da Capitania, só podem indicar que se conspira.

— Marília! - exclamei.

— E se conspiram, bem podem suas cabeças virem a rolar, não é mesmo? Por isto esperas? Acaso não te seguiria eu onde fosses? E achas que te amaria menos, se fosses sentenciado por crimes de desobediência?

— Marília, quem te põe tais ideias loucas? O que andas ouvindo? Achas que é pouco ser réu de majestade? Pensas que sou tão... tão... maluco que me ponha em tais casos?

— Então, se não é pela conjura, pela trama que todos querem, então por

que é? Não me amas?

— Sim Eu te amo. E se me amas, espera mais um pouco.

— Um pouco? Quanto?

— Não sei, querida. Acalma-te. Podem te ouvir.

— Não me importo. Não me importo que ouçam, já que falam tanto e me magoam..

— Escuta, estou apenas querendo ter mais o que te dar por amor a ti. Quero estar bem de situação quando chegar a hora de nosso enlace.

— Não corro atrás de fortuna.

— Sabes que as condições não são ideais para mim Aguardemos o novo governador e meu substituto. Sempre haverá de ser melhor que este. Não sabes que mais do que tu espero pelo nosso enlace?

Marília corava e baixava os olhos, mas sabia que algo lhe era oculto e temia.

À noite, após a festa de aniversário de Ana Ricarda, adormeci cheio de presságios.

Meu espírito vagou sem rumo à procura de si mesmo. Via-me em terras estranhas com roupagens diferentes. Estava com um grupo de homens e mulheres que não conhecia, mas sabia quem eram.

Numa clareira esperava-me uma jovem de lindos cabelos louros a lhe caírem até a cintura. Seus trajes eram estranhos para mim. Abraçamo-nos ternamente e deitamos na relva. Seus cabelos se encheram de flores que haviam caído das árvores. Eu as catava e ela ria.

Uma névoa nos cobria e era como se eu estivesse solto no espaço, caindo num abismo, até que via novamente a mim, com outro rosto, e a mesma jovem, amarrados, manietados, em julgamento, por que eu a tivera e ela fora prometida a outro. Havíamos nos jurado fidelidade, amávamo-nos profundamente, mas, segundo os costumes daquela gente da qual fazíamos parte, ela fora desde o nascimento prometida ao meu pai, o chefe.

Via-nos manietados. íamos morrer ao sol. Cíntia era o nome dela. Eu sabia que era a mesma Marília, era ela, sem dúvida. Uma mulher meio louca do grupo gritava:

— Eu acabo contigo! Matei-te uma vez! Mato-te outra, maldita!

Novamente o sonho pareceu truncar-se, e eu era agora um menino

indefeso, quase um recém-nato, numa cesta, enquanto a jovem Cíntia com feições diferentes, levava-me a buscar água num rio. A mesma mulher, mais jovem e com ar maldoso, seguia-a e, atacando-a por trás com uma pedra, matava-a, fugindo. Eu continuava sonhando como se num carrossel, girando os nomes de Cíntia, Cassandra, Marília.

Debatia-me, sentindo pés e mãos atados, como se preso estivesse, a garganta seca, o sol e Cíntia a rir pedindo:

— Deem-me vinho! Quero morrer alegre!

Acordei a me debater com estranhos tremores, cheio de sede e enrolado numa manta de lã. A cama em desalinho, o travesseiro de penas jogado ao chão.

— Que sonho estranho! - pensei.

Lembrava-me bem do rosto do velho a ditar-me a sentença cruel. Um lenço vermelho à cabeça, calças bombachas, botas, o cenho carregado e Cíntia (era este o nome?) a pedir vinho. Depois a sede, o sol, a morte que chegava...

Passei os dedos entre os cabelos. Teríamos realmente outras vidas? Havia mais de uma vez ouvido a respeito. Um cheiro suave de jasmim penetrou no quarto. Um ligeiro torpor me invadiu.

— Francisca. - pensei.- Seriam as entidades espirituais amigos, cuja presença se manifestava por odores? Quantas vezes discutira isto com os bons padres do Colégio Jesuítico da Bahia. Eu acreditava que vivera antes, que minha mãe estava comigo, pois muitas vezes a via ao pé da cama quando ia dormir, e também aquele velho judeu, cujo rosto seria até capaz de desenhar.

Não podia ter certeza, mas aqueles rostos das duas jovens que eu vira no sonho não seriam apenas um?

O cheiro de jasmim estava cada vez mais forte. Eu sabia ser esse o meio pelo qual Francisca vinha me ver. Francisca era minha irmã do Convento de Santa Clara e o perfume era o mesmo da cerâmica que ela me dera, e que eu conservava com carinho, cujo perfume não se acabava, por mais fosse lavada e cuja confecção era segredo secular da ordem.

Recostado, entontecido, senti que me tomavam as mãos e me acariciavam o rosto:

— Mamãe! - murmurei, como se as forças me faltassem

Seu rosto se mostrou diante de mim como se no meu pensamento. Podia até mesmo descrever o bordado da blusa, e a joia no pescoço era a mesma que eu trazia para dar a Marília por meu pai.

Conversava com ela, embora não articulasse palavra:

— Tomás, meu filho, cuidado! Cuidado! Estás a te afundar nas mesmas malhas sinistras que já te perderam tantas vezes!

— Filho não continues nestas disposições! Parte! Vai embora das Minas com tua noiva. Para que perseguir o poder em lutas fratricidas? Já não te basta a dívida com teus filhinhos, queres mais atos a te perderem para maiores resgates? Não sejas sonhador!

Minha cabeça girava e eu pensava com uma rapidez impressionante.

— Não posso, mamãe. Prometi. Fiz votos. Preciso defender nossos laços. Serei grande, mamãe. Serei o primeiro mandatário e cumprirei meu destino de livrar esta terra que amamos. Hei de coroar Marília como primeira. Haverás de ver, mamãe. Os povos estão vexados. Cada dia encontramos mais gente disposta à liberdade. Lembra-te da velha negra Teodósia? Ela predisse: eu tinha a coroa na cabeça.

— Filho, - ponderava agora o velho judeu, aparecendo-me - vai embora das Minas! Se o levante se der mesmo, o apoiarás em terras da Bahia. Casate.

— Não posso. Seria covardia. Sou o cabeça. Caso-me quando estiver seguro. Não quero que ela sofra de novo por mim.

Eu mesmo estava admirado da facilidade com que se dava o diálogo entre as duas entidades invisíveis e eu. Era como se, por um instante, eu estivesse num lugar fora do meu corpo, em pé frente a eles. Me pediam para partir, mas eu não podia. Talvez a espera não fosse tão longa. Eu ficaria.

Nem bem tomei a resolução e pareceu-me ver um vulto no canto da parede. Olhei e vi o mesmo homem, o chefe que fora meu pai no "sonho". Gargalhava com as mãos na cintura, enquanto outros rodopiavam e dançavam aos seus pés. A velha tinha um punhal, que ora estava entre os dentes, ora na mão. Erguia-o para o alto num rito estranho.

— Serão efeitos do vinho? - pensei.

A cabeça me doía tremendamente. Afugentei tais imagens, acendendo a

vela sobre a mesa e tratei de tornar à cama, sem perceber que aquelas entidades terríveis juravam que haveriam de me perder.

— Não a terás! - falava o velho - Não a terás! Eu jurei e juro que haverei de separá-los, maldito!

Eu não o via nem ouvia, contudo registrei tudo em forma de pesadelos e de madrugada acordei exausto, indo a relatar mais tarde tais fatos ao amigo doutor Cláudio Manoel.

— E não estiveste a ler novelas sobre tais assuntos? - perguntou-me.

— Não. Nunca vi tal homem nem tais pessoas. Eu mesmo, no sonho, era de porte e feições diversas. E o engraçado é que eu era dois: ora jovem, ora um bebê, pelo que estou a achar isto tudo um absurdo, e mais absurdo ainda que não me saia da mente. Marília também era duas, uma jovem que me defendia da megera e que fora por ela morta quando eu era pequeno, deixando-me numa cesta, escondido entre as flores brancas muito perfumadas. Depois tomava a me ver quando jovem e amávamo-nos às escondidas, sendo por isto condenados à morte. Crês, Cláudio, que temos vivido outras vezes? Tremo a pensar nisto, mas acho mesmo que seja assim. Vê bem, isto tudo é um mistério. Eu mesmo vi minha noiva antes de conhecê-la, antes de aportar no Brasil.

— Isto tudo é muito estranho. Sei que há gentes que lançam sortes, predizem o futuro, falam do passado. Outros há que dizem entender sonhos. Por que não vais ao Alto da Cruz e procuras por uma tal de sinhá Rosália? Por uns trocados te explica isto. Eu não sei o que te diga, senão que os sonhos talvez sejam avisos que a gente recebe e é preciso saber decifrá-los.

Propus-me a ir lá tão logo arranjasse tempo, mas os dias iam se passando e aquele sonho já não me era tão nítido, nem me punha tanta impressão.

No outro plano da vida, inimigos meus e de Marília se articulavam para nos perder. A velha, meu ex-pai, mas eu, sem saber, fazia-lhes o jogo na espera de poder e riqueza, como que agradar a minha querida.

Estava obstinado na minha disposição de quebrar os grilhões àquela terra do Brasil. Igualdade, Fraternidade e Liberdade, as divisas da Loja Maçônica do Oriente, tinham em mim, no capitão Baltasar, em Mestre Lisboa e em Freire Andrade os primeiros sentinelas da luta que principiara.

Na água limpa

O cajado bateu 3 vezes e a porta se abriu.

Vicente entrou, relanceando o olhar pelos lados, passou à direita do Livro e foi sentar-se ao lado do estrado. Ainda podia sentir-se o cheiro de incenso, no ambiente grave.

De onde eu estava, via as duas colunas da entrada, e observava o jeito dissimulado daquele homenzinho torpe.

O relator lia, vagarosamente, os nomes inscritos no levante.

Padre Rolim não dissimulava o desassossego. Se o soubessem ali, iria carpir cela.

O Venerável levantou-se. A ordem do dia foi aprovada.

Cada homem representava ali uma circunscrição.

— Se houver traição... - fez o alferes, com sua voz possante. - o culpado terá a morte.

Percebi que Vicente olhou para os lados.

Lentamente a reunião chegava ao fim. Eu sabia mais do que fora lido, entre os presentes. Rolim e Tiradentes viajariam, a breves dias, ao Rio de Janeiro, para se encontrarem com o jovem Maciel.

Ouvi o martelo bater 3 vezes.

Aos poucos, saímos devagar.

Fora, a garoa escondia o casario, por entre as montanhas. Estávamos em casa do sobrinho do Cel. Domingos Abreu Vieira, também parente do Pe. Rolim, o Antônio Vieira da Cruz. Atualmente, tal local chama-se Alto da Cruz. Atravessei o jardim da casa, passando pelo altar doméstico, que imitava um nicho de água, com trepadeiras de flores azuis. A noite ocultava até mesmo a Igreja Santa Ifigênia, que ficava logo adiante.

— Sempre irás? - perguntei ao amante de Rita Quitéria, que me acompanhava os passos.

Rolim confirmou com a cabeça.

— Eu, pela Mantiqueira, sigo ainda hoje. Ficarei em casa do tio de minha mulher, o Simão Pires Sardinha. Cuida-te, doutor Gonzaga, pois esta reunião definirá os rumos.

— Dia 24 de junho? - perguntei ainda.

— Sim. Lá estará Maciel com especificações acerca do movimento, vindo diretamente das lojas da Europa e dos Estados Unidos.

— Sempre a Inglaterra no substrato de todo movimento, por questões puramente econômicas, de interesse, e a França a dar suas luzes.

— Ainda que seja por interesse, devemos aceitar-lhes o amparo.

— Ah, que as dívidas se tomam pesadas amarras! - comentei. Vendo que Vicente se aproximava de nós, calamos o assunto. Tiradentes, empolgado, falava na sala.

Já não se víamos sinais dos quadros e das janelas gradeadas no piso.

O ar da noite levava o incenso.

Tratei de procurar meu cavalo e tornei à minha casa.

A lembrança do altar doméstico não me saía da mente. Era uma temeridade que lá ficassem as atas das reuniões. Ali estava a abóboda de aço, dois cajados e um bastão. Pela lógica, sendo uma representação de loja capitular, ou seja política, deveria ter 2 bastões e um cajado. Mas na verdade, como o diácono trabalhasse como cajado, símbolo dos andarilhos, ali o Mestre representava a mim e ao Aleijadinho, ambos grau dezoito, ambos andarilhos, por efeito do cargo.

Acima, viam-se as ponteiras que captavam as forças cósmicas.

Logo abaixo, os três triângulos concêntricos. Eis que o primeiro representava o Poder, que, se não fora na pedra, teria a cor branca, e que era para nós a Liberdade. O segundo representava a Inteligência, que teria a cor vermelha e que, para nós, era a Igualdade. O terceiro representava a Bondade, teria a cor azul, e, para nós, era a Fraternidade.

Abaixo, disfarçada pelo cano de água que o transformava num chafariz, via -se a Arca da Aliança, onde nossos documentos haviam sido postos e selados. A pessoa que ousasse quebrar o selo seria morta, por força das circunstâncias.

Naqueles dias, eu recebera a visita do meu primo Dr. Joaquim Antônio

Gonzaga, também como eu poeta e ouvidor, e que ficara hospedado em minha residência, desde 5 até 20 de janeiro de 1788, quando tivemos uma reunião como Pe. Rolim, que viera de esconder-se todo o segundo semestre de 1787 na Fazenda das Almas, pertencente ao povoado de Itambé. Por tudo isto, admirei ainda mais a coragem daquele padre, pois todos nós sabíamos que proibido estava de andar pelas Minas, e, no entanto, fazia-se um dos principais do levante, sempre com contatos com os tios de Marília, a saber: o próprio João Carlos da Silva Ferrão, o Matias Sanches Brandão e Manoel da Silva Brandão e até o Antônio Luis Saião.

O Pe. Rolim chegou ao Rio de Janeiro a 23 de março daquele ano, e logo entrou em contato com o Tiradentes. Lá permaneceu até a segunda semana de agosto, poucos dias antes do Tiradentes retornar.

Soube depois, por ele mesmo, que a 24 de junho de 1788 ele, Tiradentes e Maciel, reunidos na data significativa da Maçonaria, haviam traçado todo o plano do levante. Em dezembro, tínhamos a definição nossa no movimento, com as implicações das ações de cada um, particularmente.

Ao tornar, deixou-se ficar em casa do tenente coronel Domingos Abreu Vieira, onde vivia a conversar do levante com o Tiradentes, com o qual tinha grande intimidade, surgida espontaneamente desde que de tempos imemoriais haviam sido amigos e militares romanos. Lá também foi que reatou ligações com o comandante Freire de Andrade, Maciel, Manuel da Silva Brandão, Luís Beltrão de Gouveia, Joaquim de Souza Ferreira e o José Vieira Couto que eram, como ele, do Serro. Este último, membro importante para todos nós. Era membro da Loja Vida Eterna do Tejuco, junto com outros amigos e seus dois irmãos.

Enquanto isto, Cláudio Manoel da Costa lutava para legalizar a situação dos filhos que tivera com sua Eulina.

Quão numeroso era nosso grupo e quantos companheiros, por aí, se acham sintonizando nossos anseios, alguns ainda nos particularismos das nações e outros já incorporados às lides espíritas, procurando fazer com que, através da Fraternidade nos corações, se chegue finalmente à Liberdade e Igualdade tão sonhadas.

As reuniões dos inconfidentes

A notícia nos atingiu como uma tragédia. Joaquim da Maia morrera, mas antes conseguira avistar-se com Jefferson. Quem nos trazia a notícia era Álvares Maciel, que chegava de Portugal com todas as instruções da ligação com Inglaterra, França e Estados Unidos. Vinha no mesmo navio que o novo governador, procurando desde já conquistar-lhe as simpatias, com zelos pela senhora viscondessa que havia de enjoar durante a viagem, passando muito mal. Maciel era cunhado de Freire de Andrade, que era o chefe militar do levante, enquanto eu, mais Cláudio e Pe. Toledo e o cônego Luís Vieira tínhamos estruturado as novas leis. O novo governador era homem inteligente, filho de nobres, dissimulado e cortês, e tinha a favorecê-lo o fato de o vice-rei ser seu tio.

No Rio de Janeiro, Maciel ficou por uns dias, enquanto o visconde de Barbacena se apresentava e as suas credenciais ao seu tio, e com ele encontrou-se o alferes Tiradentes, que por mais de uma vez fora instado para entrar no grupo Maçônico. Só não fora iniciado ainda, porque eu me opunha, mas sempre, em terras do sul, o seu entusiasmo, o conhecimento que tinha de minérios e das serras, despertaram em Maciel admiração e amizade por ele. Quando tornaram, após a longa jornada de quinze dias, já se estava decidido o bacharel recém chegado a fazê-lo o Venerável da Loja.

Eu esperava com ansiedade as novas que Álvares Maciel nos traria, posto que os americanos mais os ingleses, devido às riquezas naturais da nossa terra, não haveriam de duvidar de apoiar-nos, mas, decepção! Os Estados Unidos não queriam indispor-se com Portugal, isto era óbvio pelos novos acordos econômicos. Oficialmente nada podiam prometer, nem navios, nem armas ou munições, mas se os brasileiros quebrássemos grilhões, podia sempre ser que muitos americanos nos apoiassem (os

maçons).

Com Maciel chegara um novo médico, o Dr. Domingos Vidal Barbosa, rapaz afeito também às musas, muito calmo e capaz, que logo me conquistou a simpatia.

Em casa de Mestre Lisboa, a ver a madeira criar vida, já que a instâncias minhas estava a começar a obra neste material, conquanto preferisse a pedra sabão, mais mole, estava indeciso.

Mestre Lisboa ainda argumentara que melhor ficaria em pedra sabão.

— Para se transportar em navio sempre será mais seguro em madeira. - objetei mais uma vez.

— Levar a imagem? E para que, Dr. Tomás? Nem penses em partir. O governador traz ordens sérias. Cobrar-se-á a derrama. Já pensaste todo o povo, os próprios contratantes que arrotam luxo, os fazendeiros, os intelectuais, os nobres, todos sem exceção ficarão reduzidos à miséria. Que melhor ocasião para se articular um golpe?

— Mas os Estados Unidos não se comprometem na conjura.- retruquei.

— Nem podem, não é mesmo? Liberdade se conquista, não se pede na bandeja.

Fiquei a observar aquele homem rude, quase inumano, a quem a doença da hanseníase nervosa deixava marcas mais terríveis e duras, trabalhando quase com fúria, numa paciência sofrida, a entalhar e dar vida aos blocos de rocha alinhados.

— Mestre Lisboa, o senhor que conhece há mais tempo o Pe. Rolim, que achas dele?

O Mestre sorriu e parou para olhar-me:

— Se não podes confiar no padre, então não confies em ninguém Não soubeste com que topete procurou o senhor Vice Rei no Rio de Janeiro!

— Mas não foi ele condenado e banido do Tejuco? Como, então, se apresenta ao capitão general? - perguntou Cláudio Manoel.

— Para se ver, doutor, tem coragem E isto não é tudo; para ver se trouxeram novas ordens contra si, intenta invadir a própria casa do intendente no Tejuco e ler a correspondência que lhe enviaram - e o Aleijadinho riu com gosto.

— Mas é muito arriscado. Acho-o corajoso, não posso negar, mas é

muito ousado e desabrido.

— Nem todos têm alma de poeta, Dr. Tomás - falou a rir o Aleijadinho.
- Puseram saias no Oliveira Rolim, mas ele é um valente.

Inadvertidamente o cinzel escapou e cortou-lhe o dedo curto e torto. Cláudio Manuel chamou logo Agostinho, que estava acostumado a tratar-lhe as feridas, mas o Mestre sorriu:

— Não dói, quando corta. Não se impressione, Dr. Tomás. Só faz-me martirizar todo o tempo com dores como se me comessem por dentro, mas não dói quando corta. Não é engraçado?

Mestre Lisboa depôs o martelo na mesa e fez sinal para que Maurício servisse-nos vinho.

— Mestre Lisboa, o Dr. Tomás está preocupado demais. Tem tido pesadelos incríveis. Diz que são tão reais que parecem fatos vividos, mas os seres do sonho parecem criar vida, mesmo quando desperto, e tornam para o perder. Que te parece?

— Tens razão. - falou o Aleijadinho. - As outras vidas parecem vir cobrar nesta seu estrago. Lê a Bíblia, Dr. Cláudio. Se até Paulo de Tarso, que era um grande discípulo, escolhido ao ponto do Cristo o ir buscar, tinha um demônio que o perseguia, um espírito que o esbofeteava na cara, nós devemos ter dúzias deles. Dúzias. Eu nem careço. Meu próprio corpo são mil demônios, mil pontadas que me perseguem. Os pesadelos dos sonhos são até agradáveis para mim

— Acredita que vivemos muitas vidas? - perguntei. - O que, então, se nos prepara nesta?

— Deus sabe. Pergunta ao teu anjo bom. Dizem que todos temos nossos Mestres, nossos anjos bons. Levanta-te antes do sol e o chama. Assim eu o faço. Sabes que ele vem? Pergunta-lhe e te mostrará todas as coisas. Eu nada temo, doutor. Quem vive como eu, que mais pode temer? Morrer para mim seria privilégio, mas vou vivendo. Deus quer. Vou até onde aguentar.

Cláudio cabisbaixo o ouvia, tomando vinho devagar. Sua amizade antiga fazia-o sofrer, vendo martirizado o amigo, cuja doença era visível e trágica, inenarrável. O mulato continuava:

— Também eu tenho sonhos, podes crer. Eu que só devia ter pesadelos. Vejo uma bela cidade. Vejo-me a trabalhar em igrejas, a pintar o próprio

Deus. Eu também já vivi, e longe daqui, só que não sei onde. Quer ver?

Tirou da gaveta da mesa um papel amarelado pelo tempo.

— Estou com este papel guardado há anos. Sabes quem me deu? Não podes adivinhar? Pois foi meu pai. Olha. Podes olhar. Aí se vê um anjo, umas figuras. Meu pai me disse que são figuras feitas na Itália. Eu nunca fui à Itália, nunca, mas sei que quem fez este traço fui eu, eu, Antônio Francisco Lisboa, com outra carne com outro jeito, mas sempre um mestre escultor. Mas não é tudo, Dr. Tomás.- falou, tomando a guardar o papel. - Às vezes pareço ir ao Inferno. Vejo-me a cortar gente aos pedaços. Dou nacos de carne humana para os cachorros comerem. Pode ser uma coisa destas? Bem podes saber que só há duas coisas boas nesta vida: amar e morrer. Já fiz a primeira. Quando chegar a segunda, saberei todas as verdades de mim. O resto não importa.

Eu vira o desenho que me mostrara, extraído de alguma cópia. Cláudio Manoel já conhecia aquele papel, já ouvira falar disto.

Enfaixado o dedo ferido, Agostinho se retirou e o Aleijadinho perguntou:

— Então, o que ficou decidido em casa de Freire de Andrade?

— O Sr. Maciel apresentou a nova proposta sobre o alferes Silva Xavier.

— Eu aprovo. - falou o Mestre. - Não pode haver homem de coração maior que este. Pode-se confiar nele.

— O senhor não entendeu. Mestre Lisboa. O alferes já é um dos nossos^{9} aprovado por irmãos do Rio de Janeiro. Apenas não teve seu batismo porque não houve mais tempo. Eu tenho medo do entusiasmo do alferes. - comentei.

— Pois é do que precisamos, - retrucou Cláudio Manoel - de entusiasmo, de juventude, como a do senhor Maciel, a do Tiradentes.

Freire falou de Oliveira Lopes, a quem apresentou como um dos nossos, mais o Resende Costa, o pai e o filho.

— Também foi iniciado o Jovelino Matos e o Loredó.

— Então já temos um grupo bom nas Gerais, Dr. Tomás. O seu primo, o doutor Inácio Alvarenga mandou-me cedo uma escrava. Diga a ele que, assim que receber, lhe pague.

— Meu primo a envia como uma prenda de amizade. Mestre Lisboa.

— Ainda não preciso de prendas, embora não rejeite amizade. Que mais há de concreto? - perguntou.

— Há que se iniciar o José Aires Gomes, amigo do Tiradentes, a instâncias deste, e o Inácio Pamplona, a instâncias do Pe. Toledo. Também apresentaram o nome do Pe. Manoel Rodrigues da Costa, do João Dias Motta, e do Luís Vaz Toledo.

— É preciso cuidado. Não há tanta pressa assim pois quando se vai subir é preciso toda a força, mas se a coisa desembesta para baixo, quem se toca a segurar?

— O Senhor não sabe a metade. Pois foi colocar o Tiradentes e, por ele, convoca todos como num toque de trombeta do fim do mundo. Sabe quem ele intenta sondar, e parece contar muito? O Silvério dos Reis. Eu sou contra. Não concordarei com isto e, se ele for aprovado, não comparecerei seja como for. - falei contrariado.

— Por que não? - falara Cláudio Manoel. - Ele não é pior que Rolim ou os outros fardetas. Quanto mais membros, melhor.

— Isto posto que não posso concordar. - aparteou o Aleijadinho.- Entre Rolim e o senhor Silvério a distância é gritante, é preciso deixar bem claro o seguinte, se alguém trair...

Cláudio Manoel fez um gesto coma mão no pescoço e era bem óbvio... traição era morte certa, degola, o fim..

Mestre Lisboa se vira impossibilitado de ir às reuniões, já que seu mal se agravara. Preso à casa, com dores e às vezes febres fortíssimas, tivera pouco socorro até que elas cedessem ou amainassem

— Quem me diria, quando mais jovem, que um dia acabaria este trapo. - falara aborrecido.

— Não diga isto, Mestre Lisboa. O senhor e o doutor Tomás, são a alma e a razão do levante. Ambos príncipes rosa- cruzeiros. - falara com carinho doutor Cláudio, procurando confortá-lo.

— O Dr. Tomás é a rosa e eu, eu sou a cruz. - comentou ele, jocoso.

— Viste como todos estão animados? Alvarenga fala como um general. Conta levantar muitos braços escravos para a vitória. Domingos Vieira cederá parte da pólvora. Carlos Toledo sempre acha bom ter-se cavalos. O Pe Rolim conta com seus escravos, mais bestas e pólvora que vem

armazenando. Todo o ouro está bem escondido e a constituição está quase pronta.

— E o Governador, pode-se aliciá-lo? - perguntou-me o Aleijadinho.

— Votarei pela sua morte. - falei. - É o melhor modo. Assim ninguém mais voltará atrás. Seremos réus de um crime.

— Mais um para uma longa lista. - falou Mestre Lisboa, mais para si mesmo. - E quem executará a ordem?

— O Tiradentes o fará, conquanto peça clemência para o senhor capitão general.

— Temos até uma bandeira. - explicou Cláudio Manoel. - Alvarenga pensava em fazer-se um índio a quebrar as correntes.

— Muito bonito. Bem pensado. E eu? O que faço?

— Mestre Lisboa, sempre achas que se pode confiar nos negros? - perguntei - São muito numerosos. Dar-lhes liberdade é nossa meta, mas a quererão por nossas mãos?

— Não há que temê-los, Dr. Tomás. Do jeito como vêm sendo tratados, nada podem fazer. Mas fico admirado pelo voto que darás pela morte de Barbacena. Não será ele padrinho de casamento de tua futura cunhada, D. Ana Ricarda?

— Sim. Será. E me sinto um Judas quanto a isto, mas ele faria o mesmo se estivesse em meu lugar. Até pensei que se pudesse enviá-lo com um recado às Cortes, mas não. Uma revolução não se faz sem mortes. Por que achas que continuo a adiar minha felicidade? Para não comprometer sinhá Marília. D. Bárbara já chama sua filha de Princesa do Brasil, o que provoca comentários azedos. Mas agora não podemos mais voltar atrás.

— E quem anotarás tais decisões? - perguntou Mestre Lisboa.

— Não serão anotadas. Se a conjura for descoberta, sempre combinamos negar tudo.

— Pode-se contar com o Rio de Janeiro?

— Temos alguns comerciantes e alguns poucos militares, mas o Tiradentes acha que se pode aliciar mais. - falara Cláudio Manoel. - Afinal, o próprio vice rei deu azo a reuniões no Círculo Literário. Seus filhos contam-se entre os "irmãos". Mas todos são unânimes que o movimento deve se iniciar em Minas, pela sua posição privilegiada. Tiradentes viajou a

ver isto.

— Se o governador lança a derrama, tudo se precipita.

— Não sei por que não o faz logo. Cinco dias após a posse fez-nos ouvir as determinações de Martinho de Melo e Castro, em carta de janeiro a respeito. Tudo faz crer que já se devia ter lançado a derrama, mas o Governador parece esquecido de tudo em seu sítio em Cachoeira, a caçar plantas raras e a acarear o Maciel sobre os minérios da região. Para mim ele desconfia, a astuta raposa.

Mestre Lisboa estava cansado. Era com esforço que continuava a conversar conosco.

— Dr. Tomás, - falou - não deve mais assistir aos conselhos.

— Mas, como?

— Não deve mais se expor. Há muita gente envolvida e o senhor é o mandatário. O Carlos Toledo lhe dará conta das resoluções, como o doutor Cláudio faz a mim

— Mas não posso, Mestre Lisboa, seria covardia se...

— Não deve ir. Poderá atrair a má vontade de homens como o senhor Silvério, de quem sempre foi desafeto. Afinal, pelo que sei, os votos o favorecem Será iniciado apesar de seu veto.

— Não o tenho mais importunado, desde que recebi ordens de parar com as cartas. Por sinal, parei num número muito mal, o 13, o número da morte. Agora também não se há necessidade delas. Não está mais aqui o Cunha de Menezes, aquele casquilho, mas o visconde de Barbacena, um nobre de cultura.

— Seu amigo, para quem o senhor quer a sentença de morte.

Mestre Lisboa me fitava com calma e censura.

— Não só eu.

— A proposta foi sua, ou não foi, Dr. Tomás?

— Sempre foi, mas o que mais podia eu fazer? É duro matar um homem, mas a raposa astuta desconfia. Não há que se descuidar. Mais de uma vez, quando em conversas, tem-me proposto ser o primeiro em caso de levante. Fala em chiste, mas percebo que desconfia ou, quem sabe, tem algum espia. Maldito Tiradentes. Há que nos perder com sua parolice!

— Possa Deus levar em conta que o que se faz é pelo bem de todos. -

falou o Aleijadinho.

Cláudio Manoel interveio:

— Quanto ao Tiradentes, não há ninguém com mais coragem que ele. Não se importa em se expor. Seu ideal não está sujeito às preocupações com dívidas como nós. Nada tem a perder, mas dá-se com honra.

— Mas eu não aprovo. Porque trazer Silvério às nossas reuniões? Não confio naquele homem

— Porque ele tem a seu comando mais de duzentos homens, mais dinheiro e influência. É isto.

— Mas é um português!

— E acaso também não o és por nascimento? Eu não confio no Inácio Pamplona, apresentado pelo cônego de S. José dei Rei, o Toledo.

— Melhor nos seria pessoas de melhor cultura em todo o caso. Nove lhe puseram voto. Nove! Mestre Lisboa, eu tive que ceder, mas não irei à sua iniciação.

— Isto é insubordinação! - atalhara Cláudio Manoel.

— Não, senhor doutor! Isto é cuidado! - respondeu Mestre Lisboa.- O doutor Tomás deve ficar do lado de fora, por hora, como eu tenho sido obrigado a ficar tantas vezes por causa de minhas viagens, meus trabalhos e esta moléstia. Se bem que isto tudo mesmo me permite ver e falar aos outros irmãos sediados em várias jurisdições, sem ser molestado. Até a maldita doença faz com que não me revistem, não desconfiem de mim. Queria ser um Titã forte, e ir à frente. Mas vou à frente como um mutilado.

— Mestre Lisboa não deve diminuir sua importância. Suas decisões são sábias. Suas observações muito atinentes.

— Hás que confiar nos pardos, Dr. Tomás. Não duvides. Estes mulatos, que serão livres com o movimento, são melhores que muitos branquinhos reinóis, que se vendem por qualquer barra de ouro. Sabes que outro dia me pagaram com ouro viciado? Pois vejam. Com ouro falso. Pois o ouro sempre é falso e quanto mais vale mais falso é.

Fiquei pensando que aquele dito era para mim Mestre Lisboa adivinhara em mim uma ambição velada, que não parecia ver em Cláudio Manoel nem em Tiradentes, que eu apostrofava. O que me distinguia aos seus olhos argutos aos branquinhos reinóis, com seus lencinhos perfumados nos bolsos

do colete, era meu ideal de Liberdade, que ele sabia forte, minha coragem e minha honradez. Compreendi. Mestre Lisboa era melhor do que eu. E calei.

... As reuniões prosseguiram. Gente era aliciada. Falava-se cada dia mais abertamente em sedição. Todos sabiam que se tramava e alguns pediam prudência em cartas sem assinatura, ou apresentavam denúncias até ao Ministro de Portugal. Entre os bailes do palácio, as tertúlias de poesia em casa de Cláudio Manoel, as doces tardes junto de Marília, contávamos os dias esperando pelo lançamento da derrama.

Com o passar do tempo, fui aprendendo a conhecer melhor o alferes Tiradentes. Comecei a ver-lhe a coragem, a determinação, mas, para meu próprio bem, não podia mostrar repentina amizade a todos. Em minha casa só recebia o intendente Bandeira, o Cláudio Manoel, o Alvarenga, o Pe. Toledo e o cônego Luís Vieira, que sempre se hospedava em casa do contratador Macedo. Também o caixa Vicente Vieira era já da Maçonaria.

Fora isto, passara a estranhar as atitudes veladas de Dijanira.

Eu não sabia, mas, ralada de ódio pela indiferença com que a tratava, e cheia de raiva pela minha noivinha, a ex-escrava tratava de espionar-me em minha própria casa, sob as ordens do contratante Macedo, que percebia qualquer coisa no ar.

A Tomás e Marília marcam casamento

Desde 1786, a partir do mês de setembro, pedira eu insistentemente residência na Bahia, mas as acusações que enviara à corte e as que o capitão general Cunha de Menezes mandara, fizeram com que Martinho de Melo e Castro, o obtuso ministro da rainha, estudasse com cuidado maior minha pobre pessoa. O senhor Manique estava abertamente a perseguir os maçons e havia razões para que desconfiasse ser eu um deles. Não fora sempre amigo do antigo ministro, o marquês de Pombal? Não se contava ser ele um dos irmãos do Grande Oriente? A má vontade para com meu pobre ser crescia. E, por mais de um ano, vieram a se arrastar meus pedidos, para minha perdição.

Do outro lado da vida a luta não era menor. Amigos espirituais do nosso grupo apoiavam o levante, mas não o queriam com um crime a liderá-lo.

Quando me desprendia do corpo, quantas vezes era assaltado pelos inimigos de outrora, a me maltrataram e perseguiram. De outras, minha mãe e meu bisavô vinham aconselhar-me. Dizia-me ela nestas ocasiões:

— Filho, teu ideal é justo, mas pensa que não será preciso sacrificar o Governador, nem o senhor Carlos José da Silva.

Ela se referia ao caixa da Junta da Fazenda que, por ser demais servil às Cortes, sempre punha nomes contra os que eu indicasse, para a liquidação dos contratos e a ideia de ter a própria Junta como arrematante. Era aquele servilismo que me indispunha contra ele, e também que me fazia pensar em pedir a sua cabeça, apesar do pobre homem de mente obtusa ser, em todo o caso, de pequena projeção.

— Mamãe, - respondia - quisera ao acordar lembrar-me das tuas ponderações, mas não consigo. Quando desperto, esqueço teus apelos piedosos, vejo a incúria das leis, as dissimulações do governador, o

Barbacena, que tenta pegar-me em alguma palavra, e a amizade conquanto velada que tem aos mesmos sequazes do Cunha de Menezes. Vê, mãe, a tramoia é tanta que eu mesmo hei sido objeto das maquinações. Tive que ser portador da denúncia contra o pai de minha querida, e, para não vê-lo rebaixado, tive que pedir sua reforma. O capitão Baltasar João é um irmão muito querido e, no entanto, o cargo me exigiu que o acusasse. Como posso ter piedade? Acaso a teriam de mim? Pensas que, se pudesse, Barbacena não me cortaria a cabeça? Crês que posso acreditar em seus protestos de amizade, quando sei que me vigia pelos meus próprios escravos, dos quais apenas o Tomás me é fiel?

Desde que o novo Governador chegara, logo o outro Ouvidor fora empossado: Pedro José Saldanha de Araújo. Minha casa fora pedida e eu me fora a ficar como hóspede de um novo membro da Maçonaria, que já contava com mais de quarenta homens dispostos: o senhor Manoel Costa Mourão.

A teimosia em não partir punha-me alvo de perquirições lógicas. Por que não casava? Por que não partia? Já não me fora certificado pelo Conselho Ultramarino com relação à residência na Bahia? Por outro lado, como partir e deixar a pequena Dalva aos cuidados de Dijanira? Pensava em raptá-la e enviá-la às Cortes, para que meus familiares a cuidassem, como o iam fazendo ao meu filho Antônio Luís. Sentia-me cruel e desumano, mas, como dizia à minha mãe, como podia ser piedoso se estava em perigos tais, que nada poderia valer-me se a conjura fora descoberta?

— Filho, lembra-te das disposições do renascimento. Não te julgues insubstituível. Não te demores nas Minas! Parte! Sempre poderás articular o movimento de apoio na Bahia. Atende aos rogos de tua noiva. Parte!

Mamãe, do outro lado da vida, podia ajuizar melhor que eu quanto se passava. Via que meus inimigos espirituais do passado só tinham um móvel: separar-me de Marília, perder-me, arrojá-la à mais abjeta condição. Não me queriam morto. Ardiam de anseio por ver-me sofrer e a ela. Duas entidades nos perseguiram e usariam todos os que pudessem para seu tentame. Um homem e uma mulher. Ela me fora apaixonada e ele se perdera de amores por Marília. Já havíamos perdido a vida em outras circunstâncias a instâncias dos dois, em história assaz complicada e longa, que eu mal

recordava em sonhos, e que virei, se Deus o permitir, a escrever um dia, porque tem ensinamentos valiosos. Mamãe não ignorava isto e queria-me unido a Marília e longe dos perigos e ciladas que via serem articulados na sombra.

Dijanira era agora uma "orelha" dentro de minha casa. O contratador Macedo, homem perspicaz, em cuja casa vivia nosso "irmão" Vicente Vieira, tinha os ouvidos abertos à trama, que ele já adivinhara, e, caso vingasse, poderia já deixar de pagar seus avultados débitos? Ele estava preocupado com sua própria situação, em primeiro lugar. Temia que nas nossas disposições estivessem a cobrança dos contratadores atrasados ou a morte dos portugueses. Precisariamos do ouro para pagar o auxílio de mercenários estrangeiros. Se erguêssemos a milícia, levada pelos senhores capitães e tenentes coronéis, teríamos 20.000 homens da cavalaria a nosso favor. Mas não tínhamos a Infantaria, nem canhões, nem navios. Havia que custear soldados e armadas francesas e americanas para a Liberdade. Sem o ouro do Brasil, Portugal não poderia opor-se por muito tempo. Esperava luta por três anos, no máximo. A região tinha salitre, enxofre e carvão, com que se fabricaria a pólvora, mas na sombra João Rodrigues de Macedo e Silvério analisavam que benefício poderia lhes trazer o levante.

Percebendo a atitude de Dijanira, e pretextando a entrega da habitação ao meu substituto em fim de 1788, vendi alguns escravos e despachei-a entre os serviços pagos, para a casa que lhe comprara, mas ela deixou-se ficar em casa de Macedo, de quem vinha recebendo dinheiro para me vigiar.

Entusiasmado com minha projeção, eu não conseguia aceitar os argumentos das duas entidades amigas, cujo trabalho terrível era baldado. Ao meu lado, o obsessivo secular, um espírito de tez morena que já me fora pai, na última reencarnação, como recurso divino para nosso reencontro, perseguia-me atrozmente.

Ao acordar, não podendo suportar o peso de tantas preocupações, procurei a presença de minha noiva, que estava triste, desde os insucessos de seu pai. Não me recriminava quando de sua reforma. Sabia que eu nada pudera fazer para impedir que o Sousa Lobo lhe comprasse o cargo, quando o Cunha de Menezes dava as últimas regalias a seus assassinos, antes de partir e empossar o novo Governador.

Esperava, contudo, que com a vinda do novo Governador, meu amigo,

pelo que todos julgavam, e padrinho escolhido com carinho para as bodas de Ana Ricarda, nosso casamento finalmente se desse.

Ana Ricarda se consorciara há dias, tendo o Governador por padrinho e seu casamento fora comentado por toda Vila Rica (novembro de 1788). Fora uma festa agradável, na própria capela da família, celebrada pelo cônego Toledo, especialmente convidado, e que, inspiradíssimo, falara do compromisso nupcial com rara beleza. Marília, represando no coração a dor de se ver apartada da irmã mais querida, e alvo de considerações e cochichos, já que eu lhe era noivo há tanto tempo e não me decidia a marcar a data, procurou estar alegre e comunicativa. Tocara ao cravo, durante a recepção, fora gentil com a Viscondessa, e até pegara no colo os seus filhos, fazendo-lhes mimos. Tudo isto eu relembrava, observando-lhe a mudez e a tristeza.

Pedi-lhe que tocasse uma ária. Levantou-se e indo ao cravo tocou e cantou para mim uma canção que eu gostava. Sua voz era sonora mas triste. A canção falava de dor e ansiedade, da vida e da saudade.

Enquanto ela cantava, eu mal podia conter minha própria angústia.

Arrebatado, instado pela entidade amiga do velho chinês, que se fazia presente e procurava nos alertar, tomei-lhe as mãos e as beijei com calor.

— Marília, estás triste.

— Não. - protestou ela - Como poderia se estou contigo?

— Mas eu sinto que me reprovos.

Lágrimas boiavam-lhe nos olhos e ela procurava disfarçar.

— Querida, - falei - não te acanhes. Fala!

— Tomás, - falou com dificuldade - não quero te impor nosso relacionamento, nem tua palavra empenhada, que sei da tua honra, mas eu te desvinculo da promessa.

— Quem te magoou? O que andam a te instigar?

— Minhas irmãs ouvem dizer que tu não pensas em casar, que este nosso casamento são só disfarces com que te fazes ficar, sem ir à Bahia, cujo cargo pediste. Por que não escreveste à rainha pedindo que consinta em nosso enlace?

As palavras de minha noiva eram reais. Eu não fizera o pedido oficial às Cortes.

— Ora, querida, já posso me escusar disto. Não há mais razão para proibição. Bem vês. Pela lei já sou Desembargador na Bahia. Até venho a pedir que me enviem o salário devido como tal.

— Então, Dr. Tomás, por que não nos casamos? Se não o queres, podes considerar o teu pedido nulo, que jamais te forçaria a tal.

— Oh! Marília, se souberas! Eu não posso ainda!

— Mas o que esperas? Não te compreendo! Acaso estás entre os que tramam um levante? Francisca acha que é isto. Murmura-se tanto! Dr. Tomás, é isto, ou não me amas mais? Não tenhas medo de me magoar! Fala sem rebuços. Tudo, qualquer coisa é melhor que esta incerteza!

— Marília, eu te amo. Eu te amo! Não duvides disto nunca! - falei, acariciando-lhe o rosto. - Olha, tens papel e uma pena? Vem Arranja-me isto. Vou a escrever a meu pai, para que saiba que vamos nos casar. Tu mesma lerás o que escrevo e saberás que não brinco com teu amor. Espera um pouco, só mais um pouco, e logo poderemos ser felizes.

Fiz com que me arranjasse papel e tinta e escrevi a meu pai uma carta terna, em que falava dela e da minha alegria, bem como de nosso enlace para breve.

Marília pareceu alegrar-se um pouco.

O que ocorria era que o Governador lera as instruções do ministro Martinho de Melo e Castro na reunião da Câmara, e ficara evidente que a derrama era exigida. Havia uma dívida enorme que vinha sendo somada ano após ano e que, havendo de ser paga de uma vez, acerbaria os ânimos. Eu dissera em tal caso ao Bandeira, com o fito de fazer com que tal se desse:

— Já que S. M. quer a cobrança, que se faça!

— Mas a quantia é vultosa demais. O senhor Governador pergunta-me a instâncias se não será perigoso.

— Quem se atreveria a não pagar? Depois, se não for possível, em tal caso a cobrança da dívida total, sempre as Cortes terão assim uma visão da Verdade. Se não se paga por extravio das lavras, como se julga, pagarão agora. Se as minas estão esgotadas, então poderá isto ser provado, em tal caso.

Achava que podia manobrar o Bandeira e quanto ao Governador, por ser aquele seu primeiro cargo importante, pensava que não se atreveria a

desobedecer as instruções reais, que pediam tal cobrança. Barbacena era inteligente e ambicioso e deixara de ler na Câmara a oração na qual Martinho de Melo pedia que se observasse e cientificasse a rainha, quanto à impossibilidade da derrama. As palavras voariam e ficariam para nós apenas o que ele quisesa marcar, como resoluto e astuto que era, sem que nós percebêssemos que, malgrado as ordens, tinha ele um certo espaço para manobrar.

O que me preocupava eram as insistentes falas do Tiradentes, o meu amigo José do passado. Eu já falara com o Cláudio Manoel a respeito:

— Há que impedi-lo que fale tanto. Sabes que tem dito sobre o levante às claras? Enquanto diz como se fossem só sonhos ou palavras, tudo bem, mas outro dia jurou que onze homens de destaque da Capitania lideravam tais programas. Bem vês, Dr. Cláudio. Ele pode pôr tudo a perder.

Cláudio Manoel, que admirava o alferes, achou contudo que minhas ponderações eram válidas.

— Não se preocupe. Falarei com ele. Argumentarei. Hei de fazê-lo mais cauteloso. Sabe que... não sei como conseguir tal, quando me lembro como sabe de cor a declaração de Jefferson. Fala com tal entusiasmo, que lhe brotam lágrimas aos olhos.

— Este homem está a perder a minha tranquilidade. - falei eu. - Já não me basta a posição incômoda? Primeiro deixei-me ficar na espera da residência. Tal já se deu. Agora posso me atrasar outro tanto, enviando um pedido às Cortes para meu enlace. Mas é sempre um pedido tolo. Já nem careço dele e estou a magoar Marília. Por outro lado, meu futuro sogro que sabe do levante, por ser um dos conjurados, pede-me que adie o casamento, até que tudo se consuma. Vê bem, Dr. Cláudio, minha posição é delicada. Pareço um homem sem palavra e sem honra aos olhos de quem amo e nada posso fazer.

Cláudio Manoel animava-me como podia, mas também estava preocupado. Era ele um dos que guardava todo o ouro que podíamos ajuntar em sua fazenda cuidada pelo genro e pela filha mais velha, já que tinha cinco filhos de sua ligação, que durava já vinte e cinco anos com a senhora Francisca Arcângela de Sousa, que ele e eu cantávamos com o pseudônimo de Eulina. Se descobrissem, poderia haver assaltos, um saque e até mortes.

— Jamais me perdoaria se algo acontecer à minha filha. - dizia ele.

Na Cachoeira do Campo, o Álvares Maciel era preceptor dos filhos do Governador, e vivia ao seu lado fazendo trabalhos sobre mineralogia. Não sabia eu ao certo quem vigiava quem. Se o Governador vigiava ao Maciel, ou este o espionava. A situação era muito delicada e a espera enervante.

Como explicar tudo isto a Marília? Como não magoá-la com minha demora? Ana Ricarda casara-se após alguns meses de noivado. Marília esperava ainda pela minha decisão. Sua censura era justa.

— Marília, espera mais um pouco. Não confias em mim? Olha-me nos olhos. O que vês? Acaso não te amo? Sofro mais que tu mesma. Adiar minha ventura é um castigo.

Mostrei-lhe a carta que acabara de escrever a meu pai.

— Mandá-la-ei pelo primeiro mensageiro. Verás como é boa a viagem para o continente. Quando estivermos em mar alto, cantarei aos céus, ao mundo, minha ventura.

Marília deu-me um sorriso triste.

— Dr. Tomás, tenho medo.

— Não crês em mim?

—Tive um sonho esta noite. Um sonho terrível. Sonhei que estava na arena e que me abraçavas, mas que feras estranhas, como monstros eram soltas e... me atacavam. Elas me comiam viva, me rasgavam as carnes com suas garras. Acordei gritando. Foi horrível.

Também eu tivera sonhos idênticos, mais de uma vez. As outras vidas. .. Estaria Mestre Lisboa certo? Teríamos outras vidas, então? Estava tão temeroso quanto ela. Mas eu sabia o porquê dos meus receios. Marília adivinhava.

— São sonhos. - falei - Apenas sonhos. Devem ser devidos às exéquias que foste assistir ontem. Aqueles leões de essa do Mestre Lisboa sempre assustam muito. (Eu me referia aos leões de madeira que suportavam o caixão, durante as cerimônias fúnebres.) Não te inquietes, querida. Havemos de ficar juntos logo. Que achas de nos casarmos em maio do ano vindouro? Tenho uma ideia. Vou bordar-te o vestido de noiva!

— Dr. Tomás, mas que ideia!

— Olha. Bordo divinamente. Fá-lo-ei todo prateado brilhar como

estrelas. Deixa-me fazê-lo. É meu anelo. Achas que não o farei maravilhoso? Trata de mandá-lo aviar o mais rápido que possas, para que o possa bordar. Quero te ver linda como uma rainha, ir ao meu encontro na nave dourada.

Afinal os olhos de Marília brilharam:

— És um menino! - falou. - Tens ideias muito gentis!

— Não sou menino. Sou um homem apaixonado e quase louco de medo de te perder. Marília, acredita em mim És tudo o que desejo. És meu tesouro, a melhor parte de mim mesmo.

Estreitei-a junto ao meu pobre peito, cheio de cuidados.

Ela, pondo a cabeça no meu ombro, deixou-se ficar. Delicadamente, beijei-lhe os lábios queridos.

— Que dias dolorosos, meu Deus! - pensei - Que temor de perdê-la!

Marília me acompanhou à ponte de Antônio Dias, onde trocamos novas ternuras. Depois, mudando o rumo da conversa que tivéramos, perguntou-me:

— Tem o senhor visto o Mestre Lisboa? Soube pela Inácia que está mal, muito mal. Tem medo que venha a morrer, pobre homem

— É verdade. Não me parece bem A doença o molesta. Nem sei como consegue aguentar tanto sofrimento.

— Dr. Tomás, leva-me à sua casa um dia? Iremos com Francisca, assim não poderão falar mal de nós. Gostaria de ajudar este santo homem

— Falarei com ele que o pretendes ver, mas não sei se é lugar para a senhorita, nem se poderá aguentar ver o estado em que se encontra, sendo tão sensível.

— Promete-me, Dr. Tomás.

— Fá-lo-ei, se de mim depender.

Despedimo-nos e, beijando suas mãos queridas mais a testa, subi rumo à minha nova casa, que ficava ao lado da do doutor Cláudio Manoel, na subida da rua Direita.

As crises do Aleijadinho

Por final de dezembro (dia 27) assentamos nosso último encontro na casa de Francisco de Paula Freire, na rua Direita. Eu fora instado a não lá ir, já que estava sendo seguido, ultimamente. O Pe. Toledo, que se hospedava em casa, iria e levaria minhas ideias. Fui ver Mestre Lisboa a lhe falar das pretensões de minha noiva de conhecer-lhe a oficina de trabalho. Vinha ele trabalhando exaustivamente na Igreja Francisco de Assis. Fui encontrá-lo com doutor Cláudio, mas estava febril.

À tarde eu chegara até a casa dele, e delirava tomado por febres. Nódulos vermelhos inchavam-lhe a pele, e das mãos e pernas exalava um líquido amarelo purulento. Feridas causadas por ter que se arrastar de joelhos e, nas mãos, pelo buril e martelo, martirizavam-no. Falava estranhamente e reconheci que falava em língua italiana. Nunca o vira falar naquele idioma. Ao seu lado, os escravos se revezavam, lavando-lhe as pústulas, procurando abaixar a febre com compressas de água fria e banho de ervas de mentruz e rubi.

Eu não sabia o que fazer. Precisava falar-lhe, ouvir seus conselhos sábios, mas Maurício me explicou:

— Sabe, nhonhô. Quando a mardita lhe pega, fica mês insim. Pedi pra nhá Joana acudi, que só ela lhi acarria mais a dô.

Não se tratava de sua futura nora, mas de uma velha benzedeira, de mesmo nome.

Os olhos do negro, cuja carapinha estava já embranquecida, ficaram marejados.

— Nosso Sinhô devia tê pena que o Mestri é que nem São Francisco, no nome, nas chagas mais na dô.

Fiquei ali sem saber o que fazia. O Aleijadinho entrava num mundo de delírios, dava ordens:

Dizia a enrolar um italiano:^{10}

— Pintem-no. Malditos! Já lhes disse. Ponham mais alto! Quero a cúpula tão imensa que do alto se aviste Roma. Damião! Maldito Bispo! Miserável! Cachorro! Pão duro! Largo-lhe a obra, e quero ver que pegue a qualquer borrão que a termine!

Agitava-se e prosseguia:

— Quero o melhor mármore. O melhor e que o desbastem seus... Olhem Não me tirem a parte marcada. Nem um naco, que os esfolo vivos! Anda! São cegos? Não veem? O homem já está lá na pedra. É só tirá-lo para fora. São cegos?

Urrava, debatia-se em esgares terríveis, os olhos fora das órbitas, a boca retorcida, espumando, as narinas abertas e o mau cheiro terrível.

— É a quijiba. - falou Agostinho, benzendo-se. - Mestri Lisboa vai direitinho pro céu.

Aquela doença era a hanseníase, trazida pelos negros da África, como uma maldição pelo escravagismo, e no seu caso era nervosa, isto é, alojava-se nos centros nervosos.

Nos membros inferiores afetara-lhe as pernas, por tal modo, que era obrigado a estar de joelhos, com fortes dores nesse local, pernas e pés. Apesar de abrigá-los com protetores de couro, feriam-se e estas feridas aumentavam atacando os ossos, que vertiam pus.

Gesticulava e as mãos, cujos dedos estavam tortos como garras e curtos, pareciam de um monstro. Continuava a bradar e praguejar.

Intentava erguer-se, dar ordens. Tive receios de que, no seu delírio, dissesse algo que nos pudesse comprometer.

Olhei para seu aprendiz Justino. Não confiava naquele homem

Olhava e tentava entender o que dizia, mas era tão confuso, que todas aquelas palavras eram ditas em mau italiano com expressões arcaicas.

— Não há nenhum boticário ou doutor que lhe possa valer nestes instantes? - perguntei ao doutor Cláudio Manoel.

— Já tenho pedido ao doutor Domingos mais o Gurgel que o venham ver, mas adiantaram que nada podem fazer. Até parece que as benzedeiças conseguem mais efeito com suas ervas que as boticas. E o pior é que as crises parecem mais fortes. Não se pode contar com ele e, além disto,

quando passa tudo, fica abatido, prostrado, sem forças nem para falar, como um morto vivo. Demora muito a se recuperar.

— Pió é que o serviço atrasa e nós num tem como vivê. - falou Agostinho.

Cláudio Manoel tirou "algum" do bolso. Fiz outro tanto. Pediríamos aos irmãos que lhe valessem

— Sinhô, Mestri mata nós si iscravo aceita dinheiro. - falou Maurício. - Mestri Antônio num premete ismola, diz que ismola si dá pra santo e qui ele é um pecado. Nois num pode aceitá não, sinhô dotô.

— Mas como se hão de haver?

— Deus ajuda. A gente vai levano. Trabaia aqui e ali, pra comê dá.

Cláudio Manoel não insistiu, mas saindo dali foi até o taberneiro e comprou farinha, feijão, toucinho, queijo e mandou que entregassem ao amigo enfermo.

— Faz-nos falta seu conselho.

— Não há muito a decidir. - falara Cláudio Manoel.- E tu obedeças a ele. Não precisas ir. Resolveremos sobre a lei, a milícia, a pólvora, a nutrição das tropas, a bandeira e também sobre os negros e os portugueses. Tu tens a Constituição. Guarda-a para que não a peguem.

— Prefiro destruí-la a me perder!

Aborrecido, fui à casa de Marília como fazia todas as tardes.

Tia Clara Gertrudes, ao ver-me chegar, chamou-me ao quarto onde um lindo vestido de cambraia de linho, todo branco,

Estava sobre a cama. Ao pé dele um diadema de flores brancas, com extenso véu, que minha noiva usaria no dia de nosso casamento.

— Bem vês, doutor Tomás. Só falta que peças ao Governador que lhes consinta o enlace. E, se fazes mesmo questão, que o bordes, como pretendes.

— É maravilhoso. - falei, voltando-me para Marília. - Consentes que eu o borde? Fá-lo-ei cheio de boninas prateadas. Entrarás na Igreja como uma rainha!

Tia Gertrudes não perdeu azo a me inquirir:

— E quando será isto, senhor Desembargador?

— Irei amanhã mesmo falar ao senhor Governador, a ver se posso

marcar a data. Que achas, Marília, que se faça em maio, mês de Nossa Senhora?

Marília parecia feliz, embora achasse que eu prolongava sempre mais tempo o nosso compromisso.

— Somente em maio? - perguntou tia Gertrudes, desgostosa- E por quê?

— É um mês tão lindo. - falei.

O que acontecia é que Maciel concluía pela derrama em fevereiro ou mais tardar abril, pois em maio chegaria a nau que vinha buscar os quintos. Esperávamos por isto e a escolha do mês de maio daria tempo a que nos erguêssemos antes e eu pudesse ter assegurado, de uma vez por todas, o meu destino e a segurança dele.

— Ora, titia. Maio está bem, será logo após a semana santa e assim o doutor Tomás não fica tão atribulado com os bordados.

— Parece-me que tais bordados não são prejudiciais, pois o teu noivo já está sem outras ocupações.

— Estou desolado apenas com um presente que te mandei fazer, e que, malgrado meu desejo, não está ainda pronto.

— E me contas o que é? - perguntou Marília.

— Sim É uma estátua que mandei fazer à tua imagem ao Mestre Lisboa. Está ele tão doente que não a pode acabar, acredito. Queria dá-la antes de nossas bodas, neste último Natal em Vila Rica, já que para o ano terás que ir comigo.

Eu procurava falar como se nossos projetos fossem outros, porém ela suspeitava, e já me inquirira a respeito. Ouvira conversas com seu pai que, desgostoso da reforma, se recolhera na fazenda Fundão das Goiabas, aguardando os acontecimentos, já que não podia mais manobrar as tropas do Tejuco, nas mãos assassinas do Sousa Lobo.

Tia Gertrudes dobrou o vestido e guardou-o numa caixa.

— Espero que o faças logo, porque sempre suja quando se borda, por mais cuidado se tenha. E é preciso lavar e engomar, pondo-lhe as fitas e flores à cintura bem antes, já que maio é um mês ingrato, de muitas chuvas.

Prometido que ficara de ver a data, Marília sossegara, pareceu serenar e eu, de tanto falsear meus motivos, estive quase a crer nas próprias mentiras. Terrível bulha mental que me punham aqueles cuidados. Sentia saudades da

pequena Dalva e estava à espera das resoluções da reunião, que devia estar quase a principiar em casa de Freire de Andrade.

Fiquei mais tempo que o costume e jantei em casa de Marília, mas, logo após a chuva que caiu torrencialmente, tomei uma decisão. Apesar de se achar talvez a reunião a meio, eu sempre iria.

Despedindo-me dela, subi a rua com a caixa de seu vestido nas mãos. Estive a guardá-la com cuidado em meus aposentos e depois tomei o caminho da casa do tenente coronel. Eu sempre iria.

Marília visita o Aleijadinho

O Natal, com suas canções ternas, a troca de presentes, o bolo, as canções das jovens pastorinhas, as missas e as procissões da Igreja do Pilar dos Nobres, as colchas adamascadas enfeitando as janelas, os jovens de mãos dadas pelas ruas.

Não sabia explicar, mas aquele Natal me soava diferente dos outros. Uma angústia me dominava. Tinha vontade de chorar sem motivo, e passava as horas entretido a bordar o vestido de Marília ou em casa do amigo Cláudio, quando este não vinha à minha, a refazer artigos das leis da Nova República. Entre estas, entremeávamos versos e, como nos nomeávamos por diversos nomes, e trocássemos impressões dos amores que nos ficavam, cheios de cuidados, éramos pastores, árcades, poetas, a conspirar um mundo ideal, onde o Brasil seria grande e forte, e seu povo unido e feliz, do menor ao maior membro dele.

Embora conspiradores, não fôramos talhados de ferro, nem estávamos isentos do amor. Eu tinha minha Marília, cuja imagem jamais se apartou de mim, Cláudio Manoel Francisca Arcângela de Sousa, e seus cinco filhos muito amados, que já lhe davam netinhos, Alvarenga estava ligado a Bárbara Heliodora, que junto aos seus pequeninos, enchiam-no de cuidados mil. Paula Freire tinha D. Isabel, Maciel andava de amores com a jovem Maria Rosa, o alferes Xavier tinha o amor de Eugênia Maria de Jesus, que lhe dera um filho de nome João Antônio, mas andava de carinhos coma filha de uma senhora viúva de nome Maria José e a filha desta, Antônia, lhe dera uma menina por nome Joaquina.

Assim essas senhoras confabulavam entre si e, por mais que nada procurássemos falar-lhes, adivinhavam com o amor de seus corações as nossas disposições e temiam, procurando em conversas ou tratos, tirar-nos tais ideias. Bárbara Heliodora era uma das poucas que, tocada por uma

coragem inaudita, incentivava e chamava Alvarenga a atitudes varonis. Oliveira Rolim, conquanto fosse ordenado, tinha por amante Quitéria, uma mulata filha de Chica da Silva, e filhos, e esta o incentivava à luta, desde que por ela comprara uma briga que lhe custara uma cicatriz no rosto, dada por um seu desafeto. Além do mais, o turbulento padre estava com ordem expressa de banimento para a Bahia, expedida por meu ex-colega e desafeto Cruz e Silva e, por mais instasse a Barbacena que o deixasse livre de tal sentença, ou por apelo pessoal, ou por delegação a Cláudio Manoel, como seu advogado, nada conseguia. Mas se deixava ficar sem medo, muitas vezes como hóspede em casa de Domingos de Abreu, a quem convenceu viesse a ser um dos nossos. Na freguesia N. S. da Piedade da Igreja Nova, contávamos com os padres José Lopes de Oliveira, que era cunhado do pai de Bernardina Quitéria, agora pretendente do Silvério. Através do próprio Silvério estávamos a contar com seu futuro sogro, o cel. Luís Alves de Freitas Belo, homem muito ganancioso e fiador do próprio Silvério no contrato das entradas. Ainda nesta mesma região de Igreja Nova, estava o Pe. Manoel Rodrigues da Costa, ordenado havia oito anos, que comandava os ofícios próximos ao Rio de Janeiro no caminho da Serra da Mantiqueira, e servia-nos assim com sua palavra comunicativa, de ponte de ligação das duas capitanias e também era um dos ardorosos divulgadores das novas ideias.

O cônego Toledo, cujo pai fora casado e se ordenara após a viuvez, tendo rezado sua primeira missa ao lado dos filhos, de uma cultura vasta e uma coragem invulgar, trouxera ao nosso meio o próprio irmão, o sargento mor Luís Vaz de Toledo Piza, também natural de Taubaté e que viria a ser ponte de ligação com os paulistas, dentro das milícias e dentro dos conventos.

Através do Pe. José Lopes de Oliveira, chegara o coronel de auxiliares Francisco Antônio de Oliveira Lopes, que, por sua vez, era casado com uma prima do Dr. Domingos Vidal Barbosa, companheiro que chegara junto com Barbacena no navio que trouxera também o Maciel, incumbidos que hajam sido de conseguir as boas graças do futuro governador.

Um dos mais ardorosos líderes do movimento era José Aires Gomes, em cuja fazenda eu pernoitara junto ao cônego Vieira, quando viemos a

caminho das Minas com uma tropa de mulas, na Borda do Campo, onde ele tinha extensas terras bem lavradas e criação de gado, sendo que eram cercadas de extensas florestas e dos picos da Mantiqueira a caminho do Rio de Janeiro. Este amigo era um velho conhecido do alferes Xavier, pois ambos haviam feito muitas incursões pelas matas infestadas de bandidos, que assaltavam quem passasse por aquelas bandas. O mais famoso e terrível bandoleiro fora um pirata, cujo navio havia soçobrado na costa, mas que, adentrando os matos, aliou-se e tornou-se chefe dos bandidos, o pirata que era descendente de ciganos, o José Galvão. Naquela ocasião, José Aires Gomes havia feito o assalto aos bandoleiros com os próprios recursos de que dispunha, aliados à sua bravura e sagacidade, a que se sobrepunham a perícia e coragem do alferes Xavier. Tudo isto me contava o Vieira quando em viagem mas só agora eu lhes dava o devido e real valor, já que a princípio sentira uma certa aversão ao Silva Xavier. Também se jactanciava de, com outros mais, o alferes haver expulso da região ao facínora de apelido Montanha, cujo aspecto era feroz, de barbas longas até a cintura. Era em razão destes fatos, sobejamente conhecidos, que eu não me atrevia mais a desconfiar de suas disposições, apesar de estar sempre com um pé atrás com relação às fardas, nas quais não confiava.

Entre os militares tínhamos ainda o capitão José Resende Costa, que era de família abastada, tendo fazendas e lavras no arraial da Laje. Muito interessado no estudo de seu filho, que lhe trazia o nome, ao saber que intentaríamos levantar Hospitais e Universidades no Brasil, enchera-se de entusiasmo e propusera-se a se aliar com seus comandados a nós. Seu filho, José Resende da Costa Filho, trouxera-nos um colega de estudos, de nome Lúcio, que principiava a escrever versos, e eu mais doutor Cláudio estivemos a lhe ensinar as leis da métrica e rimas.

Tínhamos entre os nossos um mulato jovem que era conceituado e benquisto naquelas regiões, embora nascido no Rio de Janeiro. Era o senhor Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, que juntamente com Tiradentes e o Dr. Domingos Vidal Barbosa tratariam dos feridos em caso de combate, e iniciariam as direções dos primeiros Hospitais e primeiras faculdades de Medicina, Filosofia, Ciências Naturais e Direito. Era jovem, contando apenas 28 anos, mas sentimos que se podia confiar nele. Todos haviam sido

arrebanhados, por assim dizer, pelo Pe. Toledo, por residirem próximo a São João dei Rei. Apenas o Gurgel ficava em Vila Rica, e fora trazido pelo Tiradentes.

O doutor Domingos era natural de Engenho do Mato, tendo começado seus estudos em São João dei Rei, continuara no Rio de Janeiro, e fora contato em Montpellier junto a Joaquim da Maia, para apoio de Jefferson e da Nação Americana do Norte.

Havia ainda um sobrinho de Toledo de nome Claro José da Mota, que morava em Taubaté, apoio novo em São Paulo, junto aos filhos do padre, que também o eram, Carlos e Bento Cortês de Toledo.

Não podíamos esquecer do capitão João Dias Motta, que era fazendeiro no Paraopeba, e também era amigo do Tiradentes e de Victoriano Gonçalves Veloso, que era alfaiate e alferes de auxiliares de São João dei Rei, e que nos servia de correio entre São Paulo e Vila Rica.

Ainda o Coronel Domingos de Abreu Vieira, que era comerciante de sal e toucinho entre o Rio e Vila Rica, que estava já passado dos sessenta e cinco anos, e doente, mas se dispunha a participar.

Junto aos mulatos e oficiais do povo, o Aleijadinho arregimentara alfaiates, entalhadores, sapateiros, artífices, que levavam de boca emboca a ideia da conjura, sem falar nomes dos implicados. Infelizmente, para mim, meu nome sempre se punha como principal, e ninguém mais duvidava que assim fosse. Entre estes havia o João da Costa Rodrigues, que era homem de poucas luzes, ou seja, de pouca cultura, de família pobre, e em cuja estalagem mais de uma vez o alferes Joaquim José da Silva Xavier fez suas preleções, o que haveria de perdê-lo.

Eu pensava neste homens e em outros mais obscuros, que, conquanto não iniciados em nossas Lojas, diziam-se abertamente a favor da sedição, havendo procurado por todas as formas entrar na conjura.

Eu e Pe. Toledo fôramos contra a inclusão de Silvério entre os nossos, mas, infelizmente, estava aceito e nada se poderia fazer.

Tudo isto eu rememorava, até mesmo a orientação que havia de seguir o Freire de Andrade, pondo há tempos nomes fictícios e outros de gente já morta nas folhas de pagamento da tropa, a fim de conseguir mais fundos para nossa causa. Sempre fora contrário a tais meios, mas ele lançou mão

disto e mais Alvarenga e o Oliveira Lopes, sem cuidar que isto poderia perdê-los e mais o Manoel Brandão, que também era comandante e dos nossos.

Tínhamos ainda o Maximiliano de Oliveira Leite, homem grosseiro e inculto dado a bravatas. Tudo isto eu pensava, como pensamento a girar, enquanto na mesa, ao meu lado, Marília enchia-me o copo de bom vinho português, observando-me. Ao meu lado estava o irlandês George Nicolau, que era dos nossos, conquanto fosse estrangeiro.

Nicolau era apadrinhado do "tio" de minha querida, o Luís Beltrão Gouveia, que vinha constantemente a insistir na amizade do governador, em quem confiava. Estava bastante aborrecido pelo fato do governador não haver aceito seu convite de cear no Natal em sua casa e quisera, por força, que eu usasse a ascendência que ele cria eu ter sobre o visconde. Nicolau era um espião inglês na Vila Rica.

Várias conversas eu tivera com ele a respeito e me escusara de ir a Cachoeira insistir com o governador, mesmo porque sabia que haveria de ficar no Palácio se viesse a Vila Rica para as comemorações, e nós o queríamos longe do murmúrio das gentes, que falavam só do levante e da maldita derrama.

Além do mais, estava preocupado porque o Vicente Vieira da Motta e o Alvarenga queriam atrair para o nosso movimento o contratante Macedo, e eu não conseguia confiar nele. Afinal, decidira que se sondasse seu espírito a respeito, mas nada de envolvimento maiores, pois não se havia de convidar todo o mundo para as Lojas. Isto posto que não! Manejar o povo e os homens ia bem, dar-nos a conhecer, de forma alguma!

Marília, vendo que meu pensamento girava em maquinações e que mal comia, tratou de puxar conversa que me agradasse:

— Querido, por que não nos brindas depois com uns versos?

Tornando à realidade pela voz que me chamava, sorri-lhe tristemente na preocupação que me tomava.

— Que se pode dizer nas noites de Natal? O meu bom amigo doutor Cláudio tem uma composição linda a respeito da vinda do Salvador do Mundo, mas eu estive tão ocupado com os riscos do bordado, que nem me sobrou tempo para cantar Jesus.

— Não estás a compor labirintos demais nos vestidos? Não te inquietes por isto. Pode ser bem simples, nada especial.

— Simples sim, mas especial, posto que é necessário, já que há de te cobrir, meu amor.

Todos estávamos constrangidos, mas tia Clara Gertrudes anunciou que nossos esponsais se dariam no mês de maio e brindou a isto.

Após o jantar, Marília cantou algumas canções e também Ana Ricarda. Eu estava em tal estado de ânimo, que a custo conseguiram arrancar-me algumas estrofes nas canções.

— Dr. Tomás, o que te aflige? - perguntou Marília na varanda, enquanto passeávamos.

—Nada. É o Natal que é sempre muito emotivo. Saudades dos meus, do Porto, das tias, de minha irmã que já partiu, dos entes queridos.

—Logo iremos vê-los. Tenho muita vontade de conhecê-los. Achas tu, querido, que haverão de gostar de mim?

—Como se fosse possível alguém te conhecer e não te amar, Marília. - falei com carinho.

—E sempre hás de ser-me sincero, prometes?

—E podes acaso inculpar-me em contrário? - perguntei.

—Sim, Dr. Tomás. Quando me protestas amor, e não me dizes dos cuidados dos teus dias.

—Mas o que estás a dizer? Não te entendo.

—Por que não me falaste do levante que se intenta? Por que teimas em não repartir comigo tuas preocupações e os perigos em que estás metido?

—Marília, já te disse mais de uma vez. São conversas do povo, que está desesperado.

—Não é verdade, e tu sabes. D. Bárbara me confidenciou que há um lugar para ti caso haja luta. Por que não és militar e foste escolhido o primeiro? Por que me negas?

—D. Bárbara está a sonhar. Em caso de levante o primeiro seria o Alvarenga. Talvez ele lhe tenha posto tais ideias para que ela não se inquiete.

—Mentes mal, Dr. Tomás, mas por que não te acredito? Achas que sou tão fraca que não te acompanharia na dor e na luta?

—Marília, és uma criança!

— Gosto que me chames de menina, mas não sou criança, como supões. Há homens mais vis que muitas mulheres e não penses que D. Querubina, D. Gertrudes, esposa do Vaz Toledo, e outras não sabem o que se trama. Não se falava em outra coisa no batizado de João Damasceno. Mas que seja como queres. Não te importunarei mais. Porém, se te vires em apuros, conta conosco para que hajas de fugir para longe, sem seres importunado. Temos amigos ao Norte e saberemos te guardar, entendes?

—Esta é uma noite especial e estás cheias de ideias loucas. Por que não vamos assistir à missa, assim deixa-te destes agouros numa noite tão feliz.

Marília foi buscar a mantilha e mais a prima Francisca para que nos acompanhasse, enquanto um escravo preparava o coche.

A caminho pediu-me carinhosa:

—Sei que não podes confiar-me tudo. Mas me farias um pedido?

—Sempre que possível te atenderei. Queres a Lua? - perguntei, brincando.

—Preparei alguma lembrança para o Mestre Lisboa e gostaria de ir ver a estátua que te faz de mim. Levas-me a ele?

—Lá não se veem mulheres, querida. Além disto, o escultor está muito enfermo. Não ficarás de ânimo melhor ao vê-lo, creio mesmo que não suportarias a visão de seus padecimentos.

—Mesmo assim, gostaria de ir.

Apesar dos meus protestos não houve como demovê-la, e lá nos fomos.

Recebidos na casa simples, encontramos o artista envolto em trapos e compressas, a melhorar das febres que o haviam acometido.

A um canto, seu filho, aborrecido, tocava um violão, e, ao ver-nos, parou resabiado.

—Teu pai já pode falar-nos? - perguntei.

—Acho que sim. Fiquem à vontade.

O menino, quase rapazote, se ergueu e procurou os fundos, a chamar algum escravo que nos atenderia, e o bom Agostinho, vendo a alegria iluminar o semblante do velho protetor e amigo, sorriu-se para nós, com os olhos rasos de lágrimas.

—Que bom, sinhô doutô, qui veio. O Mestri num fica mais tão tristura

quando vê qui passa o Natal sem companhia.

Lisboa fez-lhe um sinal que se retirasse e que trouxesse vinho, pois estava emocionado e fraco para falar. Intentou levantar-se:

—Dr. Tomás, poeta. Sempre um homem pode ser feliz se tem um amigo. Por que não veio o doutor Cláudio? E este anjo em forma de mulher? Chega perto, filha, quero te ver melhor. É uma madona, é como a Senhora Santa na noite de Luz.

—Não precisas erguer-te. Mestre. - falou Marília, com uma desenvoltura que eu não esperava. Sempre haveria ela de surpreender-me como me havia avisado seu pai, o capitão João?

Sem nenhum temor, a sorrir-lhe, arranjou-lhe os travesseiros, enquanto prosseguia como uma menina tagarela:

—Trouxe-te mu bolo que eu mesma ajudei a preparar, parte de um porco, assado de galinha e boi. Joana ainda me preparou uns quitutes de fricassés, massas e doces. Quero ver a mesa de Mestre Lisboa cheia de petiscos e velas, florida e bonita no Natal.

O artista quis dizer alguma coisa, mas ela, sem dar-lhe tempo, continuou brejeira:

—Verás como uma mulher sabe se intrometer na vida de um homem sem dar-lhe tempo para retrucar.

E, sem que a pudéssemos impedir, correu a chamar a prima e, trazendo as cestas que haviam ficado no coche mais toalhas, pôs-se a arranjar um verdadeiro banquete sobre a mesa.

—Olha, Mestre. Não gostas? Sabes por que faço isto? Porque sou egoísta. Dr. Tomás disse-me que haja encomendado uma estátua de minha figura e quero me faças bonita, para que ele não olhe mais para moça alguma!

Mestre Lisboa gesticulava e sorria, preso de indizível cansaço, percebendo-lhe as intenções.

—Concedes-me que eu veja tua obra? Faz-me este obséquio na Noite de Natal?

—Sim minha filha, - disse o Aleijadinho - mas gostaria de poder ter te visto melhor antes, pois não fiz jus à tua formosura ou a teu espírito.

Pediui que eu chamasse o Maurício, que estava dentro da casa, e pediui-

lhe que buscasse a estátua do doutor Tomás.

Foi-se o escravo e veio com ela a custo. Marília a olhava e volteava em torno:

—Dize, Francisca, não é linda? Parece mais a Ana que eu. Está tão majestosa, parece uma santa.

—Tens razão Marília, é divina. Mas a semelhança é muita. Mestre Lisboa é um gênio. Todos haverão de gostar de ver-te assim retratada, com tanta finura e graça. - redarguiu a amiga.

Mestre Lisboa queria saber as novidades, mas não podia perguntar devido à presença das moças.

—Pensei que o amigo tinha se esquecido de nós. - falou ele.- O Agostinho me diz que doutor Cláudio sempre pede notícias.

—Gostaria de saber o que poderia eu fazer para agradar-te nesta noite que é tão especial? Não sei como presentear um tão bom amigo.

—Dr. Tomás. Esquecemos do vinho! Jamais me perdoarei! - falara Marília - Acho que posso mandar o meu angola a buscá-lo em casa.

—Não te preocupes, sinhá Joaquina. - falou Mestre Lisboa - Maurício tem sempre uma garrafa para ocasiões especiais.

—Mas, - tornei eu - qual seria o maior desejo do amigo, que eu possa satisfazer?

—O melhor desejo é morrer, mas não te pediria isto. No entanto...

—Podes dizer sem susto.

—Gostaria de ver a missa da noite e rezar perto dos altares dourados, ouvir as canções dos corais e pedir a Deus por meus pecados.

Estive calado sem saber o que fazer. Iríamos à Igreja dos Nobres, que não admitia mulatos ou gente do povo. Como fazer?

—Conheço o padre e sei que se arranjará um meio. - falou Marília.

—Não achas que é preciso primeiro arranjar tudo? - perguntou Francisca.

—Não e não! Se não for à Igreja onde vamos, será sempre em outra. Mestre Lisboa merece e, por minha honra e minha teimosia de mulher, nós o levaremos! - falou Marília.

Chamou os escravos e fez com que o levassem no coche. Tive que ir em busca dos meus cavalos que estavam guardados no fundo da antiga casa

minha, para acompanhar sem molestá-las. Marília teimou em ir comigo e não houve como demovê-la. Encontrar-nos-iam no fundo da Igreja.

Subiu quase a correr a viela e fez-me buscar ainda um vinho em minha hospedaria. Com a garrafa nas mãos, rumamos para a viela onde ficáramos cavalos. Era um baio castanho muito bonito que ali estava e Marília quis ir comigo.

Quis colocar o bom vinho no alforje, mas ela teimava em subir na sela e com isto a garrafa deu no chão, esparramando o líquido.

Olhei para o vinho que escorria nas pedras e fiquei com o coração aos saltos. Aquele era mau agouro.

—Perdoa-me. Sou uma estouvada. - falava ela. - Mas arranharemos outra garrafa para Mestre Lisboa. Anda! Precisamos nos apressar para chegarmos antes deles.

—Não haverão os teus de gostar de ver-te chegar em uma montaria. O que não falarão?

—Não falarão nada. Desceremos nos fundos. Vamos! Ou nos atrasamos.

Olhei para o vinho e falei como num oráculo:

—Vila, Vila Rica, como estremeço ao dar meu sangue por ti, para que não se perca entre as pedras em vão, como este vinho.

Marília olhou-me séria:

—Então é verdade. - falou - Sempre te arriskas a seres réu de Majestade! Eu te amo. Não me importa. Não deixarei que te separem de mim. Hei de ficar contigo sempre!

Abraçou-me demoradamente. Depois, nos recompomos e, tomando o animal, cortamos as ruas mal iluminadas em direção à Igreja do Pilar.

Logo após, chegava o coche como negro, Mestre Lisboa e Francisca.

Informado do que se passava, o bom padre que oficiaria a missa consentiu em que entrássemos pela sacristia e, ao lado do altar, sem que o pudessem ver, recostado em almofadas, Mestre Lisboa assistiu com os olhos em lágrimas a missa, enquanto nós três buscávamos as galerias que nos haviam sido designadas.

Finda a missa, voltamos sem que ninguém se apercebesse do que se passara e acompanhei Marília e sua prima à casa. Minha bela tinha conseguido com seu gesto um amigo inigualável, o Aleijadinho, que a

adorava e lhe tinha um carinho especial. Dir-se-ia que já se conheciam de há muito tempo.

No outro dia, com doutor Cláudio, fui contar ao Mestre que já me havia sido pedida a habitação, desde setembro, pelo meu sucessor, e da viagem que o Tiradentes fizera no mesmo mês ao Rio, para acertar com nossos aliados o plano do levante. Contamos tudo quanto se passara na casa do comandante Freire de Andrade, e Lisboa achou que eu fizera mal em lá comparecer. Também não aprovava a morte do governador, do Carlos José da Silva e do novo ouvidor José Pedro Saldanha. Igualmente achava que não se podia confiar demais no Silvério, embora convidado pelo alferes Xavier, a quem ele admirava muito e que vinha muitas vezes aliviá-lo com seu conhecimento das ervas.

—Resta-nos esperar. - sentenciou ele. - Para mim é fácil. Espero a morte há tantos anos, mas nem ela quer saber de mim- falou como humor que lhe caracterizava o gênio.

—Quando te casas, Dr. Tomás? - perguntou-me.

—Contamos para maio o dia feliz. - falei.

—Dá-me tempo assim para acabar tua encomenda. - disse-me.

—Não a quero por mãos outras, ou por outros cacos de mão que não os meus. - emendou ainda no mesmo tom.

Com aquele gesto ficava patente que Marília o havia seduzido e que se empenharia em fazê-la tal qual ela era: corajosa, meiga, franzina e amorosa, bela e divina.

Vendo como a missa parecia tê-lo reanimado mais do que tudo, sempre achei que, afinal, ela fizera bem em atender-lhe o capricho.

O fim do ano se aproximava e com ele nossos cuidados. Eu nem pensava em voltar atrás dos nossos projetos. Tínhamos ido longe demais.

Deliberações dos inconfidentes

Percebi que o vulto que estivera a me seguir, talvez pela chuva que caía ou fosse por outro motivo, não me andava por hora nos calcanhares.

Além do mais, Vila Rica era pequena. Ficar em casa de amigos até altas horas era natural e ninguém poderia inculpar-me disto. *Lá* me fui a subir, passando por minha antiga residência, cujas luminárias estavam acesas. Depois pelo palácio do governo e Câmara e Cadeia, a descer para a ponte de S. José. Do lado esquerdo, antes da metade da ladeira, vi a casa de Francisco de Paula e apressei os passos.

Veio receber-me à porta D. Querubina. Eu percebi que ela sabia das coisas. Seu olhar era temeroso e cuidava à porta no lugar dos escravos. Também D. Francisca andara em discussões com Cláudio Manoel, achando que nos precipitávamos num abismo de sedições, a contar com as fardas. Enquanto fossem brincos de palavra, tudo bem. A esposa de meu primo, Bárbara Heliodora, conspirava conosco e só não se fazia presente, até nos conciliábulos, porque o marido a não deixava, dizendo que eram assuntos para homem.

— Entre, doutor Tomás. Cuidei que não vinhas.

— Já estão todos? - perguntei, vendo que era inútil disfarçar.

— Sempre parece que os principais, que nem todos podem vir.

Entrei na sala, cuja porta ela fechou, saindo discreta.

Tão logo me fiz presente, alguns se ergueram. O Pe. Toledo, que me pedira ficar de fora por aquele dia, olhou-me com reprovação e Cláudio Manoel ficou lívido com receios que eu me indispusse com o alferes Xavier, ou me fizesse alvo das sutilezas do Silvério.

Saudei-os cordialmente e, alguns que não sabiam do meu partido

fizeram jeito de se erguerem, entre eles o senhor Silvério, que ficara branco de medo; conquanto se dissesse que eu era um dos maiores, quis retirar-se, falando das horas que eram já adiantadas.

Sorri, pensando que bem seria melhor que ele fora, mas um desejo irreprimível de espicaçá-lo fez com que me mostrasse:

— Sempre podeis estar, Irmão, que sou dos vossos!

Alvarenga fez-me ciente do que já haviam assentado, quanto ao levantar se iniciar em Minas.

— É preciso apoio de São Paulo, pelo porto de Santos, ou do Rio de Janeiro, pelo porto da Estrela. - comentou o alferes Xavier.

— Caso os reinóis queiram mandar esquadras e soldados, como nos haveremos se não tivermos apoio com que rechaçá-los, até que nos cheguem as esquadras americanas, inglesas ou francesas?

Maciel achou válido o alvitre. Esperávamos que o comandante Freire de Andrade se oferecesse para ir em campo, mas fingiu não perceber que devia ser esse seu projeto.

Ao invés disto, dirigiu-se ao alferes:

— Conta-se que o senhor tem muitos contatos no Rio de Janeiro, e nem é menos verdade que teu ofício te permite entrar em todos lugares, sem que seja isto escândalo. O que pensas do Rio? Achas que pode-se levantar lá as milícias?

— Se meu comandante ordenar, quando for hora, irei pessoalmente levantar a Capitania do Rio de Janeiro.

— Mas, - objetou o Pe. Toledo - não fora decidido que o alferes iria pessoalmente render o Governador, no momento azado?

Freire de Andrade não sabia o que dizer. Seus militares não se ofereciam. Silvério parecia uma coruja. Só ouvia. O Oliveira Lopes era muito obtuso para uma missão de relacionamento. O Luís Vaz de Toledo pusilânime, nem parecendo irmão do cônego que, conquanto fosse cuidadoso, tinha coragem.

Estive a olhar para o doutor Cláudio Manoel, quando o Alvarenga ofereceu-se:

— Irei eu, em todo o caso.

— Não é possível, - obtemperou o Luís Vieira.- Contamos contigo para

levantar o pessoal do sul da Capitania, e deslocar os pé rapados para Vila Rica no instante do assalto.

— Senhores, - aparteou Freire de Andrade - não seria melhor se o movimento se rompesse no Rio de Janeiro?

O medo de D. Querubina estava a fazer recuar o senhor comandante? - pensei amargurado.

Tiradentes, num rompante, que lhe caracterizava o gênio ardente, aparteou:

— Senhor comandante, creio que já temos discutido demais quanto ao movimento dos outros, e já tínhamos concluído que o movimento se irromperia em Minas, pela sua posição, já pelos homens em postos militares ou eclesiásticos. Por que começar tudo de novo? Se estamos indecisos, como contar levantar todo um povo?

— Afinal, o que já tendes acertado? - perguntei.

O alferes me olhou como a dizer-me:

— Onde estavas?

Foi Alvarenga quem respondeu, com um papel, onde estivera anotando os itens da discussão:

— Ficou deliberado que, tão logo o Governador lance a derrama, todos acudiremos para Vila Rica, onde eu virei com meus escravos e pé rapados, com todas as armas que puder trazer, ficando escondidos nas matas. Conto trazer uns quinhentos homens. Igualmente virá do Tejuco o Pe. Rolim, que espera arregimentar uns 200 homens, mais cavalos e bestas. O Pe. Toledo me seguirá do Rio das Mortes, como senhor Oliveira Lopes, trazendo os homens sob seu comando. O senhor Silvério estará à espera para se juntar a nós com os homens que estiverem sob seu comando. Isto posto, ficou decidido que uma milícia se deslocaria para o sítio da Cachoeira do Campo, para render o governador e sua tropa. O alferes Xavier se apresentou para o encargo, ficando decidido que se prenderia o senhor Governador, mais a viscondessa e os meninos, mandando-os presos abaixo do rio Paraibuna, de onde seguiriam com um recado às Cortes, de que no Brasil já não se precisava que o governassem..

— Estão todos aceites quanto à prisão do senhor visconde? - objetei.

O Pe. Toledo e o doutor Cláudio, até mesmo o Alvarenga sabiam que eu

pedira a cabeça do capitão general.

— Estão pela maioria, mas se queres abrir nova discussão...

— Sempre peço a cabeça do senhor Governador, por achar que por este modo ficamos todos presos a um mesmo compromisso de morte, e nada mais nos fará dissimular ou abandonar a conjura. - falei- Além disto, prevalece o bem do povo sobre o particular!

O coronel Silvério olhou-me espantado. Não pensara que eu pudesse chegar a tal. O alferes Tiradentes foi quem me aparteou:

— Em que lucríamos com sua morte? É apenas um representante das Cortes! A caridade cristã pede que o deixemos vivo, quando não por piedade de sua senhora mais os filhos...

— Crês, alferes, que se nos pegam terão igual piedade? - perguntei.

— Nem penso em me igualar às Cortes nas mesmas disposições dela. - respondeu-me ele - Nem pense o senhor, Dr. Tomás, que me move alguma covardia. Não temo de vir a morrer, mas só julgo que devemos matar quando se faça indispensável.

— E acreditas que, para se livrar a Colônia a tantos transtornos, é mister misericórdia, nem carecemos de matar a ninguém? - perguntei ironicamente.

Alvarenga aparteou-nos:

— Não estamos em tertúlias de versos, meu primo. Reconheço que tuas ponderações são justas, mas os sentimentos do alferes não são de molde a blagues. Ponhamos em votação, seja pela morte, para que se compreenda que não estamos para brincados, ou por uma maior cumplicidade, ou pela prisão, os que se acharem movidos de piedade. Ergam a mão quem for pelo doutor Tomás.

Imediatamente o doutor Cláudio me apôs voto, seguido do cônego Toledo, Rolim, Luís Vieira, Domingos de Abreu, Maximiliano Leite, Amaral Gurgel, Vicente Vieira, e outros...

Quando o alferes viu que seu próprio compadre Domingos me apoiava, ergueu a mão, dizendo:

— Nem por ser contra, serei menos réu deste voto!

— Muito bem - continuou o Alvarenga. - Podemos ter também com que alimentar as tropas. Ouro temos recolhido em quantidade suficiente, com

que pagar os trabalhos dos exércitos estrangeiros, leis no-las rege o Dr. Cláudio mais o Dr. Gonzaga. Quem cuidará de municiar a tropa?

— Creio que posso bem servir para tal encargo, - falara Maciel - pois tenho ciência de que há o de que será preciso para fabricar a munição, aqui mesmo, nas Minas.

— E em caso de combate podemos contar com os ofícios meus e do senhor Gurgel, mais os préstimos do Tiradentes que é muito atilado em tais matérias de atendimento aos feridos. - respondeu o doutor Domingos Vidal Barbosa.

— Isto posto, fica-nos pouca matéria para debate. Como contam tratar, após, os negros? Sou por sua total liberdade. - pedia Alvarenga.

— Isto posto que não. - falou doutor Cláudio - Se se solta a todos, quem nos obedecerá?

— Mas não é este também um dos nossos maiores votos? - falou o alferes.

— Sou por sua liberdade, - comentou Luís Vieira - mas precisamos de seus braços para a luta.

Afinal, depois de muita discussão, resolvemos de comum acordo que primeiro daríamos liberdade apenas aos mulatos e nascidos em terras do Brasil, deixando ainda no cativeiro os que tivessem vindo d'África.

— Há mu detalhe, - ponderou o Domingos Vieira - sempre votamos pela morte do senhor Governador, mas quem executará a sentença? E como se falará ao povo disto?

— Se permitirem eu mesmo o farei. - ofereceu-se o alferes Xavier.

Um arrepio me passou pela espinha. O mesmo homem que pedia clemência há instantes, fazia-se carrasco da sentença. Aquele alferes era um homem estranho, cuja coragem era inaudita e assombrosa. Eu mesmo não seria capaz de levar avante meus próprios projetos. Era um louco!

— Tomo-lhe a cabeça e a trarei para Vila Rica. É mister mostrar ao povo a que crime chegamos, para que não duvidem de nossas intenções.

— Então, irei com minhas tropas ao seu encontro, fingindo que vamos prendê-lo e alio-me ao senhor. - falara Francisco de Paula Freire.

— Nada entendo destas empresas militares, mas sei que não contamos com força total. - falei eu - É mister levantar o povo.

— Então, o doutor Tomas, que é eloquente, ou o Pe. Toledo, que tem ascendência sobre os espíritos, ou ainda o Pe. Luís Vieira, conclamem o povo.

— É melhor que já se tenha algum discurso pronto, para tal caso.

— Não fico para tais coisas. - falara o Tiradentes, conquanto todos soubessem que tinha muito jeito para tal.

— Por que não fala o senhor doutor Tomás? - perguntou o Vicente Vieira - Não será o primeiro presidente, nos três anos que contamos de luta?

— Sim. Empossas-te no discurso, que o povo o ouve e o espera. - obtemperou o Domingos de Abreu Vieira. E acrescentou: - Acho de bom alvitre que mais uma cabeça se junte à do senhor Governador; a do senhor Carlos Silva, caixa da Junta da Fazenda. É ele mais zeloso das causas reais que os próprios governadores dos quais é subalterno.

Todos em uníssono apoiaram o alvitre. O pobre português, pelos seus zelos excessivos, vinha tirando há muitos o próprio meio de sustento e era impopularíssimo. Eu mesmo não lhe tinha senão antipatias.

Feito o voto, ficou assentada a sua morte e também a do novo ouvidor, porque era representante da Coroa, que vinha a me substituir, o senhor José Pedro Araújo de Saldanha.

Aquelas novas decisões impunham um rumo novo às ideias. Primeiro tínhamos o ideal, agora os cuidados para que não se perdesse.

— E quanto aos portugueses? - perguntou Alvarenga, olhando significativamente para o senhor Silvério.

— Sou pela morte de todos, quando do levante! - falou Oliveira Lopes.

Percebíamos agora que o movimento era assaz dificultoso, mas tínhamos que pensar em todas as quizilas, para que no momento soubéssemos como agir.

— Não é possível. Isto não dará certo! - aparteou o Maciel.- Todos nós, sem exceção, somos descendentes dos portugueses. Nossos mesmos laços se estendem do outro lado do Oceano com outros portugueses. Aqui presentes, temos o doutor Tomás, o coronel Silvério que também são portugueses. Os filhos não hão de ver com bons olhos a morte de seus pais. Temos que pensar melhor.

— Pois que se mate apenas quem se nos oponha, sejam eles

portugueses, escravos, pardos, ou mesmo brasileiros. - falara Tiradentes.

— A decisão ficará para o momento da luta! - disse doutor Cláudio Manoel. - Se a houver.

— Acreditas que não haverá luta? - aparteei, estremecendo.

— Estamos a depender da derrama do senhor Governador.

— Sempre a lançará, que já m'o tem dito por diversas ocasiões. - falara Maciel.

— E quanto à bandeira? - perguntou Alvarenga. - Tenho desenhado esta, se a aprovam

Num papel, bem traçado, estava um índio a quebrar os grilhões.

— Muito imaginativa, mas complexa. - comentou Luís Vieira.

— Há que ser mais simples, mais funcional.

— E por que não o triângulo maçônico? - perguntou o alferes?

— Como o explicaríamos? - disse Freire de Andrade. - Diremos ao povo: Este é o triângulo da Grande Loja do Oriente? És muito ingênuo.

— Podemos dizer que representa a Santíssima Trindade! - redarguiu o alferes.

Aquele homem rude me espantava pela inteligência. Tivera a mesma ideia que o nosso genial Mestre Lisboa, quando colocava o triângulo na cabeça do Padre Eterno. Tinha inclusive o Aleijadinho posto vários símbolos em chafarizes, ermidas, imagens e outros mais.

O chafariz que ficava defronte à casa do senhor João Carlos da Silva Ferrão, tio de Marília, trazia os girassóis.

Seus altares, testemunhas mudas de sua iniciação, têm talhados folhas de acácia, símbolo do sacrifício do Mestre Hiran, os girassóis e a rosa, da iniciação na Cabala, as volutas, símbolo da ascensão espiritual, o pelicano, que representa o sacrifício total pelos "filhos", aos quais alimenta com a própria carne e vida.

Somente os cegos não vêm neles a Iniciação, o grau elevado que o grande escultor atingiu e teve na Loja Maçônica e que não deixou de testemunhar pelo tempo a fora!

As romãs, no alto da Igreja S. Francisco de Assis, a caveira e a ampolheta da Sala de Reflexão dos iniciados aprendizes, no lavatório da mesma Igreja, a forma circular de suas torres e de sua fachada.

Posteriormente, haveria de fazer mais, testemunhando até o fim da vida sua presença entre nós. Um dia haverão de provar que fora um de nós, um dos escolhidos, antes mesmo do nascimento!

Eu pensava de quantas formas Mestre Lisboa se servira para gravar para a posteridade a sua disposição e a nossa, encimando as Igrejas como barrete frigio, e as pontas de lanças à procura das vibrações siderais!

Mas a discussão prosseguia e eu me distraíra a pensar naquele mulato genial, ao qual agora eu percebera da mesma têmpera do alferes Xavier.

Se eu seria o primeiro mandatário, ele era, sem dúvida alguma, o venerável, pelo merecimento do seu espírito.

Chegavam a um acordo quanto a bandeira.

Ficou decidido o triângulo, com os dizeres que o Alvarenga pusera no índio em latim *Libertas quae ser a tamen*.

Liberdade ainda que seja tarde!

Fiquei a pensar nas entradas bipartidas de Mestre Lisboa, nas estrelas de cinco e seis pontas, no símbolo da ascensão da Virgem na lua crescente, época em que nossas reuniões se davam nos números simbólicos, cinco, sete e doze...

Achava eu que não se deveria lavrar ata das discussões, mas Alvarenga continuava a anotar as falas e resoluções, quando me indispus a que se fizesse, jurou que faria enterrar em urna de ferro as atas, e somente o escriba saberia onde.

Parecia que os assuntos já se haviam esgotado, quando doutor Cláudio fez uma conjectura:

— Em caso de fracasso do levante, por quaisquer causas, que se deve dizer?

— Se alguém trair que seja condenado à morte, que se executará por qualquer um dos presentes que assim possa fazê-lo ou por outro par de qualquer Loja que o possa por mão! - sentenciou o alferes Xavier.

— E sempre se poderá negar, já que, como pedi, não se deve ficar nada registrado, senão em nossa memória e por nossa honra! - sentenciei eu.

— Pois que seja assim. E eu farei queimar estes papéis, sem que nada se possa provar de quanto aqui ficou dito. - falou Alvarenga, erguendo-se e queimando todas as anotações na chama da vela dos castiçais.

Nada mais tendo a discutir, fizemos nosso juramento solene de fazer cumprir quanto fora deliberado e fomos saindo aos pares, mas de quando em quando, cuidando que não desconfiassem de quanto já se tramara.

Ficara ainda combinado, antes da minha chegada, de que uma senha seria o sinal para que todos se articulassem, cada um dentro de suas jurisdições. Como nos havíamos visto há meses na fazenda de Alvarenga, durante o batizado de seu filho João Damasceno, do qual eu fora padrinho, no dia 8 de outubro de 1788, em S. João dei Rei, ficara assentado que, em nascendo uma nova terra, a senha seria: Tal dia é o batizado, ou seja, tal dia é a derrama, tal dia é o dia da Liberdade!

Alvarenga me fez ciente da senha, quando voltávamos para casa, naquela noite inesquecível, e eu estive acordado até alta madrugada, lembrando de Marília, tendo ao colo o menino de Bárbara e de como as duas tão bem se entendiam. Talvez Bárbara tivesse dito à minha noiva sobre o levante. Era possível e isto explicaria o seu estado de cuidado, bem como as perguntas diretas que às vezes me fazia, chamando-me às falas!

Ainda bem que haviam concordado com a morte do governador, pois isto me dava mais certeza de que não haveria defecções.

Precisava falar mais com o doutor Cláudio e Alvarenga. Faríamos novos saraus em casa do amigo, a fim de abrandar e acalmar nossos temores.

Narrei quanto fora importante, mas me esquecera de parte das discussões, que longas e acaloradas foram.

Nem é menos verdade, que tamanho era o entusiasmo do meu primo, coronel Inácio Alvarenga, acolitado por sua amada e bela esposa, D. Bárbara Heliodora, que ficara assente que S. João del Rei seria a sede do novo governo que se instalaria.

Após muita conversa e discursos, antes que saíssemos, pedira o bom doutor Cláudio que se declamassem algumas produções. Alvarenga acabou por fazê-lo com muito calor e empenho, declamando-nos seu *Canto Genetlíaco*, que fora escrito há anos em homenagem ao então governador Rodrigo de Menezes. Dizia, entre outras coisas:

Aquelas terras, na aparência feias,
dirá José: "Ó quanto são formosas!"
Elas conservam nas ocultas veias,

a força das potências majestosas.
Têm as ricas entranhas todas cheias
de prata e ouro e pedras preciosas.
Aqueles brutas e escavadas serras,
FAZEM AS PAZES, DÃO CALOR ÀS GUERRAS!

.....
Esses homens de vários acidentes,
pardos e pretos, tintos e tostados,
são os escravos duros e valentes,
aos penosos serviços costumados.
Eles mudam aos rios as correntes,
rasgam as serras, tendo sempre armados,
da pesada alavanca e duros malhos,
os fortes braços feitos ao trabalho.

.....
Se o justo e o útil pode, tão-somente,
ser acertado fim das ações nossas,
quais se empregam dizeis, mais dignamente,
AS FORÇAS DESTES OU AS FORÇAS VOSSAS?
Mandam a destruir a humana gente,
terríveis legiões, armadas grossas;
procurar o metal que acode tudo,
É, deste homem o cansado estudo.

Palmas de entusiasmo e abraços culminaram os versos, e, ao observá-lo, embora eu mesmo houvesse visto o Alvarenga queimar as anotações da reunião, sempre achei que, como se considerasse um escriba, e com a memória excelente que tinha, redigiria outras e as faria enterrar. O mesmo fazia doutor Cláudio com todo o ouro e pedras que vínhamos juntando, enquanto Domingos de Abreu Vieira andava a armazenar explosivos.

Aquela viagem e conversa, que eu tivera como cônego Luís Vieira em princípios de 1782, chegava agora a uma conjura bem organizada, com onze homens na direção e mais de quarenta tentáculos nas diversas regiões, contando com o apoio do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, e até mesmo do longínquo Pernambuco. Mas precisávamos cuidado. Se Cunha de Menezes

havia nos incentivado à rebelião, com suas atitudes desabridas, o nosso amigo Barbacena, cuja esposa D. Rosa de Melo Sabugosa, que era descendente ilustre do primeiro marquês de Sabugosa, era de molde a procurar tão somente seus próprios interesses. E eu não o julgava disposto a nos apoiar de modo algum preocupado com sua própria condição e brilho, no primeiro cargo importante que lhe deram as Cortes.

Interessante notar que, dois séculos depois, um de nós, reencarnado, viesse a criar na literatura infantil um personagem "o Visconde de Sabugosa", magro e sábio, embolorado e medroso.

Mais um "acaso" entre os muitos que as múltiplas vidas nos tecem à memória.

Mas, voltemos ao passado e fiquemos adredes ao assunto que aqui nos traz, que, por sua natureza já é demais intrincado, sem que nos abalancemos a ir além prosseguindo a desenrolar novos lances nos séculos que se seguiram ou naqueles que lhes foram anteriores.

Problemas à vista

O calor ardente do mês de janeiro, as festas de Reis, com os negros em suas roupas escolhidas a subirem pela rua, ao lado da casa de minha bela, e nós dois, a assistirmos cheios de carinho aquele povo que buscava alento e alegria, misturando suas crenças da longínqua África aos novos conceitos cristãos...

Francisca era quase sempre companheira nossa, desde que Ana se casara. Apesar do casamento estar próximo, o tio João Carlos da Silva Ferrão não permitia que saíssemos muito sozinhos, para não dar o que falar na Vila.

Marília me confessara que, após aquela visita ao Mestre Lisboa, ficara triste com o sofrimento do escultor. Mandava-lhe às ocultas por Inácia, sua escrava, alguns quitutes, mas não conseguia deixar de chorar por pensar em tanto sofrimento:

— Tomás, por que será que Deus faz o pobre sofrer tanto? Mais parece um santo. Não ficou zangado com minha ida lá?

— Não, querida. Mestre Lisboa te adora.

— Quase me assustei por vê-lo tão curto de corpo e com aqueles olhos esbugalhados, como de um estuporado. Dr. Tomás, acredita que se faço uma espórtula pelos seus padecimentos à Virgem Piedosa, haverá ela de se compadecer daquele gênio?

— Estás a comprar saúde para o Mestre? E que vais dar?- perguntei a rir.

— Darei a minha mesa de escrever. Já estou a distribuir os objetos que não usarei em viagem contigo. - Fez-se séria por uns instantes, na preocupação que a sustinha: - Dr. Tomás, o que ocorre se o Governador descobre que se trama? Serão presos, sentenciados à morte na forca?

— A única trama que faço é a de pôr-te para sempre minha.- retruquei.

Ia estreitá-la nos braços, quando, ao erguer as mãos, a renda tombou, deixando à mostra a trança de cabelos que eu pusera no pulso.

— Ainda a usas? - perguntou, segurando-me o braço. - Sempre achei que isto era um capricho para me agradar, Dr. Tomás.

— Nem careço destas prisões para lembrar-me quanto estou seguro em tuas mãos e teu carinho, minha noivinha querida.

— E pensas usá-la ainda por muito tempo?

— Sempre. Para sempre!

— É como eu acho que os sinos tocam nas bodas dos noivos. Parecem dizer: Para sempre... Para sempre. É lindo, mas triste. A vida traz sempre cuidados tais que não sei. Tenho medo que te levem de mim. Promete que frigirás se estiveres em perigo. Não terei mais um minuto de felicidade se algo te ocorre.

— Olha, Marília, - falei procurando desviar o assunto - estou a bordar com tanto empenho, que ontem furei o dedo no fundo da agulha! Nem me valeu o meu dedal de ouro!

— Meu pobre amor! E não fizeste um voto? Não sabes que quando se fura o dedo pode-se pedir algo em troca?

— Não. Não o fiz. Mas faço agora. Quero um beijo, Marília.

Minha noiva ficou corada como uma romã:

— Dr. Tomás. Por minha vida! Estás ficando muito ousado, Sr. Dirceu. O povo nos mira e queres que eu seja alvo das falas desta gente?

— Não. Marília. Apenas são sonhos que me tomam as horas. Conto os dias de minha ventura e nem sei como tenho podido esperar tanto!

— Pois vamos, que os sinos já tocaram chamando às rezas e estamos atrasados! Olha quem vem lá. O bom Pe. Custódio, (que cuidava das fábricas de Alvarenga).

Marília pediu-lhe a bênção e seguimos rumo à Igreja de Antônio Dias. Subindo do outro lado, a multidão de negros ia para a Igreja dos pretos de Santa Ifigênia, cantando seus cantos com suas fantasias exóticas.

Dentro da Igreja ficamos apartados. Não era permitido homens e mulheres juntos dentro das Igrejas. Francisca e Marília, com os cabelos cobertos por tênue véu, oravam e eu não lhe tirava os olhos.

Dissera minha bela que sua amiga e confidente estava caída de amores

pelo doutor recém chegado, o Domingos Vidal Barbosa, e pedira-me que interferisse para que tal amor vingasse.

Aquela Igreja escura punha-me arrepios na alma. Fora feita pelo pai do Aleijadinho, e não tinha a claridade e encanto das obras do Mestre.

Logo mais chegariam as chuvas. Contávamos que antes se lançaria a derrama. Senti um olhar posto sobre mim, um olhar velado de soslaio. Virei-me: o tenente coronel Rabelo, ao ser percebido, olhou para o chão. Não gostava daquele homem dissimulado, que havia sempre de ser um oficial dos tempos do Cunha de Menezes. Não estaria eu sendo seguido de algum tempo por alguns de seus comandados? Quando ia à noite às casas dos amigos, ou para o jogo ou para os saraus de poesia, não havia sempre um vulto às minhas costas? Passos na noite? Fiquei a observar os homens graves seguindo a missa. Todos deviam me invejar a sorte de ter por noiva uma jovem tão formosa e também a minha sabedoria, os versos. Inveja... inveja era o que eu sentia em muitos semblantes. Respeito e despeito, dissimulação. Como era difícil a amizade e a retidão de caráter! O candelabro pendente do teto baloiçava tocado pelo vento. Um cheiro meio nauseante que o calor provocava fazia pesado o ambiente, malgrado a música doce e branda, tocada por vozes profissionais de mulatos contratados. Fiquei pensando no tempo que nos restava. E rezei mentalmente a Jesus, suplicando que a derrama se fizesse no mês que chegaria, fevereiro.

Eram estas as estimativas do doutor Maciel, que andava com muito afeto pelos filhos do visconde e, vindo à Vila, me pedira reconsiderar, quanto possível, aquele nosso voto pela morte do governador.

— Dr. Tomás, sinto-me um Judas toda a vez que olho para os meninos. O visconde tem alma gentil. Não seria possível convidá-lo para a conjura? E, se sempre achas que seja dissimulado, não ficaria bem melhor não sermos tão cruéis, dando-lhe ensejo a voltar à sua pátria?

— Dr. Maciel, já discutimos isto. Não há mais nada a dizer. Quem não tem coragem para as lutas, que não se meta nelas! Enquanto a missa prosseguia, meu pensamento girava. Não vinha dormindo com a calma de antes. Dr. Cláudio, em poema que me dissera ainda na véspera, no qual se nomeava Corebo e a mim Palemo (écloga XV), falara da possibilidade de

uma denúncia e, em tal caso, de nossa perdição. Lembrava-me um pedaço que dizia:

Cor: Se me lembra, assim era: Vinde errantes,
sombras, a sufocar-nos: porque a inveja
é só fiscal dos míseros amantes.

Pal: Ficai, belas ovelhas: assim seja
convosco mais propício o duro fado:
que pastor mais feliz vos guie e reja.

Cor: Aqui te deixo, rústico cajado,
que algum tempo apesar do empenho cego,
de ninguém, só de mim foste logrado.

Pal: Tu, Amarílis, adorado emprego,
toma conta de duas ovelhinhas,
que mais que todas amo: eu tas entrego...

Hei de trazer na ideia sempre unida
a imagem de Amarílis que venero,
e que estimo inda mais que a própria vida.

Cor: Alegria jamais nenhuma espero;
antes nesta saudosa soledade
Por último remédio a morte espero.

A poesia continuava, mas eu já não mais a ouvia. Aquele vaticínio de morte na voz do amigo tão querido, tanto quanto as outras de Alvarenga a falar da terra gentil, e dos zelos pastoris, eram presságios, agouros, pesadelos. Por que não se conseguiria a vitória?

Não a tinham conseguido os Estados da América do Norte já há tantos anos? Acaso seria Portugal mais forte que a Inglaterra que perdera suas colônias? Ou os brasileiros mais pusilânimes que se perderiam em disputas?

Marília erguera os olhos do terço e olhava-me. Atraído pelo seu carinho, sorri-lhe. Como me doía ser tão desumano e cruel com ela, sem lhe falar abertamente dos nossos projetos, e adiando sempre nossas bodas, ainda que cheio de cuidados de perdê-la. Por meu demorado empenho, via-a cercada de jovens que a cortejavam, quase à minha frente. Não andara aquele poetaço rançoso, o Manoel Queiroga, a cortejá-la? Por minha vida, que isto

me irritava profundamente. Mas não devia me indispor mais com os membros de Vila Rica. Precisariíamos do apoio, do partido, da coragem daqueles homens, todos os que pudéssemos arregimentar.

Na véspera, viera-me à procura o alferes Silva Xavier. Negara-me a recebê-lo. Falar com ele em meus aposentos, ou mesmo à rua, era o mesmo que descobrir-me diante de todos. O Tiradentes estava indo longe demais. A seu respeito o próprio governador, em nosso último contato, me perguntara como a brincar:

— Veja, senhor doutor Tomás. Estas terras têm singularidades preciosas. Este bom soldado sabe mais de medicina que os que a exercem por diploma. Também de minérios parece ser doutor, mas o que mais dele se tem dito é que é um visionário, destes que preveem o futuro. Está a afirmar que neste lugar se poderia erguer uma grande nação. Achas que é tão bom mago e adivinho quanto “médico prático”? A contar com isto, acho melhor procurá-lo com o fim de que me leia as sortes. Sou novato cá e gostaria de ser tão querido quanto o conde de Bobadela, de quem ainda se ouvem louvores, ou o senhor Rodrigo de Menezes, que há sido cantado com graça pelos magistrados e poetas da Vila Rica. Achas que o Tiradentes me proveria um lugar de destaque nesta capitania?

— Acredito que já tem este lugar, Excelência. Nem é mister um mago para o ver, e há que não dar lugar aos boatos. O alferes Xavier é um entusiasta, dado a frases de efeito, com que procura ocultar sua falta de cultura. Mas é bom militar. Honesto e capaz, como se diz. E, para S. M. é isto que importa, não é mesmo?

Vi-me a me repreender mentalmente por estar em tantos sobressaltos, que nem cuidava de orar na casa consagrada para isto. E comecei a acompanhar as falas em latim, como se disto dependesse minha vida.

Ao término, veio-nos ao encontro do lado de fora da nave, no alto da escadaria, o sacristão Canuto, com um convite para um batizado que se faria de um seu compadre.

— A mulher ainda está de resguardo e o senhor Feliciano pediu-me que falasse ao doutor mais sinhá Maria Dorotéia, do seu desejo de ter aos dois por padrinhos.

Marília, que adorava crianças, ficou muito feliz.

— É menino ou menina? - perguntou curiosa.

— Uma menina muito sadia, que vai se chamar Maria da Glória. Caso possam, o senhor Feliciano espera uma resposta ainda hoje.

Concordamos, e eu fiquei de passar pela casa do bom homem para acertarmos Igreja e data.

Feliciano era um bom soldado das milícias, que eu mesmo colocara a serviço de El Rei, para poder ir se aguentando com o soldo, já que perdera tudo nas poucas terras que já não lhe rendiam nada.

Tambores e instrumentos rústicos tocavam ao longe, anunciando a festa dos pretos.

Eu e Marília ficamos ainda a trocar juras na ponte, enquanto Francisca que, à saída encontrara com o doutor Domingos, deixava-se ficar a olhar o rio, cheia de felicidade pela presença dele.

— Sabes - disse à Marília - qual o melhor desejo que tenho?

— Sei. Queres ser um grão-turco da serra! - disse ela brincando comigo.

— *Erraste, Marília. Meu maior anelo era ver-te a embalar um filho meu, nosso.*

Ela baixou os olhos e suspirou. Depois olhou em torno de si encabulada e desconversou:

— O Sol está muito quente. Por que não vamos para casa, tomar alguma coisa que nos melhore? Almoças conosco. Titio sempre diz que já és da família e, além disto, virá Ana. Tenho certeza que gostará de ver-te. Vem.

Minha noiva fez ao doutor Domingos o mesmo convite.

Tivemos uma tarde amena, cheia de graças e canções. Vivíamos num sonho, temendo que tivéssemos que acordar e encontrar com uma realidade dura. À tarde, pretextando tornar aos bordados, voltei à casa do senhor Manoel que me acolhia. O calor era insuportável e sentia falta da comodidade que tivera na residência oficial. Além do mais, não tinha mais os jardins que me eram tão chegados à lembrança e ao coração, na feitura dos versos para a minha amada. As melhores horas eram as que estava ao lado dela ou em casa do doutor Cláudio. No entanto, até mesmo nossos versos manifestavam medo e esperança.

Passou-se aquele mês e o outro, quando fomos a batizar na capela S. José a menina Maria da Glória, conforme pedido dos pais.

Em princípios de março o senhor João Rodrigues de Macedo, instado por Vicente Vieira, procurou saber com detalhes a respeito do movimento. Alegava saber de alguma coisa por um dos seus escravos, mas o Vicente negou, conforme nosso acordo comum

O contratante estava desesperado. Se se lançasse a derrama, perderia todos seus bens, pois estava empenhado e, conquanto todos lhe devessem, devia ele mais ainda à Coroa.

Sentindo-se fora do movimento, que tinha certeza se articulava, quer por conversas ouvidas ao Alvarenga, quando ia a jogar com o caixa Vieira Mota, ou por pretos que colocava como almocreves e servos nas casas dos homens mais cultos e proeminentes da Capitania, resolveu usar seus recursos para se chegar ao novo Governador. Enviou o próprio caixa a lhe oferecer seus préstimos em negócios de sal, toucinho, carnes, e instou Dijanira a lhe contar o que sabia.

— Sabes que te tenho procurado por todos os meios ajudar.- falara à minha ex-escrava. - A alforria que o doutor Tomás te deu por si só não te resolveria os problemas. Além do mais, logo ele se irá de Vila Rica e tu não poderás contar com seus favores, para o auxílio à menina que te ficou. Não ignoras que tenho sido paciente contigo e com a menina. E que, se me serves, com maior empenho te ajudarei. Deves ter ouvido coisas bem interessantes em casa do antigo ouvidor. Dizem que se trama. Não ignoras que, em tal caso, ele seria homem de projeção. Não te peço muito. Fala ao governador dos nossos despenhos e me farás um favor. Terá cuidado de não levantar mais os espíritos. Antes deixará de lado a derrama e eu estarei bem

— Mas não se prenderá o doutor? - perguntara a serva.

— Não poderá o senhor capitão pôr-lhe as mãos só por falas de uma ex-escrava. Faz-me este obséquio. Dijanira. Não te preocupes com o doutor. Nenhum mal lhe será feito, mesmo porque é amigo do senhor governador.

— Quanto me fias? - perguntou ela, que vinha a ver crescer em seu peito um ódio feito inda do amor que me tinha.

— Pago-te bem, com que estejas resguardada para o fim de teus dias, e para que a menina tenha um futuro melhor.

Dijanira meditava. Ir por si só à procura do Governador, este não a receberia, provavelmente. Ir a mando do senhor João Rodrigues de Macedo,

em companhia do senhor Vicente, poderia falar-lhe. Mas o que lhe diria? Comoalaria para que atendesse os desejos do português, sem também prendê-la?

— Preciso pensar, doutor João. Tenho que me lembrar do que tenho ouvido, do que direi. Mas sempre pense que talvez possa falar com ajuda para V. Senhoria.

O contratante lhe prometeu alguns quilos de ouro e ela estava por resolver-se, a dar-me motivos para amargar o havê-la abandonado. O que mais a dispunha nisto era ver-me sempre ao lado de minha noiva pelas ruas de Vila Rica, e os comentários que se faziam de nosso próximo casamento.

Instada por entidades infelizes que vinham envolvê-la, com o fim de me perder, Dijanira esquecia até a própria razão, intentando separar-me de minha noiva e vingar-se de nós dois, pelo sofrimento que sentia.

Os avisos de minha mãe eram certos. Se eu houvera partido, não atrairia para mim e para meus amigos os ciúmes e vinganças de minha antiga amante.

Na sombra, inimigos de agora e de antes apertavam o laço da traição. Sentindo os presságios, nós os cantávamos em versos, aguardando o momento do levante. Por cuidados e má vontade, não recebi ao alferes Xavier. Ele era destemido, mas eu cauteloso. E não queria que nos vissem juntos. Melhor seria se pensassem que eu me indispunha com ele, até que tudo se consumasse.

A delação de Dijanira

O alferes Xavier, na sua volta para Vila Rica, após a viagem ao Rio de Janeiro, tendo ido ao sítio da Cachoeira pedir permissão e licença para uns negócios que andava entabulando na Metrópole, a respeito de reservatórios de água e armazéns para o Porto, andava mais abertamente do que nunca a falar da possibilidade de Minas tornar-se independente.

Claro que suas falas extrapolavam o círculo pequeno onde as fomentava. Mais de uma vez fui inquirido quanto às falas dele, de que se dizia uma grande figura da Capitania estaria dirigindo pessoalmente todas as diligências. Esta pessoa, pensava-se correntemente, era sem dúvida eu, que me deixava ficar em Vila Rica, tendo já acabado meu lugar, desde que chegara, em viagem junto como governador, o senhor José Pedro Araújo de Saldanha, meu substituto.

Quando ele me procurou com o intuito talvez de falar-me a respeito de seus contatos no Rio de Janeiro, o fez durante a noite altas horas às escondidas. Veio-me avisar Antônia, uma escrava de uns presumíveis cinquenta anos, que me era muito prestativa.

— Quem dizes que me procura? - perguntei, tomado de sobressalto.

— O alferes Silva Xavier. - retrucou ela, percebendo que eu estava aborrecido. - Que lhe digo, senhor, que já se haja recolhido, Vossa Mercê?

— Diga-lhe que... não estou. Que não me viste sair, mas que não me encontro em casa, para que não insista e venha a chamar a atenção de todos os que possam ouvir.

Antônia saiu e eu fiquei com pressentimentos terríveis. Aquele homem, sempre ele. Não fora eu ciente, quando ouvidor, de que vivia a falar em levante? Não se ria o então governador, Cunha de Menezes, quando o tenente Antônio José Dias Coelho vinha instigá-lo contra o alferes? "E que revolução é esta que se trama?" havia dito o casquilho. - "Uma revolução de

meretrizes, só se for. É dar neste mariola com o chicote, pois é um louco". - falara às ocultas, depois de instâncias daquele cruel tenente, a quem a fuga do Jovelino não saía da cabeça como coisa do Tiradentes e acabou por dizer: "Haja tempo e se verá".

Tudo fazia crer que estávamos a depender do governador, mais do que nunca. Os povos só se ergueriam em caso da derrama, mas como contar com isto se o ajudante de ordens do senhor visconde era o mesmo "cabeça de escova", o Antônio Xavier, um militar corrupto e falso, que subia sempre às custas de delações e intrigas, ao ponto de, na última reunião de dezembro em casa do Freire de Andrade, o Tiradentes, que havia tido tanta piedade ao senhor Governador ter proposto que, a matar alguém que então fosse o Antônio Xavier?

Agora o alferes, visado por uns e outros, de quem os covardes andavam a frigar, vinha procurar-me abertamente. E com que direito? E por quê? Além do mais, sentia-me vigiado de perto por homens do Rabelo e, quando fora à Cachoeira falar com o comandante general, não havia sentido qualquer coisa de sinistro no sorriso do ajudante de ordens?

— Dr. Gonzaga, - dissera ele com um servilismo e um sorriso que tanto podia ser mofa quanto apreço. - estou certo que o senhor Governador ficará muito feliz com a mercê que faz V Excelência em vir vê-lo nestas estâncias, tão importante é o doutor na atual fala da Capitania.

— Então, por seres ainda mais gentil que tuas falas, faze-o ciente de que aguardo ser recebido e não pretendo tomar-lhe o precioso tempo mais que o necessário.

Diante de minha indisfarçável repugnância por aquele homem, o riso sumiu, mas os olhos como que dispararam chispas e um mal-estar me acometeu. Sem dúvida, se o ajudante de ordens achava-se no direito de ser-me tão desairoso, ainda mesmo com palavras de elogio, era que se sentia seguro de suas falas. O governador devia por força desconfiar. Como havia prometido a tia Gertrudes procurá-lo, para pedir permissão para meu casamento e pôr data, estivera aquele dia mesmo em Cachoeira.

Recebera-me com uma cortesia fidalga o Barbacena, após limpar as mãos, pois, segundo ele, estivera a mexer em plantas assaz exóticas, que andava estudando com o senhor Maciel.

— Gostaria de vê-lo? É um rapaz muito agradável no trato e finura que tem tanto quanto na invulgar inteligência. Estás para partir para Portugal e talvez te faça efeito ouvires falar dos outros lados...

— Não vos incomodeis. Excelência, de chamar o doutor Maciel, que sei o tendes ocupado.

— Oh! - fez o governador rindo - Pois já te foi ele reclamar que o estou usando sem parcimônia, nestas terras onde tudo espero ainda aprender?

— Entendeste-me mal. Excelência. Nem estive com o doutor Maciel nem estou certo, ele jamais falaria senão com agrado do prazer de vos servir, a mim ou a qualquer outro. É que o momento não me é propício, pois vim a pedir um favor e não acumularei um sobre outro.

— Dr. Tomás, o senhor é tão valioso para nós, que nem carece de pedir-nos nada. Por nossa amizade tão antiga, e pelo prazer que tenho de ser padrinho de tua encantadora cunhada, tanto eu como a senhora viscondessa teremos que forçar-te a ficar conosco por mais tempo.

— Que convite não faríeis. Excelência, que eu não aquiescesse?

— E se o senhor desembargador me fizesse algum também não me escusaria.

Novamente senti-lhe a insinuação do golpe que se tramava, mas, sempre hábil, torci-lhe o motivo:

— Quero sim convidar-vos a me apressar as bodas para maio. Vosso consentimento é indispensável para a felicidade nossa, minha e de D. Maria Dorotéia.

— Ora, ora, por fim vieste a decidir-te? - falou ele, e depois, percebendo que eu me zangava - Oh! Perdoa-me. Sabes, são tantas as más línguas a me quererem indispor com o senhor, porque sabe, a honestidade e o valor sempre encontram os ladrões e invejosos a lhe dilacerarem - objetou - e se não fora pelas instâncias do senhor Beltrão, quase que eu mesmo já te fizera ver, em tal caso, como deixa tua futura esposa em maus olhos a todos.

— Sr. Governador, em nome da amizade que me dizes ter, por que não me sois franco? Crês que não tenho sido sincero nem correto com a senhorita Joaquina? Não vê V. Excelência que apenas tenho procurado partir sem cuidados com dívidas e outros, e estou a demorar-me, porque eu mesmo estou a bordar-me o fraque de noivo e a fazer a ela a veste nupcial?

— Mas é uma galanteria, senhor Desembargador, digna do teu espírito poético. Nem careces de minha aprovação para coisa alguma. São formalidades.

— A tradição da família de minha noiva a pede.

— Então por que não fazes melhor ainda? Por que não pedes à Rainha sua bênção e mercê?

— Só faria atrasar ainda mais as coisas! - falei, percebendo que parecia sondar-me.

— Assim parece, mesmo porque só poderá seguir o pedido no mês vindouro. Sinto muito, senhor desembargador, mas acredito que, para melhor realce deste teu enlace, é sempre de melhor alvitre ter a bênção de S. Majestade.

— Não trouxe eu qualquer requerimento expresso para a Rainha, que Deus a guarde. - falei.

— Então, não te acanhes, que podemos nós mesmos fazê-lo hoje. Mas sempre só seguirá em abril, e me excurses por isto. Se houvesse vindo ainda outra semana, foram-se daqui uns militares com papéis para a Metrópole. Sabes como estas coisas são demoradas. Até que haja embarcação para lá ir e tornar. E depois a rainha tem muitas ocupações, para que se a apresse. Sempre poderia ter sido mais rápido, se antes o senhor cá viesse.

— Tendes razão. Eu não pensara em tal. - disse-lhe. - Mas agora vejo que fiz mal em não querer incomodar V. Excelência. Vossos conselhos são sábios e vossa amizade verdadeira, senão teria dado ouvidos aos "marotos" que me tentam inculpar de qualquer coisa, porque sempre me tiveram por honesto e zeloso das causas reais nesta capitania.

— Ora, senhor desembargador. Nem te disse isto como fito de te inculpar ou aborrecer. Bastamos cuidados do casamento, que sempre põem um homem. mais tua habitação na Bahia, a quantas instâncias tiveste que lutar. Mas, dize-me, como vai a irmã de minha afilhada?

— Manda-vos recomendações e à encantadora viscondessa e aos mimos dos filhos, que louva sempre.

— D. Maria Dorotéia é uma jovem muito especial, não achas, senhor desembargador, para que a façamos esperar mais por este enlace?

— Eu não diria de outro modo, mas a espera é tanto pior para mim Excelência, que a temo perder.

— E por que a perderias? - perguntou ele olhando-me de frente.

— Há tantos que cobiçam minha ventura, que não estremeceriam de inventar as abjetas inverdades como fito de tomá-la de mim - falei.

— Isto é sempre certo. Mas a inveja é um gáudio ao mérito, senhor doutor Gonzaga, Não pensas assim? Que aqueles que te invejam são os mesmos que te elogiam por este modo a não saberem outro?

— Acredito que a filosofia do senhor Visconde ultrapassa qualquer consideração. Há castigos que são glórias e elogios que são ofensas, dependendo de quem os dá.

O ajudante de ordens, o "cabeça de escova", apelido que Tiradentes lhe dera, pelos cabelos cortados curtos, estava a ouvir atrás da porta. Eu o percebi e também o Visconde, que, fazendo-se desentendido quanto ao que eu dissera, voltou-se para ele:

— Estavas aí, senhor Antônio Xavier? Faz-me um favor. Avisa a senhora viscondessa que o senhor desembargador Gonzaga nos visita, e que espero retê-lo para o almoço.

Enquanto despachava o subalterno, encaminhou-me à sua própria escrivaninha, para que eu, de próprio punho, escrevesse o requerimento para Sua Real Majestade.

— Sempre me permites datá-lo para abril? - pediu-me com humildade fingida.

— Mas por quê? Não vejo razões. - objetei - Já me fiz tardio, segundo o mesmo parecer de V. Excelência.

— Para que a rainha não incrimine seu mais ínfimo servo, que sou eu, por não enviá-la antes. Faz-me este consentimento, senhor doutor, pela amizade que nos une.

Aquela lembrança me acudia agora com a visita do alferes altas horas. Eu não podia ser visto a dialogar com aquele homem Não podia, inda mais que devia estar sendo vigiado. Poderia confiar na amizade do antigo colega de Faculdade, a quem cantara o nascimento do filho nas festas, quando juiz em Beja? Nobres e fardas, duas coisas que não me cheiravam bem de modo algum.

Daí a instantes, nliá Tônica veio me dizer que o alferes se fora. Aguardei uns instantes e saí, indo bater aos fundos, na casa do doutor Cláudio, que me era praticamente vizinho. Recebeu-me o amigo sonolento.

— A estas horas, Dr. Tomás? Temos alguma novidade?

— Sim Procurou-me a instâncias o alferes Xavier, há pouco. Mandeio embora. É um estouvado. Está a perder-me aos olhos de todos com suas falas.

O doutor Cláudio passou a mão pelos cabelos e bocejou.

— Vamos entrar. - convidou - É melhor.

Entramos pelos fundos mesmo e, enquanto eu me acomodava perto da janela, veio-lhe um escravo anunciar que o alferes o procurava.

— Faça-o entrar. - disse ao seu bom negro - E depressa, para que não o vejam Entrou o alferes e, ao ver-me, cuidou que não lhe mentira minha boa negra.

— Boas noites, doutores. Melhor que os veja juntos para dar ciência que tudo se apronta para o levante. O Rio espera por nós, mas estou aflito, porque não pude me avistar com o senhor Maciel, quando passei pelo sítio da Cachoeira, e lá encontrei o "cabeça de escova" mais o Rabelo a serviço de S. Excelência. Também em Mato Grosso e Goiás contamos com gente.

— Estás a nos expor demais a todo o povo e não contas que o senhor Governador tem escutas, em cada bodega mais estalagem da estrada? - falei, perdendo a calma.

— Mas o senhor mesmo não disse que não contasse fazer-se a revolução sem mortes? Está com medo, Dr. Tomás?

Antes que eu pudesse pôr-lhe as mãos, o que por certo seria uma temeridade, sendo ele mais musculoso e avantajado que eu, apartou-nos o bom amigo:

— Quem é amigo da prudência não deita a cabeça fora, alferes. Vê bem, que há muito tempo o senhor tem-se feito língua de um levante, mas ninguém te deu crédito nas meadas que contava compor. Bem, agora é diferente. Não estás mais sozinho. Fazes parte de uma Loja Maçônica, como sempre quiseste, não é mesmo? E quererás perder todos nós ou o doutor Gonzaga, em teu lugar? Tua cabeça pode não importar a ninguém, mas a dele a querem de há muito.

— Mas, Dr. Cláudio, por minha vida! - esbravejou o Tiradentes com seu vozeirão. - Nunca falei senão em meu nome e não me atrevi a falar do doutor Gonzaga ou de quem quer que fosse!

— E não estiveste a dizer que a maior cabeça estava no levante?

— E por que pensariam que seria o doutor Gonzaga? Sempre poderia ser qualquer outra.

— Qual, por exemplo, senhor Xavier? - perguntou Cláudio Manoel, enquanto eu, indignado, fazia-lhe um gesto que bem podia dizer "não adianta".

— O senhor capitão general, o Governador. - respondeu ele.

— É mesmo um louco. Não há mais o que dizer! - falei - Claro que jamais pensariam em tal!

— Isto posto que não! - estava a pensar o doutor Cláudio - Sempre é esta uma boa ideia, alferes. Continua as tuas falas que, a pensar que o governador tudo sabe, ninguém se atreverá.

— Ou ninguém temerá falar-lhe abertamente disto. - ponderei.

— Isto também pode ser uma faca de dois gumes. - objetou meu amigo - Melhor calar até o levante.

— E como posso, calado, fazer adeptos? - perguntou o Tiradentes. - Se ninguém me dá valor, tanto melhor, posso falar como queira. E depois, Deus o quer, não há que nada se pôr contra.

Contra aquele argumento não haveria mais o que obstar. Ele sempre o faria. Foi-se contente, achando que nada poderia impedir-nos, mas eu estava cheio de medos. Doutor Cláudio, ao vê-lo sair, falou:

— Sempre me deu uma boa ideia, o Tiradentes. Se for chamado algum dia às falas, sempre direi que o cabeça é aquele mesmo que me quer pôr a perder. Não achas boa ideia?

— Nem quero pensar em prisão, embora sempre o faça. Espero, em tal caso, que nada se possa provar e que isto baste.

Enquanto isto, Dijanira soubera que eu já fora pedir consentimento do governador para minhas bodas. Um rancor maior lhe acendeu no peito. Vendo-a, calada embora, naquele seu jeito dissimulado, tinha-a procurado o português, com o fim de usá-la em seu próprio proveito, o João Rodrigues de Macedo:

— Há ainda um considerando, Dijanira. Ouvi dizer que o doutor Gonzaga, após casar-se, conta levar consigo a menina Dalva. Nem é outro seu propósito, que está a falar de cuidados com duas ovelhinhas, que mais ama que todas, e não há de ser senão sua menina, mais o pequeno Antônio que se ficou em casa de parentes de sua mãe. Sabes que estes doutores têm escravos fiéis, que não estremeceriam de obedecer suas ordens. E o que poderias fazer? Além do mais, não partiria deixando o sangue do seu sangue abandonado nas Minas. Mas, se me ajudas, faço-te ficar longe daqui, até que ele parta, e dou-te com que vivas sossegada.

Minha antiga serva não mais relutou. Se não bastassem os ciúmes doentios que sentia, ainda tinha a assediá-la entidades perniciosas, que viam nela um instrumento pronto para uso contra mim. Desta forma, também usando a artimanha do português contratante, fizeram-lhe o visco maior nos cuidados com a menina, que era agora toda sua razão de viver.

— Ele me paga! - pensava ela, cheia de pensamentos descontrolados - Hei de fazê-lo carpir a dor da separação de quem mais quer. Há de ver como as dores de amor são fundas! - E voltando-se para o homem que a observava:

— Esteja V. Mercê certo de que tudo farei para ajudar. Quando devo falar ao senhor Governador?

— Podes ir agora mesmo, pois tenho uma carruagem aprestada para isto. O negro te leva e cuida que não te vejam. Não confio mandar o Vieira, pois, ainda ontem ouvi-lhe a discutir com o alferes Xavier e ameaçava até fincar-lhe nas costas o aço frio, sobre umas coisas que queria falar-me e que não há de ser senão a respeito do levante, que só se ouve dizer em toda a Capitania. Se não chegam a um acordo para pôr-me dentro dele, é que não contam ajudar-me. Temo por minha vida e também pela tua. Quem não nos garante que, em caso de luta não te degolem, para que o desembargador possa assim, sem ouvir quem te defenda, tomar à guarda de si a pobre criança? Talvez até que a ponha sob sua proteção, aos cuidados da noivinha, que parece uma sonsa, pois não vê quantos amores tem seu noivo.

Nem careceria Dijanira de mais falas para que se aprestasse.

Na verdade, o Tiradentes tinha ido na véspera a convidar o contratante para o levante, mas o Vicente Vieira da Motta, depois de sondar o espírito

do português, chegara à conclusão de que não seria bom tê-lo ao lado. Não era aquele mesmo quem lhe cobrava cada chocolate, cada perna de galinha que comia? Não era avaro e cheio de sutilezas? Não! O caixa achara por bem deixá-lo de lado, para não se comprometer, já que sabia da intenção do contratante de fazer negócios com o novo governador. Isto decidido entre nós, em minha casa, e logo o alferes a pôr-se a campo. Conversávamos dois a portas fechadas, sob pretexto de que o alferes estava a pôr-lhe um dente postiço de osso, mas o caixa acabara por perder a paciência e as vozes se alteraram

— Pois hei de falar-lhe. - dissera o alferes Tiradentes.

— Se saíres daqui com este intento, como outras são as ideias de todos, hei de ter-te por infiel, e, não duvides, cravo-te às costas o punhal! - ameaçara o caixa.

Vendo-o decidido, o alferes resolveu-se a não seguir adiante, mas saiu-se com esta:

— Os mineiros estão covardes como moças. Entre falar e fazer há que ter coragem. Muito bem, os poetas resolveram que não. Pois seja!

E saiu sem voltar-se. Se olhasse pelo corredor, haveria de ver o vulto do português a se esgueirar. Estivera a ouvir da porta!

Ficou a pensar que talvez o seu caixa tivesse, no dia do levante, o encargo de lhe pôr às costas um punhal! Nunca o supusera tão disposto, mas ao ouvi-lo há pouco tinha receios.

Quando o Tiradentes me procurara, era para falar do Vicente Vieira. Depois fora ao doutor Cláudio com a mesma intenção, mas devido a nossa discussão, acabou por dissuadir-se disto, e se foi, sem haver nos contado o que se passara. Dias depois, nós ficamos sabendo do ocorrido pela própria boca do Vicente Vieira.

Enquanto isto, sem ser vista, à noite, Dijanira saía em direção à Cachoeira. Em lá chegando altas horas, com uma carta do contratante para o senhor Governador, dizendo que "era de bom juízo ouvisse o que esta mulher de condição inferior, tendo sido escrava e amante do senhor desembargador, antigo Ouvidor de Vila Rica, tem de vos narrar, para sossego e saúde de vossa augusta pessoa e de vossa família, etc...", fê-la entrar em seu gabinete.

Fazendo-se gentil e amável, depois de esperar que ela pusesse seus pensamentos em ordem, disse:

— Podes falar, minha filha. E não te arreceies, porque nada do que me dirás ficará sabendo alguém. Não há testemunhas, não escreverei nem assentarei do que me digas, pois sei quanto pode temer uma mulher tão sofrida quanto a senhora.

Ser tratada de senhora, era o que ela mais desejava. O senhor capitão general sentou-se à sua frente, à espera do que ela viera lá fazer e reticenciosa, mas decidida, coma voz quase sumida, ela principiou:

— Não sei se o que vim falar a V Excelência tem valia, pois já se passaram dois anos quando se deu, mas como me pediu meu protetor, o senhor Rodrigues de Macedo, a quem tenho devido tanta coisa, não posso deixar de falar, esperando que o senhor, que conhece mais das coisas, possa tirar para vós proveito disto.

Dijanira parou por um momento e o silêncio do senhor Governador obrigou-a a continuar, enquanto ao seu lado, o espírito de minha mãe instava para que parasse, enquanto era tempo. Um ligeiro mal-estar seguido por tontura obliterou seu pensamento, mas foi só um instante. Fugindo às insinuações amorosas de minha mãe, que procurava envolvê-la há dias em outras disposições, a serva continuou:

— Há bem dois anos, numa tarde, na casa do doutor Tomás Antônio Gonzaga, vieram passar horas o doutor Alvarenga, seu primo, que mora pelos lados do Paraopeba, em São João dei Rei, o coronel Domingos Abreu Vieira, um português que mora em frente à casa do senhor Macedo, e que é já bem passado nos anos, o cônego Vieira, se bem me lembro, que se fora de São José dei Rei para Mariana, como secretário do Cabido. Falavam de nomes estrangeiros estranhos, que não sou capaz de repetir e de umas outras Américas que ao norte estavam libertas. Estando o doutor Tomás sozinho com seus livros e escritos na sala pequena, em cima, os outros conversavam quando o senhor Alvarenga foi procurá-lo. Não pude ouvir toda a conversa, conquanto ficasse a fingir que estava a limpar objetos na prateleira da sala. Mas, entre outras coisas, ouvi o senhor Alvarenga dizer que o povo pensava em levantar-se contra o que era o governador, o senhor Cunha de Menezes, pois era um homem de quem não se fiavam. Perguntou meu senhor quem

seria o principal então, e o seu primo disse que esperavam que ele fosse. O doutor Tomás não quis saber do assunto, mas, mesmo assim o outro insistiu, falando de gente importante a contar, com o comandante dos dragões, o senhor Freire de Andrade e um tal de Tiradentes, de quem meu senhor não quis ouvir dizer. Depois disto, pareceu perceber que eu ouvia, pois me chamou e mandou-me tratar do almoço, me parece.

— Mas, por que julga o senhor Macedo que tais projetos de tantos anos são importantes? Não eram apenas conjecturas?- perguntou o governador.

— O senhor Macedo manda dizer que sempre acha que o senhor visconde, ao cobrar a dívida que têm os povos de Minas, dará meios a que se levantem todos.

— E por que a senhora se dispôs a falar contra o teu antigo senhor? Não estás alforriada por ele mesmo? É esta a gratidão que lhe tens? - inquiriu o visconde contrariado, pois já lhe bastavam os boatos que ouvira do "cabeça de escova", quando eu lá estivera.

Dijanira abaixou a cabeça, pois aquela atitude vil a punha como ingrata aos olhos de todos.

— Sempre penso. Excelência, que tenho dito que o doutor Tomás nem quis saber de tais projetos, e, por isso, não lhe sou ingrata, procuro apenas servir ao senhor Macedo e a V. Excelência, para que tome cuidado e não arrisque o pescoço.

— Está bem - falou o visconde. - Já me tens dito tudo? Não te esqueceste de nada? Não vieram mais pessoas àquele dia em casa de teu senhor?

— Noutro dia chegou um novo padre, o senhor Toledo, e parece que andou conversando com o Pe. Rolim do Tejuco nas ruas, pelo que eu ouvi, mas nada mais sei. Gostaria de ser mais útil a V. Excelência.

— Tem-me sido muito útil, minha senhora, mas já podes ir. Se souberes dos escravos algo mais que seja do assunto que te trouxe, manda-os. A todos receberei e ninguém será molestado. Palavra minha!

O senhor Governador deu-lhe umas moedas e ela partiu, com a alma opressa e a cabeça pesada. Na última hora ficara com receio de perder-me completamente, tentara livrar-me, falando que eu não estaria disposto à conjura, mas levaria mesmo o senhor capitão general este seu voto à altura?

Não sabia que homem ambicioso era aquele? Não lhe sentira com uma intuição estranha, que ele estaria a tudo disposto para subir aos olhos da soberana Rainha de Portugal, que todos diziam louca? Ela fora longe demais. Dentro do coche, começou a chorar com medo. Se não podia contar comigo, que sempre lhe fora gentil e amava a Dalva, com quem contaria? E, além do mais, talvez fosse melhor que Dalva seguisse mesmo comigo, assim teria uma educação de rico. Mas não. Ela não a queria aos cuidados de sinhá Maria Dorotéia. Era humilhação demais! Era insuportável! Dijanira, entre ideias cheias de contradição, chorava com receio de ter ido longe demais. E se algo me acontecesse? Era bem feito pelo que eu lhe fizera, mas não. Não me desejava mal. Só queria que eu não ficasse com a sinhazinha toda cheia de dengues. Sentia-se tal qual um Judas. E, no entanto, não poderia mais voltar atrás.

Ao seu lado, incentivando-lhe a vaidade ferida, o velho que me perseguia continuava a espicaçar-lhe o orgulho, enquanto minha mãe apreensiva procurava Marília à noite, em sonhos, com que me pudesse pôr à salvo, apelando ainda para os sentimentos cavalheirescos que o Governador pudesse ter.

Em Vila Rica, o alferes, sem ouvir meus cuidados, continuava a convidar a quantos encontrava. Estivera há dias a falar abertamente com o padre que cuidava de uma botica em que eram sócios, o Francisco Ferreira da Cunha, mais um negociante de Serro Frio, de passagem pela cidade, o Manoel Antônio de Moraes. Começava por falar das riquezas da terra, depois entrava a dizer sobre a América do Norte, e por fim, apelava para o argumento de que Deus estava a querer grandes coisas para esta terra. E arrematava: "Se todos fossem do meu parecer...".

Todos sabiam, mas eu esperava que pelo menos aqueles, que não se ligassem a nós, não corressem a contar tais coisas ao senhor governador. Mal sabia eu que muitos já lá tinham ido, com o fim de ganhar algumas moedas, promessas de proteção ou, até mesmo para se vingar de um ou outro que julgavam estar na conjura.

Instado por minha mãe, tentava inutilmente trazer às falas o Tiradentes, pela orientação do Mestre Lisboa:

— É inútil falar com ele. - redarguira o escultor - É um cabeça de mula,

quando cisma com alguma coisa, não arreda pé. Nada lhe saiu certo na vida, mas vê-se que é homem inteligente, e não lhe falta coragem Também é honesto. Não perderá a ninguém, mesmo que lhe façam tratos tais. Também não lhe pegarão em coisa alguma, podes crer, que lhe conheço a manha mais que ninguém, O que está feito, está. Não há como recuar, senhor poeta. A hora se aproxima!

Realmente eu o sentia, nos sonhos, nas poesias com as quais falava a Marília de nossa viagem a Portugal, na saudade de meu pai, nas visões de minha mãe, no perfume constante ao meu lado de Francisca, minha irmã, freira de Santa Clara. Até sua xícara me partira outro dia, caindo inadvertidamente da mão. Cuidei outro aviso funesto, como o vinho na noite de Natal. Cheio de cuidados, bordava, poetava, passeava e esperava nas horas que pareciam dilatar-se mais e mais, quando nos chegou a notícia de que em setembro morrera o herdeiro ao trono de Portugal, vítima de varíola. Vila Rica se preparava para dar a este fato infausto as honras devidas e nós teríamos, assim, mais ensejo a conversar e rever nossos projetos. Uma notificação conclamava os senhores vereadores e fiquei apreensivo. O que pretenderia o visconde?

A suspensão da derrama

É mister que abramos um parêntese para explicarmos, nem que sucintamente, os ânimos dos povos das Minas. Eu já dissera, mas é bom que se evidencie, que não havia lugar no Brasil onde a vida se fizesse mais cara do que então. Para se ter uma ideia, o sal, que nós éramos obrigados a comprar de Portugal, vindo pelo Rio de Janeiro, e que nesta cidade custava oitocentos réis o alqueire, pagava-se, só para entrar nas Minas, a quantia de setecentos e cinquenta réis, ou seja, um acréscimo de noventa e três por cento, acrescido das despesas com perdas e transportes, o que fazia com que fosse vendido a três mil e seiscentos o alqueire. Ora, o sal era indispensável até mesmo para dá-lo ao gado, quando não fosse para o consumo das famílias. O ferro, também imprescindível para os mineradores, no Rio valia o quintal quatro mil e oitocentos ou quanto muito seis mil réis, mas em Minas chegava a quatorze mil réis. As Cortes não o ignoravam e o povo sofrido, necessitado de pás e picaretas com que trabalhar, mais as custas de manter as ferramentas em perfeito estado, via-se desesperado.

Quando a 17 de julho de 1788 o visconde de Barbacena fizera suas primeiras falas, após cinco dias da posse, fora áspero até na sua dissertação. Afirmava, sem rodeios, que se as Minas tinham podido até 1773 pagar à Coroa a quantia pedida, acrescida ainda, só se poderia dizer que não o faziam desde então, dado à invigilância daqueles que eram encarregados pelo cumprimento da lei. Façamos uma explicação sobre o que seria a propalada e já referida derrama.

Desde que as Minas foram descobertas em 1696, estabeleceu-se o regime dos quintos, nos quais se estipulava que todos os metais, depois de fundidos, uma quinta parte iria para o Reino.

A partir de 1701 foram criados registros de fiscalização, nas travessias para Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. A partir de 1713, passou-se a exigir

uma contribuição anual de quatrocentos e cinquenta arrobas de ouro por ano. Ano depois, tal contribuição baixou para vinte e cinco arrobas, e começaram os impostos das mercadorias ao longo do caminho para compensar a diferença.

A partir de 1732 passou-se o regime de "capitação", pagando-se uma cota fixa de 17 gramas de ouro por bateia, ou negro empregado nas minas. Foi então que a desdita do povo aumentou, porque, desse ou não a mina, a cobrança era feita, muita vez com violência por parte dos soldados.

Devido a isto deu-se a decadência das minas, o empobrecimento da população, que agora pagava duplamente, através do imposto e da entrada de mercadorias. Com relação a isto o abade Raynal, (maçom) no seu livro *The Revolution of Imerica by the Abbé Raynal*. Londres, 1781, já havia prognosticado que a América do Sul deveria se levantar e, quer pela sua situação geográfica, quer pela sua situação econômica, a Capitania de Minas Gerais era que estava predisposta para uma sublevação, caso se cobrassem tributos tais que a vexassem.

Todos nós conhecíamos tais livros que pertenciam à minha biblioteca, à do cônego Luís Vieira, que os ia buscar ao comerciante Parreira, que os trazia às ocultas a bordo de navios cujos comandantes eram também "irmãos".

A última derrama fora lançada em 1773, e desde então, havia um decréscimo na arrecadação que era feita na Casa de Fundição, que estava sediada na parte inferior da residência do contratante Rodrigues de Macedo.

A 17 de julho de 1788, o visconde de Barbacena falara abertamente a todos os senhores deputados da Câmara, que se devia deixar de lado a ideia de um empobrecimento das Minas, que impedisse a cobrança dos impostos atrasados, que somavam a quinhentos e trinta e oito arrobas de ouro, a contar de 1773 àquela data, ou seja, três mil, trezentos e cinco contos, quatrocentos e setenta e dois mil réis, valor do tempo.

Os povos deveriam entregar, portanto, a S. Majestade a importância de mais de *oito mil quilos de ouro*, até a chegada do navio que viria para este fim! Imagine-se a indignação geral, e como se comentava, e ainda mais, como disto procurava tirar partido o Tiradentes para aliciar a todos! Como se não bastasse, o visconde lançara-nos a rosto que devia-se à desonestidade

dos principais o atraso do pagamento, e ainda cancelara todos os contratos que haviam sido assinados!

Agora, ao retornar da Cachoeira do Campo, eu o fora encontrar a outro modo afeito. Dissimulado, chamando-me a atenção quanto aos meus projetos, e não via meio de confiar nele. Não eram ainda homens seus de confiança, os mesmos que haviam tomado lugares à custa de suborno nas tropas? Não estava ainda o Sousa Lobo, aquele assassino, no cargo de comandante de Santo Antônio e o Parada e Sousa também como comandante no Tejuco? Não era o Antônio Xavier seu ajudante de ordens? Por que continuava o Rabelo a me perseguir? Não podia ver com bons olhos e sem preocupações as falas do senhor governador comigo, apesar dos protestos do fiscal Beltrão em confiar nele, apesar do carinho que parecia ter à família de minha noiva, desde o casamento de Ana Ricarda, a 26 de novembro e quando do aniversário de minha bela, naquele mesmo mês.

Em janeiro, os militares mais importantes de nosso levante passaram a se reunir na chácara do Cruzeiro, no alto da cidade, ponto estratégico, em almoços aos domingos, como se em tertúlias entre amigos. O Alvarenga depois vinha à casa do senhor Mourão onde eu me hospedava a dar ciência do que se concluía, das manobras que se faziam e nós dois, mais o Pe. Toledo, que andava muito enfermo, e o doutor Cláudio analisávamos tudo, levando ao Mestre Lisboa, ainda acamado, as resoluções, enquanto o Alvarenga fazia o mesmo ao Vicente Vieira.

A derrama esperada para fevereiro não veio e, ao ir a Cachoeira, sempre ficara preocupado, pois, apesar de oferecer para que me avistasse como doutor Maciel, pareceu pôr nisto mais visco que amizade.

O próprio Maciel confidenciara ao cunhado que o visconde parecia diferente, ultimamente, como se desconfiasse, pois, toda a vez que o jovem procurava descobrir jazidas de enxofre, segundo seu e nosso interesse, o visconde o furtava a tais projetos, mandando-o para partes diferentes e com outros motivos.

Além do mais, chamara o Francisco de Paula Freire para ficar no quartel dos dragões de Cachoeira, e isto era sinal de que o queria sob os olhos.

Uma chusma de pensamentos sombrios me povoavam a mente, e os presságios e cuidados de minha noiva só os faziam aumentar.

Além disto, após aquela tarde com o Tiradentes, tornou ele a procurar o doutor Cláudio, numa noite em que eu me achava em sua casa.

— O comandante insiste em que o movimento ecloda no Rio de Janeiro, já que temos a nosso favor as disposições do senhor Marcelino Cleto.

— E o que haviam de decidir a respeito? - perguntou doutor Cláudio.

— Eu e o senhor Alvarenga nos opomos, mais de uma vez porém mesmo assim irei ainda uma vez analisar o movimento do Rio de Janeiro. Conto partir a breves dias, a menos que o senhor governador não me permita.

— Sempre se verá que se não permite é porque desconfia.- falei eu.

— Não acho isto bom para nós. - contrariou doutor Cláudio - Se o comandante está tão indeciso, apesar dos homens que conta ter nas milícias, sem teu entusiasmo não se levantará.

— Sempre achei o comandante um "banana", - falou o alferes sem procurar dissimular sua mágoa - porém acredito que se erguerá quando da derrama. Se tal se der, Antônio, soldado do regimento que nos é fiel, será despachado para o Rio a me avisar. Tornarei com os homens que puder trazer, para nos juntarmos às milícias daqui, porém se tal não se der, até que eu volte, então, não sei mesmo como haveremos de fazer. Doutor Cláudio tinha razão, porque os homens sempre se levantarão quando lhe mexem nos bolsos, que não há senão interesseiros e covardes!

O alferes estava aborrecido e quase lhe ponderei, então, que eu estivera certo quando lhe pedira cautela, mas nem precisei, porque seus olhos como que me pediam desculpas, e eram tão francos e ternos como os de uma criança. Conquistou-me, então, definitivamente, e não mais tive senão pena de que fosse tão arrojado, e uma quase inveja de não ter a mesma fibra e ser mais político em minhas decisões.

Continuou o alferes suas práticas e a dia 10 de março partiu em direção ao Rio de Janeiro, após ter conseguido do visconde de Barbacena uma carta de licença. A caminho, quando tornava cruzou com o senhor Silvério, que vinha à Cachoeira a chamado do senhor visconde.

Achara o Barbacena que era melhor tirar de campo aquele homem destemido, para sondar e armar laço aos outros, que não pareciam feitos da mesma massa. E começou por sondar o Silvério, mandando-o buscar, para

saber de si como haveria de pagar seus vultosos débitos. Da mesma forma, fez ver aos comandantes Maximiliano Leite e Manoel Brandão, bem como ao Freire de Andrade, que andava a encontrar nos seus relatórios, umas diferenças de número da tropa e uns nomes que constavam ser de gente já de há muito desaparecida.

Tantos éramos laços que se apertavam de todos os lados, que achei que nossa conjura se romperia. Era preciso instigar o lançamento da derrama. Em minha nova residência, às vezes após o jantar, vinha-me pedir conselhos o intendente Pires Bandeira. Sem procurar dissimular mais, falei-lhe abertamente que se deveria cobrar a derrama. Instei para que pressionasse o governador e o bom amigo prometeu-me isto. Tivemos, no entanto, que suspender o assunto, quando vejo adentrar em minha casa, com ares de amigo, o senhor José César Caetano Manitti, ouvidor de Sabará, homem violento e venal. Vinha, por certo, sondar-me e aos que frequentavam minha casa.

O que nós não sabíamos era que o senhor governador havia recebido uma carta anônima, a 14 de outubro do ano anterior, em que se falava de mais de quarenta pessoas do rio das Mortes, que estariam tentando um levante. Esta carta abjeta foi que veio a mudar o rumo dos atos do governador, porque era escrita em língua de gente culta, e parecia indicar que seu mandante era homem bem informado, e não um simples pretendente a pôr mãos em bens alheios.

Desde esta data entrou o general a pensar se não seria melhor suspender a derrama e, por todos os modos, estudar onde poderia se pegar nas falas do ministro Martinho de Mello, sem cair em maus olhos às Cortes.

Mas, desconhecendo nós isto, fizemos nossas reuniões, e vistos fomos sendo relacionados um a um quando na casa de Freire de Andrade ou na minha e na do doutor Cláudio, como implicados num levante.

A denúncia de Dijanira não era a única. Padres, militares, concubinas, prostitutas, ex-amásias, escravos, quaisquer que tivessem com algum de nós uma só mágoa, se bem que sem motivo aos nossos olhos, estavam a nos denunciar. Miséria humana a da língua viperina, a da vingança venenosa, a da inveja insidiosa. A carta partira de D. Bernardina Quitéria, que era sabidamente amásia do Silvério e sobrinha do senhor Oliveira Lopes.

Também o José da Silva, por questões de herança de um tio, na qual procurava escandalosamente cobrar de uns sócios e parentes despesas de viagens ao interior, e conquanto as recebesse, passando por cima de minhas determinações e da lei (a instâncias do senhor Cunha de Menezes), estava a mandar cartas anônimas. O fiscal do distrito Luís Beltrão de Gouveia, por ser benquisto do governador, foi enviado por nós para sondar-lhe o ânimo. O desassossego tomara conta de nós, diante da demora no lançamento da cobrança.

Para sondar os ânimos do Rio quanto à possibilidade de se levantar primeiro, caso não houvesse a dita cobrança, o Tiradentes partiu, ainda com as desculpas para seus requerimentos sobre o aproveitamento das águas dos rios Andaraí e Maracanã, e construção de trapiches em Gamboa.

O Vaz de Toledo havia falado ao Silvério na casa do Resende Costa pai, e também o Oliveira Lopes havia influenciado o Inácio Pamplona, que estava endividado, mesmo dando provisão para as tropas, o que era cobiçado por muitos. O doutor Cláudio, procurando sopitar no coração os cuidados que tinha, esteve a desenhar um escudo de armas com os mesmos dísticos da bandeira proposta por Tiradentes, encimado por um barrete frígio, símbolo maçônico, pelo mesmo triângulo, lanças e folhas de acácia, o prumo e o compasso. O triângulo representava a razão e a sabedoria.

Neste tempo, quase estando março ao meio, foi a Câmara conclamada a reunir-se, para deliberar sobre as lamentações que seriam levadas a público pela morte de D. José II, herdeiro do trono, morto em setembro de 1789, de varíola, mas cuja notícia só nos chegara cinco meses depois. Todos convocados, além de se tratar das chorosas lamentações e luto, que se fariam por todas as vilas daquela Capitania, leu-nos, para surpresa de todos e alívio de muitos pusilânimes, um edital do governador, em que, por sua própria decisão, depois de estudar a situação da Capitania, resolvia-se ele que se *suspendesse a derrama por tempo indeterminado*.

O golpe que senti quando de sua enunciação, no dia 14 de março de 1789, fora mortal. Senti já o laço do baraço ao pescoço. Rapidamente intentamos nos articular, porque não esperávamos por aquela decisão. Os militares em casa do senhor Freire de Andrade, no Cruzeiro, estavam desalentados. O comandante se acovardou, sem ter o Tiradentes para

chamá-lo às falas. Nem o Alvarenga, que sempre falava que deveriam se erguer, de qualquer forma, sem a derrama ou com ela, porque previa prisões e era melhor arrasar até as terras com fogo, se preciso se retirar, foi levado em consideração. Cada um decidiu-se que, após as missas ao príncipe morto, se retirariam para suas fazendas à espera de mais notícias das resoluções do governador e, se alguém fosse preso, então os outros se ergueriam tendo ficado decidido que o alfaiate Victoriano Veloso, por sua coragem e, conquanto alferes, seria o emissário de novas nas diferentes regiões, dando o recado por palavra sua, para que não pudessem nos pegar em nenhum documento.

À tarde daquele dia, em casa de Cláudio Manoel, apareceu-nos o Rolim entrando sem ser avisado, colérico, a falar sem rebuços. Não era possível mais recuar, segundo ele. Era certo que o governador sabia de tudo. Se não nos íamos a erguer, então, por que não convidar abertamente o capitão general para o levante? Por que não o instar a fazer a derrama e ser o primeiro mandatário da nação?

Discutimos acaloradamente até altas horas, e chegou-se até a falar em pedir clemência ao governador, dizendo abertamente de nossas resoluções, apelando para sua fidalguia e para seus sentimentos cristãos e clemência.

— Impossível isto. - falou Alvarenga, arrebatado - Queria que os homens tivessem metade da coragem de dona Bárbara Heliodora. Se torno para casa a dizer-lhe que nos entregamos suplicando perdão, põe-me a correr, como fizeram as mulheres paulistas a seus maridos, quando tornavam derrotados pelos portugueses a suas casas de São Paulo! Não duvidem senhores, precisamos nos erguer.

Enquanto discutíamos que partido tomar, se negar, se nos entregarmos, se intentar levar o general a nosso movimento, ao lado da Câmara da Cadeia, na noite envolta por neblina, Silvério era procurado pelo "cabeça de escova" e Rabelo. Insistiam os dois que o governador tudo sabia e dava ao militar uma última oportunidade. Que sabia que ele participava do levante, pois que fora visto entrar em dezembro na casa do Freire de Andrade e que logo se expediriam prisões, mas sempre o governador lhe prometia sigilo e perdão de suas dívidas, se contasse com sua palavra e denúncia para prender os culpados. Prometia o governador ser clemente com os insidiosos

e generoso com quem os apontasse e, neste caso, era de grande valor a palavra de um português influente e de tal cargo como o Silvério.

Silvério só entrara no levante para se livrar das dívidas. Bem, a derrama não seria lançada, de qualquer forma. E com isto tirava-se a força ao movimento. Se o governador sabia de tudo, por que precisava de sua denúncia? A cobrança aos seus muitos débitos se fariam, para sua desgraça, porque era dívida de contrato e não do quinto, e não havia como fugir disto.

— O senhor Macedo já tem se oferecido ao senhor Governador, para dizer quanto sabe, desde que seu nome não apareça, pois teme represálias. Este é um último recurso de V Excelência de pôr-te também a salvo de tuas dívidas, pois o senhor governador promete pedir isto até à Real Senhora, para que te perdoe, pelo serviço que prestarás na denúncia. Ou isto, ou te prepares que serás preso, como um dos revoltosos, ou, de qualquer forma, como devedor da Coroa.

Ficara o Silvério de ir no dia seguinte a Cachoeira, conversar com o governador.

Sem saber disto continuávamos a confiar nele, menos eu e o Toledo, cujas dúvidas aumentavam, e que esteve, em razão disto, acamado em casa de sua mãe, vindo a rezar as missas do príncipe em tal estado de ânimo que mais parecia parente do morto.

— Achas que ainda se pode levantar o ânimo dos povos?- perguntou-me ele.

— A razão para isto e a ocasião perdeu-se. - falei em me referindo ao levantamento da derrama.

Afinal decidiram que eu, por ser mais amigo do Barbacena, fosse a lhe sondar o ânimo e agisse pela melhor forma, ou o convidando, ou me pondo como revoltoso, para pedir clemência, e com desculpas de saber que partido tomaria do meu pedido de casamento, e se podia contar com sua aprovação, caso a Rainha o exigisse, e lá me fui, cheio de pressentimentos e tristezas, a caminho da Cachoeira.

Como ficara combinado entre o Rabelo, o Antônio Xavier e o Silvério, este esteve na Cachoeira no dia 15 de março, a fazer uma denúncia verbal, e comprometeu-me aos olhos do governador, ao lembrar das humilhações sofridas quando da leitura das Cartas Chilenas. Contou, inclusive, que eu

dissera: "cabeça fora, cabeça fora", com relação a ele.

Por isto, pode-se bem imaginar com que ânimo o governador me recebeu quando tornei ao sítio para falar com ele.

Não segui prontamente para Cachoeira do Campo. Antes o tivesse feito e talvez me acautelasse, pois lá encontraria o Silvério. Muito se tem falado dele, e é bem verdade que, pelo seu caráter, pela cobiça e ambição, tornou-se tão malquisto nos povos do Brasil, quanto a figura sinistra de Judas. Para mal dos nossos males, uma cena semelhante se articulava às portas das festas da semana santa em toda a região.

Para quem não esteja afeito ao assunto, digamos que o tenente coronel Silvério dos Reis era jovem de trinta e poucos anos, português nascido em Leiria, filho do capitão João Antônio dos Reis Montenegro e D. Teresa Jerônima Vidal Figueiredo. Era parente da família de Domingos Vidal Barbosa, e chegara ao Brasil mais ou menos em 1776. Começara negociando entre Rio de Janeiro e Minas, donde lhe vieram muitas arrobas de ouro, com que fora comprando fazendas da Borda do Campo. Por ironia do destino esta região é hoje a Colônia dos Alienados, na atual estação do Sanatório, da Estrada de Ferro Central do Brasil (atual RFFSA).

Seu irmão era seu sócio e chamava-se João Damasceno, mas era apelidado João das Maçadas, por ser sempre muito enrolado ao se explicar, já que seus negócios só tinham o fito de enganar os outros a seu proveito. Eram ambos malquistos, pois duros de coração, untuosos nas maneiras, exagerados no luxo dos trajes, dissimulados, exercendo a agiotagem entre os pobres, a lhes tirar o pouco que tinham. Além disto gostava de se fazer, aos olhos das damas, de inteligente e músico e estava quase sempre a tocar um psaltério, que era semelhante a uma citara, de madeira e triangular, com treze cordas de ferro, e no qual se acompanhava nas cantorias de Portugal, que eram muito de seu agrado.

Era orgulhoso e arrogante, mas de uma humildade fingida e vassala diante dos nobres ou homens de postos.

Se eu o tivera encontrado a caminho de Cachoeira, não mais me iludiria, pensando que, apesar da suspensão da derrama, ainda podíamos contar com ele, já que seu regimento de São João dei Rei e São José ia ser desfeito e ficaria sem o cargo nas milícias. Mas, por tal forma me envolveram as

entidades vis que me perseguiam que estive por dois dias indisposto e sem coragem de pôr-me a caminho. Por fim, como sempre me cobrasse isto o Pe. Rolim que me contara havia ordenado a morte a dois de Sabará, que soubera iam a Cachoeira falar dele ao governador, tendo-os emboscado com um seu escravo por nome Gregório, acabei por partir, mas tão sem ânimo para nada, que não sabia mais concatenar direito as ideias.

— Deixa estar. - pensava eu - No momento em que o vir, saberei que partido tomar.

Mas era para mim muita responsabilidade. Falar do levante, era o mesmo que entregar-me e aos demais aos olhos do governador. Instava-me a esperança de que ele, por desconfiar de nosso intento, procurasse tal assunto com que se fazer o principal entre nós. Olhá-lo-ia de frente, olhos nos olhos, e haveria de saber se dissimulava. Sim. Eu o saberia.

Três léguas separavam Vila Rica do palácio da Cachoeira. Março enchia o ar de trinados. Em vista do dia esplêndido, achei que sempre ficaria o tempo necessário a meu discurso. Todos aguardavam meu contato com o governador. Que Deus me ajudasse, pois era para o bem de todos. E se se pudesse contar como governador, então, não haveria mais defecções.

Ao chegar, os cães ladraram insistentemente, o que achei muito mal agouro, porque os animais sabem das coisas, por uma intuição da sua natureza e os vi muito contra mim. Foram afastados pelo ajudante de ordens, de cabeça raspada, que o fazia parecer um bárbaro.

— Que surpresa, Dr. Gonzaga! Vou avisar o capitão general da visita que lhe fazes. Não fiques com receio dos cães. Eles me obedecem Não farão mal a tua pessoa.

Ele parecia divertir-se, como a me chamar de "moça". Mas eu aguentei sua graça, sem sorrir ou retrucar.

Entrou ele a chamar o senhor general, que veio ao meu encontro com o mais amável dos sorrisos, abraçando-me com um carinho exagerado:

— Mas que prazer inesperado, Dr. Gonzaga! - falou-me - Sempre é tempo de se ter uma conversa inteligente nesta casa. Antônio, avisa a senhora viscondessa da chegada do doutor, e vê que nos preparem um chá com bolos. Vamos entrar, pois o sol já está quente e lá dentro ficaremos mais à vontade. Mas, o que traz o senhor desembargador? Serão saudades?

— Sempre é tempo, Excelência, de se congratular um homem de bem, pelo meio que encontra de fazer felizes a quantos dependem de si na Capitania.

O exagerado modo com que me recebia não me agradou de forma alguma. Era melhor se ele estivesse de cenho carregado, se me falasse abertamente quanto ao que se pensava fossem nossas disposições, ou que indiretamente procurasse meios de tocar no assunto, mas não. Estava eufórico demais, untuoso nas maneiras e dissimulado, como um gato, quando, após ter o rato preso entre as patas, fica a brincar com ele, sem se decidir a dar o golpe final. Além do mais, por mais gentil que fosse, não me fitava nos olhos e isto era mal sinal.

— Ora, estás a me louvar? Mas em que tenho sido tão feliz, já que não é outro meu intento?

— Coma suspensão dos impostos o povo se regozija. Tem em V Excelência um pai, um protetor. Fala-se até em se erguer uma estátua em vossa homenagem

— Ora, o senhor exagera meus méritos, senhor desembargador. Qualquer um teria feito o mesmo. Nem é menos verdade que isto vem sendo protelado ano após ano.

— Esta vossa atitude é bem de ver-se com a grandiosidade do vosso coração, e não há porque ser modesto quanto a isto, porque também pelo modo como as coisas iam no ânimo das gentes, tudo se ia de todo mal.

Procurava ver se ele, fispado pelo meu comentário, me pedia explicações, com as quais pudesse sondar-lhe o partido de um levante, mas não. Pareceu espremer apressadamente um argumento, com que fugisse de tal assunto.

— O doutor exagera minha bondade. Sou apenas um vassalo de S. Real Majestade, apenas cumpro as determinações dos ministros e procuro fazer tudo pelo bem de Portugal.

Estava claro para mim, que ele mostrava, por este meio, que seu partido já estava assente, mas eu tentaria ainda mais vezes.

No entanto, o chá foi servido e ele se aproveitou disto para falar das maravilhas da Botânica, das ervas medicinais que havia naquele recanto e por tal forma torceu os assuntos, que me vi prostrado. Por outro lado,

entrara na sala o senhor Francisco Rabelo e isto pareceu agradar o governador, que se escudou na sua presença para dissimular mais ainda, ciente de que, qualquer que fosse o assunto que lá me trouxera, eu o protelaria até estarmos sozinhos. Vendo que ele não se retirava, após horas de conversação sem proveito para mim, tive uma ideia:

— Penso, senhor visconde, que estais me achando impertinente por me demorar tanto no assunto que me trouxe, mas sabeis, assuntos particulares são tão delicados, e como preciso falar-vos das bodas minhas com a senhá Maria Dorotéia, gostaria de, sem ser indelicado, pedir ao ajudante Rabelo que me perdoasse a falta, mas, em todo o caso...

— Claro, claro. - falou o governador- Nem pensei por um momento que a presença do senhor Rabelo ferisse nossa intimidade, ou te incomodasse.

— Mas nem por isso, é que são assuntos de tal natureza e tão particulares, que me constranjo.

— Não precisas te desculpars, Dr. Gonzaga, eu é que tenho sido estúpido, mas o senhor Rabelo é um cavalheiro e entende. Sei que procurará outros afazeres...

Rabelo olhou para o capitão a esperar as ordens que eram claras, e depois sorriu para mim, como se dissesse: "eu te entendo, mas espera".

Saiu-se ele, enquanto o visconde enxugava a testa num lenço de fina cambraia. Era evidente para mim que minha presença o constrangia.

— Bem, senhor desembargador, pensei, me perdoes, que o assunto do teu enlace já ficara resolvido. Para maio, não é mesmo que disseste? Há tempo ainda.

— Sei, Excelência, mas ontem fiquei sabendo que o alferes Xavier foi para o Rio de Janeiro, com licença passada por vossas mãos.

Sempre pensei que em tal oportunidade, que melhor meio de fazer chegar às mãos do vice-rei o meu pedido à Rainha, que o senhor me aconselhou encaminhasse?

— Mas, como pude esquecer-me de aproveitá-lo? - falou ele, erguendo-se - Nem pensei no alferes, Dr. Gonzaga. Perdoa-me.

Tal homem fala com tanto entusiasmo dos seus projetos para o Rio, dos trapiches, dos moinhos, das águas, que me deixou tonto. Não posso me desculpar, no entanto. Foi imperdoável. Estou muito consternado, mas a

notícia da morte do herdeiro mais a responsabilidade de falar às Câmaras me sustiveram a lembrança.

— Nem precisais vos desculpar diante de mim, Excelência, pois, pelos anos que aqui estou, posso bem entender tantos cuidados. Além disto, - prossegui voltando ao assunto que realmente me trouxera ali - sei que V Excelência, quer pela grandeza de vosso coração, quer pelo vosso caráter, dos quais destes grande mostra na suspensão do dito imposto de Capitação, também não me negareis a concessão para o enlace até o mês de maio, em que empenhei minha palavra com minha noiva.

— Mas é claro, meu filho. Se tens receios por isto, acalma-te, que saberei ajudar-te se o consentimento não chegar a tempo. Podes ir preparando todo o necessário.

— Nem é menos verdade que não esperava de V Excelência senão esta palavra, porque todos na Capitania o adoram e o têm como um pai dadivoso, a quem obedecerão em tudo.

— Estás a me fazer maior do que sou, senhor desembargador. O povo, parece, adora mas é a V. Mercê.

— Em tal caso, a ser isto verdade, duas cabeças pensam melhor do que uma, não parece? Gostaria de ser-vos aliado na felicidade de todos.

— Um corpo há de ter sempre uma única cabeça, Dr. Gonzaga, - respondeu ele - e eu só sinto que já te hajas como desembargador na Bahia, sem que eu possa servir-me dos préstimos teus tão valiosos na Ouvidoria.

Tornara a entrar Rabelo, com pretexto de buscar o tricórnio que esquecera sobre uma cadeira. Aproveitando-se disto, o governador, que se furtava de um diálogo comigo, perguntou-lhe:

— Já chegou o senhor Maciel? Diga-lhe que espero pelo relatório que ficou de me dar daquelas encostas ao norte.

Foi-se o ajudante e voltou com a resposta que o senhor Maciel estava a melhor redigi-lo.

Não havia mais como adiar minha estada. Ainda fiquei, no entanto. Queria a todo custo chamá-lo para nós. Por mais falasse dos povos insatisfeitos, de como seria fácil a qualquer um manobrar as tropas, de toda a natureza pródiga de Minas, aproveitando os estudos do doutor Maciel, das águas, das serras como defesas naturais, a todos os meus argumentos fugiu

com maestria. Eu fizera pouco das ardilosas maneiras do visconde. O alferes Xavier estivera certo quando dissera, ao tornar do Rio, que melhor nos seria estar nas mãos do Cunha de Menezes, pois o visconde era um político astuto e dissimulado, difícil de manobrar e bastante discreto, por tal sorte que não se podia aliciá-lo ou combatê-lo frontalmente.

Afinal, se ele não pretendia ouvir-me, se fugia a toda e qualquer investida minha, era impossível chegar-me a ele. Não podia ser-lhe franco. Não me dava ensejo a sondá-lo. Não pretendia minha amizade, nem mesmo que eu fosse sincero.

A tarde já caía. A senhora viscondessa não se dignara descer até a sala para falar-me. Aquele era um sinal mais que evidente que eu não era senão importuno naquela casa. Meu constrangimento não tinha mais limites. Finalmente o doutor Maciel entrou a trazer um relato de suas pesquisas e o assunto esvaziou-se de vez, porque, se eu tentava aproveitar a presença de meu sócio de levante para falar dos povos e das riquezas, o governador falava das plantas e entrava em detalhes sobre os minérios, e a perguntar sobre as utilidades e custos de extração, de como se faziam as fábricas e outros, sem que eu pudesse prosseguir.

Cansado já de minhas infrutíferas investidas, sob o olhar temeroso de Maciel, que fora afastado propositadamente de casa, quando da chegada de Silvério, sem que o tivesse visto há dois dias, e em se falando de como a noite chegaria depressa, fui obrigado a me retirar, para não ser indelicado.

Pediu-me o visconde mais uma vez desculpas, por não ter mandado meu pedido às Cortes, e informou que estava junto com outros requerimentos que despacharia no mês seguinte. O que eu não sabia é que só o dataria para dia 30 de abril, sendo que por uma ironia, seria nesta data rubricado meu pedido pelo desembargador de Portugal e a 7 de maio já pela Rainha, o que seria impossível de se dar, dada a dificuldade de se ir até o Rio e de lá no navio até Portugal. Nunca saberei qual o intuito de me segurar, mas sempre deveria ser a instâncias de meus inimigos espirituais, porque o governador nada lucraria com a demora dos meus esponsais. Portanto, a carta já seguira!

De volta a Vila Rica, cheguei altas horas, como triste encargo de conquistar o capitão general destruído. Como o diria aos demais

companheiros? Como lhes faria ciente de que, apesar do meu discurso, nada podia ter conseguido, nem adesão, nem perdão, nem nada?

Acordado e cansado no meu quarto vi o dia clarear, sem conseguir conciliar o sono.

Na semana seguinte o governador chegava a Vila Rica, acompanhado de sua esposa e dos filhos, para as lamentações programadas, como póstuma homenagem ao príncipe herdeiro, cuja morte vinha trazer à pobre Rainha de Portugal mais e mais tormentos.

Tivera ela cinco filhos e amava seu consorte. Perdera o esposo e a morte de D. José II, herdeiro do trono, era a quarta perda entre seus filhos, só lhe ficando D. João. Portugal rolava para um abismo infernal, em que sua soberana era alvo de entidades perversas, que se deliciavam com seu sofrimento moral. Pobre e triste rainha, que estaria para sempre ligada à nossa lembrança!

Aproveitando a presença de todos, cuja falta seria considerada ofensa grave, nos víamos ou em casa de Cláudio, ou de Domingos Vieira, onde estava o Pe. Rolim, ou mesmo, em não nos sentindo observados, na casa do João Rodrigues de Macedo, nas partidas de gamão.

Fiz a todos cientes de quanto conversara com o governador. Se meu desânimo era patente, não o foi menor o dos companheiros. Desejavam todos que o alferes não houvesse partido, mas ele já deveria estar a meio do caminho, pregando pelas estalagens dos amigos que contávamos.

— E, em caso de prisão, como nos defenderemos? - perguntara o Vicente Vieira, trêmulo, pois andara a ouvir cochichos entre os escravos da casa.

— Já não temos combinado negar tudo? Se confessamos, deveremos dar aos bois os nomes, não é mesmo? -falara ao Alvarenga.

— Mas sou, por qualquer modo, a favor de um levante, e quanto antes melhor!

— Impossível, Alvarenga. O Francisco de Paula Freire está no comando da Cachoeira e parece que o governador vai despachar o Sousa Lobo e o Parada e Sousa, e colocar no lugar dos dois, o Maximiliano Leite e o Manoel Brandão. Como poderemos manejar os homens no Serro Frio? Já pensaste? Em tal posto hão de se sentir como grão-turcos da serra e não

atenderão ao levante.

— É preciso não esperar mais. Usemos as forças que dispomos, levantemos o povo!

— Como levantar o povo, agora que estão festejando a suspensão da derrama? - perguntei. - Impossível!

À aproximação do dono da casa, mudamos o assunto, deixando outras considerações para mais tarde.

Enquanto isto, contando como Silvério, colocou-o entre nós o visconde, para que nos espionasse em tudo. Queria saber como agir em caso de prosseguirmos, ainda mesmo sem o auxílio da derrama ou do alferes Xavier, homem que ele temia.

O domingo de Ramos se aproximava, e com ele as grandes festas da Semana Santa. O senhor Baltasar João viria, como era seu costume e voto antigo, da fazenda do Fundão das Goiabas para a Casa Grande da cidade. Mestre Lisboa se restabelecia a olhos vistos da febre que o acometera e abatera, e recomeçava a trabalhar na estátua que eu lhe encomendara. A graça do gesto parecia vivificar a obra. Marília séria, angelical, como que abençoando, imaculada e pura!

— Creio que não a levarei mais. - falara ao Mestre - Se algo nos acontece, quero deixar já paga tua obra, e que a entregues ao capitão, como lembrança que eu ia deixar, quando lhe levasse a filha. Nem precisaria dela para mostrar a todos sua beleza singular.

— Que pessimismo é este, poeta? Acreditas que acabarão por não cobrar o ouro? Acaso o governador manda? Quando a rainha descobrir que estão a impedir que mais ouro lá vá, ordenará pela cobrança. Cedo ou tarde os povos se erguerão, que há limite para tudo. Deixa-te de pessimismo. Só creio que tens razão em uma coisa: o clima não é favorável para o levante e as milícias são covardes! Mas é melhor que te apresses, porque logo mais é hora da procissão do Encontro e prometeste à dona Marília que seguirias com ela. Além disto, indo o senhor governador em casa do Capitão João Mayrink, sempre podes tentar trazê-lo mais uma vez ao nosso modo.

— Tentarei é fazê-lo querer ser piedoso, em todo o caso. Nem é este meu intento, que julgo me humilha mais que tudo. Pedir clemência! E, no entanto, acho que só isto nos resta. Já sinto as algemas nos pulsos, Mestre.

Estremeço de pensar na prisão, minha e de tantos, quando podíamos ter tudo, livrar esta terra, ajudar seu povo!

— Talvez ainda possamos. Tentemos. Não se pode esquecer que se o governador desconfia, por que deixou que o alferes fosse ao Rio? E por que não dá ordem para prisões de uma vez? Sabe de alguma coisa? Então, por que espera?

— Não sei. Gostaria de poder ler-lhe os pensamentos, mas tenho sido tantas vezes obrigado a reconhecer a maldade das criaturas nos meus tratos de leis, que acho o homem vil, invejoso, perverso e falso.

— Pois, então, esquece os homens e vai ver tua noiva, senhor doutor, que não se faz uma dama como aquela esperar. Isto é crime!

Ri-me dos seus modos, da sua maneira carinhosa e bem humorada, depois de tanto sofrimento, que não parecia findar, senão diminuir, para depois atacar com mais violência ainda, e, despedindo-me dele, descí a rua indo para a casa de Marília. Esperava-me o bom amigo e o tio João Carlos da Silva Ferrão. Afinal, no mês seguinte, eu seria parte da família e iria levar para longe de todos uma das mais queridas filhas, a Téia, a doce Téia, como a chamávamos caçulas. Veio a me receber com um sorriso triste, fitas nos cabelos e levou-me pela mão à sala, onde me mostrou os arranjos de flores e alguns bordados que andara compondo para o enxoval.

— Estou até com vergonha de mostrar-te o vestido. - falei- Nem sei como me atrevi.

— Não te creio, mas mesmo assim és gentil. - falou-me ela - Dr. Tomás, por que demoraste tanto? Sabes como esperava ansiosa pela procissão do Encontro, neste domingo último. Sentirei tantas saudades das festas de Vila Rica. Acho que em nenhuma outra parte do mundo encontrarei, como aqui, tanta religiosidade, tanta beleza, tanta felicidade, como é esta de te amar e te esperar todos os dias, como coração em sobressaltos.

— Mas, achas que a perderemos? Falarei com teu pai. Vamos na carruagem até a Igreja devagar, e a acompanharemos, rezando para que Jesus faça a nossa vida um eterno dia de Graças e de Ramos, e nada de Encontros funestos.

Estava eu a dizer que só naquela Vila Rica é que se fazia a procissão do Encontro, dolorosa por demais, no dia de domingo de Ramos. Todas as

outras vilas a faziam na terça ou até quarta-feira, mas ali não. O Encontro era celebrado no mesmo dia das festividades da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém

Falei com meu futuro sogro e cedeu-nos a carruagem. Iria no coche, com sua nova esposa. Repartiram entre si as moças e, logo após sairmos, chegava Ana com seu esposo, o tenente Valeriano.

— Olha lá, Dr. Tomás, o cônego Toledo, com sua batina de botões vermelhos. Acho linda a roupa da Irmandade de S. Francisco de Assis, dos Carmelitas e dos Mercedários. Os balandraus ricos, as varas de prata, as bandeiras. Olha! Na Igreja Antônio Dias já estão se aprontando com as bandeiras vermelhas e brancas. Sabes quem serão este ano as três Marias Beúas?

— Aquelas que choram durante o acompanhamento, quando canta a Verônica? - perguntei, achando-lhe o entusiasmo como de criança em dia de festa.

— Sim, sim Elas mesmas. Serão três amigas da infância e nem adivinhas? Uma é Francisca. Quero vê-la, com o véu no rosto, a chorar, enquanto os homens levam ao ombro o senhor com a cruz.

Vamos, depressa. - falou para o boleeiro. - Eu bem disse, a Francisca, com aqueles cabelos bonitos que tem, podia até parecer a Maria Madalena.

— E o que ela achou disto?

— Pelo amor de Deus, que não queria, porque ela era pecadora. Fosse ou não, a verdade é que Nosso Senhor apareceu a ela primeiro, e, por isto, deu provas de que a amava. Não é terno? Pecadora ou não, sempre acho que seria bom ser a Maria Madalena.

— E por que não quiseste ser então? Achas que eu não permitiria? - perguntei.

— Sei que me haverias de não negar, - respondeu - mas eu não quis, embora me tivessem convidado.

— E por que não? Não te agradaria?

— Porque... bem., porque não suporto ver o sofrimento dele. - falara-me ela - Porque choro sem parar quando vejo sua mãe no Encontro. Tome as palmas e cuida para que não percamos o alecrim. Como cheira e é forte. Vamos.

Havíamos chegado e compacta multidão se apressava para acompanhar a solenidade. Homens de um lado, mulheres do outro, antes que nos separassem perguntei:

— E virá o governador para o jantar?

Marília olhou-me e seus olhos denunciavam preocupação:

— Sim virá com a senhora viscondessa e os meninos. Cuidado, querido, não te indisponhas com ele. Precisamos de seu apoio.

Separamo-nos, andando paralelamente de cada lado da rua. A beleza do momento que se celebrava emocionou-me, gravando-se para sempre no meu espírito.

À frente vinha a Irmandade da Construção, que iniciara a obra da Igreja do Pilar. Outra procissão, a de Nossa Senhora, vinha em frente ao palácio do governador, para o encontro com N. S. Jesus, carregando a cruz. Sua dolorosa *Via Crucis* era representada pela imagem carregada por homens fortes, e uma jovem de voz impressionante cantava em latim os versos célebres: "Oh, vos omnes qui transitis per viam attendite et videte, si es dolor similis sicut dolor meus". Desenrolava devagar um pergaminho onde se via desenhado o rosto do Senhor martirizado.

Não podia deixar de me emocionar e pensar em que também podíamos ser levados ao sacrifício por todo aquele povo, sem que nenhuma mão se erguesse para nos defender, e apenas o pranto de mulheres e as asas das inocentes crianças seriam nossas mudas testemunhas.

Quando se deu o encontro, percebi que Marília saía para o calçamento inesperadamente, enquanto Francisca representava seu papel, chorando com sinceridade impressionante. Pensava ela, naquele instante, em que a apartariam talvez do seu amado, o doutor Domingos Vidal Barbosa, por quem estava enamorada. Por minha vez, retirei-me atrás dela, enquanto a procissão prosseguia. A multidão ia parando nas capelas dos Passos. Na sexta, a ceia fora representada em frente à Igreja do Pilar, onde o bispo, representando o Senhor, lavara os pés de doze meninos escolhidos, a quem se deram cartuchos com amêndoas. Ao longo das capelas a Verônica, com seus longos cabelos caídos e um véu sobre o rosto, subia num banquinho para cantar. Muitas pessoas choravam sem poder vencer a emoção que as oprimia, à vista do sofrimento do Senhor, na lembrança de todos, que

naquela vila tão sofrida vinha bem conforme a fé de tantos. Passei entre as pessoas e divisei na calçada o bom Maurício, escravo de Mestre Lisboa. Talvez que o mandasse para ser seus olhos, a ver a cena que o povo representava, pois sempre me dizia que, o dia em que pudesse, representaria o sofrimento do Senhor e todos seus lances. Que era seu maior desejo e não queria morrer sem o realizar.

Pedindo licença ao povo, que estava distraído e choroso, acompanhando em latim todos os lances duros dos Passos, as duas procissões se juntavam numa só e até as crianças pareciam entender o drama, fazendo-se sérias, fui saindo do meio da multidão à procura de Marília. Encontrei-a logo mais adiante, recostada à parede de um sobrado em pranto convulsivo.

— Querida, não chores. - pedi, amparando-a - Os preparativos do casamento estão a te cobrar muito, não é mesmo? Não vês como sofro vendo-te assim? Que posso fazer? Queres que vamos embora? Busquemos o ribeirão e esqueçamos as tristezas.

Ela colocou a cabeça no meu ombro dando vazão às lágrimas. A rua estava deserta. Dir-se-ia que todo o povo estava a seguir procissão.

— Perdoa-me. - falou, com a voz entrecortada de soluços- Por um instante pensei em nós, em como poderiam nos separar para sempre, nestes boatos que se estão a dizer de boca em boca. Também o sofrimento da Senhora das Dores nunca me comoveu tanto e, ao ver Francisca chorando, senti que chorava mais por si e por nós. Não esperemos mais. Vamos embora de Vila Rica! Sei que tu e teus amigos, bem como meu pai e tio pensavam em erguer-se contra a Coroa. Não me mintas mais. Eu sei de tudo. Adivinho. Tenho pesadelos incríveis. Vamos embora. Casemo-nos longe daqui. Partamos enquanto nos permitem. Fugamos ainda hoje, quando todos estão distraídos, sem que nos notem. Papai não me recriminará. Sei que acabará por entender meu gesto. Esta espera me põe louca! Temo todos os dias que não venhas à Casa Grande. Cada noite sonho que vultos te perseguem, que te apartam de mim, que te cingem com correntes, que te levam para longe. Tomás, querido, tem pena de mim Fugamos! - acabou por pedir, acariciando-me o rosto com as mãos delicadas, que enchi de beijos, emocionado por seu gesto de amor.

— Marília, não fiques assim Sabes quanto preciso de ti para ter coragem

Não posso te atender. Fugir é pôr-te no opróbrio, nas falas das gentes, é o mesmo que demonstrar covardia. Perderia meu posto, minha honra e que te poderia dar em troca? Uma vida em eterna fuga? Não sabes o que pedes. Além disto, nada poderão provar contra mim, nenhum destes parvos. Sabes que não desconheço as leis. Saberei defender-me. Além disto, quem sabe o governador, depois de nos desarmar os intentos, não terá misericórdia? Tenho esperanças. Casar-nos-emos. Iremos para Portugal, onde verás como te amarão os meus parentes. Depois na Bahia, com o mesmo cargo que meu pai veio a ocupar, teremos nosso lar, nossos filhinhos. Foi a Cena da Paixão do Senhor e de sua Santa Mãe que te pôs tão triste. És meiga como uma criança e doce e terna como uma pomba. Vem. Descansemos ao pé da fonte turva. A noite já cai. Anima-te. Tentarei sondar à ceia o governador. Sei que terá pena de nosso amor. Não nos podará o voo nupcial.

Amparando-a ternamente, fomos em direção ao coche. A caminho, pediu Marília a uma aia que avisasse o boleeiro para que tomasse à casa, pois seguiria a pé comigo. Tinha vontade de estreitá-la junto de mim, protegê-la, levá-la para longe. Sussurrei ao seu ouvido:

— Nunca me esquecerei da prova de amor que quase ias me dar, querida. Ninguém nos separará nunca, Marília. Nem mesmo a morte.

Ela silenciou. Tinha medo e, sentados ficamos a nos olhar cheios de ternura, querendo eternizar aqueles instantes.

A noite caíra. Pessoas tornavam da procissão com seus trajes enfeitados pelas cores das diversas Irmandades. Um cheiro forte dos jasmims e dos lírios brancos dos brejos nos envolvia em ternas promessas. Na curva da rua, avistamos a carruagem do governador puxada por seis cavalos, impecavelmente ornados com arreios de prata, acompanhada por sua comitiva de dragões.

— Ei-lo que chega, querido. Temos que ir. - falou Marília, erguendo-se - Não te esqueças. Procuremos hoje saber se podemos contar com ele. Precisamos que se condoa do nosso amor, que te perdoe e aos teus a ideia do levante. Se não podemos aliviar os povos, ao menos que possamos ser felizes longe daqui.

Ergui-me apressado. Nunca me permitiria que uma mulher se erguesse sem que eu a ajudasse. Coloquei o tricórnio à cabeça e seguimos à presença

do visconde, cheios de esperança.

Ajudei a viscondessa a descer, Marília deu a mão aos pequenos e adentramos a casa, onde o cheiro bom dos bolos e quitutes enchia o ar. A mesa já se achava lindamente arranjada e todos pareciam já ter tomado. O pai de minha bela olhou-a apreensivo. Na certa percebera que andara chorando. Procurou falar-lhe a sós. A noite transcorria agradável. Ana estava a pensar em arranjar um filho e andava bela como nunca. Seu carinhoso esposo parecia num céu. Um céu que eu temia não me fosse jamais permitido adentrar. O senhor João Carlos convidou-nos para tomar lugar à mesa. Marília me ficara defronte, ao lado do governador e, ao meu lado a viscondessa. Falava-se sobre a procissão, elogiando a Francisca, que ainda usava os mesmos trajes negros das Marias.

— Representaste divinamente, senhorita. - falara a viscondessa - Não pude deixar que lágrimas me acoressem aos olhos. Nunca vira um espetáculo tão lindo antes, embora Portugal seja tão cristão nas suas festas. Comoveste-me.

— Deve ser porque fiquei a pensar em como os homens são maus, quando julgam um justo. - falou ela. - Não posso nem imaginar o sofrimento que sentiram as Marias e a senhora das Dores, ao ver Jesus condenado pela justiça dos homens.

— E nem é menos verdade que a tal justiça dos homens continua a carecer de bondade. - falei intencionalmente.

O governador ficou a engolir em seco. Era evidente que todos esperavam que falasse alguma coisa. Marília o instigou:

— O que acha V. Excelência? Deve-se culpar a justiça pelo erro milenar contra o Salvador?

— Não creio, senhorita. O senhor desembargador, seu noivo, esquece-se de que o próprio povo já fez seu veredito. Judas é a figura sinistra sobre cujos ombros paira o maior dos crimes.

— Há sempre Judas em todas as partes. - resposteí - Mas, sempre achei que já tinham acertado perder ao Senhor Jesus, antes da defecção do discípulo infiel, não é mesmo? Caifás queria imolá-lo como Cordeiro, mas acho que, de todos os que contribuíram para o martírio, a figura, aos meus olhos, pior de todas foi a de Pôncio Pilatos, que, tendo em suas mãos o

poder de salvar o Senhor, lavou-as displicentemente , aliando-se a criminosos comuns como Barrabás.

Era evidente a indireta e Marília me olhou com súplica. Não fosse eu tão depressa na alocução.

— Na verdade, - aparteu o capitão João Carlos - não sou muito dado ao conhecimento das Escrituras, mas o doutor Gonzaga me mostrou um ângulo interessante. Caifás era um sacerdote envolvido em questões sectárias, Judas tinha interesses de dinheiro, mas Pilatos, quer pela sua posição, quer pela sua cultura, não deveria ser tão indiferente. Poderia ter sido, quanto menos, clemente.

— Ora, o governador da Judéia não poderia agir de outro modo. - falou o visconde. - Não poderia se indispor com César. Havia que manter a ordem, impedir a revolta. Não nos esqueçamos que, tendo ascendência sobre o povo, Jesus era tido como um revolucionário, não lhe conhecia Pilatos qualidades divinas.

— São sempre divinas todas as pessoas que se deixam levar pelo bem - falei por meu lado, como se não fosse importante aquele jogo de palavras. - Nem é menos verdade que, para o povo, é tão execranda a lembrança de Judas, quanto a displicência de Pilatos. Lavar as mãos é um ato que significa sempre deixar de ser bom, não tomar partido, deixando tudo pender para o pior lado.

— Sempre achei - falou Marília - que os grandes têm mais obrigação de usar de misericórdia que os humildes. Quanto maior o cargo que um homem ocupe, maior deve ser seu coração e sua clemência.

— Nem sempre é possível usar de clemência, minha filha.- falou a viscondessa. - Veja o senhor meu marido. Sei que tem um coração generoso, mas o cargo lhe exige sempre sacrifícios de seus sentimentos. Tem que pensar pela cabeça da rainha.

— Sua Real Majestade saberia ajuizar a Paixão do Senhor e estou certa de que também condenaria o governador cruel, pois se diz que é muito piedosa. - argumentou Marília.

— Tanto pior, acredito,- falei eu - é o homem que, podendo usar de clemência e misericórdia, deixa de fazê-lo. Pior é este do que o cego, que não sabe quão grandioso é seu crime, e que, ralado de remorsos, vem a tirar

a própria vida quando o reconhece. Para mim, Pilatos representa todos os homens de duro coração e indiferentes à sorte dos outros!

Eu fora duro e incisivo. O governador olhou-me de frente. Não dissimulava mais o quanto minhas palavras o feriam.

A viscondessa enrubescera e com os olhos exigia do marido uma resposta à altura, mas tia Gertrudes foi quem interrompeu o mal-estar:

— Ainda bem que isto tudo já passou e agora podemos esquecer as tristezas, na presença de S. Excelência, que há de representar entre nós a generosidade dos governantes. Nem é menos verdade isto, posto que seu gesto ao suspender a derrama conquistou-lhe as bênçãos de todo o povo da Capitania, e todos esperamos que sempre os seus gestos sejam tão gentis e cheios de bondade quanto este. Brindemos à felicidade de Ana, e ao próximo enlace de Maria Dorotéia, ainda que isto nos custe apartá-la de nossos olhos.

Todos ergueram a taça e o governador, aproveitando, virou-se para mim

— Ah! Dr. Gonzaga, mandei por um mensageiro teu pedido junto com outros papéis às Cortes. Estou certo que teremos motivos agora para esquecermos as visões tristes da procissão, e nos alegrarmos.

Estaria ele a prometer-me ajuda? Por que era tão difícil analisar os atos daquele homem? E, no entanto, eu quisera ter esperança, a mesma que vi reacender os olhos queridos de Marília, que me sorriu, como se entendesse naquele gesto do visconde uma promessa.

— Meu Deus, meu Deus! - pensei cheio de cuidados. - Não o deixes brincar com tão puros sentimentos! Não o permitas endurecer para nós seu coração. Não sente ele que já nos tem derrotado? Por que não nos deixa partir em paz? Pensa talvez em se vingar, pelo que poderia ter passado, sendo morto e apartado dos seus?

Sim Bem podia ser. Talvez se vingasse agora. Nossas vidas dependiam inteiramente de si, e suas determinações nos diriam breve quanto ao partido que tomaria.

— Ao amor e à misericórdia! - falei, erguendo a taça.

A Viagem de Tiradentes e sua prisão

Se para nós as ligações de Tiradentes com grupos afins, irmãos e companheiros nas cercanias, estradas e vilas do Rio de Janeiro e Bahia eram importantíssimas, não era menos verdade que, com sua partida, o movimento como que se esvaziara. Era preciso avisá-lo da suspensão da derrama, e, tendo assente isto, para que pudesse melhor ajuizar da necessidade de começar o movimento no Rio de Janeiro ou tornar depressa ao nosso convívio, expedimos o Lúcio, a quem andáramos a ensinar e iniciar com instruções de clássicos e outros. No entanto, não contávamos com a rede de militares que já nos espionavam. Lúcio foi detido na estrada, antes de chegar ao Passo Dez, e, embora nada pudessem provar contra ele, reagiu talvez ou, como poderíamos saber, por maldade mesmo, mataram-no.

Quando à noite conversávamos a respeito de uma articulação, sem o Tiradentes, em meu alojamento, veio o irmão Loredó correndo a avisar que o Samuel Lúcio (nome que lhe fora apostado), a quem nomeávamos nos versos por Salúcio, tinha sido encontrado morto, com um golpe na cabeça. Isto tirava qualquer dúvida quanto às disposições do visconde. Não apenas desconfiava, não apenas dissimulava, mas, evidentemente, ligava-se a criminosos como fim de apertar o cerco. Afigura jovem do companheiro morto que fora iniciado há poucos meses, cheio de brios e entusiasmo, quando de sua iniciação como aprendiz, quando fora trazido a nossa presença com os olhos vendados, depois de ficar recolhido na sala da Reflexão, não me saía da mente.

— Não esperemos o alferes! - falara o Alvarenga. - Comecemos o movimento pelo rio das Mortes. Rolim se encarrega de vir do Norte com os homens que puder dispor, arrebanhando grupos a caminho, em Sabará. Eu mesmo irei a Cachoeira render o governador e o mandaremos embora! Chega de tanto sangue! Lá em Cachoeira, tenho certeza que o Francisco de

Paula vendo-nos em pé se sublevará, levando os outros!

— Mas, - objetei - e se formos derrotados? O povo não se aliciará mais, pois a suspensão da cobrança os desmontou.

— Queimaremos as plantações, para que não usem nada. Fugiremos para os matos. Reagiremos! - respondeu Alvarenga.

— E deixaremos aqui tudo o que temos conseguido? - perguntou Cláudio Manoel. - E nossos entes queridos? Como nos seguirão? Serão, na certa, vítimas da crueldade da guerra que instalamos. Não vês, senhor Alvarenga? Vingar-se-ão neles: em nossos filhos, em nossas companheiras. Meu Deus, isto parece um pesadelo. Parecia tudo tão fácil e agora... Não pudeste mesmo tentar, ao menos, chamar o governador para nossa Irmandade? - perguntou-me ele.

— Impossível. É o mesmo que pedir à cobra que pie como rola. - retruquei - Se eu pudesse lhe falar do levante, já seria alguma coisa, mas não me deixa entrar no assunto, não permite que fiquemos a sós, afasta-se de qualquer tentativa. Tinha razão o Tiradentes. Melhor seria se ainda cá tivéssemos o Cunha de Menezes.

— Aquele mandrião jamais faria a derrama também - replicou o Alvarenga. - Só cuidava de encher os bolsos e não era parvo que se metesse a ser mais déspota, sem que isto fosse de móvel a lhe valer.

Fiquei pensando na figura de Joaquim José da Silva Xavier: era quase quatro anos mais moço que eu, viera de família abastada, mas perdera a mãe e logo após o pai em idade pequena, sendo educado por seu irmão padre, o Domingos, e instruído por seu padrinho. Lembrei-me de que, uma ocasião, estando a conversar com o Alvarenga, enquanto jogávamos cartas na casa de João Rodrigues de Macedo, dissera-me:

— E não tenho madrinha. Isto quer dizer que fui dedicado a Maria de Nazaré, mãe do Salvador, e que ela me protege. Sabes qual era a Senhora a quem se dedicava a capela de minha família? A da Virgem da Ajuda. Pois seja. Hei de ser a ajuda de toda a gente nesta terra. Hei de tecer tal meada que não hão de desfazê-la nem em um milhão de anos! - e dera uma gostosa gargalhada, naquele seu jeito de criança alegre.

Agora lá se ia ele. O doutor Cláudio, que o conhecia há mais tempo do que eu, me contara de seus pequenos negócios de transporte de mercadorias

em lombo de mula, desde os catorze anos, e de como perdera tudo, só por defender um negro que estava sendo barbaramente espancado nas mãos de um feitor cruel. Dois de seus irmãos tinham abraçado a carreira eclesiástica, tal como os irmãos do doutor Cláudio e os meus. Afinal, aquele era um meio melhor de se conseguir instrução, sem que se precisasse pagar por ela. Pelo mesmo modo o Pe. Rolim vestira o hábito. Mas não o Tiradentes. Não gostava da vida em mosteiros, conquanto fosse muito religioso. Seu local mais querido eram os matos. Conhecia-os como a palma de sua mão. Amava-os e os queria livres. Nós todos o conhecíamos bem, desde que se tornara a alma do levante, a voz do aliciamento. Nós não sabíamos, então, que um ordenança do Rabelo vinha seguindo o alferes, dando uma distância de duas ou três horas de marcha e procurando saber tudo quanto ele fazia. A primeira parada já devia ter sido cumprida, na estalagem da Varginha. Na estalagem das Bananeiras também tínhamos adeptos, em fazendeiros da região. Entre estes, o capitão João Dias Motta era pessoa de nossa confiança. Fiquei pensando o que não faria ele, Tiradentes, na rocinha do Fagundes, onde havia várias tropas aquarteladas, cujos membros muito deviam à amizade e tratos médicos do alferes. Sim. Não havia dúvida. Ele estava dando a se conhecer, eu tinha certeza e, além disto, agora era este o seu trabalho. Não havia como avisá-lo. Pensamos em mandar o Pe. Custódio, que cuidava das fábricas do Alvarenga, mas o bispo, que era aliado do governador, o tinha ocupado.

O furriel Antônio tinha tido uma torção no pé e, mesmo custeando sua ida, não podia partir. Mesmo porque, tínhamos certeza, nenhuma pessoa que fosse suspeita passaria por aquelas montanhas com destino ao Rio de Janeiro.

Eu imaginava que ele estaria já quase a chegar ao Rio de Janeiro, com seu machinho rosilho e seu companheiro e amigo o alferes Matias Sanches Brandão, tio de Marília, e o Manoel Silva Brandão que era nosso companheiro e, por certo, teria parado na Fazenda das Cebolas, na Paraíba do Sul, com seu escravo mulato.

Mas defecções não faltavam. Enquanto o alferes ia aliciar gente, um homem de nome Manoel Luís Pereira, que o ouviu, tomou partido oposto e correu ao Rio a dar ao vice rei as falas do alferes.

Esperávamos que ele chegasse ao Rio em meados de abril, mas agora, com a suspensão da derrama, fiquei pensando porque o governador, que me havia segurado o pedido às cortes para o consórcio, tinha despachado um mensageiro. Não teria este mesmo mensageiro sido portador de denúncias para o vice rei? O Francisco de Paula e o Maciel não estavam se diligenciando a contento de vigiar as ordens do capitão general. Lúcio fora morto. Não havia como mandar artífices e homens do povo a serviços em Cachoeira para espionar. O governador só expedia através do Antônio Xavier e do Francisco Rabelo.

Realmente uma carta fora mandada à Metrópole denunciando a todos nós, no dia 25 de março, mas o governador ainda não recebera resposta. Temeroso, resolveu enviar ao Rio de Janeiro um homem que nada mais tinha a temer, o Silvério dos Reis, pois, se não fosse morto pelos homens do governador, caso recusasse a missão, sê-lo-ia fatalmente por nós, ao lhe descobrirmos a defecção. Chamado a Cachoeira foi intimado a redigir uma carta denúncia. Alegou Silvério dos Reis que não sabia em que termos a haveria de dispor, porque não era homem de grande cultura e saber como outros, que tinham tido a felicidade de se instruir, mas o visconde, sem se importar com sua relutância, fez com que anotasse tudo quanto lhe ditava. Assinou e datou a carta por forma que o vice-rei a pensasse escrita na fazenda do coronel Silvério em 11 de abril, mas fora a 19 de abril de 1789, e despachou-o, com palavras ásperas, para o porto do Rio de Janeiro e uma carta em que o apresentava com palavras duras, como mau caráter e homem sem confiança, como o dissera anteriormente por outro mensageiro, mas na dúvida que o outro pudesse saber o que lá ia pôs, simplesmente, que fizesse ao coronel "tudo o que ele merecia".

Desta vez, no entanto, não houve como impedir que o Maciel visse o Joaquim Silvério em Cachoeira. Chegava o doutor José Álvares Maciel, bem a tempo de cruzar, à frente da casa, com o coronel e, embora dissimulasse o governador, dizendo que o militar lá estava com cuidados de perder a guarnição que estava sob seu comando, não o entendeu assim o nosso companheiro. Queria vir a Vila Rica nos avisar, mas o governador o retinha. Não podia também pedi-lo ao Francisco de Paula, que também estava em manobras a mando do capitão general. Foi quando o fiscal

Beltrão esteve em Cachoeira e que, estando com ele uns instantes, enviou-o a nós com um recado verbal:

— O coronel Silvério passou para a outra banda. Seguiu para o Rio de Janeiro com instruções para o vice rei. Aguardo ordens.

Estávamos ainda a tratar do enterro do amigo Lúcio, sob o olhar triste do amigo de infância deste, o Resende da Costa Filho, que falou sobre as maravilhas do Mundo Espiritual, com uma grandeza e desprendimento que me comoveu, tendo todos nós, poetas, dado ao querido aprendiz poemas de louvor, quando o Beltrão nos segreda o recado do Maciel.

— Miserável, traidor! Judas! - falara o Alvarenga - Como confiar num homem daqueles? Se outros aderirem, tudo vai por água abaixo. Bem que eu disse: melhor começar logo a luta!

— Sem o alferes? Sem saber do partido do Rio de Janeiro?- perguntou Domingos Vieira.- Sem o compadre acho que não conseguiremos nada. Não há homem como aquele, Dr. Alvarenga, capaz de pôr brios nas gentes, com autoridade para fazer a todos olhar para o chão.

— Esperemos então mais algum tempo, que o alferes retorne. Quem sabe não virá com guarnições do Rio de Janeiro, no seu entusiasmo contagiante? Quem sabe não ficou ciente por algum viajante, que tem ciência que a derrama foi suspensa? Esperemos pelo alferes.

Conquanto o que se passasse no Rio de Janeiro, com meu amigo José de outrora, antes de encarnarmos, não seja de molde a ser memória minha, por ser de importância tal, não podemos deixar de inseri-la aqui, com as minúcias indispensáveis.

O Tiradentes não era tolo nem ingênuo, embora fosse ardoroso e destemido. Logo que chegou ao Rio pôs-se em contato com vários irmãos da Maçonaria, avisando quanto ao levante, mas acabou por ser informado, por um mulato da guarnição, que havia um boato quanto à suspensão da derrama. Então não havia dúvida. Se tal se desse, era mister levantar o Rio e partir. Tentou falar com elementos amigos nas guarnições, mas encontrou certa relutância. Percebeu, então, que estava sendo vigiado por dois soldados que, embora tivessem raspado os bigodes, como era uso deles nas milícias, pelos modos davam a se conhecer como soldados. Por diversos dias esteve o alferes a observar que não lhe largavam dos calcanhares, até

que uma tarde resolveu-se ir à presença do vice rei e pedir para retornar a Minas. Ergueria as tropas lá mesmo. Não entendia por que, mesmo sem a derrama, não nos havíamos posto a campo. Recebeu-o o fidalgo cornares de despreocupação.

— Não desconhece V Excelência, - falara o alferes, com a agudeza de sua inteligência - que tenho me posto de há tempos disposto a servir esta cidade para o suprimento de águas, e com licença do senhor capitão general, vim para saber das deliberações da Câmara, quanto aos meus requerimentos. Infelizmente, pelo que me faz ciente, tais projetos foram considerados inconvenientes, não sei por que, e assim me desiludi de vez. Talvez que eu não calculasse bem, mas me vejo sem dinheiro e com a licença a findar. Assim, peço a V. Excelência me dê um salvo conduto para tomar às Minas, já que nada mais espero aqui.

— É muito apressado, meu jovem Não há razão para tal amargura. Quem sabe as Câmaras podem reconsiderar a meu pedido?

— Não gostaria de incomodar V Excelência mais tempo com tais projetos, mesmo porque estou realmente amargurado, mas é com a falsidade de alguns amigos, porque tenho percebido que ando a ser seguido, por todo o lado, pelos homens de V Excelência, e não sei por que mereço tal projeto, que nem sou homem de valor, nem cabeça de importância. No entanto, vejo-me seguido e gostaria que me fôsseis franco, porque sei que muitos inimigos podem me indispor contra o senhor, com delações falsas, e porque se fala muito de um levante nas Minas, bem pode ser que vos tenham vindo instigar contra mim, para me alcançar e perder por despeito ou maldade.

O vice rei não esperava tamanha coragem num homem Qualquer outro fugiria, mas não teria coragem de, em sua frente, na sua presença, chamá-lo às falas, por não o despachar de vez de volta.

Dissimulou, no entanto, contendo a admiração e indignação que se alternavam no seu espírito:

— Ora, Sr. Joaquim José, nem careces ter tantos cuidados. Posso bem providenciar maior prazo de licença e pretendo pedir que reconsiderem teu pedido. Deixa-te estar no Rio sem cuidados. Providenciarei tudo.

— Peço-vos, Excelência, que me sejais franco. Sabeis quanto é duro uma viagem em estação chuvosa, quanto a que se aproxima, mesmo para

um homem afeito a tratos em campanhas, como eu. Pediria, pois, licença para tornar a Minas.

— E tira-me, por esta forma, o meio de ajudar-te, senhor alferes? Nem penses nisto. - obtemperou o vice rei, despachando-o com um sorriso.

Do lado de fora da sala encontrou casualmente o alferes Xavier o Silvério dos Reis, que, para que não pensasse o outro que o estava vigiando, avisou-o que seria preso:

— Trates de fugir e esconder-te, porque sei, por falas de gente séria, que serás preso muito breve e te conduzirão a calabouço.- falava o Silvério, tentando, por este modo, desarmar qualquer dúvida que o alferes tivesse de si, e assim não saber dos seus projetos e pôr-se a salvo.

Joaquim José da Silva Xavier percebeu o que já adivinhara. O vice rei não lhe permitiria sair do Rio, porque o prenderia. Procurou seu amigo e "Irmão", o capitão Manuel de Sá Pinto do Rego Fortes, que era oficial voluntário de São Paulo. Resolveu-se este a escondê-lo na fazenda de um outro companheiro, o mestre de campo Inácio Andrade Souto Maior Rendon, em Marapicu, de onde facilmente o alferes ganharia os matos das Gerais, fugindo e erguendo Minas. Escreveu, pois, uma carta ao senhor Manuel José de Miranda, com esta finalidade, que o faria levar até o Piabanha, de onde com facilidade chegaria à fazenda. Percebendo agora que tinha que agir com presteza, o alferes já ideava a conjura em Minas, dizendo com entusiasmo: Ah! Se me apanho em Minas!

Mas estavam sendo seguidos, cercados, e o Manuel Miranda não o pôde levar, fugindo para a fazenda onde ficou à espera do alferes, que deveria seguir para lá mesmo sem ele. Rego Fortes, que era militar, não se arriscou a seguir, pois estava sendo vigiado.

Naqueles dias, não tendo encontrado com o Manuel Miranda, tornou o alferes para procurar o Manuel Rego Fortes, mas quando chegava perto de sua casa, viu que uma guarnição de dragões a cercava e que o capitão era levado preso por aqueles homens. Desiludiu-se por completo. Precisava fugir. Nem tornou à pensão onde se abrigara, já que lograra despistar os dois homens que o vinham seguindo. Só com a roupa do corpo e com o bacamarte, que pedira emprestado a um amigo, vendeu um escravo que tinha e que lhe era fiel ao sargento mor Manuel Caetano, sendo avisado que,

se o pilhassem, iria direto para as masmorras, por Simão Pires Sardinha e o porta estandarte Machado. Vendeu até mesmo o burrinho, mas não pode retirar sua mala da casa de Rego Fortes, que já estava cercada. Pensou até mesmo em atrair os dois espiões e passá-los na espada, mas seu coração generoso não viu nisto senão um crime desnecessário.

Lembrou-se então de uma viúva que o recebia sempre com muito agrado, pelo bem que lhe fizera em curar uma chaga cancerosa da perna de sua filha. Correu para a rua da Alfândega, em uma travessa onde esta morava. D. Inácia Gertrudes de Almeida o recebeu, mas ficou perturbada, porque o alferes lhe disse sem reboços que andava a ser preso pelo vice rei, e guardá-lo em casa era crime passível de pena, bem como a vizinhança poderia falar, já que eram duas mulheres sozinhas e a receber um homem em casa... Mas D. Inácia lembrou-se do ourives solteiro, que lhe devia também favores e tinha amizade pelo alferes. O senhor Domingos Fernandes podia guardá-lo bem, sem que se murmurasse. Enquanto a filha ia a chamar o sobrinho de D. Gertrudes, o Pe. Inácio Nogueira, Tiradentes aguardou oculto. Às dez horas da noite, do dia sete de maio de 1789, ocultos por capas e capuzes que o bom padre conseguira no convento, foi Tiradentes para a casa do ourives Domingos Fernandes da Cruz, na rua dos Latoeiros. No dia seguinte, foram dois soldados chamá-lo em sua antiga pensão, mas o escravo informa que seu senhor não pousara lá naquela noite. É imediatamente preso, levado para o calabouço e torturado.

Uma escolta é enviada às pressas para a fazenda de Marapicu, com ideias que para lá rumara, dado seus contatos com Manuel Miranda, que era administrador da referida fazenda e do capitão Rego Fortes, que já se encontrava detido e com tais tratos que pensava enlouquecer, mas não delatou ninguém, sendo o mesmo o feitio do escravo.

Não encontraram lá o Tiradentes, e ameaçou o vice rei ao Silvério se o alferes escapasse, deixando-o nervoso, pois viu sua cabeça a perigo.

No entanto, com a generosidade de seu coração, em casa do ourives, o Tiradentes foi procurado pelo Pe. Inácio Nogueira, que lhe viera da parte da tia a trazer umas roupas, com que pudesse fugir. Pediu-lhe que procurasse o Silvério para saber notícias de Minas. Se já se haviam erguido, ou esperavam por ele. Nós continuávamos a esperar pelo alferes, que era agora

reconhecido como único capaz de dirigir o levante. Silvério sabia.

Foi o padre com este móvel ao encontro do coronel, mas, ao vê-lo insistir tanto em saber o paradeiro do Tiradentes, ocultou-lhe isto e saiu. Neste mesmo tempo chegou outro padre, o José de Bessa, que foi inquirido pelo Silvério a respeito do paradeiro do alferes.

— Sou-lhe muito chegado, e como me pedisse outro dia dinheiro para ir às Minas, e não o tendo no momento, conto levá-lo agora que o consegui com amigos. - comentou o coronel.

Desconfiado dos seus modos, do mesmo jeito, José de Bessa respondeu:

— Nada sei quanto a isto, e se o Pe. Nogueira não te disse, deve ter suas razões.

Chamado aos brios daquelas falas, o intrigante português não se deu por achado. Sabia do perigo que corria, tanto pior para quem lhe pusesse um pé à frente. Deu ciência ao vice rei que somente o Pe. Inácio Nogueira sabia ao certo onde se escondera o Tiradentes.

Encontrado que foi o padre, foi conduzido à presença do vice rei, senhor Vasconcellos e Sousa e depois a ver em que estado ficaria logo, se teimasse em calar. Aos seus olhos uma cena ultrajante: o escravo de Tiradentes, nu, preso de ponta cabeça, com o corpo cheio de machucaduras causadas por torturas cruéis, parecia semimorto, enquanto, mordendo os lábios, os olhos esgazeados pelo sofrimento que se impusera ao calar, mesmo porque nada poderia adiantar, o capitão Rego Fortes, atado em outra coluna, com as costas nuas e empastado de suor e sangue parecia indiferente ao que o cercava.

Apavorado, o pobre padre viu que nada mais poderia fazer. O Tiradentes estava armado, pois pedira a Francisco Machado um bacamarte para a viagem, pois que Deus lhe valesse, porque não havia mais como ocultar. Inácio indicou o endereço e uma escolta foi imediatamente posta a caminho.

Enquanto isto, cansado pela preocupação e pelos cuidados que o exauriam, sabendo que Manoel Rego Fortes fora preso, adivinhando que não mais poderia contar como amigo Manoel José de Miranda, o alferes se refazia deitado em uma cama, cercada por cortinas, no sótão da casa que o acolhera. O seu amigo ausentara-se a tratar de negócios e para sondar como iam as coisas, já que o Pe. Nogueira não tornava com notícias. Dois

escravos apenas na parte inferior da casa pobre trabalhavam no ofício. Tiradentes adormeceu cheio de preocupações. Nem bem se viu em espírito, reconheceu ao pé de si a figura radiosa de Felipe dos Santos e sua mãe querida, Antônia Xavier.

— Mãe, Felipe! Estou em tantos apelos aos céus, para que, finalmente se consiga a Liberdade para esta terra, e possamos festejar uma nova nação onde haja paz, amor para todas as criaturas. Mas não sei. Parece que tudo vai por água abaixo. Já nem sei como fugir, mãe.

A entidade amorosa de sua mãe o abraçou comovida, enquanto Felipe dos Santos, com o semblante cheio de preocupação, lhe falava:

— José, não desconheces que todos os nossos atos são livres, mas estamos jungidos às causas do passado e teus débitos são muitos. O povo ainda não amadureceu para suas conquistas, e os amigos de tua sonhada república são indecisos. As Cortes são duras no cumprimento de suas exigências e muitos homens vergam ao peso da pusilanimidade, do medo ou do interesse imediato. Pondera que, embora tuas aspirações sejam justas, embora hajas nascido para a finalidade de engrandecer esta terra, não sabes o que Deus te reserva, nem quanto os homens sabem ser mesquinhos. Lembra-te de que tu mesmo pediste não teres postos importantes, nem ouro, com que havias de te perder, como em vidas passadas. Reconhece que N. S. da Ajuda, te tem sido madrinha fiel e devotada, pois em tudo te abrilhantou o carácter e a inteligência, e és hoje um dos melhores homens que jamais conheci. No entanto, nem todos estão no elevado grau que atingiste. Nem todos sabem ser decididos e generosos, nem todos sabem ser desprendidos até a renúncia e fortes na abnegação. Nem todos podem saber-se humildes e fortes como tu mesmo me ensinaste, graças ao teu carinho na hora derradeira, tão doída à minha lembrança. Eis que Ismael e a Senhora, mãe de Todos, Maria, te enviam amor das alturas.

Enquanto Felipe dos Santos falava o quarto se enchia de luzes diáfanas e coros de vozes argênteas enchiam o ar, fazendo o nosso amigo José chorar copiosamente.

— Felipe, eu não queria derramamento de sangue. Bem viste. Pude conter-me e não matei os dois granadeiros que me vêm seguindo. Abstive-me de reagir quando vi Manoel Rego Fortes ser preso. Por que me vens

alertar? Aguarda-me breve a mesma desdita que te custou tanto em Vila Rica? Vens me dizer que minha hora se aproxima?

E porque Felipe não respondia a olhá-lo com tristeza imensa, o Tiradentes prosseguiu:

— Mas o que será de todos? E os irmãos que se me aliaram na luta ideada? O que acontecerá com Tomás, que me pediu zelo maior, e doutor Cláudio e Domingos a quem os anos já são duros? Quem nos traiu? Por que não posso fazer por eles alguma coisa? Teremos todos igual sorte? Felipe, mãe, peçam a Jesus que eu possa morrer por todos. Só eu vim a pedir isto tantas vezes. Se o povo ainda não pode lobrigar um mundo melhor, se o povo tem que sofrer ainda a tirania e a maldade dos nobres, deixa ao menos que só eu me perca nesta luta que vim a pedir para meu próprio regalo.

D. Antônia Xavier o acariciou com profundo amor, enquanto Felipe prosseguiu:

— José, não te abandonaremos. Tudo faremos para livrar-te da hora que se aproxima, mas já é tarde.

Neste meio tempo a escolta chegava à casa indicada e a cercava. Atraído pelo barulho e tropel de fora, acorda Tiradentes, pega o bacamarte que está sobre a mesa e oculta-se nas cortinas do leito, disposto a reagir ao assalto dos militares. Na meia-luz do quarto divisa uma figura: o alferes Francisco Vidigal Pereira, que lhe ordena se apresente, pois está preso sob as ordens do vice rei. Pensa em atirar, mas a mãe e Felipe lhe suplicam que não o faça. Por um instante lembra-se que aquele homem à sua frente que ele quisera livre como ele, e todo um povo, era um pobre diabo como ele mesmo. Um coitado, um amargurado, cheio de preocupações e família. Não. Não era contra ele que Tiradentes se erguera. Não era contra os próprios irmãos das milícias, nem contra o povo sofrido, mas contra a maldade dos ambiciosos, as manobras das Cortes, a perversidade dos homens governantes. Abaixa a arma e se entrega sem reagir, como lhe pede o companheiro. Para ele tudo está perdido. Quem sabe, os outros pudessem ainda se erguer.

Repercussão em Vila Rica

Já alguns dias se haviam passado da prisão de Tiradentes no Rio e nós, sem sabermos dos acontecimentos infaustos, continuávamos a esperar por ele.

Uma tarde, estando a fazer a sesta, fui procurado por Eugênia, que fora companheira do alferes e que muito o amava. Eugênia era meiga e sofrida, jovem ainda e mãe de João Antônio, um garoto muito parecido ao pai, com os cabelos alourados a lhe caírem na testa saliente. Veio me avisar que ela me buscava, Antônio, minha serva.

— Faça-a entrar.- ordenei à negra. - E pode deixar-nos a sós.

Eugênia entrou tímida e receosa. Cobria-a um xale de lã trançada, e um lenço aos cabelos. O frio se anunciava por chuvas abundantes na região. Já era tempo do alferes estar de volta com notícias. Sua demora me preocupava. E agora o que viera fazer ali a mãe de seu filho?

— Dr. Gonzaga. Deus me perdoe, vim incomodar V. Mercê, mas estou sem atinar com o que possa fazer. - disse-me ela, quase em pranto.

— Senta-te e acalma-te. - pedi. - Queres um copo com água? Aconteceu alguma coisa? Podes falar. Estamos sós.

— Recebi uma carta do alferes. Trouxe-me seu companheiro de viagem Mas seu negro não tomou e o que a carta diz... leia doutor, porque tenho medo que lhe aconteça algum mal.

Eugênia me estendeu o papel que andara a ler, e eu também fiquei ciente da gravidade que trazia. Era uma carta carinhosa do Tiradentes à sua companheira, falando do carinho que lhe tinha e ao filho, e dizendo que estava há dias sendo seguido por dois granadeiros do regimento de Entremos que, conquanto tivessem raspado os bigodes, não lhe passaram despercebidos. Contava fugir, mas não tinha notícias de Minas e só podia confiar no Joaquim Silvério dos Reis, que o tinha avisado que o vice rei o

pretendia prender, mesmo após ter conversado com ele e lhe inquirido abertamente sobre isto o que negou, com certa desfaçatez. Fazia-a ciente de que se esconderia e procuraria tornar a Minas. Que o esperasse e me científicasse de tudo.

Li a missiva compreendendo a gravidade da situação. Se iam prender o Tiradentes no Rio de Janeiro era porque alguém o denunciara. E quem, senão o Silvério? Mas, se assim fosse, porque o avisava de que ia ser preso? Não fazia sentido, a menos que o coronel quisesse, por este modo, ter a confiança do alferes. E ele a se fiar no Silvério! Não lhe havia eu avisado mais de uma vez?

— Onde está o mensageiro que trouxe a carta? - perguntei para Eugênia.

— Apresentou-se a serviço no quartel, senhor, mas posso ver que venha a sua casa.

— D. Eugênia, não vou mentir-te quanto ao conteúdo da carta. A senhora percebe que se pilham teu marido na masmorra, nada poderei fazer por ele, e que, por esta carta só faz avisar-nos qual seria seu destino se não tornasse. A senhora compreende. Leva a missiva ao fiscal Beltrão e pede-lhe que venha falar comigo depois. Se precisar de alguma coisa para ti e o menino, saiba que nada te faltará, e que Deus nos proteja, porque estas novas que a senhora traz são funestas a todos nós, a toda a Colônia. Não mentiria para ti, e serei grato pelo cuidado em nos avisar. A senhora adivinha. As mulheres... são divinas, minha senhora. Beijo-te as mãos.

Emocionado, percebendo que nada podia fazer por ela, porque também eu seria conduzido à prisão de uma hora para outra, porque não me furtaria ao meu dever e, a viver eternamente em fuga, preferia o patíbulo, beijei-lhe as mãos respeitosamente e ela, saudando-me com os olhos rasos de lágrimas, tomou a carta do alferes e saiu à procura do fiscal, único talvez a escapar de uma devassa.

Eu não tinha mais dúvidas. O movimento fora delatado. Doutor Cláudio ainda achava que era impossível:

— O Silvério não se atreveria. E o que ganharia com isto? Tem-me como advogado, e pertence à nossa Loja. Foi iniciado, jurou sobre o Livro Sagrado, como posso crer em semelhante coisa? E a honra deste homem? E a palavra?

— Silvério vendeu tudo. Talvez sempre fosse este seu intento. Se Jesus teve um Judas em doze homens, como achar que nós, em maior número, não tivéssemos os nossos? Agora dependemos da ação dos militares, mas creio que tudo se perdeu. Ah, meu amigo, quem sabe que ocultas horas nos esperam logo? Temo enlouquecer, quando penso que estou tão perto de minha felicidade, de meu casamento, do levante, e tudo perderei, dependendo de um só gesto do senhor visconde.

— Vou mandar avisar o Domingos, o Vicente, o Rolim e enviarei um homem para chamar o senhor Alvarenga e os companheiros do rio das Mortes. - respondeu Cláudio - Precisamos agir depressa!

— Faze como achares melhor! Mas precisamos agir como se nada soubéssemos. Vouu à casa de Marília. Quero vê-la, antes que...

Não terminei. Era demais para mim pensar sequer em não vê-la mais. Ia memorizar seus trejeitos, seu rosto, seu encanto, para guardá-la comigo para sempre, na minha alma, dentro do meu peito, para sempre.

Vim a encontrá-la em meio aos bordados de noiva, compondo o enxoval.

— Dr. Tomás! Vieste mais cedo hoje. Estás com receio do frio da noite? - perguntou-me assim que entrei, com o tricórnio sob o braço.

Tomei-lhe as mãos delicadas e beijei-as com amor.

— As horas estão demoradas demais. - falei, olhando-a com tristeza. - Não aguentava nem mais um minuto sem te ver.

Marília percebeu meu abatimento. Era como se lesse em mim o que me ia no íntimo.

— Querido, o que acontece? Vejo-te cansado e triste. Conta-me. Reparte comigo os ímpios pensamentos.

— Não é nada, minha noivinha. Só saudades tuas. Estas saudades ingratas, que te pintam longe de mim, alegre, enquanto eu fico cheio de zelos com a tirana a me martirizar.

— Dr. Tomás, titia me perguntou pelo vestido. Não quero apressar-te, só que...

— Tens razão. Estou muito moroso. Mas falta pouco. Conto terminá-lo por estes dias e hás de gostar dele, prometo-te. Cada ponto é um voto de amor que te faço, empenho de prender-te para sempre minha, nos fios de

prata das flores gentis.

— Nunca mulher alguma pôde se gabar de ter um noivo mais amoroso e terno que eu, Dr. Tomás. Queres-me mais apaixonada do que me encontro? Só assim creio não aguentaria. Morreria de amores por ti.

— Não fales em morte. É mau agouro. Mas creio que nem mesmo ela possa apartar-te de mim. Se eu morrer, prometes que me lembrarás sempre com carinho?

— Querido, por que me falas assim? Achas que o senhor visconde nos faria tal maldade?

— O senhor visconde é um governador, antes de ser amigo de tua família, ou meu como se diz por aí. Deve obedecer. Tu mesmo o ouviste dizer...

— Sim mas falou depois do teu pedido às Cortes com tal empenho.

— Não vim aqui para te entristecer com estas lembranças. Basta já o que te vi chorar na Páscoa. Esqueçamos isto. Toma. São uns versos que te fiz ontem. Prometes que os guardarás junto a ti.

— Querido, não digas mais nada. Parece que vieste dizer-me adeus. Tomás, aconteça o que acontecer, eu te juro, jamais, jamais me separarão de ti.

Marília tinha os olhos rasos de lágrimas que logo começaram a lhe rolar das faces em silêncio, mas nenhum soluço a sacudiu. Corajosa e terna levou minhas mãos em seu rosto, para que eu a afagasse e depois tocou para mim minha canção favorita. Todas as tardes me esperava à janela, e temia por nós.

Uma carta à Tereza

Entre fins de março e meados de abril, a tia de Marília, Tereza, irmã do senhor João Carlos, recebeu uma carta do Pe. Rolim Vinha escrita pela letra de seu irmão Plácido, e dava conta que, apesar de seus esforços no Serro, sabia que algo andava mal em Ouro Preto.

Estava eu em casa de Marília, dias após, quando também o coronel Domingos Vieira, Vidal Barbosa, Carlos Toledo, Oliveira Lopes, João Carlos, Baltazar João, Nepomuceno e Alvarenga, mais Francisca participávamos de uma reunião. Todos temiam pelas constantes idas do Silvério à Cachoeira. O almoço, em casa de minha noiva, transcorrera tranquilo. As moças de chapéu, demonstravam a graça e cordialidade e, sobre um estrado os músicos contratados, com violinos, flautas, cravo e outros instrumentos de percussão, haviam se manifestado inspirados.

A casa, com seu longo corredor cheio de portas laterais, dava-nos abrigo após o ágape, em reunião num dos quartos, onde uma longa mesa fora colocada. Alguém bateu à porta e Marília foi abrir. Ela trazia as vestes rodadas, cintura fina, cabelos cacheados castanhos. A esquerda minha, sentara-se Bárbara e Alvarenga e, à direita o Aleijadinho, quando Rolim entrou, pois era ele quem assim vinha, quando menos esperávamos.

Neste momento, João Carlos dissera, tentando levantar os ânimos:

— Pulso firme e nada de esmorecer.

Abraçamos Bárbara e Alvarenga que se iam retirando com carinho, quando Rolim chamou-me de lado. Falou-me ao ouvido e transmiti aos demais ao que vinha.

Vinha de Cachoeira do Campo e trazia uma cópia da denúncia do Silvério. Havia subornado o Rabelo, não apenas com diamantes, mas com promessas outras e este fora ao general, para copiar a denúncia.

Vinha com ela, contendo já os nomes que se denunciara, sendo que eu

figurava entre os principais, ao lado do Tiradentes, bem como doutor Cláudio. Todos ficaram assustados. Ele nos informava ainda que saíra escondido do Palácio, pulando uma janela, depois por um telhado e, quase noite chegara à casa de Marília.

Não havia muito a fazer. Ele tornava ao Serro, onde ficaria aguardando notícias e nós tínhamos, por força, de conseguir que o Comandante Freire de Andrade se levantasse, agora que Tiradentes se achava no Rio de Janeiro.

O desapontamento do fracasso

No entanto, em Cachoeira, o visconde articulava-se para melhor defender-se do perigo que o ameaçava. Logo depois da visita do Silvério, a 19 de abril, tendo já por escrito sua delação de 15 de março, tratou de compilar mais denúncias. Não faltavam aqueles que pretendiam por este meio, comprar-lhe as graças. Muitos simplesmente lá iam para perder seus desafetos e a todos o visconde recebia com sorrisos e promessas, fazendo-os redigir de próprio punho suas acusações. Desta forma, dias depois, foi a vez de Basílio Brito Malheiros do Lago e Inácio Pamplona serem convidados pelos espiões do governador a redigir cartas. Fizeram-no apondo os nomes de suas regiões, de molde a registrar mais uma mentira, porque não poderiam tais cartas chegar tão rápido.

Na Cachoeira, chamou às falas o tenente coronel Francisco de Paula Freire. Exprobrou-lhe energicamente as contas das tropas sob sua tutela, ameaçando-o com penas por tais desmandos. Informou que sabia do levante. Que já, provavelmente, seu tio prendera o Tiradentes e que faria ele o mesmo, tendo apenas piedade de quem se entregasse em tempo às suas mãos.

Francisco de Paula Freire sentindo-se perdido fez uma confissão apressada, suplicando clemências, no dia 13 de maio, três dias após a prisão do Tiradentes. Também Maciel pensou fazer o mesmo, e quando nosso informante os procurou no sítio do governador, encontrou dois homens assustados, achando melhor afastar por enquanto aquele levante, porque não

teríamos apoio do povo e porque era a melhor forma de continuarmos vivos e podermos reagir futuramente. Foi esta a resposta que nos enviou aquele que deveria ser o comandante da rebelião! Diante disto, reunimo-nos à noite em casa do doutor Cláudio Manoel. Era já dia 15 de maio e a discussão foi acalorada.

— Faremos a revolução mesmo sem o Francisco de Paula, sem a derrama ou sem o alferes. - dizia alterado o Alvarenga- Queimaremos as plantações! Procuraremos apoio de São Paulo e Bahia!

Envenenaremos as águas! Que mais temos a perder? Havemos de cumprir o que ideamos!

— Partirei hoje mesmo para o Tejuco. - retrucava o Pe. Rolim - Lá, nos matos, com meus homens, reagirei a qualquer que queira me apanhar. Não sou homem de se entregar covardemente a suplicar clemência! Levanta-se V Mercê ao sul e esteja certo que também estarei por meu modo a fazer valer minha vida ao norte.

— Senhores, - aparteava Domingos Vieira - é uma temeridade. Nem temos mais tanta força como supúnhamos, e sem o apoio que o alferes foi buscar, é suicídio.

— Melhor será aguardar. - falava Cláudio Manoel. - Nunca poderão provar nada contra nós.

— Você ignora, caro amigo, - dizia eu - que há muitos delatores, além dos anônimos. Não será apenas um jogo de palavras, será preciso muito tempo para provar que nada tínhamos articulado. No entanto, creio que negar é a melhor arma.

— E, em caso de dizerem das nossas falas, sempre responderei que por tal modo também achei graça em mesmas insinuações ao senhor governador. - retrucou doutor Cláudio.

— Por minha vida! - exclamei. - Não o farás, Dr. Cláudio. Tencionas brincar com fogo? Não conheces quanto são cruéis os homens. Podem ficar quietos vendo-nos sofrer, ignorar nosso silêncio, mas não ficarão inertes diante de uma acusação de tal porte! Prometes-me que não o farás!

— E quem se atreveria a duvidar de minha palavra? - perguntou ele. - Por minha honra!

— Negar é melhor, como combinamos sempre. Se todos agirem assim,

os acusadores ficarão malvistos, pois não nos podem pegar em nenhuma ação. - retruquei. - Quem for preso negará e, se ninguém o for, melhor. Poderemos nos articular em condições melhores depois. Quem ficar de fora ajudará as famílias desamparadas e os prisioneiros por melhor modo. Que Deus nos proteja, amigos, Irmãos. - falei.

— Primo, - aparteu-me Alvarenga - melhor reagir! Se o tivéssemos feito antes, provavelmente teríamos levado o comandante e também as guarnições do Manoel Brandão e do Maximiliano Leite. Agora, como estão com o grão-turcos na serra, não sei não. Será difícil trazê-los e avisá-los. E o alferes? Por que não torna?

— Temo achar que o hajam prendido. - falou o fiscal Beltrão. - A meu cuidado tomo-lhe o filho, como meu em tal caso. É homem de valor. Não nos entregará. Por minha própria palavra sou capaz de jurá-lo.

Eu fora tolo de pensar que o visconde teria piedade de nós, no entanto, ainda alguns pensavam assim Tudo indicava que isto movera o Francisco de Paula a não comparecer à reunião, bem como seu cunhado Maciel.

Enquanto alguns Irmãos saíam na noite, indo cada um para sua região, o José de Sá Bittencourt esperou que estivéssemos a sós:

— Dr. Tomás, vou para a Bahia, pelos matos. Sei que não poderei passar pela estrada, que já está guarnecida. Venha V Mercê comigo. Em Bahia os meus te receberão como parente e fugiremos num navio, onde poderás ter com os teus em Portugal. Temos padres que podem nos esconder em seus mosteiros, até que tudo isto passe. É uma loucura ficar. O visconde não pode mais deter os acontecimentos, nem prometer a ninguém garantias. Que justiça se pode esperar das Cortes? Os meus comprarão aos juízes o silêncio quanto a mim. Vem Fugamos.

— De que me adiantaria? Como se fosse possível! Se o visconde sabe, devem tê-lo informado que sou o mandatário, e nada comprará o silêncio do meu nome. Além disto, votei por sua morte, e talvez Deus me esteja pronto a castigar por isto. É meu dever ficar, pois muitos podem se perder e, por minha sabedoria, por meu valor, posso quando inquirido fazer calar toda injúria. Não posso partir, seria o mesmo que confessar a culpa. Tu podes bem ir, que nada aqui te prende, José. Mesmo assim te agradeço. Nós todos sabíamos o risco que corríamos. Foge, enquanto podes. Eu ficarei. Que

Deus te proteja, Irmão.

Apertamo-nos as mãos como cavaleiros e abraçamo-nos com amizade.

— Ver-nos-emos ainda. - falou José de Sá Bittencourt, cuja família me fora amiga nos tempos da Bahia, e em cuja casa sempre fora recebido como irmão. - Deus é justo. Ele te guiará e protegerá, mas, se quiseses fugir para a Bahia, sabes que nós te guardaremos.

Saiu o amigo e Cláudio ficou por uns instantes a olhar-me:

— Temo, Dr. Tomás, pelos meus. Por mim, se preciso, darei a vida. E que Deus tenha pena dos meus pecados!

— Acalma-te, Dr. Cláudio. Tudo são conjecturas. Esperemos e confiemos em Deus. Ele tudo vê e tudo pode.

Alvarenga partiu para São João dei Rei, onde aguardaria notícias de São Paulo, que deveriam ser trazidas por Claro José Mota, parente do Pe. Toledo.

Quando meu primo chegou em sua casa, foi esperá-lo impaciente dona Bárbara Heliodora.

— Então, que notícias trazes? - perguntou preocupada, fazendo com que os filhos se recolhessem Seu anjo-princesa, Maria Ifigênia, contava histórias aos três pequenos irmãos sonolentos.

— Os homens não querem se erguer. - falou ele desalentado. - Só o Rolim tem ânimo. O Tiradentes talvez o hajam prendido no Rio e o Paula Freire está em diligências a mando do senhor governador. Tudo perdido! - respondeu desanimado.

— São uns covardes! - bradou a esposa furiosa - A esposa do Oliveira Lopes veio me ver hoje. Sabes o que me disse? Que encontrou uma carta dele escrita sabe lá Deus por quem já que o marido mal sabe rabiscar mal e mal, contando ao governador detalhes da conjura. Bem vês! Já se acovardam. Ela queimou a carta, esteve a ponto de esbofeteá-lo, mas veio me avisar. Diz que Oliveira Lopes não dorme, que promete ir falar ao governador, porque todos o fizeram. Os dragões espalham por aí estes boatos e os covardes correm ao palácio para pedir piedade. Como salvar este povo de poltrões? Ergue-te, meu marido! Dá-lhes o exemplo e, se preciso, irei contigo a empunhar uma arma!

— Bárbara! Não sabes o que dizes! E as crianças? Já pensaste?

— Pois que morramos todos. Melhor isto que perder-te. Melhor morrer que te ver levado de mim para a prisão. Eu não suportaria. Alvarenga. Eu não suportaria.

Meu primo abraçou-a ternamente e choraram um nos braços do outro, misturando lágrimas e beijos.

— Querida, se isto acontecer, promete-me que serás corajosa. Que ficarás com teu pai e com teus irmãos, que criarás nossos filhos com honra e que lhes falarás de mim

— Tudo farei por ti, mas por que não me atendes? Por que não nos erguemos?

— Às vezes penso melhor pedir perdão. Se Deus não nos ajuda quem sabe tenhamos errado. - falara Alvarenga.

— Mas jamais digas tal coisa! Sempre estivemos certos em tudo. É que os homens são covardes e nos venderam - replicou D. Bárbara. - Achas melhor que fiquemos na fazenda? - perguntou ainda.

— Sim Eu irei. Tu ficarás com teu pai e teus irmãos, até que tudo isto passe!

— Quero estar contigo! - retrucou ela.

— Por favor, querida. Atende-me. Se eu for mesmo, não quero que me vejas vencido. Não suportaria nem a visão dos meus filhos nesta hora.

Enquanto Alvarenga pensava em reagir ainda em sua fazenda, com os pé-rapados que pudesse dispor, e o auxílio do Pe. Correia de Toledo, eu fui, no dia seguinte, pedir dinheiro emprestado ao João Rodrigues de Macedo para minha viagem à Bahia. Queria acreditar que o visconde ainda procuraria abafar o movimento, sem vingar-se em nós, apesar de saber que o Sousa Lobo, e o Parada e Sousa andavam nos espionando, desde que haviam sido removidos do comando do Tejuco e Santo Antônio. Rabelo e José Carlos da Silva continuavam a aliciar delatores. Nós estávamos atrasados com relação às ordens do governador. Desde 4 de maio recebera ele carta resposta do seu tio, o vice rei Vasconcellos e Sousa, bem como duas companhias de infantaria estavam a caminho e, a pretexto de descoberta de ouro na Serra da Canastra, havia deslocado as tropas aliadas a nós em Vila Rica e as substituído. Também havia avisado, por portador de confiança, ao governador de São Paulo quanto à conspiração. Por esta

forma, quando Claro José Mota se dispôs a chegar até o rio das Mortes, para avisar da prisão de Rego Fortes no Rio, e começar o levante, foi emboscado e morto, enterrado nos matos, sem que pudesse chegar ao seu destino. E a 7 de maio o vice rei nomeou o desembargador José Pedro Machado Torres para atuar como juiz e o ouvidor Marcelino Pereira Cleto como secretário de uma devassa sobre a denúncia de Silvério que foi reescrita. Nem Tiradentes, nem Silvério tomavam e já era tempo. Isto queria dizer que ambos estavam retidos. Francisco de Paula havia aconselhado ao Luís Vaz de Toledo e a outros que confessassem, pedindo perdão, pois o governador prometera a todos que o fizessem guardar segredo. Sem saber destas promessas, no entanto, Silvério os implicava na declaração ao vice rei assinada a 18 de maio.

A pressa do vice rei em mandar tropas com que ajudar o governador da capitania de Minas fez com que o Tiradentes ficasse no calabouço do palácio, sem ser interrogado, abandonado por uns dias, enquanto prisões eram feitas, testemunhas inquiridas. Todas as pessoas que haviam estado com o alferes eram levadas pelos milicianos ao palácio e acareadas.

Cheio de pressentimentos, fui ter à casa do Aleijadinho, depois de acertar um contrato de empréstimo com o contratante Macedo.

— Poeta, - falou o escultor ao ver-me entrar, e fazendo um gesto para que nos deixassem a sós - terminei a obra. Queres que eu a entregue ao capitão Baltasar, pai de tua noiva?

— Faze o que achares melhor, Mestre Lisboa. - falei amargurado. - Ao menos eternizas Marília, enquanto eu só posso dar- lhe desgostos sobre desgostos.

— Não fiques assim, Dr. Gonzaga. Achas mesmo que tudo se perde? E os sonhos do povo? E as aspirações de Liberdade? Acaso achas que Deus nos esqueceu? Minas sempre foi tão sobrecarregada de impostos e taxas, sempre teve que arcar com o dobro dos trabalhos do resto deste Brasil. Temos tantos Irmãos, mesmo que alguns cheguem a ir presos, isto não significa derrota. Os que ficarem continuarão a lutar. Temos aliados em toda a parte, não esqueças. O José Bittencourt fugiu. Seu irmão está na Europa. Conseguiremos, ainda que não seja desta vez...

— Acredito que se consiga, mas para mim tudo é funesto.

— Porém, faltam poucos dias para teu casamento, Dr. Gonzaga, e, sendo o governador um quase parente, por padrinho de D. Ana, poderá ter piedade.

— Acreditas, mesmo? Eu não. - falei olhando-o de frente.

— Não. - grunhiu ele, revoltado. - Também não creio na piedade dos nobres, também não creio, mas que se pode fazer? Temos poucos homens. As estradas estão guardadas. É esperar e lutar com todas as armas à disposição.

Terei que usar as armas da minha sabedoria, do meu discurso, mas as entidades que me protegem me preveem coisas funestas. Sinto a presença de minha irmã e minha mãe. Um velho me conduz e um quase louco espírito me persegue. Deus, no entanto, é bom. Em suas mãos me entrego. - retruquei.

— Só não queria que ela sofresse. - acabei por dizer coma voz embargada.

— Ama-a mais que a própria vida, não é mesmo? - perguntou o Aleijadinho, olhando para a estátua pronta. - Por que não foges com ela? Vai para Goiás. Tenho um contato lá. Posso colocá-los. Tenho um capitão do mato que é meu amigo. Levá-los-á com segurança.

— Não, amigo. Eu sou um doutor em leis, não um vaqueiro, ou pastor, conquanto me nomeie em versos. Que teria para dar a ela, senão um nome desonrado, um eterno temor, uma ímpia sorte? Queria para ela o cetro e a coroa, e tenho para mim um par de algemas... Tirana Fortuna!

— Compreendo. Se um dia eu puder fazer alguma coisa, qualquer coisa... - falou o Aleijadinho - Enviarei a estátua à casa de tua noiva.

— Vou vê-la agora. Cada vez que lá torno, penso ser a última. Sofro e fico feliz ao vê-la nos projetos para o casamento, mas ela percebe.

Sem poder conter por mais tempo a dor que me oprimia, pus-me a chorar convulsivamente, enquanto ele, largando as ferramentas de trabalho, batia-me desajeitadamente no ombro, como a me dar apoio a tanto sofrimento.

— Gostaria tanto de poder ajudar, poeta. - falou o Aleijadinho com sinceridade comovente - Mas tem fé em Deus, que ele não nos desampara. Olha para mim Sou um monstro quase, mas Deus me deu um filho, que é

minha esperança e estas pedras em que desabafo minha dor e despejo todo o amor a Ele. Um dia a boa Morte me levará, e a ti, e a ela e a todos nós. E ninguém mais poderá separá-los. Conta sempre com a minha amizade, poeta. Farei o que puder pelo irmão que desnuda seu peito diante de mim. com tanta amargura.

Abracei ternamente aquele doce amigo e, depois de desabafar minha dor, procurei Marília, e passei a tarde toda a lhe cantar louvores em ternos e doces poemas, que eu lhe deixaria como penhor de amor.

O embuçado

Havíamos decidido, com a suspensão da derrama, aguardar, já que em maio chegaria a nau encarregada de levar os quintos, e até lá contávamos que o visconde mudasse sua atitude. Mas não. Tudo fora baldado. Não nos erguêramos e desde março estava já ele a delatar-nos ao seu tio, o vice rei Vasconcellos e Sousa. Agora, maio indo a meio, só se ouvia dizer de homens do Rabelo a caminho do Rio de Janeiro e São Paulo com cartas do visconde que seguiram dia 6 e dia 11. No entanto, eu ainda teimava em ter esperanças.

Maciel, que era nosso espião junto ao governador, procurara-o com o fim de acrescentar sua denúncia a de outros. Fora este o conselho que recebera de seu cunhado Freire de Andrade. Começou a falar, entrando a dizer “do carinho que tinha aos meninos e que, por esta forma, se em algum delito se houvera, nunca deveria ser perdoado, mas mesmo assim confiava na nobreza de S. Excelência”. Ia o governador ouvi-lo cheio de tristeza, pois lhe doía ver um homem de tal valor humilhar-se, bem como também, de certa forma, lhe doera ver ao Francisco Paula Freire, que conquanto militar era muito terno, mesmo porque, para derrubar a conjura só se via cercado de criaturas perversas e de mau caráter. Intimamente estava a se martirizar por não me haver dado ensejo a convites, mas não se encontrava de molde a nos valer, senão procurando por todos os modos disfarçar, e fazer seu tio abrir um inquérito em segredo, pretendendo livrar os que prometera, e fazer por melhor forma perder-se o menor número de homens.

— Não quero pesos inúteis em minha consciência. - dizia a si mesmo.

No entanto, no mesmo instante em que Maciel entrava a discorrer seu relato, entrou pela porta do palácio o Antônio Xavier, com notícias sobre as cartas estarem já a caminho e isto o dissuadiu. Um homem que tinha aquele lacaio não podia ser clemente. E, malgrado despachasse o governador ao

ajudante, dissuadiu-se de falar ao que lá ia e, dizendo-se fatigado retirou-se para seus aposentos, onde, em preces ardentes, pedia perdão aos céus por sua covardia, suplicando não lhe faltassem as forças no juramento sagrado que fizera, junto a onze colegas em Coimbra. Nem era menos verdade que sentia a presença amiga de Joaquim da Maia a lhe valer e selar os lábios, naquele instante cruel para seu coração, e a lembrança de Domingos Vidal Barbosa, de seu amigo José Pereira Ribeiro, de Minas, e José Mariano Leal, carioca, bem como os irmãos Bittencourt e José Bonifácio e seus dois irmãos, que deveriam estar ainda na Europa. No entanto, sabia que pouco poderia lhe valer o governador. Estas insistentes cartas ao vice rei só podiam indicar que para lá se passara o caso, pois o Tiradentes não tornava e o Silvério partira devendo já ter chegado ao Rio a 1º de maio.

Enquanto isto, eu cuidava do bordado de minha noiva sem parar. Mesmo quando procurado em casa, fosse por quem fosse, já que a ninguém deixava de atender, só o tendo feito com relação ao alferes Xavier, sem mesmo atinar para com minha relutância com relação à sua pessoa, fazia a todos entrar e continuava no meu trabalho, só o interrompendo quando a tarde caía, indo então buscar os sítios amados onde a vira por primeira vez e fazer projetos para o futuro. Ainda o Mestre Lisboa não mandara entregar sua figura em casa, porque a estava a pintar o Mestre Atayde, mas, procurando afastar os pensamentos infaustos deixava levar os dias, sabendo que, se nosso casamento fosse sacramentado, era sinal de que o governador não me havia posto a perder.

A tarde transcorrera amena e eu estivera ao anoitecer em casa de Marília, que estava mais bela do que nunca, com aquele encanto que as mulheres apaixonadas têm, ao trocar juras e promessas ao luar, tendo me recolhido cedo. Era dia 17 de maio, e cansado estive no escuro do quarto a pensar nos meus, quando ouço um barulho na casa ao lado. Vejo da janela um vulto que me parece familiar, de mulher, a falar com doutor Cláudio. Parece que discutem qualquer coisa, mas que a pessoa que o parara não queria dar-se a conhecer, pois estava encoberta com um balandrau escuro e trazia um chapéu desabado sobre o rosto. Visto às pressas o capote e calço os sapatos saindo pelos fundos, para saber as novidades que teria doutor Cláudio. Enquanto saio, o vulto me procura. Indo Antônia aos meus

aposentos, instada por Tomás, meu escravo que me chama, não me encontram. Tomam à rua e informam à criatura estranha, que parecem adivinhar quem seja, que provavelmente eu estivesse ou em casa do Diogo de Vasconcellos ou do escrivão ou capitão Luís Antônio de Freitas, que me haviam convidado para um jogo, mas que eu não lhes dissera nem me viram sair.

Enquanto isto eu conversava como doutor Cláudio, nos fundos:

— Uma mulher me procurou, ou talvez que seja um homem, dizendo que seremos presos, e que eu queimasse e avisasse a todos que o fizessem qualquer papel que me pudesse incriminar. Que o Tiradentes está preso no Rio e logo todos o seremos.

— Mas quem te falou? Quem era? - perguntei, procurando concatenar as ideias.

— Não sei. Se não era mulher, ao menos estava vestida por baixo com saia balão e tinha os pés mimosos como os de uma dama. Sua voz era familiar, mas fiquei tão assustado, mesmo porque não queria que minha visita que se retirava a reconhecesse.

— Marília! - falei impulsivamente, adivinhando que só podia ser ela. - Para onde foi o vulto?

— Não vi. Entrei para queimar o que pudesse me condenar e ia avisarte, mas creio que subiu a rua.

— Só pode ser ela. Meu Deus! Corre perigo indo assim a falar a todos! Preciso detê-la! - falei, arrebatado.

— Bem podia ser ela, pois me pareceu franzina e familiar. Tinha uns modos distintos, mas bem pode ser que não o fosse... Sem dar-lhe tempo para argumentar, subi a rua a correr como um louco. Mas, sem saber como e por que fui pela viela ao fundo de minha casa. Iria procurar saber de sua tia se ela estava em casa, que a procurasse, pois corria perigo. Bati ao fundo da casa vizinha à minha antiga ouvidoria. Veio-me um escravo abrir ressabiado e estranhando que eu lá estivesse àquelas horas da noite e pelos fundos. Sem dar-lhe tempo pedi que chamasse a senhora, ou o senhor, que era urgente, caso de vida ou morte.

Logo lhe dei ciência do que sabia e prometeu ir ver se ela estava em casa, enquanto eu pensava em tornar, para atender o aviso que me fora

dado, ainda que indiretamente pelo doutor Cláudio. O que eu não sabia é que também havia me procurado. Estava quase a retomar quando vi que alguém corria pela viela. Eram passos leves, de alguém que vinha ofegante e cansado. Vozes na praça que os soldados guardavam pareciam procurar alguém

Ocultei-me sob a proteção da noite escura no reposteiro da minha antiga residência, sobre cujo peitoral havia uma linda videira que eu tanto amava.

Esperei que os passos se aproximassem, e pretendi até mesmo armar-me de uma pedra, com que o atacaria se necessário.

Logo chegou-se perto de mim, sem que me visse, mas eu reconheci seu modo, percebi que era ela:

— Marília! - gritei, mal contendo a surpresa. - Ficaste louca, amor? Que fazes tão tarde nas ruas? Não pensas que podiam atirar em ti? Por que fizeste isto?

Olhando-me assustada, reconheceu-me e se atirou aos meus braços em pranto convulsivo:

— Procurei-te por toda parte. Bati nas portas dos amigos, mas quase me prendem na casa do Diogo de Vasconcellos. Cuidava que era a do coronel Domingos Vieira, mas me enganei. Avisei dona Francisca e fugi, porque me queriam pegar. Que bom ver-te. Foge, querido. Há pouco chegou à nossa casa, à procura de titio, o tenente Valeriano, marido de Ana. Ouviu dizer que vão prender a todos, pois foram traídos. Foge enquanto é tempo, pois hão de cortar a cabeça a todos, pelo que se diz. Tomás, por que a vida tem que ser tão má para nós? Estávamos a um passo de nossa união, mas o senhor governador foi cruel. Não nos ouviu os apelos!

— Marília, vem! Chamemos tua tia, pois estão à tua procura. Adivinhei que eras tu o embaçado que fora à casa do doutor Cláudio. Não faças mais isto. Nada poderão provar contra nós. Estejas tranquila. Mesmo se eu for preso ou os outros, negaremos e nada poderão nos imputar. Não há prova nenhuma contra nós. Eu voltarei com valor redobrado. Verás. Não temas.

— Inútil, querido. Não te creio. Mas... - prosseguiu, enquanto eu batia no portão, para levá-la aos seus - Não conseguirão nos apartar. Vamos. Arranjarei cavalos. Nos esconderemos e o bom padre Francisco de Aguiar Coutinho nos casará ou o irmão Lourenço. Minha vida sem ti não valerá

mais nada! Atende-me. Ah! Por que não me ouviste as falas? Bem que te avisei e aos teus amigos. Não estaríamos todos sofrendo tanto nestes dias se me houvesse ouvido. Atende-me agora. Partamos. Faze saber que foste para São João dei Rei em casa dos primos e vamos a outra parte! Vem!

— Marília, Marília, não entendes? Nada temo. Não fugiria como um covarde. Nem pareces conhecer-me e ao grande amor que te tenho. Amor que nada, nem a morte jamais abalará. Quero-te acima de todos, não te relegaria a uma vida de fuga. - continuei dizendo a bater na porta com insistência.

— Não me amas! - falou ela arrebatada. - Repeles-me, mesmo quando te imploro!

— Não digas tal. Não aumentes meu sofrimento! Achas que preferiria a morte a ter-te nos braços? No entanto...

— Não te matarão! Eu rogarei à mãe Poderosa! Se és duro de coração para mim verás que Deus sabe ser mais clemente. Não morrerás! Hei de cobrar-te o amor que me juras ter!

Nesse instante, a tia de minha bela abriu o portão, resguardada por um negro forte. Ao reconhecer a sobrinha, puxou-a pelo braço angustiada:

— Marília! Que fazes aqui, Téia? Então é verdade, Dr. Tomás, ela saiu a expor-se aos perigos? Vem minha filha.

— Não, tia. Torno a minha casa. Meu noivo não me quer ouvir mais uma vez. Acabará matando-me de desgosto.

Sem entender direito o que ela dizia, presa por crise nervosa, sua tia olhou-me entre a reprovação e o agradecimento. Ajudei-a a transpor a porta, beijando-lhe as mãos, enquanto dos olhos me corriam lágrimas doridas e tornei à casa, passando o resto da noite a rever e queimar meus papéis e a terminar o vestido, que guardei com extremo carinho, enviando-o no dia seguinte à casa dela. À tarde, como não tivéssemos novidades, senão aquela da prisão do Tiradentes, achei bom procurá-la. Queria vê-la até o último instante.

Marília estava abatida, mas me recebeu com agrado.

— Deves pensar que sou leviana. - falou quando nos vimos a sós. - No entanto, tu mesmo não foste capaz de por nosso amor acima dos projetos vossos...

— Não me recrimines, Marília. Foi por temer este momento que se aproxima que me furtei de ligar a mim teu destino. És preciosa demais, és o melhor anelo do meu espírito. Se eu for preso, enviar-te-ei notícias. Haverrei de encontrar um meio e se conseguir liberdade retornarei. Mas, desde já, considera que és livre de te ligares a mim porque eu bem sei que alto preço me pode ser cobrado.

Quem sabe, haverás de encontrar outro homem que...

— Conheces-me bem pouco mesmo. Julgas-me frágil e talvez penses que a proposta que te fiz ontem foi fruto de mu momento de desespero. Pois ainda penso desta forma...

Olhei-a ternamente.

— Se eu aceitasse teu pedido, teria de me envergonhar de mim mesmo por toda a vida, por certo enlouqueceria pelo ultraje que te impusesse aos olhos dos homens.

— Que me importa o julgamento dos outros? - perguntou ela. - Só tu me importas e, além disto, nos casariam os padres. Sabes que o fariam e eu teria selada para sempre minha sorte à tua. Nem é este senão meu voto, seguir-te na dor e na alegria.

— Marília, então aniquilarias tudo o que ideei de mais santo! Por que pensas que adiei tanto este enlace? Teu sofrimento é um preço alto demais para minha felicidade e jamais o cobrarei.

Nossos passeios agora eram cheios de uma ternura, que se avizinhava dos presságios da morte. Abraçávamo-nos ternamente e contávamos os dias, na esperança de que alguém tivesse piedade do nosso amor.

Angústias e última esperança

Ao retomar à casa, percebi que as pessoas só falavam no estranho embuçado que estivera de noite a correr pelas vielas, sendo perseguido pelos soldados, e como desaparecera de repente.

— É um fantasma. Talvez hajam morto o alferes Xavier e mesmo morto veio conspirar. - disse uma mulher por quem passei.

— Não parece ser isto. - retrucou a outra. - Antes cuidam que seja uma mulher. Talvez alguma dona, a dar-se a encontros por aí. - disse a rir-se.

Sorri daquelas falas. O povo sempre adivinha as coisas. Marília tinha se arriscado demais. Felizmente a pudera por a salvo em casa dos parentes. Jamais me perdoaria se algo lhe ocorresse.

Enviei o Tomás à casa de meu confessor, o bom padre Francisco de Aguiar Coutinho. Queria confessar meus pecados, caso fosse morto.

Veio-me à casa já tardinha e estivemos conversando sem sermos molestados. Ministrou-me a absolvição entristecido.

— Padre, aqui tem a pequena importância que me foi emprestada pelo Macedo. Guarda-a para mim. Se acaso eu for preso, leva-a a Dijanira, para que cuide bem da pequena Dalva. E, se encontro no senhor alguma piedade, cuida da menina em meu lugar, porque eu mesmo ia a pedir à minha ex-escrava que me desse a tutela da pequenina, para cumprir meu dever para com ela. Mas, por mais procurasse vê-la em casa do português contratante, furtou-me disto, não sei por que intenções.

— Deus é bom tudo vê e tudo sabe, meu filho. Jamais te esqueças que ele nos guia por veredas tortas, mas seus desígnios são sábios. Erraste, mas não há de te faltar a misericórdia de Deus. Se fazes mesmo questão, guardarei esta quantia, mas tenho fé que precisarás dela para tua viagem a Bahia, onde te empossarás como desembargador e serás feliz com tua noiva.

— Padre, confio no senhor e peço a Deus clemência. - respondi,

beijando-lhe as mãos com humildade. Horas negras se avizinhavam.

À noite, em casa, fui procurado pelo amigo Bandeira. Fiquei a olhá-lo, pensando em como muitos haviam pedido sua cabeça, mas eu jamais cogitara contra ele qualquer coisa. Isto me aliviava a alma, bem como a conversa que tivera com o Pe. Francisco. A presença de Manitti, ouvidor de Sabará, veio acabar com uma conversa amena. Falou-se sobre os boatos que circulavam, sobre o embuçado, sobre as prisões no Rio de Janeiro.

Todos já sabiam e, ante meu silêncio, observou o senhor Manitti que muitos fazendeiros do rio das Mortes e chefes das milícias tinham entregado ao governador declarações importantes.

Então era isto, pensei. Vinha ele lançar-me o mesmo visco. Não apenas deveria eu tremer ante tais afirmações, mas pôr-me de molde a ser um delator.

— O povo fala demais e é leviano. - respondi com ironia. - Creem em fantasmas e predições, acendem velas nos altares e fazem mandingas nas encruzilhadas, bebem poções mágicas e lançam maldições. O povo é uma criança.

— Não o ouvi da boca do povo, senhor doutor Tomás Antônio Gonzaga, - respondeu Manitti - mas do próprio governador, de quem esperam uma definição.

Olhei-o de frente. Não era a amizade ou a honradez que o impeliavam para me avisar. Era a mesquinhez. A baixeza. Era a maldade, por me querer covarde e tremendo aos seus olhos, por me amesquinhar e diminuir.

— Não creio que isto tenha sido dito pelo senhor visconde. Tem ele uma família ilustre e, quanto menos, cultura e educação. Não lançaria boatos tão desencontrados.

— Duvida de minha palavra? - perguntou ele colérico.

— Acho, Sr. Manitti, que alguma coisa nestas falas estão de má sorte, porque, ou o senhor visconde não é o homem de honra que julgamos ser, e o senhor concorda que espalhar tais novas é próprio de mentes levianas, ou esteve ele a brincar consigo, ou o senhor conosco.

— Pior cego é o que não quer ver, Dr. Tomás. Onde há fumaça há fogo, e ao menos cuida que eu não falei com tibieza, porque faço ver o que pode ocorrer a muitos. Bem sabe o senhor que o Tiradentes foi preso. - respondeu

ele.

A ousadia daquele homem era terrível. Queria talvez ver até onde estaríamos informados.

— O senhor é quem o diz, e, isto posto, creio que deve saber. Eu mesmo cá estive a ver muitas prisões injustas, e estive a me bater pela Verdade. Há um Deus que tudo vê acima das mazelas e das leis dos homens, mas quem tem honra e virtude de nada se arreceia, Dr. Manitti. Além disso, não é o Silva Xavier pessoa de minhas relações, apesar da sorte de qualquer ser humano me ser preciosa. Mas, por que nos dizes, abertamente? Por que conduzes a conversação para tais sucessos? Que importa ao senhor a sorte do alferes ou as falas do senhor governador? Tens algo a ver como levante de que tanto falam?

A ironia tinha muito a ver com o modo risonho com que brincava com os brios daquele homem perverso. Bem podia eu dizer, a qualquer tempo, que ele procurava se insinuar em coisas perigosas. Sentindo-o estremecer pela minha habilidade em brincar, mesmo diante do perigo mais sério, olhou-me sem poder conter a indignação que o invadia:

— Hás de ver, Dr. Tomás, que não somos tolos como supões.

— Jamais supus que o fôsseis, nem por palavras, nem por atos, Dr. Manitti. O tolo só cuida de puerilidades e o senhor tem posto os olhos em vidas e destinos de muitos. Não. Não creias que desprezo ou desdouro teus méritos, ou tua inteligência, doutor. Apenas, não sou homem de subterfúgios e minha casa está de portas abertas a todos, menos à calúnia, à insensatez ou à maldade! Se tens honra, és bem-vindo, mas, por amizade que tens a Deus ou aos homens, escusa-te de trazeres à minha casa assuntos particulares do senhor governador, a menos que a isto ele te delegue.

Eu sabia que ele não podia descobrir-se, falar que o governador o enviara como espião de nossa causa, e calou-se, apenas murmurando:

— Pensei apenas em manter uma conversação dentro do que tenho ouvido. Não julguei que poria em perigo tua integridade ou a intimidade do senhor visconde. - falou ele.

— E nem precisas te preocupares por isto, doutor. O que aqui falaste, perdeu-se. Ninguém usará tais falas contra o senhor!

Fingindo uma tranquilidade que eu não tinha, convidei meus amigos a

tomarem um vinho, pois a noite estava fria, e regamos com poesia, eu e doutor Cláudio, as horas que nos restaram Quando todos se foram, abri-me com o velho companheiro, que me era como um pai carinhoso:

— Dr. Cláudio Manoel, a língua é o pior membro do nosso corpo. Pior que o ferro sanguinário, pior que o veneno das serpes, pois, por não terem provas com que nos aprisionem, usarão a palavra dos tíbios. Quantos terão recuado? Manitti não seria atrevido, como foi, se não fossem fundadas as provas.

— Também acredito assim Não era um jogo de palavras. Era um aviso de morte. Mas, ouve o que te aconselho. Falei aos outros. Se nos pegam, diremos que eram só falas, mas se formos acareados com o Silvério, juro que haverei de dizer que só este biltre me convidou para uma ação de fato. Dou-lhe o ás de paus. Verás. E, se o governador brincar com meus brios, se, podendo ser clemente nos acusa, então também a ele e até ao Macedo, que está na tramoia, porei por réus da conjura.

— Já te avisei, amigo, não faças tal. Meu irmão, meu pai, meu querido e terno Mestre, não o faças. Defende-te, mas não acuses. Poderá ser funesto. A perversidade dos homens é infinita!

— Se todos os acusarmos, pensaste? Ficarão nas mesmas malhas que julgam prender-nos. - disse ele e, mudando repentinamente o assunto - Dr. Tomás, acabaste por achar ontem o mascarado que aqui veio? Quem seria? Demorei a dormir, pensando nele.

— Sim Encontrei-o. Era Marília, pobre criança. Jamais me perdoarei por havê-la feito sofrer tanto. Eu não a mereço, doutor Cláudio. Ela é melhor do que eu e, no entanto, nunca poderei deixar de amá-la.

— D. Marília! Bem me pareceu familiar! Mas quem a avisou? E por que não mandou um portador?

— O tenente Valeriano, com desculpas que vinha avisar a família, pois Ana perdeu um filho que esperava e por pouco não morre, segundo me contou hoje cheia de amargura, achou ocasião de avisar da prisão de Tiradentes e como nas tropas se fala que breve todos nós também o seremos. Não teve meios de chegar-se a nós, porque poria sua própria integridade em perigo, que ela o fizesse durante nosso namoro. Mas, tomada de medo que tudo fosse articulado imediatamente, Marília nos

procurou. Não se fiaria num escravo, porque poderia em prisão denunciar a todos. Além disto, propôs-me que fugíssemos.

— Que coragem tem ela, pobre moça. Chama-me "titio", carinhosamente, pois a vi nascer. Sempre foi terna e meiga, mas não lhe supunha capaz de tanta valentia! - falou meu amigo amargurado.

— E dona Ana como está?

— Disse Valeriano que o perigo maior passou, mas está abatida, bem como todos. Sabes como este filho era esperado e querido. Tudo conspira para nos destruir. - falei entristecido. - Achas mesmo que entre os nossos haja traidores? Não serão apenas falas para nos enfraquecer?

— Não penso senão que há traidores. - falou doutor Cláudio.- Por que senão, como prenderiam o alferes?

— Tens razão. Mas o que podemos fazer? Como nos articular?

Ficamos em silêncio, sem atinar como agir, mas, súbito, ele pareceu ter uma ideia:

— Por que não pensei nisto antes? - falou arrebatado. - Escrevamos uma carta a todos. Chamemos os Irmãos aos brios!

— Mas, como documentar um libelo que nos poderia ser arma apontada contra nós? Não acabamos de queimar tudo o que nos incrimine? Como selar nossa própria acusação?

— Não entendes? Não assinaremos. Uma carta anônima, eis o que devemos compor.

— Mas e a letra? E quem a entregará?

— Quanto à letra, tu e eu disfarçaremos. O difícil será achar quem possa levá-la sem suspeitar. Falemos ao Mestre Lisboa. Talvez tenha alguma solução.

Rascunhamos uma carta e fomos ter à casa do Aleijadinho.

Ouviu-nos com atenção quanto ao assunto que trazia a carta, pondo algumas ideias.

— Pois a escrevam. Eu mesmo a passarei. Não desconfiarão de mim. Todos fogem de me ver, conquanto a curiosidade, e, além disto há meu filho. Também o fará se eu lhe pedir. É preciso que todos recebam este aviso. Do norte ao sul. Escrevam! Eu tenho meios de fazê-la circular.

— Mas não é muito arriscado para ti? - perguntou doutor Cláudio.

— E por que só eu não devo correr riscos neste projeto?- falou ele. - Não sou tão incapaz que não possa valer para alguma coisa! Não temas. Irmão. Os padres e amigos das próprias milícias passarão o aviso.

Entre nossas palavras, chamamos os conspiradores à palavra empenhada e à coragem. Por ironia ou brincadeira, também eu e doutor Cláudio viemos a recebê-la. Era a maneira do Aleijadinho dizer: missão cumprida!

Um parágrafo era claro e incisivo. Dizia: "E quem não é capaz para as cousas, não se meta nelas, que mais vale morrer com honra, que viver com desonra".

Mais ou menos dia 20 de maio todos os conjurados já tinham recebido cartas semelhantes, em Serro Frio, Borda do Campo, Tamapuã, Paraopeba, Tejuco, Sabará, Rio Verde, Campanha, Igreja Nova. Um alento de esperança e valor bafejava nossas vidas.

Enquanto isto, Dijanira presa de remorsos, ouvindo conversas desencontradas à rua, tendo sabido da visita do embuçado à minha casa, adivinhava pelos projetos do João Rodrigues de Macedo, que enviara o Vicente da Motta com negócios a Cachoeira, de onde tomara o caixa abatido e preocupado, adivinhava que o final seria funesto para todos. Pensou, por este modo, procurar-me e falar tudo o que sabia. Mas, era tarde. O português que a acolhera, não tendo nela confiança, mandou que a amarrassem com cordas e ficasse presa, sem poder sair da casa, até que tudo se precipitasse. Na casa do contratante havia um escravo, por nome Joaquim um preto velho, que conhecera Dijanira desde a infância. Tinha por ela um carinho imenso e, vendo-a sofrer, achou meio de soltá-la uma noite, entregando-lhe a filha e aconselhando-a que fugisse para longe.

Desesperada, de madrugada, Dijanira acompanhada por Dalva, saiu na noite à procura do sítio que eu lhe comprara a caminho dali. Contava esconder-se e à menina, até que tudo tivesse passado. No frio da noite nevoenta partiu de Vila Rica, cheia de remorsos e temores, levando a encantadora criança que nos unira, por um tempo.

Em espírito, acompanhei-a cansada e aflita até o recanto pobre, em cuja rústica casa se acolhera, levando algumas roupas.

Tentei, em espírito, animá-la a procurar o bom padre Francisco Aguiar que ela conhecia bem e cuja grandeza de alma poderia valer-lhe.

Mas não me sintonizou o conselho amigo, por mais tentasse lhe falar.
Quando o Sol surgiu, acordei angustiado, sem me lembrar onde estivera.

35

A prisão
de Tomás Antônio Gonzaga

Amanheceu e cuidei ir ter com minha noiva. Sentia-me zozzo, cansado, como se tivesse a vagar durante toda a noite. Por mais intentasse lembrar que sonhos funestos me assaltaram, não conseguia senão pensar na imagem da pequenina Dalva. Sabia que sonhara com ela, mas o quê?

Marília recebeu-me com um sorriso:

— Faltam poucos dias, querido. Tão poucos. Conto-os nos dedos. Vem. Canta para mim! Quero que todos que passem pela rua me invejem ouvir-te. Vem!

Colocou-me diante do cravo. Eu não conseguia atrever-me a tocar, pois era ela quem o fazia divinamente, mas, contagiado pela sua graça e encanto, comecei a dizer quanto me ia n'alma, numa canção trigueira que dizia assim:

Ai, ela tem umas negras tranças,
Ai, ela tem umas negras tranças,
E preso por elas estou em andanças,
E preso por elas estou em andanças.

Ai. Morena, de mim tem pena,
Ai, morena, de mim tem dó,
Depois que te vi já não
Já não sei mais ser só.

Ai, ela tem umas negras tranças.. . etc.

Ai, que tesouro é o teu sorriso,
Ai, que de mel são os lábios teus,
E nos teus peitos perco o juízo,

Sou mais feliz que o Próprio Deus.

Marília riu-se do fado profano, mas me pediu outra, mais conforme com meus versos. Então, lentamente, num suspiro terno, elevei minha voz em volteios doridos:

Se um dia te apartarem já de mim,
pensa que morri, que tive um fim,
pois não pode o pássaro sem ninho
viver já bem distante do amor.

Se um dia me levarem para longe
e a ímpia sorte ingrata me perder,
longe dos teus olhos cismadores,
que mais me restará? Irei morrer!

Bela, amada minha para toda vida,
doce, gentil donzela que o Amor me deu.
Amada, saiba que longe morro de amores,
pois bem quem vive por ti, sem ti morreu!

— Não! - falou ela, com um acento de alegria na voz. - Estaremos juntos! Acordei hoje cheia de alegria e esperança. Vi uma jovem senhora, que muito se parece contigo, e ela me prometeu que estaremos juntos! Havia junto dela uma criança terna e linda, loura como tu, um menino. Quem sabe um aviso. Quem sabe nosso filho? Tenho certeza! Os sonhos são avisos. E este meu sonho bom de hoje é uma promessa.

— É tão bom ver-te sorrir. - falei. - Assim quero lembrar-te, minha amada.

Falamos, fizemos projetos, andamos até a ponte de Antônio Dias (hoje, ponte Dirceu). Pessoas passavam e nos olhavam.

— Todos me têm inveja. - falava eu. - Sou o homem mais feliz do mundo inteiro.

Após a manhã calma tornei à casa, e estive em conversas com alguns amigos que me foram ver. Já há três dias o Valeriano havia nos avisado de uma prisão iminente, mas parecia que... para que me enganar? As tropas do Rio de Janeiro estavam a caminho. De um momento para outro...

Estive a rever minhas peças de vestuário. Consentiriam que as levasse se fosse preso? E onde me poriam? Na cadeia cuja construção eu mesmo subscrevera? Que destino engraçado este, pensei.

Comecei a rir, de repente, envolvido pela entidade que me perseguia atrozmente. Passei a gargalhar, preso por um envolvimento cruel, e por um temor horrível. Daí a instantes lágrimas me escorriam pelos olhos, e eu ria e chorava, ao mesmo tempo, extravasando a angústia que me vinha represando no coração. Ouvindo-me, veio-me ver o bom Tomás:

— Sinhozinho! Que acontece?- perguntou aflito, julgando que eu houvesse enlouquecido.— Tomás, - falei, contendo-me a custo - se algo me acontecer, se me vierem prender, cuida da casa até que eu torne, e diga a sinhá Joaquina que eu nunca me esquecerei dela. Que pensei nela até o último instante. Vem cá. - Levei-o até um canto e tirei a caixa de canela. - Leva-a a ela, se me prenderem

Era a joia que meu pai me dera quando partira para o Brasil.

Abracei-me ao querido companheiro que sempre me fora fiel e ele começou a chorar:

— Intão é verdade, Dr. Tomás. Mas, por quê? Nunca vi homem melhor que vosmicê. Se o doutor quiser eu luto e fujo com o sinhô. Euinté morro pro sinhô.

— Não foi para isto que eu lutei tanto, Tomás. - falei. - Não foi senão para que vocês vivessem. Chega de tanta morte, embora talvez fosse melhor que ir arrastando os dias numa masmorra.

Mas, devido à presença do amigo escravo, ou porque fosse, a entidade que me fizera sofrer tanto afastou-se, dando lugar ao velho judeu, meu bisavô. Imediatamente enchi-me de ânimo, diante de suas vibrações amorosas:

— Sabes, Tomás? Havia um judeu, por nome José. - comecei a dizer.

— Judeu é sangue ruim Eles mataram Nosso Sinhô. - falou meu escravo.

— Não, Tomás. Jesus também era judeu. Negro ou branco, judeu ou cristão, todos os homens são filhos do Grande Arquiteto do Universo. Pois este José foi vendido como escravo por seus irmãos, mas não se desesperou e chegou a ser um quase rei no Grande Egito. Quem sabe Deus, por estes

modos, me leva a novos cometimentos, que jamais eu por mim mesmo procuraria? Tenho que ter fé em Deus. Agora nada mais me resta.

Tomás tomou um violão e pôs-se a cantar suas músicas africanas, dolentes e tristes. Eu fiquei pensando em como sofriam os escravos e como bem podia eu estar a ferros em breve.

Acabei adormecendo sob os acordes do escravo que me era tão fiel, e só acordei de madrugada, combatidas na porta da frente. Abri a janela e vi os milicianos. Reconheci à luz da lua e do lampião da esquina... a figura alta e elegante do ajudante de ordens do governador, o Francisco Rabelo. A hora chegara, mas, estaria preparado?

— Que é isto, tenente? - perguntei. - A quem procuram?— A V. Excelência. - respondeu ele. - Por favor não resistais. Tenho ordens de levar-vos prisioneiro.

— E por que fugiria? De que sou acusado? - perguntei, percebendo vultos a nos olhar por trás das janelas.

Mas o tenente não me respondeu. A porta fora aberta e ele entrou, indo até meus aposentos:

— Dr. Tomás, sinto muito, mas tenho ordens do senhor Governador para levar-vos imediatamente ao Rio de Janeiro. Tendes alguns minutos para pegar alguma roupa.

Fiz sinal para o Tomás, que havia adormecido ao pé de minha cama, como violão ao colo. Ao ouvir o barulho dos passos na entrada, escondera a caixa de canela dentro do instrumento. Tomou uma mala e começou a colocar dentro as peças de roupa, que eu andara aprontando para minha viagem à Bahia, com cuidado e, como eu me vestisse, deu-me o balandrau, e o capote vinho de lã, para ir em viagem

— Deus é grande, sinhozinho. Mecê vai vortá.

— Sim, Tomás. Tens razão. Eu voltarei. Um dia. - respostei, enquanto me punham algemas pesadas, presas por correntes aos punhos.

Fui instado a tomar um animal e com um pequeno séquito fui subindo em direção à estrada, que um dia me trouxera cheio de esperanças para aqueles sítios que se haviam tornado tão caros ao meu coração. Olhei para trás e vi a Casa Grande, onde por certo, sem saber de nada, Marília dormia descuidada. Em pensamento beijei seus cabelos, suas mãos, seus olhos, mas

não chorei. Aqueles homens não sabiam que eu partia sem esperanças, mas disposto a lutar até o último alento.

Enquanto isto, o contratante Macedo dera falta de Dijanira e enviara um capangueiro à procura dela, com medo que o denunciasse e pudesse correr perigo. O negro Joaquim, ao saber de tais projetos, saiu sorrateiro para ir avisá-la, já que sabia onde encontrá-la.

Chegou à casa dela, no mesmo instante em que eu também era preso. Entrou pela porta e dentro do pequeno cômodo levou uma punhalada no peito. Oculta pela sombra da noite, minha ex escrava apavorada cuidou que fosse algum perverso que a vinha buscar. Quando reconheceu, na baça luz da noite o preto velho que a cuidara desde menina, ajoelhou-se aos seus pés:

— Pai Joaquim, perdão. Eu não sabia que era vosmicê. Cuidei que fosse algum perverso. Mas eu te trato e ficarás bom Perdoa-me. - falava, enquanto Dalva olhava sem perceber.

— Fuja, minha fia, que eles vêm atrás d'ocê. Fuja, Dijanira. Pai Joaquim tá velho num pode corrê mais. As perna num ajuda, mas foge, qui eles ti mata. Perdoa, fia, Pai Joaquim num pôde chegá antes...

O pobre negro falara com muito esforço, porque mais nada pôde dizer. Estava morto. Desesperada, ela tirou uma parte do sapé que cobria os fundos da casa, que dava num barranco. onde o mato chegava. Passou por ali a pequena Dalva:

— Foge, Dalva. Corre para bem longe. Não volta nunca mais aqui. Procura os padres que te ajudem Corre, filhinha.

A menina ainda queria ficar, agarrando-se ao seu braço chorando, mas a ex escrava ameaçou:

— Anda! Foge senão te matam Vai!

A menina correu escorregando na subida. Dijanira voltou-se, ouvindo gente que chegava. Tirou do peito do velho escravo o punhal e preparou-se para lutar até o último alento de vida. Viu um vulto forte de mulato que se acercava dela. Ergueu os braços, intentou golpeá-lo e caiu varada pelo punhal mercenário.

Angustiado eu prosseguia manietado, enquanto a manhã chegava esplêndida. Dalva fugia, protegida por entidades amigas e Dijanira partia deste mundo sem bem compreender porquê.

36

Prisão
de Domingos de Abreu Vieira

Enquanto eu ia manietado a cavalo, ralado de amargura, mas cheio ainda de esperança, no dia que principiou logo a nascer, outra guarnição ia aprisionar o bom amigo, português como eu de alma brasileira, o Domingos de Abreu Vieira. O pobre homem estava velho e cansado, cheio de temores e jamais poderia sozinho resistir a tal escolta. Seu escravo Nicolau não se apartou dele. Maltratado, instado com a coronha dos fuzis, teimou em seguir seu amo, naquela hora terrível:

— Nosso Sinhô Jesus Cristo sabe que coroné Domingos precisa di eu. É uma mardade querê que ele fique sozinho. Por caridade, deixa eu ir cum ele.

Por caridade ou não, não conseguiram demovê-lo e, manietado junto com seu dono, seguiu o querido Nicolau para o infortúnio, numa amizade terna e pura, que, nem mesmo entre os Irmãos, jamais Domingos encontrara.

Foi o velho português encarcerado no prédio da cadeia, que hoje é o Museu da Inconfidência, e entregue as mãos de soldados sem escrúpulos, que muito o martirizaram com ameaças a si e ao escravo fiel, e, mais tarde com maus tratos ou torturas, com a finalidade de comprometer-me e aos que ainda estavam fora das grades.

Na manhã esplêndida eu prosseguia. Tentara inquirir por mais de uma vez ao Rabelo quanto ao crime que me era imputado, como se eu não soubra, mas ele absteve-se de falar qualquer coisa. Parecia temer que eu com um discurso, pudesse desatar as algemas pesadas. Não permitia nenhum soldado ao meu lado, espreitava os matos, e qualquer ruído parecia assustá-lo. Percebi que temia que alguém intercedesse, no sentido de soltar-me. Mas eu não me iludia. Tudo estava perdido. Que ao menos eu e o Tiradentes fôssemos os únicos. Pensava em doutor Cláudio, no primo

Alvarenga. Que fariam quando soubessem da minha prisão? Teria o amigo visto quando me levavam? Era possível, provável mesmo, porque minha casa era lhe vizinha, praticamente. Então por que não viera tentar saber alguma coisa? Talvez se articulasse logo após, para avisar os outros conspiradores. Tê-lo-iam preso também? Propus tais questões ao Rabelo. Não me respondeu. Começava ali, naquela viagem, naquelas serras queridas, que o céu tremendamente azul cobria, uma incomunicabilidade massacrante. Tínhamos dias de marcha pela frente e muitos poderiam ver a escolta pelas estradas. Mas dificilmente o ajudante do capitão general me permitiria falar com quem quer que fosse. Lembrei-me dos tios no Rio de Janeiro. O que fariam quando me soubessem preso? Era impossível deixar que estas notícias não circulassem. Quais seríamos motivos apresentados? Traição, contrabando, como haviam feito ao Meirelles há dois anos? Não poderia supor um homem da cultura do visconde de Barbacena afeito já a tantas maquinações, mas não o poderia jamais inculpar. Não era dos nossos. Se entre os próprios conjurados houvera defecção, como não esperar de um homem cuja cabeça estava ameaçada uma reação à altura? Não. Jamais o poderia inculpar. Eu não deveria esquecer que mais valeria morrer por aquela ideia libertária, do que matar. Arrependia-me, amargamente, de não o haver tentado trazer a nós, mas como poderia tê-lo feito? Um homem é livre para ajuizar e o visconde sempre fora arredio às minhas investidas. E Marília? Talvez estivesse acordando àquela hora, ou alguém a fosse avisar. O que me esperava? As prisões do vice-rei tinham fama invulgar. Não ficavam nada a dever às do Cunha de Menezes. Poderia avistar-me com o Tiradentes? Não. Por certo, não o permitiriam. Talvez em alguma acareação, mas até lá...

— Espero, Sr. Rabelo, que não me negues um obséquio. Gostaria de falar com o senhor visconde.

O ajudante de ordens olhou-me por uns instantes abismado. Que pretenderia eu agora? Iríamos passar pelo sítio da Cachoeira, onde falaria ao governador da missão que estava cumprindo a bom termo.

— Se o senhor capitão general quiser avistar-se consigo o fará. Posso, quanto muito, dizer que pede o obséquio. - respondeu-me ele sério.

Em poucas horas chegávamos a Cachoeira e o capitão general veio ter

conosco.

— Dr. Tomás, - disse-me com voz dura, onde percebi ligeiro tremor - sinto que nos vejamos em condições tais. Vi-me forçado a tomar atitudes que meu coração deplora, mas minha posição e meus brios de homem exigiram-me tais ordens. Possa Deus e V Mercê perdoar-me e provar a todos que as acusações que pesam sobre o senhor são infundadas. Folgarei de rever-vos em condições outras.

— Que acusações são estas, senhor visconde, que não as pudesse eu responder na própria Vila Rica? Por que precisais enviar-me ao senhor vice-rei e furtar-me aos olhos de todos na calada da noite? Temo que não consiga entender de pronto o apreço que me dizeis ter, mais a consideração e votos que propondes. - redargui.

— Nada posso adiantar quanto a isto, porque estas determinações são obediências que cumpro, desembargador. Espero que vos hajam de ajuizar quanto a isso, quando chegardes ao destino. Além disto, acredito que não haverão de provar nada contra V Excelência, e que possamos nos ver em melhores circunstâncias. - falou. E, voltando-se para o ajudante de ordens: - Nem careceria de manietar o doutor, como ladrão vulgar, Sr. Rabelo. Cuidei que não precisasse informá-lo que isto fosse desnecessário!

Rabelo ordenou a um soldado que me soltasse dos ferros, mas se percebia que não era este seu desejo. No entanto, não respondeu.

Homem calado e obediente, era disposto a subir nas milícias pelos serviços prestados, sem se envolver emocionalmente com os projetos que o pediam

— Pediria a V Excelência mais uma caridade. - falei - Não sabendo o teor das acusações que me fazem seguir um destino tão incerto, poderíeis, em nome da antiga amizade que nos uniu, conceder-me uma carta em que me defenda, falando dos projetos do meu casamento?

— Sem dúvida, Dr. Gonzaga. - E, voltando-se para o ajudante de ordens: - Ajuda-nos a entrar com teu prisioneiro, Sr. Rabelo, para que eu providencie quanto a isto. - E, vendo que ele parecia temeroso de que eu estivesse solto, aduziu: - Nem careces de acompanhar-nos. Sei, pela honra do doutor, que não tentará nenhuma loucura.

Quando estávamos a sós ele me escreveu a carta que eu pedira, para que

a usasse em minha defesa, e, num momento de reflexão, disse-me:

— Desde fevereiro, para ser mais certo, 12 daquele mês, tenho comigo uma denúncia séria contra o senhor, Dr. Gonzaga, da parte do desembargador de Sabará, o Dr. César Caetano Manitti. Tive que levar em consideração tal denúncia, pois que ele a faria até ao vice rei. Sinto muito que os projetos de teus amigos tenham tido tão malfadado fim, e que eu tenha sido o objeto de derruí-los, mas, espero em Deus, que nada se possa provar contra o senhor nem contra outros homens de honra e virtude que estão sendo denunciados. E que, desde já, me perdoes pelos danos que possas ter, e dos quais serei sempre culpado aos olhos de Deus, apesar de tudo haver feito para que não chegássemos a tais sucessos.

Compreendia eu a luta íntima do homem que estava diante de mim. Apesar de seus protestos, eu sabia também que desde o dia 12 de março havia feito projetos financeiros com o Macedo. Fosse como fosse, apesar de suas falas, não deixaria de tomar partido para si, quanto a tudo.

— O julgamento dos homens é falho, Excelência, mas Deus ajuíza melhor que nós mesmos, quanto às nossas ações. O tempo responderá quanto a cada um de nós, mas tenho fé de que quanto a mim, nenhuma aleivosia ou maldade possa ser ajuizada. Agradeço-vos o auxílio e voto.

Atraídos pelo vozerio e barulho dos animais da escolta, apareceram a viscondessa e o doutor Maciel. Enquanto ele parecia apavorado, a olhar-me com incredulidade, ela, apesar da desaprovação do marido que a olhava, dirigiu-se a mim:

— Sinto muito, senhor desembargador, que tenhamos chegado a isto. - falou-me - Se não tanto por ti, ao menos por tua noiva. Gostaria que eu pudesse dizer-lhe alguma coisa?

— É uma mercê muito grata que não esquecerei, Sra. Viscondessa Maria Rosa. Diga a D. Maria Dorotéia que, quem soube amá-la tanto na ventura, terá em sua lembrança o único conforto na desgraça.

— Direi, Dr. Gonzaga. - prometeu-me.

O governador olhou para o Dr. Maciel, como a inquiri-lo se queria também falar comigo, mas ele abaixou os olhos para o chão, e eu percebi que a custo continha sua tristeza.

— Adeus, senhores. Deus leva por caminhos vários os homens e tanto

ao ímpio quanto ao justo recolhe, quando lhe apraz. - falei- Que eu possa seguir sem mágoa alguma no meu espírito e com resignação o caminho que me aponta.

Nada mais havia a dizer. A escolta seguiu e eu no meio deles, enquanto a viscondessa, seu marido e o amigo ficavam a olhar-nos até que nos perdêssemos na estrada.

Interrogatório do Tiradentes

Enquanto isto, na cidade do Rio de Janeiro, o alferes Xavier, que ficara incomunicável por aqueles doze dias, era conduzido à presença de José Pedro Machado Torres, um homem sagaz e rigoroso e do ouvidor Marcelino Pereira Cleto, que anotaria todo o interrogatório. Pensavam encontrar um homem abatido e temeroso, como todos os outros que haviam sido interrogados. No entanto, barbudo e decomposto, aquele homem manietado por correntes cruéis nos pulsos e nos tornozelos, não era uma figura digna de pena. Por testemunha trazem a José dos Santos Rodrigues de Araújo, tabelião daquela cidade do Rio de Janeiro. Caminha o alferes até a mesa cercado pelos guardas, de modo meio enviesado, como quem troca os pés dos sapatos. Olham-no Marcelino Cleto e José dos Santos Rodrigues Araújo. Reconhecem aqueles passos. Tiradentes é um maçom. Se o juiz o soubera também e fosse um Irmão tudo seria mais fácil. Acabaria solto. Mas não. Torres, a astuta raposa, ignora. Não faz parte da Confraria. O gesto identificatório do alferes se perde, sem resposta. Começam as perguntas de costume. Nome, filiação, naturalidade, estado civil. Depois prosseguem:

- Sabe o senhor as razões de sua prisão?
- Não. - responde ele. - Ignoro completamente.
- Mas, nem suspeita? – insistem.
- Não. Não faço ideia nenhuma quanto a isto.

Percebem que intenta negar tudo, fazer-se de inocente e o admoestam em palavras duras, afirmando que tudo sabem. Torres o inquire novamente e faz que veja as cartas de apresentação que recebera para a fuga. Por um instante o Tiradentes parece culpar-se de algo. Por que não queimara tais cartas, pensa ele, logo que vira a casa do Rego Fortes cercada? Por certo,

elas o incriminariam, mas, mais do que tudo, incriminaria o pobre amigo, que já deveria estar sofrendo mais do que ele. Com a grandeza natural de seu coração, sua resposta é mais de molde a livrar o outro, do que defender-se:

Tais cartas ele as pedira, dizendo que o andavam a seguir, porque dissera mal do senhor vice rei, e por caridade o haviam ajudado.

— Mas, por que diz o missivista que o senhor estava preso por dizer verdades? Que verdades são estas que obrigam um homem a fugir? - pergunta-lhe Torres. Tiradentes não responde. Jamais acusaria quem quer que fosse, preferia, em tal caso chamar por último recurso, para si mesmo as consequências de qualquer ato.

Torres, percebendo-lhe a intenção, ainda pergunta quanto ao mulato, seu escravo. Por que o tendo vendido ao sargento Manoel Caetano, não o entregou prontamente? Por que disse que só o faria daí a quatro dias? O que pretendia fazer neste tempo?

— Nada havia para ser feito. - respondeu o alferes- Apenas, como havia sido dito a ele que seria preso, houve por esta forma arranjar casa e comida ao escravo. Se não fosse preso, desfaria a transação depois.

— E por que esconder a mala de roupa em casa de Rego Fortes? - prossegue Torres.

— Porque pretendia fugir para São Paulo ou Minas e pediria ao amigo que guardasse meus pertences. Também por igual razão me armara de um bacamarte, pois não me poderia arriscar nos matos sem uma arma.

Quanto ao fato de estar no Rio, alegou o mesmo que dissera em todos os relatórios seus às Câmaras dando conta de projetos, os mesmos que sempre o fizeram vir ao Rio de Janeiro.

Em seguida Torres pergunta com respeito às pessoas em cujas casas estivera, o ajudante de Cavalaria João José e o alferes Jerônimo de Castro e Sousa.

Procura Tiradentes fazer com que tais visitas passem por corriqueiras. Fala da doença que acometera João José e de negócios que cobrava através de Jerônimo pela venda de umas madeiras. Mas, engana-se. Torres já sabe que se falara, na ocasião, da derrama. Os outros haviam delatado o alferes, para se livrarem de mais apertos.

— O senhor não está dizendo a verdade. - resposta o juiz inclemente - Qual o teor da conversação que o senhor teve com o alferes Jerônimo em casa de Valentim Lopes da Cunha e sua irmã Mônica Antônia?

Então nada mais poderia dizer, porque falaria da Conjuração Mineira, porque fora de tais projetos que andara a tentar erguer os companheiros. Mas a calma não o abandona. Ao seu lado estão as figuras de Felipe dos Santos e aquele romano que o ajudava, desde quando fora Mário, o militar, que acabara por derrotar o senado Romano e destruir Cartago. Daquela vida, que um dia, se Deus o permitir escreveremos, vinham as minhas prevenções contra o alferes, que, nem mesmo nossa labuta antes do reencarne desfizera de todo.

— Não me lembro bem das conversas que mantive, na ocasião. - informa, tentando por este modo arrancar mais de seus inquisidores. - Nem mesmo me lembro bem de tais pessoas que não conheço.

Sua atitude irrita tremendamente o juiz. Por este jeito seria mais difícil provar qualquer coisa. Abre-se a dizer-lhe sem rebuços que sabia de seus projetos. Que se intentava um levante, nos moldes da América do Norte. Apostrofa-o. Pergunta-lhe agressivamente:

— E o negas?

Mas, envolto pela própria superioridade moral e amparado amorosamente pelos amigos do Plano mais Alto, Tiradentes nada teme.

— Nego, sim. Nego. É absolutamente faltar com a verdade. Só se eu estivesse bêbado ou louco poderia fazer tais assertivas, principalmente em presença de pessoas que absolutamente não conheço.

Definira-se o alferes. Haveria de cumprir o que havíamos jurado. Negar até o fim qualquer conjura, qualquer nome, qualquer envolvimento.

O nervosismo do juiz é evidente. Inquire, por todos os modos e palavras, tenta pegá-lo em alguma coisa, em alguma contradição. O alferes faz-se humilde e ingênuo.

— Não seria eu pessoa de valor que pudesse ser a cabeça de um movimento de tal porte.

Após horas de exaustivo interrogatório, os juízes o pensam conduzir novamente à cela da fortaleza da Ilha das Cobras, onde brevemente eu seria também trancafiado.

O juiz corregedor ainda teve mais uma arma. Mandou que entrassem com o ajudante João José. Acareia a ambos. Obriga ao ajudante que repita tudo quanto já declarara com respeito às falas do alferes, chamando Portugal de ladrão e instigando a revolta. Envergonhado, repete o ajudante quanto já assinara, mas o alferes nega. Faz entrar, então, o próprio coronel Silvério dos Reis. O choque não poderia ser maior para o pobre alferes. Sente-se perdido. Olha de frente o antigo colega de fardas. Parece chamá-la aos brios. Entende, finalmente, porque estava preso, que aquele homem bem poderia entregar a todos! Talvez que seu entusiasmo, suas prédicas fossem realmente prejudiciais e perigosas para os amigos. Em tal caso, perdoaria o traidor mas não se perdoaria jamais. Pensa num segundo nas famílias que seriam abandonadas, na tragédia que poderia se seguir. Ouve as insinuações, as afirmações drásticas do juiz Torres e vê, diante de si, a imagem da perfídia e da torpeza moral. Mas não se irrita, não ataca, não se defende! Nega! Nega! Nega! E pede a Deus, ardentemente, lhe ajude em tudo quanto poderia falar, para não perder a ninguém

Isto ocorria enquanto eu me distanciava mais e mais da querida Vila Rica de Ouro Preto, sem esperanças de lá tornar, conquanto disposto a usar até o fim os meus recursos de magistrado, ciente de meus direitos, a 22 de maio de 1789 para 23 de maio.

Amanhecera também em Vila Rica e o bom Tomás, meu escravo, procura a Casa Grande, onde Marília acabara de acordar, abatida sem saber por quê. Fazem-no entrar. O pobre negro, cheio de piedade, entrega-lhe a caixa, da parte do sinhozinho:

— Abre que tem um escrito pra Vosmicê, qui o dotô iscreveu inda ontem

Marília abre a caixa e dá com a joia, mas o papel é que a inquieta. Por que não era eu mesmo o portador? Teria fugido? Prouvera Deus!

Lê:

"Alma minha, se este receberes, saibas que eu estou preso. Este é o mimo que te daria no dia dos nossos esponsais.

Jamais o delegaria a qualquer outra. Teu terno e desesperançado noivo, Tomás"

— Onde está o senhor? - perguntou ela, sentindo-se rodopiar.

— Levaram ele, iaiá, os soldados.

— Quando foi isto? - pergunta ainda com energia.

— Faiz umas horinha, mais ele me ordenou que só desse quando o sol vinhesse e disse que vorta, mas... - o pobre negro não sabia como continuar.

Pensava que a jovem desmaiaria ou choraria, mas ela não o fez.

— Que caminho tomaram? - perguntou. - Foram para a cadeia?

— Não, iaiá. Foram pras estradas do Rio. Precisa de mais alguma coisa? - perguntou ele.

— Não, Tomás. Obrigado. Vai-te. E, se souberes de mais alguma coisa, avisa-me. Não temas, que serás recompensado. Vai-te. E não fales sobre isto a ninguém

Marília chamou a prima.

— Francisca. Vem comigo. Anda! Vamos procurar irmão Vicente na Igreja de Antônio Dias. Vem!

— Mas, o que acontece? - perguntou a prima estremecendo e vendo-lhe a transfiguração do rosto. - Marília, dize!

— Não faças perguntas. Temo não encontrar forças para dizer-te. Peço-te apenas que venhas comigo.

Mal se arrumou, pondo nos ombros uma mantilha, e foi-se para a Igreja que aberta estava. Na sacristia foi recebida pelo irmão Vicente, que estranhou o viesse procurar:

— Sabes onde posso achar o irmão Francisco? - perguntou ela. - Sabes com que intenção hajam preso o doutor Tomás e onde o contam levar?

Então era isto. Pobre criança, pensou o padre, percebendo que ela se continha a custo.

— Dona Joaquina, não fiques por este modo. Nada poderás fazer que ajude o doutor Tomás. Mas, confia em Deus, minha filha.

Irmão Francisco saiu cedo, com destino ignorado com um dos seus paroquianos. Pediu licença ao Irmão Maior, para cuidar de um assunto que desconheço, mas pareceu urgente. Talvez sejam projetos de ajuda ao doutor Tomás. Pareceu-me isto. Vai para casa, minha filha.

— Nada podes fazer. Ora e pede a Deus te conforte. E fuge aos boatos da rua, que podem magoar-te ainda mais. Assim que irmão Francisco chegar, envio-o à tua casa. Vai, filha, e que Deus te dê forças.

Marília não sabia o que fazer. Voltou-se para Francisca.

— Doutor Cláudio. Talvez ele saiba de alguma coisa!

— Filha, não vás à casa de ninguém. Também prenderam o coronel Domingos e dizem que farão mais. Aceita meu conselho. - e, voltando-se para Francisca - Leva-a para casa, que é melhor, isto é assunto para homens. Avisa teu tio João Carlos da Silva Ferrão e cuida dela. Temo que...

— Temes o quê, padre? Que me ponham louca? Ou que eu morra! Pois, crê, que sem o doutor Tomás é como se me tivessem morta mesmo.

Depois, procurando sopitar o nervosismo e desespero que a martirizavam pediu:

— Perdoa-me, padre, e ora por mim que talvez tenhas razão. Julgo enlouquecer.

Saiu apressada. Algumas pessoas do povo, ao vê-la, pararam para a observar. Juntou-se uma pequena aglomeração. Cochichavam. Alguns mais impiedosos, falavam de modo que ela ouvisse:

— É a noiva do doutor! Coitada! Agora, adeus casamento. Dizem que ele roubou uns diamantes. Que era contrabandista. Será verdade?

Ouvindo os comentários, Marília ergueu a cabeça, enxugou os olhos, manteve-se ereta. Francisca ao seu lado, seguindo-a, enquanto ela ia em direção à sua casa, animou-a:

— Vamos, Marília. Não dá a esta gente plebeia o gosto de te ver sofrer. Não chora. Aguenta, minha querida. Logo estaremos em casa. Vamos, Téia, vamos. Deixa esta gente ingrata. Eles não merecem ver uma só lágrima tua. Só mais um pouco.

À minha noiva parecia que aquelas pedras da rua eram infinitas. Que nunca chegaria à casa, onde pudesse descansar o pensamento aflito.

— Francisca. Quando chegarmos, manda um escravo à casa de "titio". - ela se referia a Cláudio Manoel, que amava como membro da família. - Faze-o vir em casa. Nem sei se poderá. Também ele deve estar sofrendo. Queriam-se muito.

A custo, sob um véu de lágrimas a lhe embaraçar a visão do caminho, lágrimas represadas, contidas como uma nuvem ao olhar, Marília chegou ao portão, transpô-lo e foi sustentada por Francisca, porque quase esteve a desmaiar.

Nos ombros amigos, desatou em pranto convulsivo:

— Ah, Francisca, Francisca, por que Deus assim me oprime? Que mal fizemos eu e o doutor, para sofrermos tanto?

Não pôde articular mais palavra alguma. Enquanto a tia e a prima a conduziam aos seus aposentos, chorava sem parar, sacudida por violentos soluços que pareciam arrancar-lhe a alma pelos olhos e pela boca.

Assustada e já informada do que se passara, tia Clara Gertrudes deu-lhe uma poção medicamentosa, e mandou a prima que enviasse um escravo à fazenda, a fim de chamar para casa o pai de Marília. Temia por sua vida e sua sanidade.

Neste mesmo instante, andava por toda a parte o Irmão Francisco à procura de Dijanira, para o propósito que eu lhe pedira.

Somente no dia seguinte localizou nossa propriedade, mas não a escrava, que fora enterrada junto com o preto velho Joaquim pelos mesmos assassinos. Na casa aberta havia sinais evidentes de luta e sangue. Onde estaria a criança que eu lhe confiara? Irmão Francisco estava disposto a procurá-la até o último esforço e, para tal, colocou todos os padres de confiança no encalço dela. Só foi encontrada na Vila das Prostitutas em Catas Altas, muitos meses depois. Levada para um convento na cidade do Rio de Janeiro, cresceu em clausura, como irmã da ordem das carmelitas, tendo morrido junto delas aos trinta e três anos de idade. Do plano espiritual a seguia Dijanira, que também a mim procurava, cheia de rancor. Encontrar-me-ia, mais tarde, no presídio e me atacaria atrozmente.

Angustiado, pensando no sofrimento dos amigos, suplicava eu a Deus que me desse prudência, porque as horas que se seguiriam prometiam ser terríveis. Pudessem me valer os amigos que eu via no Plano Espiritual e os Irmãos da Loja Maçônica, e a razão que eu sempre julgara ter com que me defender. Ardia de desejos de chegar depressa, de poder saber das acusações e de poder apostrofar a todas.

Mas, me enganava. Ninguém queria me inquirir prontamente. Queriam primeiro derrotar-me, e só o fariam quando houvessem julgado ter provas suficientes com que me incriminar. Só o fariam no mês de novembro, pela primeira vez. E depois por mais duas vezes. Enquanto o Tiradentes responderia a onze interrogatórios, eu não teria tanta chance de ser ouvido

em minha própria defesa. A má vontade contra mim vinha já de determinações das Cortes.

Assim atravesssei a mesma região que me vira chegar em companhia do cônego Luís Vieira, com preocupações amargores.

Abusos de autoridade. Assassinato de familiares de inconfidentes e de Cláudio Manoel da Costa

Enquanto eu seguia, e as prisões do Rio de Janeiro se enchiam de gente, doutor Cláudio Manoel e Mestre Lisboa tudo faziam para orientar companheiros nossos do Rio de Janeiro, para que intercedessem a fim de que não ficássemos sem amparo. Havia sargentos, furriéis, alferes, tenentes e outros que, tendo acesso a nós, procurariam mitigar-nos a incomunicabilidade, dar-nos informações, tanto no Rio, como também a influir de alguma forma nas disposições reais em Portugal.

Tendo recebido recado de Marília, Cláudio Manoel procurou minha noiva naquele dia terrível de 23 de maio, quando eu partira de Vila Rica, com destino tão adverso.

Encontrou-a acamada, presa por vômitos e febres incontidas, mas, mesmo assim minha noiva disse-lhe todas as pessoas comas quais estivera:

— Mister livrar a menina de aborrecimentos. - concluíra ele junto com Mestre Lisboa e, dando meios para isto, falou com Antônia, Diogo Vasconcelos, capitão Luís Antônio de Freitas, com a finalidade de, não podendo negar terem visto o embuçado, dizerem sempre que aparecera dias depois de minha prisão, assim não a comprometeriam. Isto feito, aguardou estoicamente que o viessem prender, tendo enviado um escravo de confiança à fazenda onde sua filha se acolhera, avisando que saísse de lá, deixando a guarda aos escravos. Mas, D. Francisca, mais o genro, apenas providenciaram a remoção das crianças para outro local e resolveram permanecer na guarda do tesouro, que enterraram

Envolvido pelos acontecimentos, o visconde de Barbacena procurava tirar partido para si, fazendo promessas aos delatores e contatos comerciais com o Macedo e o Silvério, que permaneceram pelos anos afora. Enviou para render ao doutor Cláudio Manoel da Costa o sargento mor da cavalaria regular. Parada e Souza, que eu nomeara como Pardelas, nas *Cartas Chilenas*, e que, por não saber fosse eu ou o doutor Cláudio o autor de tais

versos, veio, com o rancor natural dos caviladores e embusteiros, prendê-lo com alegria e desdouro. De madrugada, como sói acontecer com os covardes, tirou-o da cama, onde o prendera um reumatismo pernicioso, e conduziu-o, dois dias depois de minha prisão, à cadeia, instalada para figuras importantes do movimento, na própria casa do João Rodrigues de Macedo, onde ficou incomunicável, enquanto outras prisões eram aprestadas.

Tendo dado conta do primeiro cometimento que lhe fora dado realizar, Parada e Sousa encaminhou-se para a fazenda onde sabia, dado a sua condição de espião do governador, devesse achar ouro e pedras preciosas. Encontrou-a mal guarneçada. Cercou a casa e foi recebido pelo genro do doutor Cláudio, que lhe perguntou a que vinha.

— Venho a prender os traidores de Portugal. - respondeu ele, com um sorriso maldoso - Mas, bem posso esquecer tais ordens, dizendo que aqui ninguém encontrei, nem ideias de rebelião, se for bem provido por V. Senhoria.

— Nada temos a dar, nem nada a esconder. - respondeu o jovem

— Então tanto pior para si. - redarguiu o sargento, dando ordens para que prendessem a quantos encontrassem, brancos e pretos na propriedade.

Foram logo trazidos à sua presença na sala da fazenda D. Francisca, seu esposo e cinco escravos. Durante algumas horas, deu-lhes com chicote, queimou-os com ferros, mas nada conseguiu. Não tivera ele ordens para que tal executasse e sabia. Sabiam-no também seus comandados. Resolveram-se, por fim, a procurar pela casa, tendo revirado tudo, e em torno dela nada encontraram do muito que sabiam lá haver em ouro misturado com areia e escondido em potes, como era costume. Enraivecido, contentou-se com tirar o colar e brincos, mais alguns pertences de D. Francisca, filha mais velha do doutor Cláudio, e a todos matou, com requintes de perversidade que nem é bom relatar aqui. Feito isso, ordenou que se retirassem as tábuas do assoalho e se enterrassem os sete corpos dos infelizes que ele sacrificara, inutilmente, a uma causa que principiava já a ter mais alguns mártires, nem sempre registrados pela notificação dos homens, mas que tem seu registro nas atas de nossas vidas, perante o Criador. Como se não bastasse, cortou parte dos cabelos de D. Francisca e seu esposo, pensando em atribular o

pensamento do doutor Cláudio, mostrando-os como prova de seu crime abjeto.

O visconde de Barbacena continuava a expedir ordens de prisão, e só poderia se fiar em homens cruéis, porque sabia que as tropas de Minas eram de nosso partido. Assim, enviou o Antônio Dias Coelho, tenente, para o rio das Mortes a fazer mais prisões, dos homens que tinha relacionado em cartas anônimas. Expressamente tinha ordens para procurar Alvarenga e Correia de Toledo, enviando-os ao Rio de Janeiro, porque encontraria tropas fiéis ao longo da estrada, mas nunca viesse para Vila Rica com tais homens, porque ele temia que os povos se sublevassem

Partiu o infeliz tenente, o qual também fora alvo de nossas admoestações nas *Cartas Chilenas*, e era ele mesmo o mau tenente que a todos presos da cadeia maltratava com fúria de louco. Era homem libertino e luxurioso, dado a badernas na zona do meretrício. Por isto, nenhuma mulher de bem da Capitania via com bons olhos sua corte. Invejoso e perverso, aliciou homens tão depravados quanto ele mesmo, prometendo a todos diversões baixas e vis.

Quando ia a caminho de São João dei Rei, encontrou na estrada o Pe. Toledo, que sem saber das ordens contra si, tendo recebido carta nossa anônima no dia 20 de maio datada, em casa do amigo Inácio Pamplona, que já nos traíra em carta de 5 de maio ao visconde, conquanto nós não soubéssemos, pretendia fugir para casa de parentes, até que o movimento eclodisse. Prendeu-o, imediatamente, segundo suas ordens e enviou-o com pequena escolta pela estrada, dizendo a gargalhar:

— Encontrará bons motivos para cilício e rezas nas prisões do senhor vice rei, padre. Breve terá companhia, pois vou buscar o valente do senhor Alvarenga. Vamos ver agora, se terá topete de me enfrentar.

Antônio Dias Coelho era homem vingativo e, quando estivera em cobranças pelos arredores da fazenda do Covão, fora escorraçado pelo meu primo. Desde então julgara que viria à forra, o que fazia agora, sob as mesmas ordens do visconde de Barbacena.

Chegando à casa da fazenda, encontrou o Alvarenga e prendeu-o, prometendo que se não resistisse, nenhum mal faria aos seus. Iludiu-se meu pobre amigo, que pretendia lutar até a morte com aquelas promessas, por

que só por elas não reagiu. Mas, longe de cumprir com a palavra empenhada, o tenente passou ali mesmo a abusar de todas as mulheres que serviam a fazenda, sob o olhar temeroso de todos e partiu para São João dei Rei, onde, em casa do sogro do Alvarenga, encontrou D. Bárbara e suas irmãs. Dando ordens para que o esperassem fora, levou para um cômodo a cunhada de Alvarenga, jovem formosa por quem andava perdido de paixão, e violentou-a, sem escrúpulos. Nada pudera fazer o pobre pai, manietado pelos soldados, e, ante as falas de Bárbara Heliodora não se deixou tocar por qualquer sentimento de compaixão:

— Se os próprios soldados se hajam como covardes e assaltantes, - dissera ela - cedo ou tarde os povos lhe darão a paga. Que ao menos o senhor, que é um homem de posição nas fardas, dê exemplo de dignidade!

— Não me estejas a pregar sermões, dona. - apostrofou ele.- Que ao mesmo valente do teu marido já tenho preso por correntes e, se me dás mais motivos levarei a todos, bem como terei para mim mesmo sua formosa filha.

D. Bárbara Heliodora fez-se fraca. Teria aquele homem vil coragem para abusar de uma quase menina?

— O senhor não é um homem, tenente. É uma fera! - bradou ela, subjugada, sabendo que sua irmã estava quase enlouquecida com a brutalidade dele, a ser socorrida por servas atônitas.

Muitas vezes mais tomaria aquele tirano a lhe martirizar com as mesmas promessas, e só não as levou a efeito porque Deus o tirava de tais projetos, como naquela hora, sendo chamado por um subalterno que o avisou que mais prisões deveriam já ocorrer, e que se tardassem poderiam perder algum, nos matos.

Por esta forma, havia feito o que se poderia em tais circunstâncias os amigos que do Plano Espiritual assistiam nosso sofrimento, e o desenrolar dos fatos terríveis que vinham ocorrendo em toda a parte, onde soldados desabridos aproveitavam para violentar e roubar sem constrangimento. Em algumas fazendas e matos alguns índios que, por amizade, serviam a alguns senhores, foram trucidados sem piedade. Escravos fiéis que procuravam avisar os donos eram baleados pelas costas e enterrados às ocultas, para que o povo não tivesse meios de se erguer.

Muitas foram as pessoas que naqueles primeiros instantes foram sacrificadas e as que ficaram o seriam moral, espiritual e emocionalmente, pelos interrogatórios, sequestros e ameaças...

Chamados a depor em Vila Rica, logo para lá correriam muitos dos nossos com denúncias e contradições, próprias das mentes mal informadas, que procuravam iludir-se com as promessas dos seus inquisidores, o desembargador Manitti, que me denunciara como chefe da rebelião, o Carlos José da Silva, e o Pedro José Araújo Saldanha, meu sucessor, ambos condenados por nós à morte.

Na casa de João Rodrigues de Macedo e na cadeia de Vila Rica começavam os primeiros interrogatórios de presos e testemunhas.

Uma escolta foi enviada ao Tejuco com a finalidade de prender o Pe. Rolim, mas ele havia fugido, sendo que, desgostoso e temeroso com o padre, que era valente, o visconde expediu um retrato falado dele e de seus dois escravos de confiança, que eram alfaiates, até mesmo para as Cortes, temendo que para lá tivessem ido. Somente algumas semanas depois seria o padre preso pelo capitão de ordenança Domingos Rodrigues de Abreu, tendo reagido com seus escravos à prisão e tentando até mesmo subornar os que o iam prender. No mês de junho veio a padecer os primeiros interrogatórios e torturas nas mãos de carcereiros cruéis, aos quais respondia com palavras de mofa.

Enviou ainda o visconde ao seu ajudante de ordens, o Antônio Xavier de Resende, para que fosse a Mariana render o cônego Luís Vieira da Silva, e colocou para ajudar nos interrogatórios ao assassino José de Sousa Lobo, aquele mesmo que tirara o comando ao meu futuro sogro e que matara em emboscada ao nosso "orelha" José Ferreira Ciotto há dois anos. Pobre visconde de Barbacena que, para livrar seu pescoço, nos perdia e se ligava a quantos malfeitores e criminosos terríveis viessem. Com tais envolvimento viu-se também a enviar o tenente Fernando de Visconcellos Parada e Sousa ao Tejuco, onde prenderam serviçais e irmãos do Pe. Rolim, conquanto este lhe escapasse por uns tempos.

Apesar de tudo não lhe imputamos crime nisto, que a tanto foi mais levado pelas circunstâncias, sendo mais réus aqueles que, servindo-se do momento, usaram de toda a perversidade que lhes era natural.

Enquanto isso, no presídio da Ilha das Cobras, a 27 de maio e 30 de maio foi novamente interrogado Tiradentes, procurando por todos os meios, pondo-o diante do Silvério, trazê-lo a denúncias que comprometessem a todos. Por sua inteligência e sagacidade, o alferes a tudo respondia de modo a não inculpar quem quer que fosse.

Em final de junho, em Vila Rica, soldados eram colocados na guarda dos presos, soldados das guarnições enviadas pelo vice rei e, incomunicáveis, começaram as torturas. Dia 22 de junho, com promessas arrancaram algumas delações do Vicente Vieira da Mota, caixa que fora do Macedo. Seu patrão lhe prometeu garantias de que não seria preso, e por isto apresentou tais denúncias. Dia 26 de junho foi a vez de João Dias Motta, capitão amigo do Tiradentes e do Pe. Rolim, que já manietado e torturado, depôs contra nós. No dia 30 de junho foi a vez de falar o Pe. José Lopes de Oliveira e Pe. Manoel Rodrigues da Costa.

Arrependido da denúncia que escrevera com tanto sacrifício, o Francisco Antônio de Oliveira Lopes encontrou-se atrás da vila de São João dei Rei com Luís Vaz de Toledo, que era irmão do Pe. Carlos Toledo, que já estava preso pelo Antônio Dias Coelho. Pensou Oliveira Lopes avisar seu irmão, sem saber que ele já estava preso, junto com Alvarenga e chamou a Victoriano Veloso a quem encarregou de ir também a Vila Rica, a fim de se avistar com o Freire de Andrade e, se possível, até o Tejuco, com a finalidade de avisar o Pe. Rolim e seus irmãos. Com um pequeno recado mal redigido, partiu o alferes Victoriano rumo à estrada que encontrou guarnecida por soldados do regimento. Andando pelos matos, burlou-lhes a confiança, mas viu que adiante outro grupo guardava a ponte de passagem pelo rio das Mortes.

Soube por informações de um comandado que era de confiança que tudo estava perdido, que eu mais doutor Cláudio tínhamos sido presos, e que o visconde havia mandado mais patrulhas a toda parte com ordens, para fazer mais prisões. Sabendo que também ele era contado entre os mais, Victoriano Veloso dissuadiu-se de levar o recado que lhe haviam entregue. Mesmo porque nada adiantaria. O comandante Freire de Andrade já havia desertado.

Assim, devido mesmo à amplitude do movimento, não tínhamos tido

meios de nos comunicarmos. O visconde de Barbacena, ao enviar o único homem capaz, pelo seu entusiasmo, para as masmorras do vice rei, havia desarticulado o movimento.

O mês de junho foi funesto a muitos que foram maltratados e interrogados. Somente as falas que me pudessem ou aos meus amigos incriminar, no entanto, foram arquivadas. Meus servos e os do doutor Cláudio foram inquiridos. Tomás, meu fiel amigo, fora colocado pelo Mestre Lisboa a salvo, num esconderijo seguro. Antônia, no entanto, não escapou da inquirição. Dijanira, fora procurada, mas inutilmente.

Quase junho a principiar, soube o visconde que seu tio havia aberto devassa, contra todas suas determinações e pedidos. Temia afinal por seu próprio envolvimento, suas promessas a tantos, os negócios que entabulara com o João Rodrigues de Macedo. Era preciso ouvir depressa a quantos pudesse, com o que poderia demonstrar-se aos olhos do vice rei mais zeloso e brilhante. Acaream o doutor Cláudio Manoel da Costa, sem testemunhas, a 2 de julho. Ameaçaram. Fizeram valer a influência de seu confessor, que procurava de todo modo diminuir a importância do movimento. Tudo debalde. Doutor Cláudio, mesmo em confissão, ao padre que o perdera e estava ali mais como um espião do governador, respondeu:

— Como tal crime não é terrível, padre? Não vê o senhor que mesmo só o ouvir-se falar de tais projetos já é passível de morte?

Ficara dias e dias incomunicável, sob a escada da casa do contratante. Quando o fora visitar o Parada e Sousa, vira nas mãos daquele homem perverso os cabelos da filha amada. Isto não mais o iludia, quanto aos projetos de todos. Resolveu-se, por fim, a dizer o que pudesse, mas por tal forma, que, mesmo denunciando-se como sabedor das falas do Tiradentes, ou como meu amigo, pudesse apresentar outros como chefes da conjura. Vingarse-ia. Acusaria nas próprias declarações a si e aos inimigos, até mesmo aos assassinos de sua amada filha.

A 2 de julho, o próprio Barbacena assistiu ao seu interrogatório. Foi acareado com o Inácio Pamplona. A todos, no entanto, acusou. Se o levante era um crime de palavras, também ouvira ao próprio visconde tais falas. O Silvério era quem o convidara. E por aí foi.

Enraivecidos porque não podiam envolvê-lo, mesmo com ameaças, seus

inquisidores anotaram o que lhes pareceu melhor, mas ele insistiu. Bateram-lhe. Negou-se assinar ainda, dizendo que, melhor o matassem finalmente, porque, só assim poderia comparecer diante de Deus e de sua filha e genro a lhes pedir perdão, bem como, por este modo, livrar-se-ia das cadeias.

Finalmente, para que assinasse, puseram algumas declarações que diziam do Silvério e do governador. Só então assinou, mas tão nervoso e abatido estava, que sua mão tremeu na hora do testemunho. Até hoje há quem considere sua assinatura apócrifa. Sabia o doutor Cláudio que tal denúncia não poderia ser considerada. Faltavam testemunhas oculares de suas declarações. Pensava, por esta forma, invalidar tais palavras quando possível, assim que tivesse de mim ou de outros informações e conselhos a respeito. Pobre amigo! Como se iludia! Tão logo pusera sua letra, como que assinara sua sentença de morte! Sabia o visconde que, a qualquer momento, chegaria a comissão do vice rei para fazer pesquisas do assunto. Isto queria dizer que seu tio não o conhecia de confiança, e também que alguma coisa em suas cartas poderiam ter deixado a desejar.

Cansado, meu amigo doutor Cláudio Manoel da Costa assinou seu próprio libelo de morte. Inácio Pamplona que, por desertor, estava oculto em casa de Macedo, com medo de represália, olhou-o com piedade. Por um instante doutor Cláudio pareceu perceber que calculara mal. Saíram todos. Daí há instantes, entrou o Parada e Sousa. Dirigiu-se a ele com um sorriso mau. Tirou a liga da calça, um cordão vermelho e ele fugiu para a estante de livros, com pressentimentos terríveis. Pensou na sua filha, no seu genro, mortos por aquele criminoso. Agora era a sua vez. Pensara que ainda poderia lutar, mas não o deixariam vivo, depois de sua determinada obstinação de perder ao governador. Pensou em Eulina, sua querida, que por certo o sabia preso, nos netos, e pensou em pedir clemência, mas a voz não lhe saía da garganta. Sentiu um aperto que lhe davam ao pescoço. Debateu-se, tentando resistir, mais por instinto com a perna apoiada na prateleira e a mão direita erguida empurrou uma tábua em cima. Assim expirou e a cinta foi atada a esta.

No dia seguinte se faria o encontro simulado do cadáver. O médico chamado a lavrar o óbito achou que era assassinato. Mesmo assim, ficou constado como suicídio.

No dia seguinte, Inácio Pamplona fugia apavorado da casa de Macedo, pois temia igual sorte, a 5 de julho.

Dias depois, mais de 30 missas foram rezadas em intenção à alma do doutor Cláudio Manoel da Costa. Era um modo do Aleijadinho e dos que ficaram dizer ao irmão querido que sabiam do seu assassinato, e também era uma denúncia pública. A Igreja não oficia missa aos suicidas.

Tristes dias na masmorra

Avistei a cidade do Rio de Janeiro em princípios de junho e a atravessei constrangido, sendo reconhecido por amigos e companheiros, sendo levado entre os guardas do Rabelo.

Dias antes chegara a escolta para avisar Barbacena, em Vila Rica, da Devassa aberta pelo seu tio. Isto apressou consideravelmente o governador, que a 12 de junho abriu uma devassa mineira, sequioso de ocultar o seu propósito, que tudo sabia ou adivinhava desde outubro de 1788, e salvar seus protegidos.

Em razão de suas ordens vários amigos e companheiros foram chamados a depor em Vila Rica, neste mesmo mês, antes que chegassem àquela cidade os juizes da Devassa instaurada pelo vice rei Vasconcellos e Sousa.

Haviam conseguido prender, finalmente, o Oliveira Rolim, que fugira em trajes de secular da ordem que pertencia, mas levava consigo farda da cavalaria e cabeleira. Enviara ao seu encalço o mau tenente que rendera o Alvarenga de forma tão violenta e infame, depois de dar sua palavra de que não atentaria contra ninguém. Mas o padre não se rendeu sem luta, embora quase ninguém tivesse que o valesse. Um índio de nome Sorê que o acompanhava foi morto, um seu escravo ferido. Eram dois seus negros de confiança. Alexandre, forte e avantajado, um tanto claro, mestiço, como cabelo atado, como era uso, e o Caetano, magro de uns 16 anos. Quanto ao Pe. Rolim tinha a testa alta e as sobranceiras arqueadas, os dentes grandes e encavalados. Era alto, magro, bom cavaleiro, com pernas finas e pés pequenos. Seu cabelo era castanho claro e principiava a branquejar, bem como a barba, e tinha uma fina cicatriz na face direita, o nariz um tanto arrebitado, claro e de lábios grossos. Devido à maldade que tinham contra ele, que era valente, sofreu mais de quinze interrogatórios e acareações.

A princípio não sabia o bom padre o que dizer, mas depois de janeiro de 1790, quando, no quarto interrogatório o Tiradentes tomou a si a culpa do delito, todos, com exceção de mim mesmo, passaram a acusar o alferes como meio de defesa.

A 24 de junho chegavam a Vila Rica 300 cavalariaños da guarda do vice rei e a 3 de julho mais 200 soldados da infantaria. Vila Rica vivia dias terríveis... As cadeias se enchiam. A casa de João Rodrigues de Macedo era palco de torturas atrozes e promessas vis.

Em junho, sem que o amigo Bandeira pudesse participar da devassa mineira, acusado em carta do governador como conivente com ela, dada a nossa amizade e a frequência à minha residência, foram ouvidos o Rolim e o João Dias Motta, capitão amigo do Tiradentes, no dia 26, e o militar Antônio Francisco de Oliveira Lopes sucessivamente a 14 e 15 do mesmo mês. O pobre homem, inculto, já houvera escrito carta denunciando a trama, como já dissemos, a 19 de maio. O Pe. José Oliveira Lopes, seu irmão, foi interrogado dias 15 e 30 de junho, e o Pe. Manoel Rodrigues da Costa foi chamado a depor a 30 também, bem como o sargento mor Luís Vaz de Toledo Piza.

Inácio Pamplona reiterou suas acusações no último dia de junho, enquanto o Torres e Marcelino Cleto tinham que suspender temporariamente a devassa do Rio e seguir para Vila Rica, chegando em 5 de julho, dois dias após o assassinato do doutor Cláudio Manoel da Costa, em cujas declarações o imoral Manitti acrescentara mais anotações. O laudo médico onde constava homicídio, fora queimado havia dois dias, quando da chegada dos juizes do Rio de Janeiro, e o médico foi convidado por Antônio Coelho e Antônio Resende a ratificá-lo com outro, onde dissesse ser a *causa mortis* suicídio. Apesar de toda a gentileza com que foram recebidos, os juizes foram impedidos de trabalhar e as anotações da Devassa Mineira, apesar dos protestos em contrário, jamais chegaram às mãos desses magistrados. Enquanto isto, com remorsos, procurando comprar o sossego da consciência, Barbacena ordenava à Fazenda Real que cobrisse as despesas das missas sufragadas em memória do doutor Cláudio Manoel da Costa.

Aleijadinho, incansável, não se conformava com a morte do amigo

querido, que tanto o estimava.

Conseguiu articular alguns militares que faziam plantão como guardas ou na faxina do presídio da Ilha das Cobras, que era um rochedo inóspito, de uns oitenta pés de altura, onde ficava a fortificação, a maior da Baía da Guanabara, e que se jactava de jamais haver tido um fugitivo, separada do continente por um profundo e estreito canal. Por este modo ficou sabendo o Tiradentes que a maioria dos amigos já estavam detidos. Que muitos haviam referido o levante. Teve inclusive ciência de algumas afirmações, pois até mesmo dos interrogatórios ficou sabendo o astuto mulato e, o que não sabia adivinhou com aquela sua intuição maravilhosa.

Da mesma forma, procurou minha família e fê-la saber que deveria procurar subornar a quem pudessem a fim de garantir-me alguma assistência moral e física. Sabendo Marcelino Cleto afeito à nossa causa, embora em sindicância procurasse disfarçar, fê-lo portador de uma carta de Marília, tão logo tornasse aquele escrivão da devassa do vice rei ao Rio de Janeiro.

No entanto. Torres logo evidenciou que a maioria dos envolvidos não estava presa. A 23 de julho contrariado, sob pressão do juiz enviado pelo vice rei, o visconde de Barbacena encerrou a devassa mineira, que enviaria ao ministro Martinho de Mello e Castro a Lisboa em fevereiro do ano seguinte, aos cuidados do próprio Rabelo, aquele mesmo servil e gélido homem que me prendera. Ao lado de Marcelino Cleto e Torres, continuavam o Saldanha, meu sucessor, e o Manitti, aquele que por primeiro tinha denunciado a mim em fevereiro, dia 12. Isto se deveu à influência do Marcelino Cleto que fora avisado das barbaridades cometidas em Vila Rica. Argumentando que, já que nada poderiam arrancar do alferes Xavier, mais valia ao vice rei ordenar que fossem procurar testemunhas em Vila Rica, conseguira, por esta forma, livrar a muitos das torturas do violento Manitti, que usava a crueldade natural do Antônio Dias Coelho e do Sousa Lobo, para arrancar confissões.

No entanto, a História registrou sempre o querido companheiro Cleto como mal e perverso, cuidadoso no processo a favor de S. Majestade.

Marília, no entanto, cuidou que ele era amigo, e confiou-lhe uma carta de amor, que chegaria às minhas mãos, por seu intermédio, tão logo ele

tornasse ao Rio de Janeiro em novembro daquele ano.

Enquanto isto, a comissão do vice rei ouviu o doutor Domingos Vidal Barbosa, dia 13 de julho, cônego Luís Vieira da Silva, dias 1 e 23 daquele mês, Oliveira Lopes a 8, 21 e 23, Pe. José Lopes Oliveira a 11 e José Aires Gomes a 28 e 30 de julho, bem como o sargento-mor Toledo Piza a 23. O "sogro" do Silvério foi chamado a depor, o que fez envolvendo principalmente o alferes Xavier, em princípio de agosto (dia 3), bem como o caixa Vicente Vieira da Mota e Aires Gomes três dias depois.

Enquanto isto, na cidade do Rio de Janeiro eu e o Pe. Toledo, mais o primo Alvarenga, que andava amargurado com a violência que se seguira à sua prisão e que temia pela segurança de sua filhinha, sabendo-a ameaçada constantemente pelo Dias Coelho, esperávamos em vão sermos arguidos. Com pesadas cadeias nos pulsos e tornozelos, incomunicáveis em sórdidas masmorras, sem nenhum conforto ou higiene, ouvíamos o barulho longínquo do mar, da chuva, dos ventos, o calor sufocante, a troca de guardas e às vezes até uns terríveis vaticínios que alguns maldosos faziam, por gestos ou palavras.

Eu, principalmente, que sempre fora homem que cuidava da aparência, que apreciava boa companhia e conversa amena, sentia-me quase enlouquecer, ao pensar em Marília, em meu pai, a quem os anos já eram tão duros, em doutor Cláudio, que deveria estar lutando pela nossa liberdade, eu pensava.

Alguns meses depois de preso, resolvi que, para não enlouquecer, precisava usar a mente, compor poemas para Marília. Um dia deu-me o carcereiro uma laranja, pela caridade que o impulsionava ao ver-me abatido e sujo, macilento e triste. Tomei a ponta do cabo e vi que poderia escrever com ele. Da fuligem e óleo da candeia cuidei preparar a tinta e pedi-lhe a quantas instâncias tinha que me providenciasse algum papel.

Dias depois, trouxe-me, suplicando que não o denunciasse. Aquele pobre amigo era o único, então, a se condoer de minha desgraça. Comecei, com grande sacrifício, a compor poemas. Decorava-os, nas tardes longas e penosas, em que o pensamento parecia perder-se sem esperança. Falava-os em alta voz, como se declamasse a ela, cantava-lhe. Pensavam que eu estivesse enlouquecido. Mas, certo da influência do pensamento, queria, por

este modo, alcançar em vibrações de amor aquela por quem meu coração ainda pulsava, minha doce amada, cuja lembrança me animava à luta.

Algum tempo depois, veio-me o mesmo amigo à presença. Pediu-me cópia dos versos. Falei-lhe da casa de meus tios. Instei para que os levasse a eles, e que estes os fariam chegar às mãos de minha amada.

Comoveu-se o bom Antônio com minha tristeza. Falou-me da mulher, dos filhinhos e de como sua senhora ficara condoída da minha história. Pedia para que pudesse ler-lhe meus versos.

Fui entregando-os pouco a pouco para aquele amigo, esperançado com aquela oportunidade de poder falar, mesmo da cela da cadeia, à minha querida.

Um dia, um faxina maçom trouxe-me notícias. Informou-me que o Pe. Toledo estava preso, e, tal como eu ainda não fora interrogado, nem mesmo o Alvarenga. Perguntei-lhe do doutor Cláudio. A estâncias do Aleijadinho nada me informou. Não queria o amigo escultor que eu me pudesse abater, sabendo do seu assassinato. Informou-me outro dia quando lá estive, que Dalva estava aos cuidados do Pe. Francisco, mas que Dijanira desaparecera.

Meu filho Antônio Silvério de Oliveira Musa não fora importunado, e meu pai e irmãos instavam junto aos ministros da rainha por mim. Quanto aos outros, muitas prisões estavam sendo ainda efetuadas pelos ministros do vice rei, e nós não havíamos sido chamados por isto.

Manter-me-ia, tanto quanto possível, a par dos acontecimentos. Mas que não poderíamos facilitar, já que muitas prisões ainda estavam por vir.

Em outubro, Torres havia mandado prender Álvares Maciel e Freire de Andrade, Oliveira Lopes, Luís Vaz e os enviara, junto com Abreu Vieira para a cidade do Rio de Janeiro, bem contra as promessas do governador. Apesar de instar com Pamplona, com o fim de detê-lo, não conseguiu trazê-lo a Vila Rica.

Após a partida dos juízes do vice rei, toda Vila Rica comentava abertamente que Oliveira Lopes, Abreu Vieira e Luís Vaz haviam reclamado que suas declarações tinham sido forçadas de todos os modos, pelo ouvidor Manitti e pelo Governador. Com o fim de encobrir as torturas e promessas, malvisto por todos, deu o visconde instruções para que os depoimentos dos três fossem retirados dos autos. Mas o inculto Oliveira

Lopes continuou a denunciar aquele tratamento que tivera, mesmo quando chamado a depor no Rio de Janeiro. Com a sinceridade e falta de malícia dos simples, seus depoimentos constituem uma acusação contra os dois homens principais a nos perderem, Barbacena e Manitti.

Finalmente fui interrogado a 17 de novembro de 1789, e nos dias 14, 26 e 27 do mesmo mês seria a vez do Pe. Toledo. Pude logo perceber que muita coisa transpirara, que se falava abertamente que eu seria o cabeça do levante, mas, como não me acareassem com ninguém, presumi que não teriam provas concludentes contra mim e neguei tudo, bem como o Pe. Toledo, passando a argumentar com os interrogadores, e exigir-lhes apelos à rainha e à corte de Lisboa.

Reprovei a incomunicabilidade, pedi um advogado, uma explicação, citei leis. Enquanto isto fazia, Pe. Toledo, inquirido quanto à minha participação, que fora dita por ele a outros, alegou que o fizera para arranjar mais adeptos. Livrava-me o amigo, embora se comprometesse. A má vontade contra minha pessoa era evidente. Vinha já das denúncias enviadas às cortes pelo vil Cunha de Menezes.

Expus meu projeto de casamento. Apresentei a carta de Barbacena, a qual me fora dada a meu pedido, no dia de minha prisão. Percebi muita má vontade por parte de Torres. Ele conhecia minha cultura e inteligência. Ia por certo atrasar o andamento do projeto. Fosse como fosse em fins de 1789, para melhor precisar a 12 de dezembro, já tinha ele uma longa lista de nomes, com as denúncias e provas contra as mesmas pessoas. E eu figurava entre eles, comprovas circunstanciais.

Naquele mês de novembro ainda foi levado perante os juízes o meu primo Alvarenga Peixoto, dias 11 e 16. Negou haver participado com muita firmeza. Os juízes tinham contra nós cartas de Silvério, declarações do Vicente Vieira Mota, Oliveira Lopes, Abreu Vieira, João Dias Motta, mas estes mesmos negavam agora o que haviam declarado, afirmando que o tinham feito sob pressão. Não perdoaram nem mesmo o alfaiate Victoriano Gonçalves Veloso, por três vezes acareado em Vila Rica, e também prisioneiro agora no Rio de Janeiro, enquanto dois magistrados e um oficial, bem como o Simão Pires Sardinha, amigos do alferes Xavier eram levados para Lisboa em navio prisioneiros. Ainda, entre todos os presos, figuravam

o Antônio Ribeiro do Avellar, e o Pedro José de Oliveira Silva. Apesar de indispor os juizes contra o Beltrão, o visconde de Barbacena não conseguira atrair Torres para prendê-lo. Cleto conseguira livrar nosso amigo.

Ia começar a nova fase do processo, com acareações e novos interrogatórios.

Tornei à minha cela, após aquela luta de palavras, em que eu me sentira vitorioso, mais animado que nunca. Veio-me ao encontro, logo após, o guarda faxina, um forçado, com uma carta de Marília. Podeis bem imaginar a alegria que me invadiu o ser. Beijeí aquelas letras redondas, que eu conhecia bem. Ela não me esquecera. Ela me prometia fidelidade e amor. Não me acusava. Dizia que recebera algumas produções minhas. Que orava e esperava. Exprobrava o governador, como mal e ingrato. Não a queria animosa com os poderosos. Melhor fazer-lhes o jogo, usar-lhes as influências. Com este propósito, nos dias seguintes, escrevi-lhe poemas em que defendia o visconde. Estava quase a terminar os versos, quando me lembrei daquelas falas dele, quando dissera que a perseguição dos invejosos era prêmio dos justos, e, com minha ironia peculiar, encerreí o poema laudatório, que nada podia elogiá-lo, senão quanto às suas origens, coma frase: "Não honras tão somente quem premia, honras a quem castiga!" Aquela frase, pelo dúbio sentido, vibrara como uma bofetada, quando Marília a levou ao governador, pedindo usasse sua influência para me ajudar.

Aqueles dias negros, os primeiros tempos na cadeia feia e suja, com os arcos e colunas e a pequena fresta que mal divisava se era noite ou dia, a monotonia, a dificuldade de movimento, a cama dura, pareciam revestidas de suavidade. Marília me amava! Marília esperava por mim! Mas, sabe-se lá que perversos a haviam de cortejar? Que coisas ouvira? Entre receios e sonhos, arroubos e poesias, pensamentos com que me defender e ouvidos atentos a quaisquer assuntos ou falas, mesmo ao ranger das portas, a saber se algum preso estava sendo chamado, passava eu e meus companheiros as horas mais longas e duras do cativeiro. Mas a esperança ainda não nos abandonara.

Através do sono libertávamo-nos momentaneamente, podendo falar aos amigos encarnados ou não. Eu me vi constrangido à perseguição do meu ex

pai e agora de Dijanira que, tendo me encontrado, em espírito, tudo fazia por me martirizar, para se vingar e à filha, que estava apartada de si e que tinha medo à sua presença.

O que eu não sabia era que o Alvarenga estava a me perder, sem o saber. Dissera que eu participara da reunião em casa de Freire de Andrade. Como o Pe. Toledo negasse isto, num estudo dos dois interrogatórios surgiria posteriormente uma acareação entre os dois, para me inculpar.

Entre cuidados e preces, visões estranhas que eu mal definia, entre elas a do doutor Cláudio, que não me dirigia a palavra, só me olhava tristemente, passava as horas, que melhores eram quando podia produzir algum verso, por menor que fosse, para minha amada noivinha. Copiava tais produções o bom amigo Antônio e, por isto, quando encontradas, estavam em tão má caligrafia. As que Marília recebia nunca deu à publicidade. Eram partes de nossa vida, nossas íntimas preleções, nossos colóquios. Nunca as exporia aos olhos do vulgo. Em razão disto, muitas se perderam

Além de nós três, Rolim, Freire de Andrade, Oliveira Lopes, Maciel também foram perquiridos no mesmo mês de novembro. Agiam desta forma, com o fim de enviar o mais depressa possível às Cortes um sumário de provas e denúncias contra os presos.

Uma esperança nova me alentava. Se meus versos fossem lidos podiam ser móvel de defesa para mim, instrução para o advogado que nos poriam, pois, mesmo num julgamento simulado, não haveríamos juízes de pôr tudo com o de Direito? Os poemas chorosos e tristes, desesperados, que falavam da masmorra e de meu estado físico deplorável, passaram a se constituir minha defesa. Marília os levaria ao Aleijadinho ou ao doutor Cláudio e eles instruiriam a mim quanto ao que dizer e ao advogado em como conduzir minha defesa. Apesar do abatimento moral em que me via, propus-me lutar com os versos, como última defesa, sonhando em poder sair livre e unir-me àquela que era presença eterna em minhas horas, e que eu via, às vezes, em vulto apressado na cela, ou em sonhos, em doces carinhos. Falava da morte, citando uma lenda da Maçonaria, em que, morto, o herói vira estrela.

Ele (Deus) pode livrar-me das injúrias,
do néscio, do atrevido, ingrato povo,
em nova flor mudar-me,

mudar-me em astro novo.

Porém, se os justos céus, por fins ocultos,
em tão tirano mal me não socorrem,
verás então que os sábios,
bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo,
tu, formosa Marília, bem o sabes;
um coração, e basta, onde tu mesma cabes.

Mas o tempo passava, os meses corriam, outros eram chamados, só eu não. Desesperado, perguntava nos versos, "Muda-se a sorte dos homens, só a minha sorte não?" Por fim veio o desespero da velhice. Marília bela, jovem, cercada de adutores e pretendentes, e eu, como cabelo a embranquecer, as carnes flácidas, magro, macilento, as pernas doídas pelos ferros.

Dias passava em pranto convulsivo, e ficava deitado como morto ao chão ou na cama, vendo entidades que se desvelavam ao meu lado, pensando-me as feridas, acalmando-me o coração e a mente, com blandícias ternas, levando-me, em espírito, à presença dela, com que me animasse. Depois de dias, estirado como morto, doíam-me os membros e as costas, desejava a morte! Julgava-me a mim mesmo louco por ter esperanças. Ficava horas pensando em como seria meu casamento, a Igreja, Marília linda com o vestido que eu bordara. Olhava para a trança de seus cabelos nos pulsos, mais fortes que os ferros, pois me prendiam mais, mesmo longe dela.

Uma noite, em princípio de janeiro, fui conduzido, nem bem adormeci, sob o magnetismo do judeu que me velava, a uma região encantadora. Praças, jardins, repuxos, flores... Mamãe me aguardava, com outras entidades amigas. Levou-me carinhosamente pela mão, a um tronco, e, afagando-me os cabelos, disse-me:

— Hoje posso te dizer sem medo, que deves ter esperanças, filho. Sei, porque Deus me concedeu esta graça, que serás como José do Egito, que vinhas a contar ao Tomás, teu escravo. Restituirão teu posto.

— Não me importa já, senão para ter Marília, mãe. Posso morrer

pequeno, pois sinto que desejo a morte.

Não fales em morte. Podes ainda ser rico, lutar pelos que amas...

— E terei Marília? - perguntei, como se só isto me interessasse.

— Tens o amor dela. Não te basta? - perguntou-me mamãe.

— Tens razão. Sou egoísta. Se ela me ama deve sofrer. Melhor fora que não me amasse e poderia ser feliz!

— Filho, deixa-te de maus agouros. Ela te espera. Aproveita para a veres e falar-lhe hoje, que os posso unir, sem que teus desafetos e os dela interfiram. Faz Jesus esta concessão, para te alentar. E até mesmo lembrarás que estivestes juntos! Vem!

Ante meu júbilo, vi que me levava a uma campina, onde um regato corria. Era em tudo parecida coma região onde eu e ela nos encontrávamos às tardes na Vila Rica, só que muito mais hermoso. Marília correu para mim em prantos de júbilo e eu a estreitei junto ao peito, sem poder conter as lágrimas. Conversamos sobre nossos cuidados e falou-me da morte do doutor Cláudio, que ainda não vira no Plano Espiritual. Acordei mais animado, e pensando no amigo escrevi-lhe uma carta, sem contudo recordar-me que ele havia já partido desse mundo.

No início de 1790, dia 14, foi Alvarenga acareado novamente e me incriminou. O próprio Pe. Toledo havia no último interrogatório se confessado culpado, embora deixando-me de lado.

Tudo o que acontecia era passado de boca emboca, pelo faxina e quando este não vinha, pelo soldado Antônio.

Por este modo ficou sabendo o Tiradentes que o juiz Torres havia enviado um relatório para Lisboa, e que ele era considerado já o cabeça do levante, porque muitos o haviam ouvido falar a respeito. No mesmo dia em que Alvarenga me inculpava, ficou o alferes triste e abatido por saber da morte do doutor Cláudio Manoel. Antônio inadvertidamente tinha deixado escapar o fato. O alferes pôs-se a lembrar das duas discussões que tivera conosco em Vila Rica, antes de partir para o Rio de Janeiro, com a ideia de levantar a tropa.

— Estás a perder ao doutor Gonzaga, alferes. - dissera doutor Cláudio.

Agora, que as provas se avolumavam sobre sua cabeça, sentia-se, em parte, culpado pelo assassinato do amigo, pela violência contra a cunhada

de Alvarenga e a prisão de tantos, que ele já sabia.

Lágrimas silenciosas começaram a lhe escorrer dos olhos. Uma prece muda e ardente envolveu seu pensamento:

— Deus! Jesus! Nunca pensei que tudo se perdesse! Sempre cuidei que Tu, Senhor, querias a liberdade desta terra, que tu me inspiravas as palavras, me davas forças, me instruías! No entanto, por que tudo se perdeu? Somos acaso maus, perversos, incapazes? Por que não nos cobriste aos olhos dos inimigos? Por que me permitiste unir-me àquele mesmo que haveria de nos perder? Se eu pudesse fazer alguma coisa para livrar todos! Já me basta saber que doutor Cláudio morreu, que Bárbara e Eugênia sofrem, que meu nome será desprezado por todos! Ajuda-me! Dá-me uma ideia. Devo continuar negando, como combinamos? Que devo fazer?

Sua prece sincera e comovente prosseguia, até que cansado adormeceu, na presença da mãe, de Felipe e do próprio Ismael, que ali viera para ajudá-lo. Ao vê-los, rejubilou-se. Agora que se sentia amparado, dir-lhe-íamos que fazer, mas Ismael lhe diz:

— Joaquim José, tuas preces e disposições nos tocam muito, mas não te diremos quanto às determinações que são tuas. És livre para ajuizar, mas nós te ajudaremos. Vamos até as Cortes. Verás quais as disposições reais. Quem sabe, ao te ver, D. Maria I fará uma ideia diferente da Conjura. Ela teme por sua própria vida. Anda apavorada e cheia de medos, pelas mortes sucessivas dos filhos amados e do seu marido. Tentemos apaziguá-la contigo, ao menos em espírito.

A pequena comitiva deslocou-se no espaço, rumo às Cortes. O palácio Queluz estava às escuras, envolto por entidades sofredoras ou perversas, mas que não os podiam ver. Na Câmara Real, D. Maria I repousava. Seu espírito andava pelo aposento, hirta de medo e desalento, quando Ismael, um jovem romano, protetor de Tiradentes, que os esperava, Felipe dos Santos, Antônia Xavier e o alferes chegaram. Olhou-os, tomada de espanto:

— Como ousais adentrar os aposentos de S. Majestade? - perguntou, possesso.

Tiradentes ajudado pelas entidades adiantou-se e ajoelhou-se, humilde:

— Beijo os pés de V Alteza. - falou. - Venho de longínquas terras, para louvar vossa sabedoria e pedir clemência, para mim e meus amigos, que só

terão algum alento se vos dignardes ouvir-nos.

— Quem sois? - perguntou ela, cativada pelos seus modos simples.

— Sou o último dos súditos de V. Majestade. - exclamou ele.- Estou numa masmorra, acusado de tentar libertar minha terra, o Brasil.

D. Maria I deu um passo atrás.

— Miserável! - falou. - Criminoso! Como ousais pedir clemência para tão hediondo crime? Acaso não sabeis que Deus me outorgou o trono? Louco! Louco! - vociferou, tentando chamar os guardas, enquanto seu corpo se debatia na cama, como preso por pesadelos.

— Perdoai-me, clemente senhora, que quanto maior o crime, maior e mais divina a piedade. - e vendo que ela o olhava transida de pavor. - Se não podeis ter clemência para mim que não mereço, não inculpeis os inocentes, que estão presos só porque comigo tiveram algum trato, ou encontro, que lhes está sendo funesto.

Tiradentes, preso pela emoção daquele instante, tentava fazer valer suas intenções. Ergueu-se devagar para não assustá-la, completando:

— Minha vida e a de todos está em vossas mãos. Desfaçais-vos da minha, mas não as sujeis em sangue inocente.

Fosse pela sua eloquência ou grande magnetismo, a rainha olhou para as próprias mãos, vendo-as tintas de sangue. Apavorada, pensando tratar-se de uma bruxaria ou magia, correu para a cama, como a proteger-se acordando assustada.

Ministraram-lhe calmante passe e saíram levando o alferes de volta para a masmorra, no dia que principiava. Logo seria ele conduzido à presença de Torres e Cleto, mas se decidira finalmente. Não mais negaria o levante. Afirmaria que o houvera idealizado sozinho e convidado a todos, mas que o tinham tentado dissuadir, ou não o haviam levado a sério, tendo-o por louco, ou tábido. No dia 18 de janeiro (1790) teve ocasião de se inculpar, seguro de suas falas, informado do que tinham andado a declarar os companheiros.

Por este modo, punha já a corda ao pescoço para livrar a todos, com seu heroico depoimento, que manteria pelos outros 7 interrogatórios que ainda viriam bem como as acareações. Neste mesmo mês, Silvério era posto em liberdade, mas devia ainda permanecer no Rio de Janeiro.

Com o envio pelo Barbacena, no mês seguinte, através do Rabelo, das conclusões da devassa mineira, o vice rei enfermo teve que apressar as relações da devassa carioca. Passava, por este modo, o julgamento às mãos das Cortes, que enviariam juízes escolhidos pela rainha. Perderíamos o Marcelino Cleto, mas Marília jamais esqueceria de sua intercessão amiga, para que nossas cartas circulassem, bem como as de D. Bárbara Heliodora, D. Isabel Querubina, D. Francisca, D. Eugênia, D. Gertrudes e outras companheiras.

Aleijadinho a elegera como mãe querida de todos nós e havia pedido permissão para ficar com sua estátua. Tendo lhe sido consentido, reformulou-a, com a lua crescente aos pés, símbolo nosso, pois nossas reuniões se davam na lua crescente para cheia, apôs-lhe um diadema de doze estrelas de cinco pontas número dos chefes maçônicos da Inconfidência, nuvens e raios e, para que todos devessem olhá-la de baixo, como se pairasse acima dos homens, como um anjo do céu, colocou tal estátua entre o Pai Eterno, coroado pelo triângulo maçônico e pelo Cristo, que a aponta no teto da Igreja de S. Francisco de Assis, bem em frente da residência que fora minha.

No canto do teto pôs os quatro doutores da Maçonaria, em ovais, com o rosto dos quatro principais doutores da Conjura Mineira. S. Ivo tinha as feições do amigo doutor Cláudio Manoel da Costa e foi ajudado, neste trabalho, pelo próprio filho de nosso amigo, o doutor Feliciano da Costa. Era uma maneira bem sua de nos eternizar e de protestar em silêncio contra tanta tragédia, legando na arte o seu testemunho de Inconfidente! Eu fiquei como S. Conrado, Alvarenga como S. Boa Ventura e Aleijadinho, como o santo Antônio Francisco Lisboa, seu mesmo nome.

Tiradentes culpa-se para inocentar os companheiros

O interrogatório a que me submeteram não deixara meios para me perder, e, diante disto, resolveram acarear novamente o Tiradentes. A 18 de janeiro de 1790 toma a si o alferes toda a culpa do levante. Impreca contra as Cortes, apresenta-se como um revolucionário cheio de humilhação e inveja, demonstra que o fizera por ter sido preterido nos cargos que pleiteara. Mostra-se aos olhos dos juízes atônitos, diante de tal mudança, como mesquinho e mentiroso. "A todos procurara aliciar com mentiras". Mas, percebe que por trás das perguntas vem sempre a preocupação maior de denunciar ao doutor Cláudio Manoel da Costa e a mim mesmo. Sublime na renúncia que escolhera, pretendendo livrar-me e sabedor da morte do querido amigo, decide-se calmamente, afirmando que convidara doutor Cláudio para o levante, mas que este o chamara aos brios, dizendo que tentava perder a alguém, e quanto a mim, que tantas instâncias lhe estavam a perguntar, não sabia por que o faziam, por que não tínhamos qualquer contato de amizade, tendo mesmo ele, Tiradentes, feito reclamação quanto a mim, ao governador Cunha de Menezes e vice versa.

Sabendo das declarações de Maciel, que se considerava culpado, e de Paula Freire e Vaz Toledo, do mesmo modo informa que os convidara a participar, que haviam se reunido em casa do comandante, mas que depois, este mesmo lhe havia pedido que não mais tocasse no assunto.

Horas e horas o interrogam estranhando sua calma e lucidez, não o podendo pegar em nenhuma pergunta. Depois chamam a depor Luís Vieira da Silva, que vinha debilitado, a Paula Freire e a Victoriano Gonçalves Veloso, para comparar as declarações.

A 3 de fevereiro chega meu chamado. Apresento-me novamente diante de Torres e de Cleto, para as perguntas. Continuo a negar tivesse ciência de

qualquer levante. Nunca ouvira tal matéria, e, por não ouvi-la, não poderia inculpar disto ninguém

Dia 24 de fevereiro de 1790 parte Rabelo com os autos da Devassa Mineira, passando por cima da comissão do vice rei. Só chegaria dia 23 de junho do mesmo ano, mas, imediatamente os ministros tratam de informar a rainha. Neste tempo é ministro do Exterior o Luís Pinto, homem que sofrerá influência de Pombal e que delegara bolsas de estudo para Manuel Ferreira Câmara de Sá Bittencourt Sampaio (irmão de José de Sá Bittencourt) e José Bonifácio de Andrada e Silva, um paulista, e Joaquim Pedro Fragoso de Siqueira, para fazer cursos de mineralogia e física em Paris, depois Saxônia, Boêmia e Hungria, voltando a Portugal via Escandinávia e Grã-Bretanha.

Por este modo, a devassa instaurada por Vasconcellos e Sousa teve que ser apressadamente concluída, sem mesmo seus juízes terem acesso aos depoimentos colhidos em Vila Rica pelo juiz Manitti e por Saldanha.

A 17 de julho de 1790 a rainha escreve um ofício para Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, com cópia para o novo vice rei do Rio de Janeiro, o conde de Resende, e para o visconde de Barbacena, nomeando-o juiz de uma nova devassa.

As declarações de que nosso amigo José de Sá Bittencourt havia participado da reunião de dezembro, em casa de Paula Freire, desaparecem, compradas por trinta quilos de ouro à sua família, enquanto seu irmão viaja na companhia daquele que seria daí para a frente o maior batalhador pela liberdade do Brasil, José Bonifácio!

O novo tribunal do inquérito visitador era presidido pelo Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e tinha como assistentes Antônio Gomes Ribeiro e Antônio Diniz da Cruz e Silva, que viriam da Casa de Suplicação em Lisboa.

Por este tempo, a pensão que servia aos carcereiros, foi encomendada de preparar nossas refeições. A comida melhorou consideravelmente, não mais sobras dos carcereiros. Houve, por este meio, uma irmã de Freire de Andrade de passar-lhe, nos pratos, alguma informação. Também eu recebi um dia um manjar que titia preparava, receita familiar, modo de fazer-se presente em silêncio à minha cela, para confortar-me.

Informados do novo andamento do processo, aguardamos impacientes o

novo juiz, sabedores que o alferes se atara de pés e mãos, com o molde de nos livrar a todos com sua morte.

Tinha Coutinho liberdade para agir, tendo sido negados a todos quaisquer direitos, requerimentos na forma da lei, ou formalidades. Os padres deveriam ser sentenciados separadamente e ficariam em segredo suas sentenças, devendo ser enviados, quando da sentença para Portugal. No fim de 1790 chegava Coutinho com a carta real e logo recebia outra, datada de 15 de outubro de 1790. Vinha a rainha a ser constantemente visitada, em espírito, pelo alferes, que não media esforços de nos livrar. Tomou-lhe medo insopitável. Escreveu, finalmente, uma carta de clemência para todos os envolvidos, ou por participarem da conjura, ou por apenas não a haverem denunciado, condenando apenas aqueles ou aquele que houvesse com falas e atos tentado levar outros para o levante. Em outras palavras, perdoava a todos, menos ao Tiradentes, nome como qual era agora conhecido e que, se no início fora usado pejorativamente, seria no futuro memória de valor.

No entanto, Coutinho haveria de levar avante sua tarefa inglória. Eu temia a interferência de Cruz e Silva. Teria me perdoado o desafeto? Não o conhecera afeito a intrigas, quando nos visitara em 1786, e compusera poemas à irmã de D. Bárbara Heliodora, filha do doutor José de Silveira e Sousa. Era um homem culto e de espírito aberto. Prouvera Deus que sua presença nos fosse amena. Cleto se fora como juiz para a Bahia, em junho, e soubera que o Manitti acabara por matar secretamente o meu sucessor Araújo Saldanha, porque este não concordava com seus métodos de tortura, ameaçando denunciá-lo invalidando os interrogatórios.

A rainha enviara a Coutinho os autos da Devassa Mineira. Por este modo, ao estudá-los, resolveu-se aquele juiz que se deveria prender o José de Resende Costa e José de Resende Costa Filho, bem como o Vicente Vieira e o José Aires Gomes. Durante seis meses trabalhou a nova junta estudando os depoimentos, acareando Toledo com Silvério, que Coutinho considerava implicado no levante, bem como o Pamplona. Ignorou qualquer insinuação ou afirmação direta de Oliveira Lopes ou Abreu Vieira contra o doutor Manitti, o governador ou o próprio Macedo. Deixou de lado as incorreções jurídicas no depoimento do doutor Cláudio Manoel da Costa,

pois viu nele o meio melhor de me inculpar. Eu já fora acareado quanto a isto em outubro de 1790, e ficara desiludido por saber que o amigo me inculpara, sem saber que eram apenas apensos que o Manitti colocara em suas declarações, e que ele fora depois assassinado. Acabei por confessar ter comparecido à casa de Freire de Andrade na reunião de dezembro, mas, sabedor que o alferes e o Toledo afirmassem que tinham deixado do assunto do levante, ao me virem, falei apenas que fora ouvir alguns versos do Alvarenga. Apesar disto, achavam os juízes ver nisto a prova que buscavam quanto a mim, bem como minha insistência em que se cobrasse a derrama.

Até julho já tinham sido ouvidos quase todos e, sabedor que Nicolau Jorge estava no Rio de Janeiro a caminho de Portugal, Coutinho também o mandou aprisionar, tendo-o inquirido a 18 de fevereiro. Paula Freire, Maciel, Oliveira Lopes, acareado com Toledo, Alvarenga Peixoto, Vicente Vieira, todos foram reinterrogados de forma ríspida, não lhes sendo permitido acusar quem quer que fosse, além dos já aprisionados. Manitti e Antônio Coelho, chamados especialmente para o Rio a acompanhar os relatórios, eram vistos por nós com repulsa e desagrado. Mas as queixas contra eles, da parte do Alvarenga ou do Oliveira Lopes, ou mesmo do Vicente Vieira, foram não apenas ignoradas, mas respondadas como ofensas aos magistrados da Rainha. Tiradentes foi o menos poupado. Reinterrogado seis vezes naquele ano de 1791, não o poupavam, tentando enredá-lo com que perder a outros.

Mas a irmã de Paula Freire conseguira passar uma maçã na refeição do irmão, e, dentro dela um bilhete revelador. Sabia de fonte segura que a sentença já fora proferida pela rainha e todos seriam deportados, para Angola, Benguela ou Moçambique, e só o Tiradentes seria enforcado. Apesar da sentença cruel, a morte nos poupava. Com preocupação pela sorte dos companheiros, pediu o comandante que o carcereiro levasse aquela maçã ao bom Pe. Toledo para o animar, porque era mais velho que ele. O bilhete foi passado e o recado dado em diversas prisões. O inquérito era apenas uma farsa. A sentença já fora dada desde 15 de outubro do ano que findara!

Deportado! Quando eu soube, fiquei abismado. Aquilo para mim era a condenação! Não mais poderia casar com Marília. Assim se acabava tudo

para nós. Separados todos de quem mais amávamos, com nossos bens confiscados, com nossos nomes desonrados, sem poder apelar. Assim mesmo escrevi uma apelação pra tal caso, e consegui passá-la. Fora das grades muitos magistrados, advogados amigos começavam, baseados em informações, a lavrar autos de defesa. No Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1791 casava-se finalmente o Silvério com D. Bernardina Quitéria, que já lhe dera filhos. Sua irmã mais velha, de nome Mariana, casar-se-ia com Francisco de Lima e Silva e seria mãe do Duque de Caxias.

D. Bárbara entrava com petições para não perder as propriedades herdadas dos pais e deixar algo aos filhos, mas temia enlouquecer de dor. Escrevia amiúde ao Macedo, que, constrangido por remorsos, tratava de passar suas cartas ao Alvarenga e comprar os juízes para que não o importunassem muito. A última acareação para me perder se dera a 13 de julho de 1791, entre o Alvarenga e o Toledo. Desde abril, os Resende Costa, pai e filho, carpavam a cadeia do Rio de Janeiro, bem como o Pe. Manoel Rodrigues da Costa, Aires Gomes e Vicente Vieira.

Desde aquele triste dia 23 de maio de 1789, já se haviam passado quase três anos. A 17 de agosto de 1791 achou por bem Coutinho concluir o inquérito e anunciou a Martinho de Mello e Castro que não havia novidades que pudessem alterar os autos da Devassa. Começou a elaborar um relatório em que falava dos objetivos da conspiração, as provas contra cada um em particular, mas não se escusou de demonstrar que a suspensão da derrama fora feita antes da denúncia de Silvério! Um brasileiro diplomado em Coimbra foi convidado a advogar a causa de todos, o Dr. José de Oliveira Fagundes, que era advogado da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Num prazo muito curto, ajudado por muitos, elaborou uma boa defesa. Seguindo a linha de defesa que eu apresentara em versos a Marília e que o Aleijadinho o tinha ciente, desculpou a todos, e, para o alferes, só tinha como argumento que era insano. Eu, mais de uma vez, dissera-o nas cartas que enviara à minha noiva e como não dizê-lo? Se eu sabia, se todos nós não ignorávamos que ele se entregara em holocausto a nós, que nada o poderia já salvar, como não usar o último recurso que nos deixava? Só dizendo-o louco o podíamos livrar, como fito de, em tal caso, poder furtá-lo para algum asilo de insanos. Muitos falam até hoje contra estes meus

versos. Muitos nos têm por covardes, mas ignoram como nos doeu ter que recomendá-lo ao advogado ou advogados que pudessem falar aos juízes. Não era a covardia que nos movia, nem o despeito, ou o rancor, mas a prudência, a razão, a única argumentação possível, diante das declarações do alferes em mais de sete interrogatórios, procurando diminuir-se como perverso e ingrato e passar por revolucionário, único culpado da trama! Tentei exercer ainda meus direitos. Meus requerimentos ficaram sem resposta. Agora era esperar e orar para que Deus nos valesse!

A sentença

Um forçado me trouxera a grata e terrível nova. Degredado!... Partir para uma vida insegura, com o nome para sempre desonrado, impedido pelas Cortes de andar livremente, de tornar ou ir a Portugal com os meus, que por certo ainda tentariam ver-me inutilmente. Perder minha noiva! Marília! Marília! Marília! - gritava minh'alma cheia de angústia e horror!- Talvez a morte fosse preferível! Tudo do que sempre me gloriara, minha virtude e honra atiradas fora. Seria livre, para viver longe daquelas terras e dos olhos que eram toda a minha alegria! Castigo dos castigos! Ingrata sorte!

E, no entanto, viver ainda seria um prêmio de Deus e da rainha, que, diziam, enlouquecera logo após ditar a sentença.

Por que, tendo sido dada desde outubro de 1790, nos tinham ainda a ferros? Que farsa terrífica era aquela? Que maldade inominável? Que tirana ideia de nos prender inutilmente, fingindo um inquérito, que era inútil? Mas o pior estava por vir! Haveriam de levar a farsa até o fim! Amargariam nossas horas! Que de fel seriam nossos momentos! Quanta humilhação e dor nos preparavam os senhores juízes! Inutilmente o amigo Cruz e Silva tentava envolver Sebastião Xavier Coutinho em melhores e menos animosos pensamentos com relação a todos os presos! Debalde! Inútil tentame! Aquele coração pétreo usaria todos os recursos à sua disposição para nos martirizar as horas. Preso pelo cansaço daqueles anos em que o pensamento andava a roda, com mil maquinações e ideias, em que muitas vezes as entidades infelizes me martirizaram com o pensar no suicídio como única honrosa saída. Enquanto eu chorava, eles, na loucura espiritual da vingança negra, gargalhavam, fazendo com que o ambiente da cela parecesse sufocar. Lágrimas pungentes corriam pelos olhos, soluços me sacudiam o peito, sufocando-me quase, mas, apesar de tudo, ainda era doce

e confortador poder desabafar assim toda a angústia e agonia que me oprimiam.

E pensar que aquela nova era de molde a nos alegrar, a nos tirar as inquietações quanto à morte, e, no entanto, eu não estava feliz! Não poderia saber quanto aos outros, mas aquela "vitória" era a única possível, a que havíamos anelado durante todo aquele tempo, sair com vida daquela escura e úmida masmorra. Ver o Sol, o mar, a luz! E morrer cada dia, longe de nossos amores! Não! Eu haveria de provar ao mundo o meu valor! Eu tornaria da liberdade longínqua para provar àqueles perversos de que fibra era feita a minh'alma! Eu os faria saber que não poderiam jamais apagar-me o brio e a sabedoria. Perversos! Ignorantes! Ingratos! Néscios! Povo de biltres e poltrões que fora como um filho, a quem eu quisera livre e ousado, e que não erguera uma só voz em minha defesa! Lembrei-me do amigo Aleijadinho! Só ele deveria ter articulado àquela hora. Só ele, enfermo, quase um aleijado, sofrido e pobre, mulato e genial, só ele, o amigo querido que me ficara naquela Vila Rica, que só a lembrança me punha louco! Por que não via naquilo tudo os rastros do doutor Cláudio? Não o sabia preso! Por mais que instasse quanto a ele não me dissera nada o Antônio, nem ainda o forçado ou o faxina. Mas eu tinha certeza de que o amigo querido deveria estar, por certo, de alguma forma que eu não sabia qual, estar nos ajudando a todos! Por que não me alegrava com a vida, com a liberdade longínqua que era um prêmio da clemência de sua Majestade? Só a imagem pura e doce de Marília era a resposta. Que maior castigo que ver-me apartado dela para sempre? No entanto, enquanto isto, minha noivinha, com uma fibra inquebrantável, estava em confabulações com o Aleijadinho, em sua casa. Mandara-o chamar, com pretexto de esculpir-lhe uma ermida.

— Mestre Lisboa, está certo quanto ao que me diz? Sairá livre da morte?

— Sim, sinhá Joaquina. Pode estar certa de que o processo demora, mais pela perversidade dos homens. A sentença foi dada, desde 1790 pela mão da própria Rainha. Sei isto de fonte segura, do próprio D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro da rainha. Só o Tiradentes, por seu próprio voto, por suas palavras, não poderá ser perdoado, segundo as instruções reais. No entanto, o degredo de todos será perpétuo, senhorita. Sinto muito que isto

seja assim, porque pelo que sei, as Cortes não permitirão às senhoras acompanharem já seus maridos. No entanto, toda tentativa neste sentido deve ser feita. Não é coisa para que nós, os amigos dos réus, intentemos. Acredito, D. Joaquina, que uma mulher quer por suas lágrimas, quer por seus argumentos, poderá fazer ceder a crueldade deste decreto, fazendo com que as famílias possam estar juntas. Não sei, no entanto, o que fazer quanto a isto. Não podemos forçar nem pedir a nenhuma das mulheres que o faça, porque estão todas em graves perdas, pelos sequestros dos bens, quando não pela maldade de muitos, que se aproveitam de sua fragilidade para as martirizar de toda a forma. Pensei em D. Bárbara Heliodora. Talvez, se ela fosse às Cortes...

— D. Bárbara tem tido ataques cada vez mais frequentes de insanidade. Mestre Lisboa. Ainda outro dia vi como a pobre Maria Ifigênia a trata com desvelo. Cortou-me o coração ver o carinho daquela menina valente.

Depois de pensar uns instantes, D. Joaquina olhou para Mestre Lisboa e sorriu:

— Irei eu mesma. Mestre Lisboa! Acredito que a rainha há de se condoer ao ver-me. Ouvir-me-á. Hei de abrandar aquela louca, para que nos ajude a todos!

— Mas como? A senhorita? Nunca pensei que doutor Tomás, em tal caso, permitiria que fosses até lá, para ajudá-lo. É orgulhoso, bem sabes.

— E quem lhe dirá. Mestre Lisboa? Como o senhor disse que tem tido contatos com Lisboa através do ministro D. Rodrigo, a ele endereçarei meu pedido, e, por tal forma o farei, que não m'ó há de negar. Peço que uses tua influência para que m'ó concedam. E pedirei a todas as senhoras que orem por todas nós.

Mestre Lisboa, emocionado, pensava já em beijar-lhe as mãos, mas não ousava. Marília, no entanto, estendeu-lhes, apertando as suas mãos feridas, como a lhe infundir coragem

— Mestre Lisboa, não precisa o doutor Tomás saber que vou. Nem sei como me sairei disto tudo, que sou muito fraca e tola, mas, prometo que tudo farei para diminuir a sentença. Estou feliz! Sofri tanto ao pensar que o poderiam matar. Sabê-lo vivo, ainda que longe de mim é uma felicidade que não podia mais pensar!

— Não se deveriam separar aqueles que se amam tanto, senhorita! - falou o Aleijadinho, beijando-lhe as mãos. - Tudo farei para que teu projeto seja coroado de êxito! Usarei os Irmãos. Mas, deixará teu pai que partas?

— Meu pai não se oporá! As más línguas que falem. Sairei daqui, como quem vai para o Rio numa viagem de recreio! Não darei a ninguém motivos para comentários que possam prejudicar nosso intento! Tomás será grande ainda. Uma alma como aquela merece estar acima das demais! É como o Sol, Mestre Lisboa. Podem tapá-lo as nuvens, mas reaparece!

Mestre Lisboa ficou a admirá-la. Aquela jovem, a quem amava já por filha querida, era de uma coragem que nem mesmo nas outras senhoras poderia já ver.

— Senhorita, para mim, ninguém mais poderá ser a companheira do doutor Gonzaga. Quaisquer que forem as leis do mundo, sei que ninguém poderá apartar duas almas, como as que tendes!

No início de 1792 o liberal ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho oficiara ao general de Minas, visconde de Barbacena, autorizando D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão a embarcar para o Reino, na companhia de D. Clara Gertrudes de Seixas Fonseca Borges.

Marília se punha a caminho, para amenizar a sentença de todos!

Na cidade do Rio de Janeiro visitou meus parentes e amigos, enquanto esperava o navio que a levaria e à tia. Despediu-se de Francisca, deixando-a a cuidar de D. Bárbara até sua volta. Levaram-na a ver a pensão que nos servia as refeições. Marília, com seu encanto, cativou a todos. Um dia pediu permissão à senhora da pensão para colocar nos pratos um quitute preparado por ela. Informou que quando eu o visse saberia quem o houvera feito. Marília, uma tarde, em que eu fora à sua casa, me fizera uma rosca em forma de tranças, para brincar com o fato de estar sempre com a trança de seus cabelos nos pulsos. Pensou que, vendo uma trança igual, eu entenderia sua linguagem muda. Feita a massa, enrolou mais de quarenta tranças, que foram postas a assar. Seu pensamento e esforço não foram inúteis. Recebi sua mensagem. Marília estava no Rio de Janeiro. Esperava pela sentença. - pensei. - Tentaria ver-me! Mas eu, que desejava ardentemente vê-la, não queria que me visse sendo conduzido como um réu, feio e hirsuto como andava, sem cuidado nenhum com meu aspecto, temia que me visse por este

modo. Tratei da melhor forma de cuidar de minha aparência. Penteava os cabelos, olhava-me na água da bacia em que me serviam, como espelho. Atava os cabelos. Estava barbudo, mas os olhos ainda eram doces e temos. Olhos azuis como o céu. - dizia Marília. Seu céu particular!

Em meu pensamento lembrei-me de Eugênia, quando me fora ver, com a carta do alferes. Pobre mulher. Que sofrimentos inenarráveis a estariam logo esperando? Não havia dúvida. Nenhuma misericórdia haveria para o Xavier. Fiquei pensando nele e me senti mesquinho e egoísta! Não era justo que aquele homem morresse por nós, e, no entanto, ele mesmo o pedira! Não éramos dignos de tê-lo na Conjura. Quem teria sua coragem? Sua abnegação? Sua renúncia? As horas se dilatavam. Em versos, insisti que se fizesse a defesa dele, baseados na insânia. Talvez conseguíssemos, iludia-me a pensar, por este modo, livrá-lo dos algozes.

Alguns meses depois Marília chegava às Cortes e estive com meus familiares. Papai chorou ao vê-la. Abençoou-a, ao ver a joia que portava ao pescoço, entendeu que era ela a jovem que me prendera para sempre o coração.

— Pai, - falou Marília - vejo que o doutor Gonzaga tem em ti o homem que o abrilhantou no caráter e coração. Sinto, no entanto, que não pudéssemos estar juntos para te abraçar.

A passagem de minha noiva pelo Porto não foi muito comentada. Comedida, Marília evitou e impediu que dessem à sua presença as honras devidas, pois não viera colher honrarias ou festas, só intentava falar com a Rainha. Usaram os meus os recursos que tinham em mãos, e, em poucos dias, foi ela recebida em palácio, numa audiência particular.

Era regente D. João VI e praticamente os ministros é que resolviam tudo, pois D. Maria I não estava no seu juízo. No entanto, estive com S. Majestade:

— Encantadora jovem - falou a rainha para o filho. - Vê-se que a colônia não tem apenas bugres e negros selvagens!

— Nem poderia, Real Senhora, já que lá vivem os mais estremados súditos de Sua Real Majestade. - falou Marília.

— Bem, a quantas instâncias todos me falem de tua formosura, posso bem ajuizar, mas ignoro porque uma jovem tão formosa procuraria a

presença de uma mulher de idade, podendo brilhar nos salões da Corte.

— Nenhuma festa poderia já me privar de prazer maior do que estar convosco, Senhora. - falou Marília, enquanto em pensamento, suplicava a Deus não lhe faltassem argumentos. - Venho, pessoalmente, provar a piedade que tanto vos faz abençoada e grata aos olhos dos vossos leais súditos.

— Então era isto. - pensou a rainha. - Vinha lhe pedir favores!

Adiantou-se D. Rodrigo, intercedendo por minha noiva:

— Vossa Real Majestade. D. Maria Dorotéia é noiva do Dr. Tomás Antônio Gonzaga, que, durante muitos anos, serviu com honestidade e valor a vossa Real Majestade, bem como seu pai e avô. Seus irmãos contam-se, bem como as irmãs, entre os santos que oram por vossa saúde nos mosteiros, mas seu casamento foi impedido pela prisão que lhe fez o governador de Minas, por delações mentirosas contra sua pessoa. Bem sabe V Real Majestade que os maus não têm pejo de usar acusações vis, contra quem lhes ponha a frente, impedindo seus roubos e contrabandos.

A Rainha ouvia de cenho carregado e Marília e tia Gertrudes, aos seus pés, pediam a Deus as ajudasse no tentame.

Adianta-se Luís Pinto, ministro do Exterior.

— Os povos verão no vosso gesto piedoso mais meio de vos louvar, Majestade. Não apenas D. Maria Dorotéia, todas as esposas e filhos dos conjurados, através desta jovem, vêm pedir vossa clemência. Nem é menos verdade que, quanto ao amor familiar tem V. Majestade sido provada tantas vezes e pode ajuizar o sofrimento delas.

— Filha, - falou por fim a rainha - não posso voltar atrás nas minhas determinações. Não ignora a senhorita, o quanto os povos têm sido ingratos e perversos com os reis, nem como a vida tem sido penosa para a própria rainha. Mas te concedo e a todas as senhoras um perdão. Não serão degredados por toda a vida, senão pelo prazo de dez anos. E que Deus lhes dê longa vida, com que provem a todos seu próprio valor.

Marília pareceu sucumbir de dor. Tinha esperanças de um perdão irrestrito. Balbuciou ainda:

— Senhora, ousou pedir mais. Aqueles infelizes estão quase loucos de dor, e pelo espaço de quase três anos já tem sofrido bastante, não julgais

assim?

Mas a audiência terminara e, amparadas por D. Rodrigo, Marília e sua tia deixaram o palácio. Fora, não podendo segurar por mais tempo as lágrimas, ela se abraçou à sua querida tia, dizendo em pranto:

— Dez anos, tia! É tempo demais! Nunca mais verei o doutor!

Entristecida, mas confiante em Deus, minha noiva tomou a nau que a levaria de volta com as notícias que trazia, enquanto a carta notificando as novas disposições da Rainha seguia viagem com ela. Cada um de nós teria destino diferente, mas por dez anos, tempo suficiente para destruir qualquer esperança de voltar. Alguns, no entanto, tornariam ainda.

Enquanto Marília tornava a Vila Rica, no dia 18 de abril de 1792, escoltas nas ruas, movimento desusado. Os presos eram conduzidos de suas diversas prisões, para ouvirem finalmente a leitura da sentença. Um palco fúnebre e uma farsa maldosa nos aguardava.

A sala fora coberta de panos pretos, nada menos que nove juízes da Alçada com seus trajes de gala aguardavam-nos, soldados com as armas ensarilhadas, o vice rei, conde de Resende, e onze padres que deviam ouvir em confissão os onze acusados à morte, haviam descido do mosteiro de Santo Antônio, tendo à frente fiei José de Jesus Maria do Desterro.

A Cadeia Pública fora cercada com aparato pelos guardas das guarnições portuguesas.

A primeira escolta a chegar da Ordem de São Francisco trouxera Francisco de Paula Freire de Andrade, Inácio José de Alvarenga Peixoto que, para não enlouquecer, ficara a gravar na masmorra que o acolhera o nome de D. Bárbara Heliadora, Luís Vaz de Toledo Piza, José de Resende Costa, pai, que, maldosamente fora acareado com o próprio filho, quando os impediam de avistar-se na prisão, e o alferes José Joaquim da Silva Xavier.

Depois, da Cadeia da Relação chegaram o tenente coronel Domingos de Abreu Vieira, apoiado no seu amigo fiel, o escravo Nicolau, o José de Resende Costa Filho, o Dr. Salvador Carvalho do Amaral Gurgel.

Finalmente, da Fortaleza N. S. Conceição, chegaram o Dr. José Álvares Maciel. Dr. Domingos Vidal Barbosa, e da guarda palaciana Francisco Antônio Oliveira Lopes.

A cena que se seguiu é sobejamente conhecida, mas teremos que repeti-

la, embora cruel demais. Após três anos de incomunicabilidade, só cortada pelas manhas de nossos familiares e amigos, passando e ludibriando os guardas às vezes, aqueles onze homens, martirizados, sujos, com as roupas em frangalhos, com a moral abatida, os olhos cansados da escuridão das masmorras, sentiam-se finalmente entregues à sua sorte. Aquele tribunal parecia irreal. Tanto aparato, tantos guardas para quê? Suas algemas foram momentaneamente tiradas e presas aos padres que ouviriam suas últimas palavras. A presença daqueles padres só poderia significar morte, confissão. Então, pensavam e aquela notícia de que só os principais seriam condenados à morte? Seriam eles considerados os primeiros da Conjura? Quase loucos tiveram de aguardar em pé que a sentença fosse preparada. Tinham sido tirados na noite do dia 17 de abril de suas prisões e já eram mais ou menos oito horas da manhã. Começou a leitura da sentença. Os juízes se revezavam na leitura de todos os considerandos. Parecia um interminável suplício. Para terdes uma ideia, durante dezoito horas prosseguiu a Reunião da Alçada. Dezoito horas, das oito da manhã às duas da madrugada, numa confusão dantesca de guardas, portas que se abriam e fechavam juízes, padres. A leitura da sentença vinha por fim:

"Portanto, condenam o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes (...) seja conduzido (...) ao lugar da forca e nela morra morte natural e para sempre (...)"

O Escrivão da Alçada lia aquilo sem nenhuma emoção coma voz ritmada e dura. Parecia a todos irreal aquilo.

"... E que seu corpo seja dividido em quatro quartos e que sejam pregados em postes, pelo caminho de Minas Gerais, nas localidades de Varginlia, e Cebolas, onde o réu teve suas práticas, e mais nos lugares de maior população, até que o tempo também os consuma. Declaram o réu infame e seus filhos e netos, tendo-os, e que seus bens revertam para o fisco e a Câmara Real. Que a casa em que vivia seja arrasada e, depois, salgada, para que nunca mais no chão se edifique, e, não sendo própria, seja avaliada, e paga a seu dono pelos bens confiscados. No mesmo chão se levantaria um padrão pelo qual se conserve em memória a infâmia deste abominável réu.

Igualmente condenam os réus Francisco de Paula Freire de Andrade,

tenente coronel que foi da tropa paga da capitania de Minas Gerais, José Álvares Maciel, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu Vieira, Francisco Antônio de Oliveira Lopes, Luís Vaz de Toledo Piza a que, com baraço e pregão, sejam conduzidos pelas ruas públicas ao lugar da forca e nela morram morte natural e para sempre. Depois de mortos, lhes serão cortadas as cabeças e pregadas em postes altos até que o tempo as consuma. As dos réus Francisco de Paula Freire de Andrade, José Álvares Maciel e Domingos de Abreu Vieira, no lugar defronte de suas habitações. A do réu Inácio José de Alvarenga Peixoto no lugar mais público de São João dei Rei. A do réu Luís Vaz de Toledo Piza na Vila de São José. E a do réu Francisco Antônio de Oliveira Lopes defronte do lugar de sua habitação, na ponta do Morro. E declaram estes réus infames e seus filhos e netos, tendo-os, e que seus bens revertam para o Fisco e Câmara Real. Que a casa em que vivia o réu Francisco de Paula Freire de Andrade, em Vila Rica, onde se reuniam os réus chefes da conjuração, para terem os seus infames conventículos, seja arrasada e salgada, sendo própria do réu, para que nunca mais no chão se edifique.

Igualmente condenam os réus Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, José de Resende Costa, pai, José de Resende Costa Filho, Domingos Vidal Barbosa a que, com baraço e pregão, sejam levados pelas ruas públicas ao lugar da forca e nela morram morte natural e para sempre. Declaram esses infames e seus filhos e netos, tendo-os, e que seus bens revertam para o Fisco e Câmara Real.

Para que estas execuções possam fazer-se mais comodamente, mandam que no campo de São Domingos se levante uma forca, mais alto do ordinário.

Ao réu Cláudio Manoel da Costa, que se matou no cárcere, declaram infame a sua memória e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens confiscados para o Fisco e a Câmara Real.

Aos réus Tomás Antônio Gonzaga, Vicente Vieira da Mota, José Aires Gomes, João da Costa Rodrigues, Antônio de Oliveira Lopes condenam ao degredo por toda a vida, para os presídios de Angola. Ao réu Gonzaga para as Pedras, o réu Vicente Vieira da Mota para Angola, o réu José Aires para Embaqua, o réu João da Costa Rodrigues para Novo Redondo, o réu

Antônio de Oliveira Lopes para Caconda. *E, se voltarem ao Brasil, se executará neles a pena de morte natural na forca e se aplicam a metade dos bens de todos estes réus para o Fisco e a Câmara Real.*

Ao réu Victorino Gonçalves Veloso condenam a açoites pelas vias públicas, três voltas em redor da forca, degredo para toda a vida para a cidade de Angola. Retomando a este Estado do Brasil e, sendo nele achado, morrerá de morte natural na forca e aplicam a metade dos seus bens para o Fisco e a Câmara Real. Ao réu João Dias Motta condenam a dez anos de degredo para Benguela e, se voltar a este estado do Brasil, morrerá de morte natural na forca e aplicam a terça parte de seus bens para o Fisco e Câmara Real.

Ao réu Francisco José de Melo, que faleceu no cárcere, declaram sem culpa e que se conserve sua memória segundo o estado que tinha. Aos réus Manoel da Costa Capanema e Faustino Soares de Araújo absolvem, julgando pelo tempo que têm sido na prisão purgados de qualquer presunção que contra eles podia resultar das devassas. Igualmente absolvem aos réus João Francisco das Chagas e Alexandre, escravo do Pe. José da Silva de Oliveira Rolim, a Manoel José de Miranda e Domingos Fernandes, por não se provar contra eles o que baste para se lhes impor a pena. E ao réu Manuel Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, falecido no cárcere, declaram sem culpa e que se conserve sua memória segundo o estado que tinha.

Aos réus Fernando José Ribeiro e José Martins Borges condenam ao primeiro a degredo por toda a vida para Benguela, e em duzentos mil para as despesas da relação. E ao segundo a açoites pelas vias públicas e dez anos de galés.

E paguemos réus às custas.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 1792.”

Terminava a farsa. Presente, Cruz e Silva tentava como olhar e gestos dizer ao Alvarenga que nada daquilo era real. Era apenas maldade, parte de uma trama para os ver desesperados. Como se não bastassem àqueles onze homens a degradação, o afastamento dos entes queridos, as torturas e os interrogatórios! Como se não bastasse à maioria os três anos de incerteza, ainda precisavam aumentar-lhes o sofrimento com aquela farsa terrível. Alquebrados, moralmente abatidos, quando a voz tirana silenciou, choram

constrangidos, falam sem parar, como um dique represado durante longos anos, denunciam, imprecam, admoestam-se mutuamente, julgando que os companheiros eram culpados de suas sentenças. Domingos Vidal Barbosa ri e chora inconformado. Não podia crer que estivesse condenado à morte! Não fora esta a sentença que ouvira de sob a sala da fortaleza onde se encontrava. Ainda ontem parecera ouvir que só o Tiradentes seria condenado!

Resende Costa Filho, jovem corajoso e crente, conforta o pai, feliz por poder falar-lhe. Diz-lhe que breve estarão juntos na Pátria Espiritual, única e verdadeira, que os reuniria em paz! Suas palavras comovem a todos. Entidades amigas usam-lhe o verbo consolador, enquanto Tiradentes os olha como se já estivesse no Outro Plano da Vida. Pensa o mártir que só ele deveria morrer, para isto usara seu verbo no interrogatório. Não se iludia, que as Cortes quereriam ao menos um deles para exemplo dos povos. Que fosse ele, então!

Ainda bem Domingos Fernandes, o amigo ouvires, sairia livre, bem como Manoel José de Miranda, que lhe dera as cartas para a fuga. Nem sabia que estavam também retidos, só o tendo ciência agora! Logo estaria junto de Rego Fortes! Pobre amigo! Este haviam morto com tratos na prisão e mais a gripe que assolara o Rio de Janeiro, em princípios de 1790, tendo acamado até o Vasconcellos e Sousa, fizera o mesmo a tantos!

Fernando José Ribeiro e José Martins Borges eram duas víboras, que haviam tentado inculpar com falsos testemunhos a desafetos! A morte daqueles dez homens e o degredo dos demais lhe doía ao coração, mais que a própria morte! Realmente fora ousado demais. Eloquentemente em demasia. Não poderia deixar de se inculpar, mas não se arrependia de nada. Queria apenas morrer sem que outros o seguissem!

— Sempre disse aos ministros, quando inúmeras vezes fui ante o tribunal, que só em mim fizessem justiça. Não quero levar atrás de mim tantos infelizes. Eu sou a causa da morte destes homens. Desejaria ter mais dez vidas e podê-las dar a todos eles. Se Deus me ouvira só eu morreria e não eles!

Todos choravam pediam perdão aos juízes, mas Tiradentes não. Quatro horas durou aquela extravasão dos sentimentos recalcados por tanto tempo.

Pesados grilhões e gargalheiras de ferro são-lhes atadas e às janelas. Camas improvisadas da Santa Casa de Misericórdia são trazidas por ordens dos padres, para que repousem e possam ser ouvidos em confissão.

Alvarenga parecia possesso. Falava sem pensar. Exprobrava sua esposa não havê-lo impedido. Por seus ardores, Maria Ifigênia ficaria órfã.

O padre chamou-o aos brios, dizendo que por este modo estava a condenar sua própria esposa no levante! Alvarenga confessa que estivera a ponto de pedir ao Governador clemência e denunciar toda a trama, e olha para os companheiros. Ele não o fizera, mas muitos ali o haviam feito. Baixamos olhos o Paula Freire, o Maciel e o Oliveira Lopes.

Durante toda a noite, serviçais e guardas armados entravam e saíam. O retinir dos ferros que os impediam de descansar era lúgubre.

Já informado do que se passava, o nosso advogado, o bom e querido amigo, um herói apagado de toda esta farsa, escrevera considerando em apelação da sentença, que por Cruz e Silva ele sabia encenada. Infelizmente os infelizes não haviam podido ser avisados, pois ninguém pôde entrar em contato com eles e as escoltas eram escolhidas. Entregue a apelação, nem se dignaram os juízes de lê-la. Afinal, a sentença só era real em parte! *E, depois, como tivera o advogado José de Oliveira Fagundes a capacidade de compor a apelação em apenas meia hora? Só podia ser que já estivesse pronta, para quando da leitura!*

Ao chegar o dia 20 de abril de 1792, tomaram os juízes. Ergueram-se os réus, pensando chegada a hora do suplício. Mas não! Leram-lhes a carta da Rainha, a famosa carta da clemência, que nós já sabíamos haver, mas que o desespero impunha esquecida dos juízes. Dizia:

"Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, do meu Conselho, da Minha Real Fazenda e Chanceler, nomeado, da Relação do Rio de Janeiro.

Eu, a Rainha, vos envio muito saudar.

Tendo-vos determinado, pela Carta Régia de dezesseis de julho do presente ano, o que deveis praticar na Comissão de que vos tenho incumbido, assim com os réus eclesiásticos como os seculares, compreendidos no crime de que trata a mesma Carta, por esta *vos ordeno as alterações seguintes:*

Quanto aos réus eclesiásticos, que sejam remetidos a esta Corte, debaixo

de segura prisão, com a sentença contra eles proferida, para, à vista dela, Eu determinar o que melhor Me parecer. Quanto aos outros réus, e entre eles os reputados por chefes ou cabeças da conjuração, havendo algum ou alguns, que não só concorressem com o mais chefes nas assembleias e conventículos, ouvindo de comum acordo nos pérfidos ajustes que ali se trataram mas que, além disso, com discursos, práticas, declarações sediciosas, assim em público como em particular, procurassem em diferentes partes das ditas assembleias introduzir no ânimo de quem os ouvia o veneno da sua pérfida intenção, e dispor de quem os ouvia a induzir os povos por estes e outros criminosos meios a se apartarem da fidelidade de que Me devem.

Não sendo esta qualidade de réu ou de réus, pela atrocidade e escandalosos crimes, revestidos de tais e tão agravantes circunstâncias, digno ou dignos de alguma consideração.

Ordeno que a sentença que contra ele ou contra eles for proferida, segundo a disposição da leis, se dê logo à devida execução.

Quanto porém aos outros réus, também chefes da mesma conjuração, que não se acharem em iguais circunstâncias, querendo usar com eles da minha real clemência e benignidade, ordeno, pelo que respeita tão somente à pena capital em que tiverem incorrido, que esta lhes seja comutada na imediata de degredo por toda a vida para os presídios de Angola e Benguela, com pena de morte se voltarem para os domínios da América.

Quanto aos mais réus, que nem foram chefes da referida conjuração, nem entraram ou consentiram nela sem se acharam nas assembleias e conventículos dos referidos conjurados, mas que tendo tão somente notícia ou conhecimento da mesma conjuração, não a declararam nem denunciaram em tempo competente, hei por bem perdoar-lhes igualmente a pena capital em que tiveram incorrido e que esta se lhes comute na de degredo para os outros domínios da África, compreendidos os de Moçambique e Rio de Sena, pelos anos que parecerem convenientes, debaixo da mesma pena de morte se em tempo algum voltarem aos domínios da América.

O que assim executareis, ficando tudo o mais disposto na sobredita Carta Régia de dezesseis de julho em seu inteiro vigor.

Escrita em o Palácio de Queluz, em quinze de outubro de mil setecentos

e noventa.”

Ouvem os condenados o escrivão, com a mente cansada. Estariam entendendo bem o que dizia? Não era hora da sentença cruel, da morte na forca?

Diz o escrivão:

“Em observância da Carta da Dita Senhora, novamente junta, mandam que se execute inteiramente a pena da sentença no infame réu Joaquim José da Silva Xavier, por ser o único que, na forma da dita carta, se fez indigno da Real Piedade da mesma Senhora. Quanto aos demais réus, a quem deve aproveitar a Clemência Real, hão por comutadas as penas de morte na de degredo perpétuo. O réu Francisco de Paula Freire de Andrade para a Pedra de Angoche, José Álvares Maciel para Monsango, Inácio José de Alvarenga Peixoto para Dande, Luís Vaz de Toledo Piza para Cambembe, Francisco Antônio de Oliveira Lopes para Bié, Domingos de Abreu Vieira para o presídio de Machimba, Salvador Carvalho Amaral Gurgel para Catala, José de Resende Costa, pai, para Bissau, José de Resende Costa Filho para Cabo Verde, Domingos Vidal Barbosa para ilha de São Tiago, ficando em tudo o mais a sentença em seu vigor. E se voltarem a este domínio da América se executará, em qualquer que transgredir, a ordem da dita Senhora, à pena de morte que lhe tinha sido imposta. Declaram que o degredo dos três réus José de Resende Costa, pai, José de Resende Costa Filho e Domingos Vidal Barbosa será somente por tempo de dez anos, ficando em tudo o mais que se contém neste acórdão a respeito dos três réus em observância.

Rio de Janeiro, 20 de abril de 1792.

Sim! Não mais morreriam! Seriam livres para amargar o resto da vida, nos presídios da África ou em ilhas do Atlântico.

No entanto, a mercê da vida, a esperança de poderem continuar e talvez um dia, amargados os dez anos, tornar à pátria, era grata para quem estivera como baraço no pescoço. Irrompem em alegres exclamações. Pergunta Alvarenga ao padre que o assiste:

— Onde fica Dande?

O padre lhe sorri, cumpliciosamente:

— É um porto, filho. Contam ajudá-lo mais tarde a fugir.

Alvarenga se regozija. Fugir, rever Bárbara, a filhinha querida, e os seus

três meninos, que deveriam estar tão grandes, após três anos de ausência. Nenhum deles podia já estar como cérebro em ordem. O sofrimento os fazia diferentes dos demais homens. Só Resende Filho, Vieira, Aires Gomes e Resende, pai, haviam amargurado menos de três anos nas prisões. Aos demais, viver, ver o Sol, mesmo longe dos seus, ainda era uma bênção!

Esquecem-se, por um instante, que o devem ao companheiro humilde, que numa visão mais realista de todos e do conjunto das acusações, percebera no seu sacrifício, único meio de salvar a todos, não eliminando nem mesmo o esforço no Plano Espiritual para torcer a mente real, tão perturbada. Nem era menos verdade que a Rainha parecia vê-lo em todos os cantos do Palácio e, com aquela carta de clemência, julgou comprar seu sossego. Pobre mulher! Também aos padres pretendia livrar, em mosteiros. Não se queria excomungada por condenar um sacerdote, mesmo um só que tivesse se erguido contra si!

Tiradentes, erguendo a voz, com um júbilo que os outros ainda não podem entender, por não estarem na sua elevada condição espiritual, parabeniza-os e augura-lhes sorte. Um silêncio envolve a todos. Amargurado, Alvarenga chora e os outros o fazem em silêncio. Compreendem o alto preço de suas vidas!

A morte de Tiradentes

Enquanto nós estávamos sofrendo as injunções de uma mudança radical na ordem política e espiritual dos povos, após os horrores da Instituição e do Poder Real, no dia 27 de agosto de 1789, a Assembleia Nacional da França, país onde nos fôramos beber livros e conceitos novos, promulgou uma Declaração que Edgard Quinet denominou Evangelho dos Tempos Novos. Em 1791 saía destes mesmos 17 artigos da Nova Constituição da República Francesa. A maioria destes artigos, no entanto, até hoje encontram povos, leis e nações que ainda não aprenderam nem cumprem aquelas primárias leis do Direito Humano. Se nos reportamos à situação da França é por dizer que, o exemplo daquele país veio a aumentar o temor dos reis e dos nobres e indispor-los contra qualquer que tentasse um regime democrático para os povos, em consequência, má-vontade e rigor nas penas a nós dispostas.

Com relação a isto, por mais cruel que fossem as sentenças contra nós lavradas, há que lembrar que, diante da pressão do momento histórico vivido, D. Maria I devia ser considerada, sob todos os aspectos, até que clemente, pois a guilhotina francesa, depois, fez rios de sangue!

Logo após a leitura da sentença cruel, também eu fui tomado por pranto convulsivo. Em estado de extrema fraqueza, como os demais, pelas noites indormidas, pelo martírio moral e físico, pela ausência de sol, pela angústia ante a sentença cruel, deixei extravasar mais uma vez todo amargar em lágrimas doridas, que jamais envergonhariam um homem. Ainda tivera esperanças de perdão para mim, e até mesmo anelara que ao Tiradentes fosse imputada a ideia de insano. Tudo vão! Além do mais, ao saber da sentença, soube que doutor Cláudio Manoel da Costa estava morto. Isto explicava o silêncio que eu lhe imputava! Suicídio! Jamais creria! Ao

lembrar de suas ameaçadoras disposições de inculpar o visconde, compreendi. Haviam-no morto!

Relida a sentença, com perdão para os dez, e pena de degredo, para os outros, pedi ao carcereiro que fizesse saber ao escrivão que eu desejava mudar minha cela. O mesmo fizéramos outros. Adormecido e desdobrado, olhando como sonâmbulo aquela sala repleta de guardas com as espadas a brilhar, a luz dos archotes, os panos pretos, as cruzes de prata, pensei que para mim, daí para frente, aquela seria a própria imagem do Inferno! Abatido e derrotado, comecei a sentir o que todos sentiriam daí para a frente, quando a memória nos cobrasse a lembrança das ideias libertadoras e dos planos da Conjura; remorso pela morte do alferes Xavier! Estranho caso! Não éramos nós os ditadores da sentença! Não éramos os juízes, os delatores, mas, mesmo assim, aquela morte nos doeria para sempre, porque por ela ganhávamos mais tempo de vida!

Marília já tomara ao Brasil e, em casa dos meus, dera ciência do seu tentame, partindo para Vila Rica, para informar as outras senhoras.

Em lá chegando, a sentença era lida. Como se sintonizando a nossa angústia, terrível abatimento moral a acometeu.

Enquanto isto, Eugênia estava com o filho recolhida pelos padres, temerosa de minha sorte, querendo ver por última vez que fosse, ao seu querido alferes Joaquim José. Confidenciou isto a ele, seu padre confessor.

— Para que padre? Já não basta o mal que fiz a ela e ao menino? - perguntou o alferes.

A interferência de Marília custou-nos algum proveito, pois a sentença para nós foi mudada em parte.

Inadvertidamente, Alvarenga havia comentado com Resende Filho que iria para Dande, onde por certo poderia fugir. Ouvindo isto, um guarda próximo tratou de contar tudo ao Coutinho. Por este modo perdia-se a interferência de Cruz e Silva em favor do amigo, ex colega de Coimbra. A sentença de Alvarenga foi mudada, prejudicando-o consideravelmente, indo para um presídio dos piores da África, de má reputação pela crueldade dos que o guarneciam. Ficou a lista dos degredados, finalmente, por este modo:

1 - Inácio José de Alvarenga: para Ambaca, por toda a vida.

2 - Luiz Vaz de Toledo Piza: para Cambembe, por toda a vida.

- 3 - Francisco Antônio de Oliveira Lopes: para o Bié, por toda a vida.
- 4 - José Álvares Maciel: para Massangano, por toda a vida.
- 5 - Tomás Antônio Gonzaga: para Moçambique, por 10 anos.
- 6 - José Aires Gomes: para Inhambaré, por 8 anos.
- 7 - Antônio de Oliveira Lopes: para Mucuá, por 10 anos.
- 8 - Vicente Vieira da Mota: para o Rio de Sena, por 10 anos.
- 9 - João da Costa Rodrigues: para Mossuril, por 10 anos.
- 10 - Victoriano Gonçalves Veloso: para Cabeceira Grande por 10 anos.
- 11 - Salvador Carvalho do Amaral Gurgel: para Catala, por toda a vida.
- 12 - *José Martins Borges: para as galés, por perjúrio.*
- 13 - José de Resende Costa, pai: para Bissau, por toda a vida.
- 14 - José de Resende Costa Filho: para Cabo Verde, por toda a vida.
- 15 - João Dias da Motta: para Cachéu, por 10 anos.
- 16 - Domingos Vidal Barbosa: para a ilha de Santiago, por toda a vida.
- 17 - Francisco de Paula Freire de Andrade: para Pedra de Angoche, por toda a vida.
- 18 - Domingos de Abreu Vieira: para Muxima, por toda a vida.
- 19 - *Fernando José Ribeiro: para Benguela, por 10 anos, por perjúrio.*

Os padres, que se encontravam na Ilha das Cobras, na Fortaleza de São José, eram Pe. José da Silva de Oliveira Rolim, Carlos Correia de Toledo, José Lopes de Oliveira, Manuel Rodrigues da Costa e o cônego Luís Vieira, foram condenados, os três primeiros à morte e os dois últimos a degredo perpétuo.

Os padres que nos haviam confortado, haviam, pelo coro de vozes rezando em voz alta o Ofício dos Mortos, alertado a população para que alguém ou muitos seriam assassinados pela lei, pois que a pena de morte não é senão, em qualquer circunstância, mais que um assassinato legal.

Em razão disto a população, que certo julgou ser chegada a hora dos conjurados mineiros, fechou-se em suas casas, acendendo velas e candeias aos santos de devoção. A cidade amanhecera deserta, e só se ouviam o tropel dos portugueses, cujas guarnições nervosas temiam ainda uma revanche. Após a encenação estúpida e desnecessária, para nós, um bando de homens abatidos e quase ensandecidos pelos padecimentos daqueles anos de tormento, retirou-se Vasconcellos Coutinho. Não teria nem mesmo

a coragem de ver executar o ponto culminante daquele inquérito, a morte de Tiradentes! No entanto, vê-la-ia, pelo tempo a fora, representada cruamente no Tribunal da sua Consciência!

Em bazófias próprias de mentes perversas, diziam os soldados na rua que o Tiradentes deveria ser morto de forma mais meritória atado a um cavalo e marretassem-lhe peito, pernas e pés, para que tivesse uma agonia lenta e dolorosa. Se algum passante se atrevia a responder, ia logo curtir a cadeia. Os lusos atrevidos tinham ainda medo daquele homem acabado fisicamente, o alferes Xavier!

No oratório da cadeia, panos pretos e cruz pendente do altar, só estavam naquele dia 20 de abril de 1792 o Tiradentes, uns guardas, e dois frades, que o tentavam consolar. A um dado momento, pensando na sua vida de sacrifício e luta, embora contente por só ele ser o condenado à pena máxima, ainda respondeu ao padre, com mágoa e ironia simples:

— A corda sempre rebenta pelo lado mais fraco!

Como se enganava o alferes. Nenhum de nós poderia ser mais forte do que ele naquele instante!

De madrugada, às quatro horas, após uma noite indormida, em pensamentos cheios de oração e dor, chegou-se ao alferes o barbeiro. Vinha cumprir o de praxe: raspou-lhe os cabelos e a barba. Em seguida, um meirinho tirou-lhe as roupas e fê-lo vestir a serapilheira branca, a alva dos condenados, cujas mangas eram cosidas nas extremidades, com cordas que se amarravam em nós. Foi ouvido, então, em confissão, por Frei Raimundo Penaforte, que lhe fez uma missa e ministrou-lhe a extrema unção.

A Tiradentes nada daquilo parecia real. Talvez que Deus o condenasse, porque os homens haviam atingido tal fim porque ele se houvera como voluntário para cortar a cabeça ao governador.- pensava cansado.- No entanto, sabia que a morte não era o fim de tudo! Lembrava-se da lenda maçônica segundo a qual o herói vira estrela no céu! Sorria tristemente. Respostava ao frade por monossílabos!

Já raiava o dia 21 de abril de 1792, um sábado de sol esplêndido, sendo Portugal regido por D. Maria I, o vice rei Dom Luís de Castro, conde de Resende. Logo mais seria executada a sentença.

Assistiriam a execução os mesmos "marotos", palavra ofensiva que os

lusos detestavam, e que havia custado ao Victoriano Veloso os açoites ao redor da força e a caminho da cadeia, o Silvério, o Parada e Sousa, o Manitti, o Basílio Brito Malheiros. Dos traidores só o Pamplona não fora contemplado pelos "serviços" prestados à sua Real Soberana!

Vários corpos de Infantaria, um de Artilharia e um Esquadrão de Cavalaria da Guarda dos vice reis, com duas companhias, se apressavam para guarnecer as ruas e a execução. A serviço da segurança do vice rei e sua magistratura três batalhões de granadeiros...

Pela manhã, logo cedo, estavam todos com seus fardamentos de gala, os cavalos com fitas cor de rosa nas crinas e mais nas espingardas e baionetas dos soldados. Os arreios de prata dos maiores haviam sido polidos e brilhavam ao sol. As ruas do Piolho, da Cadeia, da Barreira de Santo Antônio e do largo de Lampadosa, onde fora erguida a força descomunal, cujas traves se encontram no Museu da Inconfidência, foram visitadas por soldados. Deveriam guarnecer as janelas de colchas adamascadas, festões, rendas, para enfeitar aquela demonstração de força. Para espanto dos promotores da execução o povo correu às ruas. Ia a dar espórtulas aos padres que a pediam, segundo o costume, para as missas ao condenado. Era uma última homenagem, covarde embora, daqueles por quem o Tiradentes se propusera a lutar! O coronel José da Silva Santos, comandante do Regimento da Artilharia do Rio de Janeiro, teria que guarnecer a força, junto com os regimentos de Bragança e Moura, primeiro e segundo batalhão dos granadeiros, sob o comando do coronel José Vitorino Coimbra. Ironia cruel! Estes homens eram companheiros nossos, e inspirados pelo Plano Espiritual, sob o cego olhar das autoridades presentes guarneceram a força, formando-se num gigantesco e humano triângulo, o mesmo símbolo da bandeira Inconfidente!

Às nove horas da manhã abriu-se o portão da cadeia, e com os padres da Irmandade da Misericórdia, que iam a rezar a prece de S. Atanásio, apareceu diante dos primeiros assistentes Tiradentes, vestindo a alva, com as mãos amarradas por grossas cordas. Dirigiu-se a ele o galé Jerônimo Capitania, escolhido para a execução da sentença! Pediu ao Tiradentes que o perdoasse pelo que ia fazer, que a isto era obrigado.

Era costume fazê-lo, como a se aliviar do que tinha que cumprir.

Tiradentes ajoelhou-se diante do negro e beijou-lhe as mãos, respostanto:

— Assim também o Meu Senhor morreu por meus pecados!

Jerônimo jamais esqueceria enquanto vivesse aquele condenado, que o haveria de ajudar, desde então. Curvada a cabeça do alferes, passou-lhe o baraço ao pescoço, seguindo à frente a puxá-lo. Nas mãos, os padres lhe puseram um crucifixo de dois palmos, o qual Tiradentes passou a olhar, para não mais pensar em ninguém e pedindo ao Cristo o ajudasse no derradeiro instante.

As cornetas soaram e a Companhia da Cavalaria abriu o séquito fúnebre, seguida de três meirinhos, que iam badalando sinos e repetindo a sentença para ciência dos assistentes. Várias Irmandades seguiam o cortejo: a do Rosário, dos Terceiros de São Francisco, do Santíssimo Sacramento, da Sé, dos Beneditinos e Carmelitas, que haviam recolhido minha Dalva, das Almas do Purgatório. Atrás Silva Xavier, o Tiradentes, seguido pelos irmãos de Santo Antônio e Santa Casa de Misericórdia. A alçada régia estava representada pelo escrivão, ouvidores, juízes de fora.

No prédio que me acolhera, bem como nos demais, ouvimos o toque das cornetas e sabíamos o que representava.

O trajeto era longo para ser feito a pé por um condenado.

Tiradentes era provado por última vez. E seguiu, tendo por duas vezes olhado os céus. Alguns curiosos tiveram pena. Mulheres choravam e afastavam-se do lugar.

Assim que foram chegando os padres, os meirinhos e todos perto da Igreja de Lampadosa, ouviram de dentro um coral de vozes.

Era o canto do amigo do Tejuco, o Mesquita Lobo, cantado por um coral de mulatos, o Domenica Palmarum Tiradentes entendeu a mensagem muda. Logo mais viria o seu sacrifício, como o de Jesus, pelos seus irmãos, só que, por diferente havia ele sonhado com um reino neste Brasil, prouvera Deus lhe reservasse um lugar no outro Reino. Olhou para dentro, parando por uns instantes. No altar viu acesas velas. Formavam um perfeito triângulo. Sinal que, se ele morreria breve, as ideias de liberdade permaneceriam Atrás de uma coluna julgou ver uma mulher e uma criança. Talvez Eugênia. O sol forte o impedia de ver direito na Igreja escura.

Melhor não fosse ela, pobre mulher. - pensou.

Seguiu adiante. Ao seu lado, acompanhando-o no derradeiro momento, as entidades amigas ministravam-lhe conforto. Uma paz estranha o envolvia a poucos metros da forca que avistou adiante.

Um entorpecimento, e uma alegria nova no coração. Era isto a morte? A liberdade?

Diante da escada parou um instante. Frei Penaforte ajudou-o galgar os vinte e quatro degraus. Diante de si viu a multidão e os guardas em seus uniformes. Não! Não se enganava! Era novamente o triângulo que tinha diante de si. Olhou para as autoridades. Seu pensamento se elevou aos céus, enquanto se ouvia um discurso encomendado ao padre, para lição à multidão presente.

— Seja breve, padre. - pediu Tiradentes, baixando a voz.

O padre parou um instante. Tiradentes pensou que já não lhe poderiam negar falasse àquele povo, porque iria morrer por aquele modo por ele. Com uma coragem, abriu a boca para falar-lhes. A um sinal, o carrasco puxou a corda, atando-a à trave. Não lhe permitiriam aquele último recurso!

Frei José Maria do Desterro começou sua fala, condenando aqueles que fugiam à desobediência dos reis e seus ministros! Aproveitou para falar da sentença aos outros condenados, com o que pudesse fazer saber a todos os que ainda não soubessem, devido a amizade que tinha a alguns acusados. Por três vezes Tiradentes lhe pediu que terminasse a predica. O Sol estava a pino. Pediu água e lhe deram, mas como que se lembrasse de pedido semelhante de um outro condenado à morte, a quem pedia coragem e perdão para os algozes, mal a pôde beber. Frei José começou a orar o Credo dos Apóstolos, lentamente. Para que também se pusesse, por fim pronto para aquele instante, Tiradentes repetiu alto, para que as pessoas próximas ouvissem, palavra por palavra. Todos estavam magnetizados por aquele homem magro e abatido, cujo olhar espelhava uma força e resignação divinas. Amparado por forças invisíveis ao populacho e à tropa, seu espírito, meio liberto do corpo, pairava acima do solo, ligado por tênues fios ao corpo maltratado, impulsionando a fala. Tirou-lhe o carrasco o crucifixo das mãos. Quando a oração terminasse, teria que cumprir a sentença. Para que a multidão não visse a fisionomia do réu e este a de todos, amarrou-lhe

aos olhos uma tira de bretanha preta.

Tiradentes, com os olhos mortais velado, começou a ver o triângulo da guarda radioso em luz, como se um Sol o centrasse!

— Delírios de condenado? - pensou e clamou em espírito: Jesus! Jesus! Jesus!

Descendo às últimos degraus Pe. José terminava a prece encomendada: "Na vida eterna!" Como se obedecendo a senha, Jerônimo puxou violentamente a corda, suspendendo o alferes no ar. Estertores convulsos sacudiam o corpo. Eram onze horas e vinte minutos do dia 21 de abril de 1792. Pulando sobre os ombros do condenado, balouçado pelo ar, Jerônimo Capitania apressava a morte do Tiradentes.

Vendo o triângulo de gentes alegres a saudá-lo, sentiu o alferes uma dor funda no pescoço e a sufocação. Seu corpo estava levantado, suspenso, como que desmaiava, e, no entanto, ouvia um coral cantando, cantando o Te Deum O centro solar do triângulo tomava vida: Era o Cristo a lhe estender os braços. Queria falar, correr ao seu encontro, mas não tinha forças. Amparavam-no de cada lado Felipe e o romano Lício. Então a morte era assim? E de onde partiam aqueles longínquos ruídos?

Ouvia o Tiradentes, bem abafados, no outro Plano da Vida, o rufar dos tambores que finalizava sua execução, e abafava qualquer voz de horror que o povo pudesse erguer.

Também nós o ouvimos e, sabendo-lhe a causa, choramos amargamente.

Enfim, às velas...

Terminado o suplício do Tiradentes, enquanto aguardávamos o nosso destino, imersos em tristeza incontida, o brigadeiro Luís Álvares de Andrade lia aos soldados um longo discurso sobre fidelidade militar à Soberana. Clarins coroaram a fala, rufos de tambores, vivas à rainha, aos vice-reis, aos ministros da Alçada, e o povo foi-se afastando, agastado com a cena.

Somente às duas horas da tarde, retiraram o cadáver exposto da trave, colocaram-no na carreta que acompanhara todo o cortejo e trajeto, atrás do mártir, puxada por seis galés, e cercada e escoltada pela milícia de espadas à mão, foi levado para o Regimento de Entremos, no campo de Sant` Ana.

No pátio interno, visto pelos soldados perfilados, testemunhado e assinado pelo escrivão da Alçada, foi o corpo decapitado pelo magarefe e cortado em quatro quartos. Lavrou-se um documento a respeito. Ao menos, àqueles que possam dizer quanto a isto, lembrem-se que este crime sentença foi testemunhado e assinado de conformidade como fato quando, hoje, o anonimato é o sólio dos mandantes e executores...

Na mesma tarde de 21 de abril, reunia-se o Senado da Câmara do Rio de Janeiro, exigindo que, em sinal de regozijo, sob pena de castigos, em caso de não cumprimento, os moradores acendessem luminárias por três dias. Interessante notar, que tal documento falava abertamente que tal demonstração de "regozijo" era feita sob ameaça. Sutilezas do então governador, o inteligente conde de Resende.

Escoltados, os quartos do alferes, foram sendo distribuídos ao longo do caminho das Minas, levados em sacos de couro com salmoura. O quarto superior esquerdo ficara na Estalagem das Cebolas, o quarto superior direito perto de Igreja Nova, numa encruzilhada. O quarto inferior esquerdo no povoado de Rodeio, perto de Vila Rica, enquanto o quarto inferior direito

era espetado em frente à estalagem da Varginha.

A cabeça de Tiradentes chegou com toda a pompa um mês depois a Vila Rica, na tarde de 21 de maio. No dia seguinte, pela manhã, reuniu o visconde de Barbacena o ouvidor da comarca, o escrivão, o presidente do Senado, da Câmara, a tropa e, no alto de um poste de candeia, presa por uma corrente de ferro foi colocada a cabeça de Joaquim José da Silva Xavier.

Nervoso como que teria que executar, o governador recebera pela manhã uma carta anônima. Dizia simplesmente:

"De onde vem, Excelência, o temor de se enterrar o Tiradentes?

Será que os defuntos também dão sementes?"

Coisas do Aleijadinho.

Foram ordenadas festas, em regozijo pelo enforcamento e esquartejamento, em toda a Capitania. Obrigatoriamente o povo deveria acender luminárias. Em casa de Marília, seu pai, o capitão João Mayrink, repousava. Estava presente, desde sua vinda, para as festividades da Semana Santa, e ficara confortando a filha. No entanto, Marília, cheia de cuidados, certa de que aquelas festas poderiam ser motivos de mais maldades por parte de muitos, que acicatariam os vencidos, pediu ao pai permissão para seguir para S. João dei Rei.

Naquela cidade, ao chegar, encontrou todos os preparativos festivos que se veriam nas demais cidades. Enquanto na Igreja da Matriz um coro de vozes cantava o Te Deum Laudamus, uma procissão passava em frente à casa de D. Bárbara. Tendo recebido notificação de que não poderia acompanhar o marido no desterro infame, a pobre senhora via o cortejo passar, com a mente conturbada. De repente, sem que a pudessem impedir, pegou uma porção de terra e pôs-se a jogar sobre os cabelos.

— Mãe! - perguntou Maria Ifigênia. aflita. - Que fazes, mãezinha?

— Cubro-me de cinzas, para que Deus me perdoe os pecados. - respondeu ela.

A menina olhou para Marília cheia de lágrimas nos olhos. Minha noiva tomou D. Bárbara, qual se faz com uma criança pelos braços. Levou-a à lavanderia, como que lavar-lhe a cabeça vermelha pela terra. D. Bárbara parecia sonambulizada, cantava agora poemas do Alvarenga, que lhe

compusera.

Na entrada, enquanto o cortejo festivo passava, Antônio Dias Coelho, com dois cães de raça, trocava palavras com Maria Ifigênia:

— Que é doçura? A mãezinha ficou maluca?

A menina moça olhou-o como a um monstro.

— Saia daqui! Já não basta todo o mal que nos fez? Não está feliz o bastante? Por que precisariam passar por aqui o cortejo das festas?

— Cuidado, meu bem! Que não te escutem!

— Saia, ou te atijo o cão! - falou Ifigênia, referindo-se a um cãozinho de estimação que lhe dera o pai.

Dias Coelho pôs-se a gargalhar. Como poderia aquele cãozinho rivalizar com as feras que trazia, maldosas e bravas, criadas por seu dono, e a seu modo afeitas?

Marília chamou-a, enquanto olhando séria para aquele cruel homem disse, polidamente:

— Dá-nos licença para cuidar da senhora, senhor. E que Deus te recompense, segundo tuas obras!

O riso murchou nos lábios maus. Aquela senhorita, ex-noiva do doutor, impedia-o já de mais avanços, pois levaria ao visconde reclamações da sua conduta. Nem era menos verdade que, apesar de haver sido recompensado pelos serviços prestados, fugia-lhe o governador aos tratos, não o recebendo nem mesmo no Palácio, senão quando fosse imprescindível. Tomou a correia que prendia seus dois cães e saiu, contrafeito.

Dia 25, em Vila Rica, nosso bom amigo, Dr. Diogo Ribeiro Pereira de Vasconcellos, teve que fazer a alocução festiva no Senado da Câmara. Havia o bom amigo curtido cadeia, ali mesmo, suspeito de participante da Conjura. Bem podeis imaginar em que estado de alma o fez, não deixando contudo de pôr em seus discursos palavras não menos dúbias, ou frases de efeito, como "A tolerância é vício entre nós abominável..." ou arrematando "deixemos este desgraçado servir ao exemplo da futura idade (referia-se a Tiradentes) que dele se não lembrará sem formular a ideia da sua ingratidão, de seu opróbrio e suplício".

Pobre doutor Diogo de Vasconcellos, que, mesmo constrangido àquela alocução terrível, ainda encontrou meio de acusar sub-repticiamente as

denúncias que irmãos, pais e filhos, haviam feito dos conjurados.

Dias depois, à noite, um nevoeiro cobriu Vila Rica. O frio impedia que houvesse maior movimento nas ruas. Os dois soldados, que ficaram na guarda da cabeça do Tiradentes, eram maçons, e, sob a orientação do Aleijadinho, tiraram a cabeça da corrente que a prendia, levando-a para o Alto da Cruz. Lá, numa cerimônia fúnebre, os remanescentes do movimento guardaram a cabeça numa urna itinerária, um altar maçônico com o barrete frígio encimando, feito pelo Mestre Lisboa, com documentos a respeito, sendo depois coberto de terra. Era a última homenagem aos restos do grande líder! Ao amanhecer, os soldados fizeram saber ao Governador que a cabeça fora roubada. Embora interrogados, alegaram nada ter visto, dado à neblina. O povo, no entanto, murmurava:

— Os filhos das viúvas levaram a cabeça para o Morro das Cabeças, (antigo matadouro).

Os próprios maçons haviam se encarregado de espalhar o boato desconcertante. Afinal, "filhos da viúva" era apelido dados aos membros da Maçonaria, e, por este modo, despistavam quanto ao local certo, onde teriam levado o remanescente despojo do Tiradentes.

Um triunfo triste de nossa luta! O povo parecia rir nas ruas! O desagravo fora feito!

Enquanto isto, seguíamos nosso negro e triste destino. Dia 5 de maio, na corveta N. S. do Guadalupe e N. S. de Brotas, foram para Angola o Alvarenga, o Toledo Piza, o Maciel e o Francisco Antônio Oliveira Lopes.

Dia 22 de maio, um dia após a chegada dos restos de Tiradentes a Vila Rica, seguíamos eu, Vicente Vieira, Aires Gomes, João da Costa Rodrigues, Amaral Gurgel, Antônio Oliveira Lopes, e Victoriano Gonçalves Veloso, após cumprir a dura pena dos açoites, para Moçambique.

O perjuro José Martins Borges fora para as galés, dia 16 daquele mês.

Na fragata Golfinho, só dia 24 de junho seguiriam José Resende Costa, pai, e José Resende Costa Filho, João Dias da Mota e Domingos Vidal Barbosa, bem como os cinco padres condenados, que seriam levados a Lisboa, a fim de lá ouvirem a sentença que cabia a cada um

Dia 25 de julho, na corveta N. S. da Conceição e Santa Rita, seguiram para o exílio Domingos de Abreu Vieira, com seu escravo que, durante o

leilão e sequestro dos bens do sexagenário, fora comprado por um Irmão maçom, sendo-lhe dada a liberdade, propiciando-lhe seguir no infortúnio seu ex-dono. Este escravo Nicolau mereceria por sua amizade um preito e a tornar-se símbolo eterno da fraternal união dos homens!

Eu e outros perdêramos apenas metade dos nossos bens. Com uma carta amiga do Aleijadinho, foi permitido ao bom negro Tomás, meu fiel amigo, seguir-me ao exílio. Junto com ele viera um mimo de Marília. Ela me prometia amor eterno, mas eu pensava que nunca mais meus olhos carnaais poderiam já vê-la. As nossas penas haviam sido comutadas de degredo perpétuo para 10 ou 8 anos, a partir de 2 de maio, cedendo aos embargos do admirável advogado Dr. José Fagundes, e a instâncias da rainha, por pedido de Marília, embora tal carta se haja perdido dos documentos. Minha noiva fora portadora desta!

Apesar de nos deverem restituir metade dos bens, as custas de processo comera-os e estávamos reduzidos à miséria. As arrematações tinham sido feitas de molde a dar aos delatores, testemunhas e cúmplices da traição, nossos bens. Só mesmo os Irmãos da Maçonaria nos valeram por todos os modos, mandando pagar a alimentação que nos era servida na Cadeia, pelas mãos dos padres, e roupas com que pudéssemos viajar, em nome da Caridade Cristã. Apesar de serem várias pessoas inquiridas quanto a isto, nada ficou apurado. No navio, Victoriano Gonçalves Veloso foi abraçado por nós com carinho. Dera um testemunho público terrível, dia 17 de maio. As ruas do Rio de Janeiro viram aquele humilde alfaiate ser brutalmente açoitado pelos soldados, apanhando durante todo o percurso até a força onde se sacrificara o Tiradentes. Sangrando, dera três voltas, sempre apanhando, em tomo dela, voltando para a Cadeia pelo mesmo caminho e no mesmo suplício. Com as cames rotas, mal podíamos entender como pudera resistir tanto! Tudo porque, resistindo aos maus tratos de um soldado, reagira e lançara-lhe ao rosto a palavra: maroto!

Como lhe custara caro aquele insulto!

Cinco dias após convalescia do brutal açoite, no convés do navio. Por sorte nossa, o comandante era também um amigo, e, por este modo, fui logo tirado dos ferros, podendo refazer meu corpo cansado no convés. Vivia, mas era como se me houvessem morto, afastando-me daquela que eu amava.

Como teria recebido a notícia da sentença? Tomás me informava que estava triste mas me mandava beijos e a certeza de que me amaria sempre.

— Pobre e doce querida! Fala-me dela, Tomás. Fala-me! É tudo o que me resta!

Fui informado de sua viagem a Lisboa. Como encontrara coragem para lá ir? Tia Gertrudes a acompanhara. Jurei que, se Deus me desse forças, lutaria para provar ao mundo o meu valor, em memória dela. Não haveria de se envergonhar de haver-me amado! O capitão, Francisco Bernardo de Abreu Lima, animou-nos, obsequiou-nos com o melhor em conversa amena, foi-nos relatando quanto aos locais para onde iríamos e as pessoas com as quais poderíamos contar. Afinal, nós aprendíamos que o que valia era a nossa perfeição íntima e, quanto a isto, fôramos provados duramente. Nem vou relatar quanto a estas conversas, atendo-me a dizer que nossa nau chegou a Moçambique em fins de julho. Enquanto isto, meus poemas, retirados quando de minha prisão, e mais os que o bom carcereiro Antônio copiara eram, à minha revelia, editados em Lisboa.

Devido a minha atitude, único que fora a negar até o fim com respeito a conjura, eu era um modelo dos Irmãos. Enquanto os outros seguiam para a cadeia, fui levado para a casa do ouvidor, o doutor José da Costa Dias Barros. No entanto, a tristeza me minara as forças, e acometido por febres, envolto pelas entidades perniciosas que desejavam destruir-me de vez, fiquei acamado. Falava coisas desconexas. Batia-me. Feria-me. Vendo que não podia cuidar-me, transferiu-me o novo amigo para a residência de um negociante abastado, cuja filha, Juliana, embora analfabeta, tinha muito jeito como enfermeira, tendo já cuidado de muitos que padeciam do mesmo mal.

À minha cabeceira eu mal a via, solícita. Era jovem, morena e bela. Viúva prematuramente, tinha uma menina de nome Ana, que contava então uns quatro anos. A menina gostou de mim. Pedia à mãe para pentear-me os cabelos.

Após meses em que parecia que eu me iria com a morte, tornei debilmente a mim uma tarde, em que a pequena encantadora me penteava. Pensei estar tendo uma visão. Aqueles olhos me lembravam Dalva.

— Minha filha! - falei, julgando-me já morto.

A pequenina me sorriu e gritou para a mãe:

— Mãe! O doutor acordou! Vem ver! Ele vai ficar bom!

Só então vi Juliana a primeira vez e pude lhe agradecer pelos cuidados que me tivera. Em sua casa, sob seus cuidados, fui me restabelecendo devagar.

Tão logo pude pôr-me de pé, tornei à casa do doutor José, que também padecia de um reumatismo que tornava quase impossível de escrever. Passei a fazer todo o serviço por ele. Os despachos, meu conhecimento de leis, tudo ajudava, mas logo, dia 30 de agosto, se empossaria o novo ouvidor. Temia que não me aceitasse, mas, quando do primeiro aperto de mão, pude reconhecê-lo de pronto um amigo! Antes de se ausentar, como a me garantir, o bom doutor José Dias Barros me fizera seu procurador. Instava com amigos influentes a ter-me como advogado em suas causas comerciais. Tudo fazia para me ajudar a readquirir confiança e posição no novo lugar onde me achava! Doutor Siqueira tirou, com desculpas de serem testemunhas para um caso em pendência, da cadeia os meus amigos inconfidentes, restituindo-lhes a liberdade! Apesar dos protestos e do escândalo que traziam invejosos a nós, impôs-lhes a sua decisão! E, como se não bastasse, nomeou-me mais tarde provedor dos defuntos e ausentes!

Com aquele cargo, embora grato aos meus olhos, tornei às grandes lutas no campo das leis. Passei a ser requisitado para festas, naqueles locais onde o comércio era móvel maior, com um sentimento de ambição desenfreada. Nestes locais encontrava-me com Juliana. Não podia negar que fosse bela. Tinha-lhe gratidão e quando via Ana, pensava em Dalva, que eu deixara, quando da prisão, na mesma idade! Estávamos entrando no ano de 1793!

Um dia, quando eu e doutor Siqueira terminávamos já de ler cansativos processos, abordou ele um assunto que outros já me tinham dito, por vários modos:

—Por que não te casas, Dr. Gonzaga? É notório a todos, perdoe-me a indiscrição ao dizê-lo, o afeto que inspiras a D. Juliana. Não ignoro que o amigo e seus companheiros estão a se ver em dificuldades, penhorados que estão nas mãos de alguns agiotas. Este casamento te ligaria e te seguraria na Sociedade local. Sabe o senhor que o governador tudo fará para diminuir-te, bem como outros, como o Mânoel Nunes, que não conseguiu as graças da

viúva e, por isto, se indispôs contigo. Este casamento seria uma segurança para ti e para todos.

Fiquei uns minutos em silêncio. Tinha notícias esparsas quando aos companheiros de infortúnio. Alvarenga morrera em Ambaca, logo após ter chegado. Contraíra como eu, as febres malignas da África, no primeiro dia do mês de janeiro de 1793! Dr. Domingos Vidal Barbosa morrera na Ilha de São Tiago (Cabo Verde), recolhido pela caridade dos padres do Convento de São Francisco da Ribeira Grande. Junto de mim Amaral Gurgel adquiria fama e conceito, bem como Vicente Vieira, em Rio Sena, como escrevente, o pobre fraca-roupa, como o chamava o Tiradentes, era carpinteiro de Porto Belo, Freire de Andrade vivia de dinheiro que lhe mandava a família, estando desde que chegara com o cérebro desarranjado. Os sacerdotes carpiam prisão nos conventos de suas ordens. Todos sofriam. Seria justo que eu não? Eu sabia, todos sabiam do amor que inspirara a D. Juliana, mas não era ela também ciente do amor que tinha a Marília? O que dissera eu nas febres que me acometeram?

Podia bem adivinhar, pelo pouco que Ana me dizia às vezes, na sua inocência infantil.

— Perdoa-me adentrar assunto tão particular, Dr. Gonzaga.- falou doutor Siqueira, vendo meu silêncio. - É que fui arguido quanto a isto pelo pai de dona Juliana. Pediu-me que sondasse teus sentimentos e a possibilidade de um consórcio. Preciso lhe dar uma resposta!

— Compreendo-te os conselhos. Eu tenho sofrido muito. Estou quase só. Adoro aquela criança e por ela, talvez, dando-lhe o amor que a outra não pude, pagarei meu débito para com Deus, quanto a isto. Mas, de Juliana sei apenas que é bondosa e que lhe devo minha vida! Por falta de cuidados no mesmo mal, meu primo Alvarenga morreu! Mas não seria uma ingratidão casar-me e iludir esta mulher, já que meu coração ficou em terras do Brasil para sempre?

— Jamais poderás casar com tua ex-noiva! Não te iludas! - falou-me o amigo. - Todas as senhoras que tentaram se passar para este continente, para ajudar seus maridos, foram impedidas. Ela não poderá vir e nem tu já tornares lá, pensa nisto. Este casamento é não apenas vantajoso. D. Juliana é inteligente e bondosa. Muitos homens a cortejam, bem sabes. Resolve-te

logo!

As ponderações do Siqueira eram justas. O sofrimento me fizera menos sonhador e, além disto, não era totalmente cego aos encantos daquela portuguesa cheia de vida e amor por mim

— Faze saber que muito breve lhe farei um pedido oficial.- respondi.

Doutor Siqueira sorriu-me.

— Ages sabiamente, Dr. Gonzaga. Nada de ilusões! Por-me-ei a campo.

Já no mês de maio enviara às Cortes meu pedido. Quando Marília soubesse me esqueceria de uma vez! Talvez até se casasse e pudesse ser feliz! - pensava, indo a visitar minha futura esposa e sua encantadora menina.

Toda Moçambique só falava do nosso consórcio, mas no Brasil ainda não chegaram estas novas.

Marília, depois de se ausentar na Fazenda Ituveraba, veio a Vila Rica ver Francisca e um afilhado que batizara em 1790, quando do seu aniversário, a 23 de março, com três anos. À saída da Igreja de Antônio Dias vê o negro Januário. Estivera na Igreja Francisco de Assis. Reconhecera-se no teto desta.

— Januário, dize a teu Mestre que D. Marília quer vê-lo com urgência em sua casa. - E depois, pensativa: - Está Mestre Lisboa em condições de sair?

Dizia ela isto, por saber o quanto a doença o martirizava, e porque fazia algum tempo que não o via.

— Eu digo, sinhá, ao Mestre e sei que ele vai. Ele inté qui tá bom, coitado.

À tarde daquele dia conversaram. Falaram de D. Bárbara, da adoção que o Beltrão fizera ao menino do Tiradentes, pondo- lhe até o nome. Em dado momento Marília foi até a estante e pegou um volume.

— Veja, Mestre Lisboa, são os versos do doutor Gonzaga. São lidos em toda Europa e outro dia m'os trouxe o senhor Manoel Queiroga, pensando nisto fazer-me graça. Sei que o doutor Gonzaga não os faria publicar. São coisas dos livreiros que só visam lucros. Por este modo nos martirizam mais uma vez, dando a público nossos íntimos colóquios. Pois eu os li, e tomei uma resolução. Quero ver o doutor!

— Impossível, senhorita! - falou o Aleijadinho.

— Não é impossível para o homem que me colocou em estátua e ao doutor Cláudio no forro da Igreja de São Francisco, bem na vista de todos! - falou Marília.

— Não pensei senão em fazer nisto uma homenagem - respondeu o escultor.

— Não a mereço, Mestre Lisboa. Sou humana e imperfeita para representar Nossa Senhora! Mas, mesmo assim lhe agradeço. Por que, no entanto, não eterniza seu mesmo martírio para o futuro? - perguntou ela.

— Eu? Em que posso ser posto que não seja horror de quem veja?

— Jamais será motivo de horror, senão de admiração, Mestre Lisboa.

O Aleijadinho ficou pensativo. Tinha terminado o medalhão de São Francisco de Assis, mas quando o olhava de longe, não repetiam seus mesmos traços mulatos? Conseguira aquilo por intercessão de seu anjo particular, aquele jovem grego Fídias, que às vezes ele sonhava ouvia ao pé de si, nos delírios que o martirizavam. Jamais o faria por si mesmo!

— Mestre Lisboa, consiga que eu veja o doutor. - pediu Marília .

— Mas como? E para quê?

— Para que não é mister que lhe diga. Preciso vê-lo. Preciso! Nem que tenha que ir à África, em algum dos navios negreiros. Consiga-me isto, pela amizade que nos une e a si e ao doutor.

Aleijadinho olhou-a admirado.

— É uma temeridade, senhorita. E teu pai?

— Papai não se oporá. Que mal maior podem me fazer já todos?

— Pois seja, senhorita. Verei o que posso fazer.

Dias depois, sabendo que haveria uma reunião de maçons em Cabinda, porto de Angola, onde possivelmente doutor Tomás estaria, cientificou Marília. Deu ainda indicações de alguns navios que partiam da Bahia e do Rio, cujos capitães a receberiam com uma recomendação dele. Por pagamento daquela viagem Marília deu a mesma joia que eu lhe presenteara, pois precisava estar no dia asado, sem falta no mesmo porto.

Com o coração oprimido seguida de Francisca, Aleijadinho a viu partir de Vila Rica. Prouvera Deus nunca se arrependesse do que fazia. Eu, no entanto, não sabia que ela estava a caminho, e preparava meu casamento!

Doces lembranças, amargos desvelos

Se em maio havia eu feito o pedido oficial, juntando os papéis indispensáveis, achara que afinal o destino me era muito irônico. Não fora naquele mesmo mês que eu sonhara ligar para sempre a minha vida à de Marília?

Como num acordo mútuo, embora nenhuma palavra a respeito trocássemos, D. Juliana Mascarenhas, minha futura esposa, jamais me perguntou nada do passado. Eu lhe levava mimos, gentilezas, mas não poemas, porque era inculta e não os apreciava. Aquela alma bondosa nada tinha em comum comigo, porém, sem atinar com isto, maltratado e sofrido, sentindo ainda às vezes a pressão dos ferros nos pulsos, eu prosseguia.

Em março daquele ano, segundo me informara doutor Siqueira, o governador e o Manuel Nunes haviam enviado às Cortes cartas em que procuravam me denunciar. Algumas pessoas ainda me fugiam à presença, com preconceitos, devido ao meu passado. Meu casamento me poria a salvo de maiores perseguições, argumentava o Siqueira. E em 10 de agosto se deu. Eu, no entanto, às vezes passava por influências estranhas, como se fora de mim. Ao vê-la na nave, entrando pelo braço de seu pai, por um instante, pensei em Marília.

— Meu Deus! - pensei. - Como o destino é ingrato! Nunca a esquecerei! Isto é injusto para mim, para ela e para minha futura esposa, D. Juliana! Ajudai-me, Senhor, a não fracassar neste compromisso!

A família de minha esposa vivia do tráfico dos negros! Ironia cruel! Eu já estava afeito às suas causas, porque cuidava, antes do consórcio, como advogado das pendências do negócio. Agora, com o casamento, passaria a geri-los. Minha primeira providência foi dar meu nome a Ana.

— Ela é tua filha, Juliana, e por isto, é minha também, agora que

estamos unidos.

— És um bom homem, Dr. Gonzaga. - falou-me ela. - Ana te adora e eu te amo!

Afaguei seu rosto com carinho. Juliana e Ana me compensavam pelos duros anos de cativo!

Apesar de não poder impedir o tráfico, fiz-me tão intransigente na venda dos negros, que meu sogro procurou com jeito falar-me a respeito:

— Dr. Gonzaga, os negros são nossa mercadoria! Não nos podemos escusar de vendê-los.

— Os negros, senhor, são criaturas de Deus, pelas quais responderemos um dia! Portanto, já que não podemos livrá-los, ao menos cuidemos que tenham um destino menos cruel!

Juliana intervinha sempre a favor do pai, e eu ficava amargurado:

— Senhora, - dizia-lhe com cerimônia, toda vez que me indispunha com ela - se acreditas que não esteja eu gerindo bem os negócios da família, contrata outro advogado!

— Ora, Dr. Gonzaga! - falava ela, do mesmo modo. - Bem sabes que não é possível! Faltam homens como tu, e, além disto, em quem confiaria? Apenas, por que te metes nas transações deste modo? A nós só importa que tenhamos lucro!

— A mim me importa dormir em paz. - respondava eu.

Algum tempo depois, após meu casamento, um navio negreiro, cujo comandante era meu amigo, entregou-me confidencialmente uma carta do Mestre Lisboa. Esta carta fora trazida pelo bom amigo Francisco Araújo Parreira, o qual também, por ironia, levava ao meu pai aquela carta que eu lhe escrevera, falando do meu casamento com Marília para breve. Lisboa assinava apenas Lucius, nome como qual eu o tratava, bem como os Irmãos de Minas. Mais tarde eu lhe escreveria poemas, onde o chamaria de Lício.

A carta era escrita em código. Propunha-me estar em oculto na primeira semana de novembro daquele ano, em Cabinda, porto de Angola, possessão portuguesa. Dr. Siqueira foi informado do mesmo encontro, mas não convidado.

— Ora, - perguntei-lhe, após queimar a carta - por que eu? Estou tão cercado que nem posso sair de Moçambique. Não posso entender! Por que

eu?

— É um encontro de Mestres, Dr. Gonzaga. Apenas os mais iniciados nos mistérios poderão já lá ir. Pelo pouco que sei, uns dez homens se reunirão ali para o banquete. Tratar-se-ão de assuntos da França, de Portugal, do Brasil, das Américas Inglesas e até um mouro virá.

— Mas, como poderei já lá ir? De um lado me impede o senhor governador. Darei, em tal caso, motivos para me colocarem de novo em prisão! Do outro lado, à minha esposa, o que direi?

— Não tem sua família negócios em Cabinda? Não pode argumentar da necessidade de inspecionar pessoalmente tais assuntos?

— Mas se desconfiam que me ausentei, não sei se vale a pena.-comentei.

— Se o Irmão confia em mim, bem pode deixar papéis assinados. Diremos que teve uma recaída de febre. Eu mesmo influirei na decisão de D. Juliana. Para todos estará em casa. Finjo lá ir, durante este tempo, para pegar sua assinatura nos casos necessários. Posso bem imitar-lhe a caligrafia. Penso que não pode deixar de ir! Ninguém o procurará, por medo de "pegar" a moléstia!

Nervoso, fiquei a pensar que, já que me queriam, por que não realizavam a reunião naquela Moçambique tão paradisíaca? Para mim, aquela região tão fértil e bela seria sempre motivo de agradecimento ao Senhor, que m'a dera, em substituição à feia masmorra.

Dr. Siqueira jantara aquele dia conosco. Falou com D. Juliana. Argumentou quanto a algumas irregularidades no transporte dos escravos. O número de mortos na travessia dava motivos para desconfiança, Ponderou que fora melhor que eu seguisse parte do caminho com um navio e observasse. Além do mais, os contatos da família com outros negociantes, ao longo da costa africana, exigia uma apuração melhor.

— Mas, por que correr um risco tal? - perguntou Juliana.- Sabes, Dr. Siqueira, que não pode o doutor sair daqui, onde cumpre pena, seja como for. É perigoso. Sabes que o querem já enredar para o perder.

Argumentamos com ela. Acabou por ceder, mas muito contrariada. Quase ao fim de outubro parti. Chegaria a Cabinda em princípio de novembro. A reunião estava marcada para o dia 7 deste mês.

Enquanto isto, Marília estava já a caminho, num navio. Desde setembro saíra de terras brasileiras. Ela vinha cheia de esperança. Queria ver-me. Nem pensava para quê! Lia meus versos, aqueles que lhe dedicara, no convés, cujo livro lhe levava o Manoel Queiroga. Aquele amor que nos versos transparecia puro e belo não poderia ter acabado! Nada o poderia destruir. - pensava ela, cheia de carinho. Parecia-lhe já uma loucura, mas a maldade dos homens não conseguiria já nos apartar.

Sem saber disto, mas, por uma razão que eu não conseguia entender, talvez intuição, premonição do que me aguardava, aquela viagem, para mim muito perigosa, fora esperada como um prêmio.

... Reportemo-nos já ao dia em questão. Após uma rápida viagem, tendo saído à noite, acompanhado do doutor Siqueira, demos a senha no barco que me levaria. A viagem transcorreu amena. O tempo estava esplêndido, sem tormentas.

Ficaria eu três dias no porto, o bastante para tratar os assuntos que lá me levavam e voltaria no mesmo navio, que ficaria a me aguardar. Tinha um senha para apresentar-me aos outros e um local de encontro. Marília chegou um dia antes de mim, e ficou me aguardando. Soube, pelo comandante que a levava, da minha chegada. A pequena aldeia de choças de sapé tinha uma baía magnífica e uma vegetação luxuriosa. Rios banhavam as imediações. Marília, passeando próximo dali, encontrara uma gruta. Achou bom que nós nos víssemos ali, sem dar o que falar. Mas, como me levar até lá? Passou a noite pensativa. De manhã, procurou o amigo, D. Diego, o comandante que a trouxera.

— Preciso ver a sós o doutor Gonzaga, longe da vista das pessoas. Não ignora o senhor que para isto vim! Mas não quero que saiba que sou eu quem irá encontrar. Por favor, faze-o ir até o caminho, à esquerda da cidade; adentrando os matos encontrará uma árvore que se deita e atravessa o trilho. Entrando à esquerda desta, a uns dez metros, há uma gruta. Faze-o ir lá hoje, logo após o almoço, que o espero.

O bom homem meneou a cabeça. Bem sabia o que podia resultar daquele encontro, entre duas pessoas que tanto se amaram e estavam sem ver-se de há muito.

— Senhorita, não sabes que perigo podes correr! - disse constrangido.

— Enganas-te, senhor. Eu sei bem, mas já me decidi. E não me julgues por isto leviana ou insensata. Preciso ver o doutor. É só o que sei, o que meu coração pede. O que pode resultar deste encontro, não me importa já!

D. Diogo abaixou a cabeça e tratou de cumprir o que lhe pedia minha ex-noiva.

Intrigado interroguei-o. Seria uma cilada? Não. O bom homem era de confiança. Trouxera provas disto. Então? Algum dos nossos haveria fugido e estava ali?

— Nada posso dizer-te, porque dei minha palavra. - falou D. Diogo.

Intrigado, sabendo que à noite daquele dia deveria estar reunido com outros nove Mestres, e, conquanto achasse estranho aquele convite, acabei por ir. E fui só.

Seguindo as instruções deparei, com receio, a gruta que me dissera. Fiquei parado diante dela, sem me decidir. Quem estaria lá dentro? Melhor saber.

Entrei. A escuridão me impedia de ver qualquer coisa, mas aos poucos percebi de costas um vulto branco.

— Quem está aí? - perguntei como chapéu sob o braço, firmando a vista.

O vulto, que estava de costas, virou-se para mim

Eu não podia crer no que meus olhos viam! Era ela! Marília!

— Marília! - gritei, mal contendo a emoção.

— Dirceu! - falou ela, como pranto a lhe embargar a voz.

Corremos um para o outro.

— Então eras tu! Eras tu! - falei arrebatado. - Que loucura, amor! Como pudeste?

— Mestre Lisboa me ajudou. - falou ela. - Eu não posso morrer sem te ver!

— Não fales em morte! És bela, j ovem! Enquanto eu... a vida me destruiu.

— Estás belo e eu te amo, Dirceu !- falou ela, chamando-me pelo nome dos versos.

— Como sofri longe de ti! - disse eu. - Pensei que morreria! - e então lembrei-me de Juliana, de Ana, do meu casamento. Empurrei-a de leve,

afastando-a de mim. Eu não podia já abraçá-la honestamente, nem beijá-la, como tinha vontade. Marília acariciou-me o rosto com carinho. Beije suas mãos e a afastei de mim, dando-lhe as costas, para que não visse minha amargura.

— Por que vieste? - falei, contendo o amor que lhe sentia. - Fizeste mal, dona Joaquina. Arriscaste inutilmente tua reputação, e vida! Para nós só há adeus.

Eu falava, mas não tinha coragem de fitá-la. Senti que a magoava, mas não podia agir de outra forma. Ela, no entanto, tomou-me a frente:

— Por que me tratas assim? - perguntou. - Que fiz para merecer de ti esta repulsa?

— Não te mereço. - respondi. - Não podemos estar juntos! Deves partir. Volta ao Brasil! Esquece que me viste!

— Não posso crer no que ouço! E, no entanto, quando vinha para cá, passei as horas a ler teus versos. - falou ela, tomando um pequeno livro que ficara sobre uma rocha. - Leia-os tu mesmo! Não parecem falas de um perjuro! Sei-os de cor! São minha única alegria, desde que me deixaste, arriscando-te pelos demais! Para Mestre Lisboa sou já tua companheira, e, no entanto, é assim que me recebes, depois de tudo? Não te creio! Olha-me nos olhos! - ordenou, segurando-me o pulso e puxando-me. Ao erguer minha mão, tombou o babado da blusa e viu a trança de seus cabelos neles. Eu ainda a conservava. Percebi o que atraía seu olhar. Tentei apressadamente ocultá-la.

— Ainda a tens! Tu me amas! - falou ela, rindo. - Negas acaso? Vamos! Nega! - falou presa por crise nervosa.

— Acalma-te. - pedi com os olhos marejados. - Nem penses em loucuras! Nem sei porque a trago ainda. - menti, arrancando do pulso seus cabelos e devolvendo a ela.

Mas Marília não me acreditava. Meneando a cabeça falou:

— Negas-me até mesmo o carinho que deste à última das servas da tua casa!

— Marília! - disse eu suplicando. - Por Deus, poupa-me! Já não basta o que sofri?

— Tu sofrestes? E nós? Tua filha vive oculta num convento, como uma

criminosa. Dijanira foi assassinada, sabe-se agora com certeza! E eu? Como pensas que tenho vivido? Tens razão! Eu não deveria ter vindo! Para ti valho menos que tua ex-escrava!

Marília rompeu em pranto convulso. Eu mal podia conter-me. De repente parou e voltou-se, andando para mim, calma.

— Quero ouvir de ti, para que acredite! Diga que... não me amas mais!

— Jamais poderia eu dizer tal coisa! - pensei tomado de angústia.- Já me era difícil conter-me diante dela.

— Marília, não te mereço! - repeti, enquanto ela me tomava as mãos e forçava-me a fitá-la.

— Diga! - ordenava ela. - Diga!

— Não posso! - falei por fim, deixando que o pranto jorrasse.

— Não me perguntes nada mais! - abracei-a ternamente, e todo o amor por tanto tempo represado rebentou em nós. Estávamos juntos, finalmente! Nada mais importava!

Não tive coragem de lhe dizer que me casara! Nem podia pensar em Juliana. Após horas de carinho e quase delírio, a noite chegou.

— Precisamos voltar. - falei eu.

— Sim- respondeu ela.- Sei que não te verei mais, porém, se Deus me permitir uma graça, em meio a tantas tristezas, parto levando comigo teu filho.

Meu coração disparou.

— Marília, nem pensas em tal! Seria acrescentar uma loucura a outra!

— Lembras o que me disseste? Que teu maior desejo era ter um filho meu! Deus responderá quanto a isto. Quando eu vim, só queria ver-te. Agora, sei porque vim. Vim buscar meu filho, nosso filho, vim provar o amor que me negam! Vim para ser tua!

Beijei-lhe as mãos. Como dizer-lhe que eu me casara? No entanto, ela ficaria sabendo, um dia.

— Que Deus não me castigue assim! - falei.

— Não me digas tal. - respondeu-me ela. - Um filho nunca é um castigo. E fica tranquilo. Velarei por Dalva também. Ela é tua e por isto eu a amo.

Tornamos no caminho deserto, ternamente enlaçados, afastando-nos

com sacrifício. Marília foi para a residência que a abrigara, um sobrado coma fachada arredondada, cuja janela o era também e eu procurei o recinto onde os mais estariam logo para o banquete maçônico.

No dia seguinte tornava ela ao Brasil e eu a Moçambique. No entanto, a emoção fora forte demais para mim! Ao tornar à minha casa, parecia-me ter sonhado já com tudo. Era como coisa irreal! Às vezes me tomavam febres e eu me batia, amaldiçoando-me pelo que fizera. Dijanira me envolvia, então, e meu ex-pai e me batiam. Tomava a mim extenuado. Juliana tinha-me medo nestas ocasiões e não sabia a que atribuir aqueles momentos, senão aos horrores que eu passara no cárcere!

Juliana tinha ciúmes desta Marília que ela não conhecera, mas ouvia dizer fora minha noiva. Às vezes criava coragem e me perguntava por ela. Respondia eu com evasivas, preocupado principalmente com gerir os bens da família e cuidar da educação de Ana.

Enquanto isto, Marília, no Brasil reconheceu-se grávida. Ficou feliz! Contou ao Mestre Lisboa, à sua irmã Ana e à Francisca. As duas procuraram o melhor modo de esconder de todos o fato.

— Marília, - dizia Ana, chamando-a pelo nome que eu lhe pusera - ficaste louca. Se descobrem, sabe o que acontece? Não apenas serás motivo do falatório de todos, levando o nome de nossa família a lama, mas, se sabem que o pai de teu filho é o doutor Gonzaga, ele terá a morte! Vocês dois enlouqueceram? Doutor Gonzaga não poderia jamais ter saído do degredo. Onde foste encontrá-lo?

— Fui à África. É linda, Ana. Um paraíso. - respondia Marília.

— E como contas cuidar deste filho? Marília, pensa!

— Eu o adoto. - falou ela enlevada. - Não hão de tirá-lo de mim!

— Sabes que não é possível. - dizia Francisca. - Falarei ao Mestre Lisboa! Ele arranjou esta encrenca, pois agora, dê um jeito!

Marília passados os primeiros cuidados percebeu que não podia já esconder dos outros seu estado. Convenceram-na a se ocultar, até o nascimento da criança que viria. Depois, tia Gertrudes ponderou-lhe:

— Esta criança é um perigo para ti e o doutor Gonzaga. Há uma família que pode adotá-la e cuidar dela com amor. Deixarão que tua vejas. Poderás amá-la sem que ninguém desconfie, já que sempre foste apegada as

crianças.

— Não! Não o darei! - falou Marília.

Como passar dos meses, um dia, foi arguida quanto a isto pelo próprio Aleijadinho.

— D. Marília, jamais me perdoarei se algo ocorre a ti ou ao amigo doutor Gonzaga! Tenho um casal amigo, que mora do lado da Igreja de S. Francisco de Assis. Eles sabem de tudo. Consentem em tomar conta da criança, como se fora deles. Tenho também uma mulher que pode ajudar a senhora no parto. Nunca contará nada!

— Quem são? - perguntou Marília.

— É o senhor Manoel Francisco da Silva Cintra.

— Mas, se um dia, terminada a sentença, o doutor tornar... - argumentou ela.

— O doutor não mais torna. - falou o Aleijadinho, que soubera já do meu casamento, mas não tinha coragem de contar a ela.

— Por que o diz? Aconteceu-lhe alguma coisa? - perguntou Marília.

— Não. Apenas acho que não torna.

— Teve algum aviso, Mestre, alguma visão? — perguntou Marília, que não ignorava as visões que o Aleijadinho tinha.

— Sim, filha. Um aviso. - respondeu ele, se referindo à notícia que recebera.

Por fim a convenceram, e, na noite de 13 de julho de 1794, nascia um lindo menino.

— Chamar-se-á Anacleto. - falou Marília, olhando para a irmã e a prima que tinham os olhos rasos de lágrimas. Ana ,em homenagem a ti, minha querida irmã, e Cleto em homenagem ao bom amigo Dr. Marcelino Cleto, que me ajudou a receber notícias do doutor Tomás, quando na prisão.

Assim que ela adormeceu, com o coração constrangido Ana e Francisca tomaram a criança e a colocaram num cesto, bem abrigada. O frio lá fora era muito. Arrumaram uma trouxa com as roupas que Marília lhe fizera e, cobertas por xales escuros, saíram na neblina, levando o pequeno Anacleto que dormia. Quando Marília acordasse, seu menino já estaria aos cuidados da família Cintra! Chorando, Francisca levava o pequenino, mas, indormido, um homem as viu saírem por aquele modo. Era Manoel

Queiroga, o pretendente de Marília, que suspeitara da ausência da moça, que lhe diziam estar na fazenda do pai. E se aquele filho fosse de D. Maria Dorotéia? - pensou, percebendo que as duas jovens deixavam um recém-nascido na porta de Manoel Francisco. Uma ideia lhe nasceu na mente. Talvez por aquela criança conseguisse finalmente atingir seu anelo. Casar com D. Joaquina!

No outro dia, logo cedo, pede para ser recebido naquela casa, onde se acolhera o pequeno Anacleto. D. Isabel já tinha duas filhas, a quem dera o nome de Maria Dorotéia e Emerenciana.

— Sou o pai desta criança. - afirma, diante do casal aturdido. - Quero que tenha meu nome. Que o levem a batizar.

Sabendo que seu primeiro nome era Anacleto, acresce-lhe o Teixeira Queiroga.

Não lhe podem negar, sem que denunciem saber quem e como aquela criança lhes fora entregue. O menino, meu filho e de Marília, chamar-se-ia, até o fim da vida de Anacleto Teixeira Queiroga, passando por filho daquele homem que eu mais de uma vez ironizara como epíteto de Roquério, nas *Cartas Chilenas*!

Mas Marília não o sabia. Quando percebeu que lhe haviam levado o filho, chorou amargamente, mas reconheceu que não havia outro modo. Tratava de se recuperar depressa para ir vê-lo. Um mês depois apresentou-se na casa do casal amigo. Vinha oferecer seus bens para a educação do pequeno. Vila Rica comentava o carinho dela pelo enjeitado que, se dizia, era filho do Queiroga.

Uma tarde, estando a fiar, veio-lhe em visita o tal.

— A natureza está cada vez mais generosa coma senhorita. - falou ele, obsequioso.

Sabendo de sua interferência quanto ao nome do menino, Marília estremeceu. O que estava agora querendo?

— Senhorita, bem sabes da paixão que nutro por ti. - falou Manoel com humildade. - Também não ignoras que tenho um filho, um lindo menino, a quem a senhora mesma vive a mimar. Acho que nenhuma outra mulher poderia amá-lo mais do que a senhora. Se a senhora quisesse, poderia tornar-se a mãe legal dele.

— Não consigo entender o que quer dizer, senhor Queiroga. Seja mais claro - pediu ela, temerosa.

— Se a senhora aceitasse meu pedido de casamento, poderia eu ficar com meu filho e a senhora passaria a ser sua mãe, diante de todos! - argumentou ele.

— Então era isto - pensou Marília, mal contendo a indignação.- Queria vencê-la e às suas constantes negativas, com o amor maternal que tinha pelo menino! A maldade daquele homem, sua malícia era terrível! E, no entanto, não o desprezou. Teve pena!

— Por que não te casas com a mãe do menino? Não achas, em tal caso, que fosse mais justo? - perguntou ela, enfrentando-lhe a armadilha.

— Senhora, - falou Manoel surpreso com aquela reação - a mãe de Anacleto não pode dizer que o é, dada a elevada posição de sua família, sem que isto seja motivo de escândalo.

— Compreendo. - falou Marília. - Mas, se o senhor se casasse com ela, poderia ela ter o menino. Não é isto?

Pensando já que ela cederia, Manoel sorriu:

— Sim. É isto. - falou ele, pensando que finalmente conseguira dobrá-la.

— Pois então, - respondeu Marília, firme na renúncia que se impusera - procura já esta jovem e casem-se, que eu, de forma alguma aceitaria seu pedido, depois de saber o que me contou.

Queiroga fez-se lívido. Não esperava por aquela! Mas ainda tinha uma argumentação:

— Pena, senhorita, pois, também lhe sou portador de outras novas do doutor Gonzaga.

— Um outro livro de poemas, senhor Queiroga? Sabes como o aprecio e lhe sou grata.

— Não se trata de outro livro. Soube que o doutor Gonzaga casou-se em Moçambique com uma portuguesa de rara formosura e grande fortuna, por nome D. Juliana de Sousa Mascarenhas, e que até tem uma filha de nome Ana Mascarenhas Gonzaga. (Mentia quanto à paternidade da menina para a ferir.)

Aquela notícia pegou Marília de surpresa, mas, mesmo assim, fingiu

estar atenta ao tear.

— Que bom, não é senhor Queiroga? Achei sempre que pela sua cultura, quer pela sua alma tão sensível, o doutor Tomás precisava de uma mulher que o cuidasse ... Parece que Deus ouviu minhas preces por ele, e agora pedirei que também atenda as que farei, daqui por diante, pelo senhor.

Manoel Queiroga não podia entender aquela resistência que ela demonstrava. Parecia inumana! Contrariado, pediu licença e retirou-se. Perdera e sabia. Nada a faria jamais aceitar seu pedido!

Ainda a ouviu dizendo:

— Terá sempre minha amizade pelo que tentou fazer hoje, senhor Manoel Queiroga!

Olhou-a. Sua amizade! Era tudo o que podia já pretender.

— Perdoa-me, senhorita. - disse e se retirou cabisbaixo.

Tão logo saiu e Marília pôde chorar, extravasando sua dor.

Quando pode, perguntou ao Mestre Lisboa se aquilo era verdade. E quando, queria saber, fora meu casamento?

— Foi em agosto do ano passado, senhorita, mas quando eu acertei tua viagem não sabia ainda. - respondeu Mestre Lisboa.

— Isto explica muita coisa, Mestre Lisboa. Explica porque doutor Gonzaga a princípio me repeliu. Por que não encontrou coragem para me dizer? E ele sabe do menino? Mandou-o avisar?

— Quer que lhe diga? - perguntou Mestre Lisboa.

— Não. Para quê? Não quero perturbar sua nova família. Deixe o doutor em paz, na sua nova vida. Um dia, quando Deus quiser, nos veremos. Eu fiz mal em querer torcer o Destino, Mestre. Agora sofreremos todos, eu, os meus, Anacleto! Poupe o doutor.

Aleijadinho beijou-lhe as mãos:

— Perdoa-me, D. Joaquina!

— Não tenho porquê. Ao senhor devo os instantes mais felizes de minha vida, Mestre!

Depois Marília lhe contou tudo o que se passara entre ela e o Queiroga.

— Cuida que este homem não possa, tirar ao casal amigo o menino. - pediu. - Não sei o que ele pode fazer, pois já lhe tem posto seu nome.

— Pode deixar, sinhá Joquina. Farei com que o senhor Manoel e a

esposa adotem o menino. Isto tira todo o poder do senhor Queiroga.

— Obrigado, Mestre. - disse Marília.

Aleijadinho ficou a olhá-la. Fizera bem em pô-la como "a virgem" em ascensão aos céus. Se aquele era um símbolo maçônico, não reunia aquela mulher toda a sabedoria, força e beleza que eram as colunas mestras dos Irmãos? - e sorriu.

Ainda haveria de eternizá-la em outras obras, arrancando beleza da pedra e divinizando-a.

Testemunho para o futuro

Enquanto seguíamos nossos destinos, testemunhando através de sacrifícios nossos ideais, Mestre Lisboa prosseguia, junto com os irmãos remanescentes nossa mesma luta. Marília e Francisca eram agora o modelo principal de suas estátuas femininas. A admiração e carinho que minha noiva lhe inspirava fê-lo imortalizá-la em pedra e madeira. Também, da mesma maneira que havia feito o São Jorge à imagem do mau ajudante Romão, com a finalidade de o pôr no riso do povo, houve por bem, um dia, fazê-lo a nós, os conjurados. Santos nos recebiam os rostos que seriam imortalizados. Mas a doença da hanseníase nervosa fazia cada vez mais estragos ao querido amigo. Febres se sucediam, abalos nervosos, dedos que a gangrena destruía para sempre. Apenas com os dedos indicadores e polegares, alguns anos após o nosso degredo, foi chamado a compor imagens para a Igreja Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas. Era um trabalho terrível, imenso, de muitas figuras. Representar-se-ia a Cena da Paixão. Cheio de felicidade indizível, já que fora sempre este o seu maior projeto, o seu maior desejo, sentindo o corpo cansado e ferido, Mestre Lisboa pensou:

— Jesus, dá-me só o tempo preciso para acabar isto. Deixa-me ser teu cinzel, gravando para o futuro a revolta, a dor que me envolvem pela perda de tão queridos Irmãos! Permite-me, Senhor, viver ainda para poder deixar nas Minas Gerais, imortalizados, os queridos amigos da Conjura Mineira. Inspira-me! Envia-me forças!

Por fim, resolvido a levar até onde lhe permitissem as forças o ideal que o sustinha, sem mesmo se importar com o preço inferior que lhe ofereciam pelo serviço, escolhe auxiliares, ajudantes e pôe-se a campo com os três queridos e bons escravos, Maurício, Januário e Agostinho.

Começa com a feitura da Ceia dos Passos. Jesus é trabalhado com um

carinho imenso. Às vezes, nas altas horas da noite, abatido e cansado, martirizado até a exaustão, o Aleijadinho olha para a obra em andamento e diz:

— És melhor, Senhor, és mais belo, mais divino, mas só posso fazer-te assim!

Sessenta e seis figuras comporão a capelas.

Trinta e três de cada lado. Trinta e três! O número de graus da Maçonaria. Sete serão as capelas. Novamente o número simbólico, e estarão ao final, dispostas por tal forma que, para se as visitar, terá o passante que seguir em ziguezague, exatamente o modo de andar enviesado dos maçons, como qual se dão a conhecer uns aos outros. Mas fazem apenas seis capelas.

Sorri-se o velho e cansado toreuta, martirizado pela hanseníase nervosa. Ele, um pedaço de gente, martirizado, sofrido, vai começar a sua denúncia e sua homenagem aos Irmãos queridos. Lembra-se da pergunta de Marília:

— Por que. Mestre, não se coloca também nas estátuas?

— Paciência. Quem sabe ... Quem sabe ...

À figura dos legionários romanos coloca o nariz grande e adunco, como uma máscara de teatro. Com isto, qualquer que os olhe ficará com raiva; e também representa a farsa do julgamento do Senhor, bem como a farsa do julgamento da Conjuração Mineira. Judas tem as mãos por tal forma, que é um símbolo do aperto de mãos dos Maçons. Não fora Silvério também um deles? Agora, o que diria aquele pernicioso homem ao ver-se assim retratado?

— Perdoa-me, Senhor, não é vingança. Quem me dera pudesse eu julgar alguém mas sou o menor de todos, já que tua mão não me tem jeito senão justiça. Mas preciso testemunhar! Preciso!

— Maurício! Vem cá! Tu me ajudarás. Tu sabes tanto quanto eu das coisas. Lembras-te que me contaste? Viste D. Francisca como uma das Marias Beúas na Procissão do Encontro. Bem ela será nossa Maria Madalena. Ajuda-me aqui a desbastar isto. Bom Maurício! Foste meus olhos naqueles dias. Agora serás parte de minhas mãos!

O bom Maurício chora ao ver seu querido Mestre por aquele modo. Morreria tempos depois, sem ver a obra acabada. Sua morte foi mu golpe

cruel para o Aleijadinho.

Maurício recebia metade do valor das obras, e tudo dava aos pobres!

— Tu também me deixas! Prepara-me um lugar e pede ao Senhor que me perdoe se não fui melhor contigo, e que me dê forças para terminar isto!

— Agostinho, que porei como símbolo das cortes? Ah! Se eu pudesse, retrataria a rainha, ou o senhor visconde! Mas é arriscar demais. Quem segurará o cravo que prenderá o Cristo? Quem o perverso? Pudesse eu representar o Pilatos e saberia. Mas não. Tem que ser um simbolismo.

Dias e dias fica a pensar, até que um dia, seu rosto se ilumina.

— Traz-me aquela peça menor. Isto, esta mesma. Olha-a bem! O que você vê? Não vê nela o bobo da corte? O anão que deve fazer rir aos poderosos? Pois este idiota, estafermo, será o símbolo das Cortes. Segurará o cravo e estará de costas para quem olhar, como indiferente ao que faz. Agostinho, sinto que minha oficina se rejubila. Ajudam-me os espíritos amigos. A irmandade de almas não termina com a morte. Doutor Cláudio está aqui! Eu o sinto! O farei entre os discípulos da Santa Ceia. E também ao doutor Tomás, e aos outros. Hás de ver. Só queria ver a cara de todos quando vissem isto pronto! - dá uma gargalhada. - Vês, Agostinho? Estou feliz! Estou feliz!

Anos e anos trabalha com afinco. Até que um dia, resolve-se:

— D. Francisca também deve ficar eternizada. A companheira do Doutor Cláudio! Pobre mulher! Pois eu a porei, tal como sei que foi, no palácio de Cachoeira, a pedir clemência para o Barbacena. E não a teve ele! Mandou que lhe matassem o companheiro.

Dias e dias trabalha com afinco, depois de ter feito o projeto e desenho de dona Francisca de joelhos, mãos com as palmas estendidas em súplica. Outros auxiliares desbastam o material, para que ele lhe dê o toque final. Quando termina, olha-a Agostinho, com os olhos úmidos:

— Mestre Lisboa, é D. Francisca, que o seu doutô chamava de Eulina! É ela mesma. Mestre Lisboa!

Da mesma forma, resolve colocar mais uma mulher entre as tantas que estão presentes! Lembra-se de Marília, de sua renúncia quanto ao filho, de toda sua dor e seu imenso sofrimento, dando amor e carinho a uma criança à qual jamais diria quanto ao seu pai e mãe, e sofrendo ainda a interferência

do Queiroga, quanto à paternidade!

— Não posso restituir a senhora seu filho, D. Marília. - fala como se ela o pudesse ouvir - mas eu a farei unida a ele, com ele nos braços, na procissão da Paixão! Ficarão juntos, nem que seja em estátua! Ficarão juntos.

E prossegue o amigo. No plano Espiritual o Dr. Cláudio, Fídias, o bom Maurício o confortam. Começam as visões do grande toreuta a ficarem mais nítidas. Fala com seres incorpóreos. Pede explicações. É medicado por eles.

— Estou nos dois Planos da Vida, meu bom Agostinho. Vejo a Jerusalém do céu! Trabalho por merecer um dia entrar nela. Meu bom amigo doutor Cláudio me conta seu sofrimento do cárcere e dos outros, lá nas longínquas terras. Bem eu os trarei de volta um a um na rocha e na madeira. Os poderosos hão de render-lhes homenagens! Hás de ver!

Depois de muitos anos, mais ou menos no ano de 1800, vem-lhe a encomenda dos profetas do Adro.

— Doze profetas. Doze apóstolos, doze principais da Irmandade Maçônica! Representarei o Grão-Mestre, o Venerável, o Companheiro, os doutores, os militares. Todos. Pena não serem mais! Terei que escolher.

Começa por escolher os blocos de pedra. Azuis. Azuis como o céu, como a luz que o visita nas preces ardentes.

— Dê-me mais vida! Mais tempo para terminar! - suplica.

Vai começar o trabalho. Abre a Bíblia, o mesmo livro que tantas vezes o orientara e que era lição para todos os Irmãos.

Isaías! Isaías é o principal profeta. Veio para anunciar a vinda do Cristo, é o Profeta da Misericórdia Divina, filho de Amós. E Mestre Lisboa leu o livro de Isaías, que logo no princípio dizia: “Criei uns filhos e engrandeci-os; porém eles me desprezaram” (1:2). E continuou a ler, até chegar na passagem do livro de Emanuel, que dizia: "E voou para mim um dos Serafins, o qual trazia na mão uma brasa viva, que ele havia tomado do altar com uma tenaz. E tocou a minha boca e disse: Eis aqui tocou esta brasa os teus lábios, e será tirada a tua iniquidade e lavado será o teu pecado".

Mestre Lisboa ficou pensativo. Ao seu lado a figura do mártir Tiradentes lhe sorria.

— O maior dos profetas - pensou Aleijadinho - serás tu, e eu te porei

uma carteia, representando o bastão da autoridade, em que se lerá a inscrição "E como os serafins celebrassem o Senhor foi encostada por um deles uma brasa em meus lábios com uma tenaz".

Segundo a própria palavra de Isaías ao Senhor, quando perguntara: "E quem nos irá lá? Havia respondido Isaías: Aqui me tens a mim! Envia-me!" Também assim fora o Tiradentes quem se oferecera para seguir pelo caminho como voz do levante, por isto, suas falas eram como brasa, e o haveriam de perder, mas o Mestre Lisboa o livraria, como na noite da fuga. Retomá-lo-ia no encapuçado que fugira junto ao Pe. Nogueira.

— Eis que na pedra te devolverei no ponto em que te vendeu o traidor. Farei que ressuras vivo, não na glória do teu martírio, mas na força de tua coragem! Serás Isaías! O primeiro a abrir o adro da Igreja, o primeiro de todos!

Escolhida a pedra, a figura foi surgindo, bem parecida e conforme com o Moisés que, quando encarnado na pessoa de Michelangelo, o Aleijadinho fizera outrora. Isaías, de Mestre Lisboa e o Moisés de Michelangelo têm uma semelhança espantosa, que só a reencarnação explicaria!

Ao lado de Isaías, seguindo a própria sequência bíblica viria Jeremias. Jeremias fora poeta e sacerdote. Estivera em cativeiro na Babilônia e haviam cantado pela sua prisão. Durante a Semana Santa e liturgia usa as lamentações de Jeremias.

Assim como Isaías se refere sempre ao sábado, dia em que também o Tiradentes fora imolado. Jeremias faz suas lamentações, tais como o doutor Cláudio Manoel as fazia ao confessor, na prisão da casa de João Rodrigues de Macedo. A amargura de doutor Cláudio e a amargura e lamentações de Jeremias bem podem ser só uma, na quinta parte, quando diz: "Lembra- te Senhor, do que nos tem acontecido. Considera, e olha para o nosso opróbrio. A nossa herança passou a estrangeiros, as nossas casas a estranhos, estamos feitos órfãos sem pai, as nossas mães se acham como viúvas, a nossa água por dinheiro a temos bebido, a nossa lenha por preço a temos comprado, pelos nossos pescoços éramos levados, aos cansados não se dava descanso... Caiu a coroa de nossa cabeça ... Mas tu. Senhor, de todo o ponto nos rejeitaste, tu te iraste contra nós asperamente".

Ao lado do grande toreuta a figura de doutor Cláudio lhe sorri:

— Ficarias feliz se eu te retratasse, amigo, como Jeremias? Pois o farei. Posa para mim, assim belo, com os olhos claros, como estás. Posa com o manto dos doutores, a toga da sabedoria e o barrete frígio de Mitra. Eu te eternizo, tal como Deus te vivifica nesta Nova Terra!

Os anos iam se alongando e os profetas iam nascendo, quase vivos da rocha. As folhas da Bíblia, velha e amarelecida, davam todas as instruções quanto aos escolhidos. Os detalhes quanto à sua posição na Maçonaria viram das posições ocupadas, dos gestos que fariam

Mestre Lisboa exultava. Às vezes ficava cismarento. "Alguns dias, alguém descobriria a simbologia daquelas estátuas?" Depois tornava a alegrar-se. "Não há nada que não venha a ser revelado" - pensava. E retornava com alegria nova, colocando todo o amor e toda a revolta nos entalhes triangulares, como assinatura permanente na rocha azulada.

Vinham padres ver seus trabalhos. Havia quem os louvava, outros que procuravam ridicularizar tudo:

— Mestre Lisboa, os pés estão trocados! Os pés das botas!

— Dize ao teu Mestre que os pés estão trocados. Os pés das botas! - Agostinho vai e dá o recado. Mestre Lisboa ri.

— Deixa-os, Agostinho. São cegos. Os pés estão certos!

Era aquela mais uma simbologia maçônica, só visível aos iniciados.

— Chama-me Mestre Atayde, que quero lhe falar, Agostinho. Perguntalhe se sabe quando os padres farão as seis capelas dos passos. Afinal as figuras estão prontas, a da Ceia, a do Horto, a da Prisão, a da Flagelação e Coroação, que ficarão numa só, o do Caminho da Cruz e da Crucificação. Preferiria que fossem sete. E, no entanto, ainda não apresentam nenhuma! Depois, traze-me a Bíblia. Vamos ver quem será o próximo! O outro profeta!

O escravo trouxe-lhe a Bíblia, que ele pôs-se a ler na baça luz da vela, com grande sacrifício.

— Baruc era discípulo e secretário de Jeremias, esperava a glória de Israel, e sua principal Oração é a Oração dos Exilados.

Calmamente Mestre Lisboa lia a história de Baruc, até chegar na súplica: "Assim diz o Senhor: Abaixai o vosso ombro e vosso pescoço e servi ao rei da Babilônia, estareis de assento na terra, que eu dei a vossos

pais. Se porém não ouvirdes a voz do Senhor vosso Deus, para vos sujeitardes ao rei da Babilônia (Portugal) eu vos farei sair das cidades de Judá (o Brasil) e para fora de Jerusalém (Vila Rica). E tirarei de vós toda a voz de regozijo, e voz de alegria, e voz de esposo e voz de esposa, e ficará a terra sem rasto de quem a habitasse...”

Continuou, a ler a Exortação à Sabedoria e à confiança, até chegar à carta que Jeremias enviara aos exilados ...

— Carta de Jeremias! Carta do doutor Cláudio aos demais conjurados, que por hoje estão ou mortos, ou exilados. Já sei quem será Baruch! O primeiro dos exilados, aquele a quem tiraram a voz do esposo. Bem, Dr. Tomás Antônio Gonzaga! Eu o vestirei com o manto dos magistrados, a toga da sabedoria, o olhar de regozijo, pois eu sei que tu tiveste a tua esposa. Tu a tiveste.

Retorna o bom Agostinho, como Mestre Athayde. Entra o mulato pintor com Tomás da Maia, ajudante de Mestre Lisboa.

— Bom amigo, as forças me faltam No entanto, ontem vi as peças que acabaste. Criaram alma nova. O sopro do teu pincel as vivificou

— Não, Mestre Lisboa. Só lhes colori a fina pele. A vida delas já era interior.

— Olha para esta! Que achas dela? Um tanto baixa demais. Mas será o meu profeta Baruch. Já bem posso vê-lo. Eu o farei feliz, de uma beatitude que só os eleitos têm só os "filhos da luz".

— É só dizer onde devo desbastar a pedra. - retruca Maia.

— Vem amanhã bem cedo, filho. Bem cedo eu te direi onde. Já o posso ver.

Saem os dois amigos, após explicações e tratos.

— Que homem extraordinário. - fala Maia. - Invejo-lhe o gênio, mas não o martírio.

— Talvez que o martírio é que o faz gênio. Falam que vê coisas, que fala sozinho até altas horas. Agostinho afirma que a própria mãe de Jesus o vem ver!

— E você? O que acha?

— Que ele merece, mais do que ninguém. Que ele merece!

Sozinho, na sala mal iluminada. Mestre Lisboa se põe a conversar com a

rocha à sua frente. Apalpa-a com os poucos dedos. Observa-se não tem nenhum veio.

— Até me parece firme. Foi bem escolhida, como as outras. Terei um carinho especial com ela, meu bom amigo, Dr. Tomás. Onde quer que estejas, nem podes imaginar que peça te prego! Ficarás a poucos passos de tua querida e teu filho. E serás reverenciado pelos governantes destas terras, pelos nobres, por todos os que fizerem até aqui suas promessas! Da entrada, partirão duas escadas de cada lado. Eu te porei no pilar da entrada, a olhar a cidade aos teus pés, querido e bom Mestre!

No outro dia, começou o trabalho da estátua. Quando ficou esta pronta, o Aleijadinho procurou os dados do profeta seguinte, não sem antes apor aos já feitos as carteias, símbolos dos bastões maçônicos com os dizeres bíblicos. Jeremias dizia: "Eu choro a derrota da Judéia e a ruína de Jerusalém E peço que queiram voltar ao meu Senhor".

Baruch dizia: "Eu predigo a vinda de Cristo na carne e os últimos tempos do mundo e advirto os pios".

As advertências do doutor Tomás Antônio Gonzaga, sua sabedoria e confiança em Jesus estavam já eternizadas na rocha! Era a vez de Ezequiel!

Sozinho nos seus colóquios noturnos. Mestre Lisboa vê os seus profetas irem criando vida. Jeremias era fino poeta, tal como o profeta e o doutor Cláudio, Alvarenga seria Ezequiel, sendo sóbrio, dando mensagem aos cativos, homem de raciocínio, que procurava sempre convencer mais do que arrastar. Ezequiel se juntava aos cativos do Rio Cobar, Alvarenga aos cativos do rio das Mortes. Só Alvarenga poderia ficar lado a lado de Tomás Antônio Gonzaga, mas Mestre Lisboa o faria por tal forma a ter o gesto significativo do Companheiro maçom a mão esquerda levantada entre o peito e o queixo. Alto, irônico, naquela sua alegria contagiante dos bons tempos perdulários, Ezequiel seria Inácio Alvarenga Peixoto!

Nos cinco anos afora, continuou a dar-lhes forma e vida.

Vieram depois, Daniel, enquanto na carteia de Alvarenga, que se fora para o Plano Espiritual, deixava gravado: "Eu descrevo os quatro animais no meio das chamas. E as horríveis rodas e o trono etéreo".

Daniel era um profeta especial, um dos exilados da Babilônia. Predisse sonhos e foi colocado na cova dos leões. Também Maciel não estivera na

cova dos leões de Londres e na casa do visconde de Barbacena? E não saíra são e salvo para as terras da África, depois de condenado à morte? Até o final do nome fazia sintonia. Dr. Maciel, profeta Daniel. Sim seria forte, jovem vigoroso, porque havia vencido a si mesmo, quando recuara a tempo de não denunciar os conjurados. Perdera o Tiradentes em suas declarações, mas isto era assentado entre todos. Não haveria como salvar o alferes. Depois fora iniciado no Ádrio dos Leões da Mansão de Londres. Bem gostaria Mestre Lisboa de colocar dois semblantes num só. O do jovem Maciel e do jovem Resende Costa Filho, que fora corajoso como ninguém. Além do barrete frígio, lhe daria o símbolo de seu grau maçônico. A coroação com folhas de louro tinha tanto a ver com a simbologia, quanto a roupa de Mitra colocada em Baruch porque Dr. Tomás Antônio Gonzaga, como superior que era da Ordem era o "pai" de todos, "um pai no amor", como a si mesmo chamava nos versos.

A carteia traz a inscrição eterna: "A mandado do rei encerrado na cova dos leões, são e salvo escapou pelo auxílio de Deus".

Frente ao profeta Daniel ficará Oséias. Sobre ele lê o Aleijadinho as explicações: "Foi enviado ao reino do norte, para anunciar o cativo iminente. Houve um casamento simbólico de Oséias com uma decaída. Oséias ficará de frente para Daniel, no primeiro plano da escada do ádrio da Igreja. De frente para Daniel, jovem como ele, cumprimentando-se. Por que não Dr. Domingos Vidal Barbosa? Não fora ele também enviado ao reino do norte, junto com Joaquim da Maia, para conseguir a ajuda de Jefferson? Tal ajuda não viera mas haviam tentado. Além do mais, não era Francisca apaixonada por ele? Não representara na procissão a Maria Madalena, a mulher decaída? Também podia fazer dali sair o Pe. Rolim também loiro, também jovem e unido a uma mulher de má reputação. Ambos em um?

— Ajudai-me, meu bom Mestre, que há tantos para testemunhar! Ajudai-me!

Por fim, decidiu:

— Deixarei os padres de fora, não porque não mereçam. Eles ficarão para sempre como lembranças no lavabo dos sacristãos da Igreja Francisco de Assis. O frade com os olhos vendados, encimado pelo medalhão de S. Francisco, dois anjos, com os símbolos da sala de reflexão da Maçonaria, a

ampulheta e a caveira, e os dizeres, "este é o caminho que conduz as ovelhas". O frade temos olhos vendados, como o aprendiz maçom os girassóis, as rosas, o triângulo em anjos, o compasso voltado para baixo, tudo testemunha por aqueles cinco mártires da Conjura, embora há tantos anos pronto, como profecia. Agora era a vez dos doutores e militares!

Tendo escolhido quem seria o modelo vivo de Oséias, pensa em Joel. Joel era um "mestre da Justiça" e do reino do sul.

— Quem mais poderia vir-lhes do sul, que tivesse conhecimento das coisas? Quem houvera sempre procurado dissuadir o Tiradentes, achando que o projeto era ainda imaturo? O Dr. Salvador Amaral Gurgel, carioca. Sim Seria o próximo. Lembrava-se que vivia ele a discutir como capitão Rego Fortes, a quem apresentara o Tiradentes. Pois os colocaria de costas um para o outro. Gurgel seria o profeta Joel e Rego Fortes seria Jonas, pois fora engolido pelo peixe, isto é, pela cidade do Rio de Janeiro cujo escudo tinha um golfinho e fora salvo por Deus, pelo único modo possível, pela morte. Bem dizia aquele profeta: "Melhor é a morte que a vida!" Olhava a estrela da lenda de Nemrod, que ao morrer virara um astro, e a mão esquerda aberta dizia: Basta! Era o enforcado!

Gurgel, como doutor, traria a pluma na mão e a inscrição na carteia: "eu explico à Judéia que mal trarão à terra a lagarta, o gafanhoto, o bruco e a alforra.

Jonas: engolido pelo monstro ficou escondido três noites e três dias (os anos na prisão do Rio de Janeiro) no ventre do peixe. Em seguida vou a Nínive!" (Pátria Espiritual).

Seguiram Amós e Naurn.

— Pois D. Marília, eu serei Amós e que Deus me perdoe por isto. Eu sou tal como ele pobre, com uma vida rigorosa, como num deserto. Também como Amós admoestei os ímpios e maus, os perversos e as suntuosidades dos templos, gravando a advertência "Onde estiver vosso tesouro, aí estará o vosso coração!" Também eu tenho esperança de uma restauração dos nossos ideais: Liberdade para esta terra! Não sei se a verei, mas espero, nem que seja com os outros olhos, os do espírito imortal. Minha carne é podre, mas o espírito se veste cada vez de mais brilhantes vestes! Perdoa, meu Jesus, não é orgulho, mas é que eu também fui e sou

um deles, não descoberto, é verdade, não prisioneiro senão das cadeias deste corpo enfermo! Não me colocarei nenhum manto de doutor, nem toga, mas terei para mim a roupa simples do artesão, do escultor, do pedreiro livre e estarei sorrindo para quem me vir, diante do profeta Naum, como ele a me dizer as últimas palavras do seu livro: "A tua destruição não está oculta, a tua chaga é muito maligna; todos os que ouviram a tua fama bateram as palmas sobre ti; porque sobre quem não passou sempre a tua malícia?"

Não éramos nós todos pastores? Não éramos como os antigos da Bíblia? Pois minha carteira dirá simplesmente: "Foi feito primeiro pastor e em seguida profeta", pois profetizo que todos vós tornareis um dia a esta terra, como heróis, e vos reconhecerão nestas pedras! E tu, Naum, serás o bom velho Domingos Abreu Vieira e direi por ti: "Exponho qual castigo espera Nínive, depois da recaída, digo que a Assíria deve ser destruída toda!"

Faltavam dois, dois profetas que ficariam sempre em movimento, como em voz de comando para o ataque, ou profetizando e arguindo os covardes e traidores. Abdias não havia dito profeticamente: "Nem te postarás nas saídas e não encerrarás aos restos dos seus habitantes no dia da sua tribulação ..." Sim, comandante, tal como o senhor, nem te postaste nas saídas, nem prendeste os covardes. Uniste-te a eles. Abdias será o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade e Habacuc será o Oliveira Lopes. Na carteira de Habacuc se gravará: "A ti, Babilônia, te arguo, a ti, tirano caldeu, mas a vós eu canto, Deus grande, em salmos". Era bem a atitude de Oliveira Lopes, aquelas lamentações e queixas que começavam por dizer:

—Não há mais justiça.- reclamando contra os portugueses e os americanos e franceses que não os tinham ajudado.

Também Freire de Andrade, com o braço direito erguido aos céus, apontava a defecção do povo da América do Norte, que falhara, quando o ideal de todos era a república e irmandade em todos os cantos do mundo, para uma só pátria, baseada na fraternidade, igualdade e liberdade!

A chama da vela estava já a se extinguir. Aleijadinho olhou para ela.

— Agora é dormir, fugir deste corpo que me maltrata e procurar fazer algo pelos que estão longe, a sofrer penas tão duras.

Do outro lado do oceano

Enquanto meu filho crescia, sem eu saber já da sua existência, e Marília vivia de fazer benefícios aos outros, amada e querida por quantos a conheciam, cercada por sobrinhos, e tendo por alegria única amá-los a todos e acompanhar o desenvolvimento do nosso filho Anacleto, fugindo das más línguas, eu prosseguia na mesma luta, a que sempre fora afeito. Impor o bem nas leis vigentes, livrar os amigos, beneficiar o negro, e livrar-me das ciladas dos invejosos que pareciam correr para mim, como moscas para o mel. Um antigo degredado se afiara ao governador de Moçambique para me perder junto às Cortes. Minha luta parecia não ter fim. Acusavam-me de venal, intrigante, embrulhador, e, sabendo das minhas crises nervosas, chegavam a lançar o boato que eu tivera o cérebro desconcertado. Enquanto eu vivia afeito aos negócios de advocacia, como provedor dos defuntos, feliz ao menos de ver meus companheiros de degredo, que me haviam acompanhado no navio que nos trouxera, saírem da prisão, em Portugal crescia o boato de minha loucura. A verdade é que, de alguma forma, sabiam já que houvera uma reunião de maçons em Cabinda, sem saber bem quem participara! Temiam que os livros franceses, que haviam ocasionado a morte de tantos na França, e, cuja preocupação também contribuía para aquela reunião, já que a república que lá fora ideada redundara numa carnificina, o que não era de modo algum o desiderato dos Irmãos, temiam, dizia, que se tramasse a libertação de Moçambique do arbítrio português. Seria ridículo tanto receio de meia dúzia de homens derrotados, que teimavam em continuar vivendo com dignidade!

Há algum tempo morrera o bom amigo Domingos de Abreu Vieira! Seu fiel escravo logo o acompanharia na Grande Morada. Já deixara também a luta carnal o jovem doutor Domingos Vidal Barbosa, oito meses após chegar à África! Também, enquanto no Brasil o Aleijadinho aceitava a

encomenda para a Ceia, falecia o José Aires Gomes, cuja probidade era tanta, que havia recomendado à mulher e dois filhos que lhe ficaram, que, mesmo sob pena de perderem tudo o que tinham, não deixassem de saldar seus débitos.

O pobre fraca roupa, como lhe chamava o Tiradentes, que só por haverem viajado juntos tinha sido preso e condenado ao degredo, vivera até 1794 como carpinteiro, mas agora seu corpo repousava na capela de Porto Belo, no Zambese.

Também o capitão do regimento da cavalaria auxiliar da Vila de São José falecera em 1793, o João Dias Motta.

Ficávamos sabendo, assim, notícias desencontradas e poucas dos queridos amigos. Os nossos desafetos, conquanto tivessem recebido encargos e dinheiro, viviam escondidos, temerosos de alguma represália. Tolos! Não sabiam, pois só os iniciados conheciam que a cabeça cortada, significava a perda dos valores espirituais, sem os quais preferiríamos morrer, e temiam que alguém os emboscasse ou matasse. Em razão disto, o próprio Silvério fugiu com D. Bernardina para o longínquo Piauí, mudando de nome, com o que viveu amargurado, sempre a cobrar das Cortes e para os descendentes, a importância anual que lhe fora oferecida. Basílio de Brito Malheiros queria voltar para Portugal, mas não o deixavam! Se a vida era dura para nós, não o era menos para aqueles homens perversos! Também o Barbacena vivia a fugir-lhes às cobranças e presença, embora o negasse frequentemente, sendo motivo de riso e mofa. D. Bárbara enlouquecera completamente, devido à morte repentina de sua filha Maria Ifigênia. Vivia a declamar poemas, modo como fugira às grandes pendências de negócios com o João Rodrigues de Macedo! A vida ia levando para um Mundo Melhor um a um dos amigos. Eu fora um profeta, nos versos em que insinuara: "Um vai forçado à vida, outro vai alegre à morte!". Também falara do dinheiro que me daria a Fortuna, o posto, e Marília. Nisto tudo, tê-la era a felicidade e tormento.

Já lá se iam longos anos de casamento. Ana crescia em instrução e graça, Juliana era formosa e amável! Lembrando-me das horas felizes ao lado de Marília, recomecei a compor poemas a ela. Guardava-os com cuidado numa caixa no meu escritório. Nunca pensei que Juliana um dia os

poderia já ler. Nunca se interessara por aprender.

Uma tarde, ao chegar em casa, encontrei-a nervosa e aflita. Havia me sequestrado uns papéis, curiosa de saber como eu andava a gerir os bens, porque umas pessoas maldosas lhe haviam dito que eu me casara por seu dinheiro, e a andavam a instigar, contra meus amigos degredados como eu. Infelizmente, pegara uns versos. Pedira a Ana que os lesse e ela, na sua inocência, lera-os, soletrando para a mãe.

— Então, - falou ela, balançando em minha frente aquelas páginas que eu bem conhecia - é assim, não é mesmo? Continuas a amar tua ex-noiva, não é mesmo? E, então, por que casaste comigo? Por quê?

— Por que pegaste estes versos, D. Juliana? São coisas antigas, que guardo como recordação de um tempo feliz, quando ainda não conhecia a maldade dos homens. Sou-te fiel! Acredita! Se querias ver qualquer papel meu, porque tiveste que furtá-los? Tudo que é meu te pertence! Não deverias já te amargurar com coisas que ...

— Com coisas que ...

— Com poesias. É o que são. Poesias.

— Pois olha o que faço com tuas poesias. Olha! - E D. Juliana, mal contendo a indignação e o ciúme, rasgou meus versos.

Deste dia em diante, passou a gastar muito dinheiro em tolices e extravagâncias. Quando eu ponderava qualquer coisa respondia:

— E meu dinheiro! Meu!

Minha vida tomava-se nestas ocasiões insuportável. Uma mulher quando não se sente amada e é rica, pode se tornar cruel! Eu lhe tinha afeto, respeito, carinho, mas não amor. Amor eu tinha e teria para sempre por Marília. Por isto, pedia a todos notícia dela. Olhavam-me estranhando meus modos.

— Eu só queria saber como ela está.

Muito raras vezes a via em sonho. Acordava feliz, nestas ocasiões. Só temia dizer o nome dela sem querer dormindo, e acordar por este modo os zelos de D. Juliana.

Um dia, tendo uma oportunidade de escrever a Lisboa, estando já quase a terminar os dez anos de degredo que as Cortes me haviam imposto, mandei-lhe uns versos em que lhe falava de nossos pais, que deviam estar

juntos a nos ajudar, da terra bela e paradisíaca de Moçambique e da nossa amizade, e como me faziam falta já seus conselhos e amizade. Mal sabia que ele andava já a nos retratar em suas obras de arte!

Em 1800 quando doutor Siqueira partiu, prepararam-lhe uma cilada. Acusaram-no de levar 300.000 cruzados nos bolsos. Para nossa alegria, o novo governador, Isidro de Almeida e Sousa era simpático e honesto! Isto ajudaria a colocar o Gurgel como cirurgião mor na Infantaria.

Em princípios de 1800, soube que Maciel adquirira uma doença estranha que lhe enchia de feridas o corpo. Mandamos a ele algum dinheiro, pois estava necessitado! Infelizmente logo veio a falecer, e esta notícia nos chegou junto com a morte do seu cunhado, o Freire de Andrade. Logo no ano seguinte soube que também o Vaz Toledo nos deixara, bem como o José de Resende Costa, pai.

Em Moçambique eu ajudara os amigos, como o Victoriano Gonçalves Veloso. Em 1803 ele descansara. Há três anos nos deixara também o João da Costa Rodrigues, aquele humilde estalajadeiro de Varginlia.

Quando os dez anos terminassem ninguém poderia já tornar. Ouvíamos dizer que nos reteriam com os pretextos mais tolos!

Em 1802 ajudei o Gurgel a enviar um pedido no sentido de tomar já ao Brasil. Negaram-lhe, informando que não podiam dispor dos serviços de um tão prestimoso súdito. A verdade é que em Moçambique não havia quase homens de cultura.

Em agosto de 1805 chegou à capitania Francisco de Paula de Amaral Cardoso. Trazia notícias quanto aos degredados e por ele soube que os padres não tinham sido mortos, como dizia a pena, mas estavam em conventos onde gozavam de relativa liberdade. O bom e querido governador escolheu-me para procurador da Fazenda Real. Mas, infelizmente, dois anos depois veio meu novo amigo a falecer. Disto se aproveitaram os inescrupulosos, tentando levar a um cargo importante um péssimo, mau e violento militar.

— Sempre as fardas. - dizia eu amargurado. - Sempre os maus fardetas a me perseguirem. Por que raios não conseguira o bom Francisco tirá-lo antes de morrer do caminho?

— E por que não gostas do tenente coronel Constantino Alves da Silva?

- perguntou minha esposa Juliana.

— Porque não tem honra, nem piedade, nem nada! - respstei eu.

— Ou é por que é militar?

— D. Juliana, como boa católica que és, por que não perguntas ao bispo de Olba o que acha do teu tenente coronel!

— Está bem. Está bem Não te quero zangado! Também não gosto dele. É muito desbocado, mas é que não te quero metido em brigas de políticas. Sabes que ...

— Digas!

— Farão prisões. Soube-o do meu pai!

— E tem-me oferecido mil cruzados para depor contra meu amigo falecido! Bem vêes que o dinheiro não é tudo. Prefiro a prisão, em tal caso.

— Deus nos livre disto, Dr. Gonzaga! Eu e Ana morreríamos de dor.

Abracei-a, ternamente. Ela começava a entender que para mim não era o dinheiro que contava, senão minha honra e virtudes.

O bispo de Olba advogava para mim o cargo de auditor, mas os intrigantes pediam às Cortes minha prisão, como revolucionário, intrigante, republicano, e até mesmo argumentavam que eu me intrometia na vida de todos, exigindo que tratassem os escravos com certa humanidade e segundo os costumes cristãos! Ironia cruel! Tudo isto para mim era elogio! Para eles, móvel de acusação!

Acabei por me exonerar do cargo de promotor, a fim de me livrar já de tantas maquinações! Meu cargo não foi preenchido, porque não havia ninguém com capacidade para fazê-lo. Era eu agora procurador da Coroa apenas.

Como me compreendiam os homens justos, era merecidamente por eles procurado, para ajudá-los nas suas questões de justiça, com que fugir às facciosas ações do ouvidor Delgado Pinto. Adquiri afetos e amigos inestimáveis e passou D. Juliana a me olhar com outros olhos.

Aquelas lutas, no entanto, me exauriam. Via eu um a um dos amigos partir. Eu ficava, mas a vida me era mais difícil que a morte! Por fim, o bispo de Olba, a quem eu assessorava nos petítórios, e que não escondia a admiração que me tinha e o carinho que me dedicava, ganhou a causa. Mais ou menos em abril de 1809, Delgado Pinto faleceu amargurado pela derrota,

e eu fui nomeado em seu lugar!

Tomei posse no Palácio de São Paulo de Moçambique com uma emoção que não podem imaginar. Mesmo tendo sido preso, sentenciado, degredado, meus bens confiscados, tomava longe ao mesmo cargo que perdera. No entanto, só ficaria feliz se ela estivesse ao meu lado! E isto era impossível já. Meu bom negro Tomás, ao meu lado, estava orgulhoso:

— Dr. Tomás merece inté um trono. Tem uma alma de rei!- Juliana sorria.

— Até os escravos te amam! Também estou feliz, embora tu merecesses uma mulher mais culta.

— Não digas isto, minha querida. Tu és a melhor esposa do mundo!

Eu mentia. Juliana era às vezes tão impertinente e perdulária, que eu mal podia entender tivesse ainda a família dinheiro. Mas ela precisava de tanto amor, e isto eu não lhe dera!

O ano de 1809 chegava ao fim Aquelas festas de fim de ano e Natal eram pesadas para mim. Em minha casa, Salvador Amaral Gurgel veio a meu convite com a esposa e os filhos. Estivemos conversando, rememorando nossas desditas e alegrias.

— Deus escreve direito por linhas tortas. - falou meu amigo.

— Também acredito que tudo o que Deus faz é justo, mas só sinto não ter jamais visto meu filho e de D. Marília.

— Então soubeste também? - falou Gurgel. - Sempre pensei que ignoravas.

— Me informaram. Isto é o peso maior que levo para o outro Mundo. Também a morte de Tiradentes me parece tão presente.

— Não te inculpes. Ele a pediu, como meio de livrar a todos.

— E que vida é esta que temos tido?

— Tens uma esposa. Filhas ...

— Tens razão. Deus sabe o que faz, mas se um dia puderes ver Marília, diz a ela que eu morrerei pedindo-lhe perdão!

D. Juliana chamou-nos para a sala de refeições:

— Estes homens! Estão sempre em segredinhos!

A esposa de Gurgel sorriu:

— Deixa-os. Quem não os tem?

Logo após as festas, novamente as febres me acometeram. Delirava cheio de tremores. À minha cabeceira, Ana e Juliana se revezavam. Gurgel vinha me ver todas as tardes.

— Meu amigo, - dizia eu - ora por mim. Logo estarei com os demais!

— Não digas isto. Se partires, pai, quem nos valerá?

— Deus vos valerá e eu não me apartarei dos amigos. Estaremos juntos!

Eram poucos os momentos de lucidez. A mente girava. Via cenas passadas nas masmorras do Rio de Janeiro. Debatia-me, chorava, maltratava-me.

Os dias foram correndo. Por maiores fossem os cuidados de Juliana, eu ficava cada vez mais debilitado. Aplicavam-me sangrias. O bom bispo vinha me ver, minha filhinha Ana se desvelava em cuidados e orações.

Um mês durou meu martírio. Nele meus carrascos espirituais me martirizavam as horas. Mas eu sofrerá tanto, que Deus se compadecia de mim Mamãe Tomásia, meu pai João Bernardo, minha irmã Francisca me alentavam o Espírito. Uma noite, quando as Igrejas tocavam para chamar os fiéis para as missas, o sol acabava de se pôr e do vão da janela pude ver algumas estrelas no céu. Uma delas começou a crescer ante meus olhos cansados. Foi aumentando e chegou-se até a janela. Eu a olhava extasiado.

— Juliana as almas dos homens bons viram estrelas. - disse, mal podendo falar. - Promete que não chorarás quando eu for, que cuidarás de ti, de Ana. Quero vê-las felizes.

— Não fales em morte, Dr. Gonzaga. Ficarás bom.

— Sim Ficarei bom. Vou ser também uma estrela, talvez como a que entrou agora no quarto.

D. Juliana teve um sobressalto. Sentiu que eu partiria. Salvador tomou-me o pulso descontrolado. Ana ajoelhou-se a rezar em pranto.

— Não chorem Eu estarei bem - falei. - Olhem para ela. Como é linda a minha estrela!

A luz que eu via se aproximou de mim mais e mais. Vi-lhe finalmente o rosto. Estendi a mão para o cumprimentar, dizendo:

— Salve, Irmão, que bom te ver. - e para Juliana.- Perdoa-me, agora tenho que ir. - Cansado do esforço, sentei-me amparado pelos braços vigorosos do querido companheiro Joaquim José da Silva Xavier, o

Tiradentes!

Terminara minha luta corporal, mas, do outro lado da Vida, recebido com muito carinho pelos irmãos que haviam partido antes de mim, tornaria à luta, tão logo pudesse, para ajudar o bom e querido Mestre Lisboa, e rever Marília e os desafetos naquela inesquecível, querida e imorredoura Vila Rica do Ouro Preto!

Sentença da vida

Aos poucos, no Plano Espiritual, retomei à companhia dos queridos amigos que me haviam precedido. O bom amigo José era mais do que nunca um líder impressionante! Pedi-lhe perdão dos versos que o tachara de louco! Sorriu-me alegre:

— Todos nós o fomos um pouco, não é mesmo? Como esperar que entendessem de pronto os ideais que o Cristo tem esperado tanto implantar no mundo?

Liberto dos algozes infelizes, eu via ainda Marília se debater das arremetidas de Dijanira, da mulher cruel, do próprio Pedro José Saldanha. Sua casa era cercada de luzes radiantes, que os infelizes procuravam mas ela não via.

Um dia em que saí a rever Vila Rica, estando mais forte, pensava em ir vê-la, mas o bom amigo levou-me a outra moradia.

— Quem mora aqui? - perguntei, tomado de presságios.

— Verás logo, Dr. Gonzaga. Vem.

Era a casa de Joana Lopes, nora de Mestre Lisboa.

Entramos. Claridade azul enchia o ar. Num canto, sobre uns tocos de pau e em umas três tábuas, deitado, jazia um corpo inumano. Seus olhos desmesuradamente abertos não mais enxergavam. Suas pernas estavam uns tocos miseráveis, suas mãos nacos de carne purulenta. Sua boca estava torta e não havia mais dentes. Seus cabelos brancos em carapinha, e a barba e bigodes ajudavam a esconder o nariz comido e a deformação labial.

— Mestre Lisboa? - perguntei ao doutor Cláudio tomado de angústia, com lágrimas de dor.

Como se nos percebesse, o Aleijadinho perguntou:

— Quem está aí? Quem está aí?

— Não é ninguém não, pai. Sou eu. - respondeu Joana, sua nora,

entrando devagar. - Quer alguma coisa, pai?

— Não, Joana. Só que me digas: Já construíram em Congonhas as Capelas?

— Pelo que sei, pai, só uma tem feito já. Mas farão as outras. Todos gostam muito do que fizeste lá.

— E Justino já te pagou, o peste?

— Não, pai. Mas um dia ele paga, não é assim? Não é isto que o senhor vive a dizer? Que tudo se paga neste mundo?

— Mas eu não quero te ser pesado, Joana.

— O senhor é uma bênção na vida de qualquer pessoa, pai. Pena que ...

- Joana ia dizer, pena que seu filho não o mereça, mas se conteve:

— Vamos, diga.

— Pena que não possa ver, pai.

O Aleijadinho resmungou qualquer coisa. Sabia que não era aquilo que ela queria dizer.

— Ainda que tu não acredites, Joana, estou recebendo visitas. E não tenhas medo. São pessoas que não fazem mal nenhum, senão bem. Não os vejo, mas já os sinto. Doutor Cláudio e ... quem é que me traz? Sim Agora percebo. Olha, Joana, é o Doutor Gonzaga!

— Credo em cruz, pai, não diz isto. Doutor Gonzaga está vivo!

— Isto eu não sei. Sei que está aqui. Doutor poeta, hás de ver o que eu te preparei! Hás de ver. - falou rindo com dificuldade!

Olhei para doutor Cláudio espantado. Era possível que ele me visse?

— Fala-lhe. - pediu meu companheiro.

— Como está, Mestre Lisboa?

— Vivo ainda, pois nem a morte me quer. - falou ele feliz com minha presença.

— Pois eu não. Eu já estou livre. - falei - E tu logo estarás conosco.

— É o que doutor Cláudio sempre me diz. A minha sentença foi a da vida, Dr. Gonzaga. E não m'a deram os homens, mas Deus, que é Justo! Viste o medalhão de Jeremias, na Igreja do Carmo? Denunciei a tortura do doutor Cláudio. Denunciei seu cárcere privado e morte.

Estávamos conversando, embora Joana julgasse que ele delirasse, quando uma visita se anunciou. Era Marília.

Tomado pela emoção do momento, tive a impressão que ela me veria, mas logo percebi que não.

— Dona Joaquina! - falava Joana. - Ele está na mesma. Fica contente quando a senhora vem.

O Aleijadinho ergueu a cabeça, tocou com as mãos feridas as cobertas, a ver se estava bem composto.

— Entre, sinhá Marília! Que surpresa foi esta?

— É sempre bom ver um amigo, Mestre Lisboa.

— Eu que o diga!

— O senhor recebeu alguma notícia de Moçambique? Alguma nova do doutor Gonzaga? E como está hoje?

— O Dr. Gonzaga está bem Não há que se preocupar com ele. E o menino? Como vai?

— Está já um homenzinho e parece-se com o pai. É muito inteligente e carinhoso. Pena não pudesse seguir uma carreira brilhante nas Cortes. Bem que eu quisera, mas os pais se opõem. Nada posso fazer.

— Do destino não se foge, D. Marília. Seu menino e do Dr. Gonzaga será um homem de bem

— Por favor, não o digas.

— Joana deve estar lá fora, não se inquiete, D. Marília. E, depois, um dia todos saberão. Não há nada oculto.

— Tem razão, Mestre. Não há nada oculto. Ainda outro dia fui fazer uma promessa em Congonhas ao bom Jesus. E sabes o que eu vi lá?

— Nem imagino, D. Marília.

— Vi aquilo que o senhor bem sabe. Eu nos vi a todos, quase vivos na rocha e na madeira. Mestre Lisboa aquilo é uma obra tremenda. Fiquei horas olhando os profetas. Os nossos amigos, o meu amor a me sorrir. O senhor, é um gênio divino, Mestre Lisboa.

Eu a olhava como que magnetizado. Estava mais magra, com as feições sofridas, mas exalava um encanto peculiar. A boca era a mesma, pequena, sensual, engraçada, os olhos negros, os cabelos começavam a branquejar.

— Minha Marília! Minha Marília! - falei em pranto de alegria, acariciando-lhe os cabelos. - Dr. Cláudio, como tenho saudades dela. Que pena não possa me ver!

— Poderás vê-la à noite, se Deus o permitir. Se não ficares tão emotivo, vê-la-ás e ao teu filho, que se chama Anacleto.

Agradei o amigo com carinho. Da cama, o Aleijadinho parecia nos ver com um sorriso.

— Não me culpes, D. Marília. Não pude resistir de fazer isto. Pena que agora não possa continuar. Quando um homem não pode mais trabalhar, por que a morte não o leva, já que leva tanta gente boa por aí?

— E quem melhor que Mestre Lisboa? - perguntou Marília.

— Qual, minha filha. A Boa Morte precisa se lembrar de mim. Peça a ela isto.

— É pecado pedir isto!

— Não, minha filha. Não é pecado. Senão por mim, que mereço, pelo menos por Joana que sofre comigo.

Marília despediu-se dele, após mais algumas conversas sobre Anacleto, e saiu deixando dinheiro com Joana.

Logo após Mestre Lisboa dormia, magnetizado pelos médicos espirituais e saíamos em direção ao espaço, indo ver, do outro lado do Oceano, Amaral Gurgel que também retomava.

Só Rolim, Resende Filho e Pe. Manoel Rodrigues da Costa tornariam já livres em terras brasileiras, mas o Aleijadinho teimava em dizer: "Todos voltarão! Todos voltarão!" Como discutir com ele?

O destino muda tudo

A Família Real Portuguesa trasladara-se para o Brasil (1808), e, no Rio de Janeiro, junto com os nobres, D. João VI, cuidava da mãe, D. Maria I, a louca soberana que nos condenara anos atrás.

— Também ela teve sua sentença. - dissera o Aleijadinho naquela sua ironia peculiar.

Dois anos durou o sofrimento do amigo escultor. Finalmente, em 1814, o suor frio da morte chegava. O Aleijadinho respirava com dificuldade, falava enrolado. Joana à sua cabeceira orava. Era madrugada do dia 18 de novembro.

— Joana, não ficarei para o Natal! - disse o Aleijadinho, brincando com ela.

— Pai, não brinques mais com o sofrimento. - falou Joana, quase chorando.

— Minha mãe vem me buscar, Joana. Acabou teu sofrimento, filha. Pede a Jesus que coloque seus divinos pés sobre mim, e esmague o verme que sou!

Joana viu que ele erguia os braços, como a estendê-los para alguém

De seus olhos rolaram duas lágrimas, mais do esquerdo e a boca caiu sobre o queixo, aberta direito sem aquele torcer estranho!

— Pai! Pai! - gritou Joana.

A cabeça pendeu para o lado. O Aleijadinho estava liberto.

Uma mulher maravilhosa, que ele divinizara em vários modos em todas as Igrejas, com diversos rostos, trazia-lhe uma alva túnica. Era a mãe do Senhor Jesus. Uma escrava, de nome Isabel, com carinho materno, ajudou-o a vesti-la. Mal a vestiu e seu aspecto modificou para de em jovem e belo mancebo, de traços gregos. Fídias estendeu-lhe os braços.

— Vem meu querido discípulo. Vem Agora és um Mestre escultor de

verdade. Esquece as mentiras do passado, quando me inculpaste como ladrão vulgar do ouro da Estátua de Atenas. Agora és meu Irmão.

O Aleijadinho chorava, abraçando-nos com os membros perfeitos. Olhando-me, brincou ainda:

— Por que não morri antes?

Muitas lutas nos seguiram. Pelos anos afora fôramos muitas vezes ajudar aqueles mesmos que haviam nos traído. Talvez viéssemos a nascer deles, para o conagraçamento fraterno. Oito dos doze eternizados apóstolos contavam já renascer, para as mesmas lutas.^{11}

Os escravos continuavam a ser massacrados, o ouro era inda o móvel das criaturas. Barbacena acabara desacreditado cheio de remorsos. João Rodrigues de Macedo perdera o mesmo cabedal pelo que lutara. Até a casa lhe havia sido tirada. Basílio Malheiros do Lago. Antônio Dias Coelho, Inácio Pamplona eram desprezados. Suas pequenas vitórias não compensavam tanto infortúnio.

Bárbara viera fazer companhia ao seu querido Alvarenga. Seus filhos cresciam aos cuidados amorosos de suas irmãs.

As famílias sofridas continuavam a luta! João Antônio, o filho do Tiradentes, era estimado e inteligente. Beltrão o amava, como se seu fora. A menina Joaquina crescia pobre, mas honrada. Minha filhinha Dalva já desencarnara após curtir uma vida segregada, como freira da ordem das carmelitas (1819). Só Dijanira ainda não me perdoara nem à Marília.

Do exílio havia tornado o bom Pe. Rolim, que, irmanado a José Bonifácio, tentava libertar o Brasil! Tínhamos esperanças naquele príncipe regente, tão estouvado, apaixonado e impetuoso! Seu coração bem moldado era como se fosse já brasileiro. Tiradentes pessoalmente o influenciava. E por tal modo, que muitos espíritas julgavam já serem o mesmo. Não! Apenas um era orientador do outro!

No dia 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, após toda a pressão das Cortes, e sob a influência de José Bonifácio e esta admirável D. Leopoldina, ele dá o grito que tínhamos preso há tanto na garganta: "Independência ou Morte".

Quando Marília soube, em Vila Rica, no mês seguinte, lembrou-se de nós de nosso sofrimento, de nossa morte pelo mesmo ideal.

Tinha já seus cinquenta e dois anos!

— Francisca! Ajuda-me. Dize às mulheres que apressem cuias de óleo. Vamos encher os muros, a varanda. Quero a casa toda iluminada. Vila Rica toda deve saber da minha alegria. Vila Rica verá seu dia de festas! Meus saudosos amigos! Ainda eu vivo para fazer-vos este desagravo!

Quando as tropas de D. Pedro I chegaram para os festejos, foram aclamadas com alegria pelo povo. Não passou a ele despercebido a fama de D. Marília, a musa do inconfidente Dr. Tomás Antônio Gonzaga. Muita gente vinha de longe só para vê-la ou falar com ela!

Francisca era sua companheira inseparável.

Em 1836, com sessenta e quatro anos, tendo já netos do consórcio de Anacleto, fez que o tabelião o chamasse, do Rio de Janeiro para onde fora.

— Não tenho herdeiros diretos. Anacleto, meu filho, acho que não te opões a seres meu herdeiro, nesta casa em que moro. Para Francisca, deixo o suficiente para que viva com certa comodidade.

Deixam-nos a sós.

— Queres, meu filho, pôr ao teu nome o meu, Brandão?

— Não, mãe. - responde Anacleto, já um homem feito. - Quisera ter o nome de meu pai, mas não o posso e não terei o teu, para não te ligar ao homem que me obrigou a ser como seu filho sem o ser.

Marília o olha por um momento constrangida.

— Sabes desde muito? - pergunta contendo a emoção.

— Sim, mãe. Contou-me a boa mulher que me amou tanto quanto a senhora. Ninguém mais precisa saber.

— Perdoa-me, meu filho.

— Perdoa-me a senhora, minha mãe, pelo que te fiz chorar.

Ambos se abraçam ternamente. Anacleto nunca dirá a ninguém. A ele te-la junto de si é mais importante que permitiria que dissessem nada contra ela.

Às tardes vem visitar Marília um jovem, que muito se parece comigo. Beija-lhe a mão, pede-lhe a bênção. É o fardamento do novo império. Marília fica a olhá-lo.

— Como se parece com ele. - pensa.

O jovem, sabendo já seu desejo, toma um livro amarelecido pelo tempo

e lê-lhe:

— Que gosto não terá a esposa amante,
quando der ao filhinho o peito brando,
e refletir então no seu semblante!

Quando, Marília, quando
disser consigo: É esta
do teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa!

Ela o mira.

— Deixa este livro. Já o sei de cor. Fala-me de ti. De teus projetos. Ou
anda a cata das moças, que não deves perder tempo com esta velha.

O jovem lhe sorri. Francisca chega e toma o livro nas mãos.

— Olha. Francisca lê-os para mim, depois. Fala de ti.

Conversam sobre o futuro. Ela escuta enlevada. Mas aquele rosto tão
parecido não tem o mesmo sotaque aportuguesado que lhe causa tanta
saudades.

No entanto, eu, ao seu lado, afago-lhe o rosto. Sente ela isto num toque
sutil. Olha para Francisca e sorri:

— Ele está aqui! - fala.

Francisca a entende. Também acredita. As almas queridas tornam para
nos ajudar.

Em 1828 casara-se minha filha Ana, filha pelo coração, com Adolfo
João Pinto de Magalhães.

Às noites, eu e Marília passeávamos ao luar de Vila Rica, cheios de
afeto.

No dia seguinte, ela segredava a Francisca ou às escravas mais queridas:

— Esta noite sonhei com o doutor.

Elas sabiam Elas entendiam.

José de Sá Bittencourt fizera metalurgia, seu irmão Manoel Câmara
também O Brasil ia em direção dos nossos porém mais devagar.

Os anos se arrastavam lentamente. Marília era um mito.

— Bem me disse me faria eterna na lembrança de todos. - falava ela a
Francisca, quando alguém a vinha ver. - Queria esta casa repleta de jovens,
pois o amor é a coisa mais linda do mundo. Se Deus me ouvira um dia, aqui

será uma onde se lembrarão de mim com amor!

Os anos nevavam seus cabelos. Viu os tios queridos partirem. Seu pai, sua irmã ...

— Francisca, que bom eu te ter para me ouvir nas lembranças que, quanto mais o tempo passa, mais amargas as sinto.

Era 10 de fevereiro de 1853! Dois imperadores já haviam sentado ao trono brasileiro! A rainha D. Maria partira. D. Pedro fora rei em Portugal e partira ralado pela tuberculose! D. Pedro II reinava! Guerras se sucediam. Divisões, rebeliões. Naquela manhã, Marília, velhinha e alquebrada, ergueu-se presa por fortes dores no braço esquerdo.

— Acho que dormi sobre o braço. Parece dormente. Vou à Igreja S. Francisco de Assis para rezar. Vem, Francisca.

A querida amiga olhou-a.

— E uma ladeira má, Marília. As pernas me doem Marília tomou o terço, o livro de missa, o xale e o véu.

— Gosto de passar por aquela Igreja, de ver a casa que foi dele!

— Leva, ao menos alguém contigo. - pediu Francisca.

— Que tolice! O que me pode acontecer? - perguntou Marília.

Saiu e tomou rumo à ponte onde namorávamos.

Em pensamento, como se falasse comigo, murmurou:

— Aqui me viste a vez primeira! Não posso crer que não me tivesses amor!

Passou pela Igreja Antônio Dias e continuou subindo. A ladeira era íngreme. A calçada estreita. O céu estava esplêndido. Lá no alto virou, divisando a casa do Dr. Cláudio e a casa do Mourão, onde eu fora preso.

Passou por elas e continuou a subir, sendo saudada por algumas pessoas que passavam Estava com um leve vestido azul. Francisca tinha razão. A ladeira era muito forte. Sentia-se cansada.

— Só mais um pouco. - pensou, andando com dificuldade.- Uma falta de ar, uma pontada no peito.

Encostou-se à parede de minha casa, procurando descansar. Um torniquete parecia apertar mais e mais seu peito.

— Estás sentindo alguma coisa? - perguntou uma mulher que passava.

Marília tentou responder, sorrir, mas não pôde. Olhou para a Igreja, para

o prédio da Cadeia, para a casa que fora minha e caiu ao chão, pálida e ofegante.

Vieram jovens e a tomaram nos braços fortes. Alguém disse:

— É D. Marília. Levemo-la para casa.

Puseram-na numa carruagem e foram chamar um médico.

Estirada em sua cama, ela não fala. A dor fora tão forte, que desmaiara. Instala-se o enfarte. Em poucos instantes morre, sem poder articular palavra. Ao seu lado, Francisca chora:

— Por que não fui com ela?

Marília ouve. Quer consolá-la. Não pode. Ao pé de seu leito vê um homem que lhe segura as mãos e as beija:

— Dr. Tomás, - diz em espírito, enquanto a vestem com o vestido de noiva que guardara para seu sepultamento. - Dr. Tomás. Até que enfim!

Entidades amigas ajudam-me a transportá-la. Aos poucos recobra sua lucidez. Está novamente jovem, bela, como fora. Vestem-lhe a roupa que eu lhe tecera.

— Estou sonhando, Dr. Tomás? Sonhando! - pergunta-me ao se ver tão linda!

— Não. Não é sonho. Vamos nos casar, como te prometi! Vem!

Seu pai e mãe vêm ao seu encontro. Abraçam-se comovidamente. Marília é levada num coche para a Igreja de Antônio Dias. Na porta a aguarda o Aleijadinho. Todos os amigos e Irmãos nos esperam, bem como escravos, crianças e uma multidão de espíritos. Ao lado, Tiradentes conversava com uma jovem Traz ainda a alva branca dos condenados.

Marília parece pisar nas nuvens. Mestre Lisboa a leva pelas mãos até a nave, onde o bom cônego Toledo faz a preleção aos noivos. Eu a tomo nos meus braços e beijo-lhe os lábios queridos! Depois saímos sob uma coberta em arcos, de mãos e espadas estendidas, dos amigos conjurados e suas companheiras.

— Como esperei por este dia! - diz Marília. - Que saudade! Morri cada dia longe de ti!

— Não a deixo continuar! Nunca nos separaremos. - digo. E nossas almas afins voam felizes em direção ao céu azul!

Palavras finais

Depois de tudo, ainda não havíamos cumprido a programação que nos propuséramos fazer, que está afixada na sala onde estão nossos túmulos. A profecia do Aleijadinho se cumpriu. O senhor doutor Getúlio Dorneles Vargas, sob inspiração de Augusto de Lima Júnior, fizera trasladar nossos ossos de seus locais de origem desde 1936, para repousarem no antigo prédio da Câmara e Cadeia, tornado Museu da Inconfidência para este mesmo fim. Nossos espíritos e despojos tornavam à Vila Rica, como profetizara Aleijadinho.

Oito de nós reencarnamos neste tempo para lutar pela abolição da escravatura, e pela república, bem como pelas outras ideias nossas. Todos tivemos vida dura e morte trágica.

Dia 21 de abril de 1960 mais um sonho nosso se completa, o Dr. Juscelino Kubistchek de Oliveira, nascido em Diamantina, inaugura a capital Brasileira no Planalto Central!

Há anos nascera em Taubaté neste mesmo mês, 18 de abril, mais um autêntico lutador pelo uso das riquezas naturais deste país: o amigo José Bento de Monteiro Lobato, que curtiu por isto cadeia.

O Palácio da Alvorada tem colunas que ficaram registradas em ermidas do século XVIII. Na inauguração de Brasília, o sino que toca, festivamente, é o mesmo que ainda está na Igreja Faria de Ouro Preto. Fora mandado buscar. Só tocara anteriormente quando da morte e execução de Tiradentes. O relógio do inconfidente fora doado ao Museu pelo então presidente, que fora, quando da compra, governador de Minas Gerais, o Dr. Juscelino.

Ironia do destino? Casualidade? Ou determinismo dos espíritos que juram por um mundo onde reine Igualdade, Fraternidade e Liberdade?

Respondei-me, vós, que estais sempre prontos a julgar e lançar vaticínios. Nós, que tudo sabemos, que podemos inclusive esperar do futuro

o que o homem nem imagina, só podemos dizer-vos que quatro de nós, presentemente, ainda estão aí encarnados, com as mesmas determinações!

Versos de encerramento

Assim vivi, assim compus as horas,
com que se me esvaiu a dor e o pranto,
mas deixei com Glauceste o meu canto,
sem demoras.

E, se sofri, fui mais ditoso nisto,
neste desfilar dos atos meus assisto
o instante raiar da linda aurora!

Depois do exílio, do degredo amargo,
voltei contente no mais verde prado,
e revi Marília e seu rosto amado,
sem embargo.

Que ela, a gentil pastora em versos,
em tudo me susteve em seus terços,
em pranto e prece, dor e rogo!

Encontrei a Glauceste neste Pego
e recolhemos a Alceo e ao santo padre.
Nova paz, novo amor a nós invade
do Brasil ao Tejo!
É que a bandeira branca de Joaquim
com os dizeres tão belos em latim
tremula alvinitente, expande-se sem pejo!

E eis que a rainha louca, a tirana,
a doar de si e da própria entranha,
um príncipe que a tudo abarcanha
e irmana!

Rompe os laços e vemos nos anos seguintes,
o grito da liberdade sem açoite
e acintes, na pátria que se ufana!

Entre os mais um padre e um estudante,
companheiro Andrada na Coimbra,
que na vida perseverou desde Cintra
no desejo ardente.

Aqui a chorar escuto enfim o grito
que partiu do Ipiranga e se alçou no infinito
repetido e vibrante!

Só me dói à lembrança a força, o crime
e os meus esponsais roubados ontem
A travessia amarga no Aqueronte
inda me oprime.

Mas, ao lembrar que fiz Marília eterna,
nos versos que compus, tão doce e tema,
abençoo o tempo em que me ative!

Quando relembro que a acompanhei à Vila,
que enxuguei seu pranto de saudade,
quando soube que eu partira de Verdade
sem vê-la,
quando releio os versos encandorados,
do enlevo melhor do meu passado
e a renúncia por tê-la!

E que só sua imagem me bastava à luta,
e só a lembrança dela me susteve,
que ficaram aqui e ali provas que devem
vingar toda disputa!
Que jamais trai um nome à causa,

mas neguei na virtude, e a cada pausa,
no verbo e lei tomei à labuta!
Quando lembro a loucura de Alceu,
e a fraqueza com que me perdeu,
mais irmanados vamos a Orfeu cantar o céu.

E hoje, libertos nos campos de Jove,
nova disposição e amor me move,
o amigo ao lado, eu ao lado seu.
Marília, minha adorada musa inspiradora,
como eternos amantes, apartados na vida,
temos para sempre unidas as mãos agora.
Beijo-te os níveos dedos na calíça doce,
e murmuro-te versos como pia a rola,
canto-te e tu choras!
São pérolas de luz tuas lágrimas ardentes,
para as catar os lábios ponho nisto,
E nós dois almas afins para Cristo penitentes,
Olhamos estas ruas e nos vemos,
Eu, estátua de profeta, tu em Vênus,
e nossos amigos na rocha pendentes!

E o sino não tocou

" ... só podemos dizer-vos que quatro de nós, presentemente, ainda estão aí encarnados, comas mesmas determinações." (21 de abril de 1980)

Eis o que afirmáramos em 1980.

Quatro dos doze profetas do adro de Congonhas ... Quatro apenas, sonhando pela Nova República, tal como ontem, com independência econômica, pela utilização industrial de suas riquezas. Quatro apenas, pela implantação da Fraternidade verdadeira, que levaria à Liberdade e Igualdade plenas.

Quatro dos doze profetas do Adro, que há séculos mudamente repetem sua mensagem guardada pelo Grande Silêncio.

No entanto, não apenas os quatro eternizados. Outros mais, dentre os inconfidentes ocultos e não esculpidos, parentes, filhos e irmãos, retornaram para as lutas do Espiritismo. Também eles dariam seus testemunhos de apoio (como deram) à nossa obra, tão debatida quanto humilde e através de abnegadas mãos medianeiras. Também eles acreditam neste país.

Também eles, conosco, no Plano Maior, ou encarnados, incorporados ao amigo Tiradentes, ao historiador Tarquinio^{12}, antigo inconfidente, vibravam uníssonos, no raiar daquele ano de 1985, de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Enquanto encaminhávamos para o Caraça, com o apoio de padre Lourenço, nossa medianeira, para assistir a novos fatos, todo o país vibrava.

Nós, contudo, aguardávamos os instantes que culminariam com a volta da Democracia, sem tanto entusiasmo.

Em toda a parte, vozes repetiam em coro o pedido de liberdade na escolha dos dirigentes.

Nós sabíamos. Um dos nossos, que desde as Minas respirava os haustos da Liberdade, caminhava para sua destinação. Estávamos a acompanhá-lo

nas mesmas pegadas repisadas, na região de S. João Del Rei. Companheiro dos últimos instantes de Getúlio Vargas, apoiando Juscelino, abraçando Jango Goulart, em apoio à sua renúncia e exílio, assessor de Janio Quadros, a raposa mineira, em articulação com os paulistas, ansiava pela libertação.

Suas palavras finas e equilibradas causavam arrepio nas pessoas, pela lhanza de raciocínio. Seus gestos calmos mas seguros, inspiravam confiança. A companheira firme o incentivava ainda.

Toda uma cúpula parecia apoiar-lhe o avanço. Aos olhos mortais, o terreno parecia seguro e fértil.

Da contagem dos votos à eleição foi um salto. Víamos amigos encarnados em vibração de paz e esperança, sem nos contagiar coma efusiva alegria geral.

Nossa tarefa era ingente, tal como se nos apresenta hoje.

A transição cobrava-nos cautela, equilíbrio e observação clara, insofismável.

À véspera do dia 15 de março de 1985 tudo era regozijo. Alguns já sentiam ouvir a bater no peito, o som do sino de Ouro Preto, que tocara no dia da morte do alferes Silva Xavier e na inauguração de Brasília, ironicamente aberta, no mesmo dia da criação de Roma.

E o sino não tocou. Tal como à 15 de março, de tantos anos passados, Silvério, criminosamente, denunciara a trama inconfidente, também da mesma forma, o novo presidente fora atingido em seu voo rumo ao ideal.

Enquanto o povo cantava nas ruas, o hino de Milton Nascimento, sigilosamente tramava-se a morte.

Veio pranto, luto, o povo inconformado.

Novamente roubavam-nos, miseravelmente (os novos Barbacenas e Silvérios na trama reencarnatória) frente aos débitos pessoais e coletivos, o momento da Nova República, o momento da libertação do jugo estrangeiro.

Silencioso, voltou a Ouro Preto o sino do passado.

Porém nós, tendo recolhido há bem pouco, três queridos ex-conjurados permanecemos junto a muitos irmãos, determinados a atingir os objetivos da mesma luta de ontem a alguns passos do segundo século da prisão dos inconfidentes.

E dizemos que, dos doze profetas e dos quatro encarnados em 1980,

dois ainda permanecem com as mesmas determinações. A segui-los, muitos outros retomam o bastão da autoridade, para, neste século de mutações, transformar o Brasil em Coração do Mundo e Pátria do Evangelho. Dois outros reencarnaram neste tempo.

Ao nosso lado, Tarquínio e Tancredo sorriem o ressarcir de ontem iluminados pela esperança de hoje, a se fazer certeza no amanhã.

Ainda ontem perlustramos os caminhos de Brasília. Sob forte inspiração, o Memorial JK, iluminado e severo, guarda na biblioteca do ex-presidente meus livros das Cartas Chilenas e do Tratado do Direito Natural. Também o presidente traz um braço levantado, à maneira de dois profetas do adro. A borla superior do antigo chapéu de profeta parece aumentada em dimensão, levando da abertura do alto, a única luz natural a entrar no prédio, que incide a iluminar o local da cabeça, no sarcófago, que é uma secção de pirâmide. Tudo parece coincidir maravilhosamente ali. As lembranças do antigo Egito, na iluminação da cabeça do faraó, a borla do chapéu do profeta de Congonhas, o gesto altivo do levante, os livros do passado ...

Do outro lado, o Panteon, misto de pássaro e pirâmide truncada, homenagem póstuma a Tancredo, tem a escuridão e a falta de ventilação, por caracteres marcantes. Encarcera-se nele um mistério e um sonho. Pesado e tétrico, lá fica, por exemplo da determinação de um homem um dos inconfidentes do Rio das Mortes, um dos nossos.

E, imantado aos céus, denunciando as tramas de ontem e hoje, o obelisco em forma de ponta de agulha, branco e sideral, marca o pulsar do coração do "Coração do Mundo", à espera dos novos dias de uma libertação de todos os jugos, através da coragem e do conhecimento, enquanto quatro dos doze profetas do Adro de Congonhas, estão presentemente encarnados com as mesmas determinações.

Nota de Rodapé:

Tancredo Neves era governador de Minas, quando o Dr. Tarquinio José Barboza de Oliveira se incumbiu da pesquisa sobre os Autos da Devassa Mineira, publicados em 10 volumes. O altar maçônico, que fora erguido na casa de Antonio Vieira da Cruz, foi, sob orientação do Grupo Espírita de Ouro Preto, desenterrado no quintal da casa do historiador, enquanto ele

pesquisava, na Fazenda da Manso, sobre o nascimento do filho de Marília, naquele local, para onde se trasladara; primeiro bastião bandeirante, em terras mineiras e antiga propriedade de Ana Ricarda , irmã de Marília. Fora ali que ela dera à luz de seu filho e do Dr. Tomás Antonio Gonzaga.

Interessante notar o retorno nas antigas pegadas, nesta "coincidência" marcante neste século XX.

QUADRO COLOCADO NO ÁTRIO DOS TÚMULOS DOS INCONFIDENTES

Museu da Inconfidência - Ouro Preto

A Inconfidência Mineira foi a primeira tomada de consciência de que somos uma Nação e o primeiro movimento em prol de nossa Independência. Seu programa para dar-nos um Brasil livre e capaz de proporcionar melhores níveis de vida, de dignidade humana e de felicidade pessoal a todos nós incluía os seguintes pontos:

1 - Independência política e administrativa, que alcançamos em 1822, 30 anos após a sentença contra os Inconfidentes.

2 - Constitucionalismo que obtivemos ainda com D. Pedro I em 1824.

4 - Libertação dos escravos, o que nos forçaria à importação de imigrantes e teria dado grande progresso ao país, como deu ao Norte dos Estados Unidos. O 13 de maio de 1888 veio coroar um longo processo de libertação da escravidão.

4 - Educação e ensino em todos os níveis e com franquia para todo e qualquer cidadão. O processo iniciado com D. João VI teve amplos esforços por parte de D. Pedro II e é uma das metas prioritárias do Brasil de hoje.

5 - Interiorização da capital, para que melhor afirmássemos nossa soberania sobre nosso solo e dele extraíssemos maiores benefícios. O processo teve início com a transferência da capital do país para Brasília em 1960.

6 - O Regime republicano, que instauramos em 1889, um século justo sobre a prisão dos Inconfidentes.

7 - Independência econômica, especialmente através da introdução de indústrias. É o grande processo do Brasil de hoje.

Nota da Versão Digital

TIRADENTES

21 de abril de 1937,

Dos infelizes protagonistas da Inconfidência Mineira, no dia 21 de abril de todos os anos, aqueles que podem excursionar pela Terra voltam às ruínas de Ouro Preto, a fim de se reunirem entre as velhas paredes da casa humilde do sítio da Cachoeira, trazendo a sua homenagem de amor à personalidade do Tiradentes.

Nessas assembleias espirituais, que os encarnados poderiam considerar como reuniões de sombras, os preitos de amor são mais expressivos e mais sinceros, livres de todos os enganos da História e das hipocrisias convencionais.

Ainda agora, compareci a essa festividade de corações, integrando a caravana de alguns brasileiros desencarnados, que para lá se dirigiu associando-se às comemorações do proto mártir da emancipação do País. Nunca tive muito contato com as coisas de Minas Gerais, mas a antiga Vila Rica, atualmente elevada à condição de Monumento Nacional, pelas suas relíquias prestigiosas, sempre me impressionou pela sua beleza sugestiva e legendária. Nas suas ruas tortuosas, percebe-se a mesma fisionomia do Brasil dos Vice-Reis. Uma coroa de lendas suaves paira sobre as suas ladeiras e sobre os seus edifícios seculares, embriagando o espírito do forasteiro com melodias longínquas e perfumes distantes. Na terra empedrada, ainda existem sinais de passos dos antigos conquistadores do ouro dos seus rios e das suas minas e, nas suas igrejas, ainda se ouvem

soluções de escravos, misturados com gritos de sonhos mortos, do seu valoroso heroísmo. A velha Vila Rica, com a névoa fria dos seus horizontes, parece viver agora com as suas saudades de cada dia e com as suas recordações de cada noite.

Sem me alongar nos lances descritivos, acerca dos seus tesouros do passado, objeto da observação de jornalistas e escritores de todos os tempos, devo dizer que, na noite de hoje, a casa antiga dos Inconfidentes tem estado cheia das sombras dos mortos. Aí fui encontrar, não segundo o corpo, mas segundo o espírito, as personalidades de Domingos Vidal Barbosa, Freire de Andrada, Mariano Leal, José Joaquim da Maia^{13}, Cláudio Manuel, Inácio Alvarenga, Dorotéia de Seixas, Beatriz Francisca Brandão, Toledo Pisa, Luís de Vasconcelos e muitos outros nomes, que participaram dos acontecimentos relativos à malograda conspiração. Mas, de todas as figuras veneráveis ao alcance dos meus olhos, a que me sugeria as grandes afirmações da pátria era, sem dúvida, a do antigo alferes Joaquim José da Silva Xavier, pela sua nobre e serena beleza. Do seu olhar claro e doce, irradiava-se toda uma onda de estranhas revelações, e não foi sem timidez que me acerquei da sua personalidade, provocando a sua palavra.

Falando-lhe a respeito do movimento de emancipação política, do qual havia sido o herói extraordinário, declinei minha qualidade de seu ex-compatriota, filho do Maranhão, que também combatera, no passado, contra o domínio dos estrangeiros.

- "Meu amigo - declarou com bondade -, antes de tudo, devo afirmar que não fui um herói e sim um Espírito em prova, servindo simultaneamente à causa da liberdade da minha terra. Quanto à Inconfidência de Minas, não foi propriamente um movimento nativista, apesar de ter aí ficado como roteiro luminoso para a independência da pátria. Hoje, posso perceber que o nosso movimento era um projeto por demais elevado para as forças com que podia contar o Brasil daquela época, reconhecendo como o idealismo eliminou em nosso espírito todas as noções da realidade prática; mas, estávamos embriagados pelas ideias generosas que nos chegavam da Europa, através da educação universitária. E, sobretudo, o exemplo dos Estados Americanos do Norte, que afirmaram os princípios imortais do direito do homem, muito antes do verbo inflamado de

Mirabeau, era uma luz incendiando a nossa imaginação. O Congresso de Filadélfia, que reconheceu todas as doutrinas democráticas, em 1776, afigurou-se-nos uma garantia da concretização dos nossos sonhos. Por intermédio de José Joaquim da Maia procuramos sondar o pensamento de Jefferson, em Paris, a nosso respeito; mas, infelizmente, não percebíamos que a luta, como ainda hoje se verifica no mundo, era de princípios. O fenômeno que se operava no terreno político e social era o desprezo do absolutismo e da tradição, para que o racionalismo dirigisse a Vida dos homens. Fomos os títeres de alguns portugueses liberais, que, na colônia, desejavam adaptar-se ao novo período histórico do Planeta, aproveitando-se dos nossos primeiros surtos de nacionalismo. Não possuíamos um índice forte de brasilidade que nos assegurasse a vitória, e a verdade só me foi intuitivamente revelada quando as autoridades do Rio mandaram prender-me na rua dos Latoeiros."

- E nada tendes a dizer sobre a defecção de alguns dos vossos companheiros? - perguntei.

- "Hoje, de modo algum desejaria avivar minhas amargas lembranças... Aliás, não foi apenas Silvério quem nos denunciou perante o Visconde de Barbacena; muitos outros fizeram o mesmo, chegando um deles a se disfarçar como um fantasma, dentro das noites de Vila Rica, avisando quanto à resolução do governo da província, antes que ela fosse tomada publicamente, com o fim de salvaguardar as posições sociais de amigos do Visconde, que haviam simpatizado com a nossa causa. Graças a Deus, todavia, até hoje, sinto-me ditoso por ter subido sozinho os vinte degraus do patíbulo."

- E sobre esses fatos dolorosos, não tendes alguma impressão nova a nos transmitir?

E os lábios do Herói da Inconfidência, como se receassem dizer toda a verdade, murmuraram estas frases soltas:

- "Si.... a Sala do Oratório e o vozerio dos companheiros desesperados com a sentença de morte... a Praça da Lampadosa, minha veneração pelo Crucifixo do Redentor e o remorso do carrasco... a procissão da Irmandade da Misericórdia, os cavaleiros, até o derradeiro impulso da corda fatal,

arrastando-me para o abismo da Morte..."

E concluiu:

- "Não tenho coisa alguma a acrescentar às descrições históricas, senão minha profunda repugnância pela hipocrisia das convenções sociais de todos os tempos."

- É verdade - acrescentei -, reza a História que, no instante da vossa morte, um religioso, falou sobre o tema do Eclesiastes - "Não atraíes o teu rei, nem mesmo por pensamentos."

E terminando a minha observação com uma pergunta, arrisquei:

- Quanto ao Brasil atual, qual a vossa opinião a respeito?

- "Apenas a de que ainda não foi atingido o alvo dos nossos sonhos. A nação ainda não foi realizada para criar-se uma linha histórica, mantenedora da sua perfeita independência. Todavia, a vitalidade de um povo reside na organização da sua economia e a economia do Brasil está muito longe de ser realizada. A ausência de um interesse comum, em "favor do País, dá causa não mais à derrama dos impostos, mas ao derrame das ambições, onde todos querem mandar, sem saberem dirigir a si próprios."

Antes que se fizesse silêncio entre nós, tornei ainda:

- Com relação aos ossos dos inconfidentes, vindos agora da África para o antigo teatro da luta, hoje transformado em Panteão Nacional, são de fato autênticos esqueletos dos apóstolos da liberdade?

- "Nesse particular - respondeu Tiradentes com uma ponta de ironia -; não devo manifestar os meus pensamentos. Os ossos encontrados tanto podem ser de Gonzaga, como podem pertencer, igualmente, ao mais miserável dos negros de Angola. O orgulho humano e as vaidades patrióticas têm também os seus limites... Aliás, o que se faz necessário é a compreensão dos sentimentos que nos moveram a personalidade, impelindo-nos para o sacrifício e para a morte..."

Mas, não pôde terminar. Arrebatado numa aluvião de abraços amigos e carinhosos, retirou-se o grande patriota que o Brasil hoje festeja,

glorificando o seu heroísmo e a sua doce humildade.

Aos meus ouvidos emocionados ecoavam as notas derradeiras da música evocativa e dos fragmentos de orações que rodeavam o monumento do Herói, afigurando-se-me que Vila Rica ressurgira, com os seus coches dourados e os seus fidalgos, num dos dias gloriosos do Triunfo Eucarístico; mas, aos poucos, suas luzes se amorteceram no silêncio da noite, e a velha cidade dos conspiradores entrou a dormir, no tapete glorioso de suas recordações, o sono tranquilo dos seus sonhos mortos.

Humberto de Campos - Crônicas de Além-Túmulo, psicografia de Francisco Cândido Xavier

Súmula

Confidências de um Inconfidente

Apresentação da editora

Palavras iniciais

Do autor

1 A execução de Felipe dos Santos

2 Alistamento dos inconfidentes

3 O ataque dos quilombolas

4 O encarne dos inconfidentes

5 A infância de Tomás Antônio Gonzaga

6 Tomás embarca para Portugal

7 Tomás despede-se de Portugal

8 Retomo de Tomás ao Brasil

9 Os amigos vão se encontrando

10 As Cartas Chilenas

11 A escrava Dijanira

12 Dirceu e Marília, doce idílio

13 Vida de idílio e dissabores

14 Encontro como Aleijadinho

15 Clima tenso em Vila Rica

16 Tomás e o capitão João Mayrink

- 17 Encontro de maçons
- 18 Os ânimos se exaltam
- 19 Os conflitos de Tomás Antônio Gonzaga
- 20 Na água limpa
- 21 As reuniões dos inconfidentes
- 22 A Tomás e Marília marcam casamento
- 23 As crises do Aleijadinho
- 24 Marília visita o Aleijadinho
- 25 Deliberações dos inconfidentes
- 26 Problemas à vista
- 27 A delação de Dijanira
- 28 A suspensão da derrama
- 29 A Viagem de Tiradentes e sua prisão
- 30 Repercussão em Vila Rica
- 31 Uma carta à Tereza
- 32 O desapontamento do fracasso
- 33 O embuçado
- 34 Angústias e última esperança
- 35 A prisão de Tomás Antônio Gonzaga
- 36 Prisão de Domingos de Abreu Vieira
- 37 Interrogatório do Tiradentes
- 38 Tristes dias na masmorra
- 39 Tiradentes culpa-se para inocentar os companheiros
- 40 A sentença
- 41 A morte de Tiradentes
- 42 Enfim, às velas...
- 43 Doces lembranças, amargos desvelos
- 44 Testemunho para o futuro
- 45 Do outro lado do oceano
- 46 Sentença da vida
- 47 O destino muda tudo
- 48 Palavras finais

49 Versos de encerramento

50 E o sino não tocou

**QUADRO COLOCADO NO ÁTRIO DOS TÚMULOS DOS INCONFIDENTES Museu da
Inconfidência - Ouro Preto**

Nota da Versão Digital TIRADENTES

{1} Para rememorar o leitor, acrescentamos alguns elementos sobre Felipe dos Santos: (13.7.1720) - Por uma carta de Manuel de Vila Rica, soube o conde de Assumar que naquela noite haveria o grande motim, no qual o expulsariam e nomear-se-ia um governador entre os revoltosos. (14.7.1720) - Depois de fingir aceitar as condições dos revoltosos, o conde de Assumar prende os rebeldes e, sem processo, manda enforcar o cabeça, Felipe dos Santos Freire, e esquartejá-lo; também não lhe dá sepultura cristã. (16.7.1720) - Procedente de Mariana, à frente da Companhia dos Dragões, entra em Vila Rica o conde de Assumar, trazendo escoltados muitos dos sediciosos, companheiros de ideal de Felipe dos Santos. (19.7.1720) - Expia, em Vila Rica, pelo crime de se revoltar contra o soberano, Felipe dos Santos.

O suplício foi atar o paciente à cauda de quatro cavalos montados por algozes que os tocavam, cada um para seu lado. Este fato se deu no fundo de Ouro Preto, onde funcionava a Câmara, e não na praça Tiradentes que ainda não existia.

{2} A cena acima narrada se passava no Plano Espiritual, e as entidades não tinham, então, os nomes citados, porém fez-se mister usar os nomes que teriam, quando encarnados posteriormente.

{3} Zumbi (?-1695): Neto da princesa negra Aqualtune, que residia no mocambo dos Palmares, lugar para onde fugiam milhares de negros e que se tornara uma fortaleza a que nem holandeses, invasores de Pernambuco, lograram destruir, recebeu o nome africano do deus da guerra, Zumbi.

Zumbi cresceu com liberdade em Palmares que era uma faixa de 200 quilômetros de largura paralela à costa, situada entre cabo de Santo Agostinho, Pernambuco e parte norte do curso do rio São Francisco, hoje Estado de Alagoas. A luta contra Palmares começa em 1671, com o governador Fernão Sousa Coutinho, com ataques, mortes e vinganças de parte a parte.

Quando o tio de Zumbi, Ganga Zumba faz um acordo com brancos, Zumbi se revolta e manda envenená-lo. (1678).

Palmares foi sitiada e invadida por Domingos Jorge Velho e Vieira de Melo. Zumbi conseguiu escapar, sendo denunciado por um companheiro um ano e alguns meses depois. Sua cabeça foi cortada e levada para o Recife, por André Furtado de Mendonça.

{4} Fídias (século V A.C.): Escultor e arquiteto grego especialmente famoso pelas estátuas criselefantinas (em ouro e marfim) de Athena Parthenes (em Atenas) e de Zêus (no Templo de Zêus em Olímpia). Superintendeu os trabalhos levados a cabo na Acrópole, por determinação de Péricles, e, ao que se presume, projetou o Partenon e nele esculpiu diversos frisos arquitetônicos. Obra sua é ainda uma estátua representando Amazona (cuja melhor cópia, a Amazona Mattei, está em Roma, no Capitolino).

Atribuem-lhe ainda um Apolo existente no Museu de Cassei, e uma estátua de Athena cujo corpo se acha em Dresde, e a cabeça em Bolonha. Fídias foi ainda pintor, e mestre dos escultores Agorácrito e Alcámenes. E considerado o mais importante dos artistas gregos.

Pouco se sabe de sua vida, além de que nasceu em Atenas e era filho de um certo Cármides. Diz-se que se apossou de parte do ouro que serviria para a elaboração da estátua de Athena Parthenes, tendo sido por isto processado. Recentemente foi desencavada em Olímpia sua oficina de escultura, contendo os modelos originais da estátua de Zeus.

{5} D. Pedro II vigésimo terceiro rei de Portugal Terceiro filho varão de D. João IV. Reinou de 1683 a 1706. Em 1703 assina com a Inglaterra o Tratado de Methuem.

{6} Este verbo foi escolhido para designar o deslocamento de espíritos que não se arrastam lentamente como os encarnados, e tampouco transportam-se com a velocidade do pensamento, qual os mais evoluídos; flutuam e movem-se com relativa velocidade e

independência. (N. do R.)

{7} As Cartas Chilenas constituíram durante muito tempo motivo de polêmicas quanto aos autores e é um documento importante e inteligente, que retrata épocas e, com os criptônimos, os amigos e inimigos do grupo inconfidente. Quem adquiriu os manuscritos por primeira vez colocou em letra rude o nome de Gonzaga e a data em que se interrompeu a fatura dos poemas. Das treze cartas duas estão incompletas tendo esta parte sido destruída por seu autor, junto com outros documentos, ao saber que seria preso.

{8} O encontro de Joaquim José de Maia deu-se em Nimes a 21 de março de 1787, com Jefferson. Seu pseudônimo "Vendek" foi inspirado num comerciante de mesmo nome, que trouxera, provavelmente em 1776, a Maçonaria para o Brasil.

{9} Na reunião de 27 de dezembro em casa de Paula Freire, data simbólica para a Maçonaria, pois festeja o dia de João Evangelista, Tiradentes foi elevado ao grau maior de Venerável da Loja Maçônica de Minas. Isto explica o porquê da frase de Tomás, quando em conversa com Dr. Cláudio Manoel da Costa e o Aleijadinho, em que afirma: "Ele já é um dos nossos. Apenas não houve tempo para sua iniciação". Não se tratava da iniciação de aprendiz, mas a de Venerável, a mais elevada categoria da Loja.

{10} Aleijadinho era encarnação de Michelangelo. Desenhara o bispo Biagio Martinelli na cena do Juízo Final na Capela Sistina, colocando-o no Inferno. Quando este reclamou com o Papa, amigo do escultor, pedindo retirasse seu rosto da pintura, este objetou: — Se Michelangelo o tivesse posto no purgatório, eu poderia tirá-lo de lá, mas no Inferno é impossível. E o retrato lá permanece.

{11} Apenas sobreviveram três dos inconfidentes presos: Pe. Rolim do Serro, Pe. Manuel Rodrigues da Costa e José de Resende Costa Filho, funcionário do Tesouro do Rio de Janeiro.

Em 1821, o povo de Vila Rica destruiu o padrão da infâmia erguido no local da residência do Tiradentes. Em 1871, deu-se a uma das vias o nome do querido Chefe da Conjura Mineira, o Tiradentes.

{12} Refere-se a Tarquínio José Barboza de Olheira.

{13} N.E.: José Joaquim da Maia e Barbalho (1757–1788) ficou também conhecido pelo pseudônimo Vendek.